CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS
RUA JÚLIO DE ANDRADE, 6 – LISBOA

BOLETIM

DE

FILOLOGIA

TÔMO VI—FASCÍCULOS 1-2



IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA
1939

Sumário:

José Pedro Machado, *Alguns vocábulos de origem árabe* . . . 1–33
M. Said Ali, *Verbos de significação e sintaxe variáveis* 35–46
Werner Beinhauer, *El Españolismo del Quijote* 47–63
Joseph M. Piel, *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa* 65–86
Francisca de Barros, *O Império da Língua Portuguesa* . . . 87–95
José Pedro Machado, *Contemplação de São Bernardo segundo as seis horas canónicas do dia* 97–157
J. Leite de Vasconcellos, *Da fala de Barrancos* 159–177

Miscelânea:

Leo Spitzer, 1. *Não se há não preguntar* 179–180
—— 2. *Un intéressant exemple de langage-écho* 180–181
—— *Falei de si* 181–185
Paulo Merêa, *Nótulas filológicas* 185–187
—— *Ainda sôbre a palavra «arras»* 187–188
Gunnar Tilander, *Rausar, rousar, roxear, roixar; rauso, rouso, rojo, roxo, roiso* 188–197
Wilhelm Giese, *Segunda feira, etc.* 197–203
Leo Spitzer, *Estremunhado «estonteado ao acordar»* . . . 204
—— *força(do)s da língua* 204
—— *Falei de si* 204–205

Recensões críticas:

Max L. Wagner, *Restos de latinidad en el Norte de África* (David Lopes) 207–208
Dante de Laytano, *Vocabulário dos Pescadores do Rio Grande do Sul* (M. de Paiva Boléo) 208–210
M. L. Wagner, *Portugiesische Umgangssprache und Calão* (*Leo Spitzer*) 210–212
Albert Dauzat, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française* (José Pedro Machado) 212

Através das Revistas (José Pedro Machado) 213–224

Assinatura anual:

Portugal e Espanha . . . . . 30$00
Colónias e estrangeiro . . . . . 35$00
Fascículo avulso . . . . . 7$50

Redacção e Administração:

Centro de Estudos Filológicos

Rua Júlio de Andrade, 6 (ao Campo dos Mártires da Pátria)

Lisboa (Portugal)

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS
RUA JÚLIO DE ANDRADE, 6 — LISBOA

BOLETIM

DE

FILOLOGIA

TÔMO VI

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA
1940

Índice do Tômo VI

Estudos:

Almeida Carvalho (Carlota de), *Glossário das poesias de Sá de Miranda* 351-401
Barros (Francisca de), *O Império da Língua Portuguesa* 87-95
Beinhauer (Werner), *El Españolismo del Quijote* 47-63
Leite de Vasconcelos (José), *Da fala de Barrancos* 159-177
Machado (José Pedro), *Alguns vocábulos de origem árabe* 1-33
—— *Contemplação de São Bernardo segundo as seis horas canónicas do dia* 97-157
—— *Comentários a alguns arabismos de Nascentes* 225-328
—— *Curiosidades filológicas* 403-437
Piel (Joseph Maria), *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa* . . . . . 65-86 e 329-350
Said Ali (Manuel), *Verbos de significação e sintaxe variáveis* . . 35-46
Tilander (Gunnar), *Uma tradução portuguesa do tratado de cetraria do rei Dancus* 439-457

Miscelânea:

Giese (Wilhelm), *Segunda feira, etc.* 197-203
Meréa (Manuel Paulo), *Nótulas filológicas* 185-187
—— *Ainda sôbre a palavra «arras»* 187-188
Paiva Boléo (Manuel), *Não se há não preguntar* 459-460
Spitzer (Leo), *Não se há não preguntar* 179-180
—— *Un intéressant exemple de langage-écho* 180-181
—— *Falei de si* 181-185
—— *Estremunhado: «estonteado ao acordar»* 204
—— *Forca(da)s da língua* 204
—— *Falei de si* 204-205
Tilander (Gunnar), *Rausar, rousar, rouxar, roixar; rauso, rouso, rojo, roxo, roiso* 188-197

Recensões críticas:

Amaral (Vasco Botelho de), *Dicionário de dificuldades da Língua Portuguesa* (José Pedro Machado) 461-474
Carter (Henry Hare), *Paleographical Edition and Study of the Language of a Portion of Codex Alcobacensis 200* (José Pedro Machado) 485-489

DAUZAT (ALBERT), *Dictionnaire Étymologique de la langue française* (JOSÉ PEDRO MACHADO) 212
LAYTANO (DANTE DE), *Vocabulário dos Pescadores do Itio Grande do Sul* (M. PAIVA BOLÉO) 208–210
LIMA COUTINHO (ISMAEL DE), *Pontos de Gramática Histórica* (JOSÉ PEDRO MACHADO) 474–481
RICHARDSON (HENRY B.), *Span., port.; «Achaque, achacar», etc.* (JOSÉ PEDRO MACHADO) 489–490
WAGNER (MAX L.), *Restos de latinidad en el Norte de Africa* (DAVID LOPES) 207–208
—— *Portugiesische Umgangssprache und Calão* (LEO SPITZER) . . 210–212
WILLIAMS (EDWIN B.), *From Latin to Portuguese* (JOSÉ PEDRO MACHADO) 481–484

Através das Revistas (J. P. MACHADO) 213–224

Alguns vocábulos de origem árabe

Os presentes estudozinhos não passam duma modesta contribuïção para o futuro *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Representam uns o produto de algumas reflexões à maneira como têm sido explicados os respectivos assuntos, outros constituem autênticas novidades para os dicionários.

Não são nem pretendem apresentar-se como trabalhos definitivos, mas apenas como simples sugestões.

Como se verá, estudam-se vocábulos de natureza lexicológica e alguns topónimos; um há (*çoda*) que tem uma feição especial mas que foi vulgar em certas regiões da Península no século XIV. Pareceu-me digno de alguns comentários, por isso o introduzi nesta colecção onde só pretendi, em princípio, estudar palavras portuguesas. Passe a excepção.

Alcorão não traz novidade etimológica; o Prof. David Lopes já a tinha explicado satisfatòriamente; eu apresento apenas materiais novos que, segundo eu penso, podem justificar ainda mais a doutrina do Mestre.

1. Alarido

Duarte Nunes de Leão[1] dá esta palavra como uma das nativas, das que não foram tomadas às línguas de outros povos. Sousa, baseado em Gólio, admite um الْعَرِيرُ (*al-arīrū*), gritaria confusa. Diez (*Dict.*, 416) deriva de *alarir*. Dozy julga ver neste vocábulo a evolução do verbo غَرَدَ (*garada*), que no árabe clássico significa *cantar* (um pássaro) e no Magrebe é *gritar, uivar*. غَرَدَ (*garada*) poderia explicar fàcilmente, por intermédio de uma forma غَرِيدَ (*garīd*), o port. arc. *algarido* que é atestável nos *Scriptores*[2]: «Dando grandes *algaridos* e poendo sas espadas de toda sa força...».

---

[1] *Origem*, cap. XVI, p. 61.

[2] P. 187.

Recentemente C. C. Rice na *Language* (x, p. 27) pretendeu dar como origem da forma luso-espanhola o basco *alarao;* além de não apresentar provas suficientemente convincentes para apoiar essa nova hipótese, não citou *algarido* e portanto, em minha opinião, a sua explicação não serve.

E *alarido?*

Quando geralmente em português aparecem duas formas divergentes que assentam numa palavra árabe e elas variam apenas numa alternativa na mesma sílaba entre *ga* e *a*, pode-se fundadamente pensar numa forma originária onde exista um ع nessa sílaba. É o caso, por exemplo, de *aravia* e *algaravia:* ambas derivam de عربيّة (*ʿarabīa*): a primeira da forma sem artigo; a segunda, porém, já o apresenta.

Em conseqüência disto julgo poder propor uma nova explicação: o radical عرض (*ʿarḍ*), que está em *alarde*, além de *revista militar* ou *chamada de soldados* pode significar ainda *barulho, tumulto;* a palavra عريض (*ʿarīḍ*), derivada dali, significa *largo, amplo, abundante*, mas podia muito naturalmente designar também, em conseqüência das acepções daquela palavra, a multidão das tropas e ainda o barulho que delas partia principalmente no momento do ataque ou depois de alcançada a vitória. É interessante observar que a palavra empregava-se quási sempre para designar o tumultuar das tropas: «. . . e dando grãdes *alaridos* como mouros cuydando espantar. . . », *Condestabre*, p. 71; «. . . blandindo suas Azagayas, e dando muy grandes alaridos, como gente ousada e segura da victoria. . . », Azurara, *Cron. D. Duarte de Men.*, p. 137. Estes *alaridos* eram uma característica das tropas mouriscas; muitos autores acentuam êsse facto ao narrarem batalhas onde os agarenos tomavam parte[1].

[1] Cf. por exemplo êste expressivo passo de Bernardo Rodrigues: «Os mouros . . voltárão com grande grita, e carregárão tantos sobre Dom Fernando que o não pudérão poer a cavalo», *Anais*, I, p. 39; e ainda estes passos cheios de movimento e ruído: «hia elrey acompanhado, vendo esta gente, a quoal dava tamanhos gritos e *alarydos*, e batião com as adargas, os cavallos rymchavão, os alyfantes ysso mesmo, que parecia que a cidade se sovertia, os montes e vales com toda a terra tremia com os muitos tiros de foguos e espingardas, e ver as bombas e lamças de foguo hir pellos campos, hera cousa muyto pera veer; verdadeiramente parecia que aly estava todo mundo junto desta maneyra», *Cr. dos Reis de Bisnaga*, p. 113; «. . . a gente não camsado de dar seus *allaridos*. . . com suas gritas, e bater de adargas, e bolir de frechas nos arcos, que não se podem contar, que verdadeiramente tão fora de mỹ estava, que me parecia ser visão o que vya, e que passava aquillo em sonho», *idem*, p. 114.

Em francês arcaico havia *aride*[1], grito de guerra dos sarracenos. Para se estudar a forma ibérica esta não deve ser posta de parte, porque tanto na forma como no sentido julgo-a comprovadora da minha explicação. Não a reputo como iberismo porque na forma francesa não nos aparece o artigo, como sucede na forma corrente na Península. Para exemplos de palavras hispânicas de origem arábica que entraram no francês com artigo: *alfange, alcôve*, etc.

Para terminar não quero deixar de citar o facto de Duarte Nunes de Leão[2] apresentar *alardo*, tal como fez para *alarido*, como um «dos vocabulos que os Portugueses... não tomarão de outras gentes».

Eduardo de Lisboa, *O Dicionário do Sr. Nascentes e o REW*, p. 25, faz um apanhado das explicações que têm aparecido acêrca desta palavra.

2. Alcorão, tôrre, almenara

Estamos na presença dum vocábulo estranho. Não há dúvida que era sinónimo de *almenara*: «Ha nas cidades da Persia altas e soberbas mesquitas com *alcorões* que correspondem ás nossas torres dos sinos, tão levantados que se vão ás nuvens», Godinho[3]; «e no *alcorão* da mesquita mandou arvorar huma bandeira e pôr dez homens para vigiarem dali o campo», Albuquerque[4]; «a segunda maneira de *Alcorão* he o que responde antre elles á torre dos sinos», Fr. Gaspar de S. Bernardino[5]; «... a qual cidade... é mui sumptuosa, e ornada de muitos *alcorões*, que são tôrres de suas mezquitas», Fr. João dos Santos[6]. Os exemplos são às dezenas; David Lopes[7], Gonçalves Viana[8], Dalgado[9], Morais[10], Bluteau[11], etc., muitos

[1] Não sei onde encontrei esta palavra; perdi a respectiva indicação. Na *Canção de Roldão* (vv. 3526–27) alude-se à algazarra com que os mouros costumam arremeter:

Cil d'Ociant i braient et henissent,
Arquille si cume chen i glatissent.

[2] Obra e local citados.

[3] *Relação*, p. 100; cit. por DALGADO, *Glossário*, s. v.

[4] *Comentários*, I, cap. 21; idem.

[5] *Itinerário*, p. 9; cit. por GONÇ. VIANA (*Apostilas*, s. v., *minarete*).

[6] *Etiópia Oriental*, liv. v, cap. 16.

[7] *Alguns vocábulos*, p. 4 e sgs.

[8] *Palestras*, p. 9; *Apostilas*, II, p. 144; *Ortografia*, p. 224.

[9] *Glossário*, s. v.

[10] *Dicionário*, s. v.

[11] *Vocabulário*, s. v.

apresentaram. Muitos mais existem; eis alguns: «Ha muitas mesquitas, e *alcorões* muy altos de cantaria, e pedra lavrada, cousa de admiração», Tenreiro[1]; «em todas as çidades porque passei vy todos os *alcoroens* quebrados e rotos...», Mestre Afonso[2]; «Estava no seu baluarte... Fernão Carvalho... descobrja delle a moor parte da cidade, hũa noyte... vio grande reboliço nella, de tochas e lumjnarjas, nunca acustumadas e vião entrar e sajr nas misquitas... e ouvya tãobẽ bradar nos *alcorões* grande espaço, ho qual... lhe pareceo máo jndicio...», *Hist. do cêrco de Dio*, p. 42.

Não há dúvidas portanto sôbre a significação: *alcorão*, além de designar o livro santo dos muçulmanos, designava ainda as tôrres das mesquitas onde os almuédãos iam lembrar as horas das orações e apregoar a guerra contra o infiel. Os escritores que empregavam o vocábulo jamais o empregaram para designar os campanários das igrejas cristãs. Um exemplo tirado dum autor acima citado: «Soomente tem ygrejas (a cidade e reino de Caraemite, onde, segundo êle, tinham estado gregos) sem telhados, e *campanayros* onde parece que estavam sinos», Tenreiro[3].

Os templos de outras religiões também tinham as suas tôrres. À primeira vista o proselitismo religioso dos cristãos podia não distinguir as tôrres dos edifícios onde se venerava Alá ou outra divindade qualquer, porque tudo estava no êrro, na escuridão do paganismo. Mas não. Quando se dizia ou escrevia *alcorão* tratava-se sem dúvida de mesquita.

E para os outros?

Observava-se então um fenómeno curioso: a palavra que designava a tôrre das igrejas cristãs, servia também para os outros templos. É por isso que Fernão Mendes Pinto ao descrever os edifícios religiosos da China, por exemplo, escreve coisas como estas: «... sobre hum teso que a terra fazia para a banda do Leste, aparecião hũs edificios com sete frontarias de casas a modo de igrejas, todos dalto abaixo, quanto a vista podia alcãçar, cozidos em ouro, com suas torres muyto altas, que segùdo o que parecia, devião de ser campanayros[4]...» e ainda: «assi andarão todos em procissaõ á roda do terreyro com estes desentoados clamores por espaço de hũa

[1] *Itinerário*, p. 29. Na p. 15 também ocorre, mas êsse passo já tinha sido citado por DALGADO na obra citada. Cf. ainda no *Itinerário* as pp. 55 e 82.

[2] *Itinerário*, p. 182. Cf. p. 188.

[3] *Itinerário*, p. 56.

[4] *Peregrinação*, III, cap. 73.

grande hora, tangendo sempre muytos sinos de metal, & de ferro coado, que fora do terreyro estavão postos em *campanayros*[1]...».

Mais adiante, também para templos chineses, chama-lhes *torres de sinos*[2].

Du Cange também conheceu a palavra *alcorão* e registou-a sob a forma *alcoranae* e *alcorana;* explicou-a assim: «turriculae sunt fanorum apud Mahumedanos, e quibus a religionis suae ministris statis positis ad orationem excitantur» e exemplifica com um passo curtíssimo tirado de um certo «Wicquefort, *Ambass. de Figuer*». Quere dizer que houve autores estrangeiros que também conheceram o vocábulo; na verdade o *Hobson-Jobson* cita um passo das *Travels* de Herbert: «Some (mosques) have their *alcoranu'* »high, slender, round steeples or towers, most of wich are terrased near the top, Like the Standard in Cheapside, but twice the height».

Mas, ¿qual a etimologia dêste vocábulo?

David Lopes e Gonçalves Viana ocuparam-se em tempos com êle na «Revista Literária», de *O Século*[3]. A nenhuma conclusão definitiva chegaram.

O *Stanford Dictionary* pretende derivá-lo de *al-qorūn, os cornos,* ou *al-qirān, os vértices.* Ora no *Ajbar Majmua* há êste passo: «... e estava decretado que combatesse (Hanthala, general de Hixem) e vencesse primeiro a um dos exércitos (dos berberes revoltados), no sítio chamado *Al-karn;* foi em seguida contra o outro[4]...». No texto a palavra que designa o local da batalha é القرن (*al-qarn*) que Lafuente y Alcántara, editor, anotador e tradutor da obra, explica como uma «colina cercana á Kairewan» e manda conferir a *Histoire des berbères* de Iben Caldúne, traduzida por Slane. Sendo uma colina é um ponto algo elevado[5]. Na realidade قرن (*qarn*) significa *pico, cume, ponta* e pode ainda designar qualquer altitude; segundo o dicionário de Kazimirski esta palavra pode até começar muitos nomes de lugar. O passo apontado pode servir de exemplo. O plural

[1] *Peregrinação*, ibidem, cap. 90.

[2] «... vimos trinta casas postas em cinco ordês, seis em cada ordem, as quais tambem erão muyto compridas & muyto bem acabadas, com *grandes torres de sinos de metal & de ferro coado...*», cap. 96.

[3] De 26 de Março de 1906.

[4] P. 47 da trad. e ٦٧ do texto árabe.

[5] Na *Histoire de l'Afrique sous la dynastie des Aghlabites et de la Sicile sous la domination musulmane* de Iben Caldúne, o tradutor, Vergers, cita em nota na p. 102 um passo de um ms. do mesmo autor árabe onde o nome daquela localidade é القرنة (*al-qarna*).

dessa palavra é القرون (*al-qorūn*): a forma que o *Stanford Dictionary* apresentou. Esta explicação seria na verdade muito tentadora, mas antes necessário se tornava demonstrar que o emprêgo da palavra era corrente nas partes orientais na acepção de *almenara*, o que não me parece provável.

A explicação, segundo eu penso, é outra. Já foi apresentada com alguma reserva pelo Prof. David Lopes nos seus *Alguns vocábulos arábico-portugueses de natureza religiosa, étnica e lexicológica*[1]. Eis o que diz o mestre: «Não conheço a origem dêste vocábulo, a não ser que seja o mesmo que designa o livro santo. Estou em crer que é assim. Do alto da tôrre o pregoeiro pronuncia palavras do alcorão e chama à oração; daí *tôrre do alcorão* e por fim simplesmente *alcorão*».

Escrevi êste artigo porque encontrei um passo dum autor seiscentista, grande viajante no Oriente, que diz o mesmo. Trata-se de Pedro Teixeira; êle andou por lá, lá ouviu a palavra e talvez tivesse tido a curiosidade de investigar a origem do vocábulo; vem citado êsse passo no *Suplemento* do *Glossário* de Dalgado. Ei-lo: «At sunrise we saw that part of Bagdad which is in Mesopotamia, first of all the *alcorans*, which being very lofty and the land pretty level, are visible at four leagues' distance... And for that their Book is called *Koran* or *Alcoran*, and the same name is given to the places whence it is set forth»; mais adiante (p. 64), como que para desfazer qualquer confusão, diz: «We saw two high *minarets* or *alcorans*».

Quere dizer: segundo Pedro Teixeira, *alcorão* (tôrre) deriva de *alcorão* (livro). A explicação parece-me sedutora, pelo menos emquanto não aparecer outra melhor.

Os *Anais de Arzila* falam duma aldeia marroquina a que o autor chama do *Alcorão*[2]. ¿Existiria lá alguma *almenara* que desse nas vistas a ponto de dar o nome à povoação? A ser assim era um interessante caso de emigração vocabular (chamemos-lhe assim), visto que julgo ser a mesma palavra que se usava no Oriente; se isto é verdade são estes os primeiros testemunhos dêsse fenómeno, pelo menos que eu saiba.

A propósito ainda de *Alcorão* devo acrescentar que, segundo Cândido de Figueiredo[3], «dá-se êste nome, em algumas povoações

---

[1] P. 5.

[2] «... e todas as outras aldeas que estão ao derrador da aldea do *alcorão*, que está abaixo do arrife da Atalaia Alta...», p. 107; «... e defronte de ũa destas aldeas, que chamamos do *Alcorão*...», p. 247.

[3] *Dicionário*, s. v.

do Alentejo (Extremoz, Évora, etc.), ao sótão que serve para arrecadação de trastes velhos». Pelo facto de se tratar de um sótão ¿estaremos por ventura num caso de analogia?

3. Alfarje, alfarja

Segundo Cândido de Figueiredo a primeira palavra significa: *a*) «Moinho de vento»; *b*) «Diz-se de um estilo peninsular de artes decorativas, caracterizado por lavores multiformes». *Alfarja*, diz o mesmo dicionarista, em Trás-os-Montes é um «grande vaso de pedra, em que gira a roda que mói a azeitona». Estas significações estão próximas das espanholas apontadas por Engelmann e Dozy. O primeiro dá como etimologia الفرش (*al-farc*) que embora só significasse, segundo Cobarruvias, «stratum, sagulum», na Península significaria, segundo o autor do *Glossaire*, «une sorte de pavé sur lequel était placé la pierre inférieure du moulin». Além da alteração semântica um tanto forçada, sou obrigado a pôr esta explicação de parte porque também é difícil a transformação do ش em *g* (=*j*)[1]. Dozy, por sua vez, explica o nome do aparelho por الحجر (*al-hajar*), a pedra; evidentemente que o sentido e a fonética enchem de dificuldades essa explicação; para o estilo artístico apresenta a mesma palavra que Engelmann apresentara para a engrenagem.

---

[1] Na Toponímia há um caso interessante que à primeira vista pode parecer uma evolução de ش para *g* (=*j*): *Alfange* em Santarém. Aquele nome nada tem que ver com o do instrumento bélico; não passam de formas convergentes. Essa convergência no entanto deu-se, em minha opinião, por um fenómeno de analogia: o nome do sítio era الحنش (*al-hanx*), *a cobra*, por causa das inúmeras curvas do caminho. Na narrativa latina *De Expugnatione Scalabis*, publicada nos *Scriptores*, aparece a explicação: «A parte uero australi propter praecipicium quod fit ex natura terre quasi hyantis, et in abyssum euntis, *uocatur alhanse, idem coluber*, eo quod nullo possi adiri modo, nisi per anfractus, et quosdam meandros» (p. 94, col. 1). Cf. BLUTEAU, s. v., *alhafa*. No *Cancioneiro da Ajuda* existem duas canções (278 e 279) de autor desconhecido que, nos *refrans*, se referem a êsse local:

Ay sentirigo! ay sentirigo!
Aí é *Aifanx'* e al seserigo!

e

que m'aq' entenda o por que digo:
Aí é *Alfanx'* e al seserigo!

Cf. o que a sábia editora dêsse *Cancioneiro* diz no vol. II, p. 447; HERCULANO, *Hist. de Port.*, II, p. 309, e DAVID LOPES, *Árabes em Herculano*, p. 56. DUARTE GALVÃO, na *Crónica de D. Afonso Henriques*, também se refere a essa localidade

Wilhelm Giese (*Zeit. rom. Phil.*, LIV, p. 119) em crítica ao trabalho de Wilhelm Bierhenze, *Ländliche Gewerbe der Sierra de Gata*, diz que o português *alfarja* não vem do «arb. *Faras*..., mas do arab. الحجر, *pedra*»[1]. Evidentemente que esta explicação é inaceitável.

Ora em Beaussier e outros dicionaristas encontra-se uma forma que, a meu ver, explica perfeitamente estas: الحرج (*al-harj*), *aparelho, engrenagem, equipagem* e ainda *enfeites, bordadura, guarnição de passamanaria*. Trata-se pois de um vocábulo que é atestado no Ocidente e que a Fonética e a Semântica não se opõem para o apresentar como étimos de *alfarge* e *alfarja*. A palavra árabe, pelo seu duplo significado, satisfaz perfeitamente e mostra que as duas formas são apenas divergentes de uma palavra árabe que passou intacta de sentido para português.

A diferença dos sons finais (*-a* e *-e*) também tem a sua explicação: *alfarje* é o derivado directo de الحرج; *alfarja* pressupõe o nome de unidade respectivo الحرجة (*al-harja*).

4. Alforreca

Engelmann propôs para explicar esta palavra o árabe الحراق (*al-hurrāc*), «valde salsa (aqua)». Evidentemente que a evolução semântica tem as suas asperezas difíceis de limar e sob o ponto de vista fonético acho pouco provável também: ficava por explicar a terminação *-a* do vocábulo português. A forma que o erudito arabista apresentou daria *alforeque*. Seria necessário o nome de unidade (الحراقة).

A ser exacta a minha explicação o étimo está noutro lugar.

---

ao relatar a conquista de Santarém (p. 96). Em *Um documento a respeito do copeiro de D. Afonso II*, publicado por PEDRO DE AZEVEDO (*Rev. de Hist.*, vol. I, p. 283), aparece-nos um «Juliano iulianiz de *Alfanxi*»; nos *Scriptores*: «Este Esteuam d'Auoym foy casado com dona Eixemea Esteueez filha d'Esteuam Soares d'*Alfamxe*», 319. O prof. Ruy de Azevedo no cap. I da *Introdução* à *História da Expansão Portuguesa no Mundo* (p. 49) cita um *Alfansi* em doc. de 1191. A propósito devo ainda acrescentar que em Granada existe um sítio a que chamam *Babelhanx* de باب الحنش (*bāb al-hanx*), *a porta da cobra*.

Foi pois, segundo eu penso, a palavra *alfange*, espada (de الخنجر, *al-hanjar*), que fez الحنش tomar o mesmo aspecto. A forma normal em português seria *Alfanxe*, como nos aparece no documento acima citado.

Viterbo, *Elucidário*, s. v., diz que a palavra *alfange* «ainda conserva os vestígios de *alhanse*, ou *alanse*».

[1] A transcrição é *aḥ-ḥuǧn*.

Como se sabe a *alforreca* é um dos animais que está provido do que se chama os *órgãos urticantes*. Quando se toca num dêsses animalejos são as propriedades provenientes dai que nos chamam a atenção ao ferir-nos irritantemente a epiderme. Chamaram, como disse, por uma interessante e justa associação de idéias *órgãos urticantes*. A *alforreca*, tam vulgar nas nossas águas, também está nessas condições e por ser talvez o mais geralmente conhecido de entre os animais com essa característica mereceu aos árabes o nome de الحرايقة (*al-hurraiqa*) ou الحارقة (*al-hārāqa*), nomes de unidade de الحرايق (*al-hurraiq*) e الحارق (*al-hārīq*) respectivamente. Ambas as formas significam *a urtiga*.

5. Aljarze (Beira)

Significa esta forma dialectal *campainha* ou *chocalho do gado* (Sousa). Cândido de Figueiredo dá, nessa mesma região, *aljorce, campainha, chocalho, que se põe ao pescoço das bestas*. Segundo o mesmo dicionarista, em Trás-os-Montes usa-se *aljarão, guizo de cão*. No Alentejo há *arjóz, cascavel* ou *guizo* (Pombinho Júnior, XXV, 70).

Sousa apresenta como origem a forma الاجراس (*al-ajarāç*) que não aceito por causa da prosódia.

M. Leopold Wagner, na sua interessante e erudita crítica à *Contribución* de A. Steiger (*V. K. R.*, VI, p. 292, nt.) apresenta الجراص (*al-jarāç*) que encontrou em Marcel, s. v. *clochette*.

Não aceito também essa explicação. Tal como com a do autor dos *Vestigios* acho difícil de aceitar o recuo da acentuação.

Belot e Ben-Cedira, em compensação, forneceram-me uma palavra que me serve para explicar esta palavra: الجرس (*al-jarç*), *sino, badalo, guizo*. O seu plural é o que Sousa apresentou como étimo de *aljorze*. A passagem do *a* a *o* não é de difícil explicação não só por causa do *r* seguinte e ainda porque, como se sabe, o vocalismo arábico é fragilissimo. Segundo me informa um verbete havia no port. arc. a palavra *aljarge*. Onde ocorre? Não sei porque perdi a indicação. Mas a existir o *g* explico-o por assimilação do tipo *j–ç > j–j*. O esp. *aljaraz* que à primeira vista pode-se filiar no étimo de Wagner (الجراص) julgo-o a evolução do mesmo ascendente das formas portuguesas, com deslocação de acento. A forma *arjóz* apresenta a evolução *l* do artigo para *r* como em *armazém*. O *r* devia ter-se assimilado ao *ç*.

6. Almancil[1]

É com êste nome que se designa uma povoaçãozinha situada a 8 quilómetros de Faro. O nome completo é S. João de Almancil.

O aspecto da palavra parece indicá-la como de origem árabe.

Emílio Garcia Gomez num artigo que publicou na revista *Al-Andalus*[2] intitulado «*La «Qaṣīda Maqṣūra» del Qarṭaǧanni*» dá uma lista de nomes geográficos que ocorrem na obra. Segundo diz o eminente arabista[3] um topónimo ocorre no verso 392 da obra (que não consegui ver) e refere-se a uma localidade de Múrcia ou Cartagena.

A forma árabe que aí aparece é المسيل (*al-maçīl*). Esta palavra relaciona-se com a raiz س ي ل (*çalā*), que significa *couler, liquide, rivière, sang, bougie, larmes*, etc. *Couler, courir, s'écouler, fluer, ruisseler* (Vacaussier); *couler; ruisseler; être tout couvert (de sueur)*, (Ben-Cedīra); *couler (eau)*, (Belot). المسيل (*al-maçīl*) significa *un courant d'eau; conduit d'eau* (Beaussier).

Ora na referida povoação algarvia há um sítio denominado *Vale Formoso*, onde ainda hoje é atestável a existência de um antigo rio que daria o nome à povoação. Julgo esta circunstância como algo probatória da base naquela forma arábica.

Esteves Pereira, na eruditíssima *Introducção* à *Vida do Abba Samuel do Mosteiro do Kalamon*[4], fala-nos do martírio do aba Pisoura no tempo de Diocleciano. O *Auto do Abba Pisoura* existe incompleto e escrito em copto[5]; é precisamente no sítio que falta que se devia dizer o nome da localidade donde o mártir era bispo; mas na tradução árabe dessa obra existente na Biblioteca Bodleiana de Oxford[6] vê-se que era a cidade de *Maçil* (Esteves Pereira escreve *Masil*); a forma árabe é مصيل (*maçīl*)[7] que julgo nada ter com o nome que explica o da localidade algarvia.

---

[1] As informações que dou no decorrer dêste artigo da povoação algarvia devo-as ao meu primo Sr. José Nunes de Sousa, falecido logo após ter tido esta gentileza. Que estas palavras sirvam para exprimir os meus agradecimentos e uma eterna saudade.

[2] Vol. I, t. I.

[3] Na p. 103 do referido vol. I, t. I do *Al-Andalus*.

[4] Lisboa 1894.

[5] Foi publicado por HYVERNAT, *Les actes des martyrs de l'Égypte*, I, nas pp. 114 a 134.

[6] *Bodleian Library*, ar. Huntingt. 470, I, fl. 100, *r*. Cf. AMÉLINEAU, *La géographie de l'Égypte à l'époque copte*, p. 243, nota 5.

[7] Estas informações colhi-as tôdas na citada obra do grande orientalista português, que ainda faz mais algumas considerações sôbre essa cidade que não

7. Almoeda

Cañes dá como étimo do espanhol *almoneda* a forma arábica المناد (*al-munād*), gritador público, pregoeiro dos leilões. O sentido não explica a palavra satisfatòriamente; a fonética ainda menos; a forma resultante seria *almuede;* a terminação *-a* das duas formas peninsulares ficava por explicar.

Engelmann dá المنادية (*al-munādia*), *venda pública*, que faria pressupor as formas romances *almonadia, almoedia* que não conheço.

Dozy prefere المنادي (*al-monādī*) que, à semelhança do que sucedeu por exemplo com *maravedi*, daria *almonadi*.

Por estar mais próxima da forma luso-espanhola proponho a forma المناداة (*al-monādā*) que significa *proclamação, anúncio, leilão*.

Independentemente de poder contar com a fonética, tem ainda ao seu lado a semântica, visto que *leilão* (também de origem árabe) diz quási o mesmo que *almoeda*.

Como é natural, a palavra é atestável desde muito cedo em documentos portugueses. Dois exemplos: «... contoulhi como metyam A quintaa do seu jrmhao ẽ *almoeda*...», *D. Urraca (Arq. Hist. Port.*, p. 7); «... e nos queremos fazer *almoeda* dos Judeus...». *Hist. de Vespasiano*, p. 89.

O que faz a *almoeda* é o *almoedeiro*. A forma arcaica desta palavra é *almonedeyro:* «Ningun almonedeyro que se alçare a vozeyro...», *Leges*, 853.

8. Aluquete

Nos *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos*, publicados por Pedro de Azevedo, aparece em três passos a palavra *aluquete:* «... desfechara o *aluquete* da cadea com hũa chave feitiça...», I, p. 215; «... lhes fugira hũu Joham Dominguez que hia diante ao cabo da cadea porque desfechara ho *aluquete* que levava com que a dita cadea hia fechada...», idem, p. 224; «... e com a dita chave desfechara ho *aluquete* que a dita cadea levava», idem, p. 232.

Significava *fechadura, cadeado*. Encontrei a palavra registada, entre outras obras, nas *Apostilas* de Gonçalves Viana (s. v. *aloquete*) e nos *Subsidios* de Cortesão.

---

transcrevo para aqui por me parecerem fora do propósito do meu trabalho, mas isso não me impede de para lá remeter o leitor.

Gonçalves Viana diz no local citado que *aloquete* «é uma forma derivada com *a* prostético, variante da palavra *loquete*», o que não me parece, porque, como vamos verificar, naquele *a-* julgo ver a representação do artigo arábico.

Na minha opinião esta palavra deve derivar de اللقاط (*al-luqāṭ*) que significa *tenazes, pinças*. Será, portanto, uma forma divergente de *alicate*.

Dozy[1] quis explicar esta palavra. Na sua devida altura remete para *alquaquida* que Engelmann derivara «de الوقيد (*al-waqīd*) que Marcel traduit par *allumette*», mas Dozy prefere الوقيدة (*al-waqīda*) que, seguindo P. Alcalá, significa *mecha para encender*. Evidentemente que esta explicação também não satisfaz, não só por causa do sentido, como a Fonética não a ajuda muito.

A explicação de *alicates* foi dada por Dozy, que diz: «Il est singulier que M. E.[2] ait oublié ce mot, dont l'origine arabe avait déjà été indiquée assez bien par Marina et par Sousa. M. Defrémery observe qu'il vient de اللقاط (*al-laqqāṭ*); et Boethor *tenailles*, et le mot *mlqāt, pince*. *Laqqāt* se trouve aussi chez Dombay».

9. Alvissaras

No meu trabalho a *Fala da moura das «Côrtes de Júpiter»*[3] mostrei a minha relutância pela etimologia geralmente citada de *alvissaras:* de البشارة (*al-bišāra*)[4]. É uma palavra muito usual em árabe; o sentido não se opõe à explicação, mas a prosódia não a pode admitir, visto que essa palavra levar-nos-ia a uma deslocação de acento inaceitável: tornar exdrúxula uma palavra grave, isto é, precisamente o contrário do que é normal.

O étimo deve estar pois noutro vocábulo.

---

[1] No *Glossaire*.

[2] ENGELMANN.

[3] Publicado na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, V, pp. 221–250.

[4] Esta etimologia foi apresentada por FR. JOÃO DE SOUSA nos seus *Vestigios;* com ela mostrou a sua justa rebeldia contra a hipótese de COVARRUBIAS, também defendida por BLUTEAU: queriam basear *alviçaras* no lat. *albities*, vestido branco. O autor dos *Vestigios* acha a «Etymologia estravagante por se não achar em costume antigo, nem moderno o vir o annunciador vestido de branco» e cita Duarte Nunes de Leão. Modernamente G. BAIST (*Rom. Forsch.*, IV, 408) contradisse qualquer explicação com base no árabe e propôs, à vista de *aluistra* correspondente ao vasco *albiristra, albistra*, uma base *-brist* (citaç. de MEN. PIDAL, *Cid*, I, p. 197, nota).

Naquele trabalho já apresentei[1] um étimo que julgo ser exacto: البشرى (*al-buxra*). Trato agora dêsse assunto mais desenvolvidamente.

Continuo a admitir essa explicação; quanto ao significado da palavra árabe é que devo modificar um pouco a minha doutrina de então. Quando escrevi aquele estudo julgava que êste vocábulo significava *boa nova* e que tinha «função interjectiva tal como em português e em espanhol... Foi da interjeição que a palavra passou para o uso vulgar». Eu não tinha consultado Freitag. Por aí se chega à conclusão que البشارة (*al-bixāra*) e البشرى (*al-bixrā*) são mais ou menos sinónimos (ambos significam *laetus nuntius*). Gólio já dizia o mesmo. Essa sinonímia facilita a minha explicação.

Se a Semântica e a Fonética não se opõem, julgo que nada há mais que possa impedir a minha explicação: o étimo de *alvissara* é البشرى (*al-bixra*).

Acabada a questão etimológica passemos à ortográfica. Esta (claro está) deve basear-se naquela.

Alvissaras deve escrever-se com *ss* e não com ç. Gonçalves Viana já disse o mesmo[2], embora se apoiasse na etimologia que eu repilo, mas no entanto ambas os justificam.

Modernamente nota-se um grande incremento da forma *alviçaras*. É um êrro. Costa Leão[3] defende essa grafia. O principal autor que lhe serve de base é J. Joaquim Nunes[4] que não era arabista; êste derivou *alviçara* de *al-bixāra*, mas não soube ou não quis demonstrar aquela grafia. O próprio Nunes (e com êle também Costa Leão) aduz algumas provas que servem perfeitamente para demonstrar o êrro em que laboram: existia a forma «*alvixara* na lingua do séc. XVI». ¿Um *x* pode dar ç regularmente? Não. O ç em palavras de origem árabe provém de س como *açucena* de السوسانة (*aç-çūçāna*) e *açude* de السدّ (*aç-çudd*); de ص como *açôfar* de الصّفرة (*aç-çofra*), *alaçor* de العصور (*al-caçōr*); de ز como *açafrão* de الزّعفران (*az-zacafrāne* e *acepipe* de الزّبيب (*az-zebīb*) e finalmente de ث como *açôrda* de الثّردة (*ath-thurda*).

---

[1] P. 235.

[2] *Ortografia Nacional*, p. 113; na 1.ª edição do *Vocabulário* não se cita o vocábulo; seria talvez esquecimento, mas como tem *alvissarar e alvissareiro* vem a dar no mesmo; mas na 2.ª já vem *alvixeras e alvissaras*.

[3] *Prontuário*, p. 26 da 5.ª edição.

[4] *Gramática Histórica*, p. 190.

O *s* provindo de ش está por exemplo no antigo *abassi* (modernamente *abexim*) de حبشي (*habexī*), cujos *ss* ainda se conservam hoje na forma *Abissínia*.

Inversamente: o c (= *ç*) românico era em geral representado pelos árabes por س ou ص: *Cesar Augusta* era سرقسطة (*çaraqoça*) donde o esp. *Zaragoza* e port. *Saragoça* cuja forma correcta seria *Çaragoça*. Na *Aljamia Portugueza* do séc. XVI (publicada pelo Dr. David Lopes) سيدادي (*çidādi*) representava *cidade* e *fôrça* era فورس (*furça*) ou فورص (*furça*) e *Gonçalo* غصالو (*guçālu*)[1].

O *s* românico representava-se quási sempre por ش: شنور (*xinōr*) aparece-nos equivalendo a *senhor*; شبر (*xabir*) a *saber*. A Toponímia também nos dá larga soma de exemplos que nos mostram êste mesmo tratamento pelos árabes na Península: *Sancta Irene* era شنترين (*xantarīn*) e daqui veio Santarém; *Sacris* e *Sancta Maria* (de Faro) aparecem sob as formas شقرش (*xaqrix*) e شنت مارية (*xanta māria*) respectivamente[2]. Como melhor exemplo cito dois passos dum documento em Aljamia espanhola e que vêm transcritos nos *Manuscritos arabes y aljamiados* de Ribera e Asín[3]: «*Lax loores*[4] *ad Allah xeñor de lax gentes...*» e «*... quiere decir: la xalbación de Allah xea sobre boxotrox; ex decir: açalemo alaicum*».

Tudo isto serve para demonstrar a correspondência que havia entre *s* românico e ش. Portanto nada impede a evolução de *x* para *s* que é normal, ao contrário da de *x* para *ç* que é rara.

Alvíssaras deve-se escrever assim porque deriva duma palavra árabe que tinha ش na sílaba correspondente aos *ss*. Mas êsse fonema arábico deixou vestígios. Além da forma valenciana *albixeres*, já citada por Dozy e depois por Gonçalves Viana[5], temos ainda *albixulas* e *albixaras* em mirandês[6] e *alvixeras*, *alvixeres*, em Moncorvo[7]. Mendes dos Remédios no glossário da sua edição da *Consolaçam ás tribulaçoens de Israel* cita *aluixarana*. Ora êsse glossário, como tantos outros, padece do gravíssimo defeito de não indicar as páginas

---

[1] Cf. o meu trabalho já citado *A fala da moura*, etc., p. 236.

[2] *Idem*, p. 234.

[3] P. 10.

[4] É interessante que vem *loores* e não *loorex*, como seria de esperar.

[5] *Ortografia Nacional*, loc. cit.

[6] LEITE DE VASCONCELOS, *Est. de Fil. Mirand.*, I, 461.

[7] AB. TAVARES TEIXEIRA, *Vocabul. trasmontano*, s. v.

onde ocorrem as palavras nêle insertas. Como sucede quási sempre a quem procura uma palavra numa obra, não consegui localizar o vocábulo.

As formas com *s* são muito abundantes.

Costa Leão serviu-se de Madureira Feijó, Frei Domingos Vieira, Duarte Nunes de Leão, o *Novo Dicionário*, o *Contemporâneo* e o de Morais para documentar o seu *alviçaras*. Abundante bibliografia, mas de fraca qualidade para um assunto como êste; nenhuma das obras apontadas está em condições de responder concretamente a um inquérito desta natureza: a sua época e as deficiências doutrinárias que encerram impedem-nos de ser usadas pelos estudiosos com o fim para o qual Costa Leão as consultou. Só por intermédio de estudos capazes se pode chegar a uma conclusão definitiva e ainda por isto: como se sabe a distinção entre *s* e *ç* era um facto durante certo período da nossa língua. Por isso o melhor é verificar como então se escrevia esta palavra. Nada mais racional e sobretudo mais seguro. Basta só citar passos de autores dessa época e não de autores do século XVIII. Ei-los: «... pedio-lhe a *alvissera* do que mandara fazer...», F. Lopes, *Cr. D. Ped.*, p. 30; «Day *maluissaras* senhora / ja vay la de foz em fora», G. Vic., *Índia* (fl. CXCV); «Vasquo da gama lhe prometeo boas *aluisaras* ho dia que chegassem a Quiloa...», D. Gois, *Cr. D. Man.*, I, 76; «... pela certeza de tão boa nova pedião todos a sua merceste *alvissaras*...», F. M. Pinto, *Peregrinação*, III, cap. 67; «... & foise caminho de Portugal pera ir diante dizer a elrey dõ Manuel como a India era discuberta, & ganhar as *aluisaras* de tam boa noua...», Castanheda, *Historia*, I, p. 91.

Como está demonstrado foi no século XVI que começou a confusão entre *s* e *ç:* com o presente vocábulo há um belo exemplo no *Itinerário* de António Tenreiro; aparece-nos duas vezes na mesma página, mas em cada uma delas com a sua grafia: «Hum turco daquella companhia, criado daquelle senhor onde estávamos, vindo hum dia pera casa da cidade, me disse que lhe désse *alviçaras*, porque elle déra hũa moeda a hũa moura, que em hũa praça da dita cidade estava a ganhar dinheiro, e advinhava (*sic*) per sortes, e feitiçarias, pera que lhe advinhasse (*sic*), e dissésse o que havia de ser feito de mim, e que ella lhe dissera que me haviaõ de soltar; e por tanto que lhe désse *alvissaras:* o que me a mim bem pouco satisfez[1]...»; mais adiante aparece-nos a palavra novamente e também por duas vezes, mas em ambas escrita com *ç:* «E por *alviçaras*

[1] P. 77.

daquellas novas daõ aos mouros, e mercadores a estes, que o apregõaõ, dinheiro, assim como *alviçaras,* e esmola[1]...».

Portanto em autores dos séculos XV e XVI a forma que mais geralmente ainda aparece é com *ss*. Embora a confusão já começasse a ser observada na época quinhentista, a forma mais regular de então e a quatrocentista servem perfeitamente para mostrar que antes dessa confusão a vulgar era *alvissaras*. Junte-se agora a êste argumento o dialectal.

Julgo que é já suficiente para mostrar a inconsistência dos argumentos de Costa Leão que, além de assentarem em autores duma época que já não observavam de maneira alguma a distinção entre *s* e ç, padecem ainda do grave defeito de terem fraco mérito filológico para servirem de testemunho à ciência moderna.

Acrescente-se que o próprio Nunes de Leão deriva *alviçara* (é assim que êle escreve) de *albuxara*[2].

Cortesão já se inclinava para *alvissara* ou *alvissera*.

O esp. tem *albricia*. A palavra é antiga. No *Cantar de Mio Cid*[3] já nos aparece na frase «*Albricia*, Alvar Fáñez, ca echados somos de tierra!»

O c pode à primeira vista lançar confusão na minha doutrina, mas Menéndez Pidal[4] explica essa palavra de maneira que a minha explicação mantém-se: «su forma primitiva (de *albricia*) hubo de ser como la valenciana *alvixeres* y con pérdida de la vocal postónica *albisras*, Biblia Scio, Paralip. I, X, 9, de donde con dislocación de la *r* viene *albriçias*, usado hasta por los textos aljamiados, Yuçuf B 243; el grupo difícil *sr* se facilitó también con inserción de *t*: *alvistra*, Alex. 1603, 2489 (*alvistas* en Brasil, Miscell. Caix-Canello, p. 269), ó con restauración de la vocal como en el port. *alviçaras*».

10. Belcouce

Joaquim da Silveira ocupou-se dêste topónimo na sua *Toponímia Portuguesa*[5].

Cita várias formas arcaicas do nome. Segundo êle nas «inquirições inéditas de 1220-22» aparece a forma *Avalcozi;* êsse documento, conforme afirma o autor em nota, acha-se na Tôrre do

[1] P. 89.

[2] No texto *albuxata*, mas é *gralha* decerto. É na *Origem*, cap. X.

[3] Est. 2.

[4] *Cantar*, I, p. 197.

[5] *Revista Lusitana*, XXIV, p. 202.

Tombo na gaveta 3, masso 10, n.º 7. Fui ao precioso arquivo para ver o documento, mas lá, o que tem essa cota, é da época de D. Afonso V e tem ainda a característica de não aludir a *Belcouce*. Chamo a atenção de Joaquim da Siveira para essa circunstância.

Apesar dessa distracção, muitas variantes da palavra que deviam ser usuais no período arcaico da língua, nos são dadas nesse estudo. Não merece a pena repeti-las aqui. O que importa é a explicação do vocábulo.

Gonçalves Viana[1] diz que «êsse nome deveria significar em árabe «no arco» (Balqaus)». Mas «no arco» o quê? Eis o que o autor da *Ortografia Nacional* se esqueceu de nos dizer, embora se pudesse defender com a tradução de «junto do arco» que, embora não fôsse muito propositada, sempre era melhor.

O sr. Joaquim da Silveira propõe *abualqaus* (= ابو القوس), «sitio do arco». A explicação parece-me engenhosa, mas sem dados que a tornem concreta. ¿Como se pode demonstrar que é esta a explicação mais provável e não outra? Deve ser difícil.

Levado por um passo citado pelo autor no seu douto artigo também apresento agora uma explicação.

O passo é êste: *porta quae arabice dicitur Alcous*. Diz-se no estudo que é tirado duma cópia do Cabido de Coimbra[2].

Foi êste passo que me fez a sugestão; é com êle que autentico a minha hipótese, em prejuízo das que têm sido apresentadas até agora que pecam em geral por falta de bases.

Porta quae Arabice dicitur Alcous. Não há dúvida que *Alcous* representa o árabe القوس (*al-qōç*)[3], *o arco*. Todos concordam neste ponto e ainda bem.

¿Mas como explicar o *b-* inicial da palavra *Belcouce?*

Diz-nos o documento que se trata duma porta denominada por do *Alcous*, que, como já vimos, significa *o arco*. Nada mais natural do que chamar-se a essa porta *a porta do arco*. Ora *porta do arco* diz-se em árabe باب القوس (*bāb al-qōç*). Daqui chegou-se a uma forma **babalqoç* que, por uma naturalíssima haplologia, daria *Balqoç*, *Balcoce* e daqui ao *Valcouce* do *Livro 3.º de traslados dos pergam. que tem prazos avulsos*, citado por Silveira, é menos de um passo.

---

[1] *Apostilas*, I, s. v. *alcouce*.

[2] II, 466 v.

[3] Não deve causar estranheza eu transcrever القوس por *alqōç* e Silveira por *alqaus;* a minha transcrição tem o ō porque se trata de árabe vulgar; o clássico não serve para estas coisas. O *-s* não corresponde ao س, mas sim o *ç*.

Belcouce tem como forma anterior *Belcoyce* nos sécs. XV e XVI, mas antes havia *Valcouce* como se mostra na *Toponimia Portuguesa*. Portanto a forma vulgar antes daqueles séculos não era só *Avalcouze*. Esta seria apenas uma divergente, se essa leitura fôr exacta. Os documentos estão quási todos em Coimbra e por isso não os posso consultar eu próprio. Nada mais fácil do que, em conseqüência de um lapsozinho, ler-se *de Avalcouze* a forma *davalcouze* que se desenvolveria em *da Valcouze*.

Mas isto é já secundário, porque, mesmo a verificar-se a presença dêsse *a-* inicial, êle pode perfeitamente explicar-se como mais um caso de próstese.

II. Çoda

A estância 1510 do *Libro de Buen Amor* é:

«Fija, mucho vos saluda uno que es de Alcalá,
«Enbiavos una *çoda* con esto alvalá.
«El Criador es convusco, que mucho desto tal há:
«Tomatlo, fija señora». Diz' la mora: «Legualá!»

Faz parte duma colecção de estrofes que tem por tema *De cómo Trotaconventos fabló con la mora de parte del Arçipreste é de la respuesta que le dió*. Nas palavras que o poeta põe na bôca de *Trotaconventos*, embora romances, há alguns reçaibos moçárabes; as palavras da moura são tôdas em árabe.

A edição dos *Clasicos Castellanos* (de que me sirvo) vem enriquecida com eruditas notas de Julio Cejador y Frauca que comenta mesmo os passos arábicos. Em geral a doutrina é segura.

Foi a palavra *çoda* do segundo verso da estância acima transcrita que motivou estas notas.

Depois de mostrar que não há conformidade em alguns manuscritos na grafia desta palavra, pois uns põem *açodra* e outros *çodra*, eis os comentários do anotador: «¿Estarán estas voces por *cidra*[1]. Poca cosa es para regalar á una mora; además que el convenir todos los códices en poner *çoda*, aunque corrompidamente los dos de ellos con una *r*, me hacen sospechar si será voz arábiga. Supongo es el arábigo سعود sughūd, que al castellanizarse habia de sonar *sud* ó *sod*, pues el ع medial desaparece: *acerola, alarabe, alarde, alarife, alazor, laud, noria*. Vale buen agüero, buena dicha que se desea á

[1] Embora reconheça que aqui devia estar um ? não o ponho porque Frauca também não o pôs.

uno, de سعد saghada ser próspero, dichoso, *labbāik ua saghdāik* estoy á vuestro servicio, *min saghadi* por dicha, *saghīd* dichoso. Son frases usadas en el árabe del norte de Africa, así como *saghad* por dicha, felicidad: *ghandu es-saghad* tiene dicha. *Enbiavos una çoda*, «os envía sus felicitaciones y saludos con este billete», que es lo que acaba de decir en romance: *Saludavos...*, *mucho vos saluda*, y lo de después: *El Criador*... Dios sea con vos, que él es muy bien afortunado».

Esta é a explicação de Frauca, mas, segundo eu penso, não é exacta.

Não há dúvida que a frase *enbiavos una çoda* deve ter um sentido semelhante a *os envía sus felicitaciones, y saludos;* mais: *recordação, lembrança,* pelo que a frase quere dizer *envia-vos uma recordação, uma lembrança.*

¿Mas que palavra é *çoda*?

Na minha opinião não se trata de um representante castelhano do árabe سعود (*çaʿōde*), como diz Frauca, mas de سودا (*çōdā*) que, segundo me informa Beaussier, além de significar *bile noire, atrabile,* significa também *mélancolie, affection mélancolique. Humeur mélancolique, sombre. Hypocondrie.* Portanto a *çoda* do passo de Hita, se representa como penso êste vocábulo árabe, designa *recordação melancólica,* qualquer cousa que de certo modo se pode comparar à *saudade.* E esta idéia da *saudade,* que nos surge neste momento, ainda se reveste de maior interêsse se se disser que João Ribeiro[1] pretendeu explicar a portuguesíssima *saudade* por êste vocábulo árabe. É uma explicação que nunca alcançou justamente apoio[2]. A forma سودا (*çōdā*) daria regularmente em português uma forma idêntica à que nos aparece em Hita.

A forma que João Ribeiro dá (*saudá*) é a clássica. É um costume péssimo em que caem quási todos os estranhos aos estudos árabes mas que dêles se ocupam: transcrevem as palavras de acôrdo com a pronúncia do árabe clássico (dada pela maioria dos dicionários) e não com a do vulgar como seria natural. *Saudá* é a transcrição mais ou menos exacta da forma clássica; mais certa seria *çaudā*. O ditongo *au* reduz-se em geral a *ō* na lingua vulgar; como prova temos a forma castelhana e os dialectos do Norte de África que

[1] *Curiosidades Verbais,* pp. 197-201.

[2] As explicações de *saudade* foram últimamente reünidas e devidamente apreciadas por KARL VOSSLER, no capítulo inicial do seu interessante trabalho *Poesie der Einsamkeit in Spanien.* Vol. I, Munique, 1935.

podem perfeitamente testemunhar essa redução. Um caso idêntico é a palavra *agoute* que quási todos insistem em explicar por *aç-çaute*. ¿Mas há algum vestígio do ditongo? Julgo que não. O esp. tem *azote*. Esta forma e a portuguesa fazem prever um السُّوط (*aç-çōṭe*) e não um السَّوط (*aç-çaute*), como muitos querem. ¡Até já houve quem desse *azzaut*![1]

A pronúncia hodierna desta palavra nas populações do Norte da África é precisamente السُّوط (*aç-çōṭe*), como se pode verificar no *Dictionnaire Arabe-Français* de Ben-Cedira, s. v., que apresenta a palavra vocalizada.

Mas voltando ao tema dêste estudozinho: julgo portanto que *çoda* no citado passo de Ilita deriva de سودا (*çōdā*); a fonética não se opõe; a semântica também não, porque o passo *enbiavos una çoda* parece-me dizer *envia-vos uma recordação*, significação esta que está muito próxima da que tem o vocábulo árabe que, como disse, designa uma *afection mélancolique* no dizer do dicionarista citado mais acima.

A palavra *çoda* ou *soda* também aparece a designar *dor de cabeça*[2]. Era usual na antiga medicina. Também é de origem arábica. Tem a sua base em صُداع (*çudāᶜ*), dor de cabeça, enxaqueca; do radical صُدِع (*çudiᶜa*), *ter dores de cabeça*.

12. Fato, rebanho; haveres; veste

Não é certamente necessário apresentar passos abonatórios do antigo e largo emprégo desta palavra nos nossos escritores na primeira acepção.

Não há dúvida que está intimamente ligada à forma espanhola *hato*.

Segundo A. Nascentes[3] «Cortesão tira do esp. *hato*, de *hatajo* (do ár. *actao*, parte separada do gado). A Academia Espanhola não distingue do anterior e tira *hatajo* de *hato*. G. Viana tampouco distingue os dois vocábulos. Eguílaz para o esp. *hate* dá um árabe *hadd*, porção ou pitada, parte, em R. Martin».

---

[1] NUNES, *Crestomatia*, 2.ª edição, Vocabulário, s. v. Cf. também o que escrevi na nota 4 da p. 16 e ainda na citada *Fala da Moura das «Côrtes de Júpiter»*, p. 236, nota 4.

[2] Cf. o interessante artigo de ARNALDO STEIGER na *Vox Romanica*, II, p. 53.

[3] *Dicionário Etimológico*, s. v.

Estas explicações não podem ser aceitadas: tôdas por causa da fonética e algumas delas têm a sobrecarregá-las dificuldades semânticas. O ideal, neste caso e em todos, seria encontrar uma explicação que satisfizesse as duas circunstâncias; difìcilmente seriam combatidas.

Para o caso de *fato* (rebanho) julgo que encontrei um étimo que as satisfaz, ou pelo menos parece-me satisfazer.

Vejamos qual êle é:

Como se sabe *peixe* em árabe é حوت (*hūtu*); o colectivo desta palavra é حات (*hātu*). Beaussier dá-lhe justamente a tradução de *poissons*. Significará pois *cardume*. Ora o Prof. Max Leopold Wagner[1] explicou recentemente o português *alabão, alavão* do latim *alleramen* que significa precisamente também *cardume*. Quere dizer: a idéia do colectivo de peixes não é incompatível com a de gado; o cardume está próximo do rebanho: seres muito diversos em circunstâncias idênticas. Isto devia bastar para confundir não os seres, mas precisamente as palavras tradutoras dessas circunstâncias; essas palavras só eram diferentes porque... os seres o eram também; mas a tendência generalizadora do povo não tardou a reconhecer essa identidade de circunstâncias e passar a designá-las só por uma das palavras. Foi o que sucedeu com o *alleramen* ao passar para *alabão, alavão*. O mesmo devia ter sucedido (se é boa a minha hipótese) com o *fato* (rebanho) derivado de حات (*hātu*), cardume, dos árabes.

Se é frágil esta hipótese não será sob o ponto de vista fonético. A semântica parece-me não se opor, tanto mais que há, como disse, um caso perfeitamente paralelo.

Embora o faça com muita hesitação não quero deixar ainda de assinalar êste facto: aparece em Gil Vicente, pelo menos duas vezes, a expressão *fato de gado* (*hato de ganado* quando escreve em castelhano); exemplos:

> Conociste a Juan domado
> que era pastor de pastores,
> Yo lo vi entre estas flores
> con gran *hato de ganado*,
> con su cayado Real...

Vem êste passo no *Auto Pastoril Castelhano*[2], mas pode ser acrescentado com mais êste da *Mofina Mendes:*

> Moſina Mendes he ca
> cum *fato de gado* meu[3].

---

[1] *Alg. Arab.*, p. 432.

[2] Fl. 2 *v* da edição fac-similada da Biblioteca Nacional.

[3] Fl. 22 *v*.

Tratar-se-á de um pleonasmo com fins artísticos, ¿ou de uma expressão ainda vulgar na língua popular da época?

A ser real esta segunda hipótese julgo que essa expressão mostra ainda na sua segunda parte o esclarecimento de que *fato* se tratava.

Aqui fica a sugestão.

Em Hita (est. 1011) aparece com a idéia de multidão: «En grand *hato* darie gran lucha é grand conquista».

*

Fato significa portanto no português arcaico e dialectal *rebanho*. A sua etimologia poderá talvez ser a que acabo de apresentar.

O rebanho representava uma riqueza mais ou menos apreciável conforme a sua quantidade e qualidade. Ainda hoje pelo número de cabeças de um rebanho se pode avaliar a fortuna do respectivo proprietário.

Em grande número de casos o gado constituia (e constitui ainda) a única riqueza de muitos indivíduos.

Não admira por isso que a palavra *fato* se empregasse para designar os bens de um indivíduo; em breve o sentido seria, como é natural entre pastores, o de *bens móveis;* os haveres em geral e tanto podiam ser os de uma pessoa como até a carga de um navio, como se verá em alguns exemplos apresentados mais abaixo[1].

Não conheço passos abonatórios de estas significações em autores portugueses anteriores a Gil Vicente.

Neste conheço vários exemplos, mas para não estar a avolumar, vou citar só estes tirados da farsa *Almocreves:*

VASC. Cujo he o *fato* Pero Vaz (?).
PERO. Dum fidalgo, dou eo diabo
o *fato*, ɔ seu dono eo elle.
VASC. Valente almofreyxe traz.

Fl. 230 v.

PAGE

Senhor o almocreve he aq̃lle
que os chocalhos ouço eu,
este he o *fato* senhor.

---

[1] Nesta explicação não deve ser posta de parte a etimologia do latim *pecunia*. Como se sabe a sua base está em *pecus*. *Pecunia* significava *riqueza*, primeiramente em gado, depois em geral e acabou por designar o dinheiro. Cf. Bréal e Bailly, *Dict. étym. Latin*, s. v. *pecus* onde se fazem considerações bem elucidativas sôbre o que aconteceu em gótico.

FIDA. Ponde todos cobro nelle.
PERO. Uxtix, mulo do judeu,
o *fato* hu saa de por (?)

Fl. 231.

PAGE Senhor ali vem o *fato*
& estaa ha porta o almocreue
vede quem lhaa de pagar
isso tal que se lhe deue.
.....
Entra dentro o almocreue, & diz:
Senhor trouxe a frascaria
de vossa merce aqui
hi estam os mus albardados.

Fl. 231 v.

Já mais tarde Fernão Mendes Pinto fornece-me maior exemplificação: «... achey hũa caravella d'Alfama, q̃ hia com cavallos & *fato* de hum fidalgo para setuval...»[1]; «... daly a treze dias... nos puserão outra vez em leilão com toda a mais presa, assi de *fato* como de artilharia que se tomou nas fustas, de que por então se fez bom barato...»[2]; «... & achãdo nella obra de quatrocentos Achẽs occupados no despojo dalgum pouco *fato* q̃ ainda nella (cidade de Malaca) avia...»[3]; «Feita esta justiça neste cossayro & nos outros, se fez inventayro do que o junco trazia, & se orçou a valia da presa em quasi quarẽta mil taeis em seda, & peças de citim & damasco, & retròs, & almisere (*sic*), a fora muyta soma de porcelanas finas, & outro *fato* que foy forçado queimar-se co junco juntamente, por não haver esquipação para o marear»[4]; «... baldeando o *fato*[5] da lanteaa dentro no junco, a varamos em terra para a espalmarmos, por nos ser necessaria para fazermos agoadas nas portas onde entrassemos»[6].

Fato na acepção de veste é documentável já no *Libro de Buen Amor* do Arcipreste de Hita:

La vaquerisa traviersa
Dixo: «Luchemos un rato,
»Lyévate dende apriesa,
»Des buélvete d'aques' *hato*»[7].

[1] *Peregrinação*, cap. 1.
[2] *Idem*, cap. 6.
[3] *Idem*, cap. 28.
[4] *Idem*, cap. 52.
[5] *Idem*, cap. 55.
[7] Est. 971.

6 «Beo un monte grande de muchos viejos çapatos,
«Quellas rrotas é paños rotos é viejos *hatos*,
«E veo las tus manos llenas de garavatas,
«Dellos están colgados muchas gatas é gatos»[1].

Com a acepção de vestes a palavra tem pois documentação antiga em espanhol. Em português antigo não posso documentá-la, mas não há dúvida que hoje tem emprêgo larguíssimo.

A mais antiga abonação que conheço vem em Fr. Luis de Sousa, *Vida do Arcebispo*[2]: «quando se quis vestir sentiu a differença do *fato*».

Se fôr exacta a minha proposta, temos pois a seguinte sucessão semântica: *cardume* (em árabe) > *rebanho* (já em português) > *propriedade, bens móveis* > *vestes* em geral > *fato* (colecção de casaco, calça e colete). E assim se simplifica tudo o que se tem dito a propósito dos vários *fatos* demonstrando-se:

1. Que as três acepções da palavra (rebanho, haveres e veste) não são convergentes fonéticas, mas divergentes semânticas.

2. Que o étimo é o mesmo.

3. Que o étimo é o árabe حاتٌ (*hātu*), *cardume*.

4. Que se invalidam tôdas as explicações apresentadas de entre as quais nenhuma ainda tinha merecido considerações sérias por parte dos estudiosos[3].

13. Ginete

Dozy deriva esta palavra de زناتي (*zanāta*), nome duma tribu berber que fornecia Granada de cavaleiros «qui étaient les plus fermes appuis de ces princes»[4].

Acêrca da acção dêsses povos na política ocidental podem consultar-se a *História dos Berberes* de Iben-Calduno[5]; os *Prolegómenos* do mesmo[6] e o *Cartaz*[7].

Além da de Dozy outras explicações têm sido apresentadas; assim Diez (*Dic.*, 455) o grego γυμνήτης, soldado armado ligeiramente, e Diefenbach de γίννος[8].

---

[1] Est. 1472.
[2] I, 20.
[3] Cf. a propósito o *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes, s. v.
[4] *Glossaire*, s. v.
[5] II, 541, 542.
[6] Vol. I, p. 326.
[7] P. 203 da tradução e 154 do texto arábico.
[8] Cf. Dozy, s. v.

A hipótese de Diez ainda mereceu a confiança de Cândido de Figueiredo...

Embora não perfeitamente parece-me que Dozy está próximo da verdade, se é razoável a minha opinião.

Ginete teve uma significação diferente da moderna: não designava o *cavalo*, mas sim o *cavaleiro*. Passos exemplificadores:

Don Foão, que eu sei que á preço de livão,
vedes que fez ena guerra — daquesto são certão:
sol que viu os *genetes*, come boi que fer tavão,
sacudiu-s' e revolveu-se,
alçou rab' e foi sa via a Portugal.

Don Foão, que eu sei que á preço de ligeiro,
vedes que fez ena guerra — da questo sou verdadeiro:
sol que viu os *genetes*, como bezerro tenreiro,
sacudiu-s' e revolveu-se,
alçou rab' e foi sa via a Portugal.

Esta graciosa poesia, que eu copiei das *Lições de Literatura Portuguesa — Época Medieval*[1], de Rodrigues Lapa; é a n.º 1:558 do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*.

Outra extraída da mesma obra que desta vez a foi tirar ao *Cancioneiro da Vaticana*[2].

o *genete*
pois remete
seu alfaraz corredor,
estremece
e esmorece
o coteife com pavor.

Vi coteifes orpelados
estar mui mal espantados
e *genetes* trosquiados
corrian-nos a redor
.....

Nestes versos alude-se evidentemente aos cavaleiros mouros oriundos das populações zenetes.

Mais um passo: «... e a terceira reguarda, e as outras duas azes o Ifante levava comsigo, dous mil e trezentos de cavallo, a fóra os corredores que agora chamam *ginetes*». Vem êste trecho na

[1] P. 135. Acêrca desta poesia q. v. *Zeitschrift für romanische Philologie*, XXV, p. 300.

[2] N. 74.

Crónica de El-Rei D. Afonso Henriques[1], de Duarte Galvão. Gonçalves Viana já o utilizara para fazer a mesma comprovação semântica nas suas *Apostilas*[2].

Dozy limita-se também a dizer que *ginete* significa «cavalier armé d'une lance et d'un bouclier» e só no fim do artigo nos diz que «les Espagnols, les Italiens et les Français ont aussi donné le nom de *cavallo ginete* (*Costes de Leon y de Castilla*, I, 619), *ginnetto, giannetto, genet,* à une espèce de cheval d'Espagne entier». Em português sucedeu o mesmo.

Ora é a expressão *cavalo ginete* que leva a pensar numa outra explicação da palavra um tudo nada diferente da de Dozy: um *ginete* (cavaleiro) como um *ginete* (cavalo, *cavalo ginete*) são autênticos nomes étnicos como português, inglês, árabe, etc.

Estes nomes étnicos representam-se em árabe pelos chamados nomes relativos que se formam acrescentando à palavra primitiva o sufixo ـيّ (*-ī*) e assim um magrebino é مغربيّ (*magrebī*) de مغرب (*magreb*), um lisboeta era لشبونيّ (*lixbōnī*) de لشبونة (*lixbōna*), etc.

Um zenetense não podia deixar de ser زناتيّ (*zanātī*) de زناتة (*zanāta*). De *zanātī* fàcilmente se chega a *ginete*.

Acrescente-se ainda que a forma proposta por Dozy não pode explicar a portuguesa sob o ponto de vista fonético: em vez de *ginete* daria *gineta;* ao contrário, a que eu proponho não se opõe a essa evolução.

14. Leilão

Ainda não se generalizou uma explicação aceitável para esta palavra, talvez porque Dozy e Engelmann não a encontraram.

Estudei-a em tempos. Encontrei uma forma árabe que me satisfez plenamente. Guardei por algum tempo o meu achado. Embora o fizesse involuntàriamente verifiquei há pouco que fiz bem: no nunca demais citado *Hobson-Jobson*[3] encontrei a alusão às notas manuscritas de C. P. Brown onde se dá à palavra a mesma origem que então eu lhe tinha atribuído. Fiquei satisfeito por um lado, mas aborrecido por outro: verifiquei que, se havia êrro no que eu concluíra, não tinha sido eu o único enganado, mas essa explicação perdeu toda a originalidade.

---

[1] Cap. LII, p. 148, na edição da *Biblioteca dos Clássicos Portugueses.*

[2] Vol. I, p. 510.

[3] S. v. *neelam.*

Mas como o *Hobson-Jobson* não é das obras mais folheadas entre nós, vou dizer qual é a explicação de Brown (dou-lhe a prioridade, porque se ocupou do problema primeiro do que eu) depois de ter pôsto os pontos nos *ii:* devia ser de العلام (*al-ʿalām*), *estandarte, bandeira; aviso; tabuleta, anúncio.* O *a* do artigo caiu deixando o *l*, como sucedeu em *leziria* (de um *alzezira* de الجزيرة, *aljazīra, a ilha*[1]), *lacrau* (de العقرب, *al-ʿaqrab*), *Loulé* de العلية (*al-ʿaluia, a altura*[2]), *Larache* (de العرائش, *al-ʿarāiš, a latada*), etc.

George Colin, nas suas *Notes de Dialectologie Arabe*[3], diz esta palavra علام (*ʿalām*) hispânica e a única usada ainda hoje em Marrocos[4]. Segundo afirma até em nota, Amador de los Rios, *Trofeos militares de la reconquista*[5], cita essa palavra como existente nas inscrições dos estandartes dos Banū Marine.

علام (*ʿalām*) é uma forma do ocidente. Corresponde ao clássico e oriental علم (*ʿalam*). O alongamento silábico é pois local.

Mas é difícil o aparecimento do ditongo no vocábulo português. Meditei mais e, neste caso, melhor; julgo que encontrei uma explicação preferível: de الاعلام (*al-ā'lām*), que é sinónima daquela e mais vulgar. Esta já explica melhor o ditongo da forma portuguesa.

Esta palavra vem no *Dictionnaire* de Ben-Cedira.

A palavra portuguesa passou para o Oriente: originou no hindustani نيلام (*nīlām*)[6] e no dialecto chinês de Cantão *yélang*[7].

Passos abonatórios antigos em português: «... & tudo o que foy tomado em Mombaça que veo a monte foy vẽdido ẽ *Leilão*, a quẽ por ele mais deu...», Castanheda, *História*, II, cap. XIII; «Gil Fernandes de Carvalho lhos aceitou, e logo se foi pôr na praça (de Cochim) a onde se fazem *leilões*», D. Couto, *Década* VI, X, 9; «... os sete que ficamos vivos fomos postos em *leilão* em hũa praça, onde todo o povo da cidade estava jũto...», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. 6; «... estavamos na praça para nos venderem em *leilão*...», *idem, ibidem*, mesmo cap.; «... a cousa acabou de estar

---

[1] Cf. DAVID LOPES, no *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. V, p. 449.

[2] Cf. DAVID LOPES, *Os Arabes nas Obras de Herculano*, p. 38.

[3] Publicadas na *Hespéris*, vol. X.

[4] P. 106.

[5] Madrid 1893. P. 116 e 127.

[6] ST. CLAIR TISDALL, *Hind. Convers.-Gram.*; *Hobson-Jobson*, s. v., *neelám*,

[7] *Hobson-Jobson*, loc. cit., onde se dão mais formas.

de todo quieta, nos puseraõ outra vez em *leilão* com toda a mais pressa...», *idem, ibidem*, mesmo cap.; «Vẽdo ... que lhes não servia eu para o officio que tinhão, q̃ era andarem sempre medidos na agoa pescando, me puseraõ em *leilão* por tres vezes, sem em todas ellas aver quem quisesse fazer lanço em mim...», *idem, ibidem*, cap. 24.

15. Marfim

No *Hobson-Jobson* (s. v. *Elephant*) diz-se, e muito bem, que a palavra árabe فيل (*fīl*), *elefante*, «is natural to connect with it the Spanish for «ivory» (*marfil*, Port *marfim*), but no satisfactory explanation has yet been given of the first syllabe of that word».

Durante algum tempo pensou-se na expressão ناب فيل (*nab fīl*), forma incorrecta por ناب الفيل (*nab alfīl*). Engelmann pôs essa explicação de parte. Fez bem; ela não serve. Foi pena não ter encontrado uma explicação, mas cita as formas *olmafi* em Viterbo e *almafil* em Du Cange.

Dozy aceita aquela expressão e diz que os espanhóis poderiam muito bem ter suprimido o *ma-* e mudado o *b-* em *m* e o *l* em *r*, mas mais prudentemente acaba por confessar que não sabe explicar também. Devia ter começado por aí.

Segundo Reinhardstoettner (*Grammatik der Portugiesischen Sprache*, p. 92 nota) D. Carolina Michaëlis nos *Studien zur romanischen Wortschöpfung* (1876, p. 35) explicou *marfil* de *orfil, arfil* (do árabe الفيل) por influência de... *marmol*.

A palavra é antiga no português. Na fase arcaica da língua aparecem as formas *marfil*[1] e *marfi*[2]. Aquela é anterior a esta; segundo eu penso *marfim* surgiu de *marfi*, como Valadim de بلدي (*baladī*). Foi o que sucedeu com a palavra *alfim*, peça do jôgo do xadrez[3], de الفيل (*al-fīl*). Na *Corte Imperial* já aparece *marfim*: «... estauam outras duas cadeiras muy ricas e muy fremosas, hũa d'ellas de *marfim* e outra pedra que chamam labastro», nos *Textos Arcaicos* de Leite de Vasconcellos, p. 60.

---

[1] Cf.: «... ascentados ẽ cadeiras d'ouro e de *marfil*, em sijam...», *Crestomatia Arcaica*, p. 67. No *Arcipreste de Hita*, também aparece essa forma: «Un marfyl ochavado, nunca vistes mijor», est. 1267. É a forma espanhola.

[2] Cf.: «Fez aly el Rey hũa cadeira grande de *marfy* cuberta d'ouro...», *Inéditos de Alcobaça*, III, p. 18.

[3] «No jogo do Xadrez he o elefante», *Novo Diccionario da Lingua Portugueza* composto sobre os que até o presente se tem dado ao prelo», Lisboa 1806.

Em minha opinião a explicação desta palavra é outra: tal como se disse no passo mais acima transcrito do *Hobson-Jobson* não há dúvida que em *marfim* está a palavra árabe que traduz elefante; mais: essa palavra vem acompanhada pelo artigo que, como em *armazém*, passou a *r*; temos portanto explicado tôda a palavra excepto um elemento inicial que na palavra portuguesa (e espanhola) está representado apenas por um *m*. Qual será êle?

Dente em árabe é سِنّ (*çinn*) ou mais vulgarmente سِنّة (*çinna*)[1]. Esta é uma forma feminina.

É uma característica da língua arábica que, ao imputar-se a alguma cousa ou a alguém uma qualidade, isso se faça geralmente acompanhando o que se imputa pela palavra أبو (*abū*) se a pessoa ou cousa imputada é masculina, ou أم (*um*) se é feminina. As expressões devem-se então traduzir por *o de, a de*, ou mais simplesmente (e se fôr possível) por um adjectivo: أبو كرش (*abū kerx*), *o da barriga, barrigudo;* أبو الهول (*abū al-ᶜaual*), *o do terror, o terrificante: a Esfinge;* أم قرقر (*um qarqar*), *a do coaxar: o sapo.*

Ora para se designar o *marfim* dir-se-ia أم الفيل (*um alfīl*), porque, como vimos, سِنّة (*dente*) é uma palavra feminina. Aquela expressão era portanto um sinónimo perfeito de عاج (*ᶜāj*), *marfim*. Conforme se faz no árabe vulgar أم (*um*) reduziu-se a م (*m*) sòmente, e é esta (a ser exacta a minha explicação) a origem do *m* da palavra *marfim*.

16. Sarrafo

Esta palavra está explicada. Dalgado[2] e Yule[3] já trataram dela com segurança. Antes dêles Frei João de Sousa (*Vestígios*, s. v. *çarafo*), também se ocupou dela.

Não há dúvida que é o árabe صرّاف (*çarrāf*), *cambista* do verbo صرّف (*çarrafa*), *trocar* (moeda). É uma palavra usada hoje pelos europeus na China e na Índia e aplica-se geralmente aos encarregados pelos bancos e firmas mercantis de verificar a qualidade dos dólares entrados nessas casas comerciais. A palavra aparece com freqüência em textos portugueses dos séculos XVI e XVII; quem quiser verificar consulte as obras dos autores acima citados. Nos passos citados

[1] Assinalado por BEAUSSIER e BEN-CEDIRA pelo menos.

[2] *Glossário Luso-Asiático*, s. v.

[3] *Hobson-Jobson*, s. v. «shroff».

ver-se-há que também era vulgar a forma *xarrafo* em obras nacionais e estrangeiras[1].

Esta nota foi escrita para pôr o estudioso de sobreaviso para um facto que acabo de verificar: na edição levada a efeito pelo Sr. António Baião dos *Itinerários da Índia a Portugal por terra* há um lapso que urge corrigir; ocorre êle logo no inicio (p. 5) do *Itinerário de António Tenreiro;* é neste passo: «... he tamanha a bondade do sítio, que sobre ser taõ estéril, ha na cidade muitos, e muy ricos mercadores, e *carafos*, que cambaõ a moeda, e de grosso trato assim naturaes, como estrangeiros de diversas partes do mundo...». *Carafos* é *çarafos*, aliás *çarrafos* ou, como a ortografia moderna proscreve os *çç* iniciais, *sarrafos*.

É pena que o Sr. Dr. António Baião deixasse escapar esta particularidade da 2.ª edição da obra do grande viajante português, impressa em 1565. Decerto teve a curiosidade de saber que palavra era esta; para isso consultou com certeza Dalgado ou o *Hobson-Jobson* que o elucidaram satisfatòriamente. ¿Porque não pôs uma nota explicativa daquela irregularidade?

Tudo o que seja esclarecer nunca é demais.

*

Em Ormuz havia uma moeda com êste nome: «Le monete di Ormuz sono *saraffi*, & mezzi *saraffi* d'oro i quali chiamano azar, euui vn'altra qualità di monete d'argento, che loro chiamano Sadi, de quali vale XX. vno *saraffo*, & X. vno azar», Ramuzio, I, fl. 188 *r*.

17. Xamal

No *Ytinerario de Mestre Affonso* ocorrem estes passos: «... eu para me deffemder du vemto pestilemçial como fogo que era o que nos mais atormemtava, a que em ormuz chamão *xamal* e dizem que vem de bacorá e daquellas ilhas fijaras comarcans, me vestia debaixo hũ jubão de pano[2]...»; «Aly estivemos sempre com refresco de fruitas, nas coas calmas e vemto *xamál* que nos mataua, qvo começaua sempre ao meio dia e acabaua co sol[3]...». «Em todo o tempo

[1] «E ao *xarrafo* que tem cuidado de ver as moedas», SIMÃO BOTELHO, *Tombo*, 238; «En la mesme Ville (Goa) aux quarrefours des rues se tiennent les changeurs Indians Chrestiens appellez *Xarafos*», Linschoten, *Histoire*, p. 39 (DALGADO).

[2] P. 138.

[3] P. 140.

que durou este caminho des que nos deixou aquelle vemto *xamál* ate chegarmos a este caixão, sempre tivemos gramdes calmas de dia[1]...».

É portanto o nome que se dava a um vento no Oriente, em Ormuz segundo diz o autor.

Não tenho dúvidas sôbre a etimologia dêste vocábulo. É o árabe شمال (*xamāl*), *norte;* na realidade o primeiro passo abona perfeitamente esta explicação: era um vento que soprava em Ormuz vindo, segundo se dizia, de Baçorá, cidade que se encontra ao Norte daquela onde se cobriu de glória Albuquerque.

Alguns livros consultados

AFONSO (MESTRE).—V. Baião, *Itinerários.*

Ajbar Machmua.—V. Lafuente y Alcantara.

Annales Regum Mauritaniae a condito Idrisidarum Imperio ad Annum fugae 726 ab Abu-l Hasan Ali Ben Abd Allah Ibn Abi Zer' Fesano. Edição de C. J. Tornberg; Upsala 1846.

ASIN (MIGUEL).—V. Ribera (Julián).

AZEVEDO (PEDRO DE), *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos publicados... sob a direcção de Pedro de Azevedo;* Lisboa 1915.

AZURARA (GOMES EANES DE), *Chronica do Conde D. Duarte de Menezes* nos *Inéditos da História Portugueza;* vol. III.

BAIÃO (ANTÓNIO), *Itinerários da Índia a Portugal por terra*, revistos e prefaciados por... I.—*Itinerário de António Tenreiro.* II.—*Itinerário de Mestre Afonso;* Coimbra 1923.

—— *História Quinhentista (Inédita) do Segundo Cêrco de Diu...* publicada e... prefaciada por...; Coimbra 1927.

BEAUSSIER (MARCELIN), *Dictionnaire Pratique Arabe-Français.* Nouvelle édition, revue, corrigée et augmentée par M. Mohamed ben Cheneb, Alger 1931.

BELOT (J. B.), *Vocabulaire Arabe-Français à l'usage des Étudiants;* 3.ª ed., Beirute 1893.

BEN-SEDIRA (BELKASSEM), *Dictionnaire Arabe-Français...;* nouvelle édition, Alger s. d.

—— *Dictionnaire Français-Arabe...;* nouvelle édition, Alger s. d.

CAÑES (FR. FRANCISCO), *Diccionario Español-Latino-Arabigo;* Madrid 1787.

Cartaz.—Ver *Annales Regum Mauritaniae.*

CASTANHEDA (FERNÃO LOPES DA), *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses;* nova edição, Lisboa 1833.

DALGADO (M. SEBASTIÃO RODOLFO), *Glossário Luso-Asiático;* Coimbra 1919–1921.

Documentos remetidos da Índia ou Livro das Monções publicados de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas-Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato; Lisboa 1880.

[1] P. 169.

DOZY et ENGELMANN, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*; Leida 1869.

ENGELMANN.—V. DOZY.

ESTEVES PEREIRA (F. MARIA), *Vida do Abba Samuel do Mosteiro do Kalamon*. Versão ethiopica. Memoria destinada á X sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas; Lisboa 1894.

FENELL (C. A. N.).—Cf. *Stanford Dictionary*.

FIGUEIREDO (CÂNDIDO DE), *Novo Dicionário da Lingua Portuguesa*; nova edição, Lisboa 1913.

GALVÃO (DUARTE), *Chronica de El-Rei D. Affonso Henriques*. Bibliotheca de Classicos Portuguezes; Lisboa 1906.

GÓIS (DAMIÃO DE), *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*; nova edição... dirigida por J. M. Teixeira de Carvalho e David Lopes, Coimbra 1926.

GÓLIO (JACOB), *Lexicon Arabico-Latinum*; Lugduni Batavorum 1653.

GOMES (EMÍLIO GARCIA), *La «Qaṣîda Maqṣūra» del Qarṭāyanni* in *Al-Andalus*: vol. I.

HERCULANO (ALEXANDRE), *História de Portugal*; 8.ª edição, Lisboa s. d.

HITA (ARCIPRESTE DE), *Libro de Buen Amor*; edição dos *Clasicos Castellanos*, edição e notas de Júlio Cejador y Frauca, 2 vols, Madrid 1911-1913.

IBN. KHALDOUN, *Prolégomènes Historiques* na colecção *Notices et Extraits des Manuscrits de la Bibliothèque Impériale et autres Bibliothèques* (tomos 19, 20 e 21), Paris, Imprimerie Impériale 1862, 1865, 1868.

LAFUENTE Y ALCÁNTARA (D. EMÍLIO), Coleccion de obras arábigas de Historia y Geografia que publica la Real Academia de la Historia; tômo primeiro —*Ajbar Machmuâ* (Coleccion de tradiciones). Crónica anónima del siglo XI, dada á luz por primeira vez, traducida y anotada por—, Madrid 1867.

LEÃO (ANTÓNIO DA COSTA), *Prontuário de Ortografia*; 5.ª edição, Lisboa 1934.

LEÃO (DUARTE NUNES DE), *Origem e Orthographia da Lingua Portugueza*; nova edição correcta, e emendada, conforme a de 1784, Lisboa, Typographia do Panorama, 1864.

LOPES (DAVID), *Alguns vocábulos Arábico-Portugueses de natureza religiosa, étnica e lexicológica*. Separata da *Miscelânea de Estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos* (*Rev. da Univ. de Coimbra*, vol. XI), Coimbra 1930.

—— *Anais de Arzila*. Cf. Rodrigues (Bernardo).

—— *Os Arabes nas Obras de Alexandre Herculano*. Notas marginaes de lingua e historia portuguesa. Separata do *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa; vols. III e IV, Lisboa 1911.

—— *Textos em Aljamia Portuguesa*. Documentos para a História do dominio português em Safim, extrahidos dos originaes da Torre do Tombo; Lisboa 1897.

LOPES (FERNÃO), *Crónica de D. Pedro I*. Com uma introdução por Damião Peres; Barcelos 1932.

MACHADO (JOSÉ PEDRO), *A fala da moura das «Côrtes de Júpiter»* in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*; tômo V, p. 221.

NASCENTES (ANTENOR), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*; Rio de Janeiro 1932.

NUNES (JOSÉ JOAQUIM), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* (*Fonética e Morfologia*); 2.ª edição, Lisboa 1930.

PIDAL (RAMÓN MENÉNDEZ), *Cantar de Mio Cid*. Texto, gramática y vocabulário; Madrid 1908–1911.

POMBINHO JÚNIOR (TENENTE), *Vocabulário Alentejano* (*Subsídios para o léxico português*) in *Rev. Lus.*; XXV, p. 53.

RIBEIRO (JOÃO), *Curiosidades Verbaes*. Estudos applicaveis à lingua nacional. São Paulo 1927.

RIBERA (JULIÁN), *Manuscritos árabes y Aljamiados de la Biblioteca de la Junta* (sc. para ampliación de Estudios é investigaciones científicas). Noticia y Extractos por los alumnos de la sección árabe bajo la dirección de... y M. Asín. Madrid 1912.

RODRIGUES (BERNARDO), *Anais de Arzila*. Crónica inédita do século XVI... publicada por ordem da Academia das Sciências de Lisboa e sob a direcção de David Lopes; Lisboa 1915–1919.

Scriptores; Lisboa 1856.

SILVEIRA (JOAQUIM DA), *Toponimia Portuguesa* in *Rev. Lus.*; XVI, XVII, XXIV, XXXIII.

SOUSA (FR. JOÃO DE), *Vestígios da Lingua Arábica em Portugal*. Edição aumentada e anotada por Fr. José de Santo António Moura. Lisboa 1830.

STANFORD (THE) DICTIONARY OF ANGLICISED WORDS AND PHRASES, by C. A. M. Fenell; Cambridge 1892.

TENREIRO (ANTÓNIO).—Cf. Baião, *Itinerários*.

TORNBERG (C. J.)—V. *Annales Regum Mauritaniae*.

VASCONCELOS (D. CAROLINA MICHAËLIS DE), *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e comentada; Halle 1904.

VIANA (A. R. GONÇALVES), *Apostilas aos Dicionários Portugueses*; 2 vols. Lisboa 1906.

—— *Ortografia Nacional*; Lisboa 1904.

—— *Palestras Filológicas*; 2.ª edição, Lisboa 1931.

VICENTE (GIL), *Obras completas de*... Reimpressão «fac-similada» da edição de 1562. Lisboa 1928.

VITERBO (FR. JOAQUIM DE SANTA ROSA), *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram*... Segunda edição, Lisboa 1865.

WAGNER (M. L.), «Sobre alguns Arabismos do Português». *Biblos*, vol. X, pp. 427–453.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

Verbos de significação e sintaxe variáveis

Cometer

Figura êste verbo no falar corrente de hoje sem a antiga elasticidade semântica. Continua inalterado, graças à acção conservadora dos estilos jurídico e eclesiástico, o sentido de praticar acto mau, condenável, desacertado: *cometer crime* ou *delito, cometer pecado, êrro, falta.*

O eruditismo rehabilitou o derivado *acometer* (menos usado outrora que a forma *cometer*), de tal forma que se vai vulgarizando como expressão mais elegante que *atacar*. Os quinhentistas, por sua vez, desconhecedores do estrangeirismo *atacar*, ou não familiarizados ainda com êle, punham em seus escritos naturalmente o verbo *cometer*. Aparece-nos a cada passo nas inúmeras descrições de combates que nos legaram Castanheda, João de Barros e Diogo do Couto. Encontrei o têrmo novo, porém tomado em acepção diferente, em Fr. Luís de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, I, 59: «como se vê em boa filosofia na polvora da espingarda, que faz mayor effeyto, quanto mais *attacada*».

Cometer, nas crónicas antigas, parece dizer o mesmo que o moderno *atacar*, quando tem por complemento nome ou pronome que denote pessoa a cousa agredida: *cometer os inimigos, a fortaleza, o baluarte*, etc. Porém esta opinião se desconcerta quando se verifica que se dizia não sòmente «*commetter a entrada* da fortaleza», mas ainda «*commetter entrar* a fortaleza» (Barros, *Déc.*, 3, 3, 2), «*commettendo si dar sobre* a cidade de Dabul» (*ib.*, 3, 3, 8).

Tinha-se de certo em mente o tentar vencer, tentar realizar o propósito com esfôrço, temeridade ou atrevimento. Em «queria *cometer a passagem*... e assim *cometer o rio*» (Couto, *Déc.*, 7, 2, 9), o verbo significa sem dúvida tentar forçar a passagem. Nos *Lusíadas* percebemos o pensamento da ousadia em: «Que destino tam grande ou que ventura vos trouxe a *cometerdes* tal *caminho*» (VII, 30); «Eu

que *cometo* insano e temerario... *Por* tal *caminho* tam arduo, longo e vario» (VII, 78); «*cometer*... tam incertas *viagens*» (VIII, 61).

E se ao sentir de hoje, habituado a identificar *acommeter* com *atacar*, o conceito de *tentar* parece apenas subjacente nos trechos apontados, vemo-lo em todo o caso vir perfeitamente à tona em outros do poema:

Cometeram soberbos os gigantes
Com guerra vã o Olimpo claro e puro;
Tentou Peritho e Theseo, de ignorantes.
O reino de Plutão horrendo e escuro.
Se houve feitos no mundo tam possantes,
Não menos é trabalho ilustre e duro;
Quanto foi *cometer* inferno e céu,
Que outrem *cometa* a furia de Nereu.

(II, 112).

Na fatídica nau que ousou primeira
Tentar o mar Euxinio, aventureira.

(IV, 83).

Vistes, que com grandíssima ousadia
Foram já *cometer* o céu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
De *tentarem* o mar com vela e remo.

(VI, 29).

O ímpeto e fúria de quem se atira sôbre pessoa ou cousa para vencer e dominar exprime-se com mais precisão empregando o verbo *remeter* ou *arremeter*. Camões escreveu «*contra o touro remete*», mas o verbo construia-se de ordinário com a partícula *a*: «*arremeteo á* tranqueira... tornou a *arremeter aos* mouros» (Castanheda, 5, 59); «*remeterum ao* baluarte» (*ib.*, 5, 81); «*remeteram* delles *á* fortaleza» (Barros, *Déc.*, 3, 7, 5); «*remeteram aos* mouros (*ib.*, 3, 9, 8).

Diogo do Couto também usa *remeter, arremeter a*; porém muitas vezes prefere fazer o verbo reger a partícula *com;* sintaxe que parece resultar da combinação dos pensamentos *arremeter a* + *vir ás mãos com* o adversário. Por extensão, aplica o autor *remeter com* ao ataque a lugares que servem de defensão: «*arremeteram com* os inimigos... e os levaram de arrancada» (*Déc.*, 6, 2, 6); *remeteram com* os inimigos como leões bravos (*ib.*, 6, 2, 10); «*remeteram ao* baluarte... *remeteram com* o baluarte (*ib.*, 6, 3, 2); *remeteram com* o baluarte... *remetendo com* os inimigos (*ib.*, 6, 3, 5).

Digressão amável do significado mais geral de tentar vencer resistência fisica por meios violentos é o uso do verbo *commeter* quando se procurava dominar a resistência moral de outrem sòmente

com palavras brandas e insinuantes: *commeter pazes, commeter um negócio*. Compare-se o trecho dos *Lusíadas*, VIII, 59: «O contrato fizer por longos annos *Que* lhe *comete* o rei dos Lusitanos».

Estas cousas se dizem hoje com o verbo *propor*, graças à alteração semântica que se produziu neste vocábulo. Para os quinhentistas *propor* era *pôr*, em linguagem figurada, diante de si ou de outrem; isto é, ou significava tomar o propósito («*propuseram* de vencer os trabalhos e perigos», *Lus.*, VIII, 70), ou expor um acontecimento («*propõe*-lhe as figuras da visão», *Lus.*, IV, 76).

Em *commeter pazes ao inimigo* e outros dizeres em que se emprega o verbo *commeter* com o nome de pessoa em dativo, passa a plano secundário a tentação do proponente. Entende-se que a pessoa a quem êle se dirige, consultando seu próprio interêsse, estará inclinada a aceitar a proposta. Camões redigiu «o contrato... que *lhe comete* o rei dos Lusitanos», pois que «a fôrça da cobiça» e «o grandíssimo proveito» do gentio bem superam a intenção do proponente.

A redacção será outra em situação diferente. Comparem-se com o caso referido: «Quanto ao dinheiro *com que o cometia* não era elo homem que por nenhum thesouro fosse contra o serviço de seu rey» (Couto, *Déc.*, 7, 2, 3); «vendo Melique Xeque quão duro o achava naquelle negocio, o mandou *cometer com* cem mil maldrafaris» (*ib.*.); «proveitoso era ao serviço de Deus e de elrey nosso senhor aceytar este partido *com que* Chambainhaa *os cometia*» (F. M. Pinto, 2, 282).

Commeter também se usava para significar o propor a alguém o desempenho de um cargo ou confiança. Difere de *encarregar*, *incumbir*, *confiar*, (acepções que se lhe tem atribuído) em ser acto consultivo. Aguarda-se acquiescência ou recusa antes de tomar qualquer deliberação: «Não se atrevia a *cometer* Antonio Moniz Barreto *com* aquelle negocio, que era hum homem fidalgo e andava separado e aggravado delle» (Couto, *Déc.*, 6, 2, 7); «vendo o governador que lhe era necessario prover aquella fortaleza *cometeo* alguns Fidalgos velhos *com* ella, e todos se lhe escusaram» (*ib.*, 6, 4, 4).

A proposta expressa por oração substantiva requere o nome da pessoa em dativo. O rei de Martavão (F. M. Pinto, 2, 279–82) vendo-se cercado com fôrças muito superiores às suas, falto de tudo e sem esperança de socorro, reúne conselho, no qual se assentou que «tentasse elrey o inimigo por interesse, o que elle logo pôs por obra e *lhe* mandou *cometer que* levantasse o cerco e que lhe daria por isso... um conto de ouro. Ao que foy respondido pelo rey de Bramaa que nenhũ partido lhe avia de aceitar se não se entregasse

primeyro em seu poder. Outra vez *lhe cometeo*... que o deixasse sayr em duas naos... o que tambem não lhe quis conceder... Terceira vez *lhe* mandou *cometer* que se retirasse co seu campo... o que tambem lhe foy negado».

Começar, continuar, acabar

Momento inicial, prosseguimento e momento final pertencem naturalmente a factos de certa duração. Os verbos que denotam essas fases dependem, portanto, de outros verbos ou de nomes que signifiquem acção duradoura. Esta se achará ora no sujeito de *começar, continuar, acabar* e sinónimos, ora em um têrmo complementar, omitido, às vezes, quando sem êle se entende o pensamento: *a guerra começa, continua, acaba; começaram o trabalho* ou *a trabalhar; a chuva começa* [i. é., a cair]; *as cousas continuam* [i. é., o seu curso habitual].

Por brevidade de linguagem, ou talvez por metonímia, ajunta-se muitas vezes aos referidos verbos um têrmo complementar que pertence a um conceito latente, verbo, nome de acção ou frase: *continuo com o mesmo médico* por *continuo a tratar-me com o mesmo médico; concluiu com lhe dizer* (Couto, *Déc.*, 7, 3, 1) em lugar de *concluiu o discurso com lhe dizer*. Exemplos em profusão nas *Décadas* quando o autor procura abreviar a linguagem *continuar, concluir a narração* do que sucedeu com determinada pessoa ou cousa. Baste apontar: «e porque lhe não succedeo este verão cousa notavel, *acabaremos* aqui *com elle,* porque he necessario *continuar com a armada* de D. Francisco de Mascarenhas» (Couto, 7, 10, 2); «succederam tantas cousas juntas neste mesmo tempo, que não foi possivel poder *continuar com ellas* por sua ordem» (*ib.*, 6, 10, 7); «*concluiremos* aqui *com este governador*» (*ib.*, 7, 5, 8).

A construção *começar a* (em port. ant. também *começar de* ou simplesmente *começar*), *continuar a, acabar de,* com infinitivo, nada oferece de notável senão que *acabar de* se costuma dizer de cousa feita ou sucedida momentos antes (cf. fr. *je viens de recevoir une lettre*). Evita-se a confusão, enunciando o momento terminal por um substantivo pôsto adiante do verbo sem partícula: *acabei a leitura* em vez de *acabei de ler*.

A qualquer dos três verbos se ajusta directamente o têrmo complementar sob a forma de nome ou pronome, como se costuma com os verbos chamados transitivos. É esta sintaxe própria do falar corrente quando cogitamos sòmente do início, prosseguimento e ter-

minação. Mas se importa fazer sentir que o acto se liga a certas circunstâncias, dificuldades a vencer, fadiga, conveniência, etc., diremos que se começou, continuou, acabou *com* alguma cousa. O construtor *começa com* a obra depois de muita promessa vã e fazendo-me esperar vários meses; o negociante, depois de uma série de contratempos, resolve *continuar com* o negócio se a sorte finalmente lhe sorri, ou *acabar com* êle se perde tôda a esperança. *Acabo* a casa, os estudos, o livro, a pintura quando a minha ocupação com essas cousas chegar ao ponto em que naturalmente há-de parar por estarem elas terminadas. *Acaba*-se *com* a propagação da epidemia, *com* a praga das formigas, *com* as reclamações, *com* a gritaria, fazendo cessar juntamente com o mal os aborrecimentos que nos estava causando. O cronista *continua com* a narração que fôra forçado a interromper, e *acaba com* a narração com que não convém continuar.

Apesar dêstes e outros casos em que instintivamente e com segurança usamos da partícula *com*, é necessário não esquecer que em subtilezas de linguagem ou, melhor, em diferenças de natureza psicológica, as fronteiras se apagam muitas vezes. Pode até suceder que para algum caso o hábito fixe uma linguagem em contradição com a norma para casos análogos. Diz-se *continuar a viagem, o trajecto,* ainda quando a viagem tenha sido ameaçada por interrupções e transtornos da pior espécie. Também pode variar o modo de sentir de um momento a outro. Assim encontramos nas *Décadas* ora «foram *continuando a bateria*» [=acção de bater] (Couto, 10, 3, 3), ora *continuando com* a bateria (*ib.*, 10, 3, 2).

Querendo particularizar a persistência, a não interrupção, diz-se *continuar em*: «e andando *continuando na* obra da mina, chegou huma noite... huma pessoa» (Couto, 6, 2, 9); «*continuavam na* guerra contra o [rei] de Cochim» (*ib.*, 6, 10, 6); «*continuando* os catures *na* sua vigia» (*ib.*, 7, 10, 18); «o que não bastou pera ellos deixarem de *continuar em* seus intentos» (*ib.*, 7, 8, 14). Confronte-se ainda: «*continuando a guerra*» (*ib.*, 7, 9, 6), e «*continuando na* guerra e defensão dos passos» (*ib.*, 7, 9, 7).

Explicar o sentido da preposição em *começar com, continuar com, acabar com* é difícil. Distinguimos em geral o papel da partícula *com* quando denota relações de companhia, mistura, instrumento, maneira; mas servimo-nos dela também em outros casos sem percebermos claramente o sentido, cônscios sòmente de que andamos acertados seguindo praxe geral e antiga. A indagação aqui lança o olhar para um campo nebuloso. Inclino-me a crer que a partícula *com* denotasse originàriamente junção ou proximidade (reais ou ima-

ginárias), dimanando daí as outras significações. Teria de fazer digressão longa e enfadonha se me propusesse mostrar nestas páginas a probabilidade da evolução semântica, examinando um por um os casos particulares.

Quanto aos verbos que aqui nos interessam, a partícula do têrmo complementar tem de ver menos com a acção verbal do que com o sujeito da oração, pessoa presa pelas circunstâncias ou por obrigação ao negócio, à construção da casa, à guerra, etc.

Ponto de vista diferente oferece um dos nossos verbos em linguagem antiga, hoje desusada, na qual, todavia, *com alguém* se interpreta como *junto de alguém*.

Proposta de negócio inaceitável pode ser repelida em tom categórico e definitivo. Muitas vezes, porém, o proponente não esmorece diante da firmeza do primeiro *não* e, voltando à carga com argumentos cada vez mais persuasivos, tanto faz que consegue abalar a resistência e finalmente obter o assentimento. É esta a significação da linguagem hoje fora de uso *acabar com alguém que*... «*acabou com elrey* seu genro *que* se visse na praia com Bernaldim de Sousa» (Couto, *Déc.*, 6, 9, 20); «que elle *acabaria com elle* que o satisfizesse em tudo» (*ib.*, 6, 9, 2); «e assim seria grande cousa poder V. Ex. *acabar com os mercadores* de Ruão, que tem fazenda de S. M. nos *dessem* esta quantia» (Vieira, *Cartas*, 1, 63).

Êste *acabar*, ou levar a cabo, a têrmo satisfatório as conversações e negociações entaboladas, tarefa árdua, demorada, perseverante, é linguagem inadequada para os casos em que, por conveniência ou falta de motivo, não se pode aludir a demora e obstáculos a superar. Recorria-se então a outra linguagem, menos sugestiva dessas particularidades. Em vez de *acabar com alguém que*... bastava dizer *fazer com alguém que*...: «*fizeram com o viso-rey que* lhe mandasse que servisse ambos os officios» (Castanheda, 2, 104); «pello alliviar daquella dor de animo, *fizeram com elle que* escrevesse alguma carta pera elrey» (Barros, *Déc.*, 2, 10, 8); «vista por Darvez sua determinação, lhes pedio que se não abalassem até elle ir fallar com D. Garcia, e *faria com elle que* soltasse D. Jorge» (Couto, *Déc.*, 4, 4, 4).

Se se entendia que a actuação produzia seu efeito sem contradição da outra parte, não tinha cabimento a interposição da frase entre *fazer* e *que*: «*faz que* a efficacia da virtude e santidade... transborde e se derrame por todos seus membros» (Arraiz 403); «*fez que* o infante conhecesse elrey... e que elrey desse ao infante rendas» (Nunes, *Chrest.*, 43); «os poderes dos sinos [=signos]...

fazem que todalas gentes ou são homens ou mulheres, ou crianças innocentes» (Gil Vicente, I, 149).

As duas maneiras de dizer confundiram-se em *fazer com que* alguém ou alguma cousa... linguagem corrente hoje e empregada sem rebuço por excelentes escritores modernos (por exemplo, Herculano, *Hist. da Inq.*, 3, 44; 3, 60; 3, 67; 1, 235; 2, 112 e passim). Esquadrinhadores do falar correcto supõem tratar-se aqui de um modernismo, quiçá abominável; mas a verdade é que *fazer com que* não se criou hontem:

Ide-lhe, rogo-vol-o, fallar,
E *fazei com que* me queira,
Que pareço.
(*G. Vic.*, III, 82).

Correr

Função própria do verbo *correr* é, como sabemos e sentimos, denotar locomoção veloz de homem ou animal efectuada com auxílio de pernas e pés, não acelerando e amiudando o passo de costume, mas alargando-o com movimentos rápidos a fim de abreviar caminho. A imaginação apoderou-se do verbo e, deixando-lhe embora vasto campo para aplicação do sentido primitivo, entendeu que *correr* também se poderia dizer de muitos outros actos de velocidade, ainda sem entrar nêles animal nem homem.

Não é propósito nosso enumerar e exemplificar essa variedade de acepções; o que seria repisar obra já feita pelos lexicógrafos. Examinaremos apenas alguns casos interessantes.

Correr pertence sem dúvida à categoria dos chamados verbos intransitivos; porém, não obstante expressar um conceito em si completo, condições há em que vem acompanhado de têrmo complementar sob a forma de acusativo —o que equivale a enquadrar o verbo entre os transitivos— já regido de preposição.

O acusativo provém às vezes da transformação do verbo intransitivo em verbo causativo; isto é, *correr* passa a significar «fazer correr»: *correr o reposteiro* [= fêz o reposteiro correr]; *correr o ferrôlho; correr touros, correr a lebre*, etc. Também na acepção de «estender-se» pode usar-se *correr* como causativo. Confrontem-se: *a parede corre de tal a tal ponto; resolvi correr uma parede entre os dois terrenos.*

Cousa muito diferente e menos fácil de explicar é a linguagem *correr terras, cidade, pousada*, etc., que se diz de quem passa por

tais lugares ou a êles vai, sem demorar-se em ponto algum. Faz tudo tam depressa como se corresse.

Acredita-se que estoutro *correr* esteja fazendo as vezes de *percorrer*, sem contudo explicar-se a razão desta preferência, que só serviria de tornar menos clara a expressão do pensamento. Ora, sucede que a hipótese da troca de um verbo por outro em nosso idioma não se demonstra històricamente. *Percorrer* é eruditismo de introdução posterior à era quinhentista, em que a linguagem *correr terras*, etc., se usa com muita freqüência.

Quere isto dizer que o lat. *currere* passou ao português absorvendo as funções de *percurrere*, e o acusativo reclamado pela partícula encorporada como prefixo neste último verbo, se transferiu para junto do nosso *correr*. A *agrum percurrit* corresponde *correre campos, vales, montes;* a *percurrere paginas* o nosso *correndo os papéis que nos restam* (Herculano *Hist. da Inq.*, 3, 75).

Da outra modalidade sintática *percurrere per*, assim como de *currere per* procede o nosso *correr por*.

Correr por + nome do lugar e *correr* + nome de lugar não se usam indiscriminadamente. É obrigatória a primeira forma, com exclusão da outra, por exemplo em *o rio corre por zonas povoadas, pelo vale*, etc. E quando a linguagem não esteja presa a uma construção fixa, há em geral profunda diferença de sentido. Em enunciados como *as crianças correm pela casa; a podenga, essa corria pelo aposento, viva e inquieta, pulando como um diabrete* (Herc.) entendemos o verbo *correr* ao pé da letra; porém em *corremos a casa em procura de pessoa* ou *objecto*, ou *para examinar os oposentos, as obras de arte*, etc., o correr loucamente como as crianças e a podenga é justamente o que nunca se verifica. O verbo está por hipérbole; queremos deixar bem claro que o exame pelas diversas partes da localidade se realizou em pouco tempo, como se corrêssemos.

Andar terras (ou outros lugares) é linguagem menos pretenciosa que *correr terras*, etc. Harmoniza bem com a modestia e serenidade de D. Magriço:

> Fortíssimos consócios; eu desejo
> Há muito já de *andar terras* estranhas.
> Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,
> Várias gentes e leis, e várias manhas.
> Agora, que aparelho certo vejo,
> (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
> Quero, se me deixais, ir só por terra,
> Porque eu serei convosco em Inglaterra.

E seria falta de tato e delicadeza se, falando ao hospitaleiro rei de Melinde, o Gama deixasse de empregar o verbo *andar* neste trecho da sua narração:

> Ora vê, Rei, camanha *terra andamos*,
> Sem sair nunca dêste povo rude,
> Sem vermos nunca nova nem sinal
> Da desejada parte oriental.

Confrontem-se estes exemplos com: «*a cidade correram* e notaram muito menos daquillo que queriam» (*Lus.*, II, 9); «como sabio capitão *tudo corria* e via» (*ib.*, IV, 36); «não parando em nenhuma parte, *corria todas as estancias*» (Couto, *Déc.*, 10, 10, 4).

Na busca o exame rápido sucede, às vezes, ser irrelevante ou nula a acção das pernas. Fazem o trabalho principalmente ou sòmente os olhos e as mãos. Usamos então ainda o verbo *correr* e mencionamos estes órgãos como meio de que a pessoa se serviu: «[o cego] tinha a testa enrugada como quem vivera vida de continuo pensar, e *correndo com a mão os lavores* de pedra, sobre que estava assentado... reprehendia ou approvava... os primores ou as imperfeições do artifice» (Herculano, *Lend. e Narr.*, 1, 230); «o ostiario *correu com os olhos a parte* da escriptura que o braço do presbytero não encobria» (Herculano, *Eurico*, 17); «ora *corria com os olhos o livro aberto*, ora escrevia, riscava, tornava a escrever» (Herculano, *Monge de Cister*, 2, 229); «desdobrou o papel fatal. *Correu-o com a vista*» (*ib.*, 2, 229).

Às vezes, já por defeito da vista, já pelo tamanho e forma do objecto a examinar, o mover sucessivo dos olhos de um para outro lado se torna atitude incómoda, como o caso observado em *Lend. e Narr.*, 1, 191: «cada uma das extensas linhas [do pergaminho] que o obrigavam a descrever um semi-circulo com raio visual». Remedeia-se o inconveniente, caso o objecto se deixe manejar à vontade, passando-o pela vista, correndo-o com as mãos pelos olhos. *Correr* tem aqui função de verbo causativo: «O Duque de Cantabria *correu-a* [tira de pergaminho] *pelos olhos*» (*Eurico*, 184); «*correndo* sucessivamente *pela vista* varios pedaços de *pulgaminho de coyro* que tinha espalhado ante si... á medida que os *passava pelos olhos*» (*Monge de Cister*, 2, 13).

Seria naturalmente pequice querer particularizar a atitude em todo e qualquer caso. Com boa razão calou-a Herculano no trecho acima citado: «*Correndo os papeis* que nos restam dos nossos agentes diplomaticos».

Pode-se finalmente *correr a mão, os olhos pelo* objecto, mas já agora sem avidez de examiná-lo: «Um relampago de vermelhidão passou pelas faces do antigo cavalleiro: abaixou os olhos e *correu-os pela espada*. Fora esta a primeira vez que ella ficara na bainha depois de tão funda affronta» (*Lend. e Narr.*, 1, 173).

Correr localidades não é sempre acto que se execute com intenções pacíficas como nos exemplos acima referidos. Pode consistir em uma acção belicosa, movimento a pé ou a cavalo, com o propósito de perseguir, devastar, e matar: «os mouros alarves vieram *correr* por tres vezes *o campo*» (D. de Gois, *D. Manuel*, 191); «cercado se vê dos cavalleiros que *os campos* vão *correr* de Tetuão» (*Lus.*, IV, 34); «vamos *correr terras* dos mouros» (Herc., *Lend. e Narr.*, 2, 16).

Correr o mar significa navegar parte considerável do mar; «Comendo alegremente perguntavam... *que partes do mar corrido tinham?* Os fortes Lusitanos lhe tornavam as discretas repostas que convinham:... Do mar *temos corrido* e navegado *toda a parte do Antartico, e Calisto*» (*Lus.*, I, 50–51). Esta linguagem lembra o virgiliano *aequor currere:* «di... quorum *aequora curro*» «vela damus vastumque... *currimus aequor*».

Eu creio, porém, que o poeta português não necessitou dêsse modêlo. *Correr mar* devia ter-se desenvolvido naturalmente por analogia de *correr terras*.

No *correr* da embarcação por efeito do vento sôbre as velas desfraldadas, se funda a linguagem *correr temporal* ou *tormenta*, que significa navegar com temporal. A razão do emprêgo do acusativo é obscura. Dar ao verbo o sentido de *percorrer*, como podemos fazer em tantos outros casos, vê-se bem que seria aqui interpretação forçada. Falta igualmente explicação satisfatória para o acusativo de *correr risco* ou *perigo*, combinação directa aliás comum a outros idiomas. Poderia considerar-se como simplificação do *incurrere periculum*, documentado nas Pandectas, se não houvesse já em português antigo *encorrer em* usado com outras expressões complementares.

Vejamos agora o caso em que ao verbo *correr* se ajunta têrmo complementar regido da partícula *com*. Comecemos por um exemplo trivialíssimo. Há negócios que dependem de haver quem tome a si o pagamento das despesas, ficando os demais interessados livres dêsse cuidado. Dizemos então que êsse alguém *corre com as despesas*. ¿Que significará aqui o verbo *correr* e que função cabe à partícula indispensàvelmente posta entre verbo e nome? A aplicação do verbo,

denotador de acção duradoura, não foi certamente sugerida pelas situações em que o pagamento se faz de pronto e de uma só vez. Foi dos pagamentos sucessivos de contas decorrentes da natureza e do negócio que veio a idea de continuïdade, de repetição e duração, traduzida pelo verbo *correr*. Pode também ser que, no pensar primitivo, houvesse alusão irónica ao correr a cada hora para ir satisfazer os pagamentos.

A palavra *com* é referência mental ao encargo assumido. A pessoa comprometeu-se a pagar os gastos; está *com* o encargo. Isto significa que a simples proposição *F. correr com as despesas* resulta da combinação de dois pagamentos; e a fórmula simples da enunciação é perfeitamente inteligivel, graças à convenção tácita do uso. Por felicidade, ao servirmo-nos da linguagem, não nos vem a lembrança de analisar o sentido das palavras e seu papel gramatical.

Êste mesmo fenómeno de combinação de pensamentos deu origem a outros dizeres comuns na era quinhentista, e hoje quási esquecidos, nos quais *correr* denota execução de acto durativo ou freqüentativo: viver e manter boas relações com outrem; cumprir com as obrigações, o cargo, etc.: «Elrei D. Filippe... estava sempre prestes pera *correr com elle* em muita amizade e satisfação... e tornando a *correr com elle* em muita amizade e amor, como tantos anos havia seus avós e pais tinham *corrido com os reys* de Portugal seus predecessores» (Couto, *Déc.*, 10, 8, 3); «começou a *correr com* suas *obrigações* muito bem» (*ib.*, 6, 4, 4); «e assim ficou dalli com tão grandes desconfianças que quasi *corria com* seu *cargo* por demais» (*ib.*); «*corria com* seu *contrato*» (*ib.*, 10, 8, 6); «tomou posse da fazenda de elrey, *com que* começou a *correr*» (*ib.*, 10, 3, 2).

Nas referências a actos materiais a partícula parece às vezes dispensável; a sua presença serve para aludir a compromisso anterior ou a obra começada que cumpre continuar e terminar. A preposição aparece devidamente em «mandaria ele *correr com a parede*, como lhe mandavam» (Couto, 6, 1, 7), porque a construção da parede fôra assentada por contrato de pazes, porém impedida depois. A construção sucessiva de uma série de trincheiras, como que fazendo parte de um só sistema de fortificações, explica os seguintes passos de um capítulo: «e por detrás do Monte da Pedreira se fizeram algumas tranqueiras... e pela mesma ordem *correram com* outra tranqueira... e ainda desceram com ella mais abaixo... chegaram com a cova á alagoa... logo mandou *correr com* outra muito mais forte adiante de todas as que tinha feitas» (Couto, *Déc.*, 10, 9, 5).

Às vezes se ajunta a idea de pressa à de levar a obra por diante: «*Correndo com a mina*... e assim como *corriam com a mina, corriam com os vallos,* que eram grandes» (*ib.*, 10, 10, 7); «e porque o baluarte Sant-Iago... estava ainda imperfeito, todos juntos, sem se escusar nenhum estado de pessoa, começaram a cavallo a *correr com o que* lhes *faltava*» (*ib.*, 10, 3, 2).

M. SAID ALI.

El Españolismo del Quijote[1]

SEÑORAS Y SEÑORES:

Mi ilustre amigo, el professor Van Dam, me dijo hace años al despedirme después de terminada mi actuación en este simpático país: —A ver ¿cuándo viene Vd. otra vez a predicarnos el evangelio español? Lo dijo desde luego en broma y sin dar ninguna importancia a una frase de la que él probablemente ni siquiera se acuerda ya. A mí sin embargo me impresionó tanto, por lo acertada que me parecía, que he venido meditándola largo tiempo. Tan es así que dí en inquirir mi conciencia, removida por las palabras de nuestro gran amigo, resultándome éstas cada vez más certeras. He comprendido que mi actuación conferencística —si vale la palabreja— más que en difundir resultados de la investigación científica, consiste efectivamente en lo que mi amigo llamo «predicar el evangelio español». Y eso que no siento ninguna vocación de predicador ni muchísimo menos, faltándome en absoluto la unción evangélica y más aún la santa ejemplaridad que ha de distinguir al predicador. Lo que sí me precio de poseer en alto grado —prueba más patente de que carezco de la humildad del predicador religioso que no suele preciarse de nada— es un afecto muy grande hacia España y el pueblo español por lo que éste tiene de *humano*. Y ahora sí que asoma el predicador, con el que comparto la preocupación, una casi obsesión por lo humano. Y como todo predicador que no sea hereje, ha de valerse forzosamente de algún texto autorizado, yo, predicador de lo humano y a lo humano, me sirvo de una biblia humana, de la biblia española, que es el Quijote. Y no se me tilde de frívolo porque he dado en comparar el libro de los libros de origen divino con una obra de procedencia humana, por inspiradísima que sea, pues mi comparación no tiende a valorar los dos

[1] Conferencia pronunciada ante la Asociación «Spaanje-Spaansch Amerika», de Amsterdam.

libros sino únicamente a poner de relieve lo que ambos tienen de común: la casi exclusiva preocupación por el hombre. La Biblia nos muestra el ser humano visto y juzgado por Dios, el Quijote nos le presenta en su aspecto puramente humano.

Pero ¿no iba a hablar sobre el españolismo del Quijote? ¿No me ando por las ramas al destacar el humanismo de la obra? Entendámonos. Como el pueblo español, tal como yo lo conozco, me parece ser el más humano en el sentido más amplio de la palabra, yo no vacilo, pese a los que opinen de modo distinto, en identificar lo español con lo humano. Repito sin embargo que «humano» ha de entenderse en la acepción más extensa del vocablo y no en aquella, mucho más restringida de «humanitario», que encierra el sentido de lo blando, y aun lo blanducho, lo sensiblero, etc. Al calificar a los españoles de humanos por antonomasia, me refiero a la ilimitada potencialidad humana que los caracteriza, su extrema capacidad tanto para el bien como para el mal, para todas las cualidades, para todos los defectos *humanos*. El Quijote nos muestra, entre otras muchas cosas, hasta donde llega la posibilidad del hombre para subir como para caer.

Todos conocéis el manoseado lugar común del idealismo de D. Quijote y el realismo de Sancho Panza, como si los regüeldos de éste fuesen más reales y verdaderos que los suspiros de aquél. Tampoco es cierto que D. Quijote no haya sentido sino arranques nobles y desinteresados mientras que su escudero haya obrado sólo por motivos bajos y despreciables. Es innegable que Sancho piensa más en las cosas de este mundo, y que su amo anhela preferentemente las del espíritu. Sin embargo la sabiduría popular y los donaires de Sancho Panza no son menos espirituales que los discursos pronunciados por el caballero de la Mancha y éste, por heróico que sea, en las derrotas se muestra a veces tan quejicón como su escudero. Y es que los dos, amo y siervo, son igualmente *hombres*. Los dos son *españoles*, y mutuamente se completan para formar una sola mentalidad, la paradógica mentalidad del pueblo español. Para hacerla comprender, un solo personaje no hubiera bastado, pues nadie creería que se puede ser tan idealista y tan materialista, tan espiritual y tan realista, tan sabio y tan desconsiderado, tan cuerdo y tan loco, tan humanitario y tan cruelmente salvaje como se nos muestra ser efectivamente aquel para el extranjero tan enigmático pueblo que vive allende los Pirineos. Parece que Cervantes quiso descubrir lo que hay en el hombre, presentándonos dos figuras igualmente *humanas*, pero de aspiraciones opuestas. Para subrayar sus diferentes

rasgos se vale de la caricatura. Cada uno por sí solo resulta irreal, pero los dos juntos constituyen, en grandiosa síntesis, la realidad hispánica y aun la substancia de España, de una España eterna. Y en este sentido el Quijote es de todos los tiempos por ser el libro más humano que se ha escrito y a la par de suma actualidad hispánica, por ser el más genuinamente español.

La tragedia de D. Quijote es la de España frente al resto del mundo. A diferencia de todos los demás pueblos europeos que a principios de la Edad moderna abandonaron un ideal hasta entonces preferentemente religioso, España había permanecido fiel a la tradición medioeval. Su ideal fué el del reino de Dios sobre la tierra. Vamos a esbozar a grandes rasgos esta ideología de la Hispanidad: Dios es uno y, por lo tanto, la verdad no puede ser más que una. La administradora de esta verdad es la Iglesia, que ha de ser una también. El representante del poder temporal en la tierra es el rey de España, por la gracia del Dios único. Un solo Dios, una sola Iglesia, un solo reino sobre la tierra con un solo monarca por representante de la autoridad terrenal, tal era la finalidad de la empresa estatal de la España del siglo XVI. Este imperialismo puramente *espiritual*, basado sobre la concepción de la *unidad* del género humano, se estrelló contra otros imperialismos de origen terrenal, de orientación meramente secular. España quería seguir ganando almas, cuando los demás pueblos europeos ya se habían dedicado a apoderarse de los bienes de este mundo. España seguía imbuida por sus prejuicios hidalgueseos contra el trabajo manual, cuando los otros ya tenían los brazos arremangados para acometer toda clase de faenas prácticas, inventando máquinas que acelerasen la ganancia, cavando en las entrañas de la tierra para extraer riquezas palpables, creando ejércitos modernos, sustituyendo y supliendo por doquiera la calidad por la cantidad, lo grande por lo colosal, el decoro por la eficacia, etc. Y es claro, en medio de este mundo moderno con sus aspiraciones mundanas, España daba forzosamente la nota discordante del anacronismo. Ella que, pese a la opinión de sus adversarios, antiguos y modernos, no había anhelado sino fines nobles y materialmente desinteresados, se veía rodeada de enemigos, maltrecha y vilipendiada, —lo mismo que D. Quijote; no hacía sino estorbar la vida moderna, lo mismo que D. Quijote, creía y quería hacer bien a todos y no hacía más que daño, lo mismo que D. Quijote. Si éste hubiera seguido los prudentes consejos de su escudero, ducho en los achaques de este mundo, se hubiera evitado todos los porrazos que ha recibido, se hubiera vuelto a encerrar tranquila-

mente en su casita para atender a su pequeña hacienda, sin dársele un bledo del resto de la humanidad. Entonces su vida se hubiera deslizado por un cauce seguro, sin desbordarse nunca más allá de los linderos de lo razonable ni de lo previsto, en una palabra, nuestro hidalgo hubiera sido uno de tantos. Pero es que un hidalgo verdadero no puede contentarse con ser del montón. Hidalgo viene de hijo de algo y significa, según interpretación de D. Miguel de Unamuno, el Quijote moderno, «hijo de alguna extraña virtud». Pues esta extraña virtud obliga a nuestro hidalgo a dejar la cómoda tranquilidad de su casita manchega, para salir en busca de aventuras inauditas. «*¡Loco se ha vuelto!*» dicen las personas prácticas, que no ven la utilidad de tal empresa. Y es que el espíritu de D. Quijote es totalmente antiutilitario, antieconómico, imprevisor, indiferente ante las pérdidas materiales. El tiempo tampoco lo tiene tasado, por cierto que, para probar la resistencia de su celada, deshizo de un solo golpe de espada lo que había hecho en una semana. El quijotismo moderno de la guerra civil deshace en pocos meses lo que España había hecho en siglos. D. Quijote no ha muerto todavía, ni para bueno ni para malo. Lo que pasa es que el mundo de Cervantes lo mismo que el nuestro suele fijarse más en lo que España tiene de malo que en lo bueno. Y es que lo bueno de España es lo que menos se nota por fuera, su nobleza interior, su generoso desprendimiento, bienes todos estos espirituales, nada prácticos y por tanto menospreciados y aun despreciados por un mundo que todo lo mide por el rasero vulgar del éxito material y de la eficacia inmediata. Lo bueno de España es precisamente su excelsa locura, su genialidad sublime, su noble afán redentor. Y porque el hidalgo manchego se ha metido a redentor, ha salido crucificado.

Pero no precipitemos su fin. Dejémosle antes obrar, veamos de compreender su vida. La lectura de los libros de Caballería le ha sugerido la idea de hacerse *caballero andante*. Fijémonos algo en el adjetivo: andante, que viene de *andar* o sea ir de aquí para allá, sin rumbo determinado. Un caballero andante equivale pues a un caballero vagabundo. D. Quijote es un vago, pero es que un vago entregado al azar de los acontecimientos se halla en constante disposición de obrar y de luchar, a pesar de que pasan días enteros sin que le suceda lo más mínimo, sin que él mueva un dedo. Tales días son para su escudero de reposo total, aunque sí, algunas veces de hambre y de privaciones. Para su señor, cuyo descanso es el pelear, son de sufrimiento moral y por lo tanto nunca de descanso. Para el mundo circundante, que juzga la actividad de un hombre

por su rendimiento material, nuestro hidalgo es un holgazán, pues no trabaja, no va a la oficina, no se dedica a ninguna cosa útil. Y por si fueran pocas deficiencias, no tiene ningún programa concreto que conste de determinado número de artículos, no pertenece a ninguna asociación ni organización alguna. Su programa es tan vago como el mismo: desfacer agravios, enderezar tuertos, amparar a los débiles y oprimidos contra la soberbia de los fuertes, en una palabra, D. Quijote quiere nada menos que acabar con todo el mal que hay sobre el haz de la tierra. Un hombre que no lleva otro camino que el que su caballo quiere, no va a ninguna parte y está en todas: es pasivo, apasionado (fijaos en la afinidad etimológica de los dos vocablos «pasivo» y «apasionado» con la pasión). Su espíritu está abierto a la gracia de los sucesos por dondequiera que éstos sobrevengan. No se halla encerrado en ningún sistema, no tiene método.

En cambio, su conducta moral sí que se halla sujeta a las reglas más estrictas, de las que no se aparta nunca un ápice en toda su vida, ciñéndola en todo y para todo a lo que había leído en sus libros de Caballerías. D. Quijote rehuye lo sistemático, pero su actitud moral es la del dogmático. Poseído de un ideal absoluto, simbolizado por la figura de Dulcinea, se muestra intransigente, fanático, antiliberal, irreductible hasta la muerte. «La tolerancia —escribe un autor contemporáneo (Enrique Díaz de Robles)— en el orden dogmático es un absurdo metafísico. El hombre que posee, o cree poseer la verdad, no puede ser tolerante, no puede condescender con el error. No le es posible permanecer indiferente, ni conceder los mismos derechos, o medir por el mismo rasero al error y a la verdad». (Hasta aquí son palabras de Díaz de Roble). Recordamos a este propósito aquel encuentro que tuvo D. Quijote con los mercaderes toledanos a quienes lanza el famoso: —*todo el mundo se tenga, si todo el mundo no confiesa que no hay en el mundo todo doncella más hermosa que la emperatriz de la Mancha, la sin par Dulcinea del Toboso.* A lo cual los mercaderes, gente utilitaria y nada espiritual, le piden un retrato de la tal dama. Ellos son partidarios del «ver y creer». —*Señor caballero,* le contestan burlones, *nosotros no conocemos quien sea esa buena señora que decís; mostrádnosla: que si ella fuere de tanta hermosura como significáis, de buena gana y sin apremio alguno confesaremos la verdad que por parte vuestra nos es pedida.* Y entonces D. Quijote les replica: *—Si os la mostrara ¿qué hiciérades vosotros en confesar una verdad tan notoria? La importancia está en que sin verla lo habéis de creer,*

confesar, afirmar, jurar y defender... El mundo quiere pruebas de lo invisible, el creyente exige la humildad de la fé incondicional. El proprio hidalgo confiesa: «*en todos los días no he visto a la sin par Dulcinea, ni jamás atravesé los umbrales de su palacio y que solo estoy enamorado de oídas y de la gran fama que tiene de hermosa y discreta*». Esta fé no se analiza, puesto que según las propias palabras de D. Quijote, «*Dios sabe se hay Dulcinea o no en el mundo, o si es fantástica o no es fantástica; y éstas no son de las cosas cuya averiguación se ha de llevar hasta el cabo*». España creía redimir al mundo, imponiéndole su fé, empeño muy lógico desde el punto de vista universalístico español; según el cual Dios es uno y todos los hombres de todos los países del mundo son *hermanos*. Los enemigos de su fé o eran herejes o eran paganos. Reducirlos a la obediencia de Dios, castigando a aquéllos y volviendo éstos al redil de la Iglesia, fué lo que España consideraba su misión en el mundo. Este no lo comprendía así, llamando a nuestro hidalgo «robador y salteador de caminos y de carreteras». En el mundo de los hechos concretos el ideal hispánico llevaba a un callejón sin salida:—*si mal no recuerdo* —dice Sancho Panza— *la casa desta señora ha de estar en una callejuela sin salida*. Pero esto no le hace desmayar al Caballero de la Mancha. Recordando la memoria del gran Amadís dice:—*si no acabó grandes cosas, murió por acometerlas*. A él le ensalza el noble empeño y no el éxito de su actuación, porque éste depende de la buena fortuna. Lo único que importa, segun criterio del loco sublime, es la pureza de las intenciones. Es más: *acometer a cada paso lo imposible*, es lo que según sus propias palabras se propone. Y es claro, en el mundo de los hechos concretos, acometer lo imposible tiene que llevar forzosamente al fracaso. La diplomacia es el arte de manejar lo posible. España creía poder vencer lo materialmente imposible por su invencible temple espiritual. No pudo triunfar en el terreno de los hechos, pero tampoco ha fracasado en el espiritual.

Al principio de su «Ideario español» Angel Ganivet cita estas palabras altamente significativas, que él atribuye a Séneca: «No olvides que llevas dentro de ti un eje diamantino alrededor del cual giran los hechos mezquinos que forman la trama del diario vivir». Este eje diamantino a que alude Ganivet es la fortaleza espiritual de D. Quijote, aquella firmeza interior que, aun en los desmayos, no le deja dudar de si mismo. De la realidad de las cosas circundantes sí. Porque los malignos encantadores pueden cambiar las apariencias, pueden convertir a su Dulcinea en la imagen fea de

una labradora zafia y maloliente, pero no son capaces de tocar a la imagen ideal que él lleva dentro de su alma.

Pero lo más grande es que ni los encantadores ni ningún fracaso pueden menoscabar la conciencia del propio valer que alienta en su noble pecho. Cuando D. Quijote vuelve magullado y maltrecho de su fracasada primera salida, más muerto que vivo, todavía es capaz de contestar al labrador de su pueblo, quien le había dicho que era «el honrado hidalgo del señor Quijano»: — *Yo sé quien soy y sé que puedo ser, no sólo los que he dicho, sino todos los doce Pares de Francia, y aun todos los nueve de la Fama, pues a todas las hazañas que ellos todos juntos y cada uno por sí hicieron se aventajarán las mías*». — ¿Que esto no son más que desvaríos de un cerebro enfermo? ¡Qué pronto ha olvidado el mundo las hazañas de España; el *milagro* de la conquista de las Américas, llevada a cabo por un puñado de temerarios guerreros; y aun mucho más tarde, cuando aquel imperio se había hundido ya, aunque sólo políticamente! ¿no fué milagro el vencimiento de las huestes napoleónicas por unos cuantos intrépidos guerrilleros, haraposos y hambrientos? y en el terreno del espíritu ¿no son otros tantos milagros las obras científicas de un Menéndez y Pelayo, de un Ramón y Cajal, de un Menéndez Pidal, quienes crearon de la nada, y además en un pueblo tan poco organizado o, mejordicho, organizable como el español, nuevos sistemas científicos para assombro del mundo. Así y todo, las aportaciones de España al acervo común científico son pequeñas, comparadas con las de otros pueblos. Pero no por falta de aptitudes naturales, sino únicamente por sobra de orgullo individual que rehuye la eficacia del esfuerzo organizado. *Yo solo! ¡Este mi valiente brazo!* exclama tantas veces el inorganizable caballero andante, cuya capacidad para el bien se halla en razón inversa de su eficacia. Y porque el pueblo español —en esto se parece a los genios— tiene plena conciencia de sus aptitudes excepcionales, de las que además ha dado pruebas, aunque sólo esporádicas, los fracasos rara vez han podido engendrar en él complejos de inferioridad. Esta inconmovibilidad, esta inquebrantable fé en sí mismo es uno de los rasgos más sobresalientes del gran héroe de la epopeya espiritual de España, que representa el Quijote. Veamos algunos ejemplos. Antes de arremeter contra aquella manada de ovejas que él toma por un ejército de gigantes, le dice a Sancho: — *rétirate a una parte y déjame solo: que solo basto a dar la victoria a la parte a quien yo diere mi ayuda.* Al acometer la batalla contra los molinos de viento que él toma por gigantes, dice, refiriéndose a los malignos encantadores, los cuales,

sólo por quitarle la gloria de su vencimiento se los han convertido en molinos: —*han de poder poco sus malas artes contra la bondad de mi espada.*— En otro encuentro, el de los yangüeses, Sancho le encarece la superioridad numérica del enemigo.— *Yo valgo por ciento*, contesta D. Quijote. En otra ocasión dice: —*ruin sea que por ruin se tiene.* Esta estimación propia, este amor propio, no es fanfarronería. Lo sería, si se apoyara en valores puramente imaginarios. Los de Don Quijote existen en la realidad, pues es valiente hasta la temeridad, y en cuanto a su inteligencia y buen discurso, maravillaban a cuantos le oían hablar. Su equivocación está únicamente en la apreciación de los medios, en su constante confundir las posibilidades espirituales con las materiales, en su olímpico desprecio de lo material. Y es lógico y natural que un pueblo cuyos mejores menosprecian lo material no pueda competir eficazmente con aquéllos que miran en primer lugar a sus conveniencias y necesidades prácticas.

Llama la atención la frecuencia con que Cervantes insiste «*en el gentil continente*» o sea la elegancia de las posturas adoptadas por nuestro héroe, sobre todo cuando se dispone a batallar. Pero también en otras ocasiones, como p. e. en la vela de las armas: «*embrazando su adarga, asió de su lanza, y con gentil continente, se comenzó a pasear delante de la pila*... etc. A continuación dice el autor que «*con sosegado ademán*... se paseaba. Con «*gentil donaire y gallardía*» suple D. Quijote la deficiencia de su pobre indumentaria rapada y gastada cuando sin armadura tiene que mostrarse a la gente. Más tarde, cuando, huésped de los duques, repara en la rotura de sus medias, relata el puntual historiador que *se afligió mucho el buen señor y diera por tener allí un adarme de seda verde una onza de plata.* Pero pese a estos apuros los que pasa *sólo en la intimidad*, cuando iba a presentarse a sus huéspedes, salió «*con gran prosopopeya y contoneo a la antesala donde el duque y la duquesa estaban ya vestidos y como esperándole*». ¿Es esto vanidad? Este españolísimo afán por guardar el decoro en medio de la derrota material, es heroismo supremo, en cuanto nuestro hombre se impone la dura obligación de aparecer sereno, de cumplir con las exigencias de la sociedad, sin que ésta se dé cuenta del dolor secreto que le roe las entrañas.

El espíritu poco práctico y antiutilitario de España se manifiesta ante todo por su *apego a la tradición.* Las armas de Don Quijote, por lo anticuadas, más que de instrumentos de combate le sirven de estorbo. En la refriega que tuvo con los mercaderes toledanos

«fué rodando buena pieza por el campo; y queriéndose levantar, ¡más pudo; tal embarazo le causaba la lanza, adarga, espuelas y celada, con el peso de las antiguas armas. Y pugnando por levantarse, no podía. Las mismas armas por su incomodidad le impedían comer y aun dormir. A este propósito recuerdo unos pasajes de un libro moderno, menos conocido desgraciadamente de lo que se merecía, me refiero al de Salaverría, intitulado *Nuevos Retratos*. Sobre todo un capítulo epigrafiado «Retrato de la Epoca o una Teoría del Adorno», viene aquí como anillo al dedo. En él leemos que «el espíritu de la nobleza se nutre principalmente de sacrificios... Sacrificio era algo que en otras sociedades anteriores a la nuestra tenía un significado tan real como cotidiano. ... Hasta el traje que hombres y mujeres vestían como un elemento de jerarquía y de suntuosidad, importaba en cierto modo una violencia, un sacrificio». El noble hidalgo de la Mancha sacrificaba constantemente las necesidades físicas a sus anhelos y aspiraciones espirituales, lo conveniente y práctico a lo decoroso.

El apego a la tradición que acabamos de apuntar como uno de los rasgos más característicos de la Hispanidad se halla en correspondencia íntima con la anteriormente señalada conciencia del propio valer de una personalidad muy firme y segurísima de sí misma. En esto el propio Sancho Panza no le va en zaga a su señor, a quien le asegura repetidas veces que él sabrá gobernar la ínsula que le tiene prometida, por grande que sea. Y quando se trata de vestirle de Gobernador no le da ninguna importancia al uniforme, pues *«de qualquier manera que vaya vestido* —dice— *seré Sancho Panza»*. Y Sancho Panza quiere ser siempre. Muy claramente se lo manifiesta a su amo con estas palabras que merecen ser esculpidas en mármol a modo de epitafio del buen escudero: *«si se imagina vuestra merced que por ser gobernador me ha de llevar el diablo, más me quiero ir Sancho al cielo que gobernador al infierno»*. A lo qual le replica D. Quijote: *«por solas estas últimas razones que has dicho, juzgo que mereces ser gobernador de mil ínsulas: buen natural tienes, sin el cual no hay ciencia que valga»*.

La conciencia de la unicidad individual tan arraigada en el hombre español, este fiero «yo sé quien soy» hace difícil la colaboración y aun toda solidaridad verdadera. Por otra parte impide la intolerancia en el orden moral. Queda apuntado ya que en el orden dogmático no hay tolerancia ni puede haberla en España, pero esta intolerancia se halla compensada por una mayor tolerancia en el terreno moral. El español no concibe que uno piense de modo dis-

tinto que él piensa. En cambio suele respetar plenamente los motivos individuales, que puedan determinar una distinta manera de obrar. Es más: le repugna toda coacción en este sentido. Don Quijote, empeñado en imponer a todo el mundo su dogma de la absoluta superioridad de Dulcinea, se muestra partidario de la libertad material del individuo. Al ver a los galeotes presos, le basta saber que éstos van de por fuerza y no de su voluntad, para que se ponga de su parte. Pero no generaliza. Para él, aquellos desdichados no forman un grupo de hombres más o menos culpables, no son un algo impersonal, unos anónimos caídos sin remedio, un mísero rebaño humano. Al contrario: él ve en cada uno al *hermano* desgraciado. *Cuando una de las guardas* —dice el historiador— *respondió que eran galeotes, gente de su majestad, que iba a galeras y que no había más que decir, ni él tenía más que saber.— Con todo eso*— replicó D. Quijote— *quería saber de cada uno dellos en particular la causa de su desgracia.*— Reparemos bien en esto: *«de cada uno dellos»*. D. Quijote *individualiza*, no generaliza: respeta al hombre, al individuo. En otra ocasión dice Sancho, a quien le piden cuenta de los cien escudos que había encontrado: — *cada uno meta mano en su pecho y no se ponga a juzgar lo blanco por negro y lo negro por blanco; que cada uno es como Dios le hizo y aun peor muchas veces.*— Más tarde: — *no sabe nadie el alma de nadie.* Ahí está la explicación de lo que Madariaga ha dado en llamar «amoralismo español». Traducido a un lenguaje llano no es más que esto: Si fulano o zutano ha obrado de tal o cual manera, *sus motivos tendría* y con su pan se lo coma. ¡Cuántas veces se oyen en el lenguaje familiar frases al tenor de ésta: — *Allá cada uno con su conciencia.— Eso allá él— A quien Dios se la da, San Pedro se la bendiga— Yo en eso ni entro ni salgo*— y otras por el estilo! ¡Cuántos proverbios españoles empiezan en «cada» o «cada uno» pronombre individualizante por antonomasia!

El empuje especial que tiene el tradicionalismo español, incluso el moderno, estriba en su carácter universal y democrático. Al hablar de los caballeros andantes, D. Quijote insiste en que *eran hombres como nosotros*. Esto lo dice precisamente a su escudero a quien le llama «hermano Sancho». Y a continuación le invita a comer a su lado: — *quiero que aquí a mi lado y en compañía de esta buena gente te sientes, y que seas una mesma cosa conmigo, que soy tu amo y natural señor; que comas en mi plato y bebas por donde yo bebiere, porque de la caballería andante se puede decir lo mesmo que del amor se dice: que todas las cosas iguala.*— Esto sin embargo se refiere

únicamente a lo *humano*, sin menoscabo del respeto debido a la jerarquía social. Por cierto que en otra ocasión el hidalgo encarece a su escudero *que es menester hacer diferencia de amo a mozo, de señor a criado y de caballero a escudero*. —Permítaseme citar a este próposito otro pasaje algo largo, pero de los más significativos de todo el Quijote. Es uno de los sabrosos diálogos que se entablaron entre amo y escudero. Don Quijote pregunta: ¿«*No has visto tú representar alguna comedia adonde se introducen reyes, emperadores y pontífices, caballeros, damas y otros diversos personajes? Uno hace el rufián, otro el embustero, éste el mercader, aquél el soldado, otro el simple discreto, otro el enamorado simple: y acabada la comedia y desnudándose de los vestidos della, quedan todos los recitantes iguales.* —*Sí, he visto, respondió Sancho.*—*Pues lo mesmo* —*dijo D. Quijote*— *acontece en la comedia y trato de este mundo, donde unos hacen los emperadores, otros los pontífices, y finalmente, todas cuantas figuras se pueden introducir en una comedia; pero en llegando al fin, que es cuando se acaba la vida, a todos les quita la muerte la ropa que los diferenciaban, y quedan iguales en la sepultura.*—*Brava comparación, dijo Sancho*—*aunque no tan nueva que yo no la haya oído muchas y diversas veces*—(como que tales sabidurías supremas suelen ser sumamente populares en España)—*como aquella del juego del ajedrez, que mientras dura el juego, cada pieza tiene su particular oficio; y en acabándose el juego, todas se mezclan, juntan y barajan, y dan con ellas en una bolsa, que es como dar con la vida en la sepultura.*— Es de notar la casi machacona insistencia con que este motivo de la fundamental igualdad de los hombres vuelve en la obra cervantina. «*No hay un estomago que sea un palmo mayor que otro*», dice Sancho. «*Al dejar este mundo y meternos la tierra adentro, por tan estrecha senda va el príncipe como el jornalero*» y «*no ocupa más pies de tierra el cuerpo del Papa que el del sacristán*», etc., etc. Está visto que el evangelio español no se dirige tan sólo a las minorías selectas, sino que reza con *todos* los hombres. De ahí su universalidad.

Y esta universalidad excluye todo especialismo. Abarcarlo todo olvidándose de la natural limitación de las fuerzas humanas, tal ha sido el trágico empeño de España. Sin embargo, podría objetarse, ¿no es D. Quijote un especialista que piensa sólo en sus libros de caballería? Especialista no, pero sí un monómano, un poseso, poseído por una gran idea. Su patetismo es el de los grandes videntes apostólicos. Testifícalo la unción de sus largas peroratas, que más que discursos parecen sermones. Versan sobre los asuntos más variados,

demostrando del modo más irrebatible la universalidad de nuestro héroe. De ella se hace lenguas Sancho Panza: *cuando comienza a enhilar sentencias y a dar consejos, no sólo puede tomar un púlpito en las manos, sino dos en cada dedo y andarse por esas plazas a ¿qué quieres boca? ¡Válate el diablo por caballero andante, ¡que tantas cosas sabes! Yo pensaba en mi ánimo que sólo podía saber aquello que tocaba a sus caballerías, pero no hay cosa donde no pique y deje de meter su cucharada.*—Un puñado de vulgares bellotas sugiere a nuestro hidalgo aquel famoso discurso sobre la Edad de oro, en el que apuntan ciertas añoranzas que bien podrían calificarse de comunistas. *Dichosa edad y siglos dichosos aquellos a quien los antiguos pusieron nombre de dorados... porque los que en ella vivían ignoraban estas dos palabras de tuyo y mío.* En aquel que pronuncia más tarde acerca de la preferencia de las armas sobre la poesía, y que tiene muchos puntos de entronque con el anterior, destacamos como particularmente significativo un pasaje en que fulmina un anatema contra la técnica moderna,—engendradora de la guerra material:—*Bien hayan aquellos siglos que carecieron de la espantable furia de aquestos endemoniados instrumentos de la artillería, a cuyo inventor tengo para mí que en el infierno se le está dando el premio de su diabólica invención, con la cual dió causa que un infame y cobarde brazo quite la vida a un valeroso caballero.*—El citado pasaje nos recuerda el episodio en que el proprio D. Quijote huye ante la amenaza de *mil encaradas ballestas y no menos cantidad de arcabuces... Temiendo a cada paso no le entrase alguna bala por las espaldas y le saliese al pecho.*—El mismo caballero que no teme todo un ejército de gigantes, que muestra un valor supremo al desafiar a los leones, se pone a salvo de proyectiles lanzados por la fuerza mecánica. ¿Por cobardía? Oigamos la explicación que da cuando Sancho le echa en cara su conducta:—*No huyo el que se retira, porque has de saber, Sancho, que la valentía que no se funda sobre la base de la prudencia se llama temeridad, y las hazañas del temerario más se atribuyen a la buena fortuna que a su ánimo. Y así confieso que me he retirado, pero no huído.*—No le parece temeridad desafiar él solo a todo un ejército de seres vivos, o que como tales le antojan pero sí exponerse a la ciega fatalidad de un arma de fuego, cuya bala no es lanzada al impulso de un valiente brazo sino al de la fuerza mecánica. D. Quijote odia la maquina. La única aventura de que salió corrido de vergüenza, fué la de los batanes:—*Cuando D. Quijote vió lo que era* —dice Cervantes— *enmudeció y pasmóse de arriba abajo. Miróle Sancho, y vió que tenía la cabeza*

inclinada sobre el pecho, con muestras de estar corrido.—Se avergonzó, de haberse dejado impresionar por el estruendo que luego resultó ser de maquinaria. El atraso técnico de España no proviene de la *ineptitud*, no es sino la natural consecuencia de una profunda antipatía contra el impersonalismo de la máquina. Y no ya contra su rígido impersonalismo sino contra su *particularismo* mecánico en oposición al *universalismo* orgánico del hombre. En este último sentido metafísico, la máquina es la negación del hombre. A esta *negación de la materia*, España ha opuesto *la afirmación del espíritu.*

Y no se objete a esto el innegable hecho del analfabetismo español, el cual en vez de desmentir la mencionada afirmación del espíritu no hace sino confirmarla. Recordemos a este próposito la tesis de José Bergamín, según la cual la alfabetización de un pueblo se halla en razón inversa de su capacidad poética. Y es que el arte de leer y escribir representa sólo una habilidad técnica, muy útil desde luego, pero ajena totalmente a la espiritualidad de un hombre. Ahí esta Sancho Panza, analfabeto, pero infinitamente más espiritual que el bachiller, Sansón Carrasco, cuyo intelectualismo está llamado a vencer, aunque sólo en el orden material, a D. Quijote, todo espíritu. Como se ha insistido tanto sobre el materialismo de Sancho Panza, no hago sino colocar las cosas en su punto llamando la atención sobre algunos testimonios del proprio D. Quijote que abonan la espiritualidad y natural sabiduría de su escudero: *¡Válate el diablo por villano* —dijo Don Quijote— *y qué de disereciones dices a las veces! No parece sino que has estudiado.* Cualquiera que haya tenido ocasión de tratar con campesinos españoles comprenderá el alcance de este elogio que hace D. Quijote a su siervo:—*Más has dicho Sancho, de lo que sabes; que hay algunos que se cansan en saber y averiguar cosas, que después de sabidas y averiguadas, no importan un ardite al entendimiento ni a la memoria.*—El vulgo, dice Bergamín, ignora muchas cosas que sabe, en cambio, los eruditos saben muchas cosas que ignoran.—*Y sé de experiencia*—dice el cura refiriéndose a la natural sabiduría del pueblo—*que los montes crían letrados y las cabañas de los pastores encierran filósofos.*

Al tratar del españolismo del Quijote no podemos ni debemos prescindir de contemplar también las más destacadas figuras femininas de la obra y el papel que en ella les depara el autor. Tanto el ama y la sobrina de nuestro hidalgo como Teresa, la mujer de Sancho Panza, en vez de estimular al hombre y animarle en las grandes empresas arriesgadas, sirven más bien de cortapisas la

vuelo de su imaginación. Cervantes nos las presenta curiosonas, ávidas de novedades, pero enemigas de todas las aventuras por lo que éstas tienen de inseguras. La mujer de todas las edades y de todos los pueblos es naturalmente previsora por instinto de conservación de la raza. Es lógico que le importe más el pan de sus hijos que la gloria del marido, aunque amiga de lucir, no la desprecia cuando llega. Lo que por la seguridad de la prole no quiere consentir es que el marido se exponga emprendiendo negocios inseguros, dejando lo cierto por lo dudoso. Reza especialmente con la mujer española el conocido refrán: «más vale pájaro en mano que ciento volando». Don Quijote tenía una hacienda modesta pero de rendimientos seguros. No había pues ninguna necesidad material de que saliera en busca de lo desconocido. Claro, a ellas, mujeres razonables y prácticas, se les daba un ardite de las necesidades de un espíritu inquieto. —*¿Quien le mete a vuestra merced, señor tío,* —pregunta la sobrina— *en esas pendencias? ¿No será mejor estarse pacífico en su casa y no irse por el mundo a buscar pan de trastrigo, sin considerar que muchos van por lana y vuelven tresquilados?* ¡Qué ajena estaba la pobre de que su tío precisamente no se iba a buscar pan, él que había comprendido que no de pan sólo vive el hombre.

Otro era el caso de Sancho Panza, que se aventuró a dejar la seguridad de su casa, eso sí, pero sólo por el afán de enriquecerse. Sancho tiene la mentalidad del indiano que se embarca para tierras lejanas y desconocidas, fascinado por el brillo del oro. Al igual que éste, sueña con volver a casa cargado de dinero para *«estarse después a pierna tendida gozando de la renta»*. Su ideal es el goce material en pleno descanso. Así y todo, no es burgués, por el mero hecho de que se aventura. No le mueven motivos nobles, pero tiene el valor de arriesgarse poniendo en juego su seguridad y aun el pellejo, y esto le redime en cierta manera de su materialismo.

Lo que especialmente merece señalarse, tratándose de la mujer española, es su maternalidad. Si como compañera no se muestra siempre todo lo comprensiva que sería de desear para con su marido, esta deficiencia se halla largamente compensada por su profundo sentimiento maternal, incluso en las mujeres más depravadas. Así p. e. Maritornes, la poco virtuosa criada de aquella famosa venta, se muestra maternalmente piadosa con nuestro hidalgo, ayudándole a comer y dándole de beber. Es más: cuando Don Quijote pide vino, dice el autor, que *se lo trago de muy buena voluntad y lo pagó de su mesmo dinero.* ¡Cuánta compasión y cuánta generosidad, si tenemos

en cuenta que se trata de una mujer de vida alegre!—Ramiro de Maeztu en su hermoso libro *En Defensa de la Hispanidad* hace notar que en España no existe esa triste morralla humana de gentes caídas sin remedio, viva y constante acusación de la sociedad de otros países. Lo que en España enaltece, en medio de su miseria moral, aun a las mujeres públicas, es su nunca totalmente adormecido instinto maternal. Pues bien, una mujer que conserva su maternalidad o sea su capacidad para un cariño desinteresado, puede perder físicamente su virginidad, pero nunca el núcleo de su femenidad. Espiritualmente la española permanece siempre virgen. Termino este párrafo citando un breve diálogo que se entabla entre Don Quijote y Sancho cuando éste se queja de su mujer: —*¿Tan mala es tu Teresa, Sancho?*— dijo Don Quijote.—*No es muy mala* —respondió Sancho—; *pero no es muy buena; a lo menos no es tan buena como yo quisiera.* —*Mal haces, Sancho* —digo Don Quijote— *en decir mal de tu mujer, que, en efecto, es madre de tus hijos.*— Muchas acusaciones se han levantado contra la mujer española. Tenga ella los defectos que tuviere, la sola excelsa virtud de su maternalidad, más aun que su gran belleza física, hace de ella el prototipo de la mujer — con todas las excelencias, pero también con todas las debilidades del falsamente llamado sexo débil.

En cuanto a la mujer de Sancho, Cervantes nos la presenta por un lado sumamente característico en aquella escena, donde recibe la noticia de que han hecho gobernador a su marido. Lo archiespañol en su modo de reaccionar no me parece tanto la natural expansión de su vanidad femenina como el goce íntimo con que escucha y aplaude estas palabras de su hija Sanchica: —*Pluguiese a Dios que fuese antes hoy que mañana, aunque dijesen los que me viesen ir sentada con mi señora madre en aquel coche.*— *¡Mirad la tal por cual, hija del harto de ajos, y cómo va sentada y tendida en el coche, como si fuera una papesa! Pero pisen ellos los lodos y ándeme yo en mi coche, levantados los pies del suelo. Mal año y mal mes para cuantos murmuradores hay en el mundo, y ándeme yo caliente, y ríase la gente! ¿Digo bien, madre mía?*— *¡Y cómo dices bien, hija!*—respondió Teresa—*y todas estas venturas y aun mayores me las tiene profetizadas mi buen Sancho...*, etc.

Si vamos a interpretar los sentimientos de madre é hija, creo que los resumiría esta exclamación tan popular en España: *¡Cómo va a rabiar fulano o zutano!* Rabiar ¿por qué? *¡De envidia!*

La envidia: hé aquí uno de los vicios más típicamente españoles. Es decir tan español como cualquier otro defecto humano. Lo que

quiero señalar es que un pueblo tan individualista como el español tiene una mayor propensión natural a la envidia que otro cualquiera. Por una razón muy sencilla: la conciencia del propio valer tan característica del español difícilmente se aviene a reconocer en el prójimo méritos superiores a los suyos propios. Y es que como en España el medro personal, más que del mérito, depende de la *suerte*, y como ésta suele favorecer a *pocos*, los otros muchos que valen, o creen valer, tanto o más que aquéllos, se creen injustamente postergados. Por otra parte el amor propio del hidalgo difícilmente le hace reconocer la culpa propia en los fracasos que sufre. Prefiere atribuirla a la malevolencia de algún *envidioso*, sencillamente porque la envidia ajena le engrandece a sus ojos. *Más vale ser envidiado que compadecido*, dice el refrán. Don Quijote echa toda la culpa de sus fracasos a la envidia de los malignos encantadores que le quieren quitar la gloria de sus triunfos.—... *este maligno que me persigue, envidioso de la gloria que vió que yo había de alcanzar desta batalla, ha vuelto los escuadrones de enemigos en manadas de ovejas.* Después de otro descalabro dice muy ufano:—... *si estas calamidades no me acontecieran, no me tuviera por famoso caballero andante, porque a los caballeros de poco nombre y fama nunca les suceden semejantes casos, porque no hay en el mundo quien se acuerde dellos: a los valerosos sí, que tienen envidiosos de su virtud y valentía a muchos príncipes y a muchos otros caballeros, que procuran, por malas vías, destruir a los buenos...* Dándose por envidiado es como convierte con la imaginación todas sus derrotas en otros tantos triunfos.

Señoras y Señores: He tratado de destacar algunos rasgos de la obra cervantina con objeto de comprobar su profundo españolismo. A estos rasgos principales, o que tales a mí me parecían, podría añadirse infinidad de detalles más o menos secundarios, pues apenas si hay una parcela de la actual vida española que no ocupe ya su lugar, por insignificante que sea, en la obra de Cervantes. Y esto prueba claramente que ni los inventos técnicos ni las demás transformaciones de la vida moderna han podido cambiar la noble fisonomía de España.

Al decir la noble fisonomía hago hincapié en el adjetivo, a pesar de los horrores de la tragedia actual que está desgarrando las entrañas del país. Pues toda tragedia verdadera tiene un fondo noble. Esta también, aunque sólo lo descubre la ansiosa mirada del amor y de la fé, que ve más allá de lo inmediato, vislumbrando en el horizonte, esclarecida por los trágicos resplandores de la propia Guerra

Civil, la noble silueta del inmortal Caballero de la Mancha, cuya sublime locura abarca todos los tiempos, pasado, presente y futuro: «... *la linda Dulcinea del Toboso, por quien yo he hecho, hago y haré los más famosos hechos de caballerías que se han visto, vean ni verán en el mundo*».

He dicho.

Werner Beinhauer.

Os nomes germânicos na toponímia portuguesa

(Continuado do Tômo V, p. 57)

R

1022. ***Rabaldo** (Barcelos, B).

Nas *Inquirições* de 1258 figura o nome de homem RABALDUS, que aparece também como nome de lugar em RAVALDO *Inquis.* 640[2] e CASAL DE RABALDO 1258. A interpretação de RABALDUS não oferece dificuldade. O elemento inicial é o gót. *HRABNS (ou a forma correspondente de outro dialecto germânico) que significa «corvo», cf. os numerosos nomes formados com êste elemento em Förstemann 869 sgs. O segundo componente deriva do verbo WALDAN «governar», cf. o art. MOALDE. Visto o elemento -ALDE tomar também a forma -AL (como -ILDE > -IL), pode ser que o genet. de RABALDUS esteja no actual RABAL, no concelho de Bragança, embora o primeiro étimo que ocorra seja o lat. RAPUM + -ALE. Os nomes germânicos com RAB- foram certamente motivados pelos lendários corvos companheiros de Wotão. Reparo agora que êste tema se encontra também como segundo componente. Refiro-me a GONDRAMAZ, art. 690, que não soube explicar, e que se deve decompor em GOND-RAM-AZ (-AZ = terminação patronímica -ACI) cf. F 870 GUNDHRAMNUS. Gamillscheg III, 142 cita também um nome borgundo RABA-RĪKS. Veja-se também o art. ROBALDE.

1023. ***Rabão**, Monte do (Elvas, PA).

RABÃO é manifestamente o acusat. ou genet. do nome RABANUS, tirado do tema RAB- «corvo» que acabamos de apontar no art. RABALDO. O *Onomástico* cita um apelido (genetivo) RAUUANI 1174, que encontramos também na Catalunha no topónimo PALATIO RAVANI 1062, hoje PARLABÁ, município da prov. de Gerona, cf. Aebischer, *Études de Toponymie Catalane* 12. Além de RABANUS deve ter existido um nome *RABUS, cf. o apelido (genetivo) RABI 1258 que deu o ant. nome geográfico RABE, *Inquis.* 357[2].

1024. ***Rabião** (Ponte do Lima, Via).

Parece tratar-se dum acusat. ou genet. (RAB-ILANEM ou RAB-ILANI) duma forma hipocorística *RAB-ILA. Vejam-se os dois artigos que precedem.

1025. ***Raião** (Marco de Canaveses, P).

Interpreto RAIÃO como sendo o caso oblíquo *RAGILANEM dum nome *RAG-ILA, forma hipocorística dum dos nomes formados com o tema RAG-, como p. ex. *OM* RAGI-MIRUS 1012, RAGE-FREDUS 1014, RAGE-SENDUS 1014. Förstemann 1240 cita entre outras formas RAGILO, RAGILI e RAGGILA. Sôbre o étimo de RAG- (RAGJ-?) não me posso pronunciar. Förstemann lembra que se poderia tratar duma forma reduzida de RAGIN-, cf. o art. REIMONDE. A vocalização do -G- diante dum -I- e a preceder o acento é um fenómeno normal da fonologia portuguesa, cf. COGITATU > CUIDADO.

1026. **Raimonda** (1. Lousada, P; 2. [Casal da], Mafra, Lisb; 3. Paços de Ferreira, P).

1027. **Raimunda** (1. [Casal da], Mafra, Lisb; 2. [Herdade da], Arraiolos, Ev; 3. [Monte da], Arraiolos, Ev).

1028. **Raimundo** (1. [Herdade do], Montemór-o-Novo, Ev; 2. [Horta do], Elvas, PA).

Tanto a distribuïção geográfica de RAIMUNDO e RAIMUNDA como o facto dêstes nomes precedidos por um apelativo indicam que se trata de topónimos bastante recentes. A mesma conclusão pode tirar-se da forma fonética. A base dêstes nomes é RAGI(N)MUNDUS que evoluciona no Norte normalmente para REIMONDO, cf. os arts. REIMONDE e REMONDE. RAIMUNDO não é por conseguinte de origem visigoda mas foi importado da França, certamente por ser o nome de vários santos. Outro indício da dupla proveniência dêste nome é que no Norte do país (e naturalmente também na Galiza) aparece sem excepção numa forma que reflecte o antigo genetivo latino, o que não se dá no Sul. Ou com outras palavras: REIMONDO é a forma popular, RAIMUNDO a literária, cf. também Leite de Vasconcellos, *Antroponimia*, 343 e 541.

1029. ***Raindo** (Barcelos, P).

Parece ser também um nome formado com o tema RAG-, cf. o art. RAIÃO. Sôbre -INDO veja-se Leite de Vasconcellos, *Opusc.* IV, 56–57.

1030. **Ralde** (1. Vila Verde, B; 2. [Arrabalde de], Póvoa de Lanhoso, B).

Possuímos várias formas antigas dêste topónimo: *OM* Raanaldi 1258, Ranalde era 1546, Ranaldi era 1311. Procede do genetivo do nome *OM* Ranualdus 1006, sendo o tema ran- um elemento especificamente visigótico que encontraremos ainda noutros nomes que se seguem, como p. ex. em Ramil. Meyer-Lübke 42 atribui-lhe o significado de «cunho», lembrando o ant. nord. rani, ao passo que von Grienberger 548 vê nêle o correspondente gótico do ant. alto alem. ran «roubo», rahanen «spoliari». Sôbre -alde veja-se Mangualde, etc.

1031. ***Rama** (Guimarães, B).

Parece tratar-se dum hipocorismo dum nome formado com o tema ram- que se encontra no topónimo a seguir. Cf. também *OM* Rami 1018, nome de homem e *Rom. Germ.* III, 142 Ramis, nome de mulher.

1032. **Ramalde** (1. Gondomar, P; 2. Bouças, P).

O elemento ram- que se encontra também em nomes borgundos, cf. *Rom. Germ.* III, 142, deve talvez aproximar-se do ant. nord. rammr «forte», cf. F. 1243, S 80. Não figura contudo no dicionário de Holthausen. De Ramalde, que naturalmente é o genetivo dum nome *Ramualdus formado na segunda parte como Ranualdus que acabámos de examinar, existem as formas medievais Ramhualdi de Jusano, *Inquis.* 462[2], Ramhaldi, *Inquis.* 463[2], Ramaldi, *Inquis.* 319[1].

[1033. ***Rameiro** (Vila Nova de Gaia, P)].

Virá também dum nome formado com o tema ram-? É possível, porque de facto figura em Förstemann 1244 um Ramierius < gót. *Rami-harjis, que significaria «exército forte». Contudo pode igualmente tratar-se dum derivado português de ramo com o sufixo -eiro.

1034. **Ramil** (1. Feira, Av; 2. Santo Tirso, P; 3. Paredes de Coura, Via; 4. Vieira, B; 5. Vila Nova de Famalicão, B).

A estas povoações chamadas Ramil devem acrescentar-se mais 21 na Galiza, cf. S 80. Trata-se, como se vê, dum nome muito popular: Ramiro, que foi tradicional na dinastia leonesa. Claro que Ramil é um genetivo e -mil está, como em tantos outros casos, por -mir. Contudo não se explica como sendo um composto de ram-,

que está em RAMALDE, mas contém na primeira parte o tema RAN- do art. RALDE. A forma mais antiga é de facto *OM* RANE-MIRUS (rei) 855–866. O *Onomástico* fornece mais as formas seguintes: RANNEMIRUS 1068, RANIMIRUS 915, RANEMIRIZ 1045, RANNIMIRO (príncipe) 964, RANMIRUS 1092, RANEMIR 968, RAMMIRUS, RAMMIRO 1093, RAMIRICI 1079 (= patron. RAMIRES), RAMIRIT 999, RAMIRIZI 1091, etc. Como nome geográfico figura em RAMIRI 1059, RAMIR 1009, CASAL DE RAMILO 1258. Vejam-se também os arts. RAMILO, RAMIRO e RAMIRES.

1035. ***Ramila** (1. Vila Nova de Ourém, Sant; 2. Marvão, PA).

Inútil será dizer que se trata da forma feminina de RAMIRO, RAMILO, cf. *OM* RAMIRA, nome de mulher, 1091.

1036. **Ramilde** (Marco de Canaveses, P).

Representa o genetivo dum nome *RAMILDUS < gót. *RAM-HILDS. Sôbre RAM- veja-se o art. RAMALDE.

1037. **Ramilo** (1. Figueira da Foz, Coim; 2. Lousada, P; 3. Vila Nova da Cerveira, Via; 4. Cantanhede, Coim; 5. Marco de Canaveses, P; 6. Arcos de Valdevez, Via; 7. [Casal do], Mafra, Lisb).

Vem do nome RAMIRO < RANE-MIRUS, com dissimilação do segundo R, cf. o art. RAMIL e Leite de Vasconcellos, *Antroponímia* 41.

1038. ***Ramilos** (Macieira de Cambra, Av).

É o plural do nome precedente indicando um sítio habitado pelos descendentes dum chamado RAMILO.

1039. ***Ramirão** (Fornos de Algodres, Guar).

De RAMIRO. Sôbre esta formação «familial» com -ÃO veja-se *Antroponímia* 155. Na prov. de Pontevedra existe um RAMIRANS, no *OM* figura um CASAL DOS RAMIRÃOS e CASAES DE RAMIRAES 1258, cf. S 81. A *Chorographia Moderna* escreve REMIRÃO.

1040. **Ramires** (1. Sinfães Vis) 2. [Quinta do], Lisboa).

Do patronímico RAMIR-ICI 1079 de RAMIRO, cf. o art. RAMILO. Há também a forma RAMILES, na prov. de Pontevedra.

1041. **Ramiro**, Monte do (Estremoz, Ev).

Vejam-se os arts. RAMIL e RAMILO.

1042. **Rana** (Cascais, Lisb).

Nas *Inquis.* 617[1] figura um Monte Rana que pode ser formado com o mesmo nome de pessoa que deu o topónimo e que se explicaria como sendo um hipocorismo dum dos nomes em que entra o tema ran-, cf. o art. Ralde. A conservação do -n- seria devida a geminação desta consoante, fenómeno característico dos nomes hipocorísticos.

1043. ***Randão** (1. 2. Águeda, Av).

Existe uma localidade dêste nome na freguesia de Águeda, e outra na de Recardães. Randão tem a sua origem no caso oblíquo *Rand-onem do nome medieval Rando 964 que se encontra várias vezes no *OM* e que se conservou também como nome de lugar; veja se o art. Rando.

1044. **Rande** (1. Póvoa de Lanhoso, B; 2. Penafiel, P; 3. Amarante, P; 4. Felgueiras, P; 5. [Quinta de], Penafiel, P; 6. Lousada, P).

Temos aqui o genetivo do nome Rando, cf. êste artigo A forma Randi figura como nome geográfico no «Livro de D. Mumadona», 1059, *Dipl.* 260. Nas *Inquis.* 646[2] ocorre Raandi. Há mais três Rande na Galiza, cf. S 81.

1045. ***Randinha** (Lousada. P).

Esta localidade pertence à freguesia de Nevogilde. É sem dúvida a forma feminina de Randinus, do artigo seguinte.

1046. ***Randinho** (Felgueiras, P).

Deve vir do nome Randinus que figura no *OM* (cf. o genet. Randín na prov. de Orense), a não ser que se trate duma forma deminutiva do topónimo Rando como parece indicar o facto de Rando e Randinho se encontrarem numa mesma freguesia, a de Aião.

1047. **Rando** (Felgueiras, P).

Os quatro topónimos precedentes são modalidades dêste antigo nome de homem *OM* Rando 964, Ramdo 1220, patron. Randizi 1091, Randiz 1021 (?), que tem a sua origem em *randa, *randus, palavra que conhecemos de vários dialectos germânicos e que significa «borda, ourela», principalmente com referência ao escudo, e daí «escudo», cf. F 1246, ML 42, Sch 184, S 81. Êste vocábulo vive ainda hoje no port. renda, esp. randa (no significado indumentário),

cf. também o alem. mod. RAND. O tema RAND- ocorre também em nomes compostos, ora como primeiro elemento, como p. ex. em *OM* RANDEMIR(IZ) 968, cf. hoje na Galiza RANDAMIL (Cor, Lu), e RANDULFUS 870, cf. o art. RENDUFE, ora como segundo elemento, como em *OM* MONRANDO 984. Veja-se também o art. RENDO.

1048. [***Rates** (1. Ponte do Lima, Via; 2 Póvoa de Varzim, P)].

Êste topónimo ocorre também na prov. da Corunha (Outeiro, Outes). O que me leva a considerá-lo como provindo possìvelmente dum nome visigodo, é a forma *OM* RAT-OY 1258, apelido de homem, cujo segundo componente é nitidamente visigodo (WEIGS «luta»). RATES seria neste caso o patronímico dum nome *RATUS, cf. *OM* RATUM 1220, RATOM 1258, que queria identificar com o nome do rei vândalo RAPTUS, cf. F 1221 que cita ainda um REPTILA e um RAPTERI. Schönfeld 185 propõe como étimo *RAFTS, que corresponderia ao ant. nord. RAPTR «trave». SÃO PEDRO DE RATES, no concelho da Póvoa de Varzim, vem mencionado nas *Inquis.* de 1220, p. 34[2], 114[1], 187[2] e 234[1] na forma S. PETRO DE RATIS. No apelido RATOM e, naturalmente, em RATO, que se segue, podemos ver, é claro, uma alcunha, cf. Leite de Vasconcellos, *Antroponímia* 232, RATA, RATÃO, RATINHO, etc.

1049. [***Rato** (1. Guimarães, B; 2. Barcelos, B; 3. Vila Nova de Famalicão, B; 4. Felgueiras, P; 5. Guimarães, B)].

Não é impossível de todo que êste nome venha num ou noutro caso de RAPTUS < *gót. RAFTS apontado no artigo que precede. Há mais três localidades chamadas RATO na Galiza. Claro que não se citam aqui os numerosos CASAL DO RATO, QUINTA DO RATO, etc., em que a interpretação de RATO não pode ser duvidosa.

1050. ***Rebalda** (Penafiel, P).

Deve ser a forma feminina do nome RABALDO; veja-se êste artigo.

1051. [***Rebolfo** (1. 2. Sinfães, Vis)].

Parece tratar-se dum nome *RAB-ULFUS = F. 874 RABANOLF, RABONOLF. A forma -OLFO porém, em que aparece aqui o elemento WULFS, que em Portugal soa geralmente -UFO, inspira dúvidas.

1052. [***Rebufa** (Mondim de Basto, VR)].

Pode ser a forma feminina do nome precedente, se êste realmente deriva de *RABULFUS, cf. QUINTA DE ADAUFA a par de

Adaufe. Nas *Inquirições* 376[2] figura Rebofa como nome geográfico.

1053. ***Reca** (Vila Nova de Ourém, Sant).

Interpreto esta forma como sendo um hipocorismo dum dos nomes compostos com o tema rek-, cf. os arts. Recamonde, Recarei, etc., e F 1256 Ricca.

1054. **Reçamonda** (Arganil, Coim).

É a forma feminina do nome medieval Recemundo 959, Recemondo 961, patron. Recemondizi 1047, Recemondiz 1088, em que o segundo -e- se dissimilou do primeiro passando para a. O mesmo nome de pessoa vive nos dois topónimos a seguir, que contudo oferecem outra «fugenvokal». O genetivo de Recimundus está no topónimo galego Recimunde, na prov. de Lugo, cf. Sachs 82.

1055. **Recamonde** (Lousada, P).

Temos aqui o genetivo de Recamundus 1057, Recamondus 1089, patron. Recamundizi 1094, Recamondiz 1097, que difere do nome precedente só na vogal de ligação a que evitou a passagem do c para ç. Recamundi aparece como nome geográfico nas *Inquis.* 370[4] (in collatione Sancte Marie dAvedyn [Abedim]). O tema rek- encontra-se também em Reca-redus, cf. o art. Recarei, Reca-drudia 1059 = Reca-drugia 1085, nome de mulher, e outros. A sua significação é bastante problemática cf. ML 43, v. Gr. 548, S 83, Sch 189, parecendo-me ser a melhor aquela dada por Holthausen no seu *Gotisches Etymolog. Wörterbuch* onde figura *rik- com o significado de «rei, príncipe», que se relacionaria com o lat. regō «governar», gr. ὀρέγω «estender». Existe também um rio Recamonde, no Minho.

1056. **Recamunde** (Maia, P).

O *Diccionario Postal* escreve Recamude, mas deve ser engano. A boa forma figura na *Chrographia Moderna*. Trata-se por conseguinte do mesmo nome que o precedente com a variação já conhecida da vogal do segundo tema.

1057. **Recardães** (Águeda, Av).

Em 981 chama-se esta localidade Villa Recardanes. Considero esta forma como sendo um plural do nome Recaredo: Recaredanes, em que, contràriamente ao que sucedeu em Recarei, a queda da vogal post-tónica fez com que se conservasse o -d-. Não se pode

ıratar dum genet. sing. em -ANIS por a terminação -A ser inadmissível em nomes compostos com REþS «conselho». Seria lícito pensar também no nome RICARDO, que porém — precisamente por ser de origem francónica — é desconhecido do onomástico antigo português.

1058. **Recarei** (1. Paredes, P.; 2. Bouças, P; 3. [Monte de], Bouças, P.).

Vem do genet. de *OM* RECAREDUS 850–866 (patron.. RECAREDICI 1092, -IZ 1050), cf. *OM* CASTRO REKAREDI 993, VILLA RECAREDI 1006, RECAREY 1258, RECARHEI 1258, RECAREM 1258. Existem mais seis RECAREY na Galiza, cf. Nunes 598, Leite de Vasconcellos, *Opúsculos* 319, Sachs 82.

1059. [***Recezinhos** (Penafiel, P)].

A formação dêste nome é pouco clara. Devo limitar-me a lembrar *OM* RECEZINIS geogr. 1258 e RECEI geogr. 1258.

1060. ***Rechareu** (Guimarães, B).

O *Diccionario Postal* aponta êste nome com um ponto de interrogação. Calculo que esteja por RECAREU, forma oblíqua de RECA-REDUS, cujo genetivo encontrámos em RECAREI. RECAREU seria neste caso o mesmo que RECAREO, no mun. de Curtis, Corunha. RECA-REDUS significa, a meu ver, «o do conselho direito».

1061. ***Recião** (1. Felgueiras, P; 2. Lamego, Vis).

Perpetuou-se neste topónimo o nome do rei suevo RICILA (REQUILA), do séc. VI, na forma do acusat. em -ANEM, que se encontra também no topón. galego RECIÁ na prov. da Corunha. Um indivíduo chamado RIZILA (Z = C, cf. -IZI a par de -ICI) figura num documento do mosteiro de Vairão de 991, *Diplom.* 101. A êste pode ainda acrescentar-se o nome geogr. *OM* VALLIS RECIUM 1258. Não é porém a forma com C que predomina nos derivados dêste nome, mas a com QU, cf. *OM* RIQUILA 946, RIKILLI 1041 e os actuais topón. REQUIÃO e REQUEÃES. O que se observa nestas variantes é o mesmo fenómeno que se verifica nos nomes compostos com *KIND (*KINþS) «criança», em que o K inicial conserva ora o seu carácter de oclusiva velar, cf. os arts. QUINTIÃES, QUINTIÃO, ora se palatiza para C (Ç) como em CENDUFE, o que mostra que tais nomes entraram na lingua em épocas diferentes. Sôbre êste problema veja-se Gamillscheg, *RG* II, 51. Schönfeld 189 reüniu as diferentes grafias do ome histórico RICILA,

1062. ***Recomarães** (Guimarães, B).

Vejo em Recomarães um plural dum nome *Reco-mar, cf. F 1267 Ricmar, formado com o elemento rec- que estudámos no art. Recamonde, mais -mar que examinámos no art. Baldomar.

1063. [***Recomeira** (Tôrres Vedras, Lisb)].

Não me parece razoável — já pela sua situação geográfica — relacionar êste topónimo com o precedente. Creio que temos aqui uma formação primitivamente adjectivica com o sufixo -eira que se veio juntar a Recome = rico home(m), cf. Monte do Ricome no concelho de Montemór-o-Novo e no de Odemira. É claro que deveremos pensar no significado medieval de rico-homem.

1064. **Reçomil** (1. Estarreja, Av; 2. [Quinta de], Vinhais, Bça).

Tem a sua origem no genet. de *OM* Rece-miro 980, Rezemiro 1220, patron. Recemirici 1079, Recemiriz 1065. Trata-se do mesmo nome que Recimil que se encontra quatro vezes na Galiza, cf. S 82, sendo o -o-, como aliás já o indica o -ç- do tema inicial, devido a uma dissimilação parecida com a que verificámos em Reçamonda de *Recemonda. Recemiro é um nome histórico que conhecemos por ser, entre outros, o dum suevo (que tinha uma mãe visigoda) a que se refere Sidónio Apolinário, e dum rei visigodo, cf. Schönfeld, 189 sgs, que estabelece a lista das formas documentadas dêste nome: Ricimer, Ricimerius, Ricimirus, etc.

1065. **Rede** (Santo Tirso, P).

Sachs 84 reúne uma série de nomes geográficos cujo primeiro componente faz derivar de reþs «conselho» que nos é já familiar como segundo elemento através dos nomes em -reu e -rei. A avaliar por *OM* Redmiris 983 e Redariz 1091, existem de facto nomes visigodos compostos na primeira parte com êste tema, cf. também *Rom. Germ.*, I, 321 Redimirus, e III, 143 os nomes borgundos Redbaldus, Retsenda, etc. Aebischer, *Études de toponymie catalane* 18, aponta uma Villa Redi, de 978, que corresponde ao moderno Vilaritg do munic. de Cistella. Parece tratar-se do mesmo nome que Rede. A conservação do -d- intervocálico, provindo de -þ-, que normalmente cai, não pode admirar no nosso caso, porque, tratando-se dum nome monotemático, é muito natural a geminação hipocorística da consoante. Devo contudo chamar a atenção para Ribeira da Rede, no concelho de Mesão Frio, em que Rede deve corresponder ao nome comum respectivo, o que pode também su-

ceder com o nome da localidade do concelho de S. Tirso. REDES, na prov. da Corunha, não seria neste caso um patronímico mas um simples plural de REDE.

1066. ***Redrufe** (Cabeceiras de Basto, B).

Sôbre -UFE veja-se o art. ADAÚFE. A primeira parte do nome é difícil de interpretar. Lembro *OM* RADULFI 1045, cujo primeiro componente se deve relacionar com o gót. RAÞS «rápido», elemento que encontramos também em nomes borgundos, cf. *Rom. Germ.* III, 143. O segundo -R- de REDRUFE representará o -L- de -ULFE?

1067. **Regalde** (Vila Verde, B).

Corresponde ao genet. *OM* REGUALDI 1258, dum nome REGUALDO, patron. REGUALDIZ 1220. Sôbre -ALDE consulte-se o art. MANGUALDE. Quanto ao tema REG-, encontramo-lo igualmente em *OM* REGI-MUNDO 1096, REGA-ULFI 1033, parecendo contudo que a sua forma primitiva é RAG-, cujo -A- teria enfraquecido por estar em sílaba átona, cf. *OM* RAGE-FREDO 1014, RAGE-SENDUS 1014, RAGI-MIRUS 1012, RAGUI 1091. Vejam-se também os arts. REGOUFE e REGUFE. O étimo de RAG- deve ser o gót. WRAKS «perseguidor», WRAKAN «perseguir», WRAKA «perseguição». Von Grienberger 548 pensa numa forma com «ablaut» de WROHS «acusação, queixa». Meyer-Lübke 43 finalmente propôs RIGIS «trevas», cf. Sachs 83. Em todo caso não se pode atribuir a REG- a mesma origem que REC-, de RECAMONDE, RECAREI, RECIÃO, etc., como faz êste último autor. O nome REGUALDI ocorre também na Galiza, mun. de Canedo, prov. de Orense, na forma REGOALDE.

[1068. **Regil** (1. Aljezur, F; 2. [Quinta de], Almada, Lisb)].

Trata-se possivelmente de uma variante do nome seguinte.

1069. **Regilde** (Felgueiras, P).

Sachs 84 junta REGILDE aos nomes derivados de *REÞS «conselho». Neste caso o segundo elemento seria GILD «imposto». Nas inquirições de Afonso III, *Inquis.* 682, esta freguesia aparece na forma SANCT(A) COLUMB(A) DE REGELLI (do julgado de Guimarães). Pode ser que esta grafia se deva a um êrro de copista visto a antiga terminação -ELLI estar hoje representada por -ELHE, -ILHE.

1070. [***Regodeiro** (Mirandela, Bça)].

Êste nome parece estar por REGO D'EIRO, cf. o art. 334 EIRO.

1071. **Regoufe** (1. Barcelos, B; 2. Marco de Canaveses, P; 3. São Pedro do Sul, Vis; 4. Barcelos, B; 5. Monção, Via).

Algumas destas terras encontram-se documentadas na idade média: Regaulfi 1033, *Diplom.* 172; Regoufi 1096, *Inquis.* 29: «heremita de Sancto Salvatore de *Regoufi*» (A e B: Regaufi) da «Terra de Nevia» (Neiva), localidade que corresponde ao Regoufe do concelho de Barcelos e que pertence à freguesia de Ginzo; Regooufi 1258, *Inquis.* 646², etc. A Villa Ragolfe 981, *Diplom.* 80 (Doc. do mosteiro de Lorvão) parece ser o Regoufe da freguesia de Covelo de Paivô, conc. de S. Pedro do Sul.

Regoufe, e também o topónimo que se segue, Regufe, derivam dum nome visigodo composto com o tema *rik-, a que me refiro no art. Recamonde, mais wulfs «lôbo», cf. F 1271 Ricvulf, Recaulf, Rigolf, etc. Sachs 82 resolve a dificuldade que reside no facto do tema *rik- aparecer ora como rec-, ora como reg-, com sonorização do -k-, admitindo uma dupla forma rek- e rekk-. A explicação é um pouco artificial. Não é impossível que se trate de dois temas inteiramente diferentes. Há mais três Regoufe na Galiza: 1. no mun. de Chantada, 2. no de Orense, 3. no de Teo, aos quais se podem acrescentar Regolfo (mun. de Solórzano, Santader) e Regulfe (mun. de Bóveda, Lugo).

1072. **Regufe** (1. Póvoa de Varzim, P; 2. Vila do Conde, P).

Veja-se o artigo anterior. Em Regufe perdeu-se a «fugenvokal». Existe também um Regufe no mun. de Lalín, prov. de Pontevedra.

1073. **Reimão**, Casais do (Santarém).

No Foral de Folgosinho, *Leges* 467, vem mencionado um Reimun, Reimon, cuja identidade com Reimão não oferece dúvida. Considero êste nome como sendo a forma proclítica de Reimondo, cf. êste artigo e *Antroponímia* 450 Reimão Paes.

1074. **Reimonda** (1. [Herdade da], Arraiolos, Ev; 2. [Monte da], Redondo, Ev).

É a forma feminina do nome que vive no topónimo a seguir. Cf. também Raimonda e Raimunda.

1075. **Reimonde** (1. Bacelos, B; 2. Vila Real).

Vem do genet. do nome *OM* Regimundo 1096, Reimundus 959, Reimondo 1220 (Reimondiz 1220) etc., do gót. Ragi(n)-mundus,

formado no primeiro componente com RAGIN «conselho, decisão», cf. também o art. RAIMUNDO e Sachs 80. Encontramos REIMONDE igualmente no mun. de Puenteareas, prov. de Pontevedra.

1076. **Reimondinho** (Barcelos, B).

Reimondinho pertence à mesma freguesia que REIMONDE (Carreira), o que mostra que se trata duma formação recente com o sufixo deminutivo -INHO.

1077. **Reinaldo**, Herdade do (1. Évora; 2. Montemór-o-Novo, Ev).

Sôbre êste nome, que não pertence ao antigo onomástico português, pelo que não se acha na toponímia do Norte do país, veja-se *Antroponímia*, p. 67.

1078. **Reinaldos** (Peniche, Lei).

É escusado dizer que se trata dum plural do nome precedente.

1079. **Reirigo** (Paredes de Coura, Via).

Êste topónimo corresponde a RAIRIGO, no mun. La Bola, Orense, cujo primeiro componente Sachs 80 explica como vindo de *RANA-, cf. o art. RALDE. Considerando porém a evolução de RANI-MIRUS para RAMIL, cf. êste artigo, reconhece-se que um *RANI-RIGUS havia antes de evolucionar para *RARIGO, quere dizer êste étimo não explica o ditongo EI. Por outro lado temos já REIRIGU como nome de pessoa em 926, de modo que será mais natural fazê-lo derivar de RAGI(N)-RICUS cuja evolução corresponderia perfeitamente à de RAGI(N)-MUNDI para REIMONDE, tanto mais que se trata de um nome histórico, cf. F RAGARRICH, bispo de Evreux, ano 644.

1080. **Reiriz** (1. Vila Verde, B; 2. São Pedro do Sul, Vis; 3. Monção, Via).

É o genetivo de REIRIGO. Nas *Inquis.* 359[2] vem citado um Monte de REEIRIZ. Cf. também o art. RERIZ. Na Galiza há dois RAIRIZ (1. mun. de Allariz, prov. de Orense; 2. mun. de Rairiz de Veiga, prov. Orense), que tem a mesma origem que REIRIZ.

1081. **Remelhe** (1. Braga; 2. Barcelos, B).

O primeiro componente dêste nome e do que se segue é RIM-, do gót. RIMIS «ἡσυχία», «descanso». REMELHE representa o genetivo dum nome *REM-ELLUS, forma latinizada dum suposto gót. RIM-ILA

que Gamillscheg, *RG* III, 144, de facto aponta como nome borgundo e que talvez explica o topón. Remoães. Também em Förstemann 1274 figura uma forma Remila. No *Onomástico* há mais alguns nomes formados com o tema RIM-, como p. ex. Remesario 995, cujo genet. Remeseiri (já aportuguesado!) aparece em 1087 como nome de lugar (hoje, ao que parece, desaparecido), e no actual Remesar, nome de três localidades galegas apontadas por Sachs 84. Note-se que em Remesario o primeiro componente aparece numa forma mais extensa REMES- (o mesmo sucede com os nomes borgundos Remes--berga, Remes-bert e o do rei suevo Remis-mundus), dificuldade que Gamillscheg resolve admitindo num caso como étimo o adjectivo RIMS «tranqüilo», e no outro o substantivo RIMIS. Queria ainda acrescentar que o apelido Remiriz, dum documento de 1258, não se relaciona com RIM- mas, precisamente por ser apelido, se deve decompor em Re-miriz (< *Redi-mir-ici).

1082. **Remegilde** (Resende, Vis).

Reconhece-se fàcilmente tratar-se do genetivo dum nome Remi--gildus, cf. F 1275 Remigildis. Sôbre o segundo componente vejam--se os arts. Agilde, Ermegilde, etc.

1083. **Remil** (Leiria).

Trata-se do genetivo dum nome *Redi-mirus, cujo patronímico aponto no artigo Remelhe e que é formado no primeiro componente com *reþs «conselho», cf. o art. Rede e Sachs 84.

1084. **Remirão** (Fornos de Algodres, Guar).

Veja-se o artiho Ramirão.

1085. **Remoães** (Melgaço, Via).

Creio que êste topónimo deriva do genet. *Rimilanis, do nome hipocorístico Rim-ila que aponto no art. Remelhe, que teria evolucionado para *Remeães, passando o segundo -e- para -o- sob a influência da labial M, facto que tem uma certa analogia em somana < < semana, etc.

1086. **Remonde** (1. Marco de Canaveses, P; 2. Viseu; 3. [Casal de], Marco de Canaveses, P).

Não deve ser uma simples variante de Reimonde (< Regimundi), veja-se êste artigo, mas representa certamente o genetivo dum nome *Redi-mundus, formado na primeira parte com *reþs «concelho»,

cf. os arts. REDE, REGIL, REMIL e *OM* REMONDO 1220, REMUNDO 1220, REMUNDOS 1115, REMONDIANES séc. XV. Há também um REMONDE na prov. de Lugo.

1087. **Remondes** (Mogadouro, Bça).

É escusado dizer que temos aqui o patronímico do nome precedente.

1088. [**Rendo** (1. S. Tirso, P; 2. Vila do Conde, P; 3. Sabugal, Guar; 4. Albergaria-a-Velha, Av; 5. [Quinta de], Guarda)].

Será uma variante de RANDO? Duvido muito. Primeiro por causa da passagem do A para E, que dificilmente se justifica e que não se pode comparar com o caso de RENDUFE < RANDUFE onde a primeira sílaba é atona. Segundo, porque o número destas localidades que reflectem um caso obliquo me parece demasiado. Vejam-se contudo os arts. RANDE e RANDO.

1089. **Rendufas** (Tôrres Novas, Sant.).

É sem dúvida o mesmo nome que o seguinte. A terminação é enigmática. Não estará RENDUFAS por **RENDUFES**?.

1089. **Rendufe** (1. Vila Verde, B; 2. Valpaços, VR; 3. Póvoa de Lanhoso, B; 4. Sinfães, Vis; 5. Amarante, P; 6. Amares, B; 7. Ponte do Lima, Via; 8. Guimarães, B; 9. Resende, Vis; 10. [do Vilar], Felgueiras, P).

Corresponde a RANDOLFE, RANDULFE (2), RANDUFE (3) na Galiza, cf. Sachs 81. Trata-se do genet. de RANDULFUS 870 (RANDULFIZ 985 RANDULFICI 1099, RANDUFIZ 1098) que aparece como nome geográfico em RANDULFI 1258, RANDUFI 1220, RANDUFFI 1258, RENDUFI 1258. Veja-se também o art. RENDO. Sôbre o primeiro componente, RAND-, veja-se o art. RANDO. A avaliar pelos numerosos vestígios que deixou, RANDULFUS deve ter sido um dos nomes mais vulgares na idade média.

1090. **Rendufinho** (1. Póvoa de Lanhoso, B; 2. [Monte de], Coruche, Sant).

Do nome geográfico precedente.

1091. **Requerém** (Braga).

Êste topónimo é idêntico a RECAREI, cf. êste artigo. Encontrámos a mesma nasalação do elemento final -REI < -REDI (genet. de -REDUS) em GONDARÉM, LAGARÉM, LEBREM, OUSAREM, etc.

1092. **Requesende** (1. Monção, Via; 2. Póvoa de Lanhoso, B; 3. Bouças, P).

Vem do genetivo de Requesendus 1010, cf. *Inquis.* 464ª Villa Requisendi, que corresponde ao Requesende do concelho de Bouças (freg. de Ramalde). Há também dois Requesende na prov. da Corunha. Sôbre o componente inicial rek- veja-se o art. Recamonde. Êste aparece também, como já verificámos no art. Recião, na forma reç-, cf. *OM* Recesindo 936 e os actuais topónimos galegos Rececende (Villameá, Lu), Rececendes (Antas de Ulla, Lu), Rececinde (Coristanco, Cor), Recesende (1. Castroverde, Lu) 2. Neira de Jusá, Lu), Recesindes (Vimianzo, Cor).

1093. **Requiães** (Barcelos, B).

Trata-se do genet. *Requilanis do nome Requila, Ricila que já apontámos no art. Recião e que figura também no topónimo que se segue. Nos *Diplom.* 259 figura um nome geográfico Riquilanes, 1059, nas *Inquis.* 113ª Riquiaes 1220.

1094. **Requião** (1. Lousada,, P; 2. Guimarães, B; 3. Monção, Via; 4. Barcelos, B; 5. Paredes de Coura, Via); 6. Guimarães, B; 7. Vila Nova de Famalicão, B; 8. Guimarães, B; 9. Barcelos, B).

É o mesmo nome que Recião (veja-se êste artigo), quer dizer o caso oblíquo de Requila, Ricila. No *OM* figuram: Quairas de Requiam 1230, Requiam de Penso 1220, Riquiam dos pequinios 1220. Também na Galiza êste topónimo é muito freqüente: Requián (1. Betanzos, Cor; 2. La Estrada, Pont; 3. Parada del Sil, Or; 4. Pastoriza, Lu), Requiá (Moeche, Cor), Requiás (Muiños, Or) <*Rik-ilaci. Receá (1. Frades, Cor; 2. Mesía, Cor).

1095. [***Requim** (1. 2. Marco de Canaveses, P)].

Pode derivar do genetivo dum nome *Requ-inus, sendo o primeiro elemento o mesmo que nos quatro topónimos que precedem.

1096. **Reriz** (Castro Daire, Vis).

Êste nome é sem dúvida uma variante de Reiriz.

1097. **Rèsende** (1. Resende, Vis; 2. Paredes de Coura, Via).

Trataram dêste nome D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Zeitschr. f. roman. Philologie,* xxix, 689, e Leite de Vasconcelos,

Lições 165. Sachs 84 observa justamente que é melhor explicá-lo como vindo de *REDI-SINDUS (sôbre o primeiro elemento cf. o art. REDE) do que de RANUSINDUS, tanto mais que no séc. XIII se escreve REISINDI, *Inquis.* 362[2], e no séc. XV REEZENDE, o que mostra claramente que o primeiro componente tinha um E tónico.

1098. ***Ricamonte**, Casal de (Vila Nova de Famalicão, B).

É o mesmo que RECAMONDE, de que já se tratou. No segundo componente houve confusão com o nome comum MONTE.

1099. **Ricardo**, Casais do (Alemquer, Lisb).

Êste nome não pertence ao antigo onomástico português de origem visigoda, o que fàcilmente se reconhece pela sua ausência na toponímia do Norte do país. Além disso o elemento -ARDO, que significa «duro», «valente», é um dos mais freqüentes em nomes francónicos, faltando por completo em nomes visigodos. RICARDO deve por conseguinte ter vindo de França.

1100. **Roalde** (Sabrosa, VR).

Veja-se o artigo que se segue. ROALDE é documentado em 1220 (*Inquis.* 40[4]) na forma ROOVALDE, REOVALDE (De Sancto Johanne de Covas — De Terra de Panoias).

1101. **Robalde** (1. Celorico de Basto, B; 2. [Quinta de], Felgueiras, P).

A primeira destas localidades, da freguesia de Arnoia, vem mencionada nas *Inquis.* 50[2] na forma ROUVALDI (De Sancto Michaele de Carvalio — De Terra de Celorico), o que nos impede de considerar ROBALDE como sendo uma variante de RABALDE, com dissimilação do primeiro A. Quere parecer-me que temos em ROUVALDI o genet. de *OM* RANUALDUS 1006, formado com o tema RAN- de que tratámos no art. RALDE. ROBALDE seria o mesmo nome que RALDE, com a diferença do primeiro ser composto com «fugenvokal» (U): RAN-U-ALDUS (o U pode na verdade também ser o produto da vocalização do W do segundo elemento: WALDAN), e o segundo sem esta vogal de ligação (ou com supressão do U do segundo componente): RAN-ALDUS. Na primeira hipótese o B de ROBALDE não seria o reflexo do W visigodo, mas teria a mesma origem que o V em LOUVAR < arc. LOAR. ROALDE, sem B, representaria a fase intermédia desta evolução. Quanto ao -O-, provém naturalmente do ditongo AU que se forma em RANU- devido à queda do N intervo-

cálico, cf. Ranu-sindi > Rosende. Sachs 106 vê nos topónimos Rabaldo e Robalde o elemento balþs «audaz», cf. os arts. Balde e seguintes, mas o número de nomes que apresenta é tam pequeno que duvido que os visigodos tivessem possuído nomes formados na segunda parte com êste tema.

1102. **Robaldinho** (Felgueiras, P).

Do topónimo precedente. Fica na mesma freguesia (Idães) que o Robalde do concelho de Felgueiras.

1103. **Roberto,** Quinta do (Alemquer, Lisb).

O que dissemos a respeito de Ricardo, vale também para Roberto. Não há nomes visigodos compostos com -berto, que só encontramos como primeiro elemento, cf. os arts. Bertal, Bertelhe, etc.

1104. ***Rocamonde** (Lousada, P).

Vem do genetivo do nome que se segue.

1105. ***Rocamondo** (Guarda).

Na província de Santander (mun. de Valderredible) existe um Rocamundo. O *Onomástico* regista um apelido (patronímico) Rocemondiz 1258. No primeiro componente roc-, (o genet. Rocamonde prova que não se pode tratar do nome comum roca), vejo o gót. *hrôks «gralha», que Gamillscheg, *Rom. Germ.* III, 129, encontrou em vários nomes borgúndios. A presença dêste tema em nomes visigodos mostra que estes nomes não vêm do germânico ocidental. Quanto ao significado de *hrôks, tem um paralelo nos nomes formados com *hrabns «corvo», veja-se o art. Rabaldo.

1106. ***Rodriga** (Barcelos, B).

É a forma feminina do nome que se segue.

1107. ***Rodrigo** (1. [Quinta de D.], Sant; 2. [Quinta de D.], Alcácer do Sal, Lisb; 3. [Monte de Afonso], Odemira, Be).

Será escusado lembrar o último rei godo. Nota-se que os nomes geográficos apontados se encontram todos no sul. É que se trata de nomes de «colonização» como demonstra também o nome comum que os precede. Rodrigo é a forma «histórica», quer dizer fonèticamente conservadora, do nome que aparece hoje na toponímia do Norte de Portugal na forma Rorigo.

1108. *__Rodrigues__, Horta do (Borba, Ev).

É o patronímico de RODRIGO. O que disse a respeito dêste nome vale também para RODRIGUES.

1109. *__Roiriz__ (Felgueiras, P).

Veja-se o artigo RORIZ.

1110. *__Roligo__ (Feira, Av).

Deve ser o mesmo que RORIGO, com dissimilação do segundo R para L.

1111. *__Roma__ (1. Fafe, B; 2. Guimarães, B: 3. Barcelos, B).

Encontramos êste nome também no município de Zas, prov. da Corunha. Creio que se trata dum nome monotemático derivado do gót. *HRÔMS «glória» que vamos encontrar em ROMARIGO, ROMARIZ, etc. Förstemann 883 aponta de facto um ROMA. Em abôno desta hipótese posso alegar o nome de lugar ROMACES (mun. de Rodeiro, prov. de Pontevedra) que tem todo o aspecto dum duplo patronímico *ROM-AC-ICI. O apelido *OM* ROMAIZ 1220 não há de vir forçosamente dêste nome mas parece antes ser o patronímico do nome de santo ROMANUS «Romão». Veja-se também o art. ROME.

1112. __Romarigães__ (Paredes de Coura, Via).

Deve explicar-se como sendo um plural em -ANES (e não um genet. em -ANIS) de ROMARIGO.

1113. __Romarigo__ (1. Santa Marta de Penaguião, VR; 2. Arouca, Av).

Vem dum nome ROMA-RICUS, cf. *OM* ROMARIGUS 912, (patron. ROMARIGUIZI 1062, ROMARIQUIZI 1024, ROMARIQUIZ 1066, ROMARIGIZ 1055), composto na primeira parte com *HRÔMS «glória», cf. ant. alto alem. HRUOM, ant. ingl. HRŒMIG, a que já aludi no art. ROMA. ROMARIGO vem já citado como nome geográfico em 1258, *Inquis.* 708[1]. O elemento ROM- é relativamente raro em nomes peninsulares, cf. Sachs 68–69 que aponta ainda RUMÍN e RUMILLE, das prov. de Lugo respectivamente Coruña. Vejam-se também os arts. ROMARIZ e ROMIL. ROMA-RICUS significa «o cheio de glória».

1114. __Romariz__ (1. Lousada, P; 2. Feira, Av; 3. [Quinta de], Vinhais, Bça).

Temos aqui o patronímico de ROMARICUS que se estuda no artigo precedente. As formas antigas dêste topónimo são *OM* ROMARICI

1082, VILLA ROMARIZI 1081. Na Galiza há mais 6 localidades chamadas ROMARIZ e 7 que se escrevem ROMARÍS (sem contar um VILLA-ROMARIZ na prov. da Corunha), número que demonstra a grande popularidade dêste nome na idade média.

1115. ***Rome** (Viana do Castelo).

Êste nome de lugar vem confirmar de certa maneira a explicação que dei de ROMA. ROME parece de facto ser o genet. *ROMI da forma latinizada em -US do nome de homem ROMA.

1116. **Romil** (Braga).

O *Onomástico* regista um nome RUMILI 1073 que lembra o actual topónimo galego RUMILLE (mun. de Padrón, prov. da Corunha). Apesar desta forma prefiro ver em ROMIL um nome composto com -MIRUS, e não com -ILDUS, sendo o primeiro componente o gót. *HRÓÞS «glória», cf. HRÓÞEIGS «vitorioso». Veja-se também Sachs 69–70 que aponta um antigo nome de lugar RODOMIRO pertencente à diocese de Viseu e que figura na *Primera Crónica General*.

1117. [**Ronde** (Arouca, Av)].

Possìvelmente RONDE corresponde a *HRUNDA, nome feminino registado por Holthausen. O ant. nórdico HRUND significa «deusa», «mulher». Vide também Sachs 70.

1118. [**Rondães** (Santo Tirso, P)].

Parece tratar-se dum genetivo em -ANIS do nome precedente.

1119. ***Ronfe** (1. Lousada, P; 2. Paços de Ferreira, P; 3. Guimarães, B).

Creio que RONFE está por *Roúfe, nome que, segundo Sachs 81, existe hoje na Galiza e que provàvelmente é o genetivo dum nome *RAN-ULFUS, cf. o apelido RANULFIS 983 e o ant. nome geográfico RAUFO 1258, *Inquis.* 397[3], embora teòricamente o primeiro elemento se possa também explicar por *HRÓÞS «glória». Quanto à evolução, um pouco estranha, de ROÚFE para RONFE, explica-se talvez pelo facto do acento ter passado do -U- para o -O-. Basta pronunciar ràpidamente RÓUFE para notar-se que fàcilmente diante do F se origina um som nasal.

1120. ***Rorigo** (Vila Nova de Famalicão, B).

Trata-se da forma «popular» do nome RODO-RICUS que já encontrámos na forma «semiculta» RODRIGO. Êste nome é amplamente

documentado: *OM* RODORIGUS 850–866, RODERIGO 1004, RODORIGO 981, ROORIGO 1220, etc., e os numerosos patronímicos RODORIQUIZI 1048, RODORIQUIZ 1009, RODORIGUIZ 1097, etc. O primeiro componente é *HRÓÞS, «glória», cf. o art. ROMIL. O nome significa, por conseguinte, como ROMARIGO, «o cheio de glória», «o glorioso». O -þ- intervocálico do gótico emmudeceu como o -D- do latim.

1121. **Roriz** (1. Ponte do Lima, Via; 2. Paredes, P; 3. Fafe; B; 4. Paredes de Coura, Via; 5. Penalva do Castelo, Vis; 6. Guimarães, B; 7. Chaves, VR; 8. Felgueiras, P; 9. Monção, Via; 10. Barcelos, B; 11. Santo Tirso, P; 12. Pesqueira, Vis).

Dada a grande popularidade de RODERICUS na idade média, não pode admirar que haja tantas localidades que provêm do genetivo dêste nome, RODERICI (968). Encontram-se mais 4 RORÍS na Galiza (1. Arteijo, Cor; 2. Cesuras, Cor; 3. Pontevedra; 4. Lavadores, Pont), sem contar ROURÍS, ROIRÍS (Arzúa, Cor) que, como o ROIRIZ do concelho de Felgueiras, conservaram a «fugenvokal». Eis algumas formas antigas de RORIZ: RODERIZ 1220, *Inquis.* 55 e 56, RODORIGI 965, *Diplom.* 57, RODORIZ 1096, *Diplom.* 497, ROHORIZ 1258, *Inquis.* 529, MONASTERIO DE ROORIZ 1220, *Inquis.* 163 e 517, RORIS, séc. XV.

1122. **Rosamonde** (Gondomar, P).

Existe outro ROSAMONDE no mun. de Puebla del Caramiñal, prov. da Corunha. A interpretação do primeiro elemento, ROS-, é duvidosa, cf. Holthausen *RUS- e Sachs 85. Schönfeld 194 pensa numa formação híbrida com o lat. ROSA, o que é muito bem possível. Chamava-se ROSEMUNDA uma filha do rei gepídio CUNIMUNDUS. O tema ROS- entra também no topónimo que se segue.

1123. **Rosomil** (Arouca, Av).

É também o nome duma localidade galega (mun. de Boiro, Cor). De nomes antigos formados com ROS- só posso apontar *OM* RROSLLA 1050 (= *ROS-ILA?). ROSOMIL é naturalmente o genetivo dum nome *ROSO-MIRUS.

1124. [**Roufelha** (Aviz, PA)].

¿Será um nome derivado de ROUFE, de que tratámos no artigo RONFE, com o sufixo port. -ELHA < -ĬCULA? É lícito imaginar que

colonos procedentes duma localidade do Norte chamada Roúfe denominassem a sua nova terra Roufelha, quer dizer «pequeno Roúfe». Contudo é preciso frisar, que não encontrámos ainda o suf. -elha com esta função num topónimo germânico.

1125. **Roupar** (1. Lousada, P; 2. Vila Verde, B; 3. Terras de Bouro, B),

É o genetivo dum nome relativamente freqüente no onomástico medieval: Rauparo 1032 (Rauparizi 1012, Rauparici 1045, Raupariz, Rauparez 1058), Raupeiro 1058, Rauperio 1084, Raupirio 1013, Rouparius 1098 (Rouparizi 1056) e, finalmente, o apelido, idêntico ao nosso topónimo, Roupar 1258, *Inquis.* 306[2]. O primeiro componente é sem dúvida o gót. *raupa «botim», «vestido», que entrou também no vocabulário português como nome comum: roupa. É claro que é o primeiro dos dois significados que explica o seu emprêgo na formação de nomes. Até agora não se documentaram nomes germânicos formados com êste tema. A conservação do p depois do ditongo é regular, cf. paucu > pouco. Sôbre -ar veja-se o art. Baltar.

1126. **Rozém** (1. Penafiel, P; 2. Marco de Canaveses, P).

Creio que Rozém é o mesmo que Rozende. Já vimos que por vezes o segundo elemento de composição aparece sob dois aspectos, um mais completo e outro reduzido, como p. ex. -ilde e -il, -gilde e -gil. Rozem e Rozende formam um par como Formozem, art. 474, e Formosende (na prov. da Corunha).

1127. **Rozende** (1. [Tôrre de], Ponte do Lima, Via; 2. Paços de Ferreira, P; 3. Guimarães, B; 4. [Quinta de], Gondomar, P).

Trata-se, como já mostrou Leite de Vasconcellos, *Lições* 166, do genet. dum nome Ranu-sindus, cf. *OM* Ranosindo 1032, Ranusendo 1041 (Ranusendiz 1065), Rauzendo séc. xv, Villa Ranusindi 985 e os nomes geogr. Ranosendi 1070, Ranosindi 924, Rauzendi 1258. No mun. de Incio, prov. de Lugo, existe um Rousende que é a forma intermediária que se segue à fase *Rausende. É preciso contudo frisar que está também documentado o nome medieval Rodo-sindus, composto com *hrôþs «glória» (cf. o art. Roalde): *OM* Rodosindus 897, Rodosendu 1045, Rrodosindo 957, Rudesindus (bispo) 911, Rudesindi ap. 926, que formalmente explicaria também o topónimo Rozende. À grafia com z deveria preferir-se (como também no caso de Rozém) a com s.

1128. ***Ruães** (1. 2. Braga).

A primeira destas localidades pertence à freguesia de Merelim, a segunda à de Mire de Tibães. Interpreto RUÃES como sendo o genetivo *ROD-ANIS dum nome masculino *RODA = gót. HRODA, cf. F 887 HRODO e HRODA, que seria um nome monotemático formado de HRÔþS «glória» a que acabo de me referir. O topónimo que se segue, RUÃO, representaria o caso oblíquo *ROD-ANEM.

1129. ***Ruão** (1. Barcelos, B; 2. Ponte do Lima, Via).

Veja-se o artigo que precede.

1130. ***Rugido** (Cabeceiras de Basto, B).

No *Onomástico* encontro um patronímico RUGEMIRIZI 1085, que contém um tema RUG- que parece provir do nome do povo dos rúgios. RUGIDO poderia representar um nome *RUG-ILDUS. No mun. de Castro-Caldelas, prov. de Orense, há um RUGIL que seria o genetivo respectivo. É escusado dizer que se pode também decompor RUGIDO em RU-GIDO, o que exigiria uma outra explicação do primeiro componente, p. ex. *HRÔþS «gloria», art. ROMIL, ou RANA, art. RALDE.

1131. ***Ruilhe** (1.–3. Braga).

Duas destas localidades são freguesias. Vejo em RUILHE o genet. dum nome *RODELLUS, que tomou o lugar dum nome hipocorístico *ROD-ILA = F 887 HRODILA, HRODILO (a par de HRODELUS), cf. *OM* RUDILIZ 1025 que é manifestamente o patronímico dêste suposto RODILA. O -i- de RUILHE deve-se ao «umlaut» provocado pelo I longo final do genetivo. Uma das freguesias figura nas *Inquis.* 89[1] na forma RUILI e RUILHI (De Sancto Pelagio de Ruili — De Penafiel de juxta Bastuzo). O tema ROD- seria o apontado no art. RUÃES.

(*Continua*).

JOSEPH M. PIEL.

O Império da Língua Portuguesa[1]

I

Vinte e um séculos já rodaram no asfalto do Tempo, depois que os Romanos, senhores da Península Ibérica, impuseram ao alheio território uma estrangeira língua: o latim.

Não se fez demorar a sua difusão na Lusitânia. Mas teve, por assim dizer, de adaptar-se ao meio. Sofreu alterações. Tomou formas novas. Um novo idioma: a *Língua Portuguesa!*

Marcam-se nessa evolução influências germânicas e arábicas. Impossível, porém, é precisar o momento em que o sistema lingüístico latino dissera o seu adeus...

É sabido que as primeiras novidades surgiram na linguagem oral. Outras e outras foram sendo postas em circulação. Um dia profissionais da escrita passaram a apresentá-las em sociedade... com as palavras antigas. Nos documentos em latim bárbaro.

Declarando pùblicamente o destino dos seus bens, em 1177, Horraca Petri no-las mostra:

«Era M. C. C. X.V. Mando ego Horraca Petri meum corpus ad monasterium Sancti Saluatoris de Sauto et ipsum meum casalem de Rial integrum cum omnibus que ad illum pertinent, in quo morauit Menendus Luz, et meum lectum cum almuzala et cum mea manta noua. Ad Mariam Pelagis I. ouelia et I. cabra cum sua filia. Ad Mariam, filiam de Petro Caluo, I. ouelia et I. capra et II. quartarios de pan et I. arca et I. telega de pan in quocumque anno donec habeat uirum. Mando ut Petrus Pelagiz teneat in uita sua ipsas casas in quibus morat. Ad Petrum Gunsaluiz, meum abbatem, I. ouelia et I. capra. Ad gafos de Vimaranis et de Bragaa et de Barcelos singulas telegas. Ad Sanctum Martinum de Candaosu II. morabitinos de hereditate de Portela de Lectões».

---

[1] Dissertação classificada em primeiro lugar no concurso do «Prémio de língua portuguesa», consagrado pelo Instituto para a Alta Cultura aos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. Paulo.

Logo, progresso evidente! Os textos literários e oficiais passam a ser redigidos com o novo vocabulário.

E a poesia de Paayo Soarez de Taveiroos em 1189, dedicada a D. Maria Pais Ribeiro:

No mundo non me sei parelha,
mentre me for' como me uay,
ca já moiro por uos, e ay
mia senhor branca e uermelha,
queredes que uos retraya
quando uos eu ui en saya.
Mau dia me leuantei,
Que uus enton non ui fea...

E, alguns anos depois, um auto de partilhas:

«In Christe nomine, amen. Hec est notitia de partiçon e de deuison que fazemos entre nós dos herdamentos e dos coutos e das honras e dos padroadigos das eigreijas que foron de nosso padre e de nossa madre, em esta maneira...».

Com Taveiroos, até onde vão as nossas memórias, fez a sua estreia a Literatura Portuguesa. Fê-la no género lírico. Em confissões de amor.... de melancolia... de «soidade»...

Êsse lirismo continuou vivendo nas cantigas de Dom Sancho, de Vaasco Sandim, de el-rei Dom Denis... Belas cantigas de amor e de amigo! Estas, com raízes na terra; e aquelas, de procedência estrangeira. Umas e outras inspiradas, não por princesas ou damas da côrte, mas, quási sempre, por humildes pastorinhas ou lavadeiras.

Hũa pastor se queixaua,
muyt' estando noutro dia,
e sigo medês falaua
e choraua e dezia
con amor que a forçaua:
Par Deus, ui-t' em grade dia,
ay amor.

A tanta riqueza de versos correspondia uma prosa bem pobre. Apenas as *Crónicas Breves*, os *Nobiliários*, a *Demanda do Santo Graal*...

«Quãdo os leuarõ ao pááço, fizerõ-lhis tã grãde infynta d'amor e de lidice, que eles teuerõ que en bõo ponto ali ueerõ; e fezerõ-nos desarmar logo, e preguntarõ-lhis unde erã. E eles diserõ ca erõ da casa de rey-Artur.

—Ben seiades uïidos! disserõ eles. Muy mais uos amamos por en.

E pois forã desarmados, ueo a eles huu uelho caualeyro e dise-lhis:

— Queredes ir comigo? E mostra-uos-ey hũu caualeyro da Mesa Redonda que aqui iaz doente.

— Váámos, disserõ, ca de grado o queremos ueer».

Parecia ser mais a mão dos trovadores que trabalhava em fixar o novo idioma. Aspectos interessantes o caracterizam:

Coraçom... Quiserom... Geeral... Creer... Fugides... Devedes... Recebudo... Ourivezes... Hũa... Algũa... Hũa pastor... Hũa senhor... Ninguem non levar...

Reflecte-se na linguagem a influência francesa que se fizera sentir na poesia trovadoresca. Ora galicismos: *Dama... Virgeu... Sazon... Par Deus...* Ora provençalismos: *Mege... Senher... Parlar... Lousinhar... Cor... Al rem...*

No século XV abre-se um período verdadeiramente promissor. Período de transição: fonética, morfológica e sintáctica. A língua é, a um tempo, conservadora e innovadora. Tradição e progresso! Continuam em voga: *Coraçom... Atençom... Deverom... Partirom... Rua... Algũa...* Mas já existem: *Deveis... Partis...* em vez de *Devedes... Partides...* Também *Hũa pastora... Hũa senhora...*

A cultura humanística estava em grande moda. Aparecem latinismos no vocabulário. A ordem inversa é preferida na construção da frase. E tende a generalizar-se a magnífica arte das comparações, da qual faz a língua um dos seus elementos de maior plasticidade. No estilo se operam sensíveis melhoras. Os aristocratas são os contemplados pela Musa. A prosa, que avançou passos relativamente à época anterior, exibe-se em crónicas, em obras didácticas e morais. Praticam-na Dom João I, Dom Duarte, Dom Pedro, Fernão Lopes.

«Antre os logares que voz mantiinham por Castella amtre Tejo e Odiana era huũ delles a Villa de Portell, da quall era alcaide huũ gram fidallgo portuguees que chamavom Fernam Gonçallvez de Sousa. E afora as gemtes que ell comssigo tiinha, estava no logar por fromteiro dom Garçia Fermandez, senhor de Villa Garçia, Meestre que depois foi de Santiago, com çemto e viimte lamças, e outras gemtes de Castellaãos...».

Depois, o Quinhentismo... Sob o influxo das leis do Renascimento clássico, moderniza-se o nosso idioma. Dá-se-lhe a estética ambicionada. Pois também à Língua se faz mester beleza... Adquire estabilidade e disciplina. Primeira gramática! O autor?—Fernão de Oliveira.

«Agora vejamos da cõposição ou conçerto que as partes ou dições da nossa lingua tẽ antre si como em qualquer outra lingua: e esta he a derradeira parte desta obra, a qual os grãmaticos cha mão cõstruição».

Êle, embora tivesse tendências reaccionárias, seguiu os métodos latinos, seja nas definições, seja na ordenação das matérias. Evidentemente, em respeito à tradição, como o fizeram, com muito mais freqüência, João de Barros, Nunes de Leão e Pero de Magalhãis de Gandavo.

Nas produções de poetas e prosadores, latinismos gráficos, léxicos e sintácticos, denunciando uma grande familiaridade com as letras romanas. O movimento renovador impele muitos termos à lista dos arcaísmos. E, de entre tantos factos, tem grande importância a aproximação, que nessa época se processou, entre a linguagem escrita e o falar corrente.

O Quinhentismo é por justos motivos tido como o século de ouro da Literatura Portuguesa. Quantos géneros cultivados e quantos nomes os dignificaram! O bucolismo, Bernardim Ribeiro. As comédias, autos e farsas, Gil Vicente. As obras de carácter moral, Samuel Usque, com as suas *Consolações às tribulações de Israel*, cujas frases se distinguem por um ritmo singular. As crónicas de viagens, João de Barros; Sá de Miranda é o apóstolo do soneto petrarquiano, da oitava rima, do terceto, da sextilha. Os verdadeiros clássicos, porém, se reconhecem em Ferreira, Caminha, Diogo Bernardes, Camões. Camões compôs os *Lusíadas*, inaugurando, com supremo génio, a poesia épica em nossa Literatura.

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

E os *Lusíadas* teceram, com flores imarcescíveis, a glória da *Língua Portuguesa!*

Ei-la definitivamente fixada!

Em sua marcha, daqueles dias aos nossos, recebe novas contribuições. Dos cultistas e dos árcades. Do Romantismo e do Naturalismo. Dos poetas parnasianos. Dos simbolistas. Das modernas correntes literárias. É grande o desfile! António Vieira... Gregório

de Matos... António Denis... Tomás Gonzaga... Castilho, Herculano, José de Alencar, Machado de Assis... Camilo e Eça, Raúl Pompeia e Coelho Neto... Antero de Quental, Alberto de Oliveira... Eugénio de Castro, Cruz e Silva... E ainda Júlio Dantas... Rui! Todos, verdadeiros campeões no jôgo da frase. Entusiastas cultores do Português e habilidosos artífices da sua grandeza. Uns, confeccionam os neologismos. Outros, são especialistas em latinismos. Alguns, peritos na derivação vocabular. E muitos, com um zêlo digno de louvor, exercem a vigilância contra as invasões estrangeiras. Estas, por influência da cultura, têm sido inevitáveis. Encontram-se hoje, em nosso léxico, vocábulos de tôdas as procedências. Provençalismos. Espanholismos e italianismos. Galicismos e anglicismos. É por vários motivos impraticável a abolição integral dessas «vozes alheias». Acentuam-se, cada vez mais, as tendências para nacionalizá-las. *Futebol... Controlar.. Pingue-pongue... Avenida... Felicitação...*

II

O novo idioma não ficou acantonado. Levaram-no para longínquas terras as naus que na alvorada da Idade Moderna sulcaram os mares, impulsionadas pelo dinâmico ideal dos Lusitanos... intercâmbio comercial... novas possessões. Política expansionista cheia de benefícios para as plagas que hospedaram aquelas caravelas e aquela gente. Para a própria nação que dela teve a iniciativa. O pequeno Portugal fez-se conhecer gigante na esfera das realizações e estendera, pacificamente, o império da *Língua Portuguesa*... nos Açôres e na Madeira. Nas Ilhas de Cabo Verde. Na Guiné. Em Angola e Moçambique. Em Goa, Dio e Ceilão. Em Macau. Em Timor. No Brasil...

Ela alterou-se em cada uma dessas regiões, em virtude das novas condições mesológicas. Aliás, isso acontece com tôdas as línguas vivas. Variam continuamente no tempo e no espaço. De indivíduo para indivíduo, nos diferentes momentos de sua existência. Variação infinitesimal. Os filólogos dão-lhe o nome de «Dialectação».

Constituíram-se, pois, dialectos continentais, insulares e ultramarinos. Começou-se a dizer Português dos Açôres... Português do Ceilão... Português das Costas da África... Português de Timor... da Guiné... de Cabo Verde...

E a língua-padrão lá está, entre Coimbra e Lisboa, vivendo soberanamente e soberanamente dominando os outros falares. Os falares da Madeira, por exemplo, onde *Flor... Amor... Bom... Pouco... Pessoa... Lisboa...* soam *Flur... Amur... Bum...*

Poco... *Pessõua*... *Lisbõua*... Os da Índia, onde se eleva um superlativo à segunda potência: *muito atrasadissimos*... e *Matilde* faz questão de um «S» para ficar *Matildes*. Os falares do Brasil... Aqui, o clima tropical é o maior responsável, talvez, por êsse «tom preguiçoso e lento» na pronúncia das vogais. E não se limitam as diferenciações ao campo da prosódia. Há-as também na sintaxe. Estas, entretanto, são mais sensíveis na linguagem oral do que na escrita. Porque, escrevendo, o brasileiro procede como os homens de todos os tempos. Pensa em como exprimir as ideas. Examina a expressão com carinho. Melhora-a a quanto lho permitem os seus conhecimentos. E por vezes consulta os ditadores... gramáticos daquém e dalém-mar.

Nos domínios lexicais há um facto digno de nota. O Português do Brasil ampliou o vocabulário com palavras do Tupi, que foi a «língua geral» na primeira fase da colonização. *Jaguaribe*... *Aracaju*... *Pacaembu*... *Atibaia*... *Baependi*... *Iracema*... *Jaci*... *Ubirajara*... *Mocotó*... *Pindaíba*... *Jururu*... *Xará*... *Cipó*... *Araraipuca*... *Perereca*... Ampliou-o também com africanismos, aqui divulgados pelos negros que vieram, nos trabalhos agrícolas, suprir as deficiências do braço indígena. *Banzé*... *Sambar*... *Maxixar*... *Batuque*... *Xingar*... *Senzala*... *Quitute*... *Caçula*... Vemo-los até no folclore. *Dengue-Dengue*... *João Murundum*... Não devem ainda ser esquecidos os brasileirismos, cujo número já é considerável.

Dentro mesmo do nosso país, têm-se dado diversificações de zona para zona. Palavras e expressões novas. Particularidades de pronúncia. Alterações sintácticas. Por isso, estão merecendo estudos especiais a linguagem do nordeste, a fluminense, a sulista, a caipira. Na primeira há curiosidades. *Dixi*... *Trouve*... *Agardecer*... *Rudo*... e outros arcaísmos continuam em plena vida, como as formas *Lo*... *La*... *Los*... *Las*... nos casos em que ficam enclíticas.

Meu pé de rosêra branca
Tinha flô tôdolos dias.

No sul, a linguagem dos gaúchos denuncia acentuada influência hispano-platina. *Vaquilhona*... *Terneiro*... *Saladeiro*... *Tentos*... *Tropilha*... A causa é irremovível: a contiguïdade do Rio Grande com o Uruguai e a Argentina.

As modalidades apontadas e outras que não o foram explicam-se fàcilmente. São vastíssimas as terras de Santa Cruz. As condições geográficas diferentes de um ponto a outro. Diferentes as condições de vida. Em certos lugares os meios de comunicação continuam

existindo... em projectos. E com êles também continua em discussão o problema da cultura. Nas regiões melhor servidas, são em massa os representantes de outras nacionalidades, de outros falares. Contudo, a língua geral é a *Língua Portuguesa*. Todos se entendem oralmente. Aproximam-se todos na escrita.

III

Na Europa o vocabulário escolhido marcha para a unificação. Há evidentemente progresso na linguagem popular e evidente tendência para harmonizá-la com o tipo literário. Vão-se despedindo os regionalismos. Na América, principalmente no Chile e na Argentina, verifica-se o mesmo fenómeno. Em nosso país já se percebe a necessidade dêsse movimento verdadeiramente reconstrutor. Se condenamos, e com razão, o separatismo no terreno político ¿porque não havemos de condená-lo na linguagem?

No Brasil não se pensa apenas em evitar a fragmentação dentro do território. Também se pensa em manter a unidade lingüística com Portugal. Felizmente são poucas, muito poucas, as pessoas interessadas na adopção de outro nome para o idioma que falamos. Manifestações, sobretudo, de ordem sentimental. Ora, a *Língua Portuguesa* é aquisição, não é criação nossa. Os missionários e colonizadores no-la trouxeram do seu torrão natal e nós temos sabido honrar as suas tradições. Aqui não se transfigurou. Ganhou, sim, em virtude dos factores locais, algumas particularidades. Se houve modificações no léxico, na prosódia e sintaxe, não as houve, todavia, nas formas fundamentais. Confrontem-se as gramáticas. Para Portugal e Brasil, os mesmos processos de flexão e de concordância. Os mesmos tipos de verbos, de adjectivos, de pronomes, de preposições, de advérbios... Entre os dois países há, é certo, independência política desde 1882. Mas esta não impõe a independência lingüística. Haja vista o Helenismo, que nunca teve necessidade de unidade política para ter uma língua comum.

Na Inglaterra e suas colónias, nos Estados Unidos, fala-se o Inglês. Na Espanha e em nações da América do Sul e América Central, o Castelhano. As diferenciações existem naturalmente, mas são superficiais. Todos se esforçam por não se desviar da língua-padrão. E dessa atitude só têm resultado benefícios para uns e outros daqueles povos.

Os brasileiros não estão, pois, sòzinhos nesse ideal justo e lógico de conservação da herança que lhes foi legada pelos antepassados.

Sabem que renunciar a essa dádiva equivale a devolver a civilização que aportou com ela em S. Vicente, quatro séculos passados!

Não pretendemos a unidade absoluta. As nossas realidades não o permitiriam. A relativa, porém, é perfeitamente possível. Basta que não falte a colaboração da escola, do livro, da imprensa, do rádio... incentivando o culto da boa linguagem, da vernaculidade... Pondo-se de acôrdo com o «Acôrdo ortográfico»... Aproximando, cada vez mais, a expressão vulgar da literária. A acção de uma sôbre a outra já se tem feito notar. Uma espécie de osmose lingüística. A língua escrita aceita vocábulos e certas locuções da oral... Esta vai melhorando sob a influência daquela... Eliminam-se expressões, palavras, que não têm razão de ser... nem estética. Bons prenúncios!

O Português é o idioma nacional. Se há vantagens para Portugal nesse facto, há-as de sobejo para nós, os naturais da terra. Os próprios estrangeiros o reconhecem. «O Brasil não é apenas uma qualquer das repúblicas sul-americanas; é um país que muito se distingue dos demais, já pela *Língua Portuguesa* extremamente característica, já por uma cultura de grande valor que lhe é muito peculiar», escreveu Stefan Zweig, o consagrado intelectual contemporâneo. É uma língua culta entre as que mais o sejam. Conta com privilégios gramaticais. O infinito flexionado. O futuro do conjuntivo. Riqueza de deminutivos. A liberdade, a grande liberdade, na construção da frase. Também se impõe à consideração internacional. Figura nos programas da Sorbona, nas Universidades de Londres, Madrid, Tóquio, Hamburgo, México. Serviu à Conferência Internacional do Trabalho, em Genebra. Ao Congresso de História, de Barcelona. Tem leitorados em boas áreas germânicas. Falam-na, hoje, quási sessenta milhões de almas, que dispõem, para o exprimir-se, de cem mil vocábulos aproximadamente. Mostrou resistência em todos os meios para onde foi transplantada. Deu provas de grande vitalidade. É uma língua de civilização.

O seu futuro, dentro e fora do nosso território, depende exclusivamente de nós que a falamos. Da nossa cultura! Que esta jamais decline, e assim possa viver eternamente e eternamente ostentar-se,

una,
rica
e bela,

em todo o seu vasto império espiritual, a nossa *Língua Portuguesa*.

Bibliografia

Agostinho de Campos, *Paladinos da Linguagem.*
Amado Alonso, *El problema de la Lengua en América.*
Antenor Nascentes, *Gramática Histórica.*
Clovis Monteiro, *Português da Europa e Português da América.*
Eduardo Carlos Pereira, *Gramática Histórica.*
Jacques Raimundo, *O elemento afro-negro na Língua Portuguesa.*
José Tavares, *História da Língua Portuguesa.*
Júlio Dantas, *A unidade da Língua Portuguesa.*
Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise.*
—— *Lições de Filologia Portuguesa.*
—— «História da Língua Portuguesa», in *Revista Lusitana*, vol. 25.
Mário de Albuquerque, *O significado das navegações.*
Mário Marroquim, *A Língua do Nordeste.*
Meillet, *Aperçu d'une Histoire de la Langue Grecque.*
Rebêlo Gonçalves, *Camões, Mestre da Língua.*
—— *O classicismo dos Árcades.*
Renato Mendonça, *A influência africana no Português do Brasil.*
Rodrigues Lapa, *Lições de Literatura Portuguesa.*
Roque Callage, *Vocabulário Gaúcho.*
Sá Nogueira, *Curso de Filologia Portuguesa.*
Said Ali, *Gramática Histórica.*
Sousa da Silveira, *Lições de Português.*
Vicente de Sousa, «A Língua Portuguesa na nossa Índia», in *Revista Lusitana*, vol. 27.

Francisca de Barros.

Contemplação de São Bernardo segundo as seis horas canónicas do dia

Faltava apenas o aparecimento dêste texto para completar a publicação do precioso códice 266 da Livraria de Alcobaça, hoje na Estante Preta da Sala dos Índices do Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo. Na verdade as outras peças literárias insertas nêle estão já tôdas publicadas. Mais abaixo me ocuparei delas, dos locais onde apareceram e dos estudiosos que tal realizaram.

O códice vem citado no *Index Codicum Bibliothecae Alcobatiae*[1] e nos *Commentariorum de Alcobacensi Mstorum. Bibliotheca Libri tres* de Fr. Fortunato de S. Boaventura[2]. Em *Os Códices Alcobacenses da Biblioteca Nacional*, de António Anselmo, também figura êste códice[3], apesar dêle não se encontrar na biblioteca a que se refere no título do seu trabalho, mas, como já disse, na Tôrre do Tombo. Nesta última existem quatro códices que pertenceram à livraria de mão do convento de Alcobaça. Anselmo, porém, só indica três. Não admira. A parte publicada do seu trabalho era apenas uma primeira parte; nela apenas se trata de *Códices Portugueses;* aquele cuja indicação falta é latino. António Baião e Pedro de Azevedo ocupam-se dêle na sua obra *O Archivo da Torre do Tombo*[4].

Graças à gentileza do Prof. Dr. João Martins da Silva Marques tive ocasião de o folhear. Também me serviram bastante para a composição dêste estudo as suas preciosas indicações. Aqui fica a expressão do meu reconhecimento.

Êsse códice é uma *Biblia Sacra* que ainda conserva na lombada a indicação de ter sido o *codex primus* da biblioteca. A encadernação é, portanto, a que já lá tinha, mas os fechos metálicos, que lhe tinham

---

[1] P. 118.
[2] P. 570.
[3] P. 76.
[4] P. 88.

pôsto, desapareceram. Essa encadernação, pelos ferros que conserva, deve datar do século XVI.

Como que a justificar a proveniência, o códice apresenta-nos logo na primeira página a marca da biblioteca do convento.

Apresenta vestígios de algum uso.

É de formato pequeno (157 × 108 milímetros), (Baião–Azevedo dizem-no em 8.º). O pergaminho é o chamado velino. Tem uma paginação posterior, mas não completa, pois chega só até 101, isto é, talvez $^1/_7$ do total. Está escrito a duas colunas; as côres usadas nas grandes iniciais são o azul, o vermelho, o ouro e o verde. Tem iluminuras em geral delicadíssimas. No fim tem índice alfabético das matérias; é contemporâneo da redacção da obra e julgo-o feito pelo mesmo escriba. Para a época e possibilidades, que decerto eram fracas, do seu organizador, é bom. Além dêste aparece-nos ainda outro índice, mas disposto pela ordem por que as matérias aparecem no corpo da obra; é posterior (séc. XIII).

A letra é, sem dúvida, do século XIII, mas o *Index* di-la do XI ou XII e por isso (fazendo-se com certeza também eco de alguma tradição, segundo me parece pelo *dicitur*) chega à interessante conclusão, mas evidentemente insustentável por anacrónica, que êste livro parece ter sido utilizado por... Afonso Henriques[1].

Fr. Fortunato desfez o engano e apresenta a seguinte hipótese: êste livro foi oferecido pelo mosteiro à infanta Mafalda, filha de Sancho I, mas a piedosa senhora ao redigir o seu testamento não esqueceu o livro, nem os respectivos doadores e por isso manda-o remeter, por sua morte, à procedência.

Baseia-se S. Boaventura na frase da infanta *et Bibliam, quam mihi dederunt (Fratres Alcobatiae), trado eis*[2]. Mas pregunto: ¿seria esta a Bíblia a que êste passo se refere?

A Livraria de Alcobaça não tinha só esta[3]. O testamento é pouco explícito neste ponto.

---

[1] O *Index* refere-se assim ao códice: «Codex in 8. exaratus tenuibus foliis caracteribus XI., vel XII. circiter saeculi constat foliis prima manu scriptis 607. Praestantissimus omnium habetur, quoniam illo usus dicitur Alphonsus I. Lusitaniae Rex. Fronte privatur, & complectitur Latine totam Bibliam Sacram ordine Vulgatae, dempto III. Libro Esdrae, qui non tamquam apocryphus ad finem Bibliorum amandatur, sed post II. subscribitur; quartus vero in hoc Codice desideratur. Acta Apostolorum post Epistolam ad Hebraeos leguntur. In reliquis prorsus eadem est cum Vulgata, si excipias subnotanda». Segue-se a indicação das partes do códice.

[2] Nota na p. 197.

[3] Cf. a propósito: BAIÃO-AZEVEDO, *O Archivo*, p. 89.

Mas deixemos êsse problema e voltemos ao que mais nos interessa; é êste, pois, o códice que Anselmo não podia ter incluído no seu precioso trabalho, em conseqüência do plano a que o submeteu.

O códice donde foi extraído o trecho que hoje vem à luz da publicidade também pertenceu, como disse, ao mosteiro de Alcobaça. Está escrito em letra assentada do século XV de várias mãos.

A sua descrição foi feita algo minuciosamente por Anselmo na obra citada[1]. Verifiquei-a. Parece-me certa. Para não estar a repetir remeto para lá o leitor. O que não diz é que o códice tem como guarda um pedaço de pergaminho onde está exarada uma questão qualquer judicial datada de 1339 (Era de 1377). Não o consegui ler na íntegra porque a letra está já um pouco apagada e o pergaminho em alguns pontos manchado.

O códice é precedido por uma fôlha de papel com a indicação das suas partes em letra do século XVIII. Anselmo também esqueceu isto, mas Esteves Pereira mencionou-a[2]. Eis o teor dessa descrição:

Cod. 266
Collecção
Mystica
de

Fr. Hylario da Lourinhãa
Monge Cisterciense de Alcobaça,
o qual transcreveo o seguinte no idioma Portuguez.
Vida do Infante Josaphat filho de Avenir Rey Indiatico.
Vida de S. Euphrosina.
Vida de S. Maria Egypciaca.
Vida de S. Tharis.
Vida de S. Aleixo.
Vida de hũa Santa Monja.
Vida de S. Pelagio.
Explicação dos dez Preceitos do Decálogo.
Morte de S. Jeronymo.
Meditaçoens de S. Bernardo sobre as 7 horas canonicas.

---

[1] P. 76.

[2] F. M. ESTEVES PEREIRA também descreveu êste códice na *Rev. Lusit.*, I, 332, e vol. III, p. 100, quando publicou a *Visão de Tundulo*, assim como CORNU na *Romania*, X, pp. 334–335.

Historia de certo homem pio chamado Mauro, o qual depois de perigozos, e quazi impracticaveis trances, conseguio o dezejo, que tinha de ver o Paraizo terrestre.
Hystoria do Cavaleiro Turgulo (sic).

Nem tôdas as partes do códice estão, porém, insertas nesta lista. Depois do *Tungulo* vêm uns pequenos trechos: *Da hora da Morte* (fl. 137 *v.*–155 *r.*); *Da luxurya* (155 *r.*–158 *r.*); *Da castidade* (158 *r.*–165 *v.*); *Do dia do Iuizo* (165 *r.*–167 *v.*); *Do Inferno* (167 *v.*–169 *v.*) e finalmente *Este he o quincunque ul. Per linguajem* (170 *r.*–171).

Esta lista adiante de cada obra mencionada tem a palavra *Impresso*, excepto na que motivou estas linhas que, como é natural, tem *Inédito*. Vem ainda a indicação da fôlha onde cada uma delas começa. No corpo da obra tôdas trazem no seu início o nome do estudioso que as publicou. Tôdas essas indicações são feitas a lápis. O autor dessas preciosas anotações foi Pedro de Azevedo.

Esta lista não está feita com grande cuidado. Alguns dos erros estão bem patentes. No que diz respeito à nossa obra não sei onde foi buscar o seu redactor o título de *Meditaçoens de S. Bernardo sobre as 7 horas canonicas*, quando na realidade o que a obra traz é: «Esta he a *contemplacon que fez o santo sam bernardo segundo as seis oras canonicas do dia*». É estranho!

Aproveitando-me das indicações de Pedro de Azevedo exaradas no códice e das de Anselmo no seu trabalho, passo a indicar por quem e onde foram publicadas as restantes obras insertas neste precioso manuscrito:

O primeiro saiu em 1898 sob o título de *A Lenda dos Santos Barlaão e Josafate*. A edição é da Academia Real das Ciências. O benemérito que a publicou foi Vasconcelos-Abreu. Independentemente da publicação do texto, tencionava êste estudioso fazer um *Estudo glotológico do texto* e um *Resumo histórico das origens e difusão literária e religiosa da lenda*. Julgo que não chegou a publicar estes estudos.

A *Vida de S. Eufrosina* e a de *S. Maria Egipciaca* foram publicadas por Cornu na *Romania*, vol. XI, pp. 357 e 366, respectivamente.

A *Vida de S. Tharsis* saiu na *Rev. Lusit.*, vol. XI, p. 211, publicada por J. Joaquim Nunes.

A *Vida de S. Aleixo* apareceu na mesma revista (I, p. 332), mas não copiada directamente dêste códice, mas do 36. O 266 não foi,

porém, desprezado, visto que Esteves Pereira, o estudioso que a publicou, serviu-se dêle para comparações.

A *Vida de hũa Santa Monja* foi publicada por J. Joaquim Nunes na *Rev. Lusit.*, XI, p. p. 212.

A publicação da *Vida de S. Pelagia* deve-se também a J. Joaquim Nunes. Apareceu na *Rev. Lusit.*, X, p. 177.

A *Explicação dos dez Preceitos do Decálogo*, como lhe chama a lista setecentista, chama-se no códice «os dez mandamentus da ley de moysees». Foi publicada por Fr. Fortunato de S. Boaventura nos *Inéditos portugueses dos séculos XIV e XV*[1], vol. I, p. 154.

A *Morte de S. Jerongno* foi publicada por J. Joaquim Nunes na *Rev. Lusit.*, XI, 214.

O *Conto de Amaro* apareceu na *Romania* (XXX, pp. 504–518), mercê da investigação de Klob. J. Joaquim Nunes publicou um trecho na sua *Crestomatia Arcaica*[2], p. 61.

A *Historia do cavaleiro Tungido* saiu primeiramente na *Rev. Lusit.* (III, p. 244), copiada por Esteves Pereira do códice 244 de Alcobaça; J. Joaquim Nunes publicou na mesma revista (vol. VIII, p. 239) a versão dêste. O Prof. Nunes também publicou trechos desta *Historia* na sua *Crestomatia* (p. 65). Segundo indicações de Klob[3] cf. ainda a propósito: Groeber, *Grundriss*, II, 2, p. 212, e Mussafia nas *Sitzb. Akad. Wiss. in Wien*, LVXII (?), *Heft* I, p. 157.

Os pequenos textos que faltam na lista também alguns foram publicados: Cornu, na *Romania*[4], apresentou à luz do dia os seguintes: *Da hora da morte; Da Luxuria* e *Da Castidade*. Os outros, como os julgo inéditos, publico-os a seguir à *Contemplação*.

*

Na transcrição esforcei-me por utilizar alguns dos preceitos a que a uma cópia obedece: Separei palavras ligadas indevidamente; mantive as maiúsculas e minúsculas, mesmo em sitios impróprios; mantive também a pontuação original, como os *ff* e *rr* iniciais, *ỹ*, *z*, *c* = *ç*. Substituí o ˜ pela letra ou letras que o texto exigia. Mantive os erros, mas fi-los seguir de (*sic*). *q* quando inicial substituí-o por

[1] Coimbra. 1829.
[2] 2.ª edição.
[3] *Romania*, III, p. 504.
[4] Vol. IX, pp. 381–90.

com- ou *con-* e final por *-os* ou *-us*; *q̃* por *que,* mesmo quando fazendo parte dum vocábulo. *Xo* ou *xpto* desenvolvi em *christo* ou *chrispto* respectivamente; *ihu* em ihesu. Mais alguns processos utilizei mas como alguns não me ocorrem agora e outros são muito correntes, não os indico.

Contemplaçom que fez o santo sam Bernardo segundo as seis oras canonicas do dia

[*fl. 97*] Esta he a contenplacom *que* fez o santo[1] sam bernardo se[1]gundo as seis oras canonicas do dia [2]. em renenbranca do padicimento do teu senhor ihesu *christo* [3] *que* por tý quis padecer muitas cousas. E deues saber [4] primeiramente *que* se *quiseres* aproueýtar neesta abstinencia [5]. conuemte de fazer asteença de comer ⁊ beuer desordena[6]do. E conuem *que* te guardes de muito fallar ⁊ de ale[7]gria uaan. Que aquelle ou aquella *que* quer sentir a door ⁊ [8] a paýxom de ihesu *christo*. nom lhe conuem de despender seu tempo [9] nos trabalhos do mundo. Nem em rrisos nem nos *deleitos*[2] da car[10]ne. Ca o prazer da carne ⁊ penssar na morte de ihesu [11] *christo* som duas cousas muy contrarias. ⁊ faz mester [12] *que* algũas uezes pensses em estas cousas asy como [13] se as uisses com os teus olhos ante tý. E por esta gui[14]sa vem o senhor ⁊ sera contigo assy como o penssares [15] ⁊ rreceberas os teus desejos. AD COMPLETA. —— [16] PRimeiramente compeca na conpleta pero em ella [17] se acaba o dia. Outrossy o nosso Senhor ihesu *christo* [18] conprio o trabalho da sua pregacom. ⁊ feita a cẽéa [19] com os seus dicipulos. da qual cẽéa ⁊ do muy santto [20] dom do seu corpo ⁊ do seu sangue *que* hy deu. tu de[21]ues em ello apenssar per muitas uezes. Acabada [22] esta ceca muito honrrada. ⁊ lauados os pees dos [23] dicipollos ⁊ feito o sermom. sayu com seus dicipulos pera [24] hú amonte oliuete onde auia de seer preso. E parti[25]do dos dicipollos ⁊ amigos pera seer comprida a
[*v.*] palaura [26] do profeta *que* disse Persiguirom[3] o pastor ⁊ derramarsseam [1] as ouelhas da manada. Segundo esto ueeras [2] como disse o nosso senhor aos seus dicipulos. Leuan[3]tadeuos ⁊ uaamonos daquý. Rrespoderas (*sic*) na tua [4] alma ⁊ diras. Senhor

[1] *o santo* na entrelinha.
[2] *deleitos* na entrelinha.
[3] Rasurado e *rõ* na entrelinha.

onde hiremos. E elle rrespon[5]derate no teu spiritu ⁊ dira. Jremos *pera* padecer a mi[6]nha coyta. a qual he partirme de uos em este mundo [7] corporalmente[1]: E quem *quiser* uijr[2] de pos mỹ negue [8] a ssy[3] meesmo ⁊ tome a sua cruz ⁊ siguame. E tu res[9]ponderas. Eu senhor ihesu *christo* comuosco[4] aa morte ⁊ aa [10] uida ⁊ senhor nom leyxedes partir dacerqua de uos a mi[11]nha alma. E depois penssa como se apartou o *Senhor* [12] deus a ffazer sua oracom ao padre ⁊ disse. Padre meu [13] se podesse seer que trepassasse de mỹ este calez desta morte [14]. enpero padre nom seia fecta aa miha uoontade mais a [15] tua seia conprida. E feita a oraçom pensa[5] como disse [16] aos apostollos. Por que dormides[6] ⁊[7] uellade ⁊ orade que nom [17] entredes em tentacom. A uoontade he aparelhada, mas a car[18]ne he enferma: E tu responderas. ⁊ diras. Senhor [19] uerdade he que mandas que uellemos ⁊ oremos. da-nos graca [20] pera fazermos esso enpero a alma he aparelhada ⁊ a carne [21] em ferma (*sic*) ⁊ priguiçosa ⁊ toda chea de sono ⁊ de comer ⁊ [22] de beuer ⁊ nom pode sofrer hũa ora de uellar conpridamente [23] contigo que nom caỳa em tentacom. Outrossỳ penssaraz [24] como se tornou aa oracom a ssegunda uez e como te [25] ensina a maneira do corpo ⁊ a palaura piadosa ⁊ humil[26]dosa deitandosse sobre sua face em terra ⁊ dizendo [1]. Padre meu se [*ff. 98*] podesse seer que passasse de mym este ca[2]lez desta morte pero nom seia como eu quero mas como [3] tu quiseres. E aa terceira uez orou esto meesmo ⁊ tanta foỳ[8] a [4] amargura ⁊ a coyta que ouue que todo o corpo lhe suou [5] gotas de sangue que cayrom em terra. E emtonce[9] lhe [6] apareceo o angeo sam miguel que o confortou ⁊ disselhe [7]. Senhor meu ihesu *Chrispto* eu ey apresentada a uossa ora[8]com ⁊ o uosso suor do uosso corpo a qual foỳ em go[9]tas de sangue na presença do uosso padre ⁊ de toda a cor[10]te celestial. em giolhos. ⁊ o auemos rrogado que queira [11] de uos tirar esta morte. E elle rrespondeo ⁊ disse. Bem [12] sabe o meu muito amado filho ⁊ conhoçe. que a redencom [13] da humanal geeraçom

---

[1] *co* de *corporalmente* rasurado e refeito posteriormente.
[2] os acentos de *uijr* estão riscados.
[3] no original: *assy*.
[4] no texto: *com uosco*.
[5] *oraçom pen* como nota 1 desta página.
[6] o acento de *dormides* é posterior.
[7] intercalado.
[8] *foỳ* na entrelinha.
[9] no texto: *em tonce*.

nom se pode fazer conuinhauel[14]mente o spargimento do seu sangue. ⁊ por aquesto se elle [15] quiser a saude das almas conuemlhe a morrer por ellas [16]. Estonce o nosso senhor ihesu *Christo* respondeo ao angeo ⁊ [17] disse: Eu quero em toda guisa a saude das almas [18]. ⁊ por amor dellas eu scolho de morrer por tal man[19]eira que seiam saluas as almas que o meu padre ha [20] criadas aa sua semelhanca. ⁊ por esto feita seja a uoon[21]tade do meu padre. E penssaras como os discipulos [22] Jaziam dormindo. ⁊ estas palauras penssa como [23] se as tu ouuesses de fazer. Orando cayras sobre [24] a tua face ⁊ as cousas por que rrogas tem nas no teu [25] coracom ante tÿ. ⁊ nom atras. dizendo pella boca ⁊ [26]
[v.] ⁊ tendo o coracom nas cousas do mundo Porque a no[1]ssa oracom ⁊ todallas cousas que fazemos entendamos [2] tam solamente a fazer a uoontade de deus ⁊ que oremos fer[3]uentemente[1] ⁊ nom com tibeza. E assy como fez ihesu *Chrispto* [4] ⁊ non pouco mais per longo espaco. Em que nos he [5] demostrado que noyte ⁊ dia deuemos orar sem que[6]dar. E por esto se segue que deus nos fez a meude uisitar [7] aos angeos. que nos ajudem ⁊ nos conforten. ⁊ a nossa [8] oracom rrepresentem ante deus. Pois por nosso exem[9]pro apareceo aquelle angeo a Jhesu *Chrispto* que o confortou [10]. E assy como ihesu *Chrispto* tornou tres uezes aa oracom [11]. assy deues tu orar. primeiramente por tÿ meesmo ⁊ [12] por teus amigos ⁊ por aquelles que som ⁊ stam em a graca [13] de deus que deus as mantenha em ella. E depois pollos [14] peccadores uiuos que lhes perdõe ⁊ os torne a pendenca [15] E depois pollas almas do purgatorio que deus lhes [16] de a gloria do parayso. E depois que ihesu *Chrispto* ouue com[17]prida a oracom tornou aos dicipulos. ⁊ achouos dor[18]mjndo ca os seus olhos eram agrauados do so[19]no. Ay senhor nos que somos tam alongados de tÿ [20]. em quall maneira poderemos uellar. pois que aquelles eram [21] a cerqua de tÿ non podiam uellar. Pero milhor po[22]demos nos uellar. que elles non sabiam aquello que auía [23] dacontecer. mas nos o ssabemos. Depois desto [24] disse ihesu *Chrispto* aos seus dicipollos que se achegava [25] a hora que o filho da uir-
[fl. 99] gem seeria traudo nas[2] maaos [26] dos pecadores. E quando penssares nos dicipullos que [1] dormiam em tam grande[3] periigo. ⁊ o Senhor uella[2]ua. Muitas podes achar de deuacõões na tua

[1] A 3.ª sílaba na entrelinha.

[2] *s* de *nas* na entrelinha.

[3] Entre *tam* e *grande* está uma palavra raspada.

al[3]ma[1] que digas a elles ⁊ ao teu senhor: E deues saber [4] *que* a ceea da nocte ou o beuer. enbarga a *con*tenplac*om* [5] da conpleta. E porende nos deuenos a estar faze*n* [6] do astenca destas cousas. E depois desto disse ihesu [7] *Christo* aos dicipulos. Leuan*ta*deuos ⁊ uaamonos daq*ui* q*ue* [8] se achega o *que* me ha de traher. E os dicip*u*los siguj[9]rom ihesu *chris*pto com grande medo. Depois desto [10] deues ueer a conpanha mujta ⁊ maa sem pieda[11]de *que* uem pera o p*re*nder. E como o teu senhor sayo [12] *contra* elles e disse-lhes. *que* demandades. ⁊ elles dis*erom* (*sic*) [13]. ihesu de nazare. E ihesu *chris*pto disse. Eu som. E todos [14] cayrom de rrostros em terra. E outra uez lhe disse- [15] ihesu *chris*pto que*m* demandades. E elles dis*erom* (*sic*). Jhesu de [16] nazare. E ihesu *chris*pto lhes disse. Eu som. E elles [17] cayrom em terra outra uez. E outra uegada lhes [18] disse ihesu *chris*pto que*m* demandades. E elles dis*erom* (*sic*) ihesu de [19] nazare. E ihesu *chris*pto lhes disse. Eu som. E elles [20] cayrom em terra outra uez. E outra uegada lhes [21] disse ihesu *chris*pto que*m* demandades. E elles diserom ihesu [22] de nazare. E ihesu rrespondeo. Ia uollo disse [23] *que* eu som. E poys a my*m* *que*redes. leyxade hu estes [24] *que* stam com*m*igo. Depois daquestas palauras [25] por *que* ajnda duuidauam qual era. veeo o treedor [26] Judas *que* lhes auja dado sinal *que* p*re*ndessem aq*ue*lle [27] q*ue* elle beijasse. E chegonsse a nosso senhor ⁊ dis[28]se. *Deus* te salue meestre. ⁊ foyo beij*ar*. E disse [29] ihesu *Chris*pto ao seu muy treedor. amigo a *que* ueeste [1] Oo *que* [v.]
grande humildade ⁊ man*ssid*ꝺoe de nossꝰ senhor [2] ihesu *Chris*pto que quís soffer q*ue* aq*ue*lle treedor de Judas o beyja[3]sse. ⁊ aq*ue*lle *que* era seu *con*trairo ⁊ ymijgo. chamou amj[4]go. Oo qua*n*tos rreligiossos som pello mu*n*do *que* parec*em*[2] [5] amjgos de ihesu *chris*pto. ⁊ som seus jmijgos ⁊ encrꝺos [6]. Os homeens sagraaes som chamados ser*u*os. ⁊ [7] mais os rreligiosos *que* deue*m* tẽer a uida dos apostollos [8] veem seer chamados amigos. Que asy os chamou [9] ihesu *Chris*pto dizendo. Ia non uos chamarey ser*u*os. ca [10] o ser*u*o non sabe o *que* faz seu senhor. Mas eu uos ey— [11] chamados amjgos. ca todo aq*ue*llo *que* ey ap*re*hendido [12] do meu padre uos ey enssinado. Conuem a ssaber o— [13] mu*n*do despreçar. a carne adomar ⁊ amortifficar. ⁊ ueu-[14]cer o diaboo com todallas suas tenptacꝺoes: Mas [15] mujtos som os *que* seguem as maas cobijcas

[1] À margem, em letra do séc. XV ou XVI, repete-se: *nu tua alma*.
[2] À margem em letra posterior: *nota bem*.

ɔ os maa[16]os desejos. ɔ som tornados atraas como Judas o tree[17]dor. E depois desto os Judeus *pr*enderom[1] nosso senhor [18] ihesu *chrispto* E disse nosso senhor ihesu *chrispto* aos Judeus. asy [19] como a ladram saistes a *pr*enderme com cautellas ɔ [20] co*m* paaos. todo o dia estaua co*n*uosco no tenplo [21] e*n*ssinando ɔ pregando ɔ no*n* me *pr*endestes. Mas todo [22] aq*ue*sto he fecto porq*ue* se conpram as profícías ɔ scriptu[23]ras dos profetas. Depois desto para me*n*tes qua*n*ta [24] door (?) foy quando os seus dicipollos se partirom ɔ se [25] alongarom do seu meestre mujto
[*fl. 100*] amado. qua*n*to [26] contra suas uõotades. ɔ quanto tristis ɔ chorosos. ɔ [1] qua*n*tas uezes dauam grandes sospiros. ɔ assy co[2]mo orphãaos desenparados fugirom: E penssa co[3]mo jndasse diziam. Oo meestre bõo ɔ doce padre. [4] oo bõo senhor. como fogem os teus filhos dacerca de [5] ty padre nosso muy doce. Oo senhor *pe*ra onde nos [6] yremos ou quem *no*s defendera. Estas coussas ɔ [7] outras mujtas semelhantes diziam com grande [8] amargura. Oo q*ue*ntas uezes oolhaua*m* detras ssy [9]. ueendo como leuauam o seu senhor legado ɔ muy—[10] desenrradame*n*te. Oo quantas uezes se deitauam [11] em terra ɔ dauam uozes *con*tra o ceeo ɔ diziam. Se-[12]nhor *deu*s padre como es cruel *contra* o teu filho muy do-[13]ce. leixandóó nas mãaos destes cãaes ɔ lobos rray[14]uosos. Oo como uay manso o cordeiro ante os—[15] lobos. os q*ue*aes o leuauam muy cruelme*n*te tendolhe [16] as mãaos legadas detras ɔ hũu baraço na gargan[17]ta. ɔ hũus o enpuxaua*m* aca. ɔ outros alla. ɔ hũus—[18] lhe depenauam a barua. ɔ outr*os* os cabello*s*. hũus lhe [19] dauam pescocadas ɔ outr*os* rostradas. ɔ outros lhe di-[20]ziam mujtas jnjurias. Estas cousas ɔ outras [21] mujtas de door ɔ de amargura poderia*m* dizer os seus [22] dizipullos. das quaaes tu poderas achar na tua [23] alma. E outrossy penssaras se a uirgem hy fora q*ue* fe[24]zera. Penssa tu no teu coracom dizendo. Senho[25]ra minha como no*n* penssades uos agora. e*n*
[*v.*] como—[26] leuam o uosso mujto amado filho *pr*eso ɔ atormentado [1]. Oo senhora q*ue* maao ɔ amargoso dia se*r*a a uos o día [2] de cras. quando ouuirdes[2] tam maas[3] nouas [3]. ɔ uirdes tanta crueldade q*ue* fazem ao uosso doce *filh*o [4] .dellicado! Oo senhor ihesu *chrispto* qual alma pode sso-[5]frer q*ue* se non rronpa com dóór quando esto penssar [6.] E uos meestre bõo ɔ cordeiro ssem magoa hyades

[1] O *p* tem a abreviatura de *pro* e *pre*.

[2] No texto *ouuerdes*, mas o *e* está riscado e o *i* na entrelinha.

[3] Antes de *maas* está *ta* riscado.

an-[7]tre os lobos ⁊ cães rraỷuosos ⁊ cruees *que* uos feríam [8] ⁊ mordiam muy cruelm*en*te. E uos senhor benỷno [9] non dauades uozes. ⁊ ao uosso santto collo pose*rom* [10] baraço. ⁊ legarõ as uossas maaos muy fortem*en*te [11] mostrandou*os* as caras assy como a ladram. ferindo-[12]uos leuara*m*uos a casa de anas ⁊ de caỷfas onde era*m* [13] ajuntados os maỷores[1] *pr*incipes dos judeus. E pe*n*-[14]ssa como o rreceberom atam desonrradam*en*te. E se o [15] olhares com os olhos dalma como lhe depenauam a bar-[16]ua. ⁊ outr*os* lhe dauam rostradas. ⁊ outr*os* lhe cospiam [17] no rrostro ⁊ huu o enpuxaua aqua ⁊ outro alla. doy-[18]tandoo om terra ⁊ p*er* uentura lhe daryam co*m* os couces [19] de[2] Juso. ⁊ outr*os* lhe dauam com o llodo no rrostro. E [20] tu achegarteas ao teu senhor ⁊ diras a aq*ue*lla maa- [21] *com*panha. Aỷ uarom[3] no*n* facades atanto mal ao meu [22] senhor ih*es*u *chris*pto. eis amy*m* aq*ui* fazede[4] [23] amy*m* o q*ue* q*uis*erdes. ⁊ leyxade elle *que* eu o m*er*eço [24] de soffrer estes torm*en*tos ⁊ desonrras ⁊ diras. Oo sen-[25]hor meu ⁊ meu d*eus*. qual foỷ a rrazom ⁊ feito em *que* uos[5] [26] acharam. ssenhor meu *em* nenhũu. mas eu som eca[1]syom da uossa morte e da uossa de- [*fl. 101*]
sonrra. Eu pequeỷ [2] ⁊ uos padecestes pollos p*ec*cados q*ue* eu fiz. Estas cou[3]sas ⁊ outras muytas podes achar na tua alma de [4] door ⁊ de amargura ⁊ de deuacom. em *que* pensses óó-[5]lhando no teu senhor ataa ora das matinas [6].

AS MATINAS. Aa hora das matinas pen-[7]ssaras ⁊ ueeras como o teu senhor sta ant*re* [8] os Judeus ⁊ Imijgos sóó ⁊ desenparado dos seus amj[9]gos ⁊ discipollos ⁊ tu diras. Oo meu senhor ⁊ meu [10] d*eus* q*ue* farey eu por uos. ca uos nejo star sóó ⁊ atorme*n*[11]tado ⁊ muỷ q*ue*brantado. E diras. óó Johane ⁊ como [12] sta assy o senhor nosso meestre. E penssa como o sen[13]hor disse aos Judeus. Certam*en*te uos digo q*ue* ueeredes [14] o filho da uirgem seer na deestra da uirtude de d*eus*. E como [15] o b*is*po dos Judeus rronpeo as suas uestiduras[6] ⁊ disse [16]. Este hom*em* doestou a d*eus*. E hũu dos s*er*gentes deu a [17] ih*es*u *chris*pto hũa rrostrada dizendo.

---

[1] No texto *maỷoraaes*, mas os *aa* estão subpontados.

[2] O *d* inicia a linha com um pequeno enfeite na extremidade da haste.

[3] uarom (*sic*), mas o escriba parece ter querido escrever *varões* porque na entrelinha por cima do *m* está *is*; talvez *uarõis*.

[4] Depois de *fazede* estão riscadas as seguintes: «amy*m*. ⁊ leỷxade/ elle ⁊ fazede».

[5] No pé da página num rectângulo enfeitado «acharam», 1.ª palavra do seguinte.

[6] No texto *uestuduras*, mas a segunda perna do primeiro *u* está subpontada.

Assy rrespondes tu ao [18] nosso principe. E outros lhe dauam com a mãao tranessada [19] na ssua muy doce boca. E outros lhe danam pescocadas [20]. E outros lhe cospiam no rrostro. E outros lhe depenauam [21] a barua. E outros o tirauam arrestrando pollos cabellos [22] da[1] cabeca. E como eu pensso deitauam em terra o senhor [23] deus em giolhos muý sem piedade. E segundo como eram [24] homees cruees ẽ sem piedade. todo mal ẽ toda desonrra
[v.] que [25] podiam lhe faziam. E alguum por fazer prazer aos [1] principes os quaaes eram sem piedade. Pois que fary[2]as tu esto uiras. poruentura te chegaras a elle ẽ [3] diseras. Gente cruel ẽ sem conhocimento por que fazedes [4] tanto mal ao nosso senhor ẽ nosso criador. E entonce [5] abracallo as com os teus braacos os Joelhos ficados [6] em terra. ẽ rreceberas as feridas sobre tý de boamente [7]. E assy penssa esto agora como se steueras hy presente [8] ẽ diras. Oo senhor ihesu *christo* ẽ meestre ẽ padre [9] muý doce. por que soffredes tanto mal. Nom so[10]des uos filhos de deus. Pois como soffre o uosso pa[11]dre que a uos nos facam esto. Como nom destruý [12] estes filhos do dyaboo. Pois quero eu seer em terra [13] com uosco ẽ acompanharuos ey. que aqui nom ha quem uos [14] acompanhe nem ame. Mas ha hý homeens cruees [15] que uos querem mal: Depois desto penssaras co-[16]mo pedro se estaua aquentando ao fogo. Por que o fo-[17]go uerdadeiro era em el morto no seu coracom ẽ ne[18]gou o seu senhor ẽ disse: Eu nom sey quem he este ho[19]mem. Aa terceira uez oolhou o senhor. ẽ pedro uýo co-[20]mo o senhor ouýra quando o negara. sayosse fora dan[21]tre os outros maaos homeens onde o negara. ẽ cho[22]rou amargosamente o seu peccado: Oo senhor que bem[23] auenturados som aquelles aque (*sic*) os teus olhos param [24] mentes. os quaces acendem o coracom frýo no teu a-[25]mor. ẽ alumeam o homem pera ueer o sseu peccado: Oo que [26] asinha os teus olhos
[*fl. 102*] desfazem a geada no peyto frýo. [1] ẽ uoluemno em augas de deuacom damargura[2] de con[2]tricom: Oo padre ẽ senhor meu ihesu *christo* rrogo aa [3] tua misericordia ẽ aa tua piedade que algũas uezes [4] me colhes com aquelles olhos de misericordia com que [5] oolhaste a pedro: Bem podes penssar em como pedro [6] fazia doo ẽ chorou pollo seu peccado ẽ polla morte des-[7]onrrada do seu senhor. ẽ pollo bem que rrecebera delle de [8] como

[1] *dd* ornamentados como mais acima.

[2] Primitivamente *damargura*, mas o primeiro *r* está subpontado e riscado.

o negara: E depois desto canssados ja os *princ*ipes [9] dos Judeus ⁊ seruentes da maldade ⁊ todollos outros [10] forom dormir. legarom o teu senhor a huu*m* steo. ⁊ al[11]qu*i*arom dous ganha[1] dinheiros *que* o atorme*n*ta[12]ssem açoutandoo todaa nocte: Penssa alma fiel ⁊ [13] olha os rr*ÿ*os[2] do sangue *que* saÿam do seu corpo muy [14] dillicado ⁊ corryam ataa os pees ⁊ caÿam *em* terra [15]: Oo alma *chris*ptãa penssa qua*m* grande força de door sofria [16] o teu senhor ih*es*u *chris*pto pollos teus peccados. E depois [17] *que* o assy atorme*n*tarom ataa mea noÿte aq*ue*lles rib[18]aldos se lancarom a dormir. E leyxarom o teu senhor [19] legado no qua*n*to da casa muÿ q*ue*brantado ⁊ atorme*n*ta[20]do ⁊ friore*n*to. ca te*m*po era de Inue*r*no ⁊ as noÿtes eram [21] grandes. E tu achegarteas a elle ⁊ se*r*as aos seus pe[22]es dormyndo ⁊ choroso. ou beijaras humildosame*n*te [23] as suas mãaos ⁊ os seus pees muy dillicados ⁊ dÿ[24]ras: Oo senhor meu se al uos no*m* posso fazer. e*n*costa[25]do uos sobre o meu rregaço: E entom rrogarlheas [26] po (*sic*) tÿ ⁊ por teus amjgos. ⁊ outrogartea o *que* lhe pedy[1]res ⁊ [v.] dizerlheas: Oo senhor meu de manhãa jreÿ [2] eu dizer estas nouas de amargura a uossa madre [3] uirgem maria: Oo *que* dia de amargura ella de [4] manhãa por uos seu amor ⁊ seu desejo. ⁊ tu dormiras [5] hũu pouco acerq*ua* dos seus pees achegados ao teu [6] pecto ⁊ folgaras por *que* uees em tal estrado o teu Se*n*hor [7] dormir. A PRIMA. — — — — — [8] Aa hora de p*ri*ma penssaras t*ri*ste ⁊ dooroso como se [9] ajuntarom na manhãa os Judeus ⁊ adu[10]serom o teu senhor ih*es*u *chris*pto ao concelho. E penssaras [11] *que* qua*n*do o quise*r*om sacar da casa como lhe dise*r*om le[12]uantate ih*es*u *que* fazes dormes ou no*m*, Os bispos ⁊ [13] os p*ri*ncipes dos sacerdotes te ma*n*dam leuar ao co*n*ce[14]lho. ⁊ sperante com o pobóo (*sic*) pera te matar ⁊ q*ue*rente [15] leuar a pillato Juiz da te*r*ra ⁊ tu diras. Oo mestre [16] ja uos querem leuar aa morte ⁊ tu diras. Oo me*s*t*re* [17] *que* amáras nouas ⁊ de dóór som estas. Oo senhor [18] *que* uista ⁊ *que* amargura neera a nossa muy doce ma[19]dre *que* amáras nouas ouuira ella[3] ⁊ todollos uos*os* [20] amjgos: Oo senhor ⁊ eu mizq*ui*nho *que* som cajom [21] da uossa morte *que* farey. Ireÿ com uosco. ou ireÿ dize*r* [22] a minha senhora a uirge*m* maria *que* uos uenha ueer. [23] E depois desto ueeras como o tiram legado ⁊ todos [24] lhe tem mo*n*tes. ⁊ falandolhe di-

[1] Entre *dous* e *ganha* riscaram a palavra *uelhos*.

[2] O escriba enganou-se em *rr*ÿ*os*. Antes escrevera *r*ÿ*sos*, mas riscou.

[3] Primitivamente *ellas*. O *s* está riscado.

zendo[1]: [25] Aq*ui* es ih*esu*. ⁊ se tu es p*roffeta* como no*m* adiui-
[*fl. 103*] nhas [26] esto. Estas injurias ⁊ outras mujtas semelha*n*tes [1] di-
ziam ao teu senhor. E penssa como lhe posseram [2] hũu pano de
linho cheo descarros na cara ⁊ ficaua*m* [3] os joelhos em terra e
dera*m*lhe com as canas na cabeca. [4] E outro*s* lhe daua*m* rros-
tradas ⁊ outro*s* pescocadas. [5] E outros lhe depenaua*m* a barua. ⁊
hũũ o enpuxaua [6] ca ⁊ outro alla. Oo alma *chrisptãã* penssa com
door estas [7] cousas. Oo *que* amargura sera aa sua benta madre. [8]
quando ouuisse estas nouas do seu filho. E por may[9]or deuacom
penssa em como lho uaas tu dizer. E per[10]ventura quando a uisses
diras: Oo senhora rray[11]nha cayndo ante os seus pees chora*n*do
⁊ dando uo[12]zes. Oo senhora minha speranca ⁊ meu desejo.
⁊ [13] *que* mas nouas uos eu trago ⁊ se as podera scusar no*m* [14]
uollas dise*ra*. Mas o amor uosso ⁊ do uosso filho me [15] moueo a
uijruollo dize*r*: E ella spantada. dirtea por[16]*que* choras filho.
dime se perue*n*tura he feita algũa cou[17]sa ao meu muy doce
filho. Oo senhora muyto he [18] cousa de grande dóór andade toste
⁊ ueeredes o uoso [19] glorioso filho. o qual tem p*re*so os judeus. ⁊
leua*m*no a*n*[20]te pillatos p*er*a o acusarem falsame*n*te. por tal *que*
o [21] ma*n*dem matar. O senhora andade toste ⁊ seq*uer* ue[22]lloedes uíuo. E ella quando esto ouuio. caeo em [23] terra esmorjcida
⁊ sem falla. asy como se ouuesse per[24]dido o sentido. E todallas
outras jrmããs *que* com ella [25] estaua*m* faziam outrossy grande
[*v.*] planto. ⁊ todallas [26] outras *que* com ella stauam. Oo que grande
dóór se [1] pode seer penssada. E leuantarom as jrmããs [2] ⁊
leuara*m*na onde tiinha*m* p*re*so o sou filho muy dili[3]cado: ⁊ ella
andaua chorando pollas rruas de Je[4]rusalem. Ay mizquinha: oo
filho meu amor ⁊ meu [5] desejo. ffilho meu mujto amado honde
estas. on[6]de te acharey que*m* te me p*r*endeo. Oo spelho meu
por[7]q*ue* te me tomaro*m*. Estas e outras cousas mujtas [8] de door
poderas chorar na tua alma. as q*ua*ees ella [9] podera dizer com
q*ue* noua mujto os coracõões dos [10] ouuidores a choro ⁊ piedade
ajnda *que* fossem sem [11] fe ⁊ sem misericordia. Quando ella chegou ⁊ [12] uỷo o seu filho p*re*so ⁊ atorme*n*tado ⁊ tam mal deson[13]rrado ⁊ *que* elle nom rrespondya a nhũa cousa *que contra* [14] elle
fosse díito ne*m* feíta caỷo em terra esmoricida. [15] ⁊ as jrmããs ⁊
johane faziam grande grande planto ⁊ gra*n*[16]de dóó: Oo alma fiel
pensa se podes chorar ⁊ cho[17]ra. *que* tanta foy nesta ora a amargura da uirgem m*aria*. [18] E o seu glorioso filho q*uando* asi uío

[1] Antes desta palavra escreveram «co*n*descende*m*», mas riscaram.

sua madre jazer [19] em terra ⁊ as jrmããs ⁊ johane fazendo planto, qual [20] era atam dooríjdo[1] *que* mouíja[2] os coracõões de muitos [21] a chorar ⁊ a conpayxam. E o bõõ ihesu ⁊ muy sancto [22] donzel. em toda ora ⁊ em todo logar se uos acrecen[23]ta penna[3] ⁊ door ⁊ esta amargura da uirgem maria dizi[24]am: Oo grande door ha oje aquesta boa dona [25] peruentura uista foy tal door nem homem no mundo. [26] numqua a uỹo nem tem de ueer: Depois desto [*fl. 104*] penssa co[1]mo o trouuerom ante pillatos legado: E tu quando cho[2]rares com esta gloriosa madre ⁊ uisses caỹras ante [3] os seus pees chorando ⁊ dizendo palauras[4] de door ⁊ [4] de deuacom. E depois desto ouuiras os testemunhos [5] falssos que dizem contra o teu senhor. ⁊ como lhe disse pilla[6]tos. ⁊ elle rrespondeo: O meu reỹno nom he neste mun[7]do: E pillatos disse: Pois rrey es tu ? E ihesu *chrispto* respon[8]deo ⁊ disse: tu o dizes: Estas cousas ⁊ outras muj[9]tas de deuaçom acharas na tua alma em que pensses [10] ataa hora de terça. AD TERÇA.— — — — — [11] Aa hora da terça penssaras como pillatos enuy[12]ou ihesu *chrispto* a herodes que era rreỹ de galýlea ⁊ [13] hỹa com elle grande poboo de jente. E penssa como a [14] uirgem maria sua madre hya chorando ⁊ maria magdalena [15] e as outras Irmããs ⁊ Johane hya depos[5] o teu senhor [16] ihesu *chrispto*. dando uozes ⁊ fazendo muy dóóroso planto [17] ⁊ diras tu. Oo senhora minha como hydes ou quem [18] uos ajuda a andar em esta atam grande amargura. [19] certamente exenplo erades uos a todos aquelles que uos vy[20]rom de dóór ⁊ damargura. E tu acompanharas a uirgem [21] maria a qual nom pode andar. Depois uee como o pregunta [22] herodes por mujtas cousas ⁊ nom lhe quis o senhor res[23]ponder nẽhũa cousa. Mas esta assy como cordeiro [24] mansso legado ante elle. E herodes manndoulhe ues[25]tir hũa uestidura branca por escarnho. ⁊ ficauam os jeolhos [26] em terra ⁊ dauamlhe com acanas na cabeça [*v.*] por escarnho [1] ⁊ diziam proffeta adiuinha quem te deu. E outros lhe [2] cospiam na cara ⁊ outros lhe depenauam a barua. [3] ⁊ outros os cabellos da cabeça, ⁊ outros lhe dauam rros[4]stradas. E hũũ o enpuxaua aca ⁊ outros ala deitãã[5]dóó em terra ⁊ dan-

[1] Posteriormente puseram «doorydo».

[2] Idem «mouya».

[3] Escrevo assim porque no original está *pena* com o sinal de que falta uma letra.

[4] No texto está *palauraus*, mas o segundo *u* está riscado.

[5] Primitivamente *depois*.

dolhe couces. Penssa o alma fiel [6] *que* door *seria* aa[1] sua gloriosa madre *quando* uisse fazer [7] estas[2] cousas ao seu mujto amado filho. E penssa como [8] o tornauam a pillatos[3] ⁊ todos os Judeus dauam uozes a [9] pillatos[4] acusando o teu senhor falssamente. E pilla[10]-tos querendoo liurar mandouo açoutar. ⁊ desuestiam[11]no ⁊ legauamno a hũũ esteo muy rrijamente ⁊ muy [12] cruelmente. ho asoutauaõ (*sic*)[5] assy *que* lhe pareciam os costados ⁊ todo o en[13]voluiam em sangue. Penssa *que* door *seria* aa sua [14] piadosa madre em ueendo esto fazer ao seu filho. [15] Outrosy penssa como dauam uozes as maŷraaos [16] dos Judeus contra pillatos dizendo. cruciffigaa. cruci[17]ffigaao. Respondeo pillatos. tomadeo uos ⁊ cruciffi[18]-cadeo segundo a uossa leŷ. Porque eu nom acho nem[19]hũa cousa per *que* deua de morrer. E elles diserom lhe. [20] Se tu este homem leixas nom es amigo de cesar. Ca [21] este disse *que* lhe nom dessem o trebuto. ⁊ demais cha[22]masse *que* he filho de deus ⁊ rreŷ dos judeus. E por esto [23] deue a morrer. E penssa como pillatos deu contra elle a [24] sentença *que* crucifficassem a ihesu na cruz. Penssa [25] quantas uezes[6] dauam a sua madre ⁊ todallas [26] suas
[*ff. 105*] Irmããs. E todollos seus amjgos quando tal sen[1]tença ouuirom. Penssa como lhe uestirom hũũ man[2]to uermelho de purpura ⁊ poseromlhe hũa coroa despi[3]nhos muy agudos na cabeça ⁊ o sangue lhe corria pollo [4] Rostro. ⁊ poseronlhe hũa cana[7] na mãão por escar[5]nho. E ficauam os joelhos em terra ⁊ firiamno com as canas [6] na cabeça ⁊ diziam. deus te salue rrey dos Judeus. proffetiza [7] quem te ferŷo. Oo senhor deus padre porque soffres tan[8]to doesto ⁊ tanta desonrra quanta fazem ao teu filho [9] Oo senhora minha como ssoffres tanta amargura. [10] ou qne faziades uos quando uiades todas estas cousas [11] ou *que* diziades. rrogote *que* o faças sintir polla tua pieda[12]de aa minha alma. E depois desto penssa como lhe [13] poserom a cruz ao collo. ⁊ tu ajudarlhas a leuar dizendo. [14] Oo senhor rrogouos *que* me dedes essa cruz ⁊ leualleŷ. [15] Oo senho (*sic*) bem creeo *que* a leuauades se uos podesses: [16] Oo como hŷam tristes ⁊ chorossos, ⁊ quanta dóór ⁊ amar[17]gura hũa sua madre dellicada e as outras bóoas mo[18]-

---

[1] Antes escrevera-se «aa *seria*», mas foi lapso.

[2] O *s* na entrelinha.

[3] Idem.

[4] O *s* na margem.

[5] As palavras *ho asoutauão* na entrelinha em letra cursiva posterior.

[6] Na entrelinha e em letra posterior: *penas*.

[7] Primitivamente: *cananea*.

lheres *que* a ajudauam a leuar. ca ella nom podia andar pol[19]la fraqueza da door *que* auia. E penssa como a uirgem m*aria* [20] ssayo deante ao seu filho *per* outra rrua. ⁊ qua*n*do chegou [21] a elle abraçousse com elle ⁊ dizia. Oo filho meu ⁊ meu [22] desejo ⁊ meu bem. *que* fareÿ eu por uos. ca uos uejo morer [23]. Oo d*eus* muy alto padre como es assy cruel ao teu fil*ho*. [24] Oo filho meu *que* caro me custou o peccado da Jeeraçom [25] humanal. pello qual uos do meu coraçom rrecebestes [26] morte. Penssa como o ssenhor polla grande fraq*ueza* ⁊ [1] pollo grande pesso da cruz. caÿo em t*erra* [r.] ⁊ a sua madre uirgem [2] com elle. E penssa como os Judeus dauam a ih*esu chris*pto [3] com os ponhos ⁊ arrastrauam*no* pellos cabellos. ⁊ outros [4] lhe dauam com lodo no rrostro. Oo alma *chris*ptãa pen*ssa* [5] se podes *que* door ⁊ *que* amargura s*eria* esta. a sua madre ⁊ a [6] todollos seus amjgos: E entom derom a leuar a cruz [7] a hũũ homem porq*ue* a *nom* podÿa elle leuar. E disse o se[8]nhor aas molheres de jerusalem. Non choredes sobre [9] my*m*. mas sobre uos ⁊ sobre uossos fillhos. Ca dias uij[10]ram *que* diredes, bem auen*t*urados som os uentres *que* [11] *nom* Jeerarom ⁊ as tetas *que* non amamen*t*arom. E dire[12]des aos mo*n*tes cayde sobre nos ⁊ cobridenos da face de [13] d*eus* Irada. Estas cousas muytas acharas na [14] tua alma. em *que* pensses ataa hora de sexta. A SEXTA. [15] Aa hora de sexta penssaras como chegarom [16] ao logar *que* cha*m*am golgata honde auÿam [17] de crucificar o teu senhor ih*esu* *chris*pto. E penssa como faziam [18] a coua p*er*a chantar a cruz. ⁊ outr*os* lhe desuestirom as [19] uistiduras *que* trazia as quaaes stauam ap*r*endidas aas [20] costas pellas muytas feridas dos açoutes q*u*ando lhas [21] desuestiam *que* corrÿa o sangue p*er* todo o corpo ataa os[1] pees: [22] Oo qua*n*ta dóór s*eria* a tÿ madre uirgem muy sancta. [23] qua*n*do uisses estas cousas fazer ao teu filho delicado. [24] poser*om*no em t*erra* ⁊ disser*om*. Assentate ih*esu* asentate [25]. ⁊ *que* de hõame*n*te se asentou. ⁊ com q*u*anto amor. ⁊ q*u*anta [26] paciencia. ⁊ [*fl. 106*] deitaro*m*no sobr*e* a cruz ⁊ pregaro*m* lhe a mãão [1] direita com hũu p*r*ego muy forte. ⁊ estenderom a outra [2] mãao ⁊ n*om* achogaua ao furado da cruz. E estenderom [3]no tanto pella mãao ataa *que* se rronperom ⁊ descon*j*unta[4]rom os peitos ⁊ as entranhas de dentro do coraçom: [5] E entom p*r*egarom a outra mãao sestra óó outro pre[6]go muy forte. ⁊ alçarom ento*n*ce a cruz ⁊ o corpo esta[7]ua pendurado pollos braaços ⁊ ficarom a cruz em [8] terra ⁊ tirarom tanto pellos pees ataa que chegarom [9] ao furado ondo auiam de

[1] *s* na entrelinha.

estar pregados. E pregaromnos [10] anbos com hũu prego. E corrỹam tres rrỹos de san[11]gue do seu precioso corpo. Penssa óó alma chrisptãa co[12]mo está o senhor do ceeo ⁊ da terra posto em tam gran[13]de pena ⁊ dóór pollos teus peccados. Oo quanta dóór [14] ⁊ amargura seria a ssua madre uirgem mãe. uendo asy [15] estar o seu glorioso filho. Oo alma fiel pensa quanta [16] door padeceo por tỹ o rrey da glorya ⁊ com quanta paciencia [17] disse. Oo padre perdoalhes que nom sabem o que fazem. [18] E entonce lhe fez poer a sua beenta madre hũu pa[19]no de linho em logo de panos meores. E penssa ou[20]trossy como a uirgẽm (*sic*) sua madre se abraçaua com [21] a cruz ⁊ dizia assỹ. ffilho meu ⁊ meu amor ⁊ meu de[22]sejo. uejouos morrer ⁊ nom uos posso ualler. E tornaua[23]se contra aquelles que o poseram na cruz ⁊ dizia. Oo barõoes rro[24]gouos por deus que pois que crucificastes o meu muito a[25]mado filho sem porque ⁊ sem rrazom. que crucifiquedes [26] a mym com elle. que
[v.] millhor he de morrer com elle que de ficar [27] soo. ⁊ desenparada ⁊ uiuuado do meu muito amado [1] filho. E elles faziam escarnho della. ⁊ ella tornaua[2]sse contra o seu muito amado filho ⁊ dizia. ffilho meu [3] bem sabes como te eu crỹey ⁊ como levey muitas [4] tribullaccões fugindo a esto em que me ora uejo. E po[5]is que fomos anbos ajuntados em hũu amor hũua [6] morte deuiamos a morrer. E por esto uos rrogo filho [7] mujto amado ⁊ door grande do meu coraçom. que me [8] queirades rreceber em essa cruz. ⁊ morrereỹ conuosco. [9] E ella se esforçaua de sobir na cruz. ⁊ caỹa em terra [10] esmoryda. Penssa o alma chrisptãa que dóór ⁊ que amargu[11]ra tam grande. ⁊ para mentes como o filho de deus he [12] alçado. assy como maỹores alçou a serpente no deserto. [13] E os que mordỹam as serpentes no deserto. tijnham mentes [14] a aquella ⁊ logo eram sãaos. Bem asy contra o mordimento [15] ⁊ contra a tentaçom do diabóó nom ha hỹ méézinha tam [16] bóóa como parar mentes no saluador posto na cruz. [17] o quall padeceo pollos nossos peccados. E poserom dous [18] ladrõoes acerqua delle huu aa destra ⁊ outro a sestra [19]. E ueeras como o teu meestre esta bem alto ⁊ pregou [20] estas palauras. Primeiramente disse pollo que o trans[21]figuravam na cruz. padre perdoalhes que nom sabem o que [22] fazem. A segunda palaura disse ao ladrom que se acu[23]saua dos seus pecados. oje seras comigo no paraỹso [24] A terceira palaura encomendou a sua madre johane. ⁊ [25] a johane sua madre.
[*fl. 107*] Em esta encomendaçom entendemos [26] ⁊ nom tam soomente Johane mas toda alegria de ihesu chrispto. [1] E cada hũa alma he encomeendada a uirgem maria que uos ten[2]ha por seus filhos ⁊ pro-

curandouos. E bem assy como am[3]or de madre. ⁊ nos tenhamos a ella por madre muy[4]to amada e amandoa senpre depois de deus. E assy como era ne[5]cessaryа a morte de uosso senhor[1] ihesu christo pera nos saluar. assy [6] era mester esta encomendaçom pera nossa ajuda ⁊ pera nosso [7] conselho. E porende seguramente corramos pera ella em [8] qual quer tentaçom ou tribulaçom que nos uier. A quarta pa[9]llaura que disse ellý ellý lamazabatany. que quer dizer. deus [10] meu deus meu porque me desenparastes. Em que se mostra [11] o senhor sobrepojamento de pena. porque tam fortemente [12] se doýa como se non fosse filho de deus. mas quel o jmi[13]go de deus. ⁊ elle quis sofrer isto por nos. A quinta palaura [14] que disse sede eý. ⁊ os filhos do dýaboo deronlhe uinagre [15] a beuer mesturado com fel. Penssa que beuer tam amar[16]goso beueo por tý o criador de todallas cousas. A sexta [17] palaura que disse. consumatum est. que quer dizer. acabado [18] he. assy como se dissesse acabada he toda minha obra. [19] ⁊ a mjnha pena ⁊ a minha tribulaçom ⁊ amargura que eu [20] auýa de padecer polla linhajem humanal. Estas [21] cousas ⁊ outras muytas podes achar na tua alma [22] em que podes pensar ataa hora de noa. FERA PENSSAR A NOA[2]. [23] A[3]a hora de noa penssaras ⁊ ueeras como está [24] o teu senhor pregado sarado assý como pre[25]gamjnho no arco com muý grande pena ⁊ dóór: Penssa [26] o alma christãã [v.]
quanta pena· ⁊ quantas uergonhas [1] ⁊ uituperýos daquellas máás companhas as quaes[4] mouiam [2] as cabeças ⁊ diziam por escarnho. Vee. tu que dizias que des[3]truyrias o tenplo de deus ⁊ em tres dias o faryas. E outros [4] diziam se tu es filho de deus decende da cruz ⁊ crééremos [5] em tý. E outros diziam o a outros mujtos saluou ⁊ a ssý[5] [6] méésmo non pode saluar. E ajnda o ladrom que esta[7]ua cruficado (*sic*) aa séestra parte blasfemaua com escarnho [8] ⁊ dizia: Se tu es filho de deus salua a tý ⁊ a nos. Pen[9]ssa oo alma christãã com muý grande dóór estas cousas [10] de como o teu senhor stá padecendo atam gram pena [11] por tý. E como se abraçaua a ssua muý doce madre [12] com a cruz. ⁊ dizia. Aý filho meu ⁊ meu desejo a quem [13] leixades a uossa madre?[6] nom me fallades uos meu

[1] Na entrelinha.

[2] A encarnado.

[3] Idem.

[4] Na entrelinha.

[5] No original *assý*. Leio *a ssý* e não *assý* porque neste caso não se trata do advérbio. Ver *97 v.*, l. 9.

[6] Intercalado posteriormente.

filho [14] ⁊ meu conselho ⁊ meu bem. agora fico eu sóó ⁊ desen[15]-parada ⁊ ujuua ⁊ orphãã de uos meu bem ⁊ choraua» [16] antressy meesma ⁊ dizia. Oo angeo gabrẏel tu me [17] diseste que eu *seria* béénta antre todallas molh*eres*. ⁊ eu [18] me uejo agora mais amargurada *que* no mu*n*do naceo [19] ⁊ caya em terra co*m* dóór. E pen-ssa *que* amargura pode seer [20] maẏor *que* aque*l*la. Outrossy pen-ssa como *q*uando ueo a [21] ora do passame*n*to *que* o teu senhor çarrou os olhos ⁊ a ca[22]ra amarlleceo ⁊ começou de enclinar a cabeça *contra* [23] a madre como se lhe disesse a postumeira sau-daçom [24] de door ⁊ todo desconfortame*n*to. o *q*uall no*m* podẏa mostra*r* [25] polla boca polla muy grande door. assy como se lhe
[*fl. 108*] e*n*[26]come*n*dasse o seu corpo tam cruelme*n*te chagado ⁊ [1] des-conjuntado. A septima palaura disse. Oo pa[2]dre nas tuas mããos e*n*comen*d*o o meu sp*íri*tu. E logo [3] deu o espiritu. ⁊ enclinou a cabeça. E entom tremeo [4] a terra ⁊ abrẏronsse os moẏmentos ⁊ o ssol non daua [5] lume ne*n*hũũ. E a cortinha do tenplo se rronpeo de ci[6]ma ataa fundo. Estaua hẏ hũũ caualeẏro *que* auẏa [7] nome centurẏo. ⁊ qua*n*do esto uẏo disse. Verdadeira[8]me*n*te filho de d*eus* era este homem. E penssa *que* qua*n*do [9] a[1] sua madre esto uise *que* era morto o seu *filho*. [10] ⁊ se uisse desenparada ⁊ desconso-llada abracarsẏa[2] com a [11] cruz ⁊ dizia. Oo filho meu doce amor ⁊ *que* fara esta [12] mezqu*i*nha *que* fica assy sóó ⁊ desenparada. Oo meu [13] espelho ⁊ lume dos meus olhos em *que* eu me rrẏuẏa. [14] ⁊ dirẏa aos *que* passauam *per*a hẏ. Oo uos todos que passa[15]des polla carreẏra. rrogouos *que* paredes me*n*tes ⁊ ueja[16]des se foẏ algũa molher *que* ouuesse tall dóór como [17] eu . . .[3] uejo do meu doce ⁊ mujto a[18]mado filho. ⁊ meu amor ⁊ lume dos meus olhos [19]. E caẏa em terra com dóór ⁊ dizia. Oo morte por*que* me [20] no*m* matas. oo terra por*que*[4] te no*m* abres comjgo ⁊ colheme [21] en tẏ. assẏ *que* eu no*m* ueja mais amargura do meu *filho*. [22] Oo alma *chrisptãã* penssa com door tanta amargura ⁊ [23] tanto planto da uirgem marẏa ⁊ das outras suas [24] jrmããs. ⁊ da madanella ⁊ de johane. Outrossy di[25]zia a uirgem m*arẏa*. Oo filho meu ⁊ minha
[*r.*] door. nem*b*ra[26]deuos de mẏ. ⁊ de uossos discip*u*los *que* andam desen[1]parados pollas terras ⁊ pollos montes. Outrossẏ [2] penssa-ras como uierom os caualeiros de pillatos [3] ⁊ talharom as *per*-

[1] Antes estão riscadas as palavras *este homem*.
[2] O primeino *r* e *ca* na entrelinha.
[3] Espaço rasurado.
[4] *que* na entrelinha.

nas aos ladrõões *que* estauam cruci[4]ficados. ⁊ deytaro*m*nos em terra. E qua*n*do [5] a uirgem *mar*ya esto uyo[1] penssou *que* assy faryam ao seu muy amado [6] filho. ⁊ qua*n*do elles chegaro*m* ficou ella os joelhos [7] em terra ⁊ dizia. Eu uos rrogo pollo alto de*us* q*ue* uos [8] no*m* queirades chagar mais o meu *filh*o. ne*m* me [9] queirades acrescentar mais dóór. ca bem uedes [10] uos que elle he ja morto. ⁊ abastauos qua*n*to mal [11] lhe fezestes sem por*que* emq*ua*nto era uiuo. E ella [12] esto dizendo. tomou hũũ caualeiro *que* auỳa no[13]me longinhos hũa lança ⁊ deulhe com ella hũa [14] muy grande lançada no seu muy glorioso peito [15]. do qual saỳo sangue ⁊ augua. Penssa *que* qua*n*do [16] a sua madre uisse esta cousa que faria. ⁊ segu*n*do eu [17] creo ella caỳo em terra dando uozes ⁊ chora*n*do ⁊ [18] dizia. Oo gente maa ⁊ desconhocida ⁊ sem piedade [19] *que* tanta crueldade fezestes ⁊ mostrastes *contra* o uosso [20] criador. ⁊ abraçouse rrỳjame*n*te co*m* a cruz ⁊ dizia. O *filh*o [21] meu *que* amargura grande do meu [22] coraçõ*m* ⁊ do meu corpo. Ora he *que*brantado o meu espelho ⁊ dizia. [23] Oo alma minha como te no*m* partes de mym. Oo [24] coraçõ*m* como no*m* *que*bras auendo tanta door ⁊ ta*n*ta [25] amargura. qua agora te chegou a espada *que* te [26] pas- [*fl. 109*]
sou todo. segundo o *que* te disse o Justo sỳmeom [1] qua*n*do disse. Aqueste teu filho será a tỳ espada q*ue* [2] trespassara a tua alma. Penssa oo alma *chrisptã*ã [3] tanta door ⁊ tanta amargura a qual no*m* pode seer pen[4]ssada. Estas cousas ⁊ outras mujtas acharas na [5] tua alma em q*ue* pensses ata a hora de uespe*ra*s. AD VESPERAS.[2] [6] A[3]a hora de uespera penssaras como Jose ab ary[7]matía ⁊ nỳcodemos. foram a pillat*us* a dema*n*[8]dar o corpo de nosso senhor ihe*su* *chrispto*. ⁊ depois q*ue* lhe dero*m* [9] o corpo. trouxerom escaadas ⁊ martellos ⁊ tenazes [10] ⁊ hũũ lançol ⁊ hũũa boçeta de jnguento p*re*cioso. E foro*m* [11] honde staua crucificado o teu senhor. ⁊ começarom [12] a despregar o corpo ⁊ tu[4] ajudarlho as a decer. E penssa [13] q*ue* palauras de dóór ⁊ de amargura dizia a uirgem *mar*ia. [14] a Joseh ⁊ aos outros q*ue* com elle uinham *peruen*tura q*ue* [15] lhes dizia. Oo jrmããos meus uistes alla andar [16] pregando o meu doce filho ⁊ uosso méestre pellas sỳ[17]nagogas ⁊ pellas praças de Jerusalem. Veede jr[18]mããos como está o meu *filh*o reỳ dos ceeos[5]

---

[1] Na entrelinha.
[2] A encarnado.
[3] Idem.
[4] Na entrelinha.
[5] Segundo e na entrelinha.

ꝛ da terra hon[19]rrado ꝛ coroado despĩnhos muý agudos nesta cruz [20]. ꝛ todollos seus ossos desconjuntados. Oo jrmããos [21] meus lenbraadeuos de mym. ca fico sóó ꝛ desenparada [22] uíuua do meu doce filho. E depois que o decerom da cruz. [23] poserom o corpo em terra no lançol. ꝛ a uirgem maria pose a [24] cabeça do seu filho no seu rregaço ꝛ abraçouse com elle [25] ꝛ beijauao nas
[r.] faces chorando tantas lagrimas [26] que todallas faces lhe lauaua com ellas ꝛ dizia. Oo filho [1] meu. os rreýs da terra som coroados de coroas de ouro [2] ꝛ de pedras preciosas. ꝛ uos que sodes senhor ꝛ reý dos [3] ceeos ꝛ da terra. fostes oje coroado de coroa de espýn[4]hos muýto agudos. os quaaes uos entrarom ataa o [5] testo da cabeça. E penssaras como huntarom o cor[6]po do senhor com inguento. ꝛ tu ajudallo as a hun[7]tar o corpo do senhor ꝛ olharas com os olhos dalma [8] as chagas dos pees ꝛ das mããos ꝛ do lado como [9] está aberto ꝛ o coraçom em tres partes· ꝛ a madre di[10]zia. Oo filho que morte foý esta tam arreuatada ꝛ [11] ꝛ tam cruel. que ontem aa noite estauades com os uossos[1] [12] dicipollos ceando aquella cééa mujto honrrada na [13] qual lauastes os péés aos uossos discipllos (*sic*). mostrando [14] a elles exenpro da uossa grande humildade ꝛ destes[15]lhe a comer o uosso santto corpo. E agora filho meu [16] uejouos ante mym jazer morto ꝛ nom fallades a esta a[17]margurada que fica sóó ꝛ desenparada ꝛ uíuua de uos [18] lume dos meus olhos. Oo filho meu quanto amor [19] ꝛ quanta piedade ouuestes aa humanal jéeraçom po[20]is que por ella quisestes soffrer tantas jnjuríyas ꝛ desonr[21]ras ꝛ morte tam cruel ꝛ consentir que o uosso corpo fo[22]sse partido em tres partes. E pensa o alma *chrisptãã* estas [23] cousas com grande dóór ꝛ amargura ꝛ chegarteas ao [24] teu senhor ꝛ dizerlheas. Oo muý nobre ꝛ santo don[25]zel que fe-
[fl. 110] zestes uos ou em qual culpa uos acharom. [26] Ou qual foý a cajom da uossa morte. senhor meu [1] nhũa. Mas eu som o cajom ꝛ a razom da uossa mor[2]te[2] ꝛ da uossa desonrra. Pequey eu ꝛ uos padecestes [3] Pecou o seruo ꝛ padeceo o justo. senhor dos ceeos ꝛ [4] da terra. Pecou o homem ꝛ padeceo o uerdadeiro deus ꝛ ho[5]mem. Peccou o maao ꝛ padeceo o justo ꝛ díras. O[6]o senhor como nos leixastes sóós ꝛ desenparados. [7] E os uossos dicipollos como andam sem o seu mees[8]tre ꝛ sem o seu padre desenparados pellas terras alhe[9]as. E depois desto penssa como diserom aa uirgem maria [10] que leuassem o corpo a soterrar ao moýmento ꝛ ella

[1] À margem, em letra posterior: *charitas bene ordinat.*

[2] O *r* na entrelinha e em letra posterior.

di[11]zia. Oo jrmããos meus. Rogouos por *deus* q*ue* no*m* me [12] queirades acrecentar mais dóór. leixademe fartar [13] do meu amor ⁊ do meu bem ⁊ do meu conforto e*m* q*uanto* [14] eỽ *tempo*. E depois q*ue* foỽ tarde enuolluerom o corpo do [15] senhor no lançol ⁊ leuaromno ao moỽme*n*to. E a ma[16]dre apegauasse a elle com muỽ grande door ⁊ dizia. [17] Rogouos por *deus* q*ue* ssoterredes a myn co*m* elle porq*ue* nom [18] me parta do meu bem. E eutom pose*r*om o corpo no [19] moỽme*n*to. ⁊ pose*r*onlhe hũa pedra de suso. E a madre [20] abraçousse com o moỽme*n*to ⁊ no*m* podyam desap*r*ender ⁊ era [21] ja tarde ⁊ disselhe johane. Oo madre minha mui[22]to amada. rrogote q*ue* non tomes tanta amargura [23] ⁊ uaamono*s* pera a cidade. E elles indosse. a u*ir*ge*m* ma*r*ia fi[24]cou os joelhos ⁊ dizia. aq*ui* ficades uos meu filho ⁊ eu [25] me uou q*ue* no*m* posso al fazer. mas a minha alma [26] ⁊ o meu coraçom fica (*sic*) aquỽ com [*v.*] uosco. Quando [1] chegarom aa cruz adorarom*n*a ⁊ foromsse pera a cidade [2] ⁊ as gentes q*ue* uirom a madre do senhor. saỽam a el[3]la ao camĩnho de toda (*sic*) as partes. ⁊ as uirgẽẽs ⁊ as [4] booas molheres a acom*p*anhauam. E de todas as partes [5] era feito grande choro ⁊ chanto. ⁊ tam bem os bõõs [6] ⁊ os maaos homeens lhe aujam compaỽxom ⁊ eram mo[7]uỽdos a choro dizendo. Oo quanta amargura ⁊ q*uanta* [8] dóór esta booa dona oje padeceo polla morte do seu [9] muỽ glorỽoso filho. o q*ua*ll lhe oje matarom de muỽ cruel [10] morte. Ca certam*en*te grande enjurỽa foỽ feỽta oje [11] pollos nossos p*r*incipes *cont*ra o seu filho. E *deus* mostrou por [12] elle grandes sinãães ⁊ marauilhas. ⁊ guardeusse [13] do q*ue* ham feito. E foromsse com ella as bóóas molheres [14] ata a pousada ⁊ ficou ella com johane ⁊ com madanella. [15] ⁊ com as outras jrmããs ⁊ ella oolhaua polla casa ⁊ [16] dizia. Oo johane onde he o teu m*es*t*re*. Oo jrmããos [17] onde he o meu filho. Oo madanella onde he o pa[18]dre nosso. partido he de nos com grande amargura ⁊ [19] com muỽta dóór. Ella ⁊ as outras q*ue* com ella esta[20]nam faziam grande planto com mujtas lagrimas. [21] E johane as conssolaua q*uanto* elle podia. dizendo [22] q*ue* leixassem aquello ⁊ q*ue* comessem algũa cousa. A [23] u*ir*gem ma*r*ia se*gundo* se diz comeo por ceea t*res* grããos de [24] fucho. Penssa oo alma *chris*ptãã q*ue* ceea de dóór ⁊ de [25] amargura foỽ aq*ue*sta. Estas cousas ⁊ outras [26] mujtas acharas [*ff. 111*] em q*ue* pensses. E depois tornarte[1]as ao moỽmento do senhor. ⁊ penssaras como sta [2] sóó ⁊ estaras com elle fazendo planto damargura. [3] ⁊ ueeras como ueo o anjeo do ceeo ⁊ rreuolueo a pe[4]dra q*ue* estaua em cima do moỽmento. E ao t*er*ceiro dia [5] rressurgỽo o nosso senhor ih*es*u *chris*pto. ⁊ tu ficaras os [6] joelhos ante elle

adorando o ⁊ beijarlhe as os péés [7] ⁊ as mããos ⁊ rrogalo as por tý ⁊ por os uiuos ⁊ por [8] os mortos ⁊ por teus amijgos. Estas cousas ⁊ [9] outras mujtas acharas na tua alma de deuaçom [10] em *que* penssaras ata a conpleta[1].

Capitollo que falla do dia do Juizo

[*fl. 165*] Segundo[2] o *que* dizem os doutores [4] nosso senhor ihesu *chris*pto. Julgua agora com [5] miser*i*cordia asi como juiz eclesiastico. mas depois [6] julgara com justiça asi como rreý forte ⁊ justiçoso e [7] aquel dia *que* todos parecerom ante ell. uinrra com [8] grande honrra ⁊ poder a julguar este segre per fogo [9] E por eso diz hũũ uersso. ne recordereis[3] peccata mea domine. [10] dum uenerio judicare seculum per inde. Diz a escretura. [11] *que* asi como algũũ emperador quando uaý per algũa cida[12]de leua ante sý sua espada ⁊ sua coroa douro. ⁊ alg[13]ũas outras suas nobrezas. por tal *que* seja conhoci[14]do. Assý uijnra o nosso senhor ⁊ saluador ihesu *chris*pto. [15] em aquella forma *que* sobýo aos ceeos. ⁊ uijnra com [16] ell gram conpanha de anjeos *que* trazeram ante ell. [17] aquella uerdadeira cruz em *que* el tomou morte ⁊ paixom [18] por nos. E os clauos ⁊ os açoutes ⁊ os outros tor[19]mentos com *que* o atormentarom no dia da sua sancta paixom [20] E grandes uozes de tronbas sayrom em aquell dýa [21] E diz *que* todollos ellementos sééram toruados quando [22] uirem o senhor. Qua iscripto he pello profeta. An[23]te a sua face andera o fogo. ⁊ arredor ⁊ del sééra gram [24]
[*v.*] tenpestade. E diz sam jeronimo. quantas uezes eu pen[1]sso em no dia do juizo. todo o corpo ⁊ o coraçom me estre[2]mece. E comendo ⁊ beuendo ou qual quer cousa *que* faça [3] sempre me semelha *que* aquella uoz entra nas minhas [4] orelhas. quando diram. leuantadeuos mortos ⁊ uijnde [5] a juizo. E porem conpre *que* se queremos auer algũa aligria [6] da presente uida. em tal maneira a deuemos a auer *que*=[7] nunca oluidemos o dia do juizo. Onde diz a escretura. [8] Dies illa dias ire. calamitatis ⁊ miserie· E diz sam [9] bernardo. ay de mý mizquinho. *que* seera de mym quando neer [10] o dýa do juízo *que* sééram abertos os liuros em que sam es[11]critas

[1] Segue-se o *Conto de amaro*.
[2] Inicial a vermelho.
[3] Leitura duvidosa.

todallas minhas maldades ⁊ obras ⁊ pensamen[12]tos. ⁊ seram rresados ante o nosso senhor. E alý estareý [13] eu com a cabeça incrinada polla gram uergonça ⁊ confun[14]damento da minha conciencia. ⁊ terreý ante mym todo[15]llos meus peccados. E diram de mý todollos que hy esteue[16]rem. aquelle he o homem que estas maldades fez. E diz [16] sam bernardo uéera aquelle que as cousas ha julgua[18]das outra uez o julgarom. E os maaos julgamentos [19] rrefrigeram ⁊ farom justiças ⁊ direitos a aquelles que rre[20]ceberom torto. E diz o profeta sebilea (?). alý se descobrý[21]rom os feitos que aqua som malfectos ⁊ uijram aquell dia do [22] juizo em que mais ualerom coraçõões linpos que palauras [23] de arterias. E mais ualera a conciencia que a bolsa muý [24] chea ante aquell juiz que [ff. 166] se non jnclina por palauras. nem [1] por afaagos. nem desuía seu juizo por dõões. E diz sancto [2] agostinho. uijram aquell dia postumeiro do juizo. que que[3]jram os mizquinhos fazer pendença· ⁊ nom poderam seer [4] liurados per booas obras que queiram entom fazer. de mor[5]te perpetua que em tal morte seeram punidos os pecca[6]dores mizquinhos. E seeram aa morte obriguados. por[7] que quando uiuiam oluidarom deus. Oo mizquinho quanto [8] choro ⁊ quanto confundimento. ⁊ quanta amargura sera [9] aos da pena que iram metendo muý grandes uozes. [10] Oo montes caýde sobre nos. óó féérás[1] cobrýdenos [11] E cobijçarom muito a morte. mas fugira a morte [12] delles. ca seeram metidos no fogo hu seram queima[13]dos· ⁊ auéram fome ⁊ sede. ⁊ por senpre sofreram. em [14] outro logar diz. prestes sééra o dýabóó rresando toda[15]llas nosas (*sic*) palauras da máá prosissom. ⁊ rreferindonos [16] todallas cousas que fezemos. ⁊ quanto peccamos ⁊ em[2] que logo [17] ⁊ quando ⁊ em que hora. ⁊ o bem que entom poderamos fazer. [18] E díra aquell jmmigo antigo ao Juiz dereitoso. Julga [19] estes ⁊ daaos por meus. que por sua culpa nom quiserom seer [20] teus por graça. nem por natura. ⁊ quiserom séér meus por [21] sua mizquindade. De ty onueram solaz ⁊ goýuo. que nunca [22] o perderom nem morrerom Jamais. ⁊ de mym rreceberom aquesta saya [23] de maao pano. Leixou a tua instidura uerdadeira. porende [24] auera a minha. Oo Juíz dereitoso [v.] julgao por meu [1] que díno he pera danar. Aý daquell mizquinho que tall sera a[2]chado. se podera abrir a boca ⁊ dizer que fosse dito com [3] o dýaboo. Nunca os coraçõões dos justos som seguros [4] pollo medo daquell dia do juizo. pero som confortado [5] pollos bẽẽs

[1] No original *sééras*.

[2] Na entrelinha.

ꝛ dõões *que* rreceberom. E diz sam jeronimo. [6] vijnra o dia *em* que os nossos feitos todos se demostra[7]rom. Asy díz *sancto* agostinho. vijnra em no día do [8] juizo a humanidade de *ies*hu *chris*pto. em *que* os ha de julgar. [9] ꝛ por se doerem mais. nom ueerom a deuindade. por *que* se [10] nom alegrem com aq*ue*lles a *que* ella he demostrada por [11] goyuo ꝛ folguança se demostra. E os maaos sem [12] piedade seerom atormentados. porque uéérom a booa [13] andança *que* os bõõs mercerom. ꝛ quando o diaboo for [14] alçado porque seia poiado mujtos boos ꝛ santtos seeram presos [15] de medo quando uirem aquell maao. ꝛ sem piedade asý [16] seer atormentado. e se algũa cousa ajnda em elles for [17] de peccado seeram purgados[1] pollo gram medo *que* aueram [18] quando o diaboo malditto asi uírem condenado. E diz [19] sam joham. aquell dia chorarom os Judeus. quando uirem [20] uiuer ꝛ rreỳnar aquell *que* por morto tinham. Chorarom os [21] gentijs enganados per falsas ꝛ máás desputaçõões [22] dos filosofos *que* cujdauam ꝛ diziam. que louca cousa
[fl. 167] ꝛ [23] sem rrazom era créér ꝛ adorar deus crucificado. Chora[24]rom os cristããos peccadores *que* mais amarom o mundo [1] *que* a deus. Chorarom os erejes *que* dizem *que* non he deus mas [2] puro homem. que foy crucificado. quando uirem alý seer [3] ieshu como o penarom os Judeus. Doerseam todallas [4] gentes. ꝛ os senhores da terra *que* non aueram poder de [5] contradizer a el nom poderam fogir dante ell. nem ha hý [6] ja tenpo de pendença. nem de emmendar. E de todallas [7] cousas nom lhe ficara senon chanto ꝛ dóór. Estonce [8] díra o nosso senhor. Eu por uos foỳ feito homem. ꝛ por [9] uos foỳ nos foỳ açoutado. ꝛ firído. ꝛ escarnido. ꝛ crucificado. [10] Honde he o fruito *que* eu de uos eỳ. de quantos tormentos [11] por uos rrecebý. Qual serviço me fezestes. pollo pre[12]ço do meu sangue. que por uos espargỳ. Oo quall sera [13] aquell *que* alý nom estremeçer. com taaes palauras. On[14]de diz sam jeronimo quando as estrelas do ceeo nom seram se[15]guras. *que* faram os mizquinhos dos peccadores *que* nunca qui[16]serom fazer nenhuum bem. E mostrarom desỳ maaos exem[17]plos aos outros. Alý ueram os mizquinhos todollos ela[18]mentos contra sỳ. Em aquell dia da amargura ꝛ de temor. ꝛ [19] de afriçom aueram aanoondo. ꝛ se catarem aa deestra parte [20] uééram todollos diabóós *que* estam esperando pera os rreceber [21] ꝛ leuarem consigo. E se catarem a séestra parte. ueerom [22] o Inferno *que* esta aberto ꝛ comprido de toda graueza pera
[v.] sen[23]pre jamais. Se catarem ante sỳ. ueerom todollos seus [24]

[1] *ur* na entrelinha.

peccados ⁊ maldades *que* aqui fezerom ⁊ diserom. asi como [1] se esteuessem todos escriptos. E se oolharem sobre sy ue[2]eram (*sic*) o senhor tam irado ⁊ tam brauo *contra* sy. *que* o nom ou[3]sarom de o olhar. Onde diz o profeta dauỳd. Oo quem [4] me desse pennas com que uoase ⁊ me fosse ao deserto. tam [5] grande sera a sua ira naquell dia. *que* a nom poderam sofrer. [6] E por eso diz a escriptura. senhor quando uieres julgar [7] a terra. hu me asconderey aa jra da tua face *que* muy graue[8]mente pequeỳ contra tỳ em na minha uida [9].

Capitollo que falla do Inferno[1]

O[2] Inferno diz a sancta escriptura. he so a terra. hù [11] logar quarecente de todo bem. ⁊ auondado de to[12]do mal. atanto *que* ajnda *que* homem teuesse língua de a[13]ceiro ⁊ uiuesse mil annos se podesse séér. nom poderỳa con[14]tar quantas penas ⁊ tormentos alỳ soffrem os mizquinhos [15] dos pecadores. Antre as outras penas graues *que* hỳ [16] ha. põõe a escriptura noue *que* som principaaes. A primeira [17] diz *que* he de fogo asy ardente *que* ajnda *que* o mar caỳsse so[18]bre ell. nom no apagarỳa. Aquell fogo he de tal natura [19] *que* arde ⁊ nom luz. o queimar delle nom ha comparaçom. [20] Qua deus o criou do começo do mundo. en tal especia. *que* [21] ell queima os diaboos *que* som espiritus. ⁊ queymas (*sic*) almas. [22] A segunda pena he muỳ contraira desta. *que* he pena de frío [23] tam esquiua. *que* non pode seer sofrudo. ⁊ he tam graue [24] [*fl. 168*] que ajnda *que* todollos homeens do mundo fossem fugeiras [1] acesas ⁊ caỳssem sobre el el tornarsehiam geada. [2] Em estas duas penas ha chanto ⁊ batimento de den[3]tes. A terceira pena he de uermeens. ⁊ de sapos ⁊ de serpentes. [4] de outras esquiuas bestas *que* asi andam em no fogo co[5]mo os pexes en na augua. A quarta pena he fedor desuai[6]rado tam grande. *que* passarỳa hũũ muro que fosse da[7]ceiro por ancho *que* fosse. A quinta pena he fome ⁊ sede [8] muỳ grande. A sesta pena he *que* som téébras tam es[9]curas. *que* non ham conparaçom. A seitima pena he uer[10]gonça ⁊ confusom dos peccados. *que* se nom podem encobrir. [11] A oytana pena he de maa uisom. ⁊ espantosa dos dỳabóós. e dos dragõões ⁊ das presas das almas. [13] Estas penas sofrerom os *que* aquỉ trabalham em fogo

[1] A vermelho.
[2] Idem.

de co[14]bĩça. ⁊ em fogo de maldades. E depreçarom a companha [15] das noue ordeens dos angeos. Aly non ha senom todo [16] mal. ⁊ toda a graueza em aquella cidade malditta onde [17] senpre ha arroýdo ⁊ desauença. Onde diz o salmista. [18] Die ac nocte circundauit eam. E diz sam bernardo. Oo [19] quanto choro. ⁊ quanta amargura. sera quando se partirem [20] os peccadores dos Iustos. ⁊ da uisom de deus. ⁊ seeram mitidos [21] em poder do dýaboo. ⁊ séeram penados em grandes penas [22] hu nunca ueeram lux. E senpre estarom em choro ⁊ em tristeza [23] hu nunca aueram rremedýo.
[v.] Qua escripto he pello pro[24]feta[1] que diz. Quía inferno nulla en (*sic*. rredencío. [1] Senpre aueram penas. ⁊ nunca sééram líures. qua nunca [2] mínguarom os tormentos. ⁊ senpre sééram rrenouados. [3] Assy ardera alý o hoso que nunca se sume. desque o fogo [4] em elle he acendudo nunca morre. E segundo as cul[5]pas de cada huũ. asi auera a pena. Outra cousa nom [6] he hy uista. senom uermeens. ⁊ caras tornadas. ⁊ outros [7] muýtos espantos de dragooens. ⁊ de bestas feras. Ar[8]deram os mizquinhos em chamas de fogo per pena. ⁊ [9] em carne seeram penados per fogo. ⁊ em spíritu per uermeens [10] que os rooem. Do dentro em nas consciencias. Alý nom sera [11] senom dóór sem mesura ⁊ temor de grande espanto. [12] morte sem misericordia do corpo ⁊ da alma. Em tal [13] maneira morrerom. que pera senpre uiuírom. E seeram mal [14] queridos de deus ⁊ dos sanctos. ⁊ dos angeos ⁊ Justos. porque [15] por sua maldade despreçarom os mandados de deus. ⁊ perde [16]rom o que lhes ell tíjnha ordenado. ⁊ porque fezerom tar[17]dar que se non conprise o conto dos angios que ha de séér [18] comprido da linhagem dos homeens. E omjeítarom a com[19]panha dos boos (*sic*). com que ouuerom de séér companheiros em [20] as aligrias perduraués. E seeram malquerýdos dos [21] elamentos. Outrosý porque per elles foram detheudos de [22] seerem mais çedo rrenouados. seeram malquerýdos
[*fl. 169*] dos [23] dýaboos. em guisa que senpre em elles façam tormentos [24] desuaírados. quejramsse mal hũus com os outros. [1] ⁊ sééram tam desuairados que senpre se doestarom. ⁊ sen[2]pre se refezýrom. ⁊ senpre seeram anojados. tanto que mal[3]diram a deus ⁊ aos sanctos. E maldiram os padres que os jéé[4]rarom. ⁊ os dias em que nacerom. E maldiram todal[5]as cousas. E diz sancto ýsidoro. dobre pena aueram os [6] mizquinhos da uoontade que os queima com tristeza. E do [7] corpo os queima com o fogo. segundo seus merecimentos. [8] Asy aquelles que penssaram nas suas uoontades. ⁊ mal [9] fezerom

[1] Por cima, em letra posterior e mais apagada: *Iob.*

per obra. séérам penados nos corpos ⁊ nas almas [10] Que diz sam gregorỹo. o fogo do Inferno per si mees[11]mo he aceso. ⁊ corporalmente queyma os homeens. [12] Nom tal como o que arde na terra que se acende per mandado [13] do homem ⁊ se faz de lenha. Mas aquell fogo do Inferno [14] he corpo acendudo que senpre dura. ⁊ o ardor nom ha [15] comparacom. que tanto quanto o fogo que he na terra. he de com[16]parar ao fogo que pintam na parede. tanto he de conparar [17] este fogo ao fogo do Inferno. Que ajnda que digamos [18] que queima cem tanto mais. queyma de cem mil ue[19]zes tanto. Aquell lugar he lugar çujo. hu ha auondan[20]ça de todo maao fedor ⁊ destrosia. A quall terra diz Iob. [21] que he terra de mizquindade ⁊ terra téébrosa hu nom ha nem [22] hũũ bem nem ordenança bóóa. Mas senpre hỹ ha error [23] ⁊ mal perdurauell das penas ⁊ dos tormentos maaos [24] que ham em esta cidade maldicta [r.] do Inferno. de que conta hũũ [1] exenplo tal. que aconteceo em hũũa prouincia que chamam [2] Ibernỹa de hũũ caualeiro que auia nome tungullo. [3] Deus seja louuado pera senpre amen[1].

Vocabulário

Explicação

Na minha opinião, um vocabulário duma obra como a *Contemplação* deve ser o mais completo possível. Assim, além de ser mais perfeito, é um bom instrumento para ajudar a realização da história de determinado vocábulo no dia feliz, mas ainda longínquo, em que existam muitos vocabulários de obras de várias épocas.

Infelizmente, circunstâncias várias impediram-me a realização do da *Contemplação* em conformidade com a minha maneira de pensar.

Limitei-me, portanto, a escolher os vocábulos que me pareceram mais curiosos, como arcaísmos, divergentes[2], casos de próstese[3], etc., etc.

---

[1] Segue-se um trecho denominado *Este he o quincunque vult Per linguagem* que ocupa as fôlhas 170 *r* e 171. Foi publicado por Fr. Fortunato de S. Boaventura na *Collecção de Ineditos Portuguezes*, t. I, pp. 166 a 168.

[2] Há alguns casos de divergentes na *Contemplação*; quási sempre trata-se de uma forma vulgar ao lado da correspondente literária, como *giolhos* e *joelhos*, *asteença* e *abstinência*, etc., etc., que mostram bem o caráeter da obra.

[3] Como *amonte*, *acana*, etc.

Apesar das suas exíguas proporções e pretensões estou certo que êste Vocabulário em alguma coisa (embora pouco e mediocre) poderá contribuir para o futuro *Dicionário da Língua Portuguesa Arcaica*.

Resta-me só dizer que a paginação indicada é a do códice. Ela foi integralmente respeitada, como se pode fàcilmente verificar na transcrição. Segui êsse sistema principalmente pelas seguintes razões:

1.ª — O curioso, sabendo a fôlha e a linha do original onde determinada palavra se encontra e querendo tirar qualquer dúvida, encontrá-la-á com facilidade. O mesmo sucedeu comigo.

2.ª — Se eu indicasse a paginação do *Boletim* só poderia começar a fazer o Vocabulário depois de receber as provas de página e mesmo assim ainda podia temer uma repaginação cujas conseqüências seriam desastrosas.

A

Aauoondo, adv., *167*, 20. — Leia-se *àvondo;* hoje é dialectal; no Alentejo e no Algarve diz-se *àvonde* («já tem *àvonde*»). Bastante. De **abundo;* cf. Nunes, *Gram. Hist.*, p. 360. Cf. *auondado, auondança*.

Abraçar-se, v., *105*, 22. — No texto *abraçousse com;* note-se a construção. Segundo Antenor Nascentes, *Dic. Etim.*, de *braço*.

Abstinencia, s. f., *97*, 5. — Forma literária; as vulgares correspondentes são *asteença*[1] (q. v.) e *esteença*[2]. Como forma semi-erudita existia ainda *austinencia*[3]. De *abstinentia*. Por dissimilação aparece ainda *abstilencia:* «... fazia muy gramde abstilemçia e trazia sellição...», *Cr. da Ord. dos Frad. Men.*, I, p. 396.

Aca, adv., *100*, 18; *104 v.*, 5. — Cá, aqui. Também podia significar *até agora:* «E todollos Prophetas que forom des Samuel *aca*... prophetizarom aquestes dias», S. Boaventura, *Inéditos*, I, p. 29. Também aparecia a variante gráfica *aqua* (q. v.). De *eccunhac* (Nunes, *Crestomatia, Glossário*, s. v.; idem, *Gram. Hist.*, pp. 60, 356).

Acana, s. f., *104 v.*, 1. — Cana, forma com *a-* prostético. Do lat. *canna*.

Aceiro, s. m., *167 v.*, *168*, 7. — Palavra vulgaríssima no antigo português; significava *aço*. Ainda aparece em Gil Vicente[4]. Fernão Mendes Pinto já traz *aço*[5], que é um derivado re-

[1] Cf. ainda: «aqueste de sa meninice sempre fez mui grande *asteença*...», NUNES, *Florilégio*, p. 50. (*De um Códice Inédito*).

[2] «... e começarom a louvar a *esteença* de que ante escarneciam», *idem, idem*, p. 51.

[3] Na *Vida do Cativo Monge Confesso:* «... aly castigaua eu a uoontade da minha carne. e somergia-a per *austinençia*», l. 42.

[4] «E quando os sayões da cidade / me pregarem no madeiro / com fortes pregos *daceyro*...», *Breve Sumário*, fl. LXXII *v.*

[5] «... ao qual em ti varaõ de coluna de aço Pero de Faria...», *Peregrinação*, I, p. 54.

gressivo de *aceiro*. De um lat. v. **aciariu*, der. de *acies*. Que eu saiba a primeira vez que esta explicação apareceu foi na *Grammatik der Portugiesischen Sprache*, de Reinhardstœttner[1]. Nunes (*Gram. Hist.*, pp. 56 e 147) aceita a explicação, assim como Nascentes (*Dic. Etim.*, s. v.). Dauzat (*Dict. Étym.*, s. v. *acier*) diz que num glossário de baixo latim aparece a forma *acieris*.

Acerqua, adv., *97 v.*, 11; *98 v.*, 22; *106 v.*, 19.—Próximo. De *ad* + *circa* (Nunes, *Gram. Hist.*, p. 357).

Achegar, v., *98 v.*, 25; *99*, 9; *106*, 3.—Aproximar. De *a* + *plicare* (Nunes, *Crest., Glos.*, s. v.).

Açoutar, v., *104 v.*, 11.—Flagelar. De *açoute*. No texto (*104 v.*, 13) aparece a variante gráfica *asoutauaõ*.

Açoute, *105 v.*, 21; *165*, 19.—Pancada e também o próprio azorrague tal como na forma árabe que lhe deu origem: السوط (*aṣ-ṣōṭ*)[2]. A palavra também se empregava com o sentido de bofetada: «E el-Rei com queixume dizem que deu huum *açoute no rostro* a Pero Coelho...», Fernão Lopes, *Cr. D. Pedro*, cap. XXXI.

Adomar, v., *99 v.*, 14.—Domesticar. Do lat. *domare* com *a* prostético.

Aduzer, v.: *aduzerom*, p. perf. ind., *102 v.*, 11.—De *ad-ducere*. O pret. de *aduxi*.

Afriçom, s. f., *167*, 20.—O mesmo que *aflição*. Na *Crónica do Condestabre* encontrei também a forma *affriçam*: «... e cõ grãde nojo e *affriçam* de seu coraçom...», p. 66. Lat. *afflictione*.

Ala, alla, adv., *100*, 18; *100 v.*, 18; *103*, 7; *104 v.*, 5.—Antónimo de *aca*. De *illac* (Nunes, *Gram. Hist.*, p. 356).

Alçado, adj., *106 v.*, 13; *166 v.*, 15.—Derivado de

Alçar, v., *106*, 7; *106 v.*, 13.—Levantar. Cf.: «... e disselhe: Molher *alça* esse pano...», *Vespasiano*, 45. *Alçar a voz* significava *gritar*: «... levantou-se Pedro, que estava com os outros onze Apostolos, e *alçou a voz*, e fallou-lhes assi», *Inéd. de Alc.*, p. 23. *Alçar-se* no Brasil diz-se do gado doméstico que foge dos apriscos e que se torna selvagem (*Rev. Ling. Port.*, 1920, n.º 4, p. 89). De *altiare*.

Aligria, s. m., *165 v.*, 6.—O mesmo que *alegria*; houve assimilação da vogal átona à tónica (Nunes, *Crest., Glos.*, s. v.); é forma algo freqüente no port. arc. Cf. ainda: «Todos eram uestidos e auiã grande *aligrya*...», *Visão de Tundalo* (in *Crest.*, p. 65). De *alegre* + suf. *ia*.

Alongado, adj., *98 v.* 20.—De

Alongar, v., *99 v.*, 22; (*alongarom*).—Afastar. De *longe*.

Alquiar, v., *102*, 11.—Alugar. Cf.: «E os que tinhão arrendados os açougues *alquiavão* essas seedas a pessoas asinadas, e nom deixavam hy outrem seer, se nom esses, a que as *alquiavam*», capítulos especiais de Santarém; citação de Viterbo, *Elucidário*, s. v. *Seeda*. Êste verbo, que se formou de *alquilar*, deriva de *alquilé*. Esta palavra por sua vez tem origem no ár. الكرا (*al-kirā*), aluguer.

Alumear, v., *101 v.*, 26.—De *illuminare* (Nascentes, *Dic. Etim.*, s. v.).

Amargura, s. f., *107*, 20.—De *amargo*.

Amarllecer, v., *107 v.*, 23.—Tornar-se amarelo. Note-se o desaparecimento da pretónica; está por *amarelecer*, portanto.

---

[1] P. 45.

[2] A propósito das variadas transcrições dêste vocábulo árabe cf. o que eu escrevi no meu trabalho *A Fala da Moura das «Côrtes de Júpiter»* na *Comemoração Vicentina*, da Faculdade de Letras de Lisboa, p. 236, n. 4.

Amonte, s. m., *97*, 25.—*Monte* com *a-* prostético.

Amortificar, v., *99 v.*, 14.—Como em *adomar*, *acana*, *amonte*, etc., esta é uma forma com *a-* prostético.

Anas, n. pr., *100 v.*, 13.

Ancho, adj., *168*, 8.—Largo, grosso, gordo. De *amplu*.

Andança, s. f., *166 v.*, 14.—Faina, lida, (Cândido de Figueiredo). *Boa andança* é a felicidade; *mal andança* é a desgraça: «e quer tristur' ou *mal andança* / quer non lhe dê Deus al . . .», Nunes, *Cant. de Amor*, p. 285, nota.

Andar, v., *andera* por *andará* (dissimilação), *165*, 24.

Angeo, s. m., *98*, 7, 17; *98 v.*, 8, 10; *107 v.*, 17; *165*, 17; *168*, 16; *168 v.*, 18.—Anjo. Do lat. *angelu* que tem a sua origem no grego ἄγγελος[1].

Aparelhado, adj., *97 v.*, 18, 21.—De *aparelhar*.

Apenssar, v., *97*, 22.—*Pensar* (q. v.) com *a-* prostético.

Apostollo, s. m., *97 v.*, 17.—Do gr. ἀπόστολος, enviado, pelo lat. *apostolu*.

Aprehender, v., *99 v.*, 12.—Aprender. De *aprehendere*.

Aprendido, adj., *105 v.*, 20.—Prêso, ligado. *Prendido* com *a-* prostético.

Aproueytar, v., *97 v.*, 5.—Tirar proveito de.

Aqua, adv., *100 v.*, 18.—Variante gráfica de *aca* (q. v.).

Aquentar, v., *101 v.*, 17.—Tornar quente. De *ad* + *calentare*.

Aquesto, pron. dem. neutro, (Nunes, *Gram. Hist.*, 256). *98*, 15; *99 v.*, 23.—De *ecuiste* (*idem*, ibidem, p. 60).

Arrastrar, v., *105 v.*, 4.—Puxar ou trazer de rastos. De *rasto*, aliás *rastro* (do lat. *rastru*). Tanto o substantivo como o verbo dêle derivado perderam o *r* da última sílaba.

Arreuatado, adj., *109 v.*, 11.—De *arreuatar*, *arrebatar* (de **arrapitare* por **arraptare*).

Arroỳdo, s. m., *168 v.*, 18.—Barulho, gritaria. De *rugitu*. Cf. J. J. Nunes, *Gram. Hist.*, p. 110.

Arteria (*ri*), s. f., *165 v.*, 24.—Maldade, sofisma, traição, cinismo. De *arte*.

Arymatia, top., *109*, 7.

Asconder, v., *167 v.*, 8.—Forma arc. e pop. de *esconder*. De *abscondere*.

Asinha, adv., *102*, 1.—Depressa, ràpidamente. De *agina*, o ponteiro da balança.

Asoutar.—Cf. *açoutar*.

Asteença, astença, s. f., *97*, 6; *99*, 7.—Formas populares e divergentes de *abstinencia* (q. v.).

Atam, adv., *100 v.*, 15; *103 v.*, 21; *104*, 19; *107 v.*, 11.—Tão.

Atanto, pron. ind., *100 v.*, 22; *167 v.*, 13.—Tanto.

Atormentado, adj., *101*, 11.—De *atormentar*.

Auga, augua, s. f., *102*, 1; *108 v.*, 15; *168*, 6.—Formas arc. e pop. de *água*.

Auondado, adj., *107 v.*, 12.—Cheio, fornecido, abastecido. V. *aauondo*.

Auondança, s. f., *169*, 20.—Abundância. Do lat. *abundantia*.

B

Baraço, s. m., *100*, 17; *100 v.*, 11.—Corda. Do ár. مرس (*maraç*), mesmo sentido.

Barom, s. m., *106*, 24.—Nobre. Do germ. *baro*, homem livre; atribuíu-se-lhe uma declinação do tipo *leo*, *ónis*. No texto da *Contemplação* aparece a forma do pl.: *barões*.

[1] Acêrca do sentido religioso desta palavra cf. MEILLET, *Les interférences de vocabulaires* in *Linguistique historique et linguistique générale*, p. 343. Cf. o resumo da questão na *An Introduction to Romance Linguistic*, de IORGU IORDAN, p. 303.

Barua, s. f., *100*, 19; *100 v.*, 16; *101*, 22; *103*, 6; *104 v.*, 3. — Forma arc. e pop. de *barba*.

Batimento, s. m., *168*, 3. — Acto de bater. De *bater*.

Benýno, adj., *100 v.*, 9. — Bom, calmo. De *benignu*. Os derivados desta forma latina no port. arc. não apresentam o *g*, como é natural: «... soprico aa tua *benidade* que tenhas por bem...», *Frad. Men.*, I, 277; «E como o senhor papa o reçebesse com alegria e *benivnamente*...», *idem*, ibidem, 19. *Dino* (como *indino*, *indinar-se*, *indinado*, *indinamente*, etc.), *malino*, *sino*, etc., são outros exemplos da queda do *g* na mesma posição.

Bestas, s. f. pl. — Animais em geral. *Esquivas bestas* (*168*, 5) e *bestas feras* (*168 v.*, 8), são animais ferozes. De *bestia*.

Beuer, v., *97*, 6; *97 v.*, 23; *99*, 5; *107*, 16. — Forma arcaica de *beber*. De *bibere*.

Blasfemar, v., *107 v.*, 8. — Pronunciar palavras ofensivas à divindade. De *blasphemare*.

Boçeta, s. f., *109*, 11. — Do prov. *boiseta*?

Brauo, adj., *167 v.*, 3. — Furioso. De *barbaru*.

C

Ca[1], conj., *97*, 11; *98 v.*, 19; *101*, 11, etc. — Porque, visto que. De *quia*.

Ca[2], adv., *103*, 7. — O mesmo que *aca* (q. v.).

Caer, v., *caeo*, pret. perf. ind., *103*, 23. De *cadere*.

Cajom, s. m. em *110*, 2; f. em *110*, 1. Em *102 v.*, 21, não se pode descobrir o género. De **accasione* (pelo clás. *occasione* (Nunes, *Gram. Hist.*, p. 57, que manda confrontar o it. *occagione*).

Calez, s. m., *97 v.*, 14; *98*, 2. — Cálice. De *calice*. A forma *cales* é «ainda viva na língua popular», Nunes, *Frad. Men., Glos.*, s. v.

Cana, s. f., *103*, 4; *105 v.*, 5, 6. — O mesmo. De *canna*. V. ainda *acana*.

Cara, s. f., *104 v.*, 3. — Face, rosto Lat. *cara*.

Çarrar, v. — Em *107 v.*, 22, sob a forma do pretérito (*çarrou*). De «**serrare* (por *serare*, sob influência de *serra*)», Nunes, *Gram. Hist.*, p. 59.

Carreýra, s. f., *108*, 16. — Estrada, caminho. Lat. *carraria* (via), caminho de carros (*REW*, 1718).

Catar, v., *167*, 20. — Procurar. De *captare*.

Cautela, s. f., *99 v.*, 20. — Lat. *cautela*.

Cayfas, n. pr. m., *100 v.*, 13.

Céêa, çeea, s. f., *97*, 19, 20, 23; *99*, 5, etc. — Refeição. De *caena*.

Celestial, adj., *98*, 11. — Do céu, do paraíso. De *celeste*. Era vulgar no port. arc. a forma *celestrial*: «...asy como novo pregoeiro do Rey *çelestrial*...», *Frad. Men.*, I, 132.

Cesar, n. pr. m., *104 v.*, 21.

Chagado, adj., *108*, 1. — De

Chagar, v., *108 v.*, 9. — Ferir. De *plagare*.

Chantar, v., *105 v.*, 19. — De

Chanto, s. m., *110 v.*, 6; *167*, 8; *168*, 3. — Chôro. De *planctu*. Tem como divergentes *planto* e *pranto*.

Chorosso, adj., *105*, 17. — Que chora. De *chôro*, (der. regressivo de *chorar* < *plorare*).

Cobiiça, s. f., *99 v.*, 16; *168*, 14. — Ganância. De *cupiditia*.

Companha, conpanha, s. f., *99*, 11; *100 v.*, 22; *165*, 17; *168*, 15. — Companhia. De **compania* (Nunes, *Gram. Hist.*, p. 133).

Compecar, v., *97*, 17. — Grafia arc. e vulgar de *começar*.

Comprido, conprido, adj., *97*, 26; *97 v.*, 16. — De

Comprir, v., *97*, 19; *99 v.*, 23; *165 v.*, 6. — Cumprir. De *complere*, encher. O *u* veio por influência das formas não rizotónicas.

Confortar, v., *98*, 7; *98 v.*, 10. — Descansar, consolar. De *confortare*, fortalecer.

Conhoçer, v., *98*, 13.—Conhecer. De *cognoscere*.

Conhocimento, s. m., *101 v.*, 4.—Do anterior.

Contenplacom, s. f., *97*, 1.—Contemplação. De **contemplatione*.

Contra, prep., *99*, 13; *106*, 24; *106 v.*, 3; *107 v.*, **23**.—Em direcção a. De *contra*.

Contrairo, adj., *99 v.*, 4; *167 v.*, 23.—Forma arc. e pop. de *contrário* (q. v.).

Contrário, adj., *97*, 12.—Forma divergente da anterior; rara nos textos arcaicos, tem cunho erudito. De *contrariu*.

Connuir, v., *—a*, *98*, 16; *—de*, *97*, 6, 9; *—que*, *97*, 7.—De *convenire*.

Cordeiro, s. m. *104*, 24.—De **chordariu*, (*REW*, 1883).

Coroa, s. f., *105 v.*, 3.—De *corona*.

Corporalmente, adv., *97 v.*, 8.

Cortinha, s. f., *108*, 6.—É a forma arc. de *cortina*. Cf.: «... e teelos (os panos da sancristia) mui limpos. e mais a *cortinha* que sta sobre o altar mayor...», G. Pereira, *Trechos portugueses*, p. 333. Do lat. *cortina*, pelo espanhol.

Cospir, v., *100 v.*, 17; *101*, 21; *104 v.*, 3.—De *conspuere*.

Couce, s. m., *100 v.*, 19; *104 v.*, 6.—De *calce*, calcanhar.

Couinhauelmente, adv., *98*, 14.

Cousa, s. f., *100*, 21.—De *causa*. Cf. também

Coussa, s. f., *100*, 7.

Coyta, s. f., *97 v.*, 7.—Desgôsto, dor. De **cogita*.

Cras, adv., *100 v.*, 3.—Àmanhã. Cf.: «... *cras* me verrá meu amigo veer...», Martim Caldas *in* Nunes, *Cant. de Amigo*, ccccxx. Existia também em esp. arc., cf.: «... Son parientes del cuervo, de *cras* en *cras* andavan...», Hita, 1256; «... Yo le faré que *cras* venga en este palaçio...», idem, 1492; «Que non atender á ty nin á tu amigo *cras*», *idem*, 1530.

Crucificar, crucifficar, v., *104 v.*, 19, 25; *105 v.*, 18; *106*, 25, 26; *108 v.*, 4.—«Do lat. *crucifigere*, pregar na cruz, com influência de *crucifixu* e dos verbos terminados em *ficar*», A. Nascentes, *Dic. Etim.*, s. v.

Cruciffigar, v., *104 v.*, 17.—Forma divergente e popular da anterior.

Cruz, s. f., *97 v.*, 9; *105*, 14.—De *crŭce*. V. Nunes, *Digr. Lexic.*, p. 93, nota, e *Reacção Literária na Língua*, do mesmo Autor.

Çujo, adj., *169*, 20.—«De *sucidus* se passou a **sucio* = **suçio*, e por metátese para *çusio*, de onde *çujo*, com *-sio* > *-jo*, como em *ecclesia* > *igreja*. A forma intermédia **sucio* está representada pela hespanhola, que se ortografa do mesmo modo», Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, I, p. 566.

D

Dauÿd, n. pr., *167 v.*, 4.

Decender, v., *107 v.*, 5.—Descer. De *descendere*.

Decer, v., *109*, 23.—Descer. «De *decidere*; na segunda época da literatura aparece grafado com *se*, por analogia com os incoativos, sendo possível que o sinônimo *descender* também tivesse atuado», A. Nascentes, *Dic. Etim.*, s. v.

Deestra.—V. *destra*.

Deitààdóó, *104 v.*, 5.—Grafia arc. algo freqüente de *deitando-o*.

Deleito, s. m., *97*, 10.—Prazer, deleite. De *deleitar* (de *delectare*).

Dellicado, adj., *100 v.*, 5.—Frágil. De *delicatu* que na língua vulgar deu *delgado*.

Demandar, v., *99*, 13.—Pregunntar, procurar. Lat. *demandare*, confiar (rad. *mandare*); passou para o sentido «esperar qualquer coisa» (de alguém), «solicitar», em lat. vulg. do Ocidente (Dauzat, *Dict. Étym.*).

Demostrado, adj., *98 v.*, 6; *166 v.*, 11.—De *demostrar*.

Demostrar, v., *166 v.*, 12.—Ensinar. Cf. «... todavia avïia ensinança de vos e me *demostravades* e por vossos amoestamentos eu entrey em na Ordem...», *Frad. Men.*, I, 198. *Demostrar* é a forma arc. de *demonstrar* (< *demonstrare*).

Depenar, v., *100*, 19; *100 v.*, 16; *101*, 21; *103*, 6; *104 v.*, 3.—Arrancar; êste verbo emprega-se em tôdas as frases com o complemento *barua*. A expressão significa, portanto, *arrancar os pêlos da barba*. Hoje, além dêsse mesmo sentido, emprega-se para designar o acto de tirar as penas duma ave e tirar por (meios pouco lícitos) o dinheiro de outrem. No port. arc. a forma reflexa (*depenar-se*) significava *arrancar os cabelos a si próprio*: «... e a madre, rompendo suas touquas e *depenando-sse* e carpindo-sse, chorava aquelle mesquinho acontiçimento...», *Frad. Men.*, I, 381.

Depois, adv., *98 v.*, 14; *99*, 7, 10; *99 v.*, 18.—Acêrca da controvérsia etimológica suscitada por esta palavra q. v. o *Dicionário Etimológico* de A. Nascentes.

Depos, adv., *97 v.*, 8; *104*, 16.—Depois, após.

Depreçar, v., *168*, 15.—Desprezar. De *depretiare*.

Dereitoso, adj., *166*, 19; *166 v.*, 1.—Justo. De *dereito*, direito.

Derramar, v., *97 v.*, 1.—«Por *desramar*, de *des*, *ramo* e desin. *ar* (Cornu, *Port. Spr.*, § 211, A. Coelho). Houve dissimilação do *s* ao *r*; significou arrancar os ramos dispersando-os, depois generalizou-se o sentido», A. Nascentes. No texto significa *espalhar, extraviar-se*.

Desaprender, v., *110*, 21.—Soltar, largar.

Desconfortamento, s. m., *107 v.*, 25.—Falta de confôrto.

Desconhocido, adj., *108 v.*, 19.—Não era ignorado no português arcaico o sentido moderno desta palavra: «... pera estar em ũa eglesia de Sam Paulo, que i estava, por que poderia i estar *desconhocido*». Nunes, *Florilégio*, p. 78; mas também era usual (principalmente na forma feminina) com o significado de *ingrato* que é o do texto. Cf. ainda: «Mas se isso auia de ser / dizey maa *desconhecida* / desterro de meu viuer / que vos custaua dizer...», Camões, *Enfatriões*, vv. 132-135; «... nam sejais *desconhecida* / ; day oo demo esta vida / que me daes», G. Vicente, *Farelos*, fl. 192 *v.*

Desconjuntado, adj., *109*, 21.—De

Desconjuntar, v., *106*, 4.—O mesmo sentido.

Desenrradamente, adv., *100*, 11.—Injustamente.

Deserto, s. m., *106 v.*, 13, 14; *107 v.*, 5.—De *desertu*. Na *Crestomatia* de Nunes (p. 180) vem *deserto* ao lado de *diserto*.

Desenparado, adj., *106 v.*, 1.—Só. Cf.: «... por en / me leix' assi *desemparad'* andar...», *Cane. Ajuda*, 157 (D. João de Aboim).

Desfazer, v., *102*, 1.—O contrário de *fazer*.

Desordenado, adv., *97*, 6.—Desordenadamente.

Despender, v., *97*, 9.—Gastar.

Despreçar, *99 v.*, 14; *168 v.*, 16.—Desprezar. De *des* + *pretiare*. Cf. *depreçar*.

Desputaçom, s. f., *166 v.*, 22.—Disputa, discussão. Cf.: «... aos quaes santo Antonio confundia espersamente ẽnas desputaçoões...», *Frad. Men.*, I, 231. De *disputatione*.

Destra, deestra, s. f., *101*, 15; *106 v.*, 19; *167*, 20.—A mão ou o lado direitos. De *dextra* (s. *manu*).

Destrosia, s. f., *169*, 21.—Destruïção. De

Destruir, v., *101 v.*, 12.—É um verbo já vulgar no port. arc. Cf.: «... aos quaaes o dito ministro poderosamente *destroyo*», *Frad. Men.*, II, 75;

«Per a tua forte deestra / que os infernos quebraste / *destruy* todos meus imiigos», Nunes, *Crest.*, p. 171. De *destruere*.

Desuairado, adj., *168*, 6.—Desmedido. De *desvairar*.

Desuestir, v., *104 v.*, 11; *105 v.*, 19, 22.—Despir. Cf.: «Entom o *desvestirom* da vistidura nobre que lhe fezera seu padre...», Nunes, *Flor.*, p. 59; «E entom *desvestiram-no* e acharom-lhe que tinha a carom da carne çelição asparo», *Frad. Men.*, II, 223.

Detheudo, adj., *168 v.*, 22.—Detido.

Detras, adv., *100*, 17.

Deuacom, deuaçom, s. f., *99*, 3; *101*, 5; *102*, 2; *104*, 5; *111*, 10.—Forma arc. de *devoção*. Cf.: «... e com tanta *devaçom* chamando Jesu Cristo e Santiago...», Nunes, *Flor.*, p. 103; «Ouvindo esto, o confessor, com muita *devoçom* começou de chorar...», *idem*, ibidem, 121.

Diaboo, diabóo, dyaboo, dyabóo, s. m., *99 v.*, 15; *101 v.*, 13; *103 v.*, 16; *166*, 15; *166 v.*, 4.—De *diabolu*.

Dicipollo, dicipullo, dicipulo, s. m., *97*, 20, 24, 26; *97 v.*, 3; *98 v.*, 18, 25; *99*, 1, 8, 9; *109 v.*, 13.—Cf.: «Foy huum dos mais escolhidos e primeiros *diçipollos* de sam Framçisco...», *Frad. Men.*, I, 93; «... depois de alguuns dias dona Marinha e dona Elvira, suas devotas e *diçipollas*... fezerom-lhe hũua sepultura alta...», *Frad. Men.*, II, 223. Cf. *discipllo, discipullo* e *dizipullo*. De *discipulu*.

Discipllo, s. m., *109 v.*, 14.—O mesmo que *dicipollo*.

Discipullo, discipolo, discipulo, s. m., *98 v.*, 22; *108 v.*, 1.—*Idem*. Cf. ainda: «E, quando chegou a sua cela cansado, seus *discipolos*... sairom-no a receber...», Nunes, *Flor.*, p. 131.

Dizipullo, s. m., *100*, 23.—*Idem*.

Doestar, v., *101*, 17.—Maltratar com palavras. Cf. ainda neste sentido: «...aquel que for necessario a sostimento do corpo e nom *doestar*, nem repreender...», Nunes, *Flor.*, p. 97. Também significava repreender: «E seu padre *doestou-o* e disse...», *idem*, ibidem, 58. De *dehonestare*.

Doesto, s. m., *105 v.*, 9.—De *doestar*.

Dom, s. m., *97*, 21.—Privilégio. No port. arc. usava-se a expressão *filhar dom* com o significado de *ser pago, receber recompensa*: «Johan Vaasquiz, non dizedes ren, / ca todos se queixan d'las por en / se non uós que *filhastes* por en *don*», *Canc. Bibl. Nac.*, 424 (tenção entre João Airas e João Vasques). O plural era *dões*. *166*, 2; *166 v*, 6.

Domar. V. *adomar*.

Donzel, s. m., *103 v.*, 23.—Do catalão *donzell* (<lat. *dominicellu*) (*REW*, 2737).

Door, dóor, s. f., *97*, 8; *102*, 16; *107*, 26; *108*, 1; *167*, 8.—O mesmo que *dor*. De *dolore*.

Doorijdo, adj., *103 v.*, 21.—De *door*. É um sinónimo de

Dooroso, adj., *102 v.*, 9.—Que tem dores. Cf.: «E, vindo o moço a casa, ouve de fazer *doorosso* bonito...», *Frad. Men.*, I, 340, «E a madre, triste e *doorossa* por a morte do filho...», *idem*, ibidem, p. 362.

Dous, núm. card., *102*, 12.—Muito vulgar no port. arc. De *duos*.

Dragão, s. m., *dragões*, *168*, 13.—De *dracone*.

Dyabóo.—V. *diaboo*.

E

Eclesiastico, adj., *165*, 6.—Do lat. *ecclesiasticu*.

Elamento, s. m., *168 v.*, 22.—Elemento. Cf. ainda: «... o qual vos deu por morada tam nobre *elamento*...», *Frad. Men.*, I, p. 228. De *elementu*.

Ello, pron. dem., *97*, 22.—Isso. De *illu(d)*.

Embargar, v. *Enbarga: 99*, 5.—V. A. Nascentes.

Empero, conj.. *Empero: 97 v.*, 15, 21.— Ainda que, contudo, enquanto. De *in* + *per hoc* (Nunes, *Crest.*).

Empuxar, v. *Empuxar: 100*, 18; *100 v.*, 18; *103*, 6; *104 v.*, 5.—Puxar. De *in* + *pulsare*.

Emtonce.—V. *entonce*.

Enbargar.—V. *embargar*.

Enclinar, v., *107 v.*, 25; *108*, 4.—Êste verbo tinha na língua arc. a variante *encrinar*: «... e outros abriam as bocas e outros *encrinavam* as cabeças, louvando ao Senhor com os sinaaes que podiam», *Frad. Men.*, I, 229. De *inclinare*.

Encréèo, s. m., *99 v.*, 6.—Incrédulo. De *incredulo* (Nunes, *Gram. Hist.*, pp. 104, 111).

Enfermo, adj., *97 v.*, 19, 22.—Doente. De *infirmu*.

Enpero.—V. *empero*.

Enpuxar.—V. *empuxar*.

Entonce, adv., *98*, 6; *101 v.*, 5; *106*, 7, 19.—Então. Era freqüente a variante *entonces*: «E *entonces* rei Ramiro foi-se com ela...», *Flor.*, p. 44; «... e frey Graçiano, que o servia emtonçes, ouviu que estava gemendo...», *Frad. Men.*, I, 207. Cf. ainda pp. 209; II, 21, 32, 43, etc., e *Cena Policiana*, v., 63. De *in* + *tunce*.

Entrar, v., *entredes, 97 v.*, 18.—De *intrare*.

Ereje, s. m., *167*, 2.—«Do gr. αἱρετικός, que escolhe, pelo lat. *hereticu*, através do prov. *eretge* (M. Lübke, *REW*, 3979)». Cf.: «onde morada grande copia de *ereges*...», *Flor.*, p. 93.

Error, s. m., *169*, 23.—Êrro. Cf.: «... desputando contra os *errores* deles...», *Flor.*, p. 93; «... e tinha taes regedores de casa, em que avia pouca ou nenhũa nodoa de *error*», *idem*, p. 125.

Escaada, s. m., *109*, 10.—De *scalata*. Ainda se notam os vestígios do *-l-* intervocálico. Cf. o asturiano e esp. ant. *escalata* e fr. *eschelée* (A. Nascentes).

Escarnho, s. m., *104*, 26; *104 v.*, 1; *106 v.*, 2; *107 v.*, 3, 8.—«... todos aqueles que esto virom maravilharom-se muito e quedou o *escarnho* do padre e da madre...», *Flor.*, p. 51. A língua popular conhece a forma *escarno* que é já documentável na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*: «... e alguuns guardou em nas tentaçõoes, e a outros em nos *escarnos* e illusões...», p. 114.

Escarnido, adj., *167*, 10.—Escarnecido. Na língua arc. existia também a forma *escarnicido*: «... frey Rofino... foi *escarniçido* do antigo emmigo...», *Frad. Men.*, I, p. 84. Cf. pp. 136; II, 152.

Escarro, s. m., *103*, 3.—De *escarrar*.

Esmorjcido, adj., *103*, 24; *103 v.*, 15.—Desmaiado. O verbo *esmorecer* ocorre neste passo: «... e como sayo começou a *esmoreçer* e fantasiar», Álvares, *Cr. Inf. D. Fernando*, p. 105. V. *Dic. Etim.* de A. Nascentes.

Esmorydo, adj., *106 v.*, 11.—Sinónimo do anterior.

Espaco, s. m., *98 v.*, 5.—Lapso de tempo. Cf.: «... como o senhor Amaneiro aquello nom ouvesse acustumado de a convindar a atall *espaço* outras vegadas...», *Frad. Men.*, I, 373; «E depois que tangerom e cantarom por grande *spaço*...», *T. Arc.*, 62 (*Côrte Imperial*); «E foy assi que depois per *espaço* de tres horas vêo sa molher...», Fr. Fortunato, *Inéditos*, I, p. 34. Na *Peregrinação* de Mendes Pinto o vocábulo é freqüente: «... fizerão hũa taõ grande união com a gente do povo que o Moulana tinha per sy, & com cuja afouteza fallava tão solto, que durou todo aquelle *espaço* que restava do dia...», I, 27. Cf. ainda II, 126, 163, etc. As expressões *a pouco de espaço* («... o quall por os mereçimentos de sam Framçisco, cuja misericordia chamou, *a pouco d'espaço* se achou sãão», *Frad. Men.*, I, 397) e *a cabo*

de espaço (E *a cabo despaço*, feito alguũ intrevalo, chamou sam Framçisco...», *idem*, I, 68; «... o moço começou a dar vozes e ladrar como perro e *a cabo d'espaço* começou de diser em atall voz...», *idem*, ibidem, 340) significam *pouco depois; por espaço de* tem a idéia de *depois de, passado* (*idem, Glos.*): «... como *por espaço de* meo ano pouco mais ou menos gravemente emfermasse...», *Frad. Men.*, II, 249. De *spaciu*.

Especia, s. f., *167 v.*, 21.—Maneira, espécie. Cf.: «... e emtom se tornou em *especia* de ostia...», *Frad. Men.*, I. 18; «... que a *espeçia* do pano depois da comsagraçom foy tornada em forma de huum moço muy fermoso...», *idem*, II, 45. No plural podia significar especiarias: «... virom gentes, que chamavam ismaelitas, que levavam camelos, *especias* e resina e mirra ao Egito...», *Flor.*, p. 59; «... e tomade das melhores sementes desta terra e das outras *especias* e dade-as a esse omem...», *idem*, p. 65; «E untarom-no com *especias* e foi soterrado eno Egito...», *idem*, p. 69. Esta palavra hoje ainda é vulgar na língua popular. De *specie*.

Espinho, s. m., *105 v.*, 3; *109*, 20; *109 v.*, 4.—«No portuguez archaico usava-se *espinha* com o sentido de *espinho*. Gonçalves Vianna escreveu que a nossa palavra *espinho* vem do lat. *spinum*, e que *espinha* vem do neutro plural *spina*, como de *folia*, plural de *folium*, nos veio *folha*... Candido de Figueiredo, no diccionario, navega nas mesmas aguas. Parece-nos ser engano de um e de outro. Não existiu, pelo menos em latim classico, um neutro *spinum*: existiu, sim, um feminino *spina*, gen. *spinae*... A nossa palavra *espinho*, cremos ser uma forma masculina relativa moderna, criada dentro da lingua para marcar variação de sentido no mesmo vocabulo. Cf.: caneco, caneca; chinello, chinella; poço, poça; machado, machada; púcaro, púcara; cántaro, cántara, etc.». Otoniel Mota, *O Meu Idioma*, p. 162. A forma *spinu-* se por um lado deu em português *espinho*, por outro gerou *espim* porque, «embora com freqüência muito inferior à de *-inho*, concorre com êle o sufixo *-im*, talvez de importação francesa, que se encontra, por exemplo, em: *espad-im, botequ-im, camar-im, lugost-im, varand-im, bols-im*, etc.», Nunes, *Gram. Hist.*, p. 395. A propósito de *espim* cf. «Estes peixes se encrespão de quando em quando como porcos *espins*», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LXXII.

Esquiuo, adj., *167 v.*, 24; *168*, 5.—Duro, áspero, intratável. Cf.: «... ca ei mui gram medo do *esquivo: / esquivo* aja Deus quem me lhi foi dar», *Canc. Vat.*, 188 e *Canc. Bibl. Nac.*, 585. V. *Dic. Etim.* de A. Nascentes s. v. *esquivar*.

Esso, pron. dem., *97 v.*, 21.—Isso. De *ipsu*.

Esteença.—V. *abstinencia*.

Estender, v., *106*, 3.

Esteo, s. m., *104 v.*, 12.—Esteio. Cf.: «... em meo dele virom estar ũu *esteo*, nom mui grosso, e era todo redondo e era tam alto como ũu omem...», *Flor.*, p. 91. V. *Dic. Etim.* de A. Nascentes.

Esto, *desto*, pron. dem., *101 v.*, 3, 12; *108*, 10; *98 v.*, 24; *99*, 7, 10; *99 v.*, 18.—De *istu-*.

Estonce, adv., *99*, 17; *167*, 8.—Então. Cf.: «... e que *estonçe* estevessem quedos e nom movessem nada...», *T. Arc.*, p. 78. De *ex* + *tuncce* (Nunes, *Gram. Hist.*, p. 358).

Exempro, exenplo, exenpro, s. m., *99 v.*, 9; *109 v.*, 15; *169 v.*, 2.—É uma palavra que na fase arcaica da língua se apresenta com muitas variantes. Além das citadas que ocor-

rem na *Contemplação*, mais algumas conheço, como sejam *eixenpro* («Asy se conpre o *eixenpro*, que diz...», *Cr. Inf. D. Fernando*, p. 65), *enxempro* («E tralladei do livro... por *enxempro* esta parte de hũu capitullo...», *Crest.*, p. 172; «E porque he cousa muy proueitosa seguir o *enxempro* d'esta homrrada senhora...», *T. Arc.*, p. 48; «... mostrou-me mujtos *enxempros* per suas escripturas...», Roseira, *Monge Conf.*, l. 55; «... e deve ende a filhar *enxempro* de leixar os perigoos...», *Flor.*, p. 75), *enxemplo* («Pom ho poeta *enxemplo*...», *T. Arc.*, p. 51; «... E porem nos dha el hũa partida de que falamos em *enxenplo*...», Roseira, *Monge Conf.*, l. 4). De *exemplu* (cf. Nunes, *Gram. Hist.*, pp. 58, 125, 128).

F

Fartar, v., *110*, 13.—Saciar.

Fazer, v., *fezerom*: *167 v.*, 1.—Cf. *fecto*.

Fecto, adj. e part. do anterior, *97 c.*, 15; *99 v.*, 23.—*Fecto* é uma grafia que revela influência latina. Dizia-se *feito* e esta forma também é vulgar nos documentos em port. arc. Aparece na própria *Contemplação* (*98*, 21; *166 v.*, 7). Facto semelhante observava-se com a palavra *reino* que aparece muitas vezes escrita *regno*. A grafia *fecto* pode observar-se nos *Textos Arcaicos*, p. 38; no *Florilégio*, pp. 79, 98, 53, 84, etc., *Monge Confesso*, ll. 186, 199, etc., etc. A palavra *fecto* (ou *feito*) entrava em várias expressões arcaicas: *em feito de* («*em feito d*as formigas...», *Flor.*, p. 75) = *a respeito de; mau feito* («E pois meu feito, senhor, assi é...», *Canc. Vat.*, 108) = *meu viver; de feito* («... que homem leixe e rrenũcie os pecados, *de feito* e de uoontade...», *Textos Arcaicos*, p. 49) = *de facto*. De *facto*.

Fedor, s. m., *168*, 6; *169*, 21.—Mau cheiro. De *foetore* (Nunes, *Gram. Hist.*, p. 57).

Feito.—V. *fecto*.

Fel, s. m., *107*, 16.—De *fĕle* (Nunes, *Gram. Hist.*, p. 45).

Ficado, *101 v*, 6.—Particípio de *ficar* (q. v.). Estamos, portanto, na presença de um convergente arcaico de *ficado* (de *ficar*, permanecer). Êste último, na forma feminina, significava permanência: «E nom ouverom conhecimento os parentes da sua *ficada*...», *Flor.*, p. 113.

Ficar, *104*, 26; *105*, 6; *108 v.*, 7; *110*, 24; *111*, 6.—Fincar. Cf.: «... dizia que todos *ficassem* os geolhos...». *Flor.*, p. 62. Para o étimo V. *Dic. Etim.* de A. Nascentes, s. v. *fincar*. Era portanto um convergente de *ficar*, permanecer, cair em herança: «... despos sa morte ficaren a nos e aa nossa ordin...», *Liv. D. João de Port.*, doc. XLI.

Folguança, s. f., *166 c.*, 12.—Divertimento. Cf.: «... filhando sobeja *folgança* por algũas maneiras...», *Flor.*, p. 110; «... tamanha merçee nos faz, ca ele uos da por breues trabalhos infijnda *folgança*...», Álvares, *Cr. Inf. D. Fernando*, p. 105. Não se deve confundir *folgar* (onde *folgança* tem base) com *folegar* = respirar: «... começou logo de cospir e de *follegar* fortemente...», *Fr. Men.*, I, 286.

Friorento, adj., *102*, 21.

Fucho, s. m., *110 v.*, 25.—O mesmo que *funcho*. De **fenuclu* por *feniculu* (Nunes, *Gr. Hist.*, 54, 117, 124, 156).

Fugeira, (g = gu), s. f., *168*, 1.—De *fogo*.

Fundo, a—, abaixo. *108*, 7.—Cf.: «... e eram chãoos ataa's orelhas, e d'hj *a fundo* eram encrespadas...», *T. Arc.*, p. 60.

Furado, s. m., *106*, 3, 10.—Sítio onde há furos. Cf.: «... andando eles pela cidade virom lume que luzia per hũ *furado*», *Flor.*, p. 52. De *furo*.

G

Galÿlea, top., *104*, 13.—Galiléia.

Ganha dinheiros, s. m., *102*, 12.

Geada, s. f., *102*, 1; *108*, 2.—De *gelata*.

Geeraçom, s. f., *98*, 14.—Aparece também a variante gráfica *jeeraçom* (*105*, 25). Cf.: «... seia maldito atra vij.ª jééraçõ...», diz-se num doc. gal. de 1275 publicado nos *T. Arc.*, p. 107; «... que tanto avia de seer boa cristãa que Deus por sua hõrra lhe daria *geeraçom* de homẽes boos e de grandes feitos...», *Crest.*, p. 29, «... mas irás a minha terra e aa minha *geeraçom* e tomarás dela molher pera meu filho...», *idem*, p. 69; «... que esta *geraçõ* dos demonios nõ a podemos deitar de nós...», *idem*, 133; «... Em esta *geeraçõ* de Iherusalem vinrá hũa grãde pestilẽcia...», *idem*, p. 160; «... e ouverom filhos e *geeraçom* em tal maneira...», *Flor.*, p. 48; «... e viu os filhos do seu filho Efraim atá a terceira geeraçom...», *idem*, 68. Na acepção de *filhos, família*, ocorre no seguinte passo: «Levantou-se Jacob e veo-se ao Egito com toda sua geeraçom...», *idem*, p. 67. De *generatione*.

Geerar, v., *105 v.*, 12 (*jeeraçom*).—Cf.: «... e este proido nom he geerado d'outra cousa...», *Crest.*, p. 129; «... que na aruore de verdadeyra cruz *geeraste* com grande door...», *idem*, p. 175. De *generare*.

Giolho, s. m., *98*, 11; *101*, 24.—Forma arcaica de *joelho*. Cf.: «... e logo ante ela se pos em *giolhos* ũu dos daquela companha...», *Flor.*, p. 120. Cf.: também pp. 131 e 132. Havia variantes: *jeolhos* (na *Contemplação*, *104*, 26), *geolhos* («... dizia que todos ficassem os *geolhos* ante Josep...», *idem*, p. 62; «... nacerom filhos enos *geolhos* de Josep...», *idem*, p. 68). *Joelhos* aparece também na *Contemplação* (*105*, 6). De *genuculu*.

Goÿuo, s. m., *166*, 22; *166 v.*, 12.—Gôzo. Cf.: «todos eram uestidos e aniã grande aligrya e gram *goyuo* e louuauã sempre a Deus...», *Crest.*, p. 65. Cf. ainda em esp. *gobio* e *agobiar*. De *gaudiu*. (V. *Dic. Etim.* de A. Nascentes).

Golgota, top., *105 v.*, 17.

Gota, s. f., *98*, 6, 9.—De *gŭtta*.

Graue, adj., *167 v.*, 16, 24.—Difícil. Cf.: «... o cair é cousa ligeira, mais o levantar é mais *graue*...», *Flor.*, p. 85; «... esto vos pareceria *graue* cousa de creer...», *idem*, p. 89. De *graue*.

Graueza, s. f., *167*, 23; *168*, 17.—Dificuldade. De *grauitia*.

Guardar de..., v., *97*, 7.—Evitar. Na mesma acepção também se empregava a forma reflexa (*guardar-se de*): «... lhe disserom que *se guardasse* muito *de* o fazer...», *Flor.*, 90; «Por nulha ren non *me* posso *guardar*...», *Crest.*, p. 332. Na forma activa tinha o mesmo significado que hoje: «Ora vos direi em qual guisa o senhor, cujas bestas eu *guardava*, fez contra mim...», *Flor.*, p. 73. Do germ. *wardon* (*Crest.*).

Guisa, s. f., *97*, 14; *98*, 18.—Do germ. *wisa* (*Crest.*).

H

Herodes, n. pr., *104*, 13, 23, 25.

Hoso, s. m., *168 v.*, 4.

Hu, art. def., *97*, 25.

Hu, adv. lug., *99*, 24; *167 v.*, 8.—Onde. «... madr', irey *hu* m' atende / meu amigo...», *Canc. Vat.*, n. 515. Nos documentos arcaicos também ocorria a forma *u*: «... nem veeri ja, em quant' eu vivo for, / *u* nom vir vós...», *idem*, n.º 108.

Hũa, art. def. fem. sing., *97 v.*, 23.

Humanal, adj., *98*, 14; *105*, 26; *107*, 21; *109 v.*, 20.—De *humano*.

Humildade, s. f., *99 v.*, 2.—De *humilitate*.

Hũu, art. ind., *104 v.*, 5, 12.

Hy, adv. lug., *97*, 20. — De *hic* (Nunes, *Gram. Hist.*, pp. 153, 356).

I

Ibernÿa, top. *169 v.*, 3.

Ihesu, n. pr., *passim*.

Incrinado, adj., *165 v.*, 14. — Inclinado. De *inclinatu*.

Inuerno, s. m., *102*, 21. — De *hibernu*.

J

Jeeraçom. — V. *geeraçom*.

Jeerar. — V. *geerar*.

Jeolho. — V. *giolho*.

Jerusalem, top., *103 v.*, 4; *105 v.*, 9; *109*, 18. — Variante gráfica arcaica: Em esta geeraçã de *Iherusalem*...», *Crest.*, p. 160.

Jmijgo, s. m., *99 v.*, 6. — Cf.: «... devemos fazer muito pera avermos amigos e nom *imigos*...», *Flor.*, p. 84. Cf. ainda p. 109, mas «... e o leuarem a Lahene, seu *jnimijgo*, que commarcaua com eles...», *Crest.*, p. 206. De *inimicu*.

Jnguento, s. m., *109*, 11; *109 v.*, 7. — De *unguentu*.

Jnjuria, s. f. *100*, 21. — De *iniuria*.

Joelho. — V. *giolho*.

Johane, n. pr., *101*, 12; *103 v.*, 16, 20; *104*, 16; *108*, 25.

Jose, Joseh, n. pr., *109*, 7; *109*, 15.

Judas, n. pr., *99*, 27; *99 v.*, 17.

Judeus, m. pl., *102*, 10; *102 v.*, 10; *103*, 20; *104 v.*, 9.

Juso, adv., baixo. *100 v.*, 20. — Esta palavra já aparecia nos documentos em Latim Bárbaro: «... et inde *iuso* a Pauia in prono...», *T. Arc.*, p. 10 (doc. de 883). *a* —, para baixo. Cf.: «... e nom aviam dela[1] cinta *a juso* se nom mui pouca vestidura...», *Flor.*, p. 72; «... estavam *a jusso* em no riio muitos homeens...», *Vrad. Men.*, I, 305. De *juso* (Nunes, *Gram. Hist.*, 357), de *deorsum* por influência de *sursum* (Zauner, *Roman. Sprachwis.*, p. 17).

Justiçoso, adv., *165*, 7. — De *justiça*.

L

Ladram, s. m., *99 v.*, 20; *100 v.*, 12. — Aparece a variante *ladrom* (*100 v.*, 23) com o seu plural *ladrõoes* (*106 v.*, 19). Cf.: «E andauam hi Mouros e *ladrõoes* que roubauom as jentes...», *Monge Conf.*, 69; «E os *ladrõoes* ueerom a nos...», *idem*, 72. De *latrone*.

Lancar (= ç), v. *-se a dormir*, *102*, 19. — Deitar-se. O verbo tinha ainda esta acepção no séc. XVI: «... jazendo eu hũ dia *lançado* na praya ao Sol...», M. Pinto, *Pereg.*, cap. XXIV. *Lançar em* era *atirar*: «... foraõ levados por toda a cidade... ate os *lançarem no* mar...», idem, cap. VI; *lançar fora* (*a cara*) era *esfacelar, deitar a baixo* (*Crest.*): «... foy dar hũua tam gramde pedrada a Vaasco Martimz dAlbergaria sobre o baçinete, que lhe *lançou a cara fora*...». Azurara, *Cr. de Ceuta*, p. 204. De *lanceare*, atirar a lança.

Lançol, s. m., *109*, 11, 24; *100*, 16. — De *linteolu*.

Legado, adj., part. de *legar* — (q. v.), *100*, 10, 17; *102*, 20; *102 v.*, 24; *104*, 2, 25.

Legar, v., *100 v.*, 11; *102*, 11; *104 v.*, 12. — O mesmo que *liar*. Cf.: «... *legemos* hũa linha no pee teu e meu...», *Crest.*, p. 72; «... pon-lho assy queẽte sobrelo logar tenperadamẽte e *lega-lho*...», *idem*, 128; «... parecia que andavamos todos *legando* os moolhos eno agro...», *Inéd. de Alc.*, II, p. 58;

[1] Desde a

«acharom os dinheiros *legados* enas bocas dos sacos...», *idem*, II, 68. *Liar* não era desconhecido no português arc.: «... porque nos ueemos já *liado* cõ ella...», Fernão Lopes, *Cr. D. Fernando*, cap. LXIV; «... meus cabelos, con ssirgo / eu non uos liarey...», *Crest.*, p. 297 (*Canc. Vat.*, n.º 505). De *ligare*.

Leixar, v., *99*, 24; *100*, 14; *100 v.*, 24; *102*, 19; *104 v.*, 21; *110*, 7, 13.— É forma vulgarissima no port arc. A expressão *leixar-se correr* significava *deitar a correr*: «E *leixarom-se correr* a nos pera nos prenderem...», *Monge Conf.*, 77. De *laxare*.

Lenha, s. f., *169*, 14.— De *ligna*.

Leuantar, v., *97 v.*, 3; *99*, 8.—Também significava *criar*, *inventar*, *instituir*: «... uierom a *aleuantar* um jogo... pera que todollos joguos forom *aleuantados*...», D. João I, *Livro da Montaria*, p. 15. De **levantare*.

Leyxar.—V. *leixar*.

Linhagem, s. f., *107*, 21; *168 v.*, 19.— Fidalguia, nobreza, família. Cf.: «... sabede que foi da *linhagem* de dom Persival...», *Flor.*, p. 81; «Da *linhagem* que descendemos e desposiçom natural de nossos corpos devemos seer contentes...», *idem*, 109; «... disso por el que eno seu *linnagẽ* sseriã beeytas...», *Crest.*, p. 6; «... nõ seya conuenauil a ella, nẽ per seu *liñagẽ*...», *idem*, 12; «... Hercolles era do *linhaien* dos gigantes...», *T. Arc.*, p. 56; «e bem semelhaua que era de sua natura, per linhaiem e per natura...», *Monge Conf.* 9. De **lineatica* pelo fr. (*Crest.*, *Glos.*).

Linho, s. m., *106*, 20.— De *linu*.

Liurar, v., *104 v.*, 11.— Libertar. Na acepção de despachar cf.: «... por que ella avya de *liurar* todollos negocios daquellas cortes...», *Crest.*, p. 142. De *liberare*.

Lodo, *llodo*, s. m., *100 v.*, 20; *105 v.*, 5.— De *ludu*.

Logar, s. m., *167 v.*, 12.— Mas já aparecia a grafia *lugar* noutras obras: «... este he hũu *lugar* muj deserto e muj estranho...», *Monge Conf.*, 38; «... e todos aquelles que em aquelles *lugares* morauam...», *idem*, 93; «E aa noite torney-me ao *lugar*...», *idem*, 191. Esta palavra foi progressivamente ganhando terreno a

Logo, s. m.— *Em — de*, em lugar de, *106*, 20. «... depois que uĩj a este *logo*...», *Crest.*, 46; «Johan Soarez, *logo* uos é dado...», *idem*, 406. Esta palavra fazia também parte de inúmeras expressões: *logo como* = logo que: «... *logo como* vos partistes daqui...», *Frad. Men.*, II, 37; *logo agora* = já agora, imediatamente: «Parto-me *logo agora*...», *Crest.*, p. 438; «Partide-vos logo dy, por que *logo agora* cairá esta pena...», *Frad. Men.*, I, 305. *Logo aquela ora* = imediatamente: «E *logo aquella ora* se ajumtarom de ante santo Antonio...», *idem*, ibidem, 227. De *loco*.

Longinhos (*g* = *gu*), n. pr., *108 v.*, 14.

Lux, s. f., *168*, 23.— Latinismo, por *luz*. Cf.: «... foy tirada aquella alma da *lux* de aquesta vida...», *Frad. Men.*, II, 131. Neste passo não deve ser «provàvelmente lapso do copista em vez de *luz*», como escreveu J. J. Nunes no *Glos.* da *Cr. da Ord. dos Frad. Men.* (s. v.), mas mais um caso de latinismo, como *regno*, *nocte*, etc.

M

Maa, adj., *99*, 11.— Má. De *mala*.

Madanella, n. pr., *108*, 25; *110 v.*, 15, 18.— *Magdalena* em *104*, 15.

Madre, s. f., *104 v.*, 7.— Mãe. Era muito vulgar. Também se empregou com a idéia de *leito de um rio*: «... chegando assim o Nilo a esta ilha, faz sua carreira contra o setentrião e d'ali torna ao meio-dia, e por razão do referimento que ali faz, sae da *madre* em certos tempos do ano, onde

rega todolos campos do Egipto», Azurara, *Cr. da Guiné*, II, p. 79.

Magdalena. —V. *Madanella*.

Mais, conj. *97 v.*, 15.—Mas. «... *mais* non saben de nuia fazenda ren...», *Canc. Ajuda*, I, p. 360. Era vulgar já no port. arc. a forma moderna: «... *mas* eu nunca por elas quis fazer rrem...», *Monge Conf.*, 32; «... *mas* todo nom ualeo rrem...», *idem*, 56; «E assy fomos em catjuo. e nom de péé. *mas* em grandes camelos...». *idem*, 82. Note-se que estes passos ocorrem num texto onde a forma *mais* também ocorre com freqüência: «... e quiserom-me dar molher. *mais* eu nom a quis...», 26; «*Mais* rogou-me mujto que ficasse na abadia...», 53; «... e áár hera aly tam temperado que nom auja hi mester mais uestidura. *mais* pero era muj gram uergonha...», 94. *Mas* aparece na *Contemplação* (*97 v.*, 18; *98*, 3; *99 v.*, 15). Em consequência de uma atenuação proclítica apareceu a forma *mes*: «... aos homẽes parece bem dereito, *mes* no fim leuaos ao Inferno...», *T. Arc.*, p. 50; «... porém nom entendo que seia ociosidade, *mes* remedio pera tirar d'ella mym...», *idem*, p. 75; «... quise-a aver per amores, *mes* nom pode...», *Flor.*, p. 80; «... nom devemos do que possuimos aver contentamento, *mes* continuadamente pensar e obrar...», *idem*, p. 109; «... nem se descontente por os que o já vencem, *mes* filhe razoado contentamento...», *idem*, p. 110.

Manada, s. f., *97 v.*, 2.—De *manuata*.

Maneira, s. f., *98*, 19.—Modo. No passo seguinte parece significar *gesto provocador*: «... e desi os mouros amdauam já polla rribeira fazendo suas *maneiras*, pollas quaaes punham gramde alnoroço na gemte que estaua em nos nauios...», Azurara, *Ceuta*, p. 202. Com a significação da *espécie*: «... fezerom-lhis aparelhar muitas *maneiras* de carnes...», *Flor.*, p. 50. Na *Crestomatia Arcaica* (p. 130) aparece o pseudo-latinismo *magneira*: «E este proido deues sobcorrer em esta *magneira*». De *manuaria*.

Manssidõõe, s. f., *99 v.*, 2.—Mansidão, doçura. De *mansuetudine*.

Manteer, v., *mantenha*, *98 v.*, 14.

Maria, n. pr., *102 v.*, 4, 23; *103 v.*, 24; *104*, 15.

Martello, s. m., *109*, 10.—De *martellu* por *martulu*, dem. de *martus*, por *marcus* (A. Nascentes).

Mas. —V. *Mais*.

Meesmo, adj., *97 v.*, 9; *98 v.*, 12. – Cf.: «... ouue ele ende enueja desy *meesmo*...», *Monge Conf.*, 110; «E disse a mjm *méésmo*...», *idem*, 129; «... pera elle dar todo si *meesmo* ha saber...», *T. Arc.*, p. 65. *Esso meesmo* era *também*: «E os mouros..., e *esso meesmo* alguns cristaãos que estavam aly cativos...», *Frad. Men.*, I, 31. Cf. pp. 187, 228, 280, etc.; «Esta virtude he muy neçessaria ao Rei e *isso meesmo* aos seus sogeitos...», Fernão Lopes, *Cr. D. Pedro*, prólogo. *Assi meesmo* era *igualmente*: «... e *assi meesmo* em como elle era em si mais alta cousa...», D. João I, *Livro da Montaria*, p. 3.

Méézinha, s. f., *106 v.*, 16.—Remédio. Cf.: «... começou a fazer sua cura e suas *meezinhas* aa senhora do castello...», *Crest.*, p. 85; «... assy como dicto he da outra *meezinha*», *idem*, 128. De *medicina*.

Mentes, s. f., *106 v.*, 14.—*Parar* = atender, atentar, observar, olhar, notar, cf.: «... que nunca *parasse mentes* tras ssy», *Textos Arc.*, 42; «... quando ele *parou mentes* e viu que era no porto de Roma...», *Flor.*, p. 78; «... entendendo que o tempo da sua vida era comprido e acabado e *parando mentes* aa fim do seu trabalho...», *idem*, p. 79; «Quando lhe eu esto ouuy *parey mentes* por

ele...», J. Álvares, *Cr. Inf. D. Fernando*, p. 103. *Ter mentes* = observar, prestar atenção: «E *teverom mentes* per ele e viram ũa casa soterranha...», *Flor.*, p. 52; «Depois que mui bem esguardarom como o paaço era feito, *teverom mentes* e nom virom nenhũa cousa senom...», *idem*, 91; *meter mentes* = o mesmo: «... em feeto das formigas deve o omem a *meter mentes* e deve ende a filhar exempro...», *idem*, p. 75; *meter mentes alguém* = pensar em: «... quando lh'eu quero dizer / o muito mal que mi amor faz, / sol nom lhe pesa, nem lhe praz, / nem quer *em mim mentes meter*...», *Canc. Ajuda*, n.º 71. De *mente*.

Meor, adj., *106*, 20. — Menor, mais pequeno. Cf.: «... se mil uezes podesse morrer / *meor* coita me fora de sofrer...», *Canc. Ajuda*, 174; «Foi ... boa e amorosa aos de *meor* estado...», *Flor.*, p. 125. Também se empregava para designar o mais novo de uma irmandade: «... e disse a terçeira, que era a *meor*, que o amaua tanto...», *Crest.*, p. 17; «afora o Iffante Dom Denis, posto que *meor* fosse...», Fernão Lopes, *Cr. Inf. D. Fernando*, cap. LXII. De *minore*.

Mester, s. m., *97*, 12. — *Fazer* — = ser necessário, cf.: «... mais de todo tomar e o que lhe *mester fezer*...», *Flor.*, 97. *Aver* — — = precisar de: «... o áár hera aly tam temperado que nom *auya* hi *mester* mais uestidura...», *Monge Conf.*, 95; «... dizendo que algũus... *aviam mester* ajuda pera se manteer...», *Flor.*, p. 49; *ser* — — = ser preferível: «E a mim *era* mui *mester* / ũa morte... / ante que tal coita sofrer...», *Canc. Vat.*, n.º 385. *Ser mester* também significa *ser necessário*: «... e derom-lhe todas as cousas que lhe *forom mester*», *T. Arc.*, p. 41. *Mester* isolado já nessa época significava *ofício*: «... des que aprendiam *mester*...», *Flor.*, p. 49. De *ministeriu*.

Mesturado, adj., *107*, 16.

Meter, v., *166*, 10. — Pôr.

Meude. *a* — —, *98 v.*, 7. — Muitas vezes.

Mezquindade, mizquindade, s. f., *166*, 22; *169*, 22. — Cf.: «... quer elle liurar os mizquinhos da sua *mizquindade*...», *idem*, p. 218; «... porque desemparasti este nelho coytado de presa, da *mezquĩjdade*, coberto de mĩgua...», *idem*, p. 52; «... lançado en ho vale da *mezquindade* deste mundo...», *idem*, p. 215; «... merecedores de lagrimas e de choros e de tristeza e de *mezquindade*...», *Flor.*, p. 53.

Mezquinho, mizquinho, adj., *102 v.*, 21; *103 v.*, 5; *106*, 4, 7, 8; *108*, 11; *165 v.*, 10. — Cf.: «... E esto he gram dano e prejuizo dos *mezquinhos*...», *Leges*, 164; «Eu, seendo pecador e muy *mezquinho*, desterrado...», *Crest.*, p. 215; «... mays quer elle liurar os *mizquinhos*...», *idem*, p. 218; «... como que ela seja vil e *mezquinha* e aspera...», *Flor.*, p. 52; «... saio fraco e mezquinho, e nom se podia teer nos pees...», *Hist. de Vesp.*, p. 104; «Eu çujo *mizquinho*... Aos *mizquinhos* e coytados...», *Inéd. de Alc.*, I, 185; «... nós, nom sabios e *mezquinhos*, nom conheçemos a ty...», *Frad. Men.*, I, 194. Cf. II, 20, 169, 249 e ainda *Inquis.*, p. 304; *Script.*, p. 188. Havia o verbo *mizquinhar-se* (hoje *amesquinhar*, activo e reflexo): «... per toda aquela nocte se gastava e *mizquinhava* por o seu amado filho...», *Flor.*, p. 113. De مسكين (*miçkĩnu*), pobre, mísero. Cf. a propósito Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional*, p. 116, nota.

Miha, pron. pos., *97 v.*, 15.

Minguar, v., *168 v.*, 3. — Faltar. De *minuare* de *minuere*, deminuir.

Mitido, adj., de *meter* (q. v.), *168*, 21.

Mizquindade, q. v. *mezquindade*.

Mizquinho, q. v. *mezquinho*.

Monte, q. v. *amonte*.

Morder, v., *106 v.*, 14.—De *mordere*.

Mordimento, s. m., *106 v.*, 15.—Mordedura. De *morder*.

Mortificar, q. v. *amortificar*.

Mouer, v., *103 v.*, 21.—Comover. Mas também significava *abalar*: «Dali *mouerom* outro dya e foron-sse aa inssoa...», *Crest.*, p. 80; «... e desi *movemos* e os ladrões veerom a nós...», *Flor.*, p. 72; «... *movemos* a ũa vespera...», *idem*, 75; dirigir a palavra: «... A don Uelpelho *moueu* esta razon. .», *Canc. Vat.*, 1080; dirigir-se: «... e ell *movco* passamente contra honde estava a Rainha...», *Crest.*, p. 195. O particípio arcaico era *movudo*: «... foi soterrado eno Egito e nunca depois foi *movudo* daquele logar...», *Inéditos de Alc.*, II, p. 86. De *movere*.

Moỳmento, s. m., *108*, 5; *110*, 11, 16. 21; *111*, 2, 5.—Túmulo. Cf.: «... lançou-o na cova e despois lançou a terra sobre ele e amontou-a assi como *muimento*», *Flor.*, p. 132. Ainda se empregava no séc. XVI: «... e tinham dentro ricos *moymentos* com letereiros de letras gregas...», Tenreiro, *Itin.*, p. 55. Cf. também p. 67. Dum lat. vulg. *monimentum* (Leite de Vasconcelos, *Lições*, p. 14, nota).

Moyses, n. pr., *106 v.*, 13. etc.—Era esta a forma mais vulgar no port. arc. do nome do legislador judeu. Cf.: «... nembraua-me que Jacob e *Moises* forom pegoreiros...», *Monge Conf.*, 100; «... e depois Abraão, e depois *Moises* e depois os outros profetas...», *Frad. Men.*, I, 45; «... e jazendo aly e orando, assy como o outro *Moyses*...», *idem*, ibidem, p. 47; também aparecia a forma *Moysen*[1].

Mundo, s. m., *97 v.*, 7.—De *mundu*.

My, pron., *97 v.*, 8.

Mym, pron., *98*, 2.

N

Natura, s. f., *107 v.*, 19.—Qualidade, espécie. É um latinismo. Cf.: «... «stes III sõ I Deus e ũa *natura*...», *Crest.*, p. 8; «... nõ poso creer taaes cousas... ca som contra *natura*...», *idem*, 57; «... assi seeria a sabedoria de Deus minguada, criando a *natura* humanal...», *Flor.*, p. 106; «... Deus nom averia piedade e misericordia aa *natura* umanal...», *idem*, pp. 107–108; «... e bem semelhaua que era de sua natura. per linhaiem e per *natura*...», *Monge Conf.*, 9–10.

Nazare, top., *99*, 14.

Negar, v., *97 v.*, 8.—*Negar alguém* era *dizer que não gostava de*: «... nem quam apost' eu sey negar / o amor que lh' ey a 'ncobrir...», *Crest.*, p. 230; «non querria d'este mundo' outro ben / se non poder *negar* quen quero ben», *idem*, p. 246. De *negare*.

Nembrar, v., *108*, 26. Cf.: «... *nẽbrade-uos* como Josu Christo...», *Crest.*, p. 49; «... *nẽbre-uos* que eu sõo noso rei...», *idem*, p. 54; «... e ela nom se quer *nembrar* / de mim...», *Canc. Ajuda*, n.º 71. *Seer nembrado* era *lembrar-se*: «... regedor de mosteiro sempre deve *seer nembrado* que é dito e chamado abade...», *Flor.*, p. 96. Havia já *lembrar (-se)*: «... ca me *lembraua* o que disse ho apostolo...», *Monge Conf.*, 113; «... e *lembrei-me* do que disse Salamom», *idem*, 186. Mas neste mesmo texto ainda aparece *nembrar*: «... *nembraua-me* que Ja-

[1] Cf.: «... ca non sabemos o que acaeceo a *Moysen*, que nos sacou do Egipto...», *Inéd. Alc.*, I, p. 43, e *General Estoria*, pp. 4, 5, etc.

cob e Moises forom pegoreiros...», 100. De *memorare*.

No, de *lo*, *165 v.*, 2; *167 v.*, 19; *168*, 5.—Cf. ainda: «... e offeyro co' *no* meu corpo todo o herdamento...», Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, p. 14 (*co' no* = com lo); «Mais *no' -no* saben, nen lhe' lo direi...», *Canc. Ajuda*, I, p. 360. Êste último passo mostra perfeitamente que a passagem de *lo* a *no* deu-se só na presença de *non*, (assimilação). A *Cena Policiana*, como a língua popular, ainda mantém esta forma: «... não *no* faz mudado nada...», 480.

Noa, s. f., *107*, 23.—De *nona* (Nunes, *Gram. Hist.*, pp. 52, 220).

Nocte, s. f., *99*, 5.—Latinismo, por

Noite, noyte, *98 v.*, 6.—A forma *nocte* aparece freqüentes vezes: «... fezerom viagem de ũu dia e aa *nocte* chegassem todos ao lugar...», *Flor.*, p. 113; «... continuadamente de dia e de *nocte* vigiavom...», *idem*, 119. Na *Vida do Cativo Monge Confesso* ocorrem as duas formas: «... quando me el esto dizia a *nocte* era iá chegada...», 123; «E aa *nocte* torney-me ao lugar...», 191; «... era todo o dia e toda a *noite* em horaçoões...», 103.

Nycodemos, n. pr., *109*, 8.

O

O, pron. pes., *104*, 9.

Óo, contr. da prep. *a* e do art. def. *a*, *106*, 6.

Orar, v., *97 v.*, 17, 20.—De *orare*.

Ordeem, s. f., *168*, 16.—Esta palavra tinha variantes no port. arc.: a ortográfica *ordẽ* («... nostro señor Deus criou duas *ordẽs* d'angios...», *Crest.*, p. 7; «... estava toda a corte das *hordẽes* dos sspiritus çelestiaes...», *idem*, 138); *Óordin* («... e quite aa nossa *óórdin* con quanto acrecentamento y uos fezerdes...», *Livro de D. João de Portel*, doc. XXXIX; «... com quantos dereitos nos y auemos e uossa *ordin*...», *idem*, XLI; «... deuen a ficar os herdamentos de suso ditos cõ no padrõado aa *ordin* do tenple en saluo e sen contenda...», *idem*, CXIX). *Fazer monje* ou *entrar numa ordem religiosa* dizia-se das seguintes maneiras: *filhar ordem* («Preguntey hũa dona eu como uos direy. / Senhor, *filhastes orden?* e iá por en chorei!», *Canc. Ajuda*, 429); *poer em ordem* («... e outras *puinha em ordẽe*...», *Flor.*, p. 49), etc. De *ordine*.

Orphãão, s. m., *100*, 3. O fem. é *orphãã* (*107 v.*, 16).—Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* aparece a forma *orpão*: «... como os fraires começassem de chorar muyto, veendo-se seer feitos *orpãos* de tam grande padre...», I, 49. É um fenómeno idêntico ao que se observou com *esfera* e *espera*, se não se tratar da falta de um *h*. De *orphanu*.

Outrossy, conj., *97*, 18; *97 v.*, 24; *104 v.*, 16.—Também, igualmente, além disto. Cf.: «... assi fiz eu Badalhou / e *outro si* (*sic*) em Toledo...», *Flor.*, 42; «... e foi na filhada de Coimbra e de Lamego e de Viseu e do Porto e *outrossi* em Castela...», *idem*, 47; «... começou de cantar altas vozes e ela *outrossi* começou a balhar ante ele...», *idem*, 52; «... e começou-me a traier mal. e *outrossi* mjnha madre...», *Monge Conf.*, 30; «E *outrossy* traziam senhos panos nas espadoas...», *idem*, 75; «E *outrossi* me lenbrey de meu padre...», *idem*, 174.

Ovelha, s. f., *97 v.*, 2.—De *ovĭcula*.

P

Paao, s. m., *99 v.*, 21.—Cf.: «... hũu dia tomou hũu paao ssem porquê...», *T. Arc.*, p. 51. De *palu*.

Padecer, v., *97 v.*, 6.—De **patescere*.

Padicimento, s. m., *97*, 3.

Padre, s. m.—Êste latinismo é vulgaríssimo na *Contemplação*, tal como na língua arcaica.

Pano, s. m., *106*, 19, 20; *166*, 24.—De *panno*.

Parar mentes, v., *99 v.*, 24; *101 v.*, 24; *106 v.*, 12.—Atentar, olhar, reparar. Cf.: «... que nunca *parasse mentes* tras ssy...», *T. Arc.*, 42. De *parare*.

Parayso, s. m., *106 v.*, 24.

Partido, adj. e part. de *partir*, *97*, 25.—Repartido, dividido. Cf.: «E depoes que ouuerdes *partido* antre nos e el...», *Livro de D. João de Portel*, doc. XI; «... hũua insoa pequena antre as aguas *partidas* em duas partes...», *T. Arc.*, p. 66.

Partir, v., *97 v.*, 7; *110*, 19.—Afastar. De *partiri*.

Pastor, s. 2 gén., *97 v.*, 1.—Um exemplo da inflexibilidade da palavra no género feminino: «... Vy oj' eu cantar d'amor em um fremoso virgen / unha *fremosa pastor*...», *Canc. Vat.*, n.º 150. De *pastore*.

Payxom, s. f., *97*, 9.—Esta palavra tinha muitas variantes gráficas no port. arc.: *paixom* («... nunca em aquella çidade da *paixom* de Jesu Christo foy ouuido tamanho chamto...», *Frad. Men.*, I, 82; «... e leuantar o nome e voz da *payxom* de nosso senhor...», *T. Arc.*, p. 69); *passiom* («... e do desejo do reguo çelestiall e da desnuudade e doestos e da *passiom* de nosso Senhor...», *idem*, I, 82; «... revocasse aa memoria a *passiom* do Senhor...», *idem*, II, 144–145); *posiom* («... alegando-lhe os mereçimentos da *pasiom* de Noso Senhor...», *idem*, II, 238); *paxom* («... e por vertude da *paxom* do Senhor vos prometo...», *Frad. Men.*, I, 274; «... sofreo elle morte e *paxom* muy cruell...», *idem*, ibidem, 334; «Comjuro-te da parte de Deus e por a *paxom* do Senhor que nos digas...», *idem*, II, 20; «... tamto foy trespasado do cuitello da *paxon* do Senhor...», *idem*, ibidem, 219); *paxam* («... Jesu Christo com os sinaaes d'a sua *paxam* julgava o mundo...», *idem*, II, 109). De *passione*.

Pee, s. m., *97*, 23.—Cf.: «... assy fomos em catjuo. e nom de péé. mas em grandes camelos...», *Monge Conf.*, 82–83; «... que sempre ues aguardei, quer a *pee*, quer de cavalo...», *Flor.*, p. 42; cf. pp. 55, 74, 84, 95. *Ao— de* já se empregava no port. arc. na acepção de *junto de*: «... e foi entrar em ũa cova *ao pee de* ũa grande montanha...», *idem*, p. 129. Segundo o prof. J. J. Nunes *levantar-se em pee* significava levantar-se *mui de manso* (*Glos.* do *Flor.*, s. v. *pee*); o passo onde êle se abona é êste: «A quinta feira seguinte, poderia seer ante de manhãa hũa ora, o confesor acordou e *leuantou-se em pee* por veer se dormia o Ifante...», *Cr. Inf. D. Fernando*, p. 102. Êste passo vem, com algumas alterações gráficas, no citado *Florilégio* na p. 119. Por êle julgo que essa expressão significava *levantar-se* pura e simplesmente; o *em pee* é apenas reforçativo. *Homem de pee* era *peão*: «... Diego *homem de pee* de Lopo Vaaz de Caamões...», P. Azevedo, *O appellido Camões no seculo XV*, p. 563; «... AMA. Ali na ora este he / quem he. MAR. *homem de pee*...», G. Vicente, *Auto da Índia*, fl. 190 *v.* Fernão Mendes Pinto e outros autores usavam muito o plural *peis* (hoje dialectal): «... logo punhaõ os *peis* sem medo por onde queriaõ...», *Peregr.*, cap. XXII; «... cõ penedos atados nos *peis* & nos pescoços...», *idem*, XXXIIII; «... assi voaria meu corpo a yr beijar esses teus vagarosos *peis*...», *idem*, cap. XXXXVII; «... os quais despois de presos & atados de *peis* e de maõs...», *idem*, LIX; «... se lhe lãçaraõ aos

peis cos olhos cheyos de agoa...», *idem*, LX, etc. De *pede*.

Peitos, s. m. pl., *106*, 5.—Esta palavra empregava-se quási exclusivamente no plural; cf.: «... o dito canonico lhe pos sobre os *peitos* a cabeça de huuma dos marteres...», *Frad. Men.*, I, 31; «... levamtou-se-lhe hũua levaçam espamtosa em nos *peitos*...», *idem*, ibidem, p. 336; «... arrevatou-a com os dentes em nos *peitos*...», *idem*, II, p. 44; «... era çinto pellos *peitos* de hũa çinta d'ouro fino...», *T. Arc.*, p. 61. No séc. XVI ainda aparecia: «... foy achado com hũa grande cutillada na cabeça, & hũa estocada por meyo dos *peitos*...», *Peregr.*, cap. XXXXVI; «... derrubara o Mandarim do cavallo abaixo com hũa espingardada que lhe deu pelos *peitos*...», *idem*, cap. LXV. Julgo que esta palavra ainda não designava, como sucede hoje, as saliências mamárias das mulheres, visto que o passo seguinte aparece ao lado de *tétas*: «... e amostrava os *peitos* a seu filho e as *tetas*...», *Frad. Men.*, II, 250. Também aparece o latinismo *pecto*: «... ferio seu *pecto* com sua mão...», *Florilégio*, p. 131. De *pectus*.

Pena, s. f., *107*, 11, 26.—Dor, dificuldade. É uma forma erudita; a vernácula é *peia*. No port. arc. aparece *pẽa*: «... perça quanto der pola possissom por *pẽa*», *Crest.*, p. 5; «... receba a pẽa que é posta contra os hereyes...», *idem*, 9; «... non aya nenhũa *pẽa*...», *idem*, 13; «... podedes destes taes fazer iustiça e dar a elles grandes *pẽas*...», *T. Arc.*, 39; «... para fazer delles iustiça e pera dar lhes pẽas...», *idem*, 40. De *poena*. *Pena* também era o mesmo que o moderno *penha* (de *pĭnna*, célt. *penn*, cabeça, cabeço», A. Nascentes): «... nom via salvo bestas salvagens e as grandes *penas* do ermo...», *Flor.*, 128. «Era em aquella çidade... hũa *pena* alta...», *Frad. Men.*, I, 304; «... logo agora cairá esta *pena*», *idem*, ibidem, 305.

Penado, adj., *168*, 22; *168 v.*, 10.—Triste, coitado; condenado. Cf.: «... nunca en mayor / coyta d'amor, / nen atam coytado, / foi eno mundo por sa senhor / homẽ que fosse nado, / *penado, penado*...», *Canc. Bibl. Nac.*, n.º 362 (in *Crest.*, p. 240). Também aparecia a forma vernácula: «... o uẽçudo sseia *peado* em X marauedis d'ouro...», *Crest.*, 5; «... o que me faz *pẽad'* andar...», *Canc. Vat.*, n.º 807. Neste último passo ainda se observa perfeitamente na ressonância nasal os vestígios do *n*.

Penar, v., *167 v.*—Condenar. Cf.: «... porque non acharom razom, porque os *penassem* polo poboo...», *Inéd. de Alc.*, I, p. 32.

Pendença, s. f., *98 v.*, 15; *166*, 4; *167*, 7.—Cf.: «... que se meta esforçadamente aa *peendença*...», *T. Arc.*, p. 49; «... eixalçou Deus... por dar a Israel peendença e perdom...», *Inéd. de Alc.*, I, 36; «... Fui tomar hũa *pendença* / com hũa cruel senhora...», G. Vic., *Farelos*, fl. 192 *v.* A forma culta também era conhecida: «... e que fezesem *penetemçia* dos pecados...», *Frad. Men.*, I, 135. De *poenitentia*.

Pendurado, adj., *106*, 8.

Penssar, v., *97*, 11, 13.—Cf.: «Todo esto eu *peensaua*...», *Monge Conf.*, 47; «E depois que todo esto péénsey...», *idem*, 50; «... se nom por conprir o que pensava...», *idem*, 56. *Pensar* também podia significar *cuidar de*: «... e a donzela cuidou del sem mandado da rainha...», *Script.*, 180. Conf. também *apenssar*.

Per, prep., *97*, 22.—Por. Cf.: «... que era muy treito *per* gram uelhiçe...», *Monge Conf.*, 7; «... e bem semelhaua que era de sua natura. *per* linhaien...», *idem*, 9.

Perijgo, s. m., *92*, 2.—Esta palavra tinha bastantes variantes; eis algumas: *perigoo* («... prendeu estas bestas a moy grande affan e a moy gran *perigoo*...», *Crest.*, 118; «... deue emde a filhar enxempro de leixar os *perijgóos* ujdados...», *Monge Conf.*, 188; «... non ha logar per honde o possam conbater, senon a muy grande *perigoo*...», *T. Arc.*, p. 58; «... acontecimentos, como som doores, mudanças de tempo, *perigoos*, perdas...», *Flor.*, p. 108; «... asy os avia livrados de aquelle *perigoo*...», *Frad. Men.*, I, 305; «... porque em tamanho *perijgoo* nom provocase Deus a sanha...», *idem*, ibidem, 374); *prijjo* («... nom deuemos ajudar os maaos homẽes quamdos os vecmos em algũs *prijjos*...», *Crest.*, p. 74; «A mym praz mais de comer trijguo, fauas e heruanços em paz que gallinhas e capõoes com temor e *prijjuo* de morte», *idem*, pp. 75-76); *perigro* («... estava o poboo em gramde *perigro* de sequidade...», *Frad. Men.*, II, 4; «... ficava-lhes de pasar outro mayor *perigro*...», *idem*, ibidem, 82; «... foy livrado e sãao tam bem da infirmidade como do *perigro* tam gramde em que me viia...», *idem*, ibidem, 278); *peligro* («... quando em tam grande *peligro* lhes negavam ospedamento...», *idem*, I, p. 41; «... aquelle libello e breve traitado era dos peligros dos tempos pustumeiros...», *idem*, II, p. 85). De *periculu*.

Pero, prep., *97*, 17; *98*, 3.—Mas, ainda que. Cf.: «... o áár hera aly tam temperado que nom auja hi mester mais uestiduras, mais *pero* era muj gram uergonha...», *Monge Conf.*, 95; «toda molher uyuuoa, *pero* que aya padre ou madre...», *Crest.*, p. 13; «E, *pero que*, indo ella assi, nom leixauam de lançar dardos...», *idem*, 44. *Nom pero que* era *sem que*: «... a serpe... tomãdo-o o ligou, emboluendo-se arredor do seu corpo, nom pero que o mordesse...», *idem*, p. 214. De *per hoc*.

Persiguir, v., *97 c.*, 1.—Cf.: «... liural-o das mãaos de Saull, que o persiguia aa morte...», *Crest.*, p. 134; «... Ihesu, que elle dante perssiguya...», *idem*, 135.

Pescocada (*cu* = *ça*), s. f., *100*, 20; *101*, 20; *103*, 5.—Bofetada, «achação». De *pescaço*.

Pesso, s. m., *105 v.*, 2.—Pêso.

Pexe, s. m., *168*, 6.—Peixe. Cf.: «... cobiçando sacar avondosamente multidom de *pexes*...», *Frad. Men.*, I, 134; «... aly veriades os *pexes* gramdes chegar-se aos menores...», *idem*, ibidem, p. 227; «é esta a forma geral, que em muitos lugares foi posteriormente alterada na actual *peixe*», diz J. J. Nunes no *Glossário* da obra citada, s.v. *peixe*. Na p. 227 do volume I aparece um exemplo justificador dessas palavras. De *pisce*.

Piadoso, adj., *97 c.*, 26.—Cf.: «... que ante Nos forom, aas Igrejas, e Mosteiros, e Lugares *piadosos*...», *Ordenações*, II, p. 2; «Oo homẽe forte e ligeyro e *piadoso*...», *T. Arc.*, 56.

Piedade, s. f., *99*, 11.—Cf.: «... Pensou no que lhe pedia e filhou delle *piedade*...», *Crest.*, p. 26. Mas havia *piadade*, forma que explica o adj. *piadoso*: «... faze sempre justiça e aguarda em ella *piadade* aguisada...», *idem*, p. 30; «... tormento sem *piadade*...», *T. Arc.*, 91. De *pietate*.

Pillatos, n. pr., *103*, 21; *104*, 2, 6, 8, 12; *104 v.*, 9, etc.—Cf. Nunes, *Gram. Hist.*, p. 226.

Planto, s. m., *103*, 26; *103 v.*, 16, 20; *104*, 17; *108*, 24; *110 v.*, 21; *111*, 3, etc.—*Fazer planto* era *chorar*. Cf.: «... achou no caminho huum escudeiro que viinha *fazendo planto* por huum seu tio que lhe mataron...», *Cr. D. Pedro*, p. 81; «... rompeu as

vistiduras *e feze* grande *planto*...», *Flor.*, p. 59. De *planctu*.

Poboo de jente, *104*, 14.

Poer, v., *106*, 19.—Pôr. Cf. também: «As fiindas som cousa que os trobadores sempre husarom de *poer* en acabamente das sas cantigas...», *T. Arc.*, p. 35; «... trabalharom-sse de *poher* nomes aas cousas...», *idem*, p. 87. Mas em documentos mais antigos ainda aparece a nasalidade que é o vestígio do *-n-* intervocálico: «... a quen sei ben ca non ni-á de *pôer* / conselho...», *idem*, p. 24. *Pose* (pôs) aparece em *109*, 24.

Poiado, adj., *166 v.*, 15.

Pois, conj., *104*, 8.—Pode ter a idéia de *depois que*: «*Pois* todo esto foy feito...», *Monge Conf.*, p. 199; «*Pois* naci, nunca vi Amor...», *Canc. Ajuda*, n.º 80; «... *pois* forã desarmados, ueo a eles hũu uelho...», *T. Arc.*, p. 44.

Ponho, s. m., *105 v.*, 4.—Punho. De *pugnu*.

Por... que, conj., *168*, 8.

Porende, conj., *99*, 6; *107*, 8.—Por isso.

Postumeiro, adj., *107 v.*, 23; *166*, 3.—Último. Cf.: «... e o Ifante a *postumeira* vez lhe respondeo...», *Cr. Inf. D. Fernando*, p. 102; «... esta é a *postumeyra* uosa auẽtura...», *T. Arc.*, 44. Havia as variantes *prestumeiro* («... deve a fiinda rrimar com a *prestumeyra* cobra...», *idem*, p. 35) e *postremeiro* (J. J. Nunes cita no *Glossário* da *Crestomatia Arcaica* mas não consegui localizar o vocábulo; deve haver êrro no número da página). «De **postremarius*. Cf. *Rer. Lusit.*, II, 369; e vid. «prestumeiro». Gassner in *Litbl. f. g. u. roman. Philol.*, 1908, col., 377, propõe como étimo **postumarius*, mas, se assim fôsse, como havia de se explicar o primeiro *r* de *prestumeiro*, hesp. *postrimero*, etc.?», *T. Arc., Glos.*, s. v.

Pregar, v., *106*, 1, 10.—Pregar, espetar. De *prego*.

Pregar, v., *99 v.*, 22; *106 v.*, 20.—Fazer prégações. Poucas vezes tenho encontrado as palavras do port. arc. dêste radical com esta grafia na primeira sílaba; aparecem, em geral, com dois *ee*: *preegaçom* («... ouvindo sua *preegaçom* e oficio...», *Flor.*, p. 126; «... posesse cõtra elles em suas *preegações* e em todallas outras maneiras que elle pode...», *Crest.*, pp. 97-98; «... porque nõ viera ajnda o tẽpo da preeguaçõ e do bauptismo...», *idem*, p. 181); *preegador* («... Aquelle que auia de seer *preeguador* da pendença...», *idem*, p. 180). De *praedicare*.

Prego, s. m., *106*, 2, 6, 11.—Cf. *Dic. Etim.* de A. Nascentes.

Prender, v., *99 v.*, 18, 20.—Tirar a liberdade. Cf.: «... IIIJº mil caualeiros que estauã folgados pera prender os cristãaos...», *Crest.*, p. 51. Significava também *tomar*: «... nem do affan que m'amor faz *prender*...», *Canc. Ajuda*, n.º 46; «Ben deuiades, uiha senhor, / de min cousimento *prender*...», *idem*, n.º 400. *Prender ben* era *receber recompensa e troca em paga (de amor)*[1]: «... que serui sempr' endõado / ond' un *ben* nunca *prendi*...», *Canc. Vat.*, n.º 570.

Prendido.—V. *aprendido*.

Preso, adj., *97*, 25.

Prestes, adj., *166*, 15.—Pronto. Cf.: «... vêerom todos juntamente a Lixboa com grandes companhas bem armadas e *prestes* pera batalhar...», *Flor.*, p. 105. Cf.: *Dic. Etim.* de A. Nascentes.

Priguiçoso, adj., *97 v.*, 22.—Que tem *priguiça* («Per *priguiça* pequam os rreligiosos cada uez que adormecem

[1] J. J. NUNES no *Glossário* da *Crestomatia Arcaica*, s. v. *prender*.

no moesteiro...», *T. Arc.*, p. 50; «tiremos ergo de nós toda duvida e *priguiça*...», *Flor.*, p. 55. De *pigritia*.

Profeta, proffeta, s. m., *97 v.*, 1; *99 v.*, 24; *102 v.*, 26; *104 v.*, 2.—O feminino é *proffetiza* (*105*, 7). De *prophetа*.

Proficia, s. f., *99 v.*, 23.—Cf. a variante *profeçia* («... porque a *profeçia* suso dita dos santos marteres fosse comprida...», *Frad. Men.*, I, p. 35. Do lat. *prophetia*.

Purpura, s. f., *105 v.*, 3.—Do lat. *purpura*.

Q

Qua, conj. causal, *168 v.*, 2.—Cf.: «... nom auja nenhũa sospeita em nos. *qua* cujdaua el...», *Monge Conf.*, 167; «... a molher lhe dizia toda trayçam, *qua* ella no desconfortaua em corpo e em alma», *Crest.*, p. 108. Cf. *ca*.

Quanto, s. m., *102*, 20.—Canto (de *cantar*). Havia também *quantar*: «... e *quantauã quantos* doces», *Crest.*, p. 66; «... o clerigo com medo meteo-sse na uistimenta e *quantou* missa», *idem*, p. 152; «... emuiou por todollos clerigos da çidade, quando *quantaua* o galo...», *idem*, 154; «... quando homem he na igreia que deue *quantar* e ajudar os outros...», *T. Arc.*, p. 50. De *cantare*.

Quarecente, adj., *167 v.*, 12.

Que, conj. final, *97 v.*, 12.—Para que.

Quebrantado, adj., *101*, 12.—De

Quebrantar, v., *108 v.*, 23.—Quebrar. Cf.: «... *quebrantauam* o pam a par das sas casas...», *Inéd. de Alc.*, I, p. 27; «Reynou Asa em Judá onze annos e foy muy boom e my dereito e temia Deus, e *quebrantou* todollos idollos que achou em sa terra...», *Script.*, p. 233. De *crepantare*, factitivo de *crepare*, quebrar.

Quem, pron., *97 v.*, 8.

Querer, v. *Quis*: *97*, 4. **Quiser**: *97*, 8; *98*, 16.—Para *quis* cf.: «... quiserom-me dar molher. mais eu nom a *quis*...», *Monge Conf.*, 27; «... mas eu nunca por elas *quis* fazer rrem...», *idem*, 32; «Por esto me *quis* el galardoar...», *idem*, 115. Tinha variantes: *quise* («E ou quatjuo nom *quise* fazer rrem do seu rrogo...», *idem*, 60; «... nunca a filhar *quise* em minha mançebia...», *idem*, 132; «... quamdo os sentio, quise-me acolher ao mar...», *Crest.*, p. 20; «... Eliezer non *quisse* comer...», *idem*, p. 70). *Quiso* («... todas estas cousas que el *quiso* teer pera si...», *idem*, p. 6; «... *quiso* que de liñagẽ dos omẽes fosse complida...», *idem*, p. 7; «... non nos *quiso* ueer...», *Canc. Vat.*, n.º 746). *Quige* («Hũa donzela *quig'*eu muy gran ben...», *Canc. Ajuda*, n.º 377; «... ca eu, que o *quige* fazer, / non cy iá de que m'alegrar...», *Canc. Vat.*, n.º 486).

R

Refrigerar, v., *165 v.*, 20.—Suavizar.

Regaço, s. m., *102*, 26.

Religioso, religiosso, s. m., *99 v.*, 5, 8.

Renembranca (*c* = *ç*), s. m., *97*, 3.—Memória. Cf.: «Esta é *renembrança* dos reis que forom...», *Flor.*, p. 99; «... afigurando sempre ante a *renembrança* como am de minguar...», *idem*, **109**; «... que toda cousa notavel passada sempre della nom ouvesse *renembrança*...», *Cr. D. Pedro*, p. 98; «... des i por *renembrança* das maravilhas que Deos faz...», *idem*, p. 125. Havia a variante *relembrança*: «... dina será a tua façanha de perpetua relembrança...», *Flor.*, p. 128.

Rrenouado, adj., *168 v.*, 3.

Rresponder, responder, v., *97 v.*, 4, 5, 9, etc.—De *respondere*.

Rey, s. m., *101*, 8, 13.

Ribaldo, s. m., *102*, 18.—Velhaco. Cf.: «... seja teu todo o que vistes, / a *rrybaldos* nam doestes...», *T. Arc.*, p. 93. Do prov. *ribaut*.

Riso, s. m., *97*, 10.—Cf.: «... que quer dizer *Ríjso*...», *T. Arc.*, p. 88.

Ronper, v., *101*, 6; *106*, 4.—Cf.: «... porque Almoleimar se coytou, *rrompendo* a alva...», *Cresl.*, p. 34. De *rumpere*.

Rostrada, s. f., *100*, 20; *100 v.*, 17; *101*, 18; *103*, 5; *104 v.*, 4.—Sinónimo de *pescoçada* (q. v.). De

Rostro, rrostro, s. m., *99*, 15; *100 v.*, 18, 20; *101*, 21; *105*, 5; *105 v.*, 5.—Cf.: «... e daua grãdes feridas ẽ seu *rostro*...», *Crest.*, p. 53. Aparece às vezes a expressão *cara do rostro*: «A dom Gonçallo Mendez se mudaua cada uez mais a *cara do rrostro*...», *idem*, p. 35. A língua arcaica, porém, já conhecia a forma moderna: «... o corvo outrosy lavala o seu *rosto*...», *Frad. Men.*, I, 369; não deve tratar-se do bico da ave, como J. J. Nunes parece dar a entender; conhecia-se a palavra *bico* nessa acepção como posso demonstrar com o seguinte passo tirado dessa mesma obra, na página seguinte e tratando-se até do mesmo animal: «... foy correndo empós delle o corvo e feri-o com o *bico* em na espinella». *Fazer mau rostro* era *carregar o semblante*: «... quando Pilatus entendeo o mestre salla... *fezlhe mauo rostro*», *Vespasiano*, 47; «... quando isto ouvio, *fez mauo* rostro contra mi.. », *idem*, 60. *Em rostro* era *defronte*: «... se fezerã boãs escaramuças: antre os de Nunalurez e os da villa: *em rostro* das barreyras...», *Cr. do Condestabre*, p. 73. *Fazer rosto* era *fazer frente*: «... despois de se tornarem em sy, quiseraõ *fazer rosto* aos nossos...», *Peregr.*, cap. XXXXII. *Dar de rosto* significava *encontrar, dar de cara a cara*: «... indo ja mais de hũa legoa pelo rio dentro, foy *dar de rosto* com hũa companhia de quarẽta juncos...», *idem*, ibidem. Para conhecer mais locuções com a palavra *rosto* q. v. o *Dicionário* de Morais, s. v. De *rostru*.

Rua, s. f., *103 v.*, 4; *105*, 21.—Ver J. J. Nunes, *Gram. Hist.*, pp. 55, 105.

Rryjamente, adv., *108 v.*, 21.—Fortemente, com fôrça. Cf.: «... Entom comecei a chorar mui *rijamente*...», *Flor.*, p. 73.

Rryuya de *rever*, *108*, 14.

S

Sacar, v., *102 v.*, 12.—Tirar, arrancar. Cf.: «Entom saquey hũa espada que trazia...», *Monge Conf.*, 141; «Ihesu Nazareno... *sacou* os sanctos Padres, que jaziam nas treevas da morte...», *Inéd. Alc.*, I, p. 211; «... ca non sabemos o que acaeceo a Moysen, que nos *sacou* do Egipto...», *idem*, ibidem, p. 43. — *a bem* significava *realizar com êxito*; cf.: «... foy a Deus rrogar / que me ssacass' aqueste sonh' a ben...», *Canc. Vat.*, n.º 451. V. *Dic. Etim.* de A. Nascentes.

Sagral.—V. *Segral*.

Salmista, s. 2 gén., *168*, 18.—Psalmista. O grupo *ps* das palavras desta raiz era *s* no português arc.: «... disse-lhi o legado / log' un uerso do *Salteyro*...», *Canc. Vat.*, 1088; «... e porem é escripto em o *Salteiro* que eles subitamente falecerom...», *Flor.*, p. 112. Cf. porém: «... o ango disse hũu verso do *psalteiro*...», *Crest.*, p. 68.

Sangue, s. m., *98*, 6, 15; *104 v.*, 14; *106*, 11.—Na *Contemplação* a palavra é já masculina, mas no passo seguinte é ainda feminina: «As chagas erã muytas, de que se vertia *muyta sangue*», *Crest.*, p. 48. De *sanguine* (s. m.). Note-se que além do

esp. *sangre* só o port. arc. nos dá género feminino nesta palavra ¿Estaremos na presença duma particularidade do latim hispânico?

Sapo, s. m., *168*, 4.

Sarado, adj., *107*, 25.—De *sarar* («... que viessem os melhores fisicos e celorgiões a Roma pera *sarar* o emperador...», *Vespasiano*, p. 38). V. *Dic. Etim.* de A. Nascentes s. v. *sarar*.

Saya, s. f., *166*, 23.—Cf.: «Deus, que ben lh' está manto e *saya*», *Canc. Vat.*, 547; «... ElRei... desvestiosse logo e ficou em huuma *saya* dezcarllata...», *Cr. D. Pedro*, p. 27; «... foi elRei Dom Pedro o primeiro que deu huuma lançada a elRei Vermelho... vestido em huuma *saia* dezcarllata...», *idem*, 103. A saia cingida por uma corda parece que se chamava *saia baraça:* «Eno meyo da praça, / en *saya de baraça:* / uede' lo eos...», *Canc. Vat.*, p. 1043. *Saia* empregava-se muito para designar o hábito dos frades: «... nom ouvessem ouro nem prata em nas çimtas, nem levassem cajado nem duas *saias* nem calçado...», *Frad. Men.*, I, p. 4; «... com grande fervor desnudou-sse da *saiia*...», *idem*, ibidem, p. 81; «... emmaginou de levar a sua *saiia*...», *idem*, ibidem, p. 82; cf. ainda pp. 91, 92, 102. Empregava-se também com a mesma significação as palavras *saia do avito:* «... despi-sse da saya e tomou a *saia do avito*...», *idem*, I, 92; para *mortalha* empregava-se por vezes *saia da mortalha:* «... manda que a saya da mortalha que seja dada a atall molher...», *idem*, ibidem, 376. De **sagya* (Cornu, *Grammatik*, § 218).

Sayr, v., *Sayu: 97*, 24; *sayosse: 101 v.*, 21.—Neste último passo é a expressão redundante *sair fora* de que há mais exemplos no ant. português: «... que o leixassem *sahir fora*...», *Cr. D. Pedro*, p. 95; «... os castelaãos *sayã fora* da frota a colher uvas...», *Cr. Condestabre*, p. 27; «... quando ouvires tanger uma campainha que na Irmida está *sairàs fora*...», Galvão, *Cr. Af. Henriques*, p. 69. *Ir à janela* era *sair à janela:* «... as gentes que dormiam, *sahiam aas jaanelas*, veer que festa era aquella...», *Cr. D. Pedro*, pp. 42-43. *Sair de si* («... entonçe elle *foy saido de sy* e apareçé-lhe o filho de Deus com sua madre...», *Frad. Men.*, II, 144) e *sair fora de si* («Huum abade... saido fora de sy por visom...», *idem*, ibidem, 182) significavam *extasiar-se*. De *salire*.

Scolher, v.—Escolher. Notar em *98*, 19, a construção *scolho de*.

Scriptura, s. f., *99 v.*, 23.—Cf.: «... aquell que as scripturas bem ouue. as deue bem crêér...», *Monge Conf.*, 2.

Seer, v., *97*, 25, 26; *97 v.*, 14; *92*, 2; *99 v.*, 9. *Es* (=ês), *104*, 8. *Som: 98 v.*, 13. *Seia: 97 v.*, 15, 16; *98*, 3. *Seiam: 98*, 20. De *sedere*.

Séestra, sestra, s. f., *106*, 6; *106 v.*, 19; *107 v.*, 8; *107*, 22.—Cf.: «... isso meesmo fez a outra alla da mão *seestra* da avanguarda...», Fernão Lopes, *Cr. D. Fernando*, I, p. 34, e a variante gráfica *seextra:* «... Gonçalo Gonçalves com os seus a *seextra*...», Galvão, *Cr. Af. Henriques*, p. 107. De *sinĭstra*.

Segre, s. m., *165*, 9.—Século. Mundo. Cf.: «... e a uós, senhor, melhor estaria / d' a tod' ome de *segre* ben buscardes...», *Canc. Vat.*, 1021. *Haver mal segre* era uma praga: «*Mal segre aja* quem vos ensinou / ... primeiro a falar...», *Flor.*, p. 56. O fim do mundo era o *derradeiro segre:* «... o seu nome (de Ceuta) durara ata o acabamento do *derradeiro segre*», Azurara, *Cr. de Ceuta*, p. 10. De *saeculu*.

Segral, adj.—Na *Contemplação* aparece só *segral*, mas cito o vocábulo aqui para estar ligado com *segre*. *Sagral* vem na fl. *99 v.*, 7. Exemplo de *segral*: «... tijnha muy grande nobre liurarya de toda las obras eclesiasticas e *segrãaes*...», Álvares, *Cr. Inf. D. Fernando*, p. 19. Havia a variante *segrar*: «...esta apartado do arroido e torvaçom do cuidado *segrar*...», *Frad. Men.*, I, 170; «... quamdo era *segrar*... vira em sonhos», *idem*, II, 230. *Sagral*: «... mandou alguum noviço nom ouvyse as comfisões dos *sagraaes*...», *idem*, ibidem, 4; «... foromlhe tirados os vestidos *sagraaes*...», *Cr. D. Pedro*, p. 130; «... Leix, que fallam acerca das Igrejas, e Moesteiros, e Clerigos *sagraaes*...», *Ordenações*, II, p. 1. De *saeculare*.

Segundo, adj., *97*, 1; *97 v.*, 2.—Conforme. Cf.: «... esto me era gram conforto. *segundo* os males que ouuera...», *Monge Conf.*, 97; «... auja hi gram prazer. *segundo* a uentura que auja...», *idem*, 104; «... deue o homem a seruir seu senhor lealmente. assy como a deus. *segundo* seu dereito...», *idem*, 113, «... per pallauras de presente *segundo* a ygreja de Roma manda», *Cr. Condestabre*, p. 11.

Seitimo, núm. ord., *168*, 10.—Var. *seiptimo*: «... onze dinheiros, e tres *seiptimos* de dinheiro», num doc. da Pendorada de 1359 citado por Viterbo no *Elucidário* s. v. *aceecer*.

Semelhanca, s. f. (*ca* = *ça*), *98*, 21.—Parecença. Imagem. Cf.: «... veriades aly deversas *semelhanças* de pexees...», *Frad. Men.*, I, p. 227, var. *semelhanza*: «... demays auya en el *semelhanzas* e feguras de quantas anjmalias e bestas ẽno mundo son...», *Crest.*, p. 117. De **similiantia*.

Senhora, s. f., de *senhor*. *102*, 18.—A palavra *senhor* era biforme, mas a *Contemplação* já nos dá pois um exemplo da forma própria do género feminino. Outro exemplo: «Este foy o arcanjo Guabriel que saudou a *senhora* do castello...», *T. Arc*, p. 48.

Sentença, s. f., *105*, 1.—Condenação, castigo. Cf.: «... em outra maneira soubessem que os atormentariam por *sentença* das cabeças...», *Frad. Men.*, I, p. 53. É uma frase sinónima desta: «... destroissem os seus por pena das cabeças...», *idem*, ibidem, p. 34. De *sententia*, sentimento, opinião.

Sergente, s. m., *101*, 17.—Servente, servo. Cf.: «... sobreveerom os Sacerdotes, e os *sergentes* do templo...», *Ined. Alc.*, I, p. 30; «... desque chegarom ala os *Sergentes*, abrirom a porta do Carcer...», *idem*, ibidem, p. 36; «... mandou Josep a seus *sergentes*, que lhe enchessem os sacos de pam...», *idem*, II, 67; «Entom lhe deu ũu *sergente* que o servisse...», *Flor.*, p. 79. Do fr. *sergent*.

Sermom, s. m., *97*, 24.—Cf.: «... quando acabou seu *sermom*, disse ao emperador...», *Vespasiano*, p. 58. De *sermone*.

Serpente, s. f., *106 v.*, 13, 14; *168*, 4.—Também era vulgar a forma *serpe* (de «*serpe* de um nominativo *serpes* em vez de *serpens*», A. Nascentes), que só sei documentar em textos quinhentistas: «Jraa de monte ; de fonte / Jraa de *serpe* ; de drago...»[1], G. Vic., *Farelos*, fl. 193 v.; «... sem sentir lavrar as herpes, / mui mais damnadas que *serpes* / e tudo para meus damnos», Chiado, *Prática*, p. 3; «Viua a *serpe*, morra o drago»[1], *Auto das Regateiras de Lisboa*, p. 25. De *serpente*, rastejante.

[1] A palavra *drago* deve estar para *dragão*, como *serpe* para *serpente*.

Seruente, s. m., *102*, 10.—Criado, servidor. Cf.: «Por amar non saibamente, / mais como louco *seruente*, / oi servido...», *Crest.*, p. 436. De *servir*.

Sestra.—V. *séestra*.

Siguir, v., *97 v.*, 9; *99*, 9.—Cf.: «... disse que o nõ podya fazer, que o nõ *siguise*...», *Crest.*, p. 64, mas *seguir* aqui: «... tanto foi *seguida* esta palma...», *idem*, p. 147. De **sequere*.

Sináães, s. m. pl., *110 v.*, 13.—De *signales*.

So, prep., *107 v.*, 11.—Cf.: «... as galees encoston-as *so* os ramos...», *Crest.*, p. 23. De *sub*.

Sobrepojamento, s. m., *107*, 12.—Excesso. Havia o adj., *sobrepojado*: «... o qual lhe mete *sobrepojado* temor...», *Frad. Men.*, II, 165.

Sofrudo, adj. part., *107 v.*, 24.—Cf.: «... que seyades *sofrudo* contra os nogados...», *Crest.*, p. 14. Mas *sofrido*: «O caçador... ha de ser muyto *sofrido* e de boa condição...», *Livros da Falcoaria*, I, 207; «Falay senhora a esses gatos / e nam sejais tam sofrida...», G. Vic., *Farelos*, fl. 193 *v.* De *sofrer*.

Solamente, adv. modo, *98 v.*, 3.—Sòmente. Cf.: «... que nom *solamente* d'obras maas e desguisadas...», *Flor.*, 50. Ver ainda pp. 89, 91 e 97. «... Josep non tomava pera si nenhuña cousa, senon tam *solamente* o pam, que comia», *Ined. Alc.*, II, p. 62; «... mais elles... nom *solamente* [nom] comsentirom aas palavras de samto Antonio...», *Frad. Men.*, I, p. 227.

Solaz, s. m., *166*, 22.—Consolação, prazer. Cf.: «... que o meu senhor me queira levar a tam grande *solaz*...», *Frad. Men.*, I, p. 373. A expressão *em bom solaz* significa *graciosamente, gracejando*: «... muitas vegadas, *em boom solaz*, dizia elle que era medio homem...», *idem*, ibidem, p. 203. Havia o verbo *solazar* (sentir solaz, gracejar): «E dizia *solazando* e avendo sabor...», *idem*, ibidem, 199. De *solatiu* pelo prov. *solatz* (Cf. Anglade, *Gram. Prov.*, p. 179, n. 1).

Sono, s. m., *97 v.*, 22; *99 v.*, 19.—De *somnu*.

Sóó, adj., *101*, 11.—Tinha o feminino *soa*: «... como aquela molher estevesse *soa*...», *Frad. Men.*, II, p. 162, mas: «... nom creades que eu soom movido por a *soo* afeiçom carnall...», *idem*, ibidem, p. 7. *Son* ainda existe em galego. De *sola*.

Sospiro, s. m., *100*, 2.—De *suspiriu*.

Soterrar, v., *110*, 11, 18.—Enterrar. Cf.: «... algũ corpo que leuassem a *soterrar*...». *Monge Conf.*, 64; «... filharom-no, e levarom-no ende, e *soterrarom-no*...», *Inéd. Alc.*, I, p. 34; «... dos que *soterrarom* seu marido...», *idem*, ibidem, p. 34; «... e levarom-na e *soterrarom*-na a par de seu marido», p. 35; «... untarom-no com speias, e foy soterrado eno Egito...», *idem*, II, pp. 85-86; «... porende a filharom e *soterrarom-na* viva...». *Flor.*, p. 82; «... e jaz *soterrado* no moesteiro...», *idem*, p. 100; «... porque nom tinha aparelho com que o *soterrasse*...», *idem*, p. 132; «... eu me conto por finado / e querome *soterrar* / ... sem finar / e quero ser *soterrado*», G. Vic., *Farelos*, fl. 192 *v.*; «... e (foi) *soterrado* na egreja de Santa Maria...», *Cr. D. Pedro*, p. 54. Sá de Miranda também empregou o adjectivo: «Descuberto por veas *soterradas*», soneto 30.

Spargimento, s. m., *98*, 15.

Spiritu, s. m., *97 v.*, 6; *108*, 3, 4.—Havia muitas variantes gráficas: *sprito* («Pois eu emcomendo a ty a minha alma e o *sprito*...», *Frad. Men.*, I, 347). *Spiritu* («... que vos aveo de tentar o *Spiritu* Sancto...», *Inéd. Alc.*, I, p. 34). Na *Eufrosina* vem *spi-*

rito: «tendes os *spiritos* mui grosseiros...», p. 15. *Enviar o espirito* era *morrer:* «... aquella molher enviou o *sprito*...», *Frad. Men.*, I, p. 306. De *spíritu*.

Star, v., *98 v.*, 13; *101*, 11.—De *stare*.

Steo, s. m., *102*, 11.—Cf.: «Esta tenda não tiinha *esteo* que a teuesse...», *Crest.*, p. 61. Ver *Dic. Etim.* de A. Nascentes.

Sua, pron. pos., *97 v.*, 9; *101*, 20.—De *sua*.

Suar, v., *98*, 5.—De *sudare*.

Sumir, v., *168 v.*, 4.—De *sumere*.

Suor, s. m., *98*, 9.—Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* ocorre o latinismo *sudor:* «... foy cuberto de grande *sudor*...», II, p. 40. De *sudare*.

Sỳnagoga, s. f., *169*, 17.—De *synagoga*, do gr. συναγωγή, reunião. As formas usuais em port. arc. eram *esnoga* e *senoga*. Cf. a propósito Wagner, *Ant. Esp.* «*Sinoga*»; *Ant. Port.* «*Senoga*», «*Esnoga*»; *Jud.-Esp.* «*Esnoga*».

T

Talhar, v., *168 v.*, 4.—Cortar. Cf.: «Nom *talhes* nem atravesses as palavras daquel que fala...», *Flor.*, p. 97; «Ali s'esmalhauam fortes lorigas e britauam e especauam e *talhauam* escudos capilinas...», *Livro de Linhagens*, III, p. 86; «Se tu a mim *talhas* a cabeça eu nom recebo gram perda», *idem*, ibidem, p. 188.

Tanto, adv. *Cem — tanto* = cem vezes. *169*, 19.—Cf. o passo da *Contemplação* onde ocorre a expressão *cem mil vezes tanto* e: «... avia cinque *vezes tanto* em sua parte do comer mais que os outros...», *Inéd. Alc.*, II, p. 70. De *tantu*.

Teebra, s. f., *168*, 9.—Treva. Cf.: «... segundo aquela medida vestiam luz ou *teebras*», *Frad. Men.*, II, p. 97; «... e dos ministros das *tebras* eram levados a lugares de *trevas*...», *idem*, ibidem, p. 98; «... lançade-o em nas *trevas* do inferno», *idem*, ibidem, p. 109; «... e aa tua alma nom viir obscuridade de *trevas*», *Flor.*, p. 98; «... vio sobre si ũa grande craridade naquelas *treevas*...», *idem*, p. 129. De *tenebra*.

Teebroso, adj., *169*, 22.—De *tenebrosu*.

Teer, v., *99 v.*, 8.—De *tenere*.

Tenaz, s. f., *169*, 10.—De *tenace*, que segura.

Tenpestade, s. f., *165 v.*, 1.—De *tempestate*.

Tenptacoões, s. f. pl., *99 v.*, 15, e **tentacom**, *97 v.*, 18.

Terça (*hora de —*), *104*, 11, 12.

Terceiro, núm. ord., *98*, 4.—Tem variantes gráficas: *tercer* («... por que resurgiste ao *tercer* dia...», *Crest.*, p. 49; «... mays resurgiu depoys ao *tercer* dia», *Cane. Vat.*, n.º 988), *tereceiro* («... aprovada por pallavra por o senhor papa Inoçemçio *tereçeiro*...», *Frad. Men.*, I, p. 20; «... desde o *tereçeiro* dia ante da Natividade...», *idem*, ibidem, p. 176; «... saio o *tereçeiro* demonio...», *idem*, ibidem, p. 340; «... sendo chamado a *tereçeira* vegada...», *idem*, ibidem, p. 399; «... o senhor papa Nicholaao *tereçeiro*...», *idem*, II, p. 360), *terceiro* («... porque o *terçeiro* seja lançado fora...», *idem*, I, p. 340; «... que foy o *terçeiro* geerall da Ordem...», *idem*, II, p. 11). De *tertiariu*.

Testo *da cabeça*, *109 v.*, 6.—Crânio. Cf. «... acharam ainda um pedaço do *testo da cabeça*...», Galvão, *Cr. Af. Henriques*, p. 141. De *testa*?

Teta, s. f., *105 v.*, 12.—Ver *Dic. Etim.* de A. Nascentes.

Tibeza, s. f., *98 v.*, 4.—De *tibio*.

Tirar[1], v., *98*, 12.—Evitar.

Tirar[2], v., *101*, 22; *106*, 9.—Puxar. Cf.: «... que por sua braueza nom

se possa *tirar* a hũa parte nem aa outra...», *T. Arc.*, p. 45. Dum baixo lat. *tirare*, puxar. V. *Dic. Etim.* de A. Nascentes.

Todo, pron. ind., *99 v.*, 22.—Cf.: «... *todo* uo-l'eu cuid'a soffrer...», *Canc. Bibl. Nac.*, n.º 76; «*tod'esto* mj nós fezestes perder...», *idem*, n.º 20. De *tota*.

Tomar, v., *97* r., 9.

Toste, adv., *103*, 19, 22.—Depressa. Cf.: Ide-vos *tost* (*sic*)...», *Inéd. Alc.*, II, p. 71; «... ca elle nom podia partir tam *toste* como denia...», *Cr. Condestabre*, p. 60. Cf. também pp. 78 e 168; «... por aquelles que o requeriam averem mais *toste* seu desembargo...», Fernão Lopes, *Cr. D. Pedro*, p. 18. Havia também *tostemente*: «... foilho logo dizer *tostemente*...», *idem*, p. 67.

Transfigurar, v., *106 v.*, 22.

Traudo, adj. part. de *traher*, *98 v.*, 26.

Trauessado, adj., *101*, 19.

Trebuto, s. m., *101 v.*, 22.—Cf.: «... como me nom enviou o *trebuto*...», *Vespasiano*, p. 42. De *tributu*.

Treedor, s. m., *99*, 26; *99* r., 1, 3, 17.—Traidor. Forma muito usual no port. arc. De *traditore*.

Trepassar, v., *97 v.*, 14.—Afastar (?).

Trespassar, v., *109*, 2.—Atravessar.

Tribulaçom, tribullaccões, s. f., *106 v.*, 5; *107*, 9, 20.—Atribulação. Cf.: «... eu guardarey o mundo das presentes *tribulações*...», *Frad. Men.*, II, p. 125; «... quando me chamarem em suas *tribulaçõões*...», *idem*, ibidem, p. 126; «... lhe acorria misericordiosamente em todallas suas *tribulaçõoes*», *idem*, ibidem, p. 357; «... por o Rei nom fazer justiça vem as tempestades e *tribullaçõões*...». Fernão Lopes, *Cr. D. Pedro*, p. 10. De *tribulatione*.

Tristis, adj., *100*, 1.—Triste.

Tronba, s. m., *165*, 21.—Trompa. Ver *Dic. Etim.* de A. Nascentes.

U

Uaamonos, uaan do verbo *ir*, *97*, 8; *99*, 8.—*Vaamonos*, *97 v.*, 4.

Uarom, s. m., *100 v.*, 22.—Cf.: «... e diss': Ide-vos, *varom!*», *Canc. Vat.*, n.º 150. De *barone*.

Ueer, v., *97 v.*, 2; *99*, 11; *104*, 1.—Ver. De *videre*.

Uegada, s. f., *99*, 18.—Vez. Cf.: «... Sam Bẽeto ho amoestou muytas *uegadas*...», *T. Arc.*, p. 45.

Uellar, v., *98 v.*, 21, 22, 23. *Uellade*, *97 v.*, 17; *uellemos*, *97 v.*, 20.—De *vigilare*.

Uergonça, s. f., *165 v.*, 14; *168*, 10.—Cf.: «... este doutor nós amostra que a enjuria e *uergonça* nom é daquel que a recebe...», *Flor.*, p. 85; «... boos omẽes caem em grandes *uergonças*...», *idem*, p. 86. De *verecundia*.

Uermeem, s. m., *168*, 4; *168 v.*, 7.—De *vermine*.

Uersso, s. m., *165*, 10.—Verso, havia também *verso*: «... o ango disse hũu *uerso* do psalteiro...», *Crest.*, p. 68. De *versu*.

Uespera, s. f., *109*, 6, 7.—Cf.: «... nomenemos a hũa *uespera*...», *Monge Conf.*, 200. Variantes: «... era ja ora de *vespara*...», *Cr. Inf. D. Fernando*, p. 64; «... a oras de *vespra* çesauom os trabalhos...», *idem*, p. 94. *Vespora*: «... chegou a Barçellona huuma *vespora* de pascoa...», Fernão Lopes. *Cr. D. Pedro*, p. 76. Esta forma ainda foi usada por Mendes Pinto: «... ao longo da costa ate quasi a *vespora*...», *Peregr.*, cap. V. De *vespera*, tarde.

Uestidura, s. f., *101*, 16; *104*, 26.—Cf.: «... entom tomou a *vestidura*...», *Flor.*, p. 131; «... se nom mij pouca de *uestidura*...», *Monge Conf.*, 75; «... por sua mão tirou ao bispo todas suas *vestiduras*...», Fernão Lopes, *Cr. D. Pedro*, p. 27, e

Uistidura, *105 v.*, 20; *166*, 24.—Cf.: «... vestirom-no de *vistidura* branca

de bijso...», *Inéd. Alc.*, II, p. 65; «... deu Josep a cada huũ de seus irmaaõs duas *vistiduras*...», *idem*, ibidem, p. 71; «... vistyo de *vistidura* de relligiom...», *Fvad. Men.*, I, p. 13. Cf. também pp. 296 e 297. De

Uistir, v., *104*, 25.

Uez, s. f., *97 v.*, 25; *99*, 15.—A ~ era *ás vezes, umas vezes*: «... e *a uezes* acordaua ~ e *a uezes* esmorecia...», *Canc. Vat.*, n.º 137. De *vice*.

Uijr, v., *97 v.*, 8.—*Ueer*, *165 v.*, 10; *uinrra*, *165*, 8, 15; *vijnrra*, *166 v.*, 7, 8; *veeo*, *99*, 26.

Uinagre, s. m., *107*, 15.—De *vinu acre*.

Uistidura.—V. mais acima, depois de *uestidura*.

Uituperyo, s. m., *107 v.*, 2.

Uiuuado, adj., *106 v.*, 1.—Viúvo.

Uoontade, s. f., *97 v.*, 15, 18; *98*, 21; *98 v.*, 3.—De *voluntate*.

Uoz, s. f., *100*, 12; *100 v.*, 10; *103*, 12; *104*, 17; *108 v.*, 18; *165*, 21; *166*, 10.—Voz, grito, ruído, som. *Gritar* era *dar uozes* (*104 v.*, 9). *Tomar voz* era *tomar o partido*: «... *tomarom voz* por elle...», Fernão Lopes, *Cr. D. Pedro*, p. 47. De *voce*.

V

Vaamonos, *97 v.*, 4.—Do verbo *ir*.

Veeo.—V. *vijr*.

Vijnra e **vijnrra**.—V. *vijr*.

Y

Ymijgo, s. m., *99 v.*, 4.—De *inimicu*.

NOTA.—Como se pode facilmente verificar os passos abonatórios que introduzi no *Glossário* são produto de leituras que fiz em alguns textos arcaicos. Por êles se verifica também que as obras mais utilizadas foram as selectas de J. J. Nunes e Leite de Vasconcelos porque eram as que eu tinha mais à mão; as citações foram tiradas de lá e não dos originais. Tem êste facto em vista prevenir o estudioso de que me servi das lições daqueles venerandos mestres e que em geral não consultei as obras.

Bibliografia

ALVARES (JOÃO), *Chronica do Infante Santo D. Fernando*. Edição crítica... por Mendes dos Remedios. Coimbra. F. França Amado—Editor. 1911.

ANGLADE (J.), *Grammaire de l'Ancien Provençal ou Ancienne Langue d'Oc*. Phonétique & Morphologie. Paris. Klincksieck. 1921.

ANSELMO (ANTÓNIO), *Os Códices Alcobacenses da Biblioteca Nacional*, I. Códices Portugueses. Lisboa. Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional. 1926.

Auto das Regateiras de Lisboa. Composto por huum frade Loyo filho de hũa dellas. Publicado... por Francisco Maria Esteves Pereira. Imprensa Nacional de Lisboa. 1919.

AZEVEDO (PEDRO DE), *O Livro de D. João de Portel* no *Archivo Historico Portuguez*, vols.

—— *O Appellido Camões no Seculo XV*, no *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa, vol. IV, pp. 546-573.

AZURARA (GOMES EANES DE), *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné* segundo o manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris. Modernizada, com

notas, glossário e uma introdução de José de Bragança. Livraria Civilização. 1937.

AZURARA (GOMES EANES DE), *Crónica da Tomada de Ceuta* por El Rei D. João I. Publicada... por Francisco Maria Esteves Pereira. Academia das Ciências de Lisboa. 1915.

BOAVENTURA (FR. FORTUNATO DE S.), *Commentariorum de Alcobacensi Mstorum Bibliotheca Libri tres*. Coimbra. 1827.

—— *Collecção de Inéditos Portuguezes dos Seculos XIV e XV*. Coimbra. 1829. 3 vols.

CAMÕES (LUIZ DE), *Autos* anotados por Marques Braga. Lisboa. Imprensa Nacional. 1928.

—— *Os Lusiadas*... Comentados por Augusto Epiphanio da Silva Dias. Segunda Edição melhorada. Companhia Portugueza Editora. Pôrto. 1916. 2 vols.

Cancioneiro Portuguez da Vaticana. Edição critica por Theophilo Braga. Lisboa. Imprensa Nacional. 1878.

Il Canzoniere Portoghese della Biblioteca Vaticana messo a Stampa da Ernesto Monaci. Halle. Max Niemeyer. 1875.

CARLO (AGUSTÍN MILLARES), *Paleografía Española*. Ensayo de una Historia de la Escritura en España desde el siglo VIII al XVII. Editorial Labor. Barcelona. Buenos Aires. 2 vols. 1929.

CHIADO (ANTÓNIO RIBEIRO), *Obras do Poeta Chiado* colligidas, annotadas e prefaciadas por Alberto Pimentel. Officina Typographica da Empreza de Litteraria de Lisboa. 1889.

Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alcarez Pereira. Com revisão, prefacio e notas por Mendes dos Remedios. Coimbra. F. França Amado—Editor. 1911.

CORNU (JULES), *Grammatik der Portugiesischen Sprache*. 2.ª edição. Strassburg (Trübner). 1906.

DAUZAT (ALBERT), *Dictionnaire Etymologique de la Langue Française*. Larousse. Paris. 1938.

DIAS (A. E. DA SILVA).—V. Camões, *Lusiadas*.

FIGUEIREDO (ANTÓNIO CÂNDIDO DE), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Edição. 1913. Livraria Clássica Editora. Lisboa.

GALVÃO (DUARTE), *Chronica de El-Rei D. Affonso Henriques*. Bibliotheca de Classicos Portuguezes. Lisboa. 1906.

GASSNER (ARMIN), *Zwanzig Lieder des Joan Ayras de Santiago* na *Miscelânea de Estudos em Honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*, pp. 385-418. Coimbra. 1933.

GONÇALVES VIANA (A. R.), *Ortografia Nacional*. Lisboa. Viuva Tavares Cardoso. 1904.

Historia de Vespasiano Imperador de Roma. Conforme a edição de 1496. Publicada por Francisco Maria Esteves Pereira. 1905. Typ. da Livraria Ferin. Lisboa.

HITA (JUAN RUIZ, ARCIPRESTE DE), *Libro de Buen Amor*. Clasicos Castellanos. Edición y notas de Julio Cejador y Frauca. Madrid-Barcelona. 1931-13 (*sic*).

HUBER (JOSEPH), *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberga. 1933. Carl Winters.

Index Codicum Bibliothecae Alcobatiae...—Olisipone. 1775.

Inéditos de Alcobaça.—V. Boaventara (Fr. Fortunato de S.).

Inventário dos Códices Alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa. Lisboa. 1930-1932. 4 tomos.

IORDAN (IORDU), *An Introduction to Romance Linguistics. It's Schools and Scholars.* Trad. de John Orr. Methuen & Co. Ltd. London. 1938.

JERÓNIMO (S.), *Vida do Cativo Monge Confesso.* Versão portuguesa arcaica filològicamente comentada por Abílio M. Roseira. Separata dos tomos I e III do *Boletim de Filologia.* Imprensa Nacional de Lisboa. 1935.

João I (D.), rei de Portugal, *Livro da Montaria*... publicado... por Francisco Maria Esteves Pereira. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1918.

LEITE DE VASCONCELOS (JOSÉ), *Lições de Filologia Portuguesa.* 2.ª edição. Lisboa. Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional. 1926.

—— *Opúsculos.* Coimbra. Imprensa da Universidade. 4 vols. 1928-1929.

—— *Textos Arcaicos.* 3.ª Ediçao (*sic*) Ampliada. Lisboa. Livraria Clássica Editora. 1922.

Livros da Falcoaria publicados por M. Rodrigues Lapa no *Boletim de Filologia,* tômo I. 1933.

LOPES (FERNÃO), *Crónica de D. Fernando.* Portucalense Editora, L.da Barcelos—1933. 2 vols.

—— *Crónica de D. Pedro I.* Com uma introdução por Damião Peres. Portucalense Editora. Barcelos—1932.

MACHADO (JOSÉ PEDRO), *A fala da moura das «Côrtes de Júpiter» na Comemoração Vicentina,* separata da *Revista da Faculdade de Letras* de Lisboa. Tômo V.

MENDES PINTO (FERNÃO), *Peregrinação.* Nova Edição, conforme a de 1614, precedida de uma notícia bio-bibliográfica por Jordão de Freitas. Cosmópolis, Editora. Aguda—Vila Nova de Gaia. 1930-31. 7 vols.

MEYER-LÜBKE (WILHELM), *Romanisches Etymologisches Wörterbuch.* 3.ª Edição. Carl Winters. Universitätsbuchhandlung. Heidelberga, 1935.

MOTA (OTONIEL), *O Meu Idioma.* Setima Edição correcta. 1935. Companhia Editora Nacional. São Paulo.

NASCENTES (ANTENOR), *Dicionário Etimológico da Lingua Portuguesa.* Rio de Janeiro. 1932.

NUNES (J. JOAQUIM), *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses.* Coimbra. Imprensa da Universidade. 3 vols. 1928-1926-1928.

—— *Crestomatia Arcaica.* Excertos da Literatura Portuguesa. 2.ª Edição. Lisboa. Portugal-Brasil, Limitada. 1921.

—— *Crónica da Ordem dos Frades Menores.* Manuscrito do século XV... Coimbra. Imprensa da Universidade. 2 vols. 1918.

—— *Digressões Lexicológicas.* Lisboa. Livraria Clássica Editora. 1928.

—— *Florilégio da Literatura Portuguesa Arcaica.* Lisboa. Imprensa Nacional. 1932.

—— *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* (Fonética e Morfologia). 2.ª Edição correcta e aumentada. Lisboa. Livraria Clássica Editora. 1930.

—— *Recepção Literária na Lingua* na Revista *A Lingua Portuguesa,* vol. 1.º, pp. 9-12.

Ordenaçoens do Senhor Rey D. Affonso V. Livro II. Coimbra. Na Real Imprensa da Universidade. Anno de MDCCLXXXXII.

PEREIRA (GABRIEL), *Trechos Portugueses dos Seculos XIV e XV* no *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa, vol. V, pp. 319-335.

REINHARDSTOETTNER, *Grammatik der portugiesischen Sprache*. Estrasburgo. Karl J. Trübner. 1878.

ROSEIRA (ABÍLIO M.). — Ver JERÓNIMO (S.).

SÁ DE MIRANDA (FRANCISCO DE), *Obras do Doctor*... Nova edição correcta, emendada, e augmentada com as suas Comedias. Lisboa, na Typografia Rollandiana. 2 vols. 1784.

VASCONCELOS (CAROLINA MICHAËLIS DE), *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e comentada. Halle. 1904.

VASCONCELLOS (JORGE FERREIRA DE), *Comédia Eufrosina*. Conforme a impressão de 1561, publicada... por Aubrey F. G. Bell. Imprensa Nacional de Lisboa. 1919.

VICENTE (GIL), *Obras Completas de*... Reimpressão «Fac-Similada» da Edição de 1562. Lisboa. Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional. 1928.

VILLADA (ZACARÍAS GARCIA), *Paleografía Española* precedida de una introducción sobre la Paleografía Latina. 2 vols.: I.—Texto. II.—Album. Madrid. 1923.

VITERBO (FR. JOAQUIM DE SANTA ROSA DE), *Elucidario das Palavras, Termos e Frases que em Portugal antigamente se usaram*... Segunda Edição. Lisboa. 1365 (*sic*) = 1865.

WAGNER (MAX LEOPOLD), *Ant. Esp. «Sinoga»*; *Ant. Port. «Senoga»*, *«Esnoga»*; *Jud.-Esp. «Esnoga»*, na *Revista de Filología Española*, vol. X, pp. 398-400.

ZAUNER (ADOLF), *Romanische Sprachwissenschaft*. Sammlung Göschen. 2 vols. 1921-1926.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

Da fala de Barrancos[1]

Preâmbulo

Barrancos, no Alentejo, está situada numa elevação, a 300 ou 400 metros de distância da raia, em linha recta, e o seu território, ou concelho de Barrancos, penetra na Hespanha, como uma cunha, que fica pois delimitada por território hespanhol ao Norte, Nascente e Sul, e tem de superficie: 189,50 quilómetros quadrados (*Censo das povoações*, de 1911, p. 6). Do que resultam, naquele ponto, particulares relações sociais entre as duas nações vizinhas, e acção recíproca, maior, já se vê, da de lá na de cá, do que ao invés, atenta a pequenez e insulamento do nosso rincão[2].

Sem querermos agora ascender à idade-média (Nóudar)[3], digamos sòmente, que já num texto de 1527 *os Barrancos* figuram como uma aldeia dependente da vila de Nóudar, de 73 moradores, na maioria castelhanos[4], e que, segundo investigações que fizemos no arquivo municipal, folheando papéis velhos, o mais antigo documento em que começa a ler-se *vila de Barrancos* data de 1729; em 1728 lê-se ainda *lugar de Barrancos*. O que não posso declarar é se aqui *vila* significa ao mesmo tempo *concelho*. O actual concelho de Barrancos constitue-o uma única povoação, a vila, da qual dependem porém muitos *montes* rurais. População: 3:176 em 1930[5]. Os habitantes recebem a denominação geral de *Barranquenhos*, análoga à de *Estremenhos*[6]. Os seus principais recursos económicos provêm do campo[7], e há herdades muito grandes, como a da Russiana.

Posteriormente a 1527 pouco se sabe do grau de immigração de gentes de Hespanha para Barrancos, pôsto que se entenda que êle deve ter sido algo intenso. De um caderno de apontamentos existente na casa do S.^{or} Vazquez, que é oriundo de Hespanha, mas nacionalizado Português, consta que em 1790 viviam na vila pessoas da sua família; também êle me disse que, por causa da Guerra Peninsular, seu avô paterno se retirara de Almendro (província

de Huelva) para a mesma vila, onde se estabeleceu com grosso comércio. Na povoação corre que ainda pelos fins do século XIX as profissões de médico, mestre-escola, alveitar, coveiro, as desempenhavam exclusivamente Hespanhóis, e que bem assim havia muitos que exerciam as de barbeiro, sapateiro, carpinteiro, e negociante. Só dos começos do século XX em diante as cousas mudaram, e melhoraram em sentido português, por natural evolução do sentimento patriótico e político, acompanhada de intervenção do Govêrno Central, e por sucessivas facilidades de comunicações. Sem embargo, rara será a família barranquenha que não descenda de cepa hespanhola, ou não possua costela hespanhola. Por isso todos ou quási todos os habitantes adultos da vila, ou cultos, ou apenas instruídos de algumas letras, ou de todo analfabetos, falam, sem diferença, a lingua de Hespanha e a portuguesa. Casos curiosos. Começa por vezes uma conversação numa lingua, e acaba na outra. Um filho dirige-se à mãi em hespanhol, e ao pai em português. Um marido fala com a mulher em português, e os filhos falam entre si também português, e hespanhol com os pais. A preponderância portuguesa a que se aludiu, e o apoio das escolas primárias fazem que os novos já hoje falem menos hespanhol do que os indivíduos de 40 e 50 anos de idade.

De tal convivência adveio influência hespanhola no português, a qual muito concorreu para a formação de um tipo especial de linguagem, designado na povoação por *barranquenho*, ou *fala barranquenha*.

Vamos definir na sua essência esta linguagem, reservando para trabalho mais desenvolvido a utilização total dos muitos apontamentos que colhemos na vila e em vários *montes* por ocasião da nossa visita; e principiaremos, para maior clareza, por falar da influência lingüística hespanhola, passando em seguida a mostrar como foi que o português se houve perante ela.

Notação fonética

Transcrevemos em geral as palavras segundo a pronúncia usual. Não existindo em barranquenho, como em todo o Sul (exceptuando algumas zonas de transição), senão *ç* (=S convexo), e nunca *s* (=S côncavo), somos obrigados, pela lógica, a escrever *çete, dezaçei(h), dizaçeti, nóçu* («nosso»), *çubi* («subi»), *trôçi* («trossi», «trouxe»), *çerta*. Paralelamente escreveremos sempre *z*, como representação da consoante sonora que corresponde a *ç* (consoante surda). — Cf. o

que em 1933 escrevemos a respeito da linguagem portuguesa de Xalma (Hespanha) na *Rev. Lusitana*, XXXI, 171, § n.º 12. — Para evitar perturbação no leitor, manteremos *-ão;* podíamos transcrever por *-ãũ* (com o acento no *ã*).

I

Influência hespanhola e dialectal no falar de Barrancos reduzida a regras gerais

1. O *v* próprio da linguagem do Alentejo foi substituído por *b* em tôdas as palavras. Por outra, o som *v* não aparece em barranquenho (como não aparece na pronúncia hespanhola), embora se ouça, ou possa ouvir-se, em barranquenho, por ignorância ou afectação, uma ou outra palavra menos usual com *v* por *b*[8]. Êste fenómeno da propagação do *b* não deve surpreender ninguém, já que na parte setentrional de Trás-os-Montes não existe *v*, em Entre-Douro-e-Minho e na Beira, *v* e *b* se confundem a cada passo. Em Vila Real de Santo António estabelece-se a mesma confusão de *v* e *b*, por influência de Ayamonte. E já do latim vulgar vinha tal equivalência ou tendência.

2. Apócope ou queda do -L, e de -R finais. De um lado *Portugá, ané, funí, caracó, azú*, em vez de *Portugal, anel, funil, caracol, azul*. Do outro lado: *má, bê, fugí, anõ, Altú*, em vez de *mar, rez, fugir, amor, Altur* (Artur). Agora a influência veio directamente do estremenho de Hespanha ou do estremenho-andaluz[9].

3. Alteração do -S e -Z, igualmente finais, quer de palavra, quer apenas de sílaba. O estudo desta alteração foi o ponto mais difícil que se nos deparou no barranquenho. Eis o que apurámos, e que apresentamos como sujeito porventura a novo exame. Virtualmente -S e -Z estão substituídos nos dois casos por uma aspiração muito notável, ou H: certas pessoas idosas, analfabetas, e outras idosas ou de meia idade, que sabem ler e escrever, pronunciam: *doih* (dois), *duah, treh, çeih; adeuh* (adeus); *doih toiru, cahca* (casca), que não rima com *caca* (das crianças), *fohti* (foste), que não rima com *póti* (pote); *andémuh* (pretér. de *andar*)[10]. Uma rapariga, analfabeta, mas que conhece muito bem o barranquenho, e é desembaraçada, pronuncia igualmente *rohca* (rôsca), *ihtu* (isto), a par de: *doi* (dois), *trê, sei*, tanto em próclise, como em pausa. Mulher do povo, de pouca idade: *ehta caixa* (esta caixa), *pahtô* (pastor). Correntemente, porém, em linguagem descuidada, ou rápida, não se ouvirá sempre H por S ou Z, nem em meio de palavra, nem no fim; sobretudo no fim

(plural de nomes): *uma bê*, que rima com *êle bê* (vê), *fi* (fiz), *pêrdi* (perdiz), *nó* (nós, pronome), *nó* (plural de *nó*), *bó* (voz), *mê* (mês), *cru* (cruz), *fá* (faz), *bucá* (buscar), *pu* (pus, verbo), *lôbu* (lôbos), *hora* (horas), *bô dia!* (bons dias!); noutras formas verbais: *dizemu* (dizemos), *tibemu* (tivemos), *laba* (tu lavas), *partiremu* (partiremos).

Quando o S medial ora se substitue por H, ora emmudece, conforme as pessoas, pode indicar-se por *h*, pôsto entre parêntesis: *laba(h)ti* (lavaste). A substituïção do *s* por *h* já acontece em andaluz e hispano-estremenho[11], donde passou para o falar de Barrancos[12].

4. Mas em ligações de S com palavras começadas por vogal: *azuba* (as uvas), *uzómi* (os homens). Um rapaz de 28 anos: *doiz amiguh* (dois amigos). As ligações datam de era remota do idioma, o que impediu a mudança de S em H. Ouvi a par: *nó hoji* (nós hoje).

5. Encontramos outras classes de influências da gramática hespanhola no falar de Barrancos: quanto ao género gramatical, e quanto à colocação dos pronomes pessoais e demonstrativos.

a) No que toca ao primeiro caso, diz-se em barranquenho: *a çá* (hesp. *la sal*), *a mé* (hesp. *la miel*), *a leti* (hesp. *la leche*), *a çangui* (hesp. *la sangre*), *a fé* (hesp. *la hiel*), *a nari* (hesp. *la naríz*), *u árbu* (hesp. *el árbol*), *laranju* (hesp. *naranjo*). Exceptuando *çangui*, e *árbu*, nenhuma das restantes palavras barranquenhas sofreu alteração na forma, sofreu-a apenas no género, e portanto a influência hespanhola foi muito pequena; houve tradução, substituindo-se o género, e aportuguesando-se o *-o*.

b) A respeito da colocação dos pronomes, temos: *me bô* (vou-me), *me fi* (fui-me), *me quero pelá* (quero cortar o cabelo), e deve notar-se que a própria linguagem familiar portuguesa apresenta muitas variações na colocação desta classe de pronomes. Hespanholismos mais evidentes: *u pobu eçe...*, *a família eça...*, *u rapazitu aquele...* ou talvez com *-i* (átono).

6. Tôdas as influências de que se falou, fonéticas, etc., se reduziram, como vimos, a classes. Também se esperarão influências avulsas, e uma nos ocorre, e importante: *tu ere* ou *erí*, correspondentemente ao português tu «és». Nasceu do hesp. tu *eres*, porque, em barranquenho se quisesse dizer-se «és», esta palavra reduzir-se-ia a *é* (§ 3), e estabelecer-se-ia confusão com a 3.ª pessoa, a qual confusão se quis evitar[13]. Não faltam, em verdade, outras confusões verbais em barranquenho, como consta do § 11; com o verbo *sê* (ser), o caso difere, pois êsse verbo, além da sua significação própria e muito importante, tem muito uso como verbo auxiliar.

7. Falar das relações do vocabulário ou léxico barranquenho com o hespanhol levar-nos-ia mais longe do que pretendemos nesta breve síntese. Lembremos à toa as seguintes palavras: *calabaça* (comestível. Como vasilha diz-se *cabaça*), *côdu* (a par de *cotovêlo*), *culébra* (a par de *cobra*), *nutra* (lontra), *pilú* (por pilar: chafariz), *tubilhu* (hesp. *tobillo*), ou «tornozelo».

*

8. Por causa do grande número de palavras portuguesas, isto é, alentejanas, em que entra *v. -l, -r, -s, -z* — para só insistir em regras dadas — vê-se, com as alterações que essas consoantes sofreram (§§ 1, 2, 3), que chusma de modificações apareceram no barranquenho, e imagina-se quanta repercussão vieram a ter em vários capítulos da gramática, onde às vezes surgem formas ou correspondências aparentemente extraordinárias.

9. Quem esperaria, por exemplo, que um nome masculino em -ô terminasse no feminino em *-ra?* E contudo, a palavra *lavrador* torna-se *labradô* (§ 2.º), no feminino *labradôra*, mantendo-se inalterada a primitiva terminação feminina.

10. A apócope ou queda do *-s* e *-z* (§ 3), e do *-l* (§ 2.º), produz plurais como:

— cineu *tohtòi*, de *tohtão:* forma primitiva do plural *tostões;*

— cineu *cruze*, de *cru:* forma primitiva do plural *cruzes;*

— cineu *perdize*, de *perdi:* forma primitiva do plural *perdizes;*

— cineu *olivái*, de *olivá:* forma primitiva do plural *olivais.*

Em tais repercussões a influência hespanhola é só parcial, porque nessa língua se diz *tostones*[14], *cruces, perdices, olivares.*

11. Da mesma síncope do *-s* originaram-se plurais iguais a singulares: *xapéu* (chapéu), cineu *xapéu; casa*, cineu *casa*. E ao mesmo tempo uniformidade de flexões verbais: *laba*, 2.ª pessoa do singular, igual à 3.ª; *lababa*, 2.ª pessoa do singular, igual à 1.ª e à 3.ª

12. *N. B.* — De haver inúmeras palavras hespanholas em que a *e* e *o* correspondem em barranquenho os mesmos ou análogos sons, provindos de ditongos primitivos, como *primeru, pôcu* — e até séries de formas verbais, como *amé, amaste, amó,* em barranquenho *amê* (a par de *amí*), *amati* ou *ama(h)ti, amô* — não se infira mais uma acção daquela linguagem nesta. A redução dos ditongos *ei, ou* a *ê, ô* é própria da linguagem do Sul de Portugal[15], e aparece pois naturalmente no barranquenho[16].

II

Carácter português do barranquenho

A esta influência hespanhola — e dela não dissemos tudo, ficando algo para o trabalho desenvolvido que prometemos — contrapõe-se o ter carácter português a parte mais importante da gramática barranquenha.

13. Na Fonologia, deparam-se-nos logo, desde as origens latinas do hespanhol e do português, fenómenos como os seguintes:

Às palavras portuguesas *terra, corpo, chão, chamar, oito, má, mão, ano, cavalo,* correspondem em hespanhol *tierra, cuerpo, llano, llamar, ocho, mala, mano, año, caballo,* por efeito de leis gerais que regulam as relações dêstes dois idiomas com o latim, e que são aqui:

Ĕ e Ŏ (*e* e *o* breves), ditongam-se em hespanhol respectivamente em *ie* e *ue*, ao passo que em português se tornam *é* e *ô*.

PL-, CL-, -CT- tornam-se em hespanhol *ll-*, ll-, -ch-, e em português *ch-*, *ch-*, *-it-*.

-L-, -N- latinos desaparecem em português, e conservam-se em hespanhol.

-NN- e -LL- estão representados em hespanhol, respectivamente, por -ñ- e -ll-, e em português por -n- (til) e *l*.

São fenómenos fundamentalmente antinómicos entre si, do que nenhum filólogo duvida. E note-se que todas as referidas palavras portuguesas são ao mesmo tempo barranquenhas (só há-de mudar-se a grafia, pois *-o* vale *-u*, e a *ch* corresponde aqui *x*), o que equivale a falar de antinomia barranquenho-hespanhola.

14. Conquanto em português muito remoto *-o* final tivesse som aproximado do que tem em hespanhol, há hoje diferença radical entre as terminações barranquenha e hespanhola: *câmpu, campo.* A síncope que freqüentemente se dá de *d* intervocálico em hespanhol moderno, *soldao,* não se dá em barranquenho: *soldadu,* não *soldao* nem *soldau*.

15. Não existe *ch* em barranquenho, tão freqüente em hespanhol e no Norte e Centro de Portugal. Como no resto do Alentejo, também em Barrancos corresponde *x* àquele som.

16. Não há em barranquenho nem *j* nem *z* hespanhóis, e quando entram em barranquenho palavras com estes sons, aportuguesam-se.

17. No *dialecto hispano-extremenho* ouve-se *y* correspondente a *ll* (*l* molhado), por exemplo, *cabayo* (caballo), e às avessas *ll* por *y*, por exemplo, *buelles* (bueyes): cf. os meus *Opúsculos,* IV, 817. Nada disto acontece em barranquenho.

18. Às palavras portuguesas acabadas em *-e* átono corresponde em barranquenho ou pode corresponder (a pronúncia é facultativa) *-i*, por exemplo, *tôrri*, o que também acontece noutros sitios do Alentejo, v. g. Moura. Êste fenómeno não se dá no hispano-extremenho.

19. No Género gramatical temos: *furão–furona* contrapostos ao hespanhol *hurón–hurona*: *bõ–bou* ou *bõa* (que ouvi a uma só pessoa, mas muitas vezes) contrapostos a *bueno–buena*.

20. Aumento e deminuïção. *Ratão* é rato grande; *mulhêrõna* tem a significação usual. Não posso dizer se os aumentativos em *-ão* são muito freqüentes. Deminutivos em *-inh-*, antigos, são *Coitadinha*, nome de uma herdade, de *coitada* ou «coutada», e *Fontainhas*, nome de um sítio. Estes dois deminutivos, por serem topónimos enraïzados, mostram serem restos do antigo português de Nóudar, ou de Barrancos, anteriores à influência hespanhola. Todavia há outros deminutivos em *-inh-*, como em português usual: *bacurinhu* (bacorinho), *coitadinhu! pobrezinhu! gatinhu*, *pertinhu* (advérbio). Em *farrajalitu*, de «ferragial», pode o *ito* ser aqui de influência hespanhola; *canito*, como em hespanhol, é deminutivo que se ouve muito no Alentejo. Nomes de carácter depreciativo: *burricâlhu*, burro que anda pouco; *burrâncu*, burro pequeno, até 2 anos.

21. Gradação. Parece que ao superlativo português em *-íssim-* corresponde freqüentemente uma expressão perifrástica: *mũ grande*, *dia mũ chuvozu*, *mũ pértu* (advérbio), e com sintaxe hespanhola, *que campu mai grande! que gátu mai grande! que home mai pequeninu!* Em português usual diz-se *tão*. A língua hespanhola tende aqui para o exagêro. Também *quê gatu!*

22. Numerais cardinais. A par de diferenças fonéticas, como *um*, em barranquenho, correspondente ao hesp. *uno* (em próclise *un*), *uma*, correspondente ao hesp. *una*, *doi(h)*[17], correspondente ao hesp. *dos*, *dua(h)*, também em hesp. *dos* (na língua arcaica *duas*, *dues*), *çete* (ou *çéti*), *oitu*, *nobe* (ou *nóbi*), *de(h)*, *onze* (ou *onzi*), *doze* (ou *dozi*), *treze* (ou *trezi*), *catorze* (ou *catorzi*), *quinze* (ou *quinzi*), correspondentes em hespanhol a *siete*, *ocho*, *nueve*, *diez*, etc., há outras, de outra natureza, como: *dizaçei(h)*, *dizaçeti*, *dizanobi;* em hespanhol, analìticamente: *diez y seis*, *diez y siete*, *diez y nueve*. O numeral que fica entre os dois últimos é em barranquenho *dizoitu* (do português arcaico *dezaoito*)[18], em hespanhol *diez y ocho*. No seguimento dos números há também diferenças fonéticas entre hespanhol e barranquenho, como em português normal. Nos ordinais: *çigundu*, *çe(h)tu*, *oitabu;* em hespanhol *segundo*, *sexto*, *ochavo* (arcaico; modernamente *octavo*), etc.

COMENTO. — O povo baixo tem dificuldade de contar além de certo número. Um velhote, a quem preguntei a idade, respondeu-me que casára de 20 anos, estivera casado 22, e estava viúvo havia 26. Não sabia juntar as parcelas, nem contar acima de 60. Mais lhe preguntei como fazia para contar sardinhas, respondeu: «bortaria a contá sigunda bê», por exemplo, até 20, e ia repetindo.

Os pastores não costumam contar senão até cincoenta cabeças de gado, quantidade a que chamam *çincuentana*. Cada cincoentana que vão formando é marcada por uma pedrinha, e no fim dizem: tantas cincoentanas. Havendo fracções, dez, vinte, etc., diz-se por exemplo: *tre(h) çincuentana* e mais *dé* ou *binti* (cabeças)[19].

23. Pronomes pessoais. Algumas formas barranquenhas comparadas com formas hespanholas:

eu (em próclise *ê*)	*yo*
ela, singular e plural	*ella, ellas*
nó	*nosotros*[20]

Forma correspondente a «vós» não existe em barranquenho, estando substituída pelo *pronomen reverentiae* no plural: *bonçede, monçede, bonçere*, ou com *-i*. No singular diz-se *bonçê, bôçê, monçê*. O singular assenta em vossa mercê, o plural em vossas mercedes (em latim: vostras ou vestras mercedes).

plural *ele(h)* ou *-i*	*ellos*
plural *ela(h)*	*ellas*

24. Possessivos:

meu, singular e plural (em próclise *mê*)	*mio, mi; mios, mis*
teu, singular e plural (em próclise *tê*).	*tuyo, tu; tuyos, tus*
seu, singular e plural (em próclise *sê*)	*suyo, su; suyos, sus*
nóçu, singular e plural	*nuestro, nuestros*
minha, singular e plural (mas em português arcaico era *mia, mha*)	*mia, mi; mias, mis*

25. Demonstrativos:

aquela, singular e plural	*aquella*
aquele, plural	*aquellos*

26. Artigos:

u, a	*el, la*
u(h), a, plural	*los, las*

27. Pronomes indefinidos:

àrgum, singular e plural	*alguno*
ninhum, ninhũma, singular e plural	*ninguno*
dâmbu (ambos)	*ambos*
àrguèi	*alguien*
ninguèi	*nadie*

28. Conjugação.

a) À semelhança que tem a conjugação barranquenha com a hespanhola (deixando de parte a que provém da semelhança original desta com a portuguesa) responde por outro lado o barranquenho com diferenças essenciais, tais como: falta de ditongação em muitas formas verbais, por exemplo: barranquenho *-érom* (nos pretéritos), oposto a hesp. *-ieron;* barranquenho *acerto,* oposto a hesp. *acierto;* barranquenho *ê mô* (do verbo *moé*, lat. *mŏlĕre*), oposto a hesp. *muelo;* barranquenho *bôrbu,* de *borbê* (volver), oposto a hesp. *vuelvo.* Não são apenas diferenças avulsas, são diferenças que formam séries, e que portanto são íntimas. — Acêrca dessa falta de ditongação, cf. o § 13.

b) Diferença essencialíssima está também na não-existência de pretéritos fortes em *-o,* no barranquenho, ao contrário do que acontece em hespanhol. Por exemplo (3.ª pessoa do singular):

Barranquenho	Hespanhol
côbi (coube)	*cupo*
çôbi (soube)	*supo*
fê	*hizo*
pô	*puso*
pôde ou *pôdi*	*pudo*
qui	*quiso*
(s)tobe	*estuvo*
tebe ou *tebi*	*tuvo*
trôçi	*trajo*

29. Partículas. Sem dúvida possue o barranquenho muitas partículas ou locuções importadas do hespanhol, como: *asina, ansina* (hesp. arc. ou dialectal, Pidal, § 128) a par de *ansim; áta,* talvez

pronunciada *ahta,* do hesp. *hasta; çigún,* de *segun; á bezi,* de *a veces;* outras que são originàriamente comuns ao português e ao hespanhol, como: *dende* (portug. dialectal, e hesp. arc.); *para* (ou *pa: pà casa*=para a casa, *pa todà vida, pa riba*), *entre, cá, lá; acá, allá* (portug. arc.; hesp. *acá, allá*); há porém outras que não há ou não encontro iguais em hespanhol, ou têm forma algo diferente, como: *mesmu,* hesp. *mismo; mũ* ou *mum, muntu; poi, mái; tàrbê* (talvez); *ôji, onte, ant'onte* ou *anti onte, tresant'onti, des, des aqui; ande, aonde, onde; «aondi bái?»* a par de *«ondi bai?»* (2.ª e 3.ª pessoas), *em compá,* ao pé de, *de com-par,* cf. *apar.*

30. Ao ríspido advérbio *nó, que nó!* (em hespanhol antigo *non,* em português também antigo *non*) contrapõe-se em Barrancos *não,* que em próclise toma as formas *nã, na.*

31. Interjeição: *adeu* (*adeu, flô!...* em barranquenho; *adiós* em hespanhol).

III

Textos populares

Para o leitor fazer melhor ideia da fala de Barrancos, aqui se lhe oferecem alguns textos populares, em prosa e em verso.

1. Um continhu

Era ũma zorra i ũ môxu[24]. I le di a zorra áu[22] môxu:

— Anda cá, compádri môxu.

— Não! cumádri zorra, que logu me[23] cômi[24].

— Nã te[25] cômu, compádri môxu, purqu'agora tem bindu[26] ũma ordẽ du[27] bixinhu[28] nã fazênu[29] má[30], ũ[31] òzôtru[32].

— Poi tê[33] que dizê trê bêzi: *môxu cumí!*

Bàxando áu xão[34] u môxu, a[35] zorra abrí[36] a bôca, pâ comê u môxu. A zorra bái a dizê: *môxu cumí!* i u môxu saí[37] a buá[38], dizendu:

— A[39] ôtru, ma[40] não a mi!

(Contado por uma mulher de meia idade).

2. Três cantigas

Uzólhu requerê ólhu[41],
I u curação curaçôi[42],
I u meu[43] riquerê uh[44] teu
Em certa ucaziôi[45].

Barrâncu, pu sê Barrâncu[46],
Tambẽi tẽi çérrah de pãu[47],
Tambẽi tẽi moçah bunita,
I preta cumò carbão[48].

Quandu abali[49] de Barrâncu,
Ôlhi[50] para trá, xurandu:
Adeu, amô da minh'alma[51],
Que lonje me bai[52] ficandu!

Epilogo

Não raramente me preguntaram em Barrancos se o barranquenho era um dialecto. Tomando-se *dialecto* na acepção vulgar de diferença com que se fala uma língua em diversas terras da mesma nação[53], não se ficará muito aquém da verdade, chamando assim ao barranquenho.

Lembre-se agora o leitor de que do documento de 1245 (vid. nota 3) se infere que então coexistiam no castelo de Nóudar dois idiomas: o hespanhol, por tradição antiga, e o português, oficialmente, em luta instintiva, ou sub-consciente, um com o outro, isto é, transmitindo-se ao português elementos hespanhóis, nuns casos, e resistindo noutros o português a admiti-los, ou admitindo-os, por assim dizer, contrafeito. Ainda em 1527 a maioria da população de Barrancos era castelhana (supra, p. 159); e só com o rodar dos anos, e por influência política (administração local), a supremacia lingüística passou para o português.

Disso, e de se ter formado o barranquenho, resultou falarem de três maneiras os habitantes de Barrancos, ou por outra, serem quási trilingues (digo *quási*, por não disfrutar o barranquenho foros de língua). Por exemplo:

Português	Hespanhol	Barranquenho
lavrador	*labrador*	*labradô*
narizes	*narices*	*narizi*
ouviam	*oian*	*obiõ*
caio	*caigo*	*cáyu* (= *cá-yu*, com *y* semi-vogal)

O barranquenho, no seu estado actual, e segundo o conhecimento, por ora muito imperfeito, que possuo dêle, parece-me constituir variedade notável, e especialíssima, do falar do Alentejo,

devida principalmente à influência hespanhola, de que se falou no cap. I, ainda que sobrepujada pela portuguesa, como se viu do cap. II[54].

Na classificação que estabeleci, e adopto, dos dialectos continentais do português, o falar do Alentejo faz parte do dialecto meridional, pôsto aí em paridade com os falares da Estremadura e do Algarve[55].

Tanto por ser produto da nossa história, e estar intimamente ligado com a nossa língua comum, e a dialectal, como porque, por alguns dos seus fenómenos concorrerá para o estudo das línguas mixtas (problema a que em Glotologia geral se concede muita importância, conforme já ponderámos a propósito do português que se fala na região hespanhola de Xalma[56]), o barranquenho merece que se lhe dedique desvelada atenção, e não se deixe morrer sem que a sua gramática e léxico fiquem devidamente investigados. O que acima se expôs não passa de modestíssima contribuïção para se alcançar êsse *desideratum*[57].

Notas

[1] Visitar Barrancos foi para mim, durante longos anos, uma aspiração, um sonho. Pois eu conhecia a maior parte de Portugal, e grande número de outras nações, e nunca tinha ido a Barrancos, terra tão importante para os meus estudos filológicos!

É certo que na *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, impressa em Paris em 1901, consagrei umas páginas à fala de Barrancos, baseado nuns apontamentos manuscritos que me dera, já não me lembro quem, e, mais que tudo, em informações orais do D.^{or} Higino de Sousa, médico-oculista, que exercia clínica em Lisboa, natural de Barrancos, ora falecido, e que sabia a linguagem popular da sua terra; mas convinha-me ouvir falar muita gente, comparar entre si certas expressões, averiguar pronúncias. E isso apenas o conseguiria indo a Barrancos eu próprio.

Proporcionou-se-me em 1938 o ensejo de satisfazer a aspiração, e trazer à realidade o sonho.

[*] Mercê da benevolência do Rev. Cónego Alfredo Augusto de Almeida, Pároco de Barrancos, das minhas relações (epistolares) havia tempos, e vizinho e amigo íntimo do S.^{or} José Jerónymo Vazquez, bondoso e abastado proprietário, prontificou-se êste S.^{or} a receber-me em sua casa: e para lá parti de Moura em 20 de Junho, no automóvel do S.^{or} José Fialho, Primo do S.^{or} Vazquez,

e que com um dos seus Filhos tivera o incómodo de ir de propósito àquela vila por minha causa.

Assim que entrei na habitação do S.or Vazquez, espaçosa e fresca (um regalo em pleno verão!), achei-me rodeado de inúmeros cuidados e carinhos, tanto da sua parte, como da de sua Mana, a Ex.ma Senhora D. Maria das Dores Vazquez Pérez Blanco, que vive com êle, e à qual, pelas atenções e mimos de que, como depois observei, enchia o Irmão, deverei chamar sem lisonja verdadeiro Anjo do lar.

Da antecâmara dos meus aposentos fiz, pois, centro de estudos: e os meus hospedeiros principiaram a recrutar *vítimas* que haviam de servir para responderem às minhas preguntas. Foram as primeiras os próprios criados da casa, sempre à mão e prontos. Que sabedor não era, entre êles, o João, algo idoso, de inesgotável paciência! Outras vítimas vieram da vila, e muitas descortinei-as eu, começando, logo no dia imediato ao da minha chegada, a percorrer esta, em companhia do S.or Cónego Almeida. E não tardou que eu estivesse vantajosamente relacionado por tôda a parte. Ninguém passava ao pé de mim, com quem eu não conversasse, e de quem não recebesse resposta acompanhada com um sorriso amável. O que me animava, cada vez mais, a prosseguir afoito à demanda do *velo d'oiro*. E algo obtive.

Ao que apanhei da bôca do povo, durante 25 dias que estacionei em Barrancos (contando o da chegada, ao anoitecer, e o da saída, à tarde), acrescem duas listas de frases: uma, organizada a meu pedido, pelo S.or Cónego Almeida, e que êle me mandara para Lisboa, antes da minha ida a Barrancos; outra, que me oferecera na vila a Ex.ma Senhora D. Cesária de Figueiredo, Espôsa do D.or Filipe de Figueiredo (acreditado Médico municipal de Barrancos), e por gôsto inato habituada um tanto a observar, com atenção quási filológica, a linguagem das pessoas do povo que ouve falar. E a mesma ilustre Senhora teve depois o incómodo de rever atentamente as provas dêste meu trabalho.

A par com as facilidades que os meus hospedeiros me deram para eu estudar o principal da gramática, e umas amostras do léxico, fizeram o favor de, a pouco e pouco, me apresentar aos seus parentes, com o que de facto igualmente lucrei. O S.or Francisco Garcia Pérez, por exemplo, e sua Ex.ma Espôsa, D. Maria das Dores Blanco Fialho Garcia, convidaram-me para passar um dia no sumptuoso *monte* da sua herdade da Coitadinha ou Coutadinha, onde existiu Nóudar; e a Ex.ma Senhora D. Maria Pulido

Vazquez ofereceu-me três objectos arqueológicos (um machado de pedra polida, um pesinho de chumbo, e um vasinho bicónico de barro, em dois pedaços), provindos de uma antiga mina de cobre, da herdade da Butefa, concelho de Barrancos, pertencente ao Sr. José Jeronymo Vazquez, e explorada em tempo por Inglêses. Estes objectos irão um dia para o Museu Etnológico.

Retirei-me da vila em 15 de Julho. E ao S.^{or} António Vazquez Garcia, Sobrinho dos meus hospedeiros, devi o obséquio de me acompanhar até Moura no seu automóvel.

Que aprazíveis e úteis dias logrei em Barrancos! Como constantemente, e com saüdade, os evoco! E de-veras me lamento de haver deixado a minha visita para idade tão provecta! Em verdes anos maior proveito eu colheria, por se estender ainda diante de mim dilatado campo de trabalho. Farei todavia o que puder. Ao menos não me pesa na consciência que eu jamais na vida perdesse tempo.

Confesso que vim penhoradíssimo a tantos quantos aqueles com que tratei na vila e arredores, de tôdas as classes sociais; e màximamente, conservo acesa na minha alma gratidão à constante afabilidade que o S.^{or} Vazquez e Ex.^{ma} Irmã me dispensaram, aos quais considero já, e continuarei a considerar, no número dos meus mais prezados amigos. Em boa hora o S.^{or} Cónego-Prior de Barrancos me guiou apostòlicamente para a porta de pessoas tão generosas.

[2] **Etimologia de «Barrancos»:**

Esta palavra é plural de *barranco,* que tem dois sentidos:

a) Na lingua geral, escavação feita normalmente por chuvas, por enxurradas; escavação irregular, ou cova, em sitio campestre, já antiga, e de várias origens, às vezes com mato, silvas, etc., que aí cresceram.

b) No primeiro sentido a palavra desenvolveu-se no Alentejo e Algarve na acepção de «rio que se forma no inverno, e seca ou pode secar no verão».

O existir na matriz predial de Barrancos um sítio denominado *Barrancais,* que só pode provir de *barranco* em qualquer dos sentidos definidos no § *a,* leva a crer que o nome da vila se relaciona com o que fica dito no § *b.* Isto é: um conjunto de rios não se designaria por um substantivo colectivo acabado em *-al* ou *-ais;* só pelo plural. De facto, há perto da vila muitos dêstes barrancos: do Arroio, a 4 quilómetros (entra no Mortigão); barranco da Coitadinha (nasce ao pé da vila, mas na Hespanha); barranco da Cabra, das Parras, da Matança, etc. Cf. Barrancas, nome de um sítio, na

freguesia de Santo Aleixo, concelho de Moura. Na toponimia não faltam nomes de correntes fluviais no plural, nem no feminino, derivadas do masculino: *Corga, Corgas, Regachinha:* vid. os meus *Opusculos,* III, 11–12. Outros: *Rios, Regueira, Regueiras,* etc. Cf. *ria.*

[3] Acêrca do castelo de Nóudar: vid. Matos Sequeira in *Boletim dos Arqueólogos* do Carmo, XI, 650, onde se refere a um documento de 1283, era de César, ou 1245, de Cristo, do qual consta que Nóudar entrou então (ao que parece) no domínio português (pelo menos é êste o mais antigo texto que se conhece a tal respeito). Vid. seguidamente outras datas na *Etnografia Portuguesa,* II, 228. Nóudar foi doado à Ordem de Avis em 1307: *Etnog. Port.,* II, 515; e feito couto de homiziados (para aumento da população local) em 1308: G. Barros, II, 245. Étimo de Joaquim da Silveira, in *Rev. Lusit.,* XXXV, 79, sgs.

Nóudar está hoje desmantelado. Sucedeu-lhe històricamente Barrancos.

[4] *Povoação de Entre Tejo e Guadiana* no *Archivo Hist. Port.,* IV, 340.

[5] *Censo da população,* p. 30.

[6] Cf. o que escrevemos na *Rev. da Univ. de Coimbra,* XI, 147.

[7] Cf. *Estatistica agricola do concelho de Barrancos* (do Ministério da Agricultura), 1893, n.º 1.

[8] Uma mulher analfabeta, que falava bem o barranquenho, mas estava habituada a servir em casas boas, empregava *r*, quando falava português. Há outros casos.

[9] Vid. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise,* pp. 151–152.

[10] É curioso que as pessoas da segunda categoria, a que nos referimos, apontavam para o caroço ou nó da garganta, isto é, saliência da laringe (cartilagem tireóide), quando diziam as palavras em que havia *h* aspirado. Assim indicavam, e com razão, o órgão e o local em que o *h* se produz.

[11] *Esquisse,* p. 151.—A povoação hespanhola mais vizinha de Barrancos é Encinasola (prov. de Badajoz). Num excelente estudo de geografia lingüística publicado na *Rev. de Filologia Españ.,* XX, diz-se que na mesma província *s* e *z* «se confunden en posición final, reduciendose a una aspiración más ó menos atenuada ó asimilada a la consonante siguiente», p. 227. Já em 1883, baseando-nos em *El Folk-lore Frexnense,* indicámos a existência do *-h* por *-s* e *-z*: vid. os *Opusculos,* IV, 814–815.—A *-h* por *-s,* na Extremadura hespanhola, alude Krüger, *Westspanische Mundarten,* p. 217; e cf. p. 307.

[12] De alguns caracteres do andaluz moderno, e entre êles *-s*>*-h*, fala Diego, *Gram. hist. castell.*, p. 12, e diz: «el andaluz, salvo en detalles accidentales, es el castellano transplantado en la Reconquista». — Os autores do estudo de geografia lingüística, citado na nota antecedente, mencionam três modalidades de S na província de Badajoz: as duas, que já mencionámos:

1. *s* ápico-alveolar, côncavo, de timbre relativamente grave, como o *s* castelhano, chamado s *grosso* pelo povo, sobretudo quando apresenta certo matiz palatal (*x* português);

2. *s* pre-dorsal ou dento-alveolar, convexo, mais suave e agudo que o antecedente;

e além dêstes:

3. *s* coronal, pre-alveolar ou post-dental, plano, de fricção mais suave e também mais agudo que o primeiro. Vid. *Rev. de Fil. Esp.*, vol. cit., pp. 230–231.

[13] Já por motivo análogo o hesp. *eres* se tirou conhecidamente do futuro latim *eris*, de sum, e não da 2.ª pessoa do presente dêste verbo, *es*, que se confundiria com a forma viva da 3.ª pessoa, *es*, de est. Existem íntimas relações entre o presente e o futuro, considerados em geral. Em gótico emprega-se o presente pelo futuro, e nós os Portugueses dizemos também: *vou* logo, por *irei* logo.

[14] Por acaso a palavra hespanhola *tostón* (plural *tostones*) não é mais que representação da portuguesa *tostão* (plural *tostões*).

[15] Vid. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, p. 109.

[16] A comparação que acima instituí com o hespanhol seria mais elucidativa, se eu a pudesse fazer em todo o sentido, e directamente, com o andaluz ou extremenho-andaluz.

[17] Aqui e noutros casos abstraio do *h*, que pode ser, ou é, comum ao hispano-extremenho e andaluz.

[18] Vid. os meus *Opúsculos*, IV, 957.

[19] Comparável a *cincoentana* é *vintado* em Trás-os-Montes, também na contagem do gado: vid. *Lições de Filologia*, 2.ª ed., p. 298. Num insignificante artigo publicado em 1880–1881 numa revista intitulada *O Pantheon* (Pôrto), p. 153, indiquei, segundo um livrinho de Zaborowski *L'origine du langage*, a incapacidade em que vários povos, colocados na escala ínfima da civilização, se encontram para contar. Alguns não vão, por exemplo, acima de 2, 3, 4, 5, 6. Outros trabalhos sôbre o assunto: Tylor, *La civilisation primitive*, I, cap. VII, «L'art de compter»; Letourneau, *La Sociologie*, 3.ª ed., «Des aptitudes mathématiques», p. 585; Prof. M. Haberlandt, *Etnografía* (Editorial *Labor*), 1926, pp. 156 sgs., onde estabelece

que a falta de conceitos numéricos elevados não resulta de defeito de inteligência, mas de não terem os respectivos selvagens necessidade de contar além dos números que possuem. — Fôsse qual fôsse nos exemplos portugueses tradicionais, relatados no texto e nas notas, a origem primitiva do limite de contar, podemos admitir que êle depois se manteve como costume.

Vem a propósito lembrar, como notícia comparativa, um curioso caso patológico que observei no Douro em 1938.

F., de 45 anos, trabalhador rural, teve aos 8 anos uma doença nos ouvidos, de que resultou ensurdecer quási de todo, e conseqüentemente perdeu a nitidez da fala, conservando apenas algumas palavras daquele primeiro tempo da vida, e juntando outras, ora suficientemente pronunciadas, como *binho, auguardente* (por se referirem a ideias que lhe são familiares), ora alteradas, como *minagre* (vinagre), *canta* (cântara, por «caneca»), *milo* (milho), e às vezes desfiguradas, como *zeitezolina* (gazolina), formada de *azeite* e *gazolina*, e, mais que nenhuma, *catapóble* (automóvel: as primeiras três sílabas são as de *catrapós*, *-ble* de *automóvel*). O povo chama-lhe por alcunha *o Mouco*.

Entende por gestos, que se lhe fazem, o que se lhe quere dizer, e também gritando-lhe muito alto ao ouvido. Talvez o que na vida entendeu melhor, foi o consentimento que a mulher, com quem casou, lhe deu para casar. É esperto, e ninguém o engana em contas, ainda que estas as faz assim:

Não pode contar além de 40, e usa as fracções 5, 10, 20, dois *cincos*, dois *dozes*, dois *vintes*, etc., ou então 25, por ser um quarteirão, e nesse caso: dois, três, etc., quarteirões. Dando-se-lhe uma nota de cem escudos para trocar, diz-se-lhe que ela tem *cinco vintes*, isto é, corresponde a outras tantas notas de vinte escudos cada uma. Será a conta mais alta que faz. Se trabalha duas semanas, conta dois *seises*.

[20] Do fim da idade-média para cá. Até então era *nós* (como em português): Pidal, *Gramát. hist. españ.*, 5.ª ed., p. 215.

[21] «mocho».

[22] «ao».

[23] Soa enfàticamente *mê*.

[24] «comes».

[25] Soa enfàticamente *tê*.

[26] «Veio». Hespanholismo sintáctico. Também se diz: *tem sabido* por *soube* (pretérito indefinido pelo definido). Cf. Garcia de Diego, *Gramática castellana*, § 268.

[27] «dos».

[28] «bichinhos».

[29] «fazer-nos» (a nós). Impessoalmente.

[30] «mal».

[31] «uns».

[32] «aos outros». Isto é: «para nós não fazermos mal a nós próprios, uns aos outros».

[33] «tens». Com *que*, hespanholismo. Em português seria: tens de.

[34] «chão».

[35] O *a* pronunciado enfàticamente *á*.

[36] «abriu».

[37] «saíu».

[38] «voar».

[39] Soa enfàticamente *á*. Aqui, e noutros exemplos de cima, a ênfase é individual e ocasional na narração, um pouco de influência hespanhola.

[40] «mas».

[41] Plural. Nos dois casos *ólha* é plural.

[42] Plural.

[43] «os meus».

[44] Acêrca do *h* vid. o § 3.

[45] Plural.

[46] «Barrancos».

[47] «serras de pão». Acêrca do *h* vid. o § 3. *Serras de pão*, isto é, montões de cereais na eira, antes da malha.

[48] Cantiga muito curiosa, por se aplicar aqui a um dos caracteres físicos da gente da região (ser trigueira). Canta-se, porém, noutras terras, dando-se-lhe também aplicação local, por exemplo:

Lisboa, por ser Lisboa,	Também tem moças bonitas
Também é terra de pão,	E claras como o carvão...

Pertence à classe das cantigas que na *Etnografia Portuguesa*, II, 688, coluna 2.ª, chamei *fórmulas geográficas*.

[49] «abalei», «parti».

[50] «olhei».

[51] Variante: Adeu, bila da minh'alma.

[52] «vais».

[53] Contador de Argote, *Regras da lingua port.*, 2.ª ed., Lisboa 1725, «Dos dialectos», p. 291.

[54] Vid. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, p. 150.

[55] Fica assim pois resolvido o problema pôsto na minha *Etnografia Portuguesa*, II, 248, nota 3.

[56] A propósito lembramos, por exemplo, as seguintes obras:

G. von der Gabelentz, *Die Sprachwissenschaft*, 2.ª ed., Leipzig 1901, liv. III, pt. 2.ª, § 23.

O. Jespersen, *Die Sprache*, ihre Natur, Entwicklung und Entstehung (trad. do inglês), Heidelberga 1925, liv. III, cap. XI, § 8.

F. Krüger, *Mezcla de dialectos*, Madrid 1924.

H. Paul, *Principles of the history of language* (trad. do alemão), Londres 1891, cap. XXII.

A. H. Sayce, *Principes de Philologie comparée* (trad. do inglês), Paris 1884, cap. V.

J. Vendryes, *El Lenguaje* (trad. do francês), Barcelona 1925, pt. IV, cap. 4.º

[57] Notemos que na parte teórica do nosso trabalho é possível que estudos subseqüentes nos façam mudar de parecer num ou noutro ponto, e também emendar algum *êrro de facto* que cometêssemos. Fique o leitor desde já prevenido.

ÍNDICE

Preâmbulo 159
Notação fonética 160
I. Influência hespanhola e dialectal no falar de Barrancos reduzida a regras gerais 161
II. Carácter português do barranquenho 164
III. Textos populares 168
Epílogo 169
Notas 170

Mosteirô (Douro), 20 de Agosto de 1938.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Miscelânea

1. Não se há não preguntar

Cette phrase, citée dans mon article (*Bol.* v, 168), a été mise en doute par la rédaction du *Boletim:* «Deve ter havido lapso no original. Seria preferível apresentar o exemplo popular, muito corrente: *Não pude deixar de não fazer*»[1]. J'avais déjà cité la même phrase comme exemple de «Rahmenstellung» (redoublement d'un mot de façon à former un cadre: *eu por mim* TINHA-ME *lembrado,* TINHA; *êle não as* TRAZ *bem guiadas, isso não* TRAZ; *Ora, isso é graça.*—É *graça* É, MAS...) dans mes *Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik,* p. 271: êle se houve, comme les exemples que je viens de mentionner, dans le roman de Diniz, *As pupillas do snr. reitor:* à la p. 179 il y a un dialogue entre le «reitor» et le chirurgien João Semana où celui-ci tâche de percer le fonds d'une «conspiration» que le curé a vaguement indiquée, mais dont il ne veut pas éventer le secret: j'abrège le dialogue:

> JOÃO SEMANA: ¿Que diabo era o que combinavam?
> REITOR: —Combinavamos...
> O reitor achava-se um pouco embaraçado...
> JOÃO: ...—Mas então em que combinavam vocês?
> A renovação da pergunta... fez perder ao reitor as esperanças de eximir-se a responder... o reitor resignou-se, e ainda sem saber o que dizia, principiou a responder:
> —Combinavamos...
> E, fingindo arrepender-se, exclamou:
> —Mas é boa essa! *Não se há não perguntar.* Tu não deves entrar no segrêdo. A cousa é entre nós três [moi, Daniel et Clarita].

---

[1] C'est aussi le seul exemple de négation redondante que donne J. DUNN, *Grammar of the Portuguese Language,* § 655 *e*).

On voit bien que *não se há não...* indique une négation très forte: 'il ne faut pas demander du tout'.

Schuchardt, *Ztchr. f. rom. Phil.*, XII, 252, nous apprend que dans le portugais des nègres d'Angola *não* est souvent répété: *estás dolente?—não está não; tens vontade?—não tem não; vaes passear?—não vae não,* et il ajoute que ce tour n'est pas calqué sur le hollandais du Cap. C'est tout simplement du portugais familier.

On trouve la même répétition de la négation en italien, p. ex. à Fiume: *de aver Trieste* NO *ti gavarà* NO *el gusto* (*Aufsätze*, p. 267), et on sait que le lombard *pös no* 'je ne peux pas', avec postposition, insolite en roman, de la négation, est expliqué par un NO *pös no*.

Cette réduplication de la négation, puisque affective, doit être un peu différente du type brésilien *ela se-casou-se* (Antenor Nascentes, *O linguajar carioca*, p. 74).

2. Un intéressant exemple de langage-écho

G. A. Borgese dans son ouvrage *Goliath.— The March of Fascism* (New York 1938), rapporte l'anecdote suivante, (p. 191), d'après l'ouvrage de Emil Ludwig sur Mussolini—malheureusement je n'ai pas le texte allemand sous main, mais il n'importe pas pour notre question:

«Once... Ludwig asks him [=Mussolini]:

«During your trip to Rome... did you feel like an artist who starts his work or like a prophet who obeys his mission?».

Mussolini answers just one word:

«Artist».

Et Borgese ajoute: «Thousands of people read, unhorrified, this statement, a final one». Le cas est intéressant, car ici le *langage-écho* est devenu au contraire un langage *affirmant* la propre personnalité.

Comment s'expliquer cette contradiction? Je pense que Mussolini obéit d'abord à son besoin de laconisme dictatorial (cf. le célèbre proverbe italien: *le parole sono femmine, i fatti sono maschi*); ensuite il semble vouloir *choisir* dans le tas de mots que lui offre l'interlocuteur, son biographe Ludwig, *le mot* (*un* mot!) qui exprime le mieux sa personnalité: il se sert du langage-écho à cause de sa brièveté. Peut-être aussi y a-t-il là un peu d'humeur revêche de l'homme-action à l'adresse de l'intellectuel, du littérateur allemand, un peu de mauvaise humeur à cause de la supposition du prophétisme—

qu'applique l'auteur allemand à la personnalité de l'Italien qui se voit en méridional, homme de la Renaissance, épris de beauté, non d'idéologisme nuageux à la nordique. La contradiction du langage-écho, indication de passivité, avec le sentiment de l'affirmation énergique de la personnalité se résoud donc de la façon suivante: le langage-écho peut aussi indiquer une passivité *voulue*, un laconisme *conscient*.

The Johns Hopkins University.

LEO SPITZER.

Falei de si

Meyer-Lübke, dans le § 67 de sa *Grammaire des langues romanes*, enseigne que *si* et *comsigo* servent en portugais de pronom d'allocution tonique. Ceci a besoin d'une rectification: ce n'est qu'après des prépositions que les pronoms réfléchis prennent la place des pronoms personnels: les deux exemples de Meyer-Lübke (tirés de Eça de Queiroz) montrent *comsigo* et *ao pé de si* 'à côté de vous'. J. Dunn, *A grammar of the portuguese language*, § 232, c) et Said Ali dans son article «De 'eu' et 'tu' a 'majestade'» (*Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, XII [1938], p. 144) établissent que *êle fala muito de si* signifie, bien plus en Portugal qu'au Brésil, —en plus de 'il parle de lui-même—: il parle... de vous' et que cet usage est moins formel que *V. Ex.ª* ou *o senhor* et moins familier que *vossemecê* et *você*, et tous leurs exemples —M. Said Ali le relève *expressis verbis*— montrent *si* après une préposition. L'explication de cet empiètement du pronom réfléchi sur le terrain du pronom personnel est, pour Meyer-Lübke, l'empiètement contraire de *ille, illa* sur *se* en roman (Eulalie: *a lui nos laist venir, ils disaient contre eux; dicevano fra loro; el vizcaino que asi le vió venir contra el*): les deux formes pronominales auraient longtemps été employées d'une façon identique et le réglement des langues modernes d'après lequel le pronom réfléchi, p. ex. en français, ne peut se rapporter qu'à les choses, un sujet indéterminé (*on*, etc.) ou, au plus, être employé pour éviter les malentendus *(il rapporte tout à soi)*, serait un réglement assez récent.

Comment s'explique la subsistance du 'soi' dans le pronom allocutoire portugais? Je n'ai lu nulle part une explication de ce phénomène: car l'explication donnée par M. Said Ali (v. ci-dessus; elle est plus développée dans l'opuscule *Meios de expressão e alterações*

semânticas [1930], p. 217 seq.), à savoir que la langue, n'ayant plus à sa disposition *falei de vós* ou *falei de êle (ela)* [sc. *V.ª Ex.ª*] et ne voulant employer ... *de você* ni ... *do senhor*, aurait adopté le *si* «contra toda a tradição e contra os preceitos gramaticais», me semble un procédé désespéré, admettant une sorte de «détresse grammaticale», comme J. Gilliéron aimait s'en imaginer: la langue, arrivée à une impasse, se débrouillerait au petit bonheur! Tout en admettant que la situation de détresse fût donnée, nous devrions pourtant nous demander pourquoi la langue a opté précisément pour cette solution-ci au lieu d'une autre: étant entendu que le verbe fr. *choir* 'tombé' n'était pas viable, qu'est-ce qui recommande *tomber* pour prendre sa place? — étant entendu que le portugais avait besoin d'un pronom tonique allocution après la préposition, pourquoi choisit-il précisément le réfléchi? En d'autres mots, l'établissement d'un néologisme dans une langue n'est pas seulement dû aux tares de ces prédecesseurs, mais aux qualités ou avantage qu'il peut revendiquer lui-même. L'explication d'un tel processus devra donc toujours être bilatériale: il faudra opposer aux *contra* de l'ancienne les *pro* de nouveau procédé.

J'inviterai maintenant le lecteur à faire un petit détour et à considérer avec moi certains faits parallèles du français, qui pourront nous être utiles pour l'explication du tour portugais en question.

M. Sandfeld, dans sa *Syntaxe du français contemporain*, I, § 74, nous signale que, dans la langue littéraire d'aujourd'hui, on trouve de nombreux exemples d'un *soi* représentant un sujet déterminé, dont Meyer-Lübke ne nous parle pas, p. ex. *Elle voudrait se dérober et pourtant, malgré soi, lui tend les bras*. M. Lerch a suggéré que dans ces cas le *soi* appartient à la perspective de la personne mise en scène par le romancier; ce dernier dirait *lui, elle* s'il parlait en son propre nom (*Hauptprobleme der französischens Syntax*, I, p. 138, et *Die neueren Sprachen*, XXXIX, p. 600): il s'agirait donc de cette 'erlebte Rede' (style indirect libre) qu'on connaît en français depuis La Fontaine et, particulièrement, depuis Flaubert et Zola (type: «Homais ... exposa sur les femmes des théories immorales. Ce qui la séduisait par-dessus tout, c'était le *chic*. Il adorait une toilette élégante dans un appartement bien meublé, et quant aux qualités corporelles, ne détestait pas le *morceau*»; *chic* et *morceau* imprimés en italique par Flaubert, sont des mots employés par Homais, mais transposés dans la narration du romancier; *séduisait, adorait, détestait* sont donc des imparfaits de 'transposition'). Or, le premier exemple d'un tel *soi* se trouvant dans Huysmans *(Il se sentit plus maître de soi)*, élève de

Zola, M. Lerch semble bien justifié de croire à un exemple de style indirect libre[1].

Appliquons ce que nous avons appris par le français, la mieux étudiée des langues romanes, au portugais! Là il ne s'agit évidemment pas d'une mise en scène d'un personnage par un auteur, mais de quelque chose d'analogue, à savoir d'une attitude de l'individu parlant tendant à se mettre à la place et dans le rôle de l'interlocuteur: dans *leve o livro consigo!* 'prenez le livre *avec vous!*' l'ancienne règle des langues romanes — le 'soi' doit se rapporter au sujet de la même phrase 'que *o senhor* prenne le livre *avec soi!*' — est encore respectée et cette survivance s'explique par le désir de parler du point de vue (à partir de) la personne à laquelle on s'adresse: 'elle prend le livre avec soi', le réfléchi évoque la sphère propre à cette personne. Dans *falei de si* 'je parlais de vous' on va encore plus loin: ici le *si* ne se rapporte plus au sujet de la phrase

[1] Comment s'expliquer que le *soi* devienne l'expression de l'immixtion de l'écrivain dans les sentiments de son personnage? M. Lerch établit le fait, mais n'en donne pas la raison. Il faut, je crois, partir d'un exemple comme précisément: *il se sentit plus maître de soi*, où le *soi* est quelque chose comme l'anglais *self*, l'être intime de chacun et où le sens indéterminé n'a pas tout à fait disparu: en effet, la moralité générale: *chacun doit être maître de soi* est présente à l'esprit; mais comme ce *soi*, commun à tous les hommes, est aussi particulier à chacun, est son *self* à lui, il pourra devenir l'exposant de la sphère individuelle. Il est assez paradoxal de voir un mot indiquant l'indéterminé rebrousser chemin et se mettre à signifier le déterminé: c'est qu'en effet *l'individualité* est donnée à *tous* les hommes et la langue ne fait que refléter ce double aspect. Notons que l'exemple de Flaubert, cité par MM. Le Bidois dans leur *Syntaxe du français moderne*, I, § 269 (la diligence descendait) «entraînant *après soi* un long panache de poussière» ne semble reculer la date de la première apparition de ce *soi*, qui se rapporte à un objet, il est vrai, mais à un objet personnifié. D'ailleurs MM. Le Bidois ne disent pas que le modèle de cette expression est le passage de la *Phèdre* de Racine où Hippolyte nous est décrit «charmant, jeune, traînant tous les cœurs après soi» (passage qui a aussi été pastiché par Anatole France dans *Le salon de Madame Armande Caillavet*). Il est très possible que l'usage littéraire d'aujourd'hui soit délibérément un rajeunissement de style à base de modèles classiques. Mais les deux interprétations — ambivalence du *soi* et archaïsme littéraire — peuvent très bien subsister l'une à côté de l'autre.

MM. Le Bidois blâment l'usage «style indirect libre» (qu'ils n'appellent pas ainsi) dans des phrases comme (R. Rolland): «Tous ceux qui ont devant *soi* un long avenir»; «il était renfermé *en soi*» — pourtant, il me semble, *il est renfermé*, que ces auteurs préconisent, ne donne que le fait de l'être qui se ferme au monde, mais n'indique pas la sphère ou atmosphère propre dans laquelle se meut tel personnage.

(qui est 'je'), mais l'idée de la sphère personnelle impliquée dans le réfléchi est devenue autonome. Ce que l'*erlebte Rede* est pour l'auteur, un moyen d'épouser la cause d'un personnage, de se transformer en lui et de vivre sa vie, le 'soi' ici l'est pour le[1] parlant *poli*, qui, par politesse précisément, semble s'oublier au profit de l'interlocuteur. De *il se sentit plus maître de soi* à *que monsieur prenne le livre avec soi!* et à *je parlais de soi* il n'y a que de très petits pas: il faut considérer que le portugais dit *o senhor* 'le monsieur' pour 'vous'. Il se peut très bien que l'intention d'éviter les trop cérémonieux *o senhor, V. Ex.ª* et les trop familiers *vossemecê* ait fait choisir le réfléchi du style indirect libre, d'autant plus que *êle, ela* ne sont plus employés en portugais comme en italien (*Lei, Ella*) ou en allemand (*Sie*) comme autrefois (Said Ali, p. 146) pour reprendre les périphrases polies *Vossignoria*, etc. (Dunn, § 235 *j*). Il se peut aussi que l'usage exclusif de *si*, pronom allocutoire, après la préposition —dans d'autres cas on dit *lhe, o, a*, etc.— soit préparé par l'existence de *consigo* = lat. *secum*. C'est ce que confirme l'usage espagnol: dans Cervantes, M. Weigert, *Untersuchungen zur spanischen Syntax*, p. 61, n'a pu trouver que *consigo* au lieu de *con el* (un exemple parallèle avec *consigo* dans S^te^ Thérèse est cité par Keniston, § 613) et de même en a. fr. on a volontiers *od soi, avuec soi* et plusieurs auteurs ont noté la fréquence de *soi* après les prépositions en a. fr.; cf. en ital. *menar seco*, etc. Il paraît donc que la forme *sēcum*, faisant double emploi avec *cum illō* en roman, était le champ d'incursion du réfléchi, si des raisons psychologiques recommandaient son emploi.

On aimerait avoir des données historiques pour la restriction de *consigo, ao pé de si*, etc., avec leur usage du réfléchi «style indirect libre» comme pronom allocutoire. M. Said Ali nous dit que Camilo s'est prononcé contre cet usage, bien que quelques-uns de ses personnages affectent ce tour; et puis nous l'avons trouvé dans Eça de Queiroz.

Il faut remarquer qu'en Brésil, où on emploie moins ce tour, l'emploi du 'soi' «style indirect libre», tel qu'il se trouve en français

[1] La politesse n'est-elle pas l'attitude de celui qui se diminue (esp. *un servidor = yo; venía á preguntarle*, 'je viens vous demander') vis-à-vis d'un prochain jugé son supérieur par fiction? Et la réduction extrême du rôle qu'on tient, n'est-elle pas celle de parler avec les mots d'autrui? En somme, c'est le parallèle linguistique au sentiment que M^me^ de Sévigné exprimait par la fameuse formule: «j'ai mal à votre poitrine».

littéraire (et pas du tout restreint au pronom allocutoire), a choqué un savant comme Mário Barreto, qui blâme (*De gramática e de linguagem*, II, p. 53) dans une traduction portugaise (parue à Lisbonne) de Bourget, la phrase: «É o lugar onde se sentem mais isoladas, mais defendidas contra a vida que palpita em tôrno de *si*», alors qu'il faut dire, d'après Barreto: *Deus chamou-o para si* (et non *para êle*, comme en fr. *Dieu l'a rappelé à lui*), cf. *êles entendem-se entre si* = *ils s'entendent entre eux*.

LEO SPITZER.

Nótulas filológicas

I. Dês i

Creio ter sido Herculano o primeiro a chamar a atenção para a frase «costume é, dês i é direito», com que abrem vários preceitos em uso na cúria dos nossos primeiros reis, frase que êle interpretou como significando: é costume, e portanto é direito[1].

A expressão «dês i» (des y, des hy, des hi, desy, dessy, desi...)[2] é de uso freqüentíssimo no antigo português, mas, contra o que eu por muito tempo julguei (e dai a facilidade com que aceitava aquela interpretação), o sentido em que correntemente se empregava não era o de «portanto».

Algumas vezes *dês i* significa evidentemente «desde então». Vejam-se, por exemplo, os versos 1759 e 6236 do *Cancioneiro da Ajuda*. Outras vezes tem o sentido de «em seguida», e também o de «além disso», duas acepções tam aparentadas, que ainda hoje na linguagem popular se ouvem frases como esta: «Afinal não fui lá, estava cansado; *depois*, fazia tanto frio... (em castelhano: luego hacía tanto frio...)».

Das notas por mim colhidas em diversas ocasiões não consta um único caso em que «dês i» signifique inequìvocamente «portanto»; mesmo nos casos dúbios os outros sentidos são os que mais satisfazem[3]. É claro que do sentido de «depois» se passa fàcilmente para

[1] *Estudos sôbre o casamento civil*, p. 50 da 3.ª edição. No mesmo sentido GAMA BARROS, *Hist. da Administração pública*, I, p. 33.

[2] O segundo elemento (*i*) faz-se em regra derivar de *ibi*, mas J. J. NUNES preferia o étimo *hic*. *Des* é evidentemente *de* + *ex*.

[3] Assim por exemplo neste passo do «Orto do Esposo», ap. NUNES, *Crestomatia arcaica*, 2.ª ed., p. 86: «E depois meteu-se a serujr os que benjã ênas

o de «por isso»: haja visto o advérbio «logo», que ainda hoje tem as duas acepções, facto ainda mais manifesto no falar castelhano (*luego*). Resta porém saber se nos fins do século XIV, princípios do XV, data a que se deve atribuir a versão portuguesa «costume é (e) dês i é direito», a expressão «dês i» já tinha adquirido aquela nova significação. Sem dúvida é êsse o sentido que melhor quadra áquela fórmula, mas também não seria absurdo entender: «é costume e *também* é direito», ou «é costume e *desde então* é direito». Não me atrevo a decidir.

II. Sol que

No seu glossário do *Cancioneiro da Ajuda* Carolina Michaëlis atribui à expressão «sol que» o sentido de «ùnicamente se»; creio porém que não era bem isso o que estava no pensamento da grande mestra, mas sim a idea expressa em alemão por *wenn nur*. Com efeito, é êsse o sentido de «sol que» nos dois lugares por ela citados: versos 6285 (sol que vos end'ouvessedes prazer=so Ihr nur wolltet) e 7691 (sol que eu viss'o seu bon parecer=sähe ich ihr holdes Antlitz).

Outras vezes «sol que» significa «logo que», «apenas», quer referido ao passado, quer ao futuro[1].

Nos textos legislativos a expressão «sol que» é em regra empregada na acepção de «logo que» ou «uma vez que». Assim em *Leges et Consuetudines*, I, pp. 178–179, lê-se: «mais sol que for tornado [à fé de Cristo] non sseia tornado a uiuer antre seus parentes»—passo ao qual noutras versões correspondem «como» e «tanto que» (lat. *tantum quod*).

Mas também em textos legislativos aparece «sol que» no sentido de «visto que»: «sol que o fez per sa maldade perderá quanto ouuer» (*Leges*, I, p. 166)[2].

O parentesco entre estes diversos significados torna-se claro quando atentemos em que há locuções (logo que, uma vez que, como) que ainda hoje se podem empregar com maior ou menor naturalidade em todos ou alguns dos casos apontados.

---

tauernas, por tal que beuesse cõ elles. E dessy per tempo auorrecerõno e lançarõ-no de ssy». VITERBO também não dá a acepção de «portanto».

[1] Vid. por ex. J. J. NUNES, *Crestomatia*, pp. 116 e 389.

[2] O autor das *Ord. Afonsinas* já não entendeu êste passo, pois substituiu-o assim: «sob que o fazer possa perderá quanto ouuer» (livro V, art. 2.º).

III. Iubere

A fórmula *iubente rege* e análogas, de emprêgo corrente nos documentos medievais, devem muitas vezes traduzir-se por «com autorização», e não «por ordem», do rei.

Já na linguagem jurídica romana o verbo *iubere*, como o substantivo *iussum* (*iussus*), encerravam freqüentemente a idea de simples autorização[1], e é também neste sentido que a expressão «sine iussu domini» figura no Código Visigótico, X, 1, 13, para só citar um passo que não deixa lugar a dúvidas.

Dos séculos XI e XII ocorrem-me os seguintes exemplos, de fácil consulta: P. M. H. *Diplomata*, n.º 270 (per iussione et solbitione domina mea), n.º 670 (consentiente episcopo domno paterno et iubento consule domno sesnando), n.º 676 (per auctoritatem et iussionem), A. E. Reuter, *Chancelarias medievais portuguesas*, I (1938), n.º 215 (me consentiente et auctorisante iussu meo), *Documentos para a história*, n.º 235 (domno rege Alfonso iubente).

Em textos portugueses muito posteriores ainda se encontra a expressão «sem mandado» no sentido de «sem consentimento», v. g. *Leges et Cons.*, I, p. 257.

Não será demais observar que ainda hoje no falar corrente o nosso povo diz «não tenho ordem» no sentido de «não tenho licença»[2].

Coimbra.

PAULO MERÊA.

Ainda sôbre a palavra «arras»

Só depois de publicados os meus «Novos Estudos de História do Direito», onde vem reproduzido o ensaio filológico-jurídico sôbre a palavra *arras* (tômo IV dêste *Boletim*), pude consultar o clássico trabalho de Schröder sôbre a história dos regimes matrimoniais no direito alemão.

Verifiquei então que êste autor insiste na função penal do dote visigótico (p. 15 e sgs. do tômo I) e até, incidentalmente, relaciona

[1] HEUMANN-SECKEL, v.º Iubere.

[2] Também tenho observado o emprêgo duma palavra que implica direito no sentido de obrigação. Ainda há poucas semanas, numa rua de Coimbra: «sou muito mais pobre do que êle, não tenho *direito* de pagar o mesmo».

com esta função o uso que mais tarde se faz da palavra «arras» para designar o dote *ex marito* (p. 72 do mesmo tômo).

O que eu na nota 44 admiti com certa hesitação — a saber: que, no caso de o *sponsus* se recusar a casar, a *sponsa* tivesse direito a reter o dote — é dado como certo por Schröder, que oportunamente alega em favor desta opinião um passo do Concil. ap. Tusiacum do ano 860.

Também é digno de nota o facto de o glossário madrileno do Edicto Longobardo, em comentário a Roth. c. 178, verter por *arre* a *meta* que a lei atribui à esposa no caso de arrependimento do espôso: «messio, i. e. arre».

Um outro aditamento importante tenho a fazer ao meu referido ensaio, e vem a ser que já posteriormente se me deparou a palavra «aras» (*sic*), com o sentido de dote, num testamento do ano 837 (arquivo de Lugo, est. 21, maço 4.º), que em breve será publicado.

PAULO MERÊA.

Rausar, rousar, rouxar, roixar; rauso, rouso, rojo, roxo, roiso.

No seu *Romanisches etymologisches Wörterbuch* (art. 7061), W. Meyer-Lübke oferece o verbo *raptiare «rauben» > ant. port. *rausar, rauxar, roixar* «Frauenraub treiben», derivação proposta por Diez no seu *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*. Em tôdas as edições do dicionário etimológico, salvo a última, Meyer-Lübke menciona a etimologia rapsare, dada por G. Gröber[1], a qual, reprova, porém, como fonèticamente insuficiente.

A etimologia que, fonèticamente, não só é insuficiente mas completamente impossível, é a que propõem Diez e Meyer-Lübke, pois o grupo *-pti-* dá *-z-* e não *-s-* ou *-x-* em português, como se vê por ruptiare > *rozar*, adoptione > *adouçom*[2], etc. Não se pode pois admitir a etimologia *raptiare.

Não há dúvida que a etimologia rapsare de Gröber é suficiente fonèticamente para explicar as formas *rausar, rousar;* comparem-se captivus > *cautivo*, adoptare > *adoutar*, capitellu- > *coudel*,

[1] *Archiv für lateinische Lexicographie*, v, 131.

[2] Veja-se J. J. NUNES, *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, segunda edição, pp. 128–129.

absida > *ousia*[1], etc. O verbo rapsare deriva do particípio rapsus, forma colateral de raptus, do verbo rapere. Rapsus encontra-se em inscrições latinas e na obra *De bello africano*, cujo autor anónimo era talvez da Península ibérica[2].

As formas do verbo, oferecidas por Meyer-Lübke, são tiradas do *Elucidario* de Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, que dá alguns exemplos do verbo, freqüentíssimo em documentos forais de Portugal e de algumas províncias ocidentais de Espanha (Galiza, Leão, Palencia, Samora, Salamanca).

Ao lado do verbo existem os derivados regressivos *rauso, rouso, roxo, rojo, roiso.*

A forma mais freqüente do verbo em documentos escritos em latim é *rausare*, e do substantivo *rausum*. Dou de cada uma destas palavras, das quais tenho mais de cem exemplos, só os que são mais antigos:

> Et homines qui de sua terra exierint cum inimicitate uel cum homicidio aut cum muliere *rausada* uel cum alia calumpnia quelibet sedeat nisi quod non ducat mulierem alienam et tornauerit se ad Nonam sedeat solutus et defensus per forum de Nonam, *Portugaliae Monumenta Historica, Leges et Consuetudines*, 1, p. 369, (de Numão, 1130); p. 454 (de Gouveia, 1186); p. 553 (de Vila-Franca); p. 602 variantes (de Santa Cruz, 1225), p. 691 (de Viana, 1258-62), etc. Et qui in termino de Moreira filia aliena *rausar* contra sua uoluntate, quomodo pectet ad palacio CCC solidos, et exeat omizieiro de suos parentes, p. 437 (de Moreira); p. 443 (de Aguiar); p. 552 (de Vila-Franca). Et qui in termino de Felgosino filiam alienam *rausauerit* extra suam uoluptatem, pectet ad palacium CCC solidos, et exeat homizieiru, p. 465 variantes (de Felgosinho, 1187). Qui filiam alienam *rausauerit*, det eam suis parentibus et pectent eis CC morabitinos VII.am palacio, et sit homicida, p. 540 (de Penamacor, 1209); p. 614 (de Idanha-a-Velha, 1229); p. 617 (de Salvaterra, 1229).
>
> De *rausum* L modios quomodo uicinum a uicinum, *ibid.*, p. 360 (de Tavares, 1114). Et de *rauso* similiter, p. 362 (de Cernancelhe, 1124). De homicidio et de *rauso* intus perfectum XXX solidos, p. 375 (de Penela, 1139). *Rauso* aut merda in boca LX.ta modios de baraca aut de madeiro I.o lombo, p. 403 (de Arganil, 1175). Si quis *rausum* vel homicidium vel disruperit domum cum armis, vel cum feridas, vel fregerit portas intrans domum vi in cauto ville pectet D solidos... Si *rausum* vel homicidium extra villam LX solidos pectet, p. 404 (de Pombal, 1176); p. 420 (de Ourém, 1180). Si quis *rausum* comiserit, et concilium ille uicario regis conquestum fuerit, C solidos pariat, p. 423 (de

[1] Veja-se J. J. Nunes, *op. cit.*, p. 128.

[2] Veja-se Köhler, *Auctorum belli africani et belli hispaniensis latinitas*, em *Acta Sem. phil. Erlangen*, vol. 1, p. 375.

Melgaço, 1181). Similiter fiat de illo qui *rausum* fecerit, si antea non deprehensus fuerit, non soluat debitum nec peita *rausi* nec pro homicida teneatur postquam ad hoc castellum confugerit, nec ullam calumniam ei inferatur aut iniuriam, p. 433 (de Germanelo). Si aliquis fecerit *rausum* Pretor et Concilium comprehendant illum et iustificent eum si fugerit pectet Pretori CCC solidos et adueniat se cum parentibus mulieris, p. 448 (de Lourinhã). Aut *rausum*, aut furtum, p. 463 (de Bragança, 1187). In istis IIII^{or} calumniis homicidio *rausso* disrupta domo stercore in ore habet dominus terre medietatem quatuor morabitinos aut eorum pretium et cuncilium alios IIII^{or}: de ceteris calumniis nichil domino terre, p. 486 (de Fonte-Arcada, 1193). Similiter pro homicidio et *rauso* publice facto pectet D solidos, p. 491 (de Povos, 1195). Calupnias de furto et de *rauso* et de homicidio, p. 501 (de Soverosa, 1196). Et ad nullam callupniam non respondeatis nisi ad IIII^{or} et ad istas sit per inquisicionem bonorum hominum, scilicet homicidium, furtum, *rausum*, sterco in boca, p. 504 (de Souto, 1196), etc.

Estas palavras escrevem-se algumas vezes com *ss*, indicando que se trata de um *s* surdo:

Et qui in termino de Marialua filiam alienam *raussauerit* extra suam uoluntatem quomodo pectet ad palacium CCC solidos et exeat homicida de suis parentibus, *ibid.*, p. 440 (de Marialva). Et omnes qui de sua terra exierint cum homicidio aut cum muliere *raussada* uel cum alia calumpnia quelibet sit nisi quod non adducat mulierem alienam, et tornet se ad seniores de Gaudela, sedeat solutus et defensus per forum de Gaudela, p. 454 (de Gouveia, 1186); p. 499 (de Pena de Dono, 1195); p. 502 (de Castreição, 1196). Qui filiam alienam *raussauerit*, det eam parentibus suis, et pectet eis CC morabitinos, VII.^{a} palatio, et sit homicida, p. 609 (de Sortelha, 1228-1229). Et homo qui de sua terra exierit cum homicidio, aut cum muliere *raussata*, uel cum qualibet alia calumpnia, excepto quod non ducat mulierem alienam, et fecerit se uassalum de aliquo homine de Castello menendo, sit liber et defensus per forum de Castello menendo, p. 611 (de Vila Mendo, 1229).

Pro homicidio, *rausso* et estercure in hore posito X^{em} morabitinos, *ibid.*, p. 384 (de Sintra, 1154). Si *rausum* uel homicidium extra uillam fecerit LX solidos pectet, p. 402 (de Castelo da Foz do Zêzere, 1174). Pectent pro homicidio et *rausso* noto et merda in bucca LX^{a} solidos, p. 406 (de Santarém, 1179); p. 559 (de Alenquer, 1212); p. 635 (de Tôrres Vedras, 1250); p. 641 (de Beja, 1254). Similiter pro homicidio et *rausso* publice facto pectet D solidos, p. 416 (de Coimbra, 1179); p. 559 (de Alenquer, 1212); p. 634 (de Tôrres Vedras, 1250); p. 640 (de Beja, 1254). Pro *rausso* uel pro homicidio aut pro stercore in ore misso, LX solidos pectet, p. 622 (de Ega, 1231). Non pectetis nisi IIII callunias, homicidium *raussum* et furtum et stercus in ore, p. 650 (de Gralheira, 1255). Non pectetis nisi tres callumpnias, scilicet homicidium, *raussum* et merda in boca, p. 658 (de Capeludos, 1255). Non pectetis nisi tres calumpnias scilicet *raussum* furtum et homicidium, p. 666 (de Traseira, 1256), etc.

Existe também o substantivo *rausator, rausador* (veja-se *Elucidario*, art. *rausador*). Há outro exemplo da forma *rausador* em *Portugaliae Monumenta Historica, Leges et Consuetudines*, I:

> Et homiciane et *rausador* qui in Vimaranes uenerit habitare non pectent pro isto forfacto nichil sed in Vimaranes non sit tam ausus qui in illa uilla faciat rausum, p. 351 (de Guimarães, antes do ano 1096).

Num documento português de grande antiguidade acha-se a forma latina original, a saber *rapsum:*

> Milites quot jugarios potuerint habere in hereditate sua quam habuerint intus Colimbrie uel extra tam in uillis quam in munitionibus habeant illos liberos in suo seruitio et non introeat in eis *rapsum* uel homicidium, *Port. Mon. Hist., Leges et Consuetudines*, I, p. 356 (de Coimbra, 1111).

É interessante notar que só num documento latino se encontra a forma *rausa* como singular:

> Si quis ergo *rausam* vel homicidium vel disrrumperit domum cum armis vel cum feridas vel fregerit portas intrans in domum in cauto ville pectet V^{e} solidos. Si quis *rausam* vel homicidium extra villam LX solidos pectet, *ibid.*, p. 399 (de Tomar, 1174).

Em documentos redigidos em português as palavras estão geralmente escritas *roussar (rousar), rousso (rouso):*

> Costume he que todo o homem ou molher que uam enforcar deue a auer o moordomo o esbulho per razom da força ou do *rousso*, *Port. Mon. Hist., Leges et Consuetudines*, II, p. 52 *(Costumes e foros de Beja)*; p. 25 *(Costumes e foros de Santarém)*. Costume he que se o moordomo demanda alguem de furto ou de *rousso* non he teudo de responder ao quereloso, *ibid.*, p. 51 (Beja); p. 27 (Santarém). Outrossy por homezio ou por *rousso* conhoçudo peite quinhentos soldos, *ibid.*, I, p. 641 (de Beja, 1254). Peitem por omezio, e por *rousso* conhuçudo, e por merda em boca, LX soldos, *ibid.*, p. 680 (de Estremoz, 1258); p. 713 (de Aguiar, 1269). E nom peytedes senom quatro coomias a saber est umezio *rouso* (*rousso*, variante) furto e merda em boca, p. 653 (de Condado, 1255). Semelhauilmente por homixio e *rrousso* publicamente feito peite D soldos, p. 680 (de Estremoz, 1258). Outrosy per omizio e *rrouso* consselheiramente feito peite dous soldos, p. 713 (de Aguiar, 1269).

A mesma forma se acha em documentos latinos:

> Ad *rousso* ad homicidium et ad furtum ueniat Rex, *ibid.*, p. 551 (de Castello de Pena-ruiva). Populator de Cepo qui interfecit hominem uel fecerit *rouso*, uel posuerit merdam in boca, pectet X morabitinos, p. 628 (de Cepo, 1237).

É freqüente em documentos portugueses a grafia *rouso* com um *s*:

> Domecido e de *rrouso* dentro feito triinta ssoldos, e de fora quiinze ssoldos, *ibid.*, p. 375 (de Penela, 1139). Se alguem *rouso* ou homezio ou romper casa com armas ou com feridas ou quebrantar portas ou entrar casa no couto da villa peite quinhentos soldos. Se alguem *rouso* ou homezio fora da villa fezer sesenta soldos peite, p. 399 (de Tomar, 1174). Peytem por omezio ou *rouso* conhoçudo, e merda en boca LX^{a} soldos, p. 407 (de Santarém, 1179). Nom seia antre nos engano nem *rouso* homicidio e esterco em boca, p. 535 (de Abiul, 1206). Outorgamos a vos que nom peitedes senom tres calunias, a saber, furto e *rouso* e homecidio: assy o que fezer homecidio peyte trinta marauedis, e por *rouso* XXX marauedis e de furto por huum nove, p. 536 (de Guardão, 1207), etc.

A forma *rouso* existia também na Espanha ocidental. E. de Hinojosa[1] oferece dois exemplos: p. 151, de Pignero (Zamora) do ano 1232, e p. 179, de Santa Maria de Seseriz (Galicia) no ano de 1272.

É bastante freqüente em documentos portugueses redigidos em latim a forma latinizada *rousum, roussum:*

> Qui fecerit *rousum* pectet LX solidos, *ibid.*, p. 482 (de Mortágua, 1192). Et ad nullam calupniam non respondeatis nisi ad tres, hoc est homicidium furtum et *rousum*... pro *rouso* XX^{ti} modios, p. 504 (de Soutomaior, 1196). Homicidium, *rousum*, domum disruptam, istas tres calupnias unaqueque per se XX^{i} modios domino terre perseluat, p. 552 (de Castelo de S. Cristóvão). Pectent pro homicidio et *rouso* noto et merda [in] buca LX soldos, p. 557 (de Montemor-o-Velho, 1212). Similiter pro homicidio et *rouso* publice facto pectet D solidos, p. 562 (de Vila Franca de Xira, 1212). Pectent homicidium et *rousum* et merda in buca LX solidos dominis Cirie, *ibid.*
>
> Similiter pro homicidio et *rousso* publice facto pectet D solidos, p. 557 (de Montemor-o-Velho, 1212). Homicidium, furtum, *roussum* stercus in ore pectent Episcopo et Canonicis per manum judicis per forum Garde, p. 568 (de Alvende, 1214).

O verbo *rousar, roussar (rousare, roussare)* é algo menos freqüente que o substantivo *rouso, rousso (rousum, roussum):*

> E o que en termo de Valhelhas *rousar* filha alhea contra sua uontade peite ao paaço trezentos soldos e saia omezieiro de seus parentes, *ibid.*, p. 468 (de Valhelhas, 1188). De quem *rousar* filla allea, p. 709 (de Gravão, 1267). E poemos e outorgamos que se alguem *rousar* molher

[1] *Documentos para la historia de las instituciones de León y Castilla*, Madrid, 1919.

peite mill soldos, p. 726 (de Azambuja, 1272). — E quem em termo de Moreira filha alhea *roussar* contra sua voontade per qualquer maneira peite trezentos soldos ao paaço e saya do omizieiro a seus parentes, p. 437 (de Moreira). E os homees que das sas terras sayrem cum homezyo, ou cum molher *roussada*, ou cum outra qualquer coomha saluando que nom duga molher alheea e fezersse uassalo dalguum homem de Touro, seia liure e emparado pelo foro de Touro, p. 587 (de Touro, 1220).

Et homines qui de terra sua exierint pro omicidio aut cum muliere *rousada* aut cum seruitute uel cum alia callumpnia qualquer sedeat tornet se ad concilio de Molas et sedeat solto et defendudu per foro de Molas, p. 390 (de Mós, 1162); p. 570 (de Valença, 1217); p. 602 (de Santa Cruz, 1225); p. 697 (de Monção, 1261); p. 711 (de Pena da Rainha, 1268); cum muliere *roussada*, p. 688 (de Aguiar da Beira, 1258). Et qui in termino de Celorico filiam alienam *rousar* extra sua uoluntate quomodo pectet a palacio CCC solidos, et exeat omizieiro de suos parentes, p. 445 (de Celorico); *roussar*, p. 688 (de Aguiar da Beira, 1258).

São raros os derivados *rousamento, rousador:*

E esso meesmo por o omicidio e *rrousamento* pubricamente feito, peite II soldos, *ibid.*, p. 562 (de Vila Franca de Xira, 1212). Item os moradores de Xira tenham suas herdades pobradas e aqueles que em elas morarem peitem por o omicidio e *rrousamento* e merda en boca saseenta soldos, p. 563 (do mesmo lugar e ano).

Et homiciane et *rousador* qui in Vimaranes uenerit habitare non pectent pro isto forfacto nichil sed in Vimaranes non sit tam ausus qui in illa uilla faciat rausum, p. 351 variantes (de Guimarães, antes do ano 1906). Homicida et refuga et *rousador* si uenerit ad nos sit securus, p. 582 (de Vilarinho, 1218).

Encontram-se algumas raras vezes as formas *rosar, rossar (rossare), roso, rosso (rossum):*

Et qui in termino filia aliena *rossar* extra sua uoluntate, quomodo pectet a palacio CCC solidos, et exeat homiziero de suos parentes, *ibid.*, p. 434 (de Trancoso, Beira Baixa); p. 445 variantes (de Celorico, Beira; p. 468 (de Valhelhas, Beira Baixa, 1188). E quem no termho de Touro filla alhea filhar ou *rossar* contra sa uoontade peyte ao paço IIIc soldos, e ssaya e fique por homezyam, p. 586 (de Touro, Beira Alta, 1220).

De muger *rosada*. Quien filla ayena, *rosar* o leuar, de cabellos, o uiuda *rosar*, peche C mr. e sea enemigo de sos parientes e del conceyo, e non entre mas en Çamora nen en so termino, *Fuero de Zamora*[1], § 33.

[1] AMÉRICO CASTRO y FEDERICO DE ONÍS, *Fueros leoneses de Zamora, Salamanca, Ledesma y Alba de Tormes*, Madrid 1916.

Na obra pre-citada de Hinojosa, p. 66, acha-se *rossare* num documento latino de Pozuelo de Campos (Zamora) do ano 1157.

> Si forte homicidium perpetrauerit quisquam illorum aut *rossum* fecerit uel domum uiolenter se tercio armatus irrunperit hee calumpnie secundum forum uicinorum iudicabuntur. *Port. Mon. Hist., Leges et Consuet.*, I, p. 450 (de Atouguia, Estremadura).

Há outro exemplo da forma latina *rossum* na obra pre-citada de Hinojosa, p. 78 (de Berrueco Pardo, Salamanca, do ano 1171).

> Juyz a quien aposier omizio o *roso*, firmelo, *Fuero de Ledesma*[1], § 293. Juyz a quien aposier *rosso* o omizio, firmelo con II alcaldes del rey, e peche el septimo de CCC soldos, *ibid.*, § 292. E mandamos que los omezidios é los *rossos* é todos los omes engeños, que los dian al Rey entregamientre, *Concilio de Léon*[2] (do ano 1020), § 8. Mandamos que nengun clerigo, nen lego, non dia *rosso*, nen fosadera, nen maneria á ningun ome, *ibid.*, § 23.

Acha-se outro exemplo da forma *rosso* na obra citada de Hinojosa, p. 105 (de San Tirso Castrillino, León, do ano 1208).

Vê-se pelos exemplos citados que as formas com *o* se encontram na Beira, no Norte da Estremadura e nas provincias espanholas vizinhas, Leão, Samora, Salamanca.

*

Se rapsare explica bem as formas *rausar, rousar, rosar,* não satisfaz porém como etimologia das formas *rauxar, roixar,* que não podem tampouco derivar de *raptiare, que daria *rozar,* forma que encontrei num só documento português[3]:

> Et homines qui de suis terris exiuerint cum homicidio aut cum muliere *rozada* uel cum alia qualibet calumpnia excepto quod non ducat mulierem alienam de benedicionibus, et fecerit se uassallum de aliquo homine de Melgazo, sit liber et defensus per forum de Melgazo, *Port. Mon. Hist., Leges et Consuet.*, I, p. 685 (de Melgaço, 1258).

As formas *rauxar, rouxar* supõem um verbo *rapsiare, formado do participio *rapsu- com a terminação verbal freqüentis-

---

[1] AMÉRICO CASTRO Y FEDERICO DE ONÍS, *Fueros leoneses de Zamora, Salamanca, Ledesma y Alba de Tormes*, Madrid 1916.

[2] TOMÁS MUÑOZ Y ROMERO, *Colección de fueros municipales*, Madrid 1847.

[3] Não tive ocasião de averiguar no documento original se *rozar* é um êrro de leitura por *roxar*. Um só exemplo de *rouzar* no *Elucidario*, art. *rousada*, é sem dúvida êrro por *rousar*.

sima -iare[1]. *Rapsiare dá regularmente *rouxar*, compare-se passione > *paixão*, russeu- > *roxo*[2], etc. *Rauxar* é uma grafia mais etimológica de *rouxar*, como *rausar* de *rousar*. Existe também a grafia *roxar*, como *rosar* ao lado de *rausar*, *rousar*. *Rauxo*, *roxo* (esp. *rojo*) são substantivos regressivos dos verbos correspondentes. Eis aqui os exemplos portugueses e espanhóis destas formas:

> Et homines qui de suis terris exierint cum homicidio aut cum muliere *rauxada*, etc., *Port. Mon. Hist., Leges et Consuet.*, I, p. 587 (de Touro, Beira Alta, 1220).
>
> Homicidium aut *rauxo* qui fecerit pectet L.ª modios quomodo uicino ad uicinum, p. 367 (Ferreira de Alves, Beira Alta, 1114–1128). Et de homicidio et *rauxo* et merda in boca, LX solidos, minus terciam, p. 733 (de Anobra, Beira, 1275).
>
> De *roxar* mugier non postera. Todo omne de Alba o de su termino que *roxar* muler de Alba o de su termino que non sea postera, peche XX morauedis, *Fuero de Alba de Tormes*[3], (Salamanca), § 20. Estas son las calomias de que deue auer el iuez el tercio: de muerte de omne o de muler..., de muler *roxada*, la tercia parte, § 49. E los alcaldes de estas calomias, si fueren uencidas con quereloso, tomen el tercio; de muerte de omne o de muler, el tercio; de muler fodida a fuerza, el tercio dela calomia; de muler *roxada*, el tercio, § 50. Muler *roxada*, § 54.
>
> Et qui ibi hominem acciderit pectet D solidos, et pro *roxo* CCC solidos, *Port. Mon. Hist., Leges et Consuet.*, I, p. 460 (de Viseu, Beira, 1187).
>
> Los parientes que demandaren *roxo* por parienta, en la iura lo metan que tal parienta es, *Fuero de Alba de Tormes*[4], § 18. Non dent maneria, neque nuptio, neque *roxo*, *Fueros de los siglos XI, XII y XIII*[5] (de San Martin, Sahagún, en Léon, 1131). Non dent *roxo* neque maneria, *ibid.*, p. 126 (de Rebolleda en Palencia, 1157). *Roxo* et maneria, *ibid.*, p. 135 (de San Llorente del Páramo en Palencia, 1262). De *rojo*, de maneria, *Fuero de Sanabria*[6] § 7, p. 284 (Zamora).

Há outros exemplos de *roxo* no *Elucidario*, fim do art. *rauso* (de Vila Verde, perto de Lisboa, 1218), e na obra atrás citada de Hinojosa, p. 82 (de Villavaruz de Rioseco, en Palencia, 1181),

---

[1] W. MEYER-LÜBKE, *Grammatik der romanischen Sprachen*, II, § 576.

[2] Veja-se J. J. NUNES, *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, segunda edição, p. 150.

[3] AMÉRICO CASTRO y FEDERICO DE ONÍS, *Fueros leoneses de Zamora, Salamanca, Ledesma y Alba de Tormes*, Madrid 1916.

[4] AMÉRICO CASTRO y FEDERICO DE ONÍS, *Fueros leoneses de Zamora, Salamanca, Ledesma y Alba de Tormes*, Madrid 1916.

[5] Publicados por ADOLFO BONILLA y SAN MARTÍN, *Anales de la literatura española*, Madrid 1904, pp. 114–136.

[6] Publicado por CESÁREO FERNÁNDEZ DURO, *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 13, 280–291.

p. 128 (de Agüero, hoje Buenavista, en Palencia[1], 1224), p. 174 (de Sahagún, en León, 1262).

Do verbo *rouxar* há dois exemplos no *Elucidario*, ambos da vila de Mós[2] (Trás-os-Montes), 1162.

Meyer-Lübke[3] e Diez[4] oferecem além disso a forma *roixar*, dada também, mas sem exemplo, pelo *Elucidario*, art. *rausar*. É muito possível que a forma *roixar* tenha podido existir, pois ao lado de *roxo* (de russeu-) e *baixo* (de *basseu-) há *roixo* e *baixo*[5]. *Roixo*, substantivo regressivo de *roixar*, encontra-se em dois documentos espanhóis sob a grafia *roiso*, *royso*:

> Et non det amnuda, nec fonsadura, nec *royso*, nec maneria, nec nubzo ad nullum dominum quem habeant, nec clericus, nec layeus, *Fuero de Palenzuela* (en Palencia, 1259), Muñoz, *ob. cit.*, p. 276. Non dent *roiso* nec manaria, Bonilla, *ob. cit.*, p. 128 (de San Salvador, Sahagún, en León, 1166).

A grafia *-is-* por *-x-* intervocálico é freqüente em Rioja (há vários exemplos nas obras de Gonzalo de Berceo) e em Navarra (*Fueros de Navarra*).

As formas que derivam de *rapsiare pertencem, pois, ao Oeste e Noroeste da Península Ibérica: as províncias portuguesas Beira, Estremadura e Trás-os-Montes, e as províncias espanholas adjacentes Salamanca, León, Palencia e Samora.

*

No artigo 7060 do seu *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, Meyer-Lübke aponta o antigo português *raptar* «Frauenraub treiben», pedido ao latim *raptare*. Existe em espanhol o substantivo correspondente, sob a forma *roto*, evolucionado fonèticamente, que encontrei num só documento:

> En Agüero non aia manneria nenguna ni *roto* ni nuptio, Hinojosa, *ob. cit.*, p. 128 (de Agüero, hoje Buenavista, Palencia, do ano 1224)[6].

---

1 Publicado antes na *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 1899, p. 194.

2 A cópia do documento oferecida em *Portugaliae Monumenta Historica, Leges et Consuetudines*, I, p. 390, dá no segundo caso *rousar*.

3 *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, 7061.

4 *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, art. *rausar*.

5 J. J. NUNES, *Compêndio da gramática histórica portuguesa*, segunda edição, p. 150.

6 Publicado antes na *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 1899, p. 192.

O mesmo autor oferece, com o mesmo sentido, *raptus* num documento latino do ano 1201 (*ob. cit.*, p. 101). Há outro exemplo de *raptas mulieris* em *Port. Mon. Hist., Leges et Consuet.*, I, p. 695 (de Coja, 1260).

*

Quanto ao sentido destas palavras, Santa Rosa de Viterbo mostrou, no seu *Elucidario*, que *rausar, rauxar*, etc., significam «roubar-se uma mulher com fôrça». Os substantivos correspondentes *rauso, roxo*, etc., significam não só «a acção de roubar-se uma mulher com fôrça», mas também «multa que se pagava por tal roubo». Êste último sentido, de que duvidava sem razão Adolfo Bonilla[1], observa-se em vários dos exemplos citados acima.

Ao verbo *rausar, rouxar*, etc., corresponde muitas vezes em documentos redigidos em latim *rapere* (*Port. Mon. Hist., Leges et Consuet.*, I, pp. 379, 393, 424, 427, 431, 465, 508, 513, 516, 542, etc.), *vi habere* (pp. 488, 507, 522, 334); em documentos portugueses encontra-se *arabinar* (p. 704), *rabir*[2] (pp. 380, 603), *levar rabida* (p. 603), *roubar* (p. 508), *tomar contra sua voontade* (p. 596).

*

As palavras estudadas nas páginas precedentes não se encontram nunca fora dos textos forais. Os verbos **rapsare*, **rapsiare* foram criados nas chancelarias latinas da parte nordeste da Península Ibérica, e continuaram a viver só na linguagem jurídica. Foram, como *ousia* (absida), palavras semicultas, que nunca pertenceram à língua popular.

Universidade de Estocolmo.

GUNNAR TILANDER.

Segunda feira, etc.

Os romanos dedicaram os dias correspondentes de segunda-feira até sexta-feira aos deuses *Luna, Mars, Mercurius, Iupitter e Venus*. Os povos românicos com excepção dos portugueses conservaram até hoje para designar os dias da semana nomes que derivam de LUNIS

[1] *Fueros de los siglos* XI, XII *y* XIII, *Anales de la literatura española*, Madrid 1904, p. 123 nota.

[2] Há outro exemplo de *rabir* no *Fuero de Alba de Tormes*, edição citada, § 19.

DIES (em vez de LUNAE DIES), MARTIS DIES, etc., ou do tipo DIES LUNIS, DIES MARTIS. Estes nomes, conservou-os em parte também a língua albanesa, e foram importados pelas línguas celtas do ramo britânico. O irlandês oferece apenas o exemplo (*dia*) *máirt* < DIES MARTIS [1].

latim	LUNIS DIES OU DIES LUNIS	MARTIS DIES OU DIES MARTIS	MERCURI DIES OU DIES MERCURI
francês	*lundi*	*mardi*	*mercredi*
italiano	*lunedì*	*martedì*	*mercoledì*
sardo	*lunis*	*martis*	*mérkuris*
castelhano	*lunes*	*martes*	*miércoles*
rumeno	*luni*	*marți*	*miercuri*
albanês	–	*martë*	*mërcurë*
antigo provençal	(*di*)*luns*	*di martz*	*dimercres*
catalão	*dilluns*	*dimars*	*dimecres*
bretão	*lun*	(*di*) *meurs*	*merc'her*
córnico	*lun*	(*de*) *merh*	
cámbrico	*llun*	(*dydd*) *mawrth*	(*dydd*) *merchyr*
irlandês	–	(*dia*) *máirt*	

latim	IOVIS DIES OU DIES IOVIS	VENERIS DIES OU DIES VENERIS
francês	*jeudi*	*vendredi*
italiano	*giovedì*	*venerdì*
castelhano	*jueves*	*viernes*
rumeno	*joi*	*vineri*
antigo provençal	(*di*)*jous*	*divenres*
catalão	*dijous*	*divenres*
bretão	(*diz*) *iaou*	(*di*)*gwener*
córnico	(*de*) *yow*	(*de*) *gwenar*
cámbrico	(*dydd*)*iau*	(*dydd*) *gwener*

Além disto as designações romanas mencionadas serviram de modêlo, no século III ou IV, para a formação dos nomes dos mesmos dias da semana nas línguas germânicas, as quais substituiram *Luna* pelo nome da «lua», *Mars* pelo deus germânico *Tîwaz* (inglês e lín-

[1] Irlandês *dia luain* «segunda-feira» parece ser uma palavra genuina da lingua irlandesa, veja-se H. PEDERSEN, *Vergleichende Grammatik der keltischen Sprachen*, I, 207.

guas nórdicas, e também no dialecto alemânico do médio alto alemão) ou *Thinxus*[1] (no alemão e holandês), *Mercurius* pelo deus *Wodan*, *Iupitter* pelo deus *þonaraz* e *Venus* pela deusa *Frîa*. Daqui resultam os seguintes nomes:

Segunda-feira: alemão *Montag*, holandês *Maandag*, inglês *Monday*, antigo nórdico *mánadagr*, dinamarquês *Mandag*, sueco *måndag*;

Têrça-feira: alemão *Dienstag*, holandês *Dinsdag*; inglês *Tuesday*, dinamarquês *Tirsdag*, sueco *tisdag*;

Quarta-feira: médio baixo alemão *wôdensdach*, holandês *Woensdag*, inglês *Wednesday*, dinamarquês e sueco *onsdag*;

Quinta-feira: alemão *Donnerstag*, holandês *Donderdag*, inglês *Thursday*, antigo-nórdico *þórsdagr*, dinamarquês e sueco *torsdag*;

Sexta-feira: alemão *Freitag*, holandês *Vrijdag*, inglês *Friday*, antigo nórdico *Frijádagr* (<antigo inglês *Frigedaeg*), dinamarquês e sueco *fredag*.

A formação do nome de quinta-feira na língua vasca oferece uma analogia interessante com o latim *Iovis dies*, alemão *Donnerstag*, etc. *Iupitter* e *þonaraz* são deuses da tempestade. O vasco *ortzegun*, *ostegun* significa «dia do deus do céu ou da tempestade»[2]. Vasco *hortz* «céu», *ortze* «tempestade», *egun* «dia».

O português como única língua românica oferece a particularidade das formas *segunda-feira*, *terça-feira*, *quarta-feira*, *quinta-feira*, *sexta-feira*, particularidade que com tantas outras demonstra a posição especial desta língua.

A origem destas formas vê-a J. J. Nunes nas suas *Digressões lexicológicas*, p. 93, nota, na influência da Igreja: «À influência exercida pelos cultos deve juntar-se a da Igreja, que, como é sabido, se servira do latim. Compreende-se que o povo, que assistia aos actos do culto, devia fatalmente não só aceitar muitos dos termos que ouvia, como também modificar a pronúncia doutros que já possuía. No primeiro caso estão, por exemplo, os vocábulos com que denominamos os dias da semana, contràriamente aos demais povos românicos que mantêm, com excepção do sábado e do domingo as designações pagãs...». A. de Morais e Silva cita no seu *Dicionário da lingua portugueza*, II, 26 s. v. *feira* a André de Avelar: «estes nomes que os gentios derão aos dias da semana, o papa Silvestre

[1] *Thinxus* = «deus das reüniões do povo e da justiça» (langobárdico *thinx* «reünião do Povo») = *Tîwaz*.

[2] Cf. *Discursos leídos ante la Real Academia Española en la recepción pública de D. Julio de Urquijo*, San Sebastião, 1929, p. 28.

os mudou, e mandou, que d'alli em diante se chamassem *feriaes*... e assim os chama a Egreja, dizendo ao domingo primeira *feria*, etc.».

Certo é que já nos últimos tempos dos romanos e no tempo dos primeiros cristãos se empregaram para evitar os nomes que os gentios davam aos dias da semana as designações *secunda feria*, *tertia feria*, etc. A palavra latina *feria* quer dizer «dia de festa» e as designações mencionadas referiram-se primeiramente aos dias festivos de Páscoa e de Pentecostes, festas que duram mais de um dia. Depois o uso de *feria* generalizou-se.

Mas as designações latinas *secunda feria*, etc., não só se usam (até hoje) na Igreja, como as encontramos também em documentos jurídicos da Idade-Média[1].

Concluimos, pois, que a origem do português *segunda-feira*, etc., vem do uso medieval de *secunda feria*, etc., pela Igreja e nos documentos jurídicos escritos geralmente por clérigos[2].

A indicação da origem do sistema enumerativo nos nomes portugueses dos dias da semana soluciona, porém, sòmente um aspecto do problema. Muito mais importante é saber a razão porque só o português, entre todas as línguas românicas (e podem-se acrescentar as línguas celtas e germânicas), conservou êste emprêgo até hoje com toda a sua vitalidade, emquanto em todos os outros países que conhecem a forma *secunda feria*, etc., da linguagem da Igreja e dos documentos medievais, os antigos nomes pagãos estão em vigor tanto nas línguas escritas como nas faladas. E não se pode alegar que o povo português fôsse mais católico que o espanhol, francês ou italiano.

Creio que a explicação do fenómeno está no facto da «língua do Estado português» se ter formado num centro, Lisboa, situado mais ao sul do que os centros de formação das outras línguas. O espanhol oficial formou-se em Castilla la Vieja (Burgos; língua literária da Idade-Média), depois em Toledo, o catalão em Barcelona, o italiano em Florença[3].

---

[1] Os documentos latinos da Península muitas vezes não indicam o dia da semana, outros são datados em dias de festas especiais que sempre foram preferidos para contratar. No segundo volume da *Paleografía española* de A. MILLARES CARLO encontrei só um exemplo na p. 34: «Facta cartula uendicionis uel confirmationis notum die quod erit III feria, IIDUS Junii, in Era M.ª C.ª XXXX.ª III.ª ...» (= ano 1105).

[2] A. NASCENTES, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Rio, 1932, cita da *Peregrinatio*: «... et secunda feria et tertia feria» (XXXIX, 1 e 2).

[3] Aqui interessa-nos sòmente a formação da língua naquilo em que ela depende da vida da côrte e da administração.

Quando a côrte passou em 1260 de Coimbra para Lisboa, esta cidade, que estivera durante mais de 400 anos na posse da moirama, tinha apenas 113 anos de existência portuguesa (não contando as invasões mouras de 1161, 1163 e 1191). Entre 1147 e 1260 Lisboa era uma povoação de 12:000 a 15:000 almas e consentia os mouros no populoso arrabalde que se formou extra-muros numa parte do vale da baixa[1]. Os mouros que habitavam o arrabalde e viviam do seu comércio como também os mouros nas cercanias da cidade, isto é, os antecessores dos saloios, exerciam seguramente certa influência na vida da cidade, ajudados pelos judeus e moçárabes, elementos estes que serviram como intermediários entre os agarenos e os cristãos.

Pois bem, os mouros designavam os dias segundo o sistema enumerativo empregando a palavra *jaum* ou *nahár* «dia» com os números cardinais, começando pelo domingo = «dia um» = «dia primeiro»[2]. No árabe da Península parece que se usou a palavra *nahár* para indicar «dia», conforme *nahár al hád* em Pedro de Alcalá (43, 15). Temos pois as seguintes formas árabes:

domingo	*nahár al'aḥad*	(1 = *aḥadun*)
segunda-feira	*nahár alitnain*	(2 = *iṯnāni*)
têrça-feira	*nahár attalātā'*	(3 = *ṯalāṯatun*)
quarta-feira	*nahár al'arba'ā'*	(4 = *arba'atun*)
quinta feira	*nahár alchamīs*	(5 = *chamsatun*)
(sexta-feira	*nahár alǧum'a*)	
sábado	*nahár assabt*	(7 = *sab'atun*)

Estes nomes correspondem aos nomes portugueses *segunda-feira*, etc., e aos latinos *secunda feria*, etc., com excepção do domingo e da sexta-feira, cujo nome árabe significa «dia da reünião na mesquita».

Estou certo de que esta maneira dos mouros indicarem os dias é a razão porque no português se conservou o sistema enumerativo para indicar os dias da semana. Da convivência de cristãos e mouros em Lisboa desde 1147, como também em outros lugares do sul de Portugal, resultou a supremacia do sistema enumerativo, propagado desde 1260 pela côrte e pelo govêrno português.

---

[1] Veja-se *Guia de Portugal*, I, 190.

[2] Não podemos dar uma tradução mais exacta dos termos árabes. Os números cardinais árabes 1 e 2 são adjectivos, 3-10 substantivos («dia do três», etc.).

Conhecemos outros casos em que na língua oficial do reino português se sente a influência de elementos lingüísticos do sul. Vêmos uma influência da pronúncia moçárabe no facto de o português oficial (português do sul) não guardar a antiga distinção entre *c* (antes de *e* ou *i*) e *ç* dum lado e *s-* ou *-ss-* doutro lado que os dialectos do norte (norte de Trás-os-Montes, muitas partes do Minho, Beira) ainda conservam. As palavras com *oi* por *ou* (*oiro*, *ouro*) representam provàvelmente a pronúncia moçárabe. Em Gil Vicente os judeus, os intermediários entre moçárabes e mouros na Idade-Média, falam com *oi* [1].

Dissemos mais que a razão da conservação de *segunda-feira*, etc., em português se deve à influência que exerceu a língua oficial do Estado português, formada na capital. Por isso seria de presumir que o galego que não sofreu a influência da capital de Portugal e do govêrno português não usasse as formas do tipo *segunda-feira* para indicar os dias da semana, ou pelo menos não usasse exclusivamente estas formas que na Galiza sòmente podiam continuar o uso da Igreja. Com efeito o galego, segundo a *Gramática do idioma galego* de M. Lugris Freire (*A Cruña*, 1922, p. 117), emprega ùnicamente *lus* e *martes* [2], conhece, porém, ao lado de *mércoles*, *xoves* e *vernes* as formas *carta feira*, *quinta feira* e *sesta feira* [3] que se encontram mais freqüentemente do que as de origem pagã.

lus	
martes	
mércoles	*carta feira*
xoves	*quinta feira*
vernes	*sesta feira*

Confirma a nossa hipótese da influência árabe o facto de ainda existirem em galego as cinco formas pagãs. Não sabemos, se a predilecção que os galegos dão a *carta feira*, etc., em vez de *mércoles*, etc., já é antiga ou se corresponde a uma influência moderna do modêlo português.

O sistema enumerativo para indicar os dias da semana encontra-se também em outras línguas da Europa.

---

[1] No *Diálogo sôbre a Resurreição*, Rabi Samuel diz *loiça*, na *Farça de Inês Pereira* Vidal *oiço*, Latão *hoiver* «houver».

[2] No *Vocabulario castellano-galego de las Irmandades da Fala*, La Coruña s. a. indicam-se ao lado de *lus* e *martes* também *segunda feira* e *tercia feira* (tendência purista que segue o exemplo português?).

[3] *Voc. de la Irmandades da Fala*: *sexta feira*.

O grego emprega o feminino dos números ordinais, contando do mesmo modo que o latim da Igreja, o português e o árabe: LUNIS DIES = *segunda* (feira).

segunda-feira	Δευτέρα	(= 2.ª)
têrça-feira	Τρίτη	(= 3.ª)
quarta-feira	Τετάρτη	(= 4.ª)
quinta-feira	Πέμπτη	(= 5.ª)

Sexta-feira diz-se em grego Παρασκευή «dia de preparação (para o sábado)».

Nas línguas eslavas e bálticas temos outro sistema enumerativo para exprimir têrça-feira, quinta-feira e sexta-feira. Os nomes formam-se dos números ordinais, mas começa-se em LUNIS DIES = *primeira* feira.

Têrça-feira: sérvio-croata *útorak*, eslovénico ***vtorek***, búlgaro ***vtórnik***, russo *vtórnik*, polaco *wtorek*, checo *úterý*, lituânio *útarninkas* (cf. 2);

Quinta-feira: sérvio-croata *četvŕtak*, eslovénico *četŕtek*, búlgaro *četvŭrtŭk*, russo *četvjérg*, polaco *czwartek*, lituânio *ketwergas* (cf. 4);

Sexta-feira: sérvio-croata *pétak*, eslovénico *petek*, búlgaro *pétŭk*, russo *piátnitsa*, polaco *piątek*, checo *pátek*, lituânio *petnycza* (cf. 5).

A língua letã oferece o particular de possuir o sistema completo desde segunda-feira até sábado: *deena* significa «dia»:

segunda-feira	*pirmdeena*	(1.º dia)
têrça-feira	*otrdeena*	(2.º dia)
quarta-feira	*treschdeena*	(3.º dia)
quinta-feira	*zeturtdeena*	(4.º dia)
sexta-feira	*peektdeena*	(5.º dia)
sábado	*sestdeena*	(6.º dia)

Por influência das línguas eslavas do sul temos em húngaro *csütörtök* «quinta-feira» e *péntek* «sexta-feira».

Bastantes vezes o português emprega só *segunda*, etc., em vez de *segunda-feira*[1]. Êste uso tem o seu paralelo no espanhol *lunes*, sardo *lunis*, rumeno *luni*, nas línguas celtas, no grego e também no árabe, onde *jaum* ou *nahár* «dia» muitas vezes faltam.

Hamburgo.

WILHELM GIESE.

[1] Cf. J. DUNN, *A Grammar of the Portuguese Language*, Washington, 1928, p. 234.

estremunhado 'estonteado ao acordar'

Comme M. R. de Sá Nogueira (*B. F.*, v, p. 354), dans son post-scriptum à l'article qui voulait établir l'étymologie *tras-* + *manhã*, devient hésitant devant la forme *estrovinhado* qu'il a découverte dans le Cancioneiro de Resende, je me permetrai de suggérer une explication très simple: **turbiniã* 'tourbillon' (*REW*³, 8995), du lat. *turbo*[1] (*turben*) 'vertige' (Ernout-Meillet). Pour *v* > *m* cf., en dehors d'influences d'autres mots possibles, le sarde *trumudzone* (*REW*, *s. v.*) et des cas d'assimilation portugais comme *termentina* = *terebinthus*. Donc: **ex-turbini-atus*.

forca(da)s da língua

M. Gunnar Tilander termine son suggestif article (*B. F.* v, p. 366) par la remarque que le portugais serait la seule langue qui, à sa connaissance, indique par une expression particulière le détail anatomique en question de la langue des oiseaux. Je signalerai le fr. *barbillon* que Sachs-Villatte traduit par 'Viderhaken', 'Pips (Zungenübel der Vögel)' et le moyen franç. *fourchillons* 'barbillons, maladie dans l'intérieur du bec des oiseaux' (*FEW* s. v. *fürca* n° 4), qui est étroitement apparenté au mot portugais. Il est vrai qu'il semble s'agir dans ces mots d'excroissances maladives.

Falei de si

Já depois de paginado êste número de o *Boletim* recebemos o seguinte adicional ao artigo *Falei de si:*

Qu'on compare pour la nuance les deux passages suivants des *Hommes de bonne volonté*, de Jules Romains, avec *soi* et *lui:*

XIII, 166: Mais c'est [le cardinal Merry del Val] peut-être une âme grande et hardie, qui a épousé entièrement la cause de l'Eglise, et qui, pour la servir, néglige, sacrifie tout le reste, *soi-même compris*.

[1] De là *trovão*, *REW*³ 8996 *a*, où il faut biffer l'astérisque de l'étymon latin *turbo*, et *troviscar*.

XIV, 248. M. de Lommérie a l'impression qu'il s'isole non seulement des autres, mais de *lui-même*. *Lui-même* lui échappe. *Lui-même* recule, glisse, s'éloigne à perte de vue. *Lui-même* fait mine de «lui foutre la paix».

Dans le premier exemple le *self*, le *ego* est en harmonie avec, dans le second il est devenu étranger à lui-même. On comprend bien le caractère de 'erlebte Rede' de *soi*. *Lui-même* dans le dernier exemple rend possible un dédoublement de la personnalité («*lui-même* fait mine de *lui* foutre la paix» contient deux *lui* signifiant deux parties différentes du moi du personnage). Ce dédoublement ne peut probablement être exprimé en général qu'à la troisième personne: mais le langage berlinois (d'après Hans Ostwald, *Berlinerisch*, 1932) première connaît une expression dédoublée à la 1ère personne: une jeune fille dira à un jeune homme qui devient trop tendre après une dispute: *Jehste von se* (= 'gehst du von ihr!', 'vas-tu t'en aller *d'elle*, *la* laisser en paix', au lieu de 'de moi..., me...'): la jeune fille offensée distingue un 'elle' général, un être offensé distinct d'elle-même, elle se considère en ce moment comme représentante d'une partie de l'humanité (probablement parce qu'elle a en tête une maxime du genre de: 'on laisse en paix la jeune fille qu'on vient d'offenser' > 'laisse-*la* en paix').

Baltimore, Md, le 24 février 1939.

LEO SPITZER.

Recensões críticas

MAX L. WAGNER, **Restos de latinidad en el Norte de África.** Separata de *Cursos e Conferências* da Biblioteca da Universidade de Coimbra, vol. VI, Coimbra 1936, 43 páginas.

Estudam-se neste trabalho os vocábulos latinos que da época romana ficaram na língua da África do Norte, o berbere, ou dêle passaram ao árabe magrebino. Acessòriamente, porém, estudam-se os vocábulos latinos e outros que os Árabes conquistadores traziam já encorporados na sua língua.

À data da primeira invasão árabe, no fim do século VII, a África do Norte era povoada de povos camíticos, hoje chamados berberes, que ocupavam os territórios que se estendem do Egipto a Marrocos e às Canárias. Em geral, os escritores antigos chamaram a êsses povos *líbios, mouros* ou *númidas*. Os invasores empurraram essas populações indígenas para o interior das terras ou para as montanhas e a arabização do país, continuada com a segunda invasão, desarticulou e separou os membros do corpo da gente berbere. Hoje essa gente sobrevive no Rife e nas regiões do Atlas (Marrocos), na Cabília e Aures (Argélia), na ilha de Gerba (Tunísia), no monte Nefuça (Tripolitânia) e em vários oásis no interior destas regiões, sobretudo na região dos Tuaregues, em pleno Grande Deserto.

Na época romana falavam-se na África do Norte duas línguas: o púnico e o líbico, conforme os autores citados. É natural que viessem a influenciar-se, uma e outra; e na verdade, há elementos púnicos no líbico, como o provaram Stumme e Schuchardt. Seja o nome de povoação marroquina e outrora o nome de Tremecém, *Agadír*: é daquela origem, significa «sítio fortificado», e é o mesmo que está em *Gades*, hoje Cádiz.

O árabe magrebino contém por sua parte vocábulos de várias origens (persas, arâmeos, egípcios, sírios e babilónicos, etíopes, gregos, latinos, turcos) que os Árabes invasores trouxeram. Assim: o port. *adobe*, tijolo cru, que nos veio pelos Árabes, é egípcio; *atafona*, moinho, também, é arameu; *atanor*, forno dos alquimistas, é nabateu; *cafiz*, medida de cereais, é persa, segundo parece; *almude* é latino ou grego... Vocábulos eruditos de origem grega são numerosos e não admira: a ciência árabe foi tributária da grega, por meio de traduções feitas em siríaco e dêste em árabe. Assim: *elixir, butargas*, ovos da tainha, *alveitar*, veterinário, *tremoço, adelfa*, loureiro-rosa ou aloendro...

O líbico é a língua dos Berberes. Com a desarticulação referida, êle fraccionou-se em muitos dialectos que têm sobrevivido em cêrca de 40 dialectos. Em Marrocos há três grupos dêles: os do Rife, o do Marrocos central, ou berbere pròpriamente dito, e o xilha, do sul do país (Tarudante, Agadir, etc.).

O berbere ou líbico também influenciou o léxico e êsses vocábulos, comuns ou da toponímia, quando femininos revestem certa particularidade dos nomes dessa origem: o género feminino tem, em regra, o prefixo *t* ou *th* e o mesmo sufixo. Por exemplo: *irem*, lião, *tirent* lioa. É assim que se explicam: *tamarix*, tamarindo, nome de planta, *Tabuda*, nome de lugar, do nome de planta *buda*, junco, em port. *tabua*, *tagarnina*, cardo comestível, em espanhol e em português.

Como é compreensível, os latinismos africanos —de 150 a 200— são só nomes substantivos; e êsses nomes encontram-se também, por vezes, na Itália meridional, na Sardenha ou na nossa Península: é, pois, o latim falado da bacia ocidental do Mediterrâneo. O autor estabelece vários grupos, consoante essa comunidade.

a) Latinismos africanos e latinismos hispânicos: *centenum*, centeio, no berbere e no árabe magrebino; *columellus*, colmilho, no berbere; *vereda*, no berbere; *bifera*, bêvera, no árabe magrebino; *portus*, pôrto sêco — como em Portalegre —, no berbere.

b) Latinismos africanos e latinismos hispânicos e sardos: *chorda*, tripa, esp. cordilla, no berbere e no sardo: *hortus*, horto em port., no berbere e no sardo.

c) Latinismos africanos e o sardo.

d) Latinismos africanos e românicos em geral. Numerosos exemplos. Relativos à casa: *porta*, *liminare*... Relativos a ofícios e seus instrumentos: *lima*, *ferrum*... Relativos a plantas e frutas: *pirus*, *ulmus*, *uva canina*... Relativos a animais: *asinus*, *cattus*, *porcus*, *tabanus*... Relativos à agricultura: *juga*, *aratrum*, *subjugium*... Relativos à religião cristã: *pascha*, *angelus*, *peccatum*, expressão *bonni anni*...

Eis uma amostra dos assuntos tratados. Por ela se verá o interêsse de tal estudo. É êle apenas o esbôço de estudo maior do autor, como diz no prefácio. Faremos votos para que realize o seu desejo, que em parte enriquece a filologia portuguesa. Os assuntos são tratados com segurança de método e riqueza de fontes, como era de esperar do insigne romanista.

DAVID LOPES.

DANTE DE LAYTANO, **Vocabulário dos Pescadores do Rio Grande do Sul**. Etimologia dos termos praieiros usados na costa do Nordeste. Pôrto Alegre, 1937, 34 páginas.

Neste opúsculo, resultado dum inquérito *in loco* feito no nordeste do Rio Grande do Sul, Dante de Laytano reuniu cem termos usados pelos pescadores daquela região. Não se trata dum vocabulário sêco, no qual se dêem apenas as diferentes significações. O A. procura explicar, ou por si ou invocando a opinião doutros autores, a evolução semântica de algumas palavras. Assim, o têrmo *abuso* tem ali o significado de «aborrecimento» (v. g. «meu fastio é tão grande [que] eu abusei tôda a comida»), e *potoca* o de «mentira». Há quem faça derivar esta palavra de «potocar» (concani «pottekar»), nome dado àquele que maneja o «potó» — espada de dois gumes usada na Índia em certas festividades. «Das habilidadades, destreza, malabarismos, às vezes ilusivas do manejo rápido do potó, poder-se-ia deduzir porventura a «potoca» brasileira, que não é mais do que uma grande habilidade no manejo da palavra para enganar outros».

Várias outras informações apresentam interêsse filológico, p. ex. a citação de Mário Marroquim de que, na língua nordestina o matuto, depois de dizer *lũa* (mantendo a nasalação), passou a dizer *luma*—à semelhança do que se verificou em português antigo com *ũa*, que veio a dar *uma*.

No que respeita à passagem de nomes próprios a nomes comuns, é de notar a degradação da palavra *chubrega* (marechal Schomberg): depois de ter significado «casa pequena e pobre», veio a aplicar-se, no Rio Grande do Sul, à mulher pública. O verbo *chumbergar* tem aí o sentido de «embriagar-se».

Sob o aspecto psicológico e sociológico, não deixa de ser significativa a evolução de sentido que sofreu a palavra *poeta*: «pessoa que fala muito. A. Amaral, no *Dialecto caipira* nos dá portagem como parolagem, fantasia. Há muito que o poeta tem entre nós sentido pejorativo emprestado pelo povo».

Quanto à influência alemã, o A. só regista *chene* (schöne) para significar «linda», «bela». A êste propósito seja-me lícito recordar a conclusão do artigo de Nils Kjelman nos *Studia Neophilologica* (Uppsala) 1935, pp. 36–44: ao passo que na língua corrente da colónia alemã de Pôrto Alegre entraram algumas expressões portuguesas, a influência recíproca daquela colónia pode considerar-se quási nula.

Relativamente à expressão «agora», empregada interjectivamente, teria sido recomendável apresentar frases em que ela entrasse. Em Portugal, pronunciada «ágora» e equivalente a uma expressão negativa, encontra-se no Minho, em Trás-os-Montes e noutras regiões, em frases como estas que, decerto, se poderiam ainda hoje lá ouvir: «E então desabafou: — que não pensasse, o José da Loja, que o havia de levar à parede. *Ágora* levava!» (Trindade Coelho, *Os meus Amores*, p. 76).—«Casado, o meu menino?! *Ágora* casa! Ninguém rouba o meu menino?! (ibid., p. 342). E na obra de Aquilino Ribeiro *A Batalha sem fim*, 1932, p. 26, que se passa justamente num meio de pescadores, encontrei exemplo semelhante: «Fica obra asseada [o baú].—*Ágora!* É para pobres, para a terra comer».

Dante de Laytano, neste estudo «organizado sem pretensões, mas revestido duma honestidade científica» (como diz no prefácio), revela conhecimentos, seriedade e aptidão para assuntos filológicos. Pena é que êste, como alguns outros beneméritos investigadores brasileiros, pareçam não estar ainda inteiramente de posse dos métodos modernos da Filologia. Por isso os resultados trazidos estão longe de corresponder aos esforços empregados e à expectativa do estrangeiro.

No caso presente, o que sobretudo importava, quere-nos parecer, não era reünir apenas uma ou mais centenas de vocábulos (que, por sinal, nem sequer vêm dispostos em rigorosa ordem alfabética), mas estudar os fenómenos mais característicos da *linguagem dos pescadores* do Rio Grande do Sul, no ponto de vista fonético, morfológico e sintáctico.—Como o óptimo é inimigo do bom, já não dizemos que se procurasse fazer uma monografia no género das que se publicam desde há muito na Alemanha, na Suiça e até já na França, nas quais se associa o estudo das *palavras* ao das *coisas* e se dá a transcrição fonética dos vocábulos e expressões. Não ignoramos (porque também existem em Portugal) as dificuldades de vária ordem com que lutam os estudiosos da língua no Brasil. Mas talvez fôsse possível, para já, fazer ao menos estudos filológicos e inquéritos segundo o método adoptado por Abílio Roseira na sua pequena monografia «Costumes de Semide. Linguagem e folclore». (Separata do *Boletim de Filologia*, Lisboa 1935, 40 páginas).

Estas ligeiras considerações não envolvem uma censura, antes representam simplesmente um «desideratum», de mais a mais tratando-se dum país que nos deve merecer tanto interêsse, no ponto de vista linguïstico, como é o Brasil.

M. DE PAIVA BOLÉO.

M. L. WAGNER, **Portugiesische Umgangssprache und Calão** (*Volkstum und Kultur der Romanen*, X, pp. 1-41).

M. Wagner, le plus grand «linguiste-touriste» que nous ayons connu parmi les romanisants, a découvert, par le travail que voici, le «parler de Lisbonne» pour la linguistique romane — cette constatation équivalent à un reproche qu'on peut adresser aux savants qui, avant lui, n'ont pas su mettre en relief cet heureux sujet. Avec ce don, tout à lui, de voir dans le fait sémantique un trait de civilisation, il a évoqué une foule d'expressions populaires et courantes, dont il se limite quelquefois à établir le sens sans vouloir percer le mystère étymologique. Il ne m'appartient pas, amateur livresque du portugais que je suis, de discuter avec M. Wagner sur des mots dont il a la notion exacte, cueillie sur place, je dirais même: dont il a le relent sur le palais. Je me restreindrai à donner quelques suggestions de détail: on ne pourrait rivaliser avec la richesse d'information de l'auteur.

P. 10. *cheche* 'mascarado repellente e ridiculo...'. L'origine onomatopéique est appuyée par trasm. chèché 'bocadinho de qualquer coisa'. Cf. p.-ê. cubain *cheche* 'matón, guaposo, matasiete' (Ortiz, *Glosario de Afronegrismos*).

P. 10. *giro, gidio* 'beau, élégant'. Je me demande si les formes avec *-d-* en portugais et dans les argots espagnols ne seraient pas secondaires et s'il ne faut pas rattacher notre adjectif à *giria* 'calão', 'astúcia, esperteza', cf. *girio* 'que fala gíria', 'que usa de gíria, de astúcia', beira 'activo, esperto', qui doivent appartenir à la famille de *gerigonça*[1], esp. *jerga, xiriga* (nom d'un argot asturien), cf. *RFE*, IX, p. 326. Pour le développement de sens cf. des mots esp. comme *gitano, flamenco*: le milieu de la pègre est aussi un fournisseur de modèles d'élégance et de beauté... faubouriennes. *Mafiusu* en sicilien veut dire 'membre de la Mafia', mais aussi 'di cosa buona, excellente nel suo genere... detto di abito, bello ricco', 'valente, bravo, esperto' (Traina). De même l'esp. *guapo*.

P. 12. *lapuz, lapão, lapónio, lapardio* seront apparentés à *lapouço* 'coelho novo', 'homem gordo', 'sujo, estúpido' et à *lapa* 'rocher' (cf. fr. *clapier*), *Ztschr.*, LI, p. 706. Pour *bimbos* cf. A. Roseira, *BF*, III, 397, et mon article *BF*, IV, 183.

P. 14. *guito* 'pain' sera = *guita* 'o mesmo que *barbante*', qui est glosé lui-même par Figueiredo par 'cordel, guita', donc 'corde'. De même que l'esp. *guita* 'argent' vient de l'acception 'corde' (cf. all. *Draht*, port. *fio*, Wagner, p. 20), le sens de 'pain' peut s'expliquer par 'corde': ce qui sert à vivre, à «se tirer» de la misère, de la faim.

[1] A-t-on déjà dit que cette forme, ensemble avec celle du provençal: *gergons*, vulgare trutannorum, 'indique une très ancienne formation romane, d'après le modèle *romanice* > *romanz*, *vasconice* > *vascüence*, qui aura été une *parodie* (cf. le *latin* des oiseaux dans la poésie medievale)?

P. 16. *chulé* 'tumulte' sera formé de *chula* 'danse populaire' à travers un verbe **chulear* 'danser' (comme *laré* masc. de *larear*).

P. 17. *surrar* 'voler', chiper, M. Wagner pense à *surripiar* qu'il déclare «littéraire» et dérivé de *surripere*. Mais je pense que *surripiar*, que Figueiredo donne au contraire comme populaire, sera dérivé par ce suffixe *-api-*, *-ipi-* qu'on trouve dans des mots populaires, de *surrar* et celui-ci sera identique à *surrar* 'curtir' = esp. *zurrar la badana*, métaphores pour 'battre' (> 'maltraiter, exploiter', etc.). Pour le suffixe cf. ce *laráp̃io* 'voleur', p. 17, obscur pour M. W., mais que je rattacherais à *andar ao laré, larear* 'vadiar', 'andar á tuna' et en dernier lieu au lat. *lar* 'foyer' (galic. *larego* 'pequeno porco' *REW* 4910: 'celui qui reste autour du foyer' > 'paresseux', cf. le sens de Poschiavo: 'Herdstein', 'Faulpelz' *ibid.*). J'ai essayé d'expliquer le suffixe ibéroroman *-ap-*, *-ip-*, dans *RFE.* IX, p. 393: cf. catal. *corripies* 'diarrhée' avec le portug. *escorr-ip-ichar* 'deixar escorrer até o fim': je rattacherais ce *-ap-*, *-ip-* a *farrapo, farripas*, etc.[1].

P. 20. *armar aos cagados:* ne serait-ce pas 'armer *contre* les tortues'?

P. 20–21. *milho e bago* 'argent'. Cf. mon article dans *BF*, III, 401.

P. 23. *cisear-se:* cf. mon article dans *Language*, XIV, 147, qui est confirmé par les formes qu'atteste M. Wagner.

P. 24. *fazer vispere, vispere.* Cf. l'ital. *vispo* et l'article de Schuchardt, *Ztschr.*, XL, p. 608.

P. 25. *dar arroz*, 'battre' s'expliquera par la *bouillie* de riz et comme *dar môlho*, all *Prügelsuppe*.

P. 32. Sur le suffixe *-ola* pour former des substantifs un peu péjoratifs cf. mon article sur les épicènes des langues ibériques dans *Bibliotheca Arch. Rom.*, II–2.

Le suffixe substantival et adjectival *-ório* a son analogie dans un *-òri* piémontais ayant les mêmes deux fonctions, cf. Serra, *Dacoromania*, III, 526. En allemand on trouve quelquefois un *-atorium* qui fait un effet plaisant: B. Diebold dans la *Frankfurter Zeitung* du 23-II-1929 écrit: «der König nimmt täglich ein Klystier. Und Pallenberg [l'acteur bien connu, décédé] erscheint wieder vor dem Vorhang seines *Nachtstuhlatoriums* und verkündet den feinsten Berlinern: ‹Die Natur hat gesiegt›» *nachtstuhlatorium* 'vase de nuit' d'après *sanatorium*. Ensuite, je comparerais ce *-òrum*, issu de *latinòrum* 'phrase ou mot dits en latin', qui est devenu un suffixe productif dans *xerratòrum, embujòrum* à Ciutadella (Ménorque) d'après M. Moll, *Miscellànea... Alcover* (1931), p. 17. Enfin je cite un espagnol *comistorio* 'le manger' forgé directement sur *consistorio*, et *plazentorio* 'plaisir' dans le *Cancionero* de Sebastián de Horozco (cité par Cejador y Franca dans l'édition de *Lazarillo de Tormes*, «La Lectura», p. 61: un paysan parlant d'un moine qui *las limosnas se bebe*):

Eso serie el *plazentorio*.
Mas ¿vistes como engullia?
Así saca él cada dia
las almas del purgatorio:
¡pedid para el *comistorio*
me parece!

[1] J'ajoute ici des formations espagnoles parallèles à port. *fiapo* à côté de *fio: guiñapo*, sémantiquement voisin de *harapo:* Cespedosa de Tormes *guarrapo* (à côté de *guarín*) 'la oúa de la cerda'; *gaznápiro* 'qui baie aux corneilles', pro-

Pour compléter la bibliographie de la syntaxe populaire du portugais je me permets de rappeler mon long compte-rendu de l'œuvre de Moreira dans *Literaturblatt*, 1914, col. 59–76.

LEO SPITZER.

ALBERT DAUZAT, **Dictionnaire Étymologique de la Langue Française.** Librairie Larousse, Paris [1938].

Sempre com o louvável desejo de popularizar a Ciência o prof. A. Dauzat publica de tempos a tempos trabalhos admiráveis pelo espírito sintético, onde os principiantes ou os curiosos se podem iniciar ou informar e os cultos recordar.

Assim temos já uma *Géographie Linguistique*, uma *Histoire de la Langue Française*, uns *Patois*, uns *Argots*, os *Noms de Lieux*, os *Noms de Personnes*, etc.

Pertenceu agora a vez a um *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française* que «est destiné au grand public. Il a pour but de mettre au point les résultats que la science étymologique a accumulés depuis un siècle, grâce aux méthodiques et patientes recherches de nos prédécessours depuis Diez et Littré jusqu'à Antoine Thomas, sans oublier le précurseur, du XVII^e^ siècle, Ménage. Nous sommes surtout redevables aux grands dictionnaires étymologiques qui ont vu le jour depuis une vingtaine d'années: le dictionnaire étymologique roman de W. Meyer-Lübke, et les dictionnaires étymologiques français de W. von Wartburg..., de Gamillscheg et d'Oscar Bloch».

Na *Introduction* o A. faz umas sucintas considerações sôbre *Vocabulário, Fonética e Pronúncia, Alterações de Origem Analógica, Semântica* e *O Método Etimológico*.

Tem ainda uma *Lista das Principais Raízes Gréco-Latinas* de bastante utilidade.

Cada artigo do *Dicionário* traz sucintamente a informação indispensável sôbre a história do voc.: étimo, datas do seu emprêgo em francês, derivados e evolução semântica.

Embora não se trate de uma obra de largas pretensões científicas, e tenha por aqui e por ali algumas informações menos exactas, isso não me impede de a aconselhar aos leitores do *Boletim*.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

---

bablement = *gazn-àp-iro*, de *gaznate* 'gorge' (qui ouvre la bouche jusqu'à la gorge?) et plusieurs autres mots que je cite *Neuphotolog. Mitt.*, 1923, p. 151 seq., pour établir la parenté de *gazapo* (port. *caçapo*) avec *gazuza* 'fringale'.

Através das Revistas

O *Boletim de Filologia* tem recebido com regularidade numerosas revistas nacionais e estrangeiras, com as quais gostosamente permuta.

Não podemos deixar de registar com bastante prazer o início de permutas com as seguintes revistas: *Ocidente, Bulletin of the New York Public Library, Modern Language Notes.*

Dos números recebidos salientam-se aqueles artigos que porventura possam interessar aos leitores do nosso *Boletim*.

PORTUGAL:

Anuário da Universidade de Lisboa, coordenado por ERNESTO BELEZA DE ANDRADE. Volume referente ao ano escolar de 1932–1933.

Arquivo Histórico de Portugal (Avenida de João Crisóstomo, 85, r/c — Lisboa).

Vol. III (1938), fasc. 9: LUÍS XAVIER DA COSTA, *Documentos relativos aos alunos que de Portugal foram para o estrangeiro estudar Belas-Artes e Cirurgia, com protecção oficial, nos decénios finais do século XVIII.*

Fasc. 10: LUÍS XAVIER DA COSTA, *Documentos relativos aos alunos*, etc. (Cont.).

Arquivo da Universidade de Lisboa.

Vol. XIV (1932): Encerra êste volume vários artigos científicos; devem-se destacar os *Discours prononcés le 14 Avril 1932 au cours de la séance commémorative du premier centenaire de la mort de Gœthe, organisée par l'Université de Lisbonne dans la salle d'honneur de l'Académie des Sciences de Lisbonne.* Foram êles dos srs. Drs. GUSTAVO CORDEIRO RAMOS, KARL VOSSLER, RUI TELES PALHINHA, J. A. DE MATOS ROMÃO e JOSÉ CAEIRO DA MATA.

Vol. XV: Dos vários artigos dêste volume destacam-se os *Trabalhos preparatórios do primeiro curso de férias da Universidade de Lisboa* da autoria do prof. JOÃO DA SILVA CORREIA.

Biblos. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.*

Vol. XIII (1937): ANTÓNIO A. FERREIRA DA CRUZ, *Subsídios para a História das Campanhas da Restauração*; W. J. ENTWISTLE, *Projecto duma edição nacional de Fernão Lopes*; MARCUS DE JONG, *Ramalho Ortigão e o escritor holandês «Multatuli»*; L. SAAVEDRA MACHADO, *Os Inglêses em Portugal*; A. G. DA ROCHA MADAHIL, *A crónica inédita da Congregação dos Agostinhos Descalços*; A. GONÇALVES RODRIGUES, *Cartas Inéditas do Cavalheiro de Oliveira*; AUGUSTA FARIA GERSÃO VENTURA, *Estudos Vicentinos.*

Boletim Cultural e Estatístico da Câmara Municipal de Lisboa.

Vol. 1.º, n.º 4 (Outubro-Dezembro de 1937): Artigos interessantes sôbre a capital.

Boletim Cultural da Câmara Municipal do Pôrto. Suplemento trimestral ao *Boletim da Câmara Municipal do Pôrto.*

Vol. I, fasc. III (Setembro de 1938): ANTÓNIO FERREIRA PINTO, *Cabido da Sé do Pôrto.*

Vol. I, fasc. IV (Dezembro de 1938): ANTÓNIO FERREIRA PINTO, *Um Centenário* (João Pedro Ribeiro); PEDRO VITORINO, *Acêrca de João Pedro Ribeiro;* JOAQUIM FREITAS GONÇALVES, *Uma inscrição interessante.*

Boletim do Liceu Pedro Nunes.

Ano VII, 1938.—Informações acêrca da notável actividade daquele estabelecimento de ensino durante o ano escolar de 1936-1937.

Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa. «Actas e Pareceres», «Estudos», «Documentos e Notícias».

Vol. XX (Anos de 1926, 1927, 1928 e 1929), 2.ª Parte: AFONSO DE DORNELAS, *Elementos para o estudo etimológico do apelido «Colon»—Razões prováveis porque Cristóvão Colon adoptou esta alcunha ou apelido;* J. J. NUNES, *Um velho rimance;* JOAQUIM LEITÃO, *O maior romancista inglês do século XIX;* JOAQUIM LEITÃO *Italianismo.*

Boletim de Trabalhos Históricos. Publicação do Arquivo Municipal de Guimarãis.

Vol. III, n.º 1: *Inquirições sôbre a pureza do sangue; Dois pergaminhos medievais; Livro das Sepulturas que tem esta Igreja do Convento das Religiozas da Madre de Deos desta Villa de Guimaraens feito aos 20 de Nobr.º de 1793; Correspondência de carácter Militar, dos séculos XVIII e XIX, existente no Arquivo Municipal de Guimarãis.*

Vol. III, n.º 2: *Inquirições sôbre a pureza do sangue* (Cont.); *Livro das Sepulturas que tem esta Igreja do Convento das Religiozas da Madre de Deos desta Villa de Guimaraens feito aos 20 de Nobr.º de 1793* (Cont.); *Relação dos Religiozos e Religiozas dos Conventos de Guimarãis que, nos «Livros de Notas» existentes no Arquivo Municipal, assinaram os seus nomes durante o século XVII.*

Vol. III, n.º 3: *Relação dos religiosos dos Conventos de Guimarãis; Livro das Sepulturas que tem esta Igreja do Convento das Religiozas da Madre de Deos desta Villa de Guimaraens feito aos 20 de Nobr.º de 1793; Inquirições sôbre a pureza do sangue.*

Vol. IV, n.º 1: *Para a história do Arcebispado de Braga; Inquirições sôbre a pureza do sangue; Na Academia Portuguesa da História; Instituicam da Mizericordia desta muy nobre e antiqua Villa de Guimarães; Relação dos Religiosos e Religiosas dos Conventos de Guimarães.*

Brotéria (Caixa Postal, 364—Lisboa).

Vol. 26 (1938), fasc. 5: SERAFIM LEITE, *Expansão portuguesa ao sul do Brasil;* A. B. DA COSTA VEIGA, *Solução do problema cronológica da segunda reconquista cristã de Coimbra.*

Fasc. 6: PAULO DURÃO, *O último livro de Papini.*

Vol. 27 (1938), fasc. 1: HIPÓLITO RAPOSO, *Direito e Doutores na sucessão Filipina.*

Fasc. 2-3: DOMINGOS MAURÍCIO, *O último romance de Nuno de Montemór.*

Fasc. 4: MÁRIO DE SAMPAIO RIBEIRO, *Sôbre o fecho do «Auto da Cananeia».*

Fasc. 5: MÁRIO DE SAMPAIO RIBEIRO, *Sôbre o fecho do «Auto da Cananeia»*.

Fasc. 6: ABÍLIO MARTINS, *Toledot Yeshu*.

Vol. 28 (1931), fasc. 1: JOHN SAATMAN, *Alguns romancistas católicos ingleses*.

Fasc. 2: DIAMANTINO MARTINS, *Ecos da vida portuguêsa do séc. XV*; DOMINGOS MAURÍCIO, *Camões lírico*.

Fasc. 3: M. ESTÊVES, *Para onde foi o helenismo?*

Fasc. 4: LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA, *Diletantismo trágico no pensamento moderno*.

Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal (Rua de Santos-o-Velho, 11—Lisboa).

Nova Série. Tômo 5.º. Fasc. 1 (1938): VIEIRA DE ALMEIDA, *Antero de Quental*; CH. SAMARAN, *Vasco de Lucena à la cour de Bourgogne*; REBÊLO GONÇALVES, *Une édition brésilienne des «Georgiques» de Custilho*; ANTÓNIO PICABOLO, *Gonçalves Dias et le Portugal*; J.-B. AQUARONE, *Le quatrième centenaire de la mort de Gil Vicente*.

Ocidente. Revista Portuguêsa (Rua do Salitre, 151-155—Lisboa).

Vol. II, n.º 4 (1938): AFRÂNIO PEIXOTO, *Julgamento de Juiz* (A propósito de António Denis da Cruz e Silva).

N.º 5: JOAQUIM COSTA, *Autógrafos e recordações de escritores e artistas*; QUIRINO GIGLIOLI, *Vestígios Imperiais de Roma no Mundo*.

N.º 6: JIMENA MENÉNDEZ PIDAL, *El Romancero y la Escuela*; ANTÓNIO CORREIA DE ALMEIDA E OLIVEIRA, *O tema de Le Bourgeois Gentilhomme*; EUGÉNIO NAVARRO, *Stefan Zweig*.

Vol. III, n.º 7: A. DE MAGALHÃES DE BASTO, *A primeira tradução portuguêsa «Imitação de Cristo»*.

N.º 8: ANTÓNIO CORREIA DE ALMEIDA E OLIVEIRA, *O tema do Bourgeois Gentilhomme no teatro antigo e no teatro moderno*; JORGE DE FARIA, *As primeiras quatro levas de cómicos para o Brasil*; LUÍS CHAVES, *Nos domínios da Etnografia e do Folclore*.

Vol. IV, n.º 9: JOAQUIM COSTA, *João Pedro Ribeiro*.

N.º 10: ANTÓNIO CORREIA DE ALMEIDA E OLIVEIRA, *Uma comédia inédita de D. Francisco Manuel de Melo*.

N.º 11: JOAQUIM COSTA, *Autógrafos e recordações de escritores e artistas*.

Vol. V, n.º 12: ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE, *Gil Vicente—Vida e obras*; MÁRIO DE SAMPAIO RIBEIRO, *Erasmo antípoda espiritual de Gil Vicente*; ANTÓNIO CORREIA DE ALMEIDA E OLIVEIRA, *Uma comédia inédita de D. Francisco Manuel de Melo* (Cont.).

Portucale (R. dos Mártires da Liberdade, 174 a 178—Pôrto).

Vol. XI, n.ºs 64-65: F. CARREIRO DA COSTA, *Breve notícia sôbre elementos para uma literatura regional açoreana*; LUÍS DA SILVA RIBEIRO, *Os estudos etnográficos nos Açôres*; SEBASTIÃO PESTANA, *Apontamentos da Língua Portuguesa*.

N.º 66: SEBASTIÃO PESTANA, *Apontamentos da Língua Portuguesa* (Cont.); EUGÉNIO AMORIM, *Dicionário biográfico de Músicos do Norte de Portugal*; RICARDO JORGE, *Sôbre uma suposta errata dos «Lusíadas»*.

N.º 67: J. LEITE DE VASCONCELOS, *A Casconha (na Beira Litoral)*; SEBASTIÃO PESTANA, *Apontamentos da Língua Portuguesa* (Cont.).

Revista de Guimarães (Sociedade Martins Sarmento—Guimarães).

Vol. 48, n.ºs 1-3: A. G. DA ROCHA MADAHIL, *Uma certidão de Fernão Lopes* (Cont.).

Revista dos Centenários. Edição da Comissão Nacional dos Centenários (Rua de S. Pedro de Alcântara, 75—Lisboa).

N.º 1: AGOSTINHO DE CAMPOS, *1140-1640-1940*; AFRÂNIO PEIXOTO, *Nossa foi a Restauração.*

N.ºs 2 e 3: HERNANI CIDADE, *A mais alta justificação da Independência; Apêlo feito pelo grande escritor Carlos Malheiro Dias aos portugueses do Brasil para a Comemoração do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal— 1140-1640-1940.*

Seara Nova (Travessa da Boa Hora, 43, 1.º—Lisboa).

N.º 573: LIA CORREIA DUTRA, *O romance brasileiro e José Lins do Rêgo.*

N.º 574: LIA CORREIA DUTRA, *O romance brasileiro e José Lins do Rêgo* (Cont.).

N.º 575: SARMENTO PIMENTEL, *Marília do Dirceu;* LIA CORREIA DUTRA, *O romance brasileiro e José Lins do Rêgo* (Cont.).

N.º 576: JOSÉ BACELAR, *Aquário.*

N.º 577: JOSÉ BACELAR, *Aquário* (Cont.).

N.º 578: HENRIQUE DE VILHENA, *A respeito de Marcel Proust e do livro de H. Massis «Le drame de Marcel Proust»;* VISCONDE DA LAGÔA, *Sôbre a edição recente do «Carta das Novas»;* ERNESTO DE CAMPOS DE ANDRADA, *Gil Vicente e a farsa «Quem tem farelos».*

N.º 579: AMORIM DE CARVALHO, *A comunicabilidade da Poesia e as traduções poéticas.*

N.º 580: HENRIQUE DE VILHENA, *A respeito de Marcel Proust e do livro de H. Massis «Le drame de Marcel Proust»* (Cont.).

N.º 581: HENRIQUE DE VILHENA, *A respeito de Marcel Proust,* etc. (Cont.).

N.º 582: JOÃO FALCO, *Impressões.*

N.º 583: AMORIM DE CARVALHO, *Poesia e formalismo.*

N.º 584: AGOSTINHO DA SILVA, *A vida de Zola.*

N.º 585: AGOSTINHO DA SILVA, *Notas sôbre Almeida Garrett e as suas doutrinas estéticas.*

N.º 586: AGOSTINHO DA SILVA, *A vida de Zola* (Cont.).

N.º 587: AGOSTINHO DA SILVA, *A vida de Zola* (Cont.).

N.º 588: AGOSTINHO DA SILVA, *A vida de Zola* (Cont.).

N.º 589: JOSÉ BACELAR, *Da viabilidade do romance português de interêsse universal;* AGOSTINHO DA SILVA, *A vida de Zola* (Cont.).

N.º 590: JOSÉ BACELAR, *Da viabilidade do romance,* etc. (Cont.).

N.º 591: RODRIGUES LAPA, *A Academia e o romance «Ana Paula»;* AGOSTINHO DA SILVA, *A vida de Zola* (Cont.); JOSÉ BACELAR, *Da viabilidade do romance,* etc. (Cont.); IRONDINO VALÉRIO PEIXOTO, *Apontamentos de linguagem — Terminologia de Cedovim.*

N.º 592: ANTÓNIO SÉRGIO, *A Academia, a literatura, a disciplina mental e a gramática;* HENRIQUE DE VILHENA, *O poeta caboverdeano José Lopes e o seu livro «Hesperitanas»;* JOSÉ BACELAR, *Da viabilidade do romance,* etc. (Cont.).

N.º 593: HENRIQUE DE VILHENA, *O poeta caboverdeano José Lopes,* etc. (Cont.); JOSÉ BACELAR, *Da viabilidade do romance,* etc. (Cont.).

N.º 594: JOSÉ BACELAR, *Da viabilidade do romance,* etc. (Cont.); AGOSTINHO DA SILVA, *A vida de Zola* (Cont.).

N.º 595: JOSÉ BACELAR, *Da viabilidade do romance,* etc. (Cont.); HENRIQUE DE VILHENA, *O poeta caboverdeano José Lopes,* etc. (Cont.).

N.º 596: JOSÉ BACELAR, *Da viabilidade do romance,* etc. (Cont.).

N.º 597: ANTÓNIO SÉRGIO, *Pequena tentativa de dissipar duas confusões mentais e de esclarecer um espírito apaixonado;* HENRIQUE DE VILHENA, *O poeta cabo-*

verdeano José Lopes, etc. (Cont.); JOSÉ BACELAR, *Da viabilidade do romance*, etc. (Cont.).

N.º 598: TÉLIO HOSTÍLIO MONTENEGRO, *Saint-Hilaire e o Brasil de ontem*; HENRIQUE DE VILHENA, *O poeta caboverdeano José Lopes*, etc. (Cont.).

N.º 599: JOÃO FALCO, *A desgraça do literato*.

N.º 600: BRASIL GERSON, *Os inconfidentes e o século XVIII*; IRONDINO V. PEIXOTO, *Apontamentos de linguagem — Terminologia de Cedovim*.

N.º 601: JOÃO DORNAS FILHO, *A poesia na obra de Eça de Queiroz*.

N.º 602: JOÃO DORNAS FILHO, *A poesia na obra de Eça de Queiroz* (Cont.).

N.º 603: CÂMARA REIS, *Sôbre a missão do educador*.

N.º 604: JOSÉ BACELAR, *Dissonâncias*.

N.º 605: RODRIGUES LAPA, *Sôbre a impertinente questão do vernáculo*.

N.º 606: JOÃO FALCO, *A crítica literária*.

N.º 607: BENTO DE JESUS CARAÇA, *Rabindranath Tagore*.

N.º 608: BENTO DE JESUS CARAÇA, *Rabindranath Tagore* (Cont.).

N.º 609: BENTO DE JESUS CARAÇA, *Rabindranath Tagore* (Cont.).

N.º 610: TULIO HORTÍLIO MONTENEGRO, *O pensamento de Mário Nette*.

N.º 611: ADOLFO CASAIS MONTEIRO, *Desvairos dum «crítico»*.

ALEMANHA:

Archiv für das Studium der Neueren Sprachen (Verlag Georg Westermann — Braunschweig).

Vol. 173 (ano 93), fasc. 3-4: HERMANN HARDER, *Die Formverschiebung der Runen*; OTTO LÖHMANN, *Waberlohe als Märchenmotiv*; MARTIN LEHNERT, *Die Anfänge der wissenschaftlichen und praktischen Phonetik in England*; EDUARD VON JAN, *Zum Problem des Regionalismus in der französischen Literatur*; RICHARD GLASSER, *Zur Objektivierung menschlicher Beziehungen im französischen Spätmittelalter*; F. MEZGUER, *Gehört al. EARWUNGA «gratis», got. arwjo, ahd.* ARW(ING)ÛM *zu got arjan... «pflügen»?*; G. LINKE, *Zum Velarumlaut in der starken Verbalflexion der Hs. T des ags. Beda*; W. THEODOR ELWERT, *Die Enciclopedia Italiana*; GERHARD ROHLFS, *Über einige Suffixe zur Bildung von Ethnica*.

Vol. 174, fasc. 1 e 2: WILLY KROGMANN, *Awi Leubwini*; WILLY KROGMANN, *Zum Hildebrandslied*; ALEXANDER HAGGERTY KRAPPE, *Über die Quelle von Gothes «Adler und Taube»*; MARTIN LEHNERT, *Die Anfänge der wissenschaftlichen und praktischen Phonetik in England* (fim); GEORG RABUSE, *J. M. Synges Verhältnis zur französischen Literatur und besonders zu Maeterlinck*; GERHARD ROHLFS, *Der Einfluss des Satzatzentes auf den Lautwandel*; ERNST HIRSCH, *Provenzalische und piemontesische Lieder aus dem Varaitale. Kleinere Mitteilungen*; F. MEZGER, *Got. minklahs «wie ein kind, unmündig», ninklahei «Kleinut, Unverstand»: al.* CILD; *got.* KALKJOM; HUGO LANGE, *Chaucer und Mandaville's travels*; ALFRED EBRENREICH, *«Lawrence of Arabia» im Lichte seiner Freunde*; MAX FREY, *Ferdinand Brunot*.

Fasc. 3-4: WILHELM SCHOOF, *Kritik um das Grimmsche Wörterbuch*; H. DIETZ, *Kultur und politische Rede in England*; WERNER KRAUSS, *Über die Stellung der Bukolik in der ästhetischen Theorie des Humanismus*; ALWIN CUHN, *Zur Gruppe sp. «quejigo», dial. «cajigo», Eichenart*.

Vol. 175, fasc. 1-2: HEINZ KOCH, *Über den Goldenen Schnitt als Formprinzip in der frühmittelalterlichen Dichtung der Germanen*; WILLY KROGMANN, *Germani*

und Ingvaeones; WILLY KROGMANN, *Der Name* Germanen; R. H. BOWERS, *The Middle English* St. Brendan's Confession; ALEX NIEDERSTENBRUCH, *Die geistige Haltung Richard Rolles*; GERHARD ROHLFS, *Romanischer Volksglaube um die Vetula*; WERNER KRAUSS, *Erasmus und die spanische Renaissance*.

Ensayos y Estudios. Revista bimensual de Cultura y Filosofía (Publicación del Instituto Ibero-Americano—Berlín C 2.

ANO I, 1: KARL VOSSLER, *Los grandes Poetas de España*; WERNER BEINHAUER, *El Españolismo del Quijote*; EDUARD SPRANGER, *La Crisis de las Ciencias del Espíritu en nuestros días*; TOMÁS CARRERA Y ARTAU, *De los Moralistas Españoles a propósito de la Filosofía de los Valores y la Caracteriología*; ERNST KRIECK, *Libertad y Personalidad*.

N.º 2: ROBERT HEIRS, *La filosofía existencial*; HANS EIVE, *Comienzas metafísicas en la actual concepción física del mundo*; A. FUENTES ROJO, *Aspectos del pensamiento moderno*; FRANZ DORNSEIFF, *Gibraltar y la leyenda antigua*.

Germanisch-Romanische Monatschrift (Carl Winter's Universitätsbuchhandlung—Heidelberg).

ANO 26 (1938), fasc. 7-8: FR. ROLF SCHRÖDER, *Meinem Vater, Heinrich Schröder, zum Gedächtnis. Zum 8. Juni 1938*; HEINRICH MATHES, *Das Orrmulum, sein Gehalt und sein Verfasser*; LEOPOLD SCHMIDT, *Die Stellung der Wiener Biedermeierdichtung zu Volkstum und Volksbildung*; WILHELM KELLERMANN, *Altdeutsche und altfranzösische Literatur, II*.

Fasc. 9-10: OTTO ACKERMANN, *Germanische Gefolgschaft und «ecclesia militans» im Rolandslied des Pfaffen Konrad*; OSKAR WALZEL, *Künstlerisch Vision und Kunstwerk*; EDWIN H. ZEYDEL, *Ludwig Tieck und das Biedermeier*; PAUL HULTSCH, *Das Denken Nietzsches seiner Bedeutung für England*; WALTER REICHART, *Die Germanistik in Amerika*; HANS FLASCH, *Grundlagen moderner Kulturpolitik in Italien und Portugal*.

Fasc. 11-12: HELMUT WOCKE, Rilke. *Von ihm, über ihn*; GUSTAV KONRAD, *Hölderlin und die Sendung des Dichters*; E. TH. SEHRT, *Charles Morgans Begriff vom Wesen der Kunst*; FRANZ RAUHUT, *Zola—Hauptmann—Pirandello. Von der Verwandtschaft dreier Dichtungen*.

ANO 27 (1939), fasc. 1-2: WALTER HOF, *Fausts Ende*; FRANZ STUCKERT, *Theodor Storms novellistisch form*; HELLMUT BOCK, *Von Ideal adliger Lebensführung in England*; WILHELM KELLERMANN, *Die jüngste deutsche Mallarmé—Exegese*.

Ibero-Amerikanisches Archiv (Ibero-Amerikanisches Institut, Breite Strasse 37—Berlim C 2).

ANO XII, fasc. 2 (1938): OTTO QUELLE, *Das Geistesleben Neugranadas vor und zu Beginn der Unabhängigkeitszeit*.

Fasc. 3: OTTO QUELLE. *Ostmark und Sudetendeutschland in ihrer Bedeutung für Ibero-amerika*; ERNST SCHÄFER. *Spanienskoloniale Warenausfuhr nach einer Preisliste des 16. Jahrhunderts*; CRAMER VON BESSEL, HANNS, HERMANN, *Die Ausbreitung des Katalonievolkes über die Küsten des Mittelmeers in 13. und 14. Jahrhundert*.

Fasc. 4: ALWIN KRUMSCHEID, *Volkslieder aus den spanischen Kampfgebieten*.

Die Neueren Sprachen (Verlag Moritz Diesterweg—Franckforte sôbre o Meno).

ANO 46 (1938), fasc. 9: WOLFGANG SCHMIDT, *Shakespeares Leben und der Sinn der Tragödien*; ERNST WEIGELIN, *Eine neue Hamleterklärung*; ROLF GELENG, *Das Zeitunglesen im fremdsprachlichen Unterricht und die Erziehung zum politische*

Menschen (Fortsetzung); ALWIN PAUL, *U.S.A. im Englisch-Unterricht unserer Oberstufe.*

FASC. 10: OSKAR GARCIS, *Frankreich im Spiegel der Rassenkunde*; HANS EFFELBERGER, *Zur amerikanischen Vor- und Frühgeschichte*; ROLF GELENG, *Das Zeitunglesen im fremdsprachlichen Unterricht und die Erziehung zum politischen Menschen.*

FASC. 11: BRUNO ENGELHARDT, *Sudetendeutschland-Fremdenverkehr-Neusprache*; OTTO MÜLLER, *Kriegslyrik und Volksseele bei uns und anderen Völkern*; SIGURD SCHULZE, *Der ländliche Mensch im englischen Roman.*

FASC. 12: GERHARD GRÄFE, *Von den Waffen des französischen Geistes*; RUDOLF MÜNCH, *Neue Sicht für Auslandfahrer*; HANS MARCUS, *Sozialpolitisches bei G. B. Shaw.*

ANO 47 (1939), fasc. 1: HEINRICH WENZ, *Wie die Briten ihre Geschichte sehen*; ERWIN GÜNTSCH, *Vachells Schulroman «The Hill» und sein Wert als Schullesestoff*; WOLFGANG SCHMIDT, *Englische Politiker, Parteien und Zeitungen*; OTTO TH. MÜLLER, *Vergleichende Durchnahme englischen und deutschen Kriegsgedichtes.*

FASC. 2: HEINZ KRIEGER, *Gefährliche Märchen im heutigen England*; WOLFGANG SCHMIDT, «*Cant*».

FASC. 4: HEINZ KRIEGER, *Shakespeares Coriolan und Wir*; WOLFGANG SCHMIDT, *Aufbau und Neuordnung der englischen Erziehung.*

Romanische Forschungen (Verlag von Junge & Sohn — Erlangen).

VOL. 52 (1938), fasc. 2–3: ENRICO DE NEGRI, *Principi e popoli in Machiavelli e Vico*; L. FLACHSKAMPF, *Spanische Gebärdensprache*; GERARD HERS, *Wege des Humanismus im Frankreich des 17. Jahrhunderts: I. Saint-Evremond*; EDMOND SCHRAMM, *Neue Bücher über Léon Bloy.*

VOL. 53 (1939), fasc. 1: ERNST ROBERT CURTIUS, *Scherz und Ernst in Mittelalterlicher Dichtung*; FRIEDRICH SCHÜRR, *Beiträge zur spanisch-portugiesischen Laut- und Wortlehre*; MAX KOMMERELL, *Die Beschreibung der Somiraumis*; HERBERT DIECKMANN, *Zur interpretation Diderots*; H. B. DE LAUNEUIL, *Sur la destinée des poésies de Rimbaud*; EDMUND SCHRAMM, *Zu Léon Bloy*; RUDOLF BRUMMER, *Zwei Wörter im Kampf*: Kelt. *parium* und lat. *caldaria.*

Volkstum und Kultur der Romanen (Paul Ewert Verlag — Hamburg).

ANO XI (1938), fasc. 3–4: H. SCHNEIDER, *Studien zum galizischen des Limiabeckens* (Orense-Spanien): J. LORENZO FERNÁNDEZ, *Die Bremse am galizischen Wagen*; MARIA ROSA LIDA, *El ruiseñor de las Geórgicas y su influencia en la lírica española de la edad de oro*; K. VORETZSCH, *Reisen Deutscher nach der Provence Südfrankreich in früheren Zeiten.*

Zeitschrift für französische Sprache und Literatur (Verlag von Wilhelm Gronau — Jena).

VOL. 62, fasc. 3–4: GLÄSSER, *Rasse und Stil bei Alphonse de Lamartine*; GLÄSSER, *Nexusprobleme in der galloromanischen Syntaxe (Medium, Objektnexus, Kongruenzneutrum)*; K. WAIS, *Banville, Chateaubriand, Keats und Mallarmés «Faune» (Quellenstudien zu Mallarmé, IV)*; I. SCHULTZ, *Gefühls-, Geschmacks-, Tastsinn und muskulöres Empfinden im bildhaften französischen Argot*; AD KOLSEN, *Des Trobadors Bertran Carbonel Sirventese, Per esparsar und trans vics elerpues*; I. SCHULTZ, *Das Bild des Hohlraums im franz. Argot*; M. REGULA, *Plus tôt que plus tard.*

FASC. 5–6: W. SUCHIER, *Zur Geschichte der deutschen Romanistik*; F. IRMEN, *Zur Deutung Villons*; W. MULERTT, *Rabelais und die Melusien-Geschichte*;

J. SCHWARZ, *Die Bedeutung der Philosophie Descartes' für das mechanistische Denken.*

Fasc. 7-8: E. WINKLER, *Karl von Ettmayer*; TH. NISSEN, *Zu den ältesten Fassungen der Legende vom Judenknaben*; A. H. KRAPPE, *Sur l'épisode de la Ville Brûlante du Perlesvaus*; V. MÖNCH, *Vom verlegang und Wesen der französischen Romantik nach einigen Dokumenten des «Globe». 1824-1827*; M. WANDRUSZKA, *Zum Stil Stendhals.*

ARGENTINA:

Por Nuestro Idioma (Buenos Aires).

Ano 3 (1938), n.º 17: ANTONIO PORTNOY, *Sobre la pronunciación del castellano en nuestro país; La Unidade de la Lengua según su genio americano* — Diálogo; L. SCHALLMAN, *Los Argentinismos en la Escuela* (Concl.); CARMELO M. BONET, *Extranjeirismos;* L. DOZO LEBEAUD, *Voces de nuestra toponimia araucana.*

N.º 18: *Unidad de la Lengua* (editorial); *Amado Alonso* (biografia); ANTONIO PORTNOY, *Sobre la pronunciación del castellano en nuestro país;* DOZO LEBEAUD, *Voces de nuestra toponimia araucana;* EUSEBIO R. CASTEX, *Pasatiempos Lexicográficos.*

N.º 20: ROGELIA LOZANO, *Los Estados Unidos frente a sus problemas idiomáticos;* JUSTA GALLARDO DE SALAZAR PRINGLES, *Barbarismo Ortológico: Problema capital del lenguaje;* EUSEBIO R. CASTEX, *Pasatiempos Lexicográficos.*

N.º 21: *Bregando por la verdad* (editorial e MAURÍCIO LUBEL); MIGUEL DE TORO, *A propósito de: Argentinismos y Americanismos;* ANGEL MAZZEI, *La Melancolia en los Poemas de Pedro Miguel Obligado;* ANTONIO YEPES, *Como hablan los alumnos de nuestras escuelas; Bajo los auspicios de la Sociedad Argentina de Estudios lingüisticos.*

BRASIL:

Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. VI.—Letras (Boletim de Letras. Caixa Postal, 264.—São Paulo).

N.º 1: Encerra o estudo *A Época Portuguêsa no Século XVI*, de FIDELINO DE FIGUEIREDO.

Revista da Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro).

Ano 30, vol. 55: Anais de 1938. Discursos vários em honra de várias personalidades.

ESPANHA:

Boletin de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense.

Tomo XI, n.º 239: JUAN DOMÍNGUEZ FONTELA, *Tratado de Albeiteria* (Cont.); JUAN FERNÁNDEZ PÉREZ, *La antigua Biblioteca provincial de Orense — Su Índice.*

N.º 240: JUAN DOMÍNGUEZ FONTELA, *Tratado de Albeiteria* (Cont.); P. MARTÍN SARMIENTO, O. S. B., *Disertación sobre el origen o expresión de esta voz «Castellanos de Orense».*

N.º 241: JUAN DOMÍNGUEZ FONTELA, *Tratado de Albeiteria* (Cont.).

N.º 442: JUAN DOMÍNGUEZ FONTELA, *Tratado de Albeiteria* (Cont.); FR. AURELIANO PARDO VILAR, *Aclaraciones a un documento.*

ESTADOS UNIDOS:

Bulletin of the New York Public Library. Astor, Lenox and Tilden Foundations.

Vol. 43 (1939), n.º 1: EDWARD D. COLEMAN, *The Jew in English Drama.*

N.º 2: HARRY B. WEISS, *English and American Valentine Writers.*

Hispanic Review (The University of Pennsylvania Press).

Vol. VII (1939), n.º 1: J. R. ARJONA, *La introducción del gracioso en el teatro de Lope de Vega;* DOROTHY SCHONS, *The Influence of Góngora on Mexican Literature during the Seventeenth Century;* E. H. TEMPLIN, *Carolingian Heroes and Ballad Lines in Non-Carolingian Dramatic Literature;* J. P. WICKERSHAM CRAWFORD, *Francisco de Aldana: A Neglected Poet of the Golden Age in Spain;* PAUL PATRICK ROGERS, *Bécquer: Some Pseudonyms and Pseudonymous Plays;* GERALD WADE, *Notes on Tirso de Molina;* G. G. NICHOLSON, *Spanish «Cajas», «Quejars», «Quijadas»;* LEO SPITZER, *O. Sp. «Reganzar», to Narrate;* LAWRENCE POSTON, JR., *«Quexarse».*

Language. *Journal of the Linguistic Society of America* (University of Pennsylvania—Philadelphia).

Vol. 14, n.º 2: HENRY LEE SMITH, *Some Germanic Developments of IE **ǰenew and *ǰeu-, **ǰenē;* E. H. STURTEVANT, *Hittite Evidence Against Full-Grade o;* EINER HAUGEN, *Phonogical shifting in American Norwegian;* CHARLES C. FRIES, *Some Notes on the Inflected Genitive in Present Day English;* ALBRECHT GOETZE, *Some Observations on Nuzu Akkadian.*

N.º 3: HANS SPEIER, *The Semantic Development of «Verhältnis»;* LEONARD BLOOMFIELD, *Initial [k] in German;* E. A. SPEISER, *The Pitfalls of Polarity.*

Modern Language Notes (The Johns Hopkins Press—Baltimore).

Vol. 54 (1939), n.º 1: E. H. SEHRT, *The Comparative and Superlative Suffixes «ast», «est» and «öst», «ist» in Notker's Works;* A. L. STROUT, *An Unpublished Ballad—Translation by Scott, «The Battle of Killiecrankie»;* E. P. SCHAW, *New Facts Relating to the Biography of Jacques Cazotte;* J. G. ROBERTS, *Béranger's Neglected Poem to Manuel;* F. ILMER, *Some Remarks Regarding a Textual Change in Goethe's «Heidenröslein».*

N.º 2: N. B. ALLEN, *«Romeo and Juliet» Further Restored;* MAURICE BAUDIN, *The King's Minister in Seventeenth-Century French Drama;* DONALD CORNU, *Swift, Motte and the Copyright Struggle: Two Unnoticed Documents;* DIXON VECTER, *Horace Walpole and Edmund Burke;* ELIZABETH K. HOLMES, *Some Sources of Wordsworth's Passages on Mithology;* HARRY R. WARFEL, *Poe's Dr. Percival. A Note on «The Fall of the House of Usher»;* JOHN S. KENYON, *Wife of Bath's Tale 1159–62.*

N.º 3: JOHN TH. HONTI, *Vinland and Ultima Thule;* F. K. TURGEON, *Unpublished Letters of Jean-Baptiste Rarine to the Abbé Renaudot;* J. G. FUCILLA, *Unedited Voltaire Letters to Count di Polcenigo;* G. BONNO, *Deux Lettres inédites de Fontenelle à Newton;* J. W. SCHWEITZER, *Dryden's Use of Scudéry's «Almahide»;* JR. PITOU, SPIRE, *A Portuguese Adaptation of la Calprenède's «Faramond»;* A. E. ZUCKER, *The Courtiers in «Hamlet» and «The Wild Duck».*

N.º 4: M. W. STEARNS, *Robert Henryson and the Fulgentian Horse;* RAMONA BRESSIE, *MS Sloane 3548, Folio 158;* C. O. CHAPMAN, *Numerical Symbolism in Dante and the «Pearl»;* L.-A. VIGNERAS, *Notes sur Jean Renart;* ARPAD STEINER, *An Italo-german «Faustsplitter» of 1621;* H. H. REMAK, *Heyse, Schott and Fontaine;* HERMAN SALINGER, *Housman's «Last Poems, XXX», and Heine's «Lyrisches» Intermezzo 62».*

N.º 5: PANOS MORPHOPOULOS, *Byron's Translation and Use of Modern Greek Writings*; ELMER EDGAR STOLL, *Shakespeare Forbears*; DONALD G. STILLMAN, *Milton as Proof Reader*; J. R. MOORE, *Defoe's Use of Personal Experience in «Colonel Jack»*; WM. C. HOLBROOK, *A M S. Copy of Writings by Voltaire*; EDWARD B. HAM, *Fragments from the «Faits des Romains»*.

Revista Hispánica Moderna (Casa de las Españas, Columbia University, 435 West. 117th Street—New York City).

Ano IV (1937), n.º 2: JOSÉ A. BALSEIRO, *Notas acerca de Bécquer. La Literatura de Hoy*: ARTURO ALBUNATE PHILLIPS, *Juvencio Valle: Un poeta vegetal*; SALVADOR DINAMARCA, *Julio Vicuña Cifuentes, humanista y poeta* (1865–1936); SALVADOR DINAMARCA, *Julio Vicuña Cifuentes: Bibliografía*.

N.º 3: LUIS CARREGA, *Investigaciones referentes a Fernando de Rojas en Talavera de la Reina. La Literatura de Hoy*; CONCHA MELÉNDEZ, *Albas de Xavier Abril*; GEORGE E. SACHS, *Rainer Maria Rilke en España*.

FINLÂNDIA:

Neuphilologische Mitteilungen (Bergmannsg. 23 b A—Helsingfors).

Vol. 39 (1938), n.os 5–6: SALVERDA DE GRAVE, *Gaston Paris*; KURT LEWENT, *Das Scherzgedicht des Peire Duran*; O. J. TUULIO, *Sur les passages en espagnol d'Ibn Quzmān, hispano-arabe du XIIe siècle*.

N.os 7–8: VEIKKO VÄÄNÄNEN, *Mots grecs changeant de déclinaison en latin*; ADOLF KOLSEN, *Sechs Gedichte des Trobadors Serveri de Girona*; EUGEN LERCH, *Zur Interpretation Villons*; L. SPITZER, *Eine Stelle in Calderons Traktat über die Malerei*; H. H. KRAPPE, *La source polonaise du conte «Jettatura» de Théophile Gautier*; PENTI AALTO, *Contribution à l'étymologie de «baraque»*; HOLGER PETERSEN DYGGVE, *Les seigneurs de Broyes et la date de la «Bible» de Guiot de Provins*.

Vol. 40 (1939), n.os 1–2: PEKKA KATARA, *Drei mnd. Urkunden aus dem Kloster Wittingerode*; V. KIPARSKY, Altpreuss. *arrlut-* «eine Münze», *belegt im Mittelfranzösischen*; OLE REUTER, *Instances of «the which» in the Glossed Prose Psalter and their Relation to the French Original, as represented by the MS. Bibl. Nat. fr. 6260*.

FRANÇA:

Bulletin Hispanique (Universités de Bordeaux, de Toulouse, d'Alger et de Poitiers).

N.º 2: CHARLES V. AUBRUN, *Alain Chartier et le marquis de Santillane*; GEORGES CIROT, *La maurophilie littéraire en Espagne au XVIe siècle*; HENRY V. BESSO, *Dramatic Literature of the Spanish and Portuguese Jews of Amsterdam in the XVIIth and XVIIIth centuries* (III–IV).

Tômo 40 (1938), n.º 1: M. BONNARD, *Erasme et l'Espagne*; HENRY V. BESSO, *Dramatic Literature of the Spanish and Portuguese Jews of Amsterdam in the XVIIth and XVIIIth centuries* (II); G. CIROT, *L'Épître Bartolemé Leonardo de Argensola «Discesme Nudos»*.

Hespéris. — *Archives Berbères et Bulletin de l'Institut des Hautes-Études Marocaines. Larose. Paris.*

Tômo 25 (1938), fasc. 1: H. P. J. RENAUD, *Notes Critiques d'Histoire des sciences chez les Musulmans — II. Ibn al-Bannā' de Marrakech, sûfi et mathématicien (XIIIe, XIVe s. J. C.)*; L. S. ALLOUCHE, *Le tome IV de la «Dahira» d'Ibn Bassām*.

Fasc. 2–3: G. S. COLIN, *Origine arabe des grands mouvements de populations berbères dans le Moyen-Atlas*.

Revue de Littérature Comparée (Boivin & C^ie^, Libraires, Éditeurs — Paris).

ANO 18 (1938), n.º 4: F. BALDENSPERGER, *L'entrée pathétique des tziganes dans les Lettres occidentales*; J. POMMIER, *Le cycle de Chactas*; L. M. RAGG, *Madame de Lamartine et sa famille anglaise*; R. MICHAUD, *Baudelaire et Edgar A. Poë: une mise au point*; A. E. BEAU, *Autero de Quental in seiner auseinandersetzung mit dem deutschen und dem frazoesischen geite*.

ANO 19 (1939), n.º 1: G. DUHAMEL, *Réflexions sur l'Europe*; P. HAZARD, *Gabriele D'Annunzio*; J. O'BRIEN, *La mémoire involontaire avant Marcel Proust*; L. PORTIER, *Un inédit de Fogazzaro: traduction de «Discorso della Signora Cleofe a sua figlia»*; E. FRANKEL, *Dostoïevsky et Wassermann*; R. Z. TEMPLE, *Aldous Huxley et la Littérature Française*.

N.º 2: C. LOOTEN, *Giordano Bruno*; R. A. LEIGH, *Le «Voyage en Angleterre» d'Amédée Pichot*; R. ETIEMBLE, *Le sonnet des voyelles*; J. F. ANGELLOZ, *Un grand esprit européen: Rainer Maria Rilke*.

HOLANDA:

Neophilologus (J. B. Wolters — Groningen, Batávia).

Vol. 24 (1939), n.º 1: I. N. RAAMSDONK, *En marge des chansons de geste, I*; B. WOLEDGE, *Encore des manuscrits des «Faits des Romains»*; MANFRED KOSCHLIG, *Der «Bart-Krieg» — ein Werk Grimmelshausens*; A. E. A. SWAEN, *Engelsche zangwijzen bij Hollandsche dichters*. III; C. E. BAZELL, *Four West Germanic verbal endings*.

Fasc. 2: C. DE BOER, *«Philomena» a-t-il été «remaniée»?*; ELISABETH G. C. WINKLER, *Deux traductions du «Centaure» de Maurice de Guérin*; H. W. J. KROES, *Baljân-Pôlân*; JAN M. M. ALEX, *Zur Interpretation des Stein des Bandes*; L. VERKOREN, *Over Shelley en Hölderlin*; MATTEO BARTOLI, *Der archaische Charakter des Westgermanischen*.

ROMÉNIA:

Revista Critică. (Tipografica «Brawo» — Iași).

ANO 12 (n.ºs 1-3): GR. SCORPAN, *Un poet eminescian uitat: Ioan Popovici Bănățeanul*; GIORGE PASCU, *Studii despre Cronicarii Moldoveni*; GR. SCORPAN, *Poezica erotică a lui Alecsandri, I Elemente dominante*; GIORGE PASCU, *Nume de plante, VII Raporturi româno-ucrainene*.

N.º 4: GIORGE PASCU, *O nouă scoală de filologie română*; GR. DUZINCHEVICI, *O inscăleare de granită a Moldovei în 1766*.

SUÉCIA:

Studia Neophilologica (A.-B. Lundequistska Bokhandeln — Uppsala).

Vol. XI, n.ºs 1-3: PAUL FALK, *«L'échapper belle». Historie d'une greffe*; B. HASSELROT, *Sur l'origine des adjectifs possessif «nostron, vostron» en franco-provençal*; KARL-ERIC LINDGREN, *Comment faut-il interpréter «ço nus estuet», Rol. 3630?*; ALF LOMBARD, *Une classe spéciale de termes indéfinis dans les langues romanes*; EINAR LÖFSTEDT, *Lateinisch-Griechisches und Lateinisch-Romanisches*; J. MELANDER, *La date du passage de «le me» à «me le» en français*; KARIN RIGENSON, *«La veille — à la veille de — au lendemain de»*; MARGIT SAHLIN, *L'origine et le sens du mot «laisse»*; KR. SANDFELD, *Vfr. «los» louange, réputation*; ALBERT SJÖGREN, *le nom de «Gaule»*; C. A. WESTERBLAD, *Alcuni commenti alle «Mie Prigioni» di Silvio Pellico*; JOHAN VISING, *Observations sur les rapports de temps dans certaines*

phrases temporelles françaises, comparées aux phrases analogues italiennes, espagnoles, portugaises, latines.

SUÍÇA:

Vox Romanica (Max Niehans Verlag, Zollikerstrasse 144—Zürich).

Vol. III (1938), n.º 2: V. BERTOLDI, *Discussioni etimologiche*; G. GOUGENHEIM, *Un mot pseudo-mérovingien «pavois»*; GL. CONTINI, *Due lapidarî provenzali*; GL. SERRA, *Tracce dialettali piemontesi di antichi usi giuridici.*

Vol. IV (1939), n.º 1: J. JUD, *Vorwort zum Ziezjunari rumantsch grischun*; A. FRANÇOIS, *Suffixe littéraire -ance*; G. PANCONCELLI-CALZIA, *Über den «Frageton» im Italienisch*; GI. SCHAAD, *I nomi popolari della flora prativa in Val Bregaglia*; L. SPITZER, *Verlebendigende direkte Rede als Mittel der Charakterisierung.*

Publicações recebidas

NACIONAIS:

— *Portugal. The New State in Theory and in Pratice.* Edição do Secretariado de Propaganda Nacional.

— *El Estado Nuevo Portugues. Princípios y Realizaciones.* Edição do Secretariado da Propaganda Nacional.

— *Le Quatrième Centenaire de la mort de Gil Vicente*, por J.-B. AQUARONE. Lisboa. Instituto Francês de Portugal.

— *Algumas palavras sôbre janelas e raios nos Açôres*, por WILHELM GIESE. Separata da «Açoreana».

— *Acêrca de alguns vocábulos obsoletos da terminologia veterinária*, por JOAQUIM FIADEIRO. Separata da *Revista de Medicina Veterinária.*

— *Aldeias Portuguesas*, por GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA. Edição do Secretariado de Propaganda Nacional.

— *Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*, por VASCO BOTELHO DO AMARAL. Editora, Educação Nacional. Pôrto.

— *Dicionário Português-Francês*, por EDUARDO PINHEIRO e A. DÓRIA. Editora, Educação Nacional. Pôrto.

— *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*, por AUGUSTO MORENO. 2.ª Edição. Editora, Educação Nacional. Pôrto.

— *Lições de Linguagem*, por AUGUSTO MORENO. 3 vols. Editora, Educação Nacional. Pôrto.

ESTRANGEIRAS:

— ALF LOMBARD, *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes* — Étude de Syntaxe Historique. Upsala-Lipsia.

— ROBERT A. HALL JR., *An analytical Grammar of the Hungarian Language*, «Language Monograph», n.º 18. Suplemento à *Language*. Baltimore. Maryland. U. S. A.

— HENRY HARE CARE, *Paleographical Edition and Study of the Language of a Portion of Codex Alrobacensis 200.* Publication of the Series in Romanic Languages and Literatures, n.º 28. Philadelphia, 1938.

— EDWIN B. WILLIAMS, *From Latin to Portuguese* — Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language. Philadelphia University of Pensylvania Press, 1938.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

Comentários a alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes

Subsídios para um Vocabulário Português de Origem Árabe[1]

Uma estrada de cem léguas começa
por um passo.

Provérbio chinês.

Explicação prévia

Não pretendo com êste trabalho nem encantar pela forma, nem seduzir pela erudição. Limitei-me a juntar algum material que encontrei disperso, dizer alguma cousa sôbre o que não me parecia bem e finalmente acrescentar mais algumas informações que eu encontrei durante as minhas leituras.

Sei de antemão que o meu trabalho passará despercebido: por um lado porque, dada a sua insignificância, não pode esperar outra cousa, por outro porque estes assuntos relacionados com as línguas orientais não merecem ainda qualquer consideração sincera a muitos dos nossos estudiosos.

Tal como esta *Explicação prévia*, há nêle alguma cousa que não figura no texto apresentado ao Ex.mo Júri das Licenciaturas de Filologia Românica no ano lectivo de 1937–38. Êsses acrescentos, como é fácil de prever, são o produto de algumas gentis sugestões, novas resoluções pessoais ou ainda informações colhidas posteriormente à primeira redacção do trabalho.

---

[1] Êste trabalho é a dissertação apresentada pelo autor para a licenciatura em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano lectivo 1937–38.

I

O que é êste trabalho

Comentários a alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes, com o sub-título *Subsídios para um Vocabulário Português de Origem Árabe*, é o pretexto de que me utilizo para dar a conhecer o que eu penso sôbre êste elemento do nosso léxico.

Embora não tanto como o latino, a complexidade dêste assunto é maior do que quási todos julgam.

Povo de importância rural cujos elementos sociais ínfimos não recuaram ante o reaparecimento do domínio cristão, não perderam logo a sua língua, os seus usos e costumes; por isso não admira que deixasso nas populações onde a sua influência foi mais intensa uns vestígios psicológicos e lingüísticos que de dia para dia urge cada vez mais estudar antes que o seu desaparecimento, hoje ainda gradual, amanhã seja completo.

Os primeiros estão mal estudados, mas existem; quem conhecer certos usos e crenças do Alentejo e Algarve não os poderá pôr em dúvida, antes os poderá testemunhar.

Os segundos, melhor conhecidos, estão ainda longe de bem estudados. É necessário lançar-se o gôsto pela investigação lingüística local. A importância desta actividade não interessa só ao caso puramente árabe; interessa ao germânico, ao românico, ao filológico em geral.

Temos estado até hoje em demasia aferrados ao elemento latino e raramente daí saimos. Êle constitui o fundo, mas isso não quere dizer exclusividade; um edifício não é constituído só pelos caboucos; tem uma infinidade de materiais que ajudam a completar o todo.

O elemento latino é o primordial do português. As suas influências fonética, morfológica e semântica têm sido intensamente estudadas, mas mesmo dentro dêste elemento há um aspecto que tem sido votado ao desprêzo: o sintáctico[1].

¿Quem há entre nós que tenha também estudado profundamente o elemento germânico do português?

No entanto nos meios cultos de Portugal há pessoas que o podiam fazer. ¿Porque não o fazem?

---

[1] *A Syntaxe Historica Portuguesa* de EPIFÂNIO DA SILVA não passa dum ponto de partida.

Bibliografia estrangeira não falta. Para não estar a desfiar um longo rosário de nomes basta-me indicar três: Ernest Gamillscheg[1], Joseph Piel[2] e o Dr. Georg Sachs[3], de que aquele largamente se utilizou na sua *Historia Lingüística de los Visigodos*[4].

Só estes são suficientes para alargar horizontes.

Mas se se quiser estudar êste elemento em trabalhos portugueses no estado actual das cousas apenas se pode contar com *O elemento germânico no Onomástico Português*, do Prof. J. Joaquim Nunes, e mesmo êsse, como o do Dr. Sachs, não trata do Léxico e o seu autor não era especialista.

¿Quando aparecerá um trabalho onde, além das influências, se estudem as leis da evolução das línguas germânicas para o português?

Esperemos.

Entrando no campo arábico: ¿que importância se tem ligado ao que o Prof. David Lopes tem dito nos domínios da História e da Filologia? Cá continua-se a dizer *Al-Fagar* e a derivar *Alfama* de الجماعة (*al-jamā'a*) e outras cousas mais. E tudo isto faz-se e diz-se com uma sinceridade e uma presença de espírito como se tratasse da cousa mais certa dêste mundo.

Ora o elemento árabe é, como disse, numeroso e complexo. Estas características arrastam dificuldades que ainda mais se avolumam se se observar o problema como em minha opinião o deve ser. Mais adiante[5] trato do assunto.

Para êle ser estudado com detalhe eram necessários anos de intenso trabalho e condições sólidas de Cultura (sobretudo arábica) que não possuo, nem julgo estar em circunstâncias de vir a ter.

Encontrei muitas dificuldades para a realização dêste trabalho, que por isso mesmo ainda se torna de mais modestas pretensões do que eu em princípio lhe queria atribuir. Eis a razão por que nêle me limitei a coordenar *alguns* apontamentos que eu possuía acêrca

---

[1] *Romania Germanica*, Berlim e Leipzig, 1934, e «Historia Lingüística de los Visigodos», publicada na *Revista de Filología Española*, t. XIX, pp. 117–150 e 229–260.

[2] «Os Nomes Germânicos na Toponímia Portuguesa», publicados no *Boletim de Filologia*.

[3] «Die germanischen Ortsnamen in Spanien und Portugal». *Berliner Beiträge zur Romanischen Philologie*, II, 4. 1932. O Prof. JOSEPH PIEL está a publicar no *Boletim de Filologia* um trabalho denominado «Os Nomes Germânicos na Toponímia Portuguesa».

[4] Publicada na *Rev. de Fil. Esp.*, t. XIX.

[5] No capítulo «A influência árabe».

de *alguns* arabismos e *algumas* considerações a *algumas* palavras de origem arábica do *Dicionário* de Nascentes. Juntei a tudo isso *alguns* vocábulos cuja presença me parece indispensável na obra do filólogo brasileiro.

Êste trabalho, como já disse, tem pretensões modestas, não só porque o seu autor não tem condições para mais, como porque nêle não pôs todo o material de que dispõe. Uma das provas está no facto de não fazer um trabalho com carácter próprio, mas como que uma espécie de crítica a uma obra consagrada desde a sua publicação, qual é o *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes.

Estas linhas despretensiosas são o ponto de partida para estudos de maior fôlego; por isso me satisfaço agora plenamente como título modesto, mas exacto quanto ao meu ponto de vista, de *Comentários a alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes — Subsídios para um Vocabulário Português de Origem Árabe.*

II

A influência árabe e algumas palavras a propósito

Arrastados pela fôrça irresistível das novas místicas os árabes apoderaram-se ràpidamente de quási tôda a Península. O seu domínio foi longo: cinco séculos em território português, sete no espanhol.

Apesar de o seu domínio ter acabado há setecentos anos muita cousa cá nos ficou dos *mouros*. A sua permanência secular, o carácter do seu povo, tudo deve ser apontado como as causas dêsse legado que ainda hoje vive, embora deminuído.

Neste momento nada mais me interessa além do vocabulário deixado por êles em a nossa língua.

É numeroso. Sobe a centenas. Opiniões desencontradas têm aparecido no que diz respeito à quantidade das palavras entradas. Emquanto D. Carolina Michaëlis acreditava que o seu número ascendia a um milhar, Adolfo Coelho descia-o a quatrocentas. O Prof. David Lopes julga ser aproximadamente uns seiscentos vocábulos, donde um têrço é antigo ou desusado e o maior número está na letra *A*[1].

[1] O filólogo brasileiro João RIBEIRO (*A influência do Árabe na Língua Portuguesa*) cita um estudioso (Ragy Basile) que lhe comunicou em carta que «só

Na minha opinião estas hipóteses são ainda um pouco prematuras. Para que uma certa seja emitida de uma cousa se necessita: um *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Ainda não apareceu nenhum em condições[1].

Por êle é que se poderia verificar qual daquelas opiniões é a exacta ou, pelo menos, qual a mais próxima da verdade.

É um triste facto o que disse mais acima: ainda não apareceu um *Vocabulário Português de Origem Árabe* em condições. Na realidade as obras de maior vulto de que os estudiosos em geral se utilizam umas estão, como veremos[2], já antiquadas (como o *Glossaire* de Engelmann e Dozy) ou não merecem confiança (Sousa, Moura, Lokotsch, Eguílaz). Depois delas... só estudos parciais, muito parciais mesmo.

O conceito vulgar de *Vocabulário Português de Origem Árabe* é, em geral, incompleto. Com essa designação julga-se que se têm apenas em vista as palavras arábicas entradas no português durante a Idade Média. É um princípio, como disse, incompleto, porque os elementos arábicos da nossa língua não entraram só naquela época.

O contacto com as populações marroquinas durante cêrca de três séculos deu em resultado a entrada de mais umas dezenas de vocábulos no português. Quem o puser em dúvida que leia Azurara, Góis, Bernardo Rodrigues e consulte as chancelarias reais desde D. João I até D. José.

No Oriente conhecemos vários povos: árabes, hindus, persas, malaios, jaus, chineses, japoneses, etc.

As línguas dessa amálgama de povos, cada um representado por muitos milhões de sêres, influíram também na dos homens partidos do longínquo Portugal. Além das especiarias raras, de drogas custosas e de preciosidades inumeráveis também enriquecemos no Oriente o nosso pecúlio lexical.

Entre as muitas línguas que «nos reinos lá da Aurora» exportaram elementos para a nossa conta-se a arábica.

É, pois, ao conjunto das palavras recebidas da língua que falou Mafoma, na Península, em Marrocos e no Oriente, que, em minha opinião, se deve chamar o *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Para

---

na letra A foram descobertos (por R. B.) mil e duzentos vocábulos»; o léxico português terá ao todo «dez mil palavras de origem arábica». Sem comentários.

[1] Cf. o que digo mais adiante em «Os Estudos Árabes».

[2] Idem.

fazer o seu estudo tam completo quanto possível são precisos alguns anos de investigações em documentos de carácter diverso, desde o puramente literário até ao judicial; entre um e outro os degraus são muitos e alguns dêles enormes. Depois a sistematização do gigantesco material é obra para fazer dores de cabeça milhares de vezes a quem se lançou nela. A explicação do vocabulário é uma tarefa tal, que se me afigura demasiada para uma pessoa só.

¿Mas o que representa afinal tudo isso para quem o quiser fazer?

Apenas um trabalho interessantíssimo que urge realizar quanto antes.

Dir-se-há: «mas hão-de aparecer vocábulos apenas com um ou dois passos abonatórios a autenticá-los e que, além disso, não passam possivelmente de imitação do que por lá ouviam aos indígenas».

Seja como fôr, trata-se de uma palavra que os portugueses conheciam e que um certo número (grande ou pequeno, não interessa) empregou. Desde que um documento a autentique é necessário que figure no Dicionário da Língua para que, se um curioso futuro a desconhecer, a possa lá encontrar.

Nota-se ainda que essa enormidade lexical que se reünia tratava só de palavras de origem árabe.

Mas no Oriente não tivemos contacto só com povos dessa raça; não foram só êles que concorreram para o enriquecimento da nossa língua. Muitos mais houve. Se se estudarem um dia tôdas essas influências o futuro *Vocabulário Português de Origem Oriental* será um facto; êle atestará largamente o nosso importante papel em prol da História da Civilização.

Essas línguas não nos largaram umas escassas dúzias de palavras. Leiam-se Castanheda, Tenreiro, Mestre Afonso, Gaspar Correia, Baltasar Teles, Fr. João dos Santos, Fr. Gaspar de S. Bernardino, Barros, Couto e muitos outros; isto se quisermos falar só de literatos, porque se quisermos alargar o campo da colheita e entrarmos nos documentos emanados de chancelarias (publicados e inéditos) encontraremos aí um material a recolher ainda mais abundante e talvez mais precioso do que o fornecido pelos escritores.

Era bom que se olhasse para isto e se facilitasse a alguém a leitura dessas preciosidades e ainda o estudo das línguas orientais que pudessem interessar àquela obra gigantesca pelo tamanho, pelo valor e ainda pela influência que decerto exerceria depois de publicada. Era uma tarefa rude, mas abençoada.

Dalgado no *Glossário Luso-Asiático* já previu essa enormidade; conhecedor de um número considerável de línguas asiáticas deu com

aquela obra um bom auxílio a quem um dia se lançar nessa ingente obra.

Há ainda o admirável *Hobson-Jobson* que também auxilia bastante qualquer investigação neste campo.

Não é tudo, mas é alguma cousa.

No campo de contacto linguístico dos portugueses com os povos orientais há ainda um outro assunto que nos devia chamar a atenção: a influência do português nessas línguas[1].

Pensar-se nisto é bom, mas estudar e sobretudo demonstrar essa influência é excelente.

Êsse trabalho dar-nos-ia fôrças morais ainda maiores do que as que já temos hoje perante o mundo; ela daria um novo e forte impulso à propaganda da acção portuguesa nas terras do Oriente. É aqui que está uma boa parte da epopeia portuguesa.

Realizou-se há pouco um *Congresso da Expansão Portuguesa no Mundo* que foi ilustrado por uma interessante Exposição onde figurava o *Mapa da Expansão da Língua;* pois foi com bastante tristeza que diante dêle lembrei a insuficiência dos nossos trabalhos filológicos nesta matéria; êles deviam provar a veracidade do que aquele mapa mostrava. E lá estava bem patente o resultado do que fizemos. ¡Como seria interessante emmoldurá-lo com as obras onde o assunto estivesse profundamente estudado!

Àparte a *Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos Séculos XVI, XVII e XVIII,* do Prof. David Lopes, o poucos trabalhos de Dalgado nada mais há digno de figurar entre obras de algum fôlego[2]. Na realidade a primeira representa um trabalho sério que só consegue quem tem profundo conhecimento do assunto e dispõe das condições necessárias para poder explorar os materiais indispensáveis para a sua realização. Nesta obra, além de se fornecerem muitos dados históricos, aduzem-se provas que se tornam indiscutíveis ao saberem-se as fontes que lhe serviram de base: obras de modernos autores estrangeiros que verificaram quási boquiabertos tantos casos de persistência da língua portuguesa nas línguas dos indígenas; tra-

[1] «Along the sea-coasts the *Portuguese* have left a Vestige of their language, tho' much corrupted, yet it is the language that most *Europeans* learn first to qualify them for a general converse with one another, as well as with the different inhabitants of *India*», HAMILTON, *New Account*, «Preface», p. XII. Citaç. de *Hobson-Jobson*, p. XVII.

[2] Entre as de menor importância cito: FOKKER, «O elemento Português na Língua Malaia» (*Revista Lusitana*, VIII); GONÇALVES VIANA «Vocabulário malaio derivado do português» (*idem*, idem), etc.

balhos existentes em bibliotecas nacionais e estrangeiras, como livros para propaganda do cristianismo impressos por missionários de outros países... em português. Viam-se na necessidade de assim proceder porque o gentio nenhuma outra língua compreendia além da própria e do português[1]. Aprendeu-o, fixou-o e legou-o, mais ou menos deturpado, aos seus vindouros.

A obra do Prof. David Lopes precisa ser agora seguida por estudos intensos dêsses creoulos; alguns representam raízes portuguesas em terras de outros senhores; essas obras impõem-se quanto antes para que não desapareçam e não se percam mais estas recordações épicas dos nossos esforços de outrora.

A obra de Dalgado *Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas* dá já uma idéia, embora ainda um pouco pálida, dessa influência. Apesar de ser uma obra que em certos pontos necessite de cautela ao ser consultada, não há dúvida que estamos na presença dum trabalho muito útil[2].

De importância mais nada[3].

É necessário que na Filologia Portuguesa se abra definitivamente um novo capítulo: a expansão do nosso idioma no Oriente. Há lá restos da época em que êle constituía uma *língua franca*[4]: «... o português era no Oriente a língua de comunicação dos Europeus entre si e com os povos com quem estavam em relações... na carta que o Governador Maetsuyker em 1674 mandou aos directores da Companhia (holandesa das Índias Orientais) em Amesterdão em que dizia que o preocupava sèriamente o uso tam grande do português naquela cidade (Batávia). Com prejuízo do holandês: assim, na comunidade portuguesa êle era uma língua tam desconhecida que em 1713 só três pessoas sôbre cem a compreendiam. No fim dêste século havia

---

[1] «The early Lutheran Missionaries in the South (of India...) all seem to have begun by learning Portuguese, and in their diaries speak of preaching occasionally in Portuguese», *Hobson-Jobson*, p. XVIII, cf. *Notices of Madras and Cuddalore, & co, by the earliner Missionaries*, Longman, 1858, e outras obras citadas nesse mesmo local.

[2] Para um estudo mais detalhado cf. a *Expansão*, de DAVID LOPES, p. 86 e sgs.

[3] Há mais uns pequenos trabalhos, mas de modestas pretensões; como seria fastidioso estar a indicá-los, prefiro enviar o curioso para a obra citada na nota anterior, no cap. III. Algumas dessas obras foram já citadas mais atrás.

[4] «This they (the Portuguese) may justly boast, they have established a kind of *Lingua Franca* in all the Sea Ports in *India*, of great use to other *Europeans*, who would find it difficult in many places to be well understood without it», LOCKYER, *An account of the trade in India*, p. 286.

ainda as mesmas preocupações, como se vê das resoluções destas autoridades nos anos de 1777, 1778, 1786 e 1788...

«... as medidas que o govêrno de Batávia tomou no século XVII para favorecer o uso da língua holandesa não deram o resultado desejado[1]. Pelo contrário, os próprios Holandeses se viam obrigados a falar a língua portuguesa em casa com as suas mulheres *mestiças*, com as suas criadas e com os seus escravos; o mais interessante é que achavam isto natural, pois, como o govêrno confessava em 1674 com graça, os *holandeses consideravam uma grande honra* saberem falar uma língua estrangeira»[2].

«É sobretudo pela influência que a língua portuguesa exerceu, diz Sebastião Rodolfo Dalgado[3], e ainda exerce, em grande parte da Ásia, que se aquilata o alto valor da acção civilizadora de Portugal, tôda especial e sem paralelo.

«É bem natural que a língua do conquistador seja a língua oficial, e os indígenas se vejam na necessidade de a aprender e falar. Mas isto dura emquanto o país verga sob o jugo estrangeiro. Assim notamos que a Holanda, que dominou em diversas partes da Índia, não deixou quási nenhuns vestígios da sua língua, a não ser uma ou outra palavra em algum idioma.

«É também natural que os descendentes dos conquistadores continuem a usar, especialmente sendo em grande número, o idioma paterno por longo tempo depois de cessar o domínio nacional, como acontece quanto ao português, em Bengala, em ambas as costas da península, em Malaca e Singapura.

«Mas admira muito o fenómeno que se dá em Ceilão. Ali não só os descendentes dos portugueses, mas ainda os filhos dos holandeses, que dominaram por igual período como Portugal, e em geral todos os eurasiáticos e até alguns indígenas têm o português por língua materna, além doutros, europeus e nativos, que o aprendem por conveniências comerciais, domésticas e religiosas.

«E admira ainda mais, e parece muito estranho, que uma classe de indígenas, que não têm nas suas veias uma gota de sangue português, tenha repudiado a língua própria e adoptado, juntamento

---

[1] «A língua dos holandeses, que êles procuravam estender com cominações penais, deixou há muito tempo de ser falada mesmo pelos seus descendentes directos, emquanto um português corrupto é até o presente dia a língua vernácula das classes médias em tôdas as idades de importância». Emerson Tennent.

[2] *Expansão*, pp. 105–107.

[3] *Influência do Vocabulário Português*, pp. XVIII e sgs.

com a religião cristã, a portuguesa como materna, facto que se observa na presidência de Bombaim e algumas partes de costa do Malabar.

«É pasmosa a expansão que o português teve na Ásia nos séculos passados. «A história dos descobrimentos e das conquistas portuguesas, diz muito bem, e prova-o com muita erudição, o Dr. Schuchardt, é também em geral a história da propagação da língua portuguesa»[1]. E pode-se acrescentar a história da evangelização portuguesa é igualmente, até certo grau, a história da difusão do idioma português. Considerava-se então que o português era a língua cristã por excelência e um indício da cultura europeia».

«Falava-se português, puro ou crioulizado, por tôda a Índia, na Malásia, em Pegu, no Bramá, em Sião, em Tonquim, na Cochinchina, na China, em Comorão da Pérsia, em Bassorá da Turquia, em Meca da Arábia. E falavam-no não sòmente os portugueses e os seus descendentes, mas hindus, maometanos, judeus, malaios e os próprios europeus doutras nacionalidades entre si e com os indígenas. Serviam-se dêle os missionários holandeses nos seus domínios, e ainda hoje o empregam os ministros protestantes ingleses na ilha de Ceilão. Era pois por longo tempo a língua franca do Oriente.

«É verdade que o português já não tem tamanha extensão e está agora muito circunscrito. Cessou de ser língua franca; e os crioulos, uns estão extintos, outros agonizam, outros talvez, pelo perpassar de séculos, venham a desaparecer. Mas quando porventura o português não fôr falado no Oriente, os vocábulos da bela língua de Camões, adoptados e naturalizados em uma centena de idiomas vernáculos, não perecerão jamais, mas perdurarão juntamente com os mesmos idiomas, e serão, na sua linguagem eloqüente, um momento vivo e constante da dominação e civilização portuguesa».

Era vulgar os nossos aventureiros encontrarem em pontos longínquos das regiões de domínio ou influência portuguesa alguém que soubesse a nossa língua. A história de Fr. Gaspar de S. Bernardino é um belo exemplo[2].

Fernão Mendes Pinto nos confins da China foi encontrar uma família (cujo chefe era português) que... orava um português «bem pronũciado». Êsses indivíduos «disserão o Pater noster & a Ave Maria, o Credo, & a Salve Regina muyto bem ditos & pronunciados, q̃ a todos nos fez derramar muytas lagrimas, vẽdo aquelles meninos

[1] *Beiträge zur Kenntniss des kreolischen Romanisch*, v.

[2] *Itinerário da Índia por terra...*, c. 10, pp. 108–110 na ed. de 1842.

innocentes, em terra tão apartada, & sem conhecimento de Deos, confessarem a sua ley com palavras tão santas»[1].

No Japão foi encontrado um grupo de indivíduos que se reüniam a ocultas a aí praticavam em português[2].

No século XVII já causava espanto esta expansão, como se pode verificar neste passo: «Está la lengua portuguesa muy dilatada no solo en Europa, sino tambien en todas las partes del mundo, Africa, America, hasta los fines de la Asia, donde no solamente los Portugueses que por alla andan la hablan, mas todas aquellas gentes que tienen tratos com ellos, que son muchissimas», Ant. de Sousa de Macedo, *Flores de España, Excelencias de Portugal*, Lisboa 1631, cap. XXII, excel. VIII.

O leitor achará talvez tudo isto demasiado para um trabalho que tem como título *Comentários a alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes*. Em parte tem razão.

Mas uma das principais finalidades dêste estudo é (como disse no capítulo primeiro) ser um «ponto de partida para estudos de maior fôlego».

Que isso justifique esta largueza de informação, mas tudo isto mostra bem a importância, o interêsse e sobretudo o alto significado dêstes estudos.

O que sucedeu, por exemplo, aos holandeses com o português, também se verificou com os nossos em relação com as línguas indígenas.

À medida que as naus iam descobrindo novas regiões, novos povos se iam encontrando; era necessário entrar em contacto com êles: a Cultura, a religião, o comércio exigiam-no.

Para que contacto maior se verificasse duma cousa se necessitava: aprender a sua língua, ao mesmo tempo que êles recebiam a nossa.

Cedo se observou êste fenómeno de osmose. Nada há que o demonstre directamente, mas se necessário se tornar observá-lo basta recorrer às alusões dos historiadores, viajantes e aos documentos das Chancelarias[3].

---

[1] *Peregrinação*, cap. CXVI.

[2] Informação do Dr. Mário de Albuquerque.

[3] SOUSA VITERBO organizou um interessante trabalho em documentos desta espécie. Chamou-lhe «Notícia de Alguns Arabistas e Intérpretes de Línguas Africanas e Orientais». Foi publicado nos vols. 52 e 53 (1905-1906) de *O Instituto*. Fez separata.

Não posso esquecer aqui o tam útil como desconhecido trabalho de Fr. Vicente Salgado *Origem e Progresso das Línguas Orientais na Congregação da Terceira Ordem de Portugal*[1].

No Oriente não podia deixar de suceder o mesmo.

Muitos viajantes mostram que sabiam as línguas das terras por onde passavam. Assim Fernão Mendes Pinto[2] viu em determinada região chinesa um indivíduo que lhe «acenava com a mão, como q̃ chamava por mym, eu avendo isto por causa nova, lhe disse pela lingoa do Chim, potau quinay? que quer dizer, chamasme?».

António Tenreiro[3] encontrou um indivíduo que lhe «fallou em lingua Persiana, a qual elle tão mal fallava, como eu».

Poderia multiplicar os exemplos, mas isso só serviria para alongar e sobretudo ainda enfastiar mais o leitor dêste despretensioso trabalho.

Não há dúvida que a partir de certa época a aprendizagem das línguas tornou-se obrigatória, pelo menos para o clero. Assim o rei Filipe II em carta de 21 de Fevereiro de 1610 dirigida ao vice-rei Rui Lourenço de Távora diz o seguinte: «Também sou informado que ho de muito impedimento para a conversão dos gentios, não saberem os religiosos a lingua da terra onde estão e teem conventos, e que seus prelados se não lembram de lhe encommendar com vigor o façam, ou tirar as egrejas aos que a não souberem e posto que já por vezes mandei advertir aos superiores das religiões tivessem escolas onde aprendessem as linguas, por a materia ser de tanta importancia, lha torno a mandar encommendar, e vol-a-hei por mui encarregada, para que n'ella se proceda na forma que se refere[4]».

O árabe era uma língua muito usual na Índia. Os portugueses não podiam deixar de lá receber a sua influência; mais: os portugueses não podiam deixar de aprender não digo já a lingua, mas pelo menos umas frases que os tornassem capazes de se fazer compreender pelos naturais; em vista do diploma régio acima transcrito o clero tinha mesmo que a aprender e para isso se fundou no século XVII uma escola em Dio[5] e até por sinal «a cada padre que residia na casa de Dio, onde se aprende a lingua arabe (se devia dar) hum larim de prata cada dia»[6].

---

[1] Lisboa 1790.

[2] *Peregrinação*, cap. CXVI.

[3] *Itinerário*, cap. XXXIX.

[4] *Documentos remetidos*, vol. I, p. 359.

[5] *Idem*, I, p. 197.

[6] *Idem*, I, p. 246 (carta de 28 de Março de 1608).

Uma das provas da enorme influência da língua arábica em a nossa nessa época está nisto: emquanto Roxburgh e Buchanan introduzem vocábulos indianos na ciência, Bumphius os malaios, os arábicos são introduzidos pelo português Garcia da Orta e pelo espanhol Cristóvão da Acosta[1].

Quem ler os nossos autores dos séculos XV, XVI e XVII encontrará, pois, uma porção enorme de neologismos de origem oriental. O árabe contribuiu com um bom número de elementos. A novidade dessas palavras deve-se às importações lexicais feitas nas populações de Marrocos e do Oriente. É um ponto de vista que tem sido pouco observado. Eis a razão por que eu considerei mais atrás de incompleto o conceito geral de *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Na realidade *açoite* e *alfageme* são tam árabes como *adivar* e *aduar* ou *benjoim* e *sarrafo*. A diversidade está na época e no local da importação. Representam três épocas diferentes, mas isso de maneira alguma lhes pode negar a origem na mesma língua.

A maioria do vocabulário recebido em Marrocos e no Oriente ainda se encontra infelizmente por colhêr. É necessário ter-se a paciência de o ir reünindo à medida que êle aparece *em leituras realizadas expressamente para êsse fim*. É aborrecido e esgotante. É facto. Mais uma vez se nota a imperdoável falta de glossários relativos às principais obras literárias (e mesmo não literárias) portuguesas. Cito entre as principais as de Góis, Castanheda, Fernão Mendes Pinto[2], Tenreiro, para só falar das que mais directamente interessam a êste trabalho.

Recolhi, pois, muitos vocábulos em obras dos séculos XV, XVI e XVII relativas a Marrocos e ao Oriente. Angariei notas do que se tem escrito sôbre o *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Essas colheitas são ainda muito parciais, como era de esperar. Mesmo assim não introduzi tudo neste estudozinho porque não só não tenho explicações para tudo, mas também êle é mais uma colecção de comentários à obra de Nascentes do que pròpriamente um complemento.

Antes de terminar êste capítulo não quero deixar de exprimir o meu enérgico protesto pelo facto de muitos estudiosos se atreverem

---

[1] *No tratado de las Drogas y Medicinas de los Indios Orientales*. Burgos. 1578. Estas informações colhi-as no *Hobson-Jobson*, Introductory Remarks, p. XVI.

[2] Há um da obra de F. M. Pinto, feito por Gonçalves Viana; ainda está infelizmente inédito. Guarda-se na Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa. Mais manuscritos lá existem do grande filólogo. Quando se publicarão?

a lançar aos prelos novas edições de obras antigas relativas ao Oriente, quando não estão à altura de compreender o assunto, visto que a sua especialidade não é essa. Não exemplifico por razões fàcilmente compreensíveis. Daí resulta o aparecimento de muitos erros lamentáveis. No corpo do meu trabalho alguns indico. Em alguns casos até introduzo palavras que ocorrem em certas edições mas que... não existem. São produto de fantasias dos editores. Estão neste caso *catua* e *carrafo*, por exemplo.

III

Os estudos arábicos em Portugal. Alguns trabalhos estrangeiros

Portugal tem tido orientalistas. Vasconcelos Abreu, Esteves Pereira, David Lopes, Rodolfo Dalgado, são nomes amiúde citados por estudiosos de todo o mundo e ecoam aos ouvidos embevecidos dos portugueses, que infelizmente só os podem em geral apreciar... pelos elogios alheios.

Poucos têm aparecido por cá que possam dizer qual o valor de cada um dêles na justa medida. Compreende-se: em Portugal nunca houve orientalismo no sentido científico da palavra.

Os estudos árabes têm sido algo profundados, mas nunca surgiu o interêsse suficiente para se formar a escola. Frei João de Sousa e Frei José de Santo António Moura representam uma fase já bem adiantada dos estudos pessoais, mas sem que o plano em que se encontraram tenha apoios seguros para trás e mesmo para diante. Como Frei Vicente Salgado, são apenas uma conseqüência da reforma de Pombal, que neste ponto não reformou, mas criou.

Antes é quási o silêncio, embora já o próprio Fernão de Oliveira não ignorasse a influência da língua árabe na portuguesa[1].

---

[1] «E não so latinos (os elementos lexicais do português) mas gregos / arrabigos / castelhanos, franceses...», *Gram.*, p. 65; «Dições comũs chamamos aq̃llas que em muitas linguas servem igualmente: e o tempo em que se mudarão dhũa lingoa para outra; fica tão lõge de nos que não podemos façilmente saber de qual para qual lingua se mudarão: porq assi as podião tomar as outras linguas da nossa / como a nossa dellas: como alfayate, Almoxarife, alguidar: almocreve. E muitas outras dições começadas nesta sylba al. as quaes dizem que são mouriscas...», *idem*, pp. 68-69.

Duarte Nunes de Leão também observou essa influência. Quem um dia ler a sua *Origem da Língua Portuguesa* lá encontra alguma cousa a êsse respeito[1].

Frei António Baptista foi um bom conhecedor da língua arábica... mas não se preocupou com o grande filão que daí resulta: a influência na portuguesa. Deixou-nos de principal umas boas *Instituições da Língua Arábica*, publicadas em 1774.

Frei João de Sousa deixou-nos uns *Vestígios da Língua Arábica*[2]. É o primeiro estudo sério sôbre o assunto. Apareceu em 1789. Regular nos nomes comuns, é péssimo para os nomes dos sítios. Desculpemo-lo: êste aspecto é muito mais difícil do que aquele e Frei João de Sousa não contava nem com os elementos actuais, nem com os processos de explorar êsses mesmos elementos.

Para o Léxico serviram-lhe (e de muito) os testemunhos da Gólio e D. N. de Leão principalmente. Para topónimos a *Chorographia Portugueza* do Padre António Carvalho da Costa (Lisboa, 1706–12) e Padre Cardoso (*Diccionario Geographico de Portugal* (Lisboa, 1747–51)[3]. Ambos são de péssima doutrina.

Depois vem o século XIX, que quási nada adiantou sôbre êste assunto. Santo António Moura, sob o ponto de vista filológico, deixou-nos uma 2.ª edição (1830) dos *Vestígios*, de Sousa, onde conservou a doutrina primitiva e noutros acrescentou-a para pior[4].

Mais alguma cousa de proveitoso deixou Moura de carácter histórico. Muitos dêsses trabalhos jazem ainda tristemente inéditos na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Esperam pacientemente que um benemérito os entregue ao prelo para verem emfim a luz do dia. Êsse estudioso que não se esqueça, porém, de lhes acrescentar umas notas elucidativas e correctivas de que bem precisam.

Além de Moura também têm inéditos na mesma Biblioteca os arabistas Frei Manuel Rebêlo da Silva[5] e o já citado Frei João de

---

[1] Capítulo X.

[2] Cf. o que escrevi na *Bibliografia Filológica* (verbetes 72–77) acêrca dêste livro.

[3] Cf. a propósito DAVID LOPES, *Toponímia Árabe de Portugal*, p. 5 e sgs.

[4] É uma boa excepção o vocábulo *Alfama*, de que me ocupo na sua devida altura nos *Comentários*.

[5] Uma das obras mais curiosas é a correspondência trocada entre o Imperador de Marrocos e a rainha D. Maria II. Tem texto árabe e tradução. É o ms. 1185. Embora trate de questões de nulo interêsse filológico, tem algum histórico.

Sousa[1]. Nestes a importância para o meu ponto de vista é deminuta, mas julgo que isso não pode explicar o desprêzo a que têm sido votados.

Frei José de Santo António Moura, como aliás a maioria dos arabistas, preferiu a tradução e a História à Lingüística. A sua *História dos Soberanos Mauritanos* é uma versão portuguesa do famoso *Cartaz;* ninguém desconhece, decerto, também as interessantes *Viagens extensas e dilatadas do célebre árabe Abu-Abdallah, mais conhecido pelo nome de Ben-Batuta*[2].

A chamada *Ciência Arábico-Académica* representada por António Caetano Pereira mostrou grande actividade em acusar Herculano de não saber árabe. A aliás fundada acusação de que o autor do *Eurico* só se utilizava de traduções quando pretendia citar obras de autores árabes julgo que devia ter como conseqüência o fornecer a Herculano a aos estudiosos em geral de então versões dos autores árabes. Era natural e digno, mas nada apareceu, infelizmente, e não só na época mas ainda até hoje, e já lá vão bastantes anos. Continuamos a servir-nos de traduções alemãs, inglêsas, francesas e espanholas.

Apesar disso Herculano defendeu-se com aquele quási indómito fervor de que só são capazes os ascetas da ciência, cujas almas, para muitos selváticas ou pelo menos isentas de sensibilidade, mostram afinal que a sensibilidade doentia de certos críticos é nêles (os criticados) uma sensibilidade mais nobre porque é a da honra; ela dobrará a cerviz perante a verdade insofismável dos factos, mas jamais arrepia caminho cobardemente diante dos argumentos falsos dos pseudo-sábios.

O acusador de Herculano não teve a coragem de encimar o seu folheto com tôdas as letras do seu nome; preferiu as iniciais; não estava na posse da presença de espírito suficiente para mandar directamente ao autor da *História de Portugal* um exemplar. Foi preciso que Silva Túlio lhe fizesse chegar um às mãos. Pretendendo dar foros de verdade ao milagre de Ourique[3] não teve outra acusação

---

[1] Frei João de Sousa tem obras de carácter numismático (ms. 1402) e de crítica literária (1395).

[2] Existe na Biblioteca da Academia das Ciências um exemplar com o texto árabe à margem do manuscrito. Julgo que êsse trabalho se deve ao próprio Moura.

[3] Houve quem mais tarde quisesse voltar à liça com êste assunto e a outros a êle ligados, mas todos já velhos e de há muito postos de parte. DAVID LOPES correu em defesa do que escrevera e na de Herculano e deu-nos «A batalha de Ourique e Comentário leve a uma polémica», separata da *Biblos*, III, n.os 11 e 12.

mais segura e mais digna do que *Herculano não sabia árabe*. A resposta em breve apareceu:

> O eruditíssimo académico meu adversário declara-me inhabilitado para escrever a história do domínio mussulmano na Hespanha, porque não sei arabe.
>
> Pois então dou-a por não escripta. Largo o título de historiador; mas consolo-me com a boa companhia. Masdeu, Noguera, Ferreras não sabiam árabe; Barros não sabia o sanskrito; Raynal não sabia as línguas bunda, tupinamba e iroquesa, Bossuet não sabia as setenta e duas línguas da tôrre de Babel.
>
> O autor do opúsculo passa a demonstrar como eu não sei arabe. Não era preciso: nas notas do meu livro estou mais do que confesso. Nunca citei um texto escripto nessa lingua, que não dissesse de que tradução me tinha valido[1].

Na realidade os historiadores citados ignoravam essas línguas; as traduções estrangeiras dessa época nem tôdas eram dignas de confiança. Cite-se o exemplo bem frisante de Conde, de quem Herculano alguma influência recebeu[2]. Essa influência perniciosa notou-se não só nas questões pròpriamente históricas, mas também em matéria filológica.

Uma análise à obra de Herculano sob êste ponto de vista estava destinada a um estudioso que acabava de aparecer no mundo científico.

Trata-se do professor David Lopes.

Por ocasião do Quarto Centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia a Sociedade de Geografia de Lisboa fez uma porção de eruditas publicações comemorativas do brilhante feito dos portugueses.

O arabista português alguma cousa publicou também. A *Crónica dos Reis de Bisnaga* (1897), a *História dos Portugueses no Malabar* (1897) e os *Textos em Aljamia Portuguesa* (1897)[3] são obras que o orientalista (historiador ou filólogo) não pode perder de vista. Tôdas são precedidas por suculentas notícias históricas. As obras em si, além da importância intrínseca, têm a indiscutível quali-

---

[1] *Opúsculos*, vol. I, p. 190 (4.ª edição).

[2] Veja-se a propósito o pequeno estudo de A. BOTELHO DA COSTA VEIGA «Análise da Influência do Arabista Conde, sôbre Herculano», na 1.ª edição da *História de Portugal*, Excerto do vol. I, t. II (no prelo) dos *Estudos da História Militar Portuguesa*. Lisboa. 1396 (*sic*).

[3] No momento em que escrevo prepara-se uma bemvinda 2.ª edição.

dade de tirarem da escuridão dos arquivos o ineditismo dos originais: a 1.ª é um texto português do século XVI; a 2.ª é a versão árabe e respectiva tradução da obra do historiador Zinadim; a 3.ª é a revelação dum género literário que se julgava inexistente em Portugal na Idade Média, mas que tem a sua representação nos princípios do século XVI: a *Aljamia*. Estes documentos estavam (e estão) encerrados na Tôrre do Tombo; julgo que mais nada lá haverá, a não ser uns outros, mas em árabe, que Frei João de Sousa publicou em 1790 sob o título: *Documentos arábicos para a história portuguesa copiados dos originais de T. T... e vertidos em português*[1].

Os estudos do Prof. David Lopes são de carácter histórico e filológico. A *História de Arzila* e os *Portugueses em Marrocos*[2] atestam, entre outros trabalhos, a actividade do historiador. *Os Árabes nas Obras de Herculano* (1910)[3] e uns pequenos trabalhos dispersos[4] fazem ver a facêta lingüística do estudioso. Em 1936 publicou um novo trabalho: *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, ao qual me referi mais acima.

Quanto aos estrangeiros foi Engelmann quem iniciou a colecção. O seu *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés*[5] *de l'Arabe* apareceu em 1861; em 1869 publicou-se uma nova edição *correcta e aumentada* por Dozy. A doutrina desta obra é regular. Melhor a do anotador do que a do autor; mas isto não quere dizer que em certos pontos a dêste não seja superior. É uma obra que pode ser consultada com alguma segurança, mas antes de se utilizar a sua doutrina deve-se banhá-la profundamente numa sagaz crítica. Além dos seus autores não serem peninsulares, de conhecerem mal as línguas hispânicas, há ainda a acrescentar o facto de escreverem em meados do século XIX. Um dos maiores defeitos desta obra está nas transcrições, quási sempre em absoluto desacôrdo com as normas da Fonética Hispano-Árabe. ¡Pois apesar disso quási todos os estudiosos portugueses se servem delas sem escrúpulo![6]

---

1 Cf. J. MARTINS DA SILVA MARQUES, *Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo*, p. 57.

2 Separata da *História de Portugal*, de Barcelos, vols. III e IV.

3 Separata do *Boletim de Segunda Classe*, vols. III e IV.

4 Tais como: «Cousas arábico-portuguesas», separata do *Bol. de Seg. Clas.*, vol. X, «Toponymia Arabe de Portugal», idem da *Revue Hispanique*, tome IX; «Toponímia árabe de Portugal», idem da *Rev. Lusit.*, XXIV; «Alguns vocábulos Arábicos-Portugueses da natureza religiosa, étnica e lexicológica», idem da *Miscelanea de estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, etc., etc.

5 *Dérivés*, não *tirés*, como diz NASCENTES na «Bibliografia» do *Dicionário*.

6 Cf. o capítulo «Da transcrição».

É estranho!

Não os surpreende um certo número de particularidades que tornariam impossível a evolução a adoptarem-se como boas as transcrições que aqueles autores utilizaram.

Nascentes, como veremos, também escorregou nestes *grandes nadas*.

O outro trabalho estrangeiro que é necessário conhecer é o *Suplemento ao Dicionário de Littré*. Denomina-se *Dictionnaire Etymologique des mots d'origine orientale (Arabe, Hébreu, Persan, Turc, Malais)*. Foi publicado em 1876 e o seu autor é Marcel Dévic. A doutrina não é má, mas (cá estamos!) cautela com as transcrições.

Em 1886 aparece o *Glossario etimológico de las palabras españolas (castellanas, catalanas, mallorquinas, portuguesas, valencianas y bascongadas) de origen oriental*, da autoria de Eguílaz e Yanguas. É uma continuïdade de etimologias mais ou menos fantásticas. Apesar de ter sido publicado um século antes (1787), oferece muito mais segurança o *Dicionário Español-Latino-Arábigo* de Fr. Francisco Cañes.

Fokker, ao publicar no *Zeitschrift für romanische Philologie*[1] o seu estudo «Quelques mots espagnols et portugais d'origine orientale, dont l'étymologie ne se trouve pas ou est insuffisamment expliquée dans les dictionnaires», não fez mais do que dar mais uma contribuïção para alongar a lista das obras onde os erros se contam amiúde e que ninguém pode consultar com confiança.

Para assuntos relacionados com o árabe e com outras línguas orientais mais digno de confiança é o *Glossário Luso-Asiático*, de Sebastião Rodolfo Dalgado (1910–21). Nos seus dois volumes o autor encerrou uma numerosa documentação, colhida em boas fontes. Só êste facto bastaria para se poder fazer uma idéia do tempo e do trabalho que esta obra custou. Dos ensinamentos numerosos que o autor fornece muitos há que não são seguros e outros não soube resolver, mas que lá aparecem. Na minha opinião fez bem: é uma lacuna que êle apresentou e que os outros podem ao menos tentar resolver. A êle cabe a honra de a ter mostrado.

Dalgado na sua documentação de passos abonatórios e da doutrina teve sempre presente uma obra que, embora nem sempre o confesse, de muito lhe serviu: o *Hobson-Jobson*.

Êste livro[2], da autoria de Yule e Burnell, é um autêntico monumento de erudição e de citações. Os seus autores tiveram o cuidado

[1] Vol. XXXIV, p. 560 e sgs.

[2] Para o título cf. *Bibliografia*.

de ilustrar cada vocábulo estudado com passos abonatórios de escritores das cousas do oriente. Os mais citados são os portugueses, principalmente Camões, Castanheda, Barros e Godinho de Heredia.

As línguas orientais que parecem conhecer são, além do árabe, o persa, o malaio e o industânico, principalmente.

Todo o orientalista deve ter êste livro na sua estante, assim como aquele que pretender estudar a fundo os nossos quinhentistas sob o ponto de vista filológico.

Bastas vezes me sirvo dêle e quási sempre me fornece uma boa informação.

O seu prefácio constitue um motivo de orgulho para nós, portugueses, porque lá se diz bastante sôbre a expansão da nossa língua. Essas informações não são deslocadas: será por elas que o investigador menos versado nestas cousas compreenderá a razão de ser de tantas palavras portuguesas que aparecem no corpo da obra como vulgares no Oriente.

A *Academia Espanhola* tem desde há muito o seu *Dicionário*. As suas edições caminhavam a tôda a pressa para a segunda dezena.

Uma das suas principais fraquezas é constituída pelos elementos arábicos. Ninguém deve consultar êste dicionário como tira-teimas ou na ânsia de informes seguros. O resultado não seria dos melhores. Era bom que se fizesse para esta obra o mesmo que eu faço à do Nascentes, com uma diferença: era necessária muito mais competência, que me falta não só para a do erudito brasileiro, como principalmente para a da douta Academia Espanhola.

Em 1927 saiu em Heidelberga a obra de Lokotsch (*Etymologisches Wörterbuch der europäischen Wörter orientalischen Ursprungs*) que mal conheço, pelo que me abstenho de comentários.

E é êste o principal material com que conta o estudioso das *cousas* vocabulares árabes no português. Pouco de portugueses, mais de estrangeiros, mas êste ou é antigo ou pouco seguro.

Foi diante destas circunstâncias que se viu Antenor Nascentes quando pretendeu recolher arabismos para o seu *Dicionário*.

Por isso urge um trabalho de revisão e de acrescentos à sua obra; mais justo ainda seria comentar as obras anteriores sob o aspecto de simples crítica (como faço agora com a obra de Nascentes) ou sob a forma de reedições *correctas e aumentadas*.

Depois de 1927 no campo puramente vocabular apenas acho digno de menção especial (pelo menos no que eu conheço) o trabalho do Prof. Max Leopold Wagner *Sôbre alguns arabismos do por-*

tuguês[1]. É um trabalho excelente: além de boa documentação tem doutrina segura.

Para a parte fonética há já a *Contribución á la Fonética del Hispano-Árabe y de los Arabismos en el Ibero-Románico y el Siciliano*, do Prof. Arnaldo Steiger[2]. Mas também é de um estrangeiro. É uma pena êste nosso desprêzo por um assunto tam interessante como mal estudado.

Estes dois últimos trabalhos, principalmente o primeiro, apenas têm importância no meu trabalho como complemento à obra de Nascentes. O autor do *Dicionário* não os podia ter conhecido a tempo, pela simples razão de serem posteriores ao aparecimento da sua obra.

IV

Os comentários a alguns arabismos do Dicionário de Nascentes

Já por várias vezes me tenho referido elogiosamente ao importante trabalho do professor brasileiro. Embora o seu valor seja indiscutível, isso não quere dizer que esteja isento de defeitos. É natural. Cumpre emendá-los para bem da Ciência e da obra de Nascentes. Já algumas tentativas têm sido feitas, mas quási tôdas pecam por violentas ou amesquinhadoras. Como excepção não posso deixar de citar a crítica feita nas páginas do *Boletim de Filologia*[3] pelo Prof. Rebêlo Gonçalves. O filólogo português ocupou-se principalmente dos helenismos; fê-lo serenamente e com os profundos conhecimentos de que dispõe sôbre o assunto.

A uma obra como a de Nascentes tôda a crítica deve ter em vista sobretudo apontar os deslizes, que não escapam a ninguém, e acrescentar-lhe o que se disse depois, isto é, actualizá-la.

Um dos pontos mais defeituosos do *Dicionário* de Nascentes é, como noutros trabalhos citados antes, o que diz respeito aos arabismos. Em resumo pode-se dizer que sob êste ponto de vista peca principalmente pelo que passo a indicar:

a) *Tem más transcrições.* — Numa obra onde as palavras árabes não nos são apresentadas no tipo próprio, o seu autor devia esfor-

[1] Saiu na *Biblos*, x, pp. 427-453 (1934).

[2] Madrid. 1932. *Rev. de Fil. Esp.* Anejo XVII.

[3] Vol. II, p. 282. Nascentes respondeu na mesma Revista, vol. III, p. 323.

çar-se por resolver êste grande problema o mais uniforme e satisfatòriamente possível.

Neste ponto com alguma cousa contava: o Dr. David Lopes já nos deu um bom quadro de transcrições nos seus *Textos em Aljamia Portuguesa*. Outro nos deu nos *Árabes nas Obras de Herculano*, mas prefiro o primeiro: é mais claro e os caracteres aí utilizados são fàcilmente compreendidos por qualquer. O outro tem muitos de forma estranha. Apesar disso há uma cousa com que discordo no sistema apresentado nos *Textos:* a transcrição do س e do ص que o Mestre transcreve por *s* e *ṣ*, respectivamente[1]. Quem vir transcritos desta maneira aqueles fonemas árabes há-de tê-los como se existisse em árabe um som correspondente ao *s* português, o que não se verifica. Daqui um êrro de Fonética ao pronunciar-se uma palavra árabe. Há ainda a acrescentar o facto de certos fonemas igualmente árabes serem transcritos com um *s* e... em português geraram *ç*, como السّوط que se transcreveria (adoptando êsse sistema) *assot* e em português é *açoute*. É um facto que parece muito estranho. Nascentes ressente-se muito disso. As transcrições daqueles fonemas são sempre feitas com *ss*.

Em Nascentes não devia ter concorrido para isso o sistema do Congresso, mas sim os adoptados por Dozy (portanto por Engelmann também) e Eguílaz. Nem sequer usa um diacrítico ou outro qualquer sinal para distinguir o س do ص; por isso a influência de espanhóis e franceses no seu trabalho é notória. Quando outro não existisse, êste facto bastava para o demonstrar muito à vontade.

Outro êrro vulgar nas transcrições é no que toca ao ش. Representa-o quási sempre por *sh*, quando o português tem o excelente *x*.

Tanto o ك como o ق são sempre *K*. Não os distingue.

Tudo isto impossibilita o estudioso de reconstituir as formas árabes pelas transcrições do *Dicionário*.

b) *É incompleto.* — Incompleto em vocabulário e incompleto em obras consultadas. Bem sei que o fim último de Nascentes na sua obra é *dar a conhecer de entre o que se tem dito o que êle conseguiu*

[1] É o sistema de transcrição legislado pelo Congresso Internacional dos Orientalistas realizado em Genebra nos fins do século passado. Êsse sistema foi elaborado à revelia das nações que nêle maior influência deviam ter tido: Espanha e Portugal, isto é, aquelas que na Europa estão em melhores condições de apresentarem a sua opinião em conseqüência da influência arábica que as suas línguas receberam: a Espanha, na Europa e África; nós na Europa, África e Ásia. Uma dia, se puder, hei-de tratar dêste assunto com maior largueza. Cf. o capítulo «Da transcrição».

angariar, isto é, o seu *Dicionário* é uma espécie de *Bibliografia* do vocabulário português (dentro do que lhe foi possível, claro está).

Foi uma bela idéia, que é da maior utilidade para quem trabalha só nos poucos momentos de ócio que a luta pelo pão lhe consente; nêle encontra num instante uma porção de informações que talvez não conseguisse em alguns meses. Isto representa um grande auxílio, mas só para os já largamente iniciados. Aos principiantes porém traz contrariedades: além de alguma doutrina mal revista[1], tem o inconveniente de em certos casos trazer muitas informações que não comenta.

O principiante ante essa série de citações cruza os braços e muito naturalmente hesita.

¿O que há-de fazer?

Ou se dirige aos mestres ou começa a perder um tempo infinito a investigar por conta própria o que a obra podia trazer já resolvido. Num ou noutro caso o *Dicionário* é pôsto de lado, o que decerto não aconteceria se aparecessem os tais comentários, que, bons ou maus, não deixavam de ser para os principiantes a opinião duma pessoa autorizada a fazê-los e valeriam como tal na balança da sua consciência.

Em alguns pontos encontra na obra doutrina que não pode compreender. O mestre explica-lhe doutra maneira; noutros surgem-lhe casos com que êle próprio não concordará. Os dois aspectos fazem vibrar no seu espírito a veia quixotesca do descrédito que o leva a ser injusto com o precioso *Dicionário*.

Entre as obras que Nascentes esqueceu ou não pôde consultar para os arabismos lexicais e que foram publicadas numa época suficientemente atrasada para Nascentes as poder folhear e utilizá-las no *Dicionário*, cito o útil *Hobson-Jobson*, que em muitos passos o esclareceria, e a obra de Brunot *Noms de récipients à Rabat*[2]. *Os Árabes nas Obras de A. Herculano* e a *Toponímia Árabe de Portugal*[3] do Prof. David Lopes também faltam. A primeira foi manuseada, porque o autor a cita s. v. *açoteia*, mas julgo que muito ligeiramente, porque

[1] O *Dicionário* foi revisto à pressa com tôda a certeza. Assim, por exemplo, s. v. *Boaba*, lê-se: «Larousse afirma que o voc. significa *árvore de mil anos*, mas diz em que língua». É evidente que entre *mas* e *diz* falta *não*. Cf. ainda o que digo s. v. *almeida*, onde aceitou (como noutros locais) uma etimologia para a qual logo a Fonética é suficiente para a fazer pôr de lado.

[2] Publicada na *Hespéris*, t. I, pp. 111-140.

[3] Refiro-me às duas obras publicadas pelo mestre sob êste título: uma na *Revue Hispanique*, t. IX; a outra no vol. XXIV da *Revista Lusitana*.

certos pontos, que lá vêm estudados duma maneira excelente e até definitiva, ao serem tratados no *Dicionário* não acusam a mais pequena influência dessa preciosa obra, de que se necessita uma 2.ª edição.

É igualmente incompleto êste *Dicionário* na *distribuição dos elementos por origem,* onde não cita as palavras gregas entradas pelo árabe. Não se encontram nem sob a rubrica de *Árabe* nem na de *Grego.* Daqui resulta que as percentagens, conforme já o fiz sentir duas vezes ao autor[1], são arbitrárias. Faltam nessa lista mesmo alguns vocábulos de origem indiscutivelmente árabe, embora o autor tenha injustificadas dúvidas, como *almeida* e *saloio,* por exemplo.

Sob o ponto de vista vocabular alguma cousa acrescento neste trabalho, mas fá-lo-ei mais largamente noutro que tenho em preparação.

Quero ainda dizer que algumas das palavras que faltam no *Dicionário* são bem importantes, como *alcalde, alcorão* (tôrre), etc.

Quanto aos arabismos recebidos em Marrocos e no Oriente o *Dicionário* quási nada tem; alguns acrescento, mas não muitos, porque saía do carácter de complemento para entrar no de inconveniente insistência.

Nascentes raramente abona um vocábulo; isso viria alargar o seu trabalho e parece-me desnecessário (embora uma abonação nunca o seja) porque geralmente não cita palavras desconhecidas dos mais vulgares dicionários.

Nestes comentários preferi dar abonações em alguns casos. Não para dizer que Nascentes também o devia fazer, mas simplesmente para documentar a minha doutrina. Como se trata de um trabalho especial e não geral como o *Dicionário,* julgo que elas ficam bem. No *Dicionário* os passos abonatórios avolumam e podem passar como desnecessários; aqui julgo que não.

c) *Na maioria dos casos apresenta a palavra, a respectiva etimologia (transcrição, claro está) e em geral... nada mais.*—Não diz pois onde foi buscar a doutrina. O consultante fica sem saber a quem se deve a explicação. Era uma lacuna que não custaria muito cobrir durante a colheita de verbetes; uma abreviatura bastava. Dêste modo a responsabilidade de qualquer deslize estava salvaguardada, pois ela não lhe seria atribuída, mas sim aos seus autores; mas assim cabe-lhe tôda (pelo menos no grande número de passos onde isso sucedeu). Dozy foi talvez o mais esquecido.

d) *Nascentes aceita geralmente sem discussão as doutrinas; não se preocupa se são boas ou más.*—Há alguns casos onde cita sem

[1] Na *Bibliografia Filológica,* verbetes n.os 280-285, e em carta particular.

um comentário autênticos erros de palmatória. O que mais me arripiou foi o caso de *Alfama*. Ressente-se quási sempre do que eu disse no § *b*: não consultou algumas obras publicadas muito antes de começar a redigir o *Dicionário*[1]. Mais casos se observarão como êste nos comentários. Por esta e outras circunstâncias se parece depreender que Nascentes julgou os arabismos assunto de somenos importância e por isso ligou mais importância aos vocábulos de outras origens. No campo arábico parece que pôs em mente procurar na seara o que nela havia de joio.

*

O meu trabalho não é evidentemente exaustivo. Corresponde apenas a isto: às possibilidades fracas de um principiante que tem o desejo de fazer alguma cousa de útil para o maior número (já que não pode ser para todos) dos que se interessam por estes assuntos.

Não comento evidentemente todos os arabismos do *Dicionário*, mas, como digo no título do trabalho, apenas *alguns*. Compreende-se a razão: se alguns há que não precisam de comentários, alguns há também que não sei comentar.

Outros há ainda onde porventura não chego a uma conclusão definitiva, mas as considerações que aí fiz servem apenas ou para tentar dizer alguma cousa de novo (principalmente sugestões), ou para mostrar a minha relutância pelas explicações que têm sido apresentadas.

*

As observações que eu pretendi primitivamente fazer ao *Dicionário* não se limitavam só aos arabismos; alargavam-se muito mais, pois eram destinadas a todo o léxico de origem oriental. Era demais. Era um idealismo tal que, dadas as condições presentes, não tardou a chamar a indispensável desilusão. No entanto essa crítica preparo-a, mas não a prometo para não faltar.

Pretendi tanto quanto possível basear-me no que há escrito. Completo assim o *Dicionário*, ao mesmo tempo que o emendo quando tal seja necessário.

---

[1] Insisto em afirmar que me refiro só a obras publicadas muito antes do aparecimento do *Dicionário*, para não cair no género de afirmações de EDUARDO DE LISBOA. No seu livro *O Dicionário do Sr. Nascentes e o REW* quere êste autor que Nascentes consultasse obras ainda não publicadas quando começou a redigir o seu monumental *Dicionário*.

Para isso cito obras anteriores, coevas e posteriores à publicação do *Dicionário,* mas evidentemente que para as últimas Nascentes está fora de qualquer responsabilidade, como seria quási desnecessário dizer[1].

É natural que num ou noutro ponto apareça doutrina minha e que ela constitua novidade. Esperemos até ver como ela será recebida, tanto mais que êste trabalho é ponto de partida para outro de maior fôlego, como já disse.

V

Da transcrição

Fiz os possíveis por apresentar tôdas as formas árabes, persas e turcas (porque algumas aparecem) nos seus caracteres próprios. Julgo que o consegui.

Mas, por um lado porque nem todos conhecem êsses caracteres e por outro porque isso corresponde a uma necessidade científica, transcrevi-os.

Eis o quadro de transcrições que adoptei:

ا		*a, e, i*	ض		*ḍ*
ب		*b*	ط		*ṭ*
ت		*t*	ظ		*ẓ*
ث		*th*	ع		*ʿ*
پ	persa-turco	*p*	غ		*g*
ج		*j*	ف		*f*
ح		*ḥ*	ق		*q*
خ		*ḫ*	ڤ	marroq.	*gh*
چ	persa	*ch*	ك		*k*
د		*d*	گ	persa	*ġ* (román.)
ذ		*dh*	ل		*l*
ر		*r*	م		*m*
ز		*z*	ن		*n*
س		*ṣ*	ه		*ḥ*
ش		*x*	و		*u*
ڤ		*ẓ*	ى		*i*

[1] Cf. nota anterior.

Êste meu sistema será porventura mais um para alargar o número já grande de processos de transcrições.

O que êste meu processo (que não considero definitivo) traz de novo e de melhor sôbre o mais usual é sem dúvida uma melhor interpretação da fonética árabe e das línguas hispânicas que da língua arábica receberam grande influência e que por isso mesmo jamais deviam ser postas de lado ao pretender-se organizar um sistema de transcrição.

Eis, pois, uma tarefa que se impõe: um quadro de transcrição para português dos fonemas arábicos. É uma tarefa mais difícil do que pode parecer à primeira vista, porque, antes de mais, era necessário marcar um atalho numa floresta de sistemas. A estrada apareceria mais depressa.

O sistema que dou aqui não é completo, nem pretensioso, nem definitivo no que apresenta. Corresponde mais ou menos às necessidades dêste trabalho, feito à pressa.

Não pretendo agora alargar muito o meu trabalho e por isso reservo para êsse estudo os comentários que me merecem os sistemas que até agora têm sido tornados públicos.

Resta-me só agora dizer alguma cousa acêrca dêste meu sistema:

Não adoptei o péssimo processo que foi legislado, e por muitos seguido, de reproduzir *sempre* o *l* do artigo, mesmo diante das *letras solares*. Segundo êsses o artigo *al* aparece sempre transcrito intacto e não de outro modo. Daqui resulta que nós, os peninsulares, observamos boquiabertos, em livros e revistas da maior responsabilidade científica, artigos assinados por nomes célebres entre os maiores orientalistas cousas como estas: *alsusana (sic), alsude (idem), alsote (idem), alsoq (idem), aldalil* e outras enormidades. Quem seja pouco versado nestes assuntos acreditaria que a assimilação *l* + *s*, *l* + *d* se teria realizado já no romanço, o que não é exacto.

Noutros exemplos a responsabilidade ainda é maior: quem vir a transcrição *aldabba* e não fôr especialista escapa-lhe o importante fenómeno fonético que se observou na forma portuguesa ali originada, que é *aldraba*. O *al* é o artigo arábico, comentar-se-á muito simplesmente. O mesmo sucederá com *aldeia*.

¿Que dirão os árabes se souberem disto?

Que é tudo menos a sua língua.

Na realidade assim parece e a razão é simples: confundiu-se *transcrição* com *transliteração*.

Mas a novidade principal está nas transcrições do س e do ص que em geral são feitas com *ss*. É mais um galicismo que urge es-

corraçar quanto antes e no qual Nascentes caíu sempre. É um processo defeituosíssimo. Vejamos porquê:

Como se sabe, na Idade Média fazia-se em Portugal distinção entre *ss* e *çç*. Se se vir السّوق transcrito por *assōq*, ¿como se poderá entender no português a forma arcaica e moderna *açougue* e no espanhol *zoco*?

Além disso a articulação dos fenómenos arábicos não corresponde aos *ss* românicos, mas sim *çç*.

Mesmo que o meu sistema tenha adeptos em Portugal ninguém deve temer dificuldades lá fora: o *ç* não é estranho às outras línguas da Europa, pois, mesmo no caso de nem tôdas o possuírem, note-se a feliz circunstância de em tôdas elas se conhecer a francesa, onde êle existe.

Nascentes transcreve geralmente o خ por *kh*. É o processo francês. É um caso dos mais extraordinários que conheço; a entidade que legislou êsse sistema preconizou dois processos de transcrição daquele fonema: ou *kh* ou *ḫ*. Evidentemente que o segundo é muito melhor. Pois o outro é que frutificou. Não admira: foi a que os franceses adoptaram, portanto cá também se usa e sem mais discussão.

Essa transcrição no entanto não está certa para nós, portugueses, que conhecemos a evolução para *f* dêsse fonema no período medieval da língua (cf., por exemplo, *alface*, de الخسّ). Embora essa transcrição seja a melhor para *alcaz* (الخزّ) e para outras palavras entradas tarde nos léxicos peninsulares no Andaluz e no Oriente em especial, eu prefiro *ḫ* por ser não só mais idêntico ao fonema arábico, como melhor para explicar a evolução para *f* no português ou *h* no espanhol. *Kh* seria bom para transcrever, por exemplo, o ق ou o ك.

¿Como pode o som *kh* dar *f*?

Julgo que é impossível, a não ser que voltemos aos bons tempos de Budé.

Se não fôsse o ج eu preferia transcrever o خ por *j* com indicação de que êste correspondia ao espanhol, visto que as suas articulações são muito próximas.

Pôsto isto, vamos aos comentários.

A

Abelmeluco. — É costume transcrever-se o artigo arábico por *al*. É um galicismo que urge escorraçar. É *al*. Veja-se, no *Dicionário*, *abelmosco*, que vem bem transcrito. (De حبّ الملوك, *habb al-melūk*).

Abencerrage ou Abencerragem. — A forma arábica é ابن السّراج (*abn aç-çarrāj*). Com *çç* e não com *ss* portanto. A tradução é, na verdade, o filho do seleiro.

Abexim. — O A. limita-se a dizer: «forma antiga de *abissínio*». No recente conflito dizia-se e escrevia-se *ítalo-abexim* e isto em 1936.

Abexim, largamente documentado em textos quinhentistas, é o árabe حبشيّ (*habexī*). *Abissínio* julgo que veio pelo it. *abissino*.

Açacal. — É uma palavra de grande uso até ao século XVI; apesar disso não vem no *Dicionário*. Do السّقّا (*aç-çaqqā*), carregador de água.

Açacalar. — É um verbo que devia ter sido formado já no português. Como se sabe, nenhum verbo derivou directamente do árabe. Êste devia ter derivado de uma forma *açacal* com o sentido de *alfajeme*, que desapareceu para não se confundir com o nome antigo do carregador de água. Nascentes derivou esta palavra do verbo árabe. Não sei onde se baseou, mas o que sei é que essa doutrina é insustentável; basta a prosódia para a derrubar. O verbo árabe é صقل (*çaqala*), pulir. Não é portanto *shikal*, como se diz no *Dicionário*. الصّقّال (*aç-çaqqāl*), palavra formada daquele verbo, significa *alfajeme, brunidor de armas*. Desta palavra se formou, na minha opinião, o verbo português.

De *açacalar* vem *açacalador*.

Açafate. — O autor, utilizando-se de obras estrangeiras, não se lembrou da diferença do português medieval entre *-s-* e *-ç-*; por isso dá como étimo de *açafate* o ár. *assafat*, quando deve ser *aç-çafat* (de السّفط). É um deslize freqüentíssimo na sua obra: a transcrição do س e do ص por *s* ou *ss*.

Acafelar. — Nascentes apresenta duas hipóteses: «*Kafr*, bitume (A. Coelho)» e «*Kafara*, ocultar (Academia Espanhola)». A primeira não é de A. Coelho, mas de Dozy; neste é que aquele foi beber. Na realidade قفر (*qafr*), ou كفر (*kafr*), significam *asfalto, betume*. Não conheço em árabe nenhuma palavra que correspondendo à grafia *kafara*, signifique *ocultar*, como quere a *Academia Espanhola*. Existe كفر (*kafara*), mas significa *ser ridículo, não acreditar em Deus; ser infiel; blasfemar*. Daqui se formou *cafre* (q. v.). *Ocultar* diz-se خبّى (*habbā*).

Damião de Góis (*Crón. D. Man.*, II, cap. 18) emprega a palavra: «Diogodázambuja pouco, & pouco fazia creçer ha obra... mandãdo entupir as bombardeiras antes que has hos Mouros vissem, de pedra, & barro pela banda de fora, & *acafeldar* de maneira, que pareçia q̃ era tudo igual». J. Ferreira de Vasconcelos (*Eufrosina*, p. 23) também não a desconheceu: «... quebrar o banco se me cedo nam acodis, pera *acafelar* quantas mentiras por vos digo aa señora minha comadre...». Por estes passos a palavra parece significar *tapar, murar, couraçar*. Por isso julgo mais provável a hipótese de Sousa: de قفل (*qafala*), «tapar com pedra e cal. Deriva-se do verbo قفل *Cafala* fechar com cadeado, ou com fechadura. Na segunda conjugação; significa tapar huma porta, jancella, ou fresta com pedra e cal». Esta doutrina é exacta. *Fechadura*, por exemplo, diz-se قفل (*qufl*); *botão* é قفلة (*qafla*).

Açafrão.—De الزَّعفران (*az-zaʿafrān*), o mesmo. Nascentes não transcreveu portanto o ع. O ز não está representado excepcionalmente por ç nesta palavra, como disse Nunes (*Gram.*, p. 189) e se repete no *Dicionário*. O mesmo se observa pelo menos na palavra *acepipe* (q. v.).

Açaime.—Não me satisfaz a explicação que dá como base desta palavra o ár. ازِمّة (*azimma*), pl. de زِمام (*zimām*).

Acedrenche.—Baseando-se também em Nunes (*Gram.*, p. 137), Nascentes acha excepcional o ç da palavra portuguesa porque a julga derivada de السَّطرنج (*as-sitrānj*), quando na realidade é de السَّطرنج (*aç-çitrānj*), forma concorrente da primeira que está no português *xadrez* (q. v.).

Acelga.—Q. v. o que disse em *açafate*. (De السِّلقة, *aç-çelqa*, certa hortaliça; do grego σεύτλος; cf. Dozy e, baseado neste, Rebêlo Gonç., *Element.*, p. 21).

Acém.—A melhor explicação desta palavra não podia ainda aparecer no *Dicionário;* é-lhe posterior. Foi dada por M. L. Wagner na sua obra *Sôbre alguns arabismos do Português*, p. 446. Deriva de السَّمن (*aç-çemn*), que em Marrocos significa *gordura*.

Acepipe.—Tal como em *açafrão* o *z* de الزَّبيب (*az-zebīb*) passou a *c* (=*ç*). Para o caso de o ب dar *p* q. v. *pataca*. A forma mais próxima do étimo é *azebibe*, que se emprega no Algarve para designar um *pingo do figo depois de sêco*.

Azebibe é também o nome duma cidade na Arábia. Aparece nos nossos escritores do século XVI: «.... mandava resgatar por um mercador Iudeu natural de *Azebibe*», Mendes Pinto, *Peregrinação*, I, p. 16.

Acèquia.—Q. v. o que disse s. v. *açafate* (de السَّاقية, *aç-çāqia*, rêgo, regato).

Aceter.—Q. v. *açafate*. Não sei o que levou Eguílaz a afirmar a palavra السَّطل (*aç-çetel*) como derivada do lat. *situla*. É possível, mas necessitava-se duma demonstração. Viterbo, baseado em Du Cange, diz que «vem do latino *acetrum*, vaso, ou panella de cobre ou de outro metal».

Achaque.—Tal como G. Viana (*Apost.*, s. v.), julgo a palavra árabe geralmente usada para explicar esta pouco aceitável, por causa do *ch* com que o nosso vocábulo sempre aparece. Cf. porém *alcachofra*. الشَّكاة (*aš-šakāh*) daria naturalmente *axaca*, *axaque*, ¿ou estaremos muito simplesmente na presença dum convencionalismo ortográfico? Em esp. há *achaque*. Nascentes diz que Canello deriva do germânico esta palavra. Donde?

Acicate.—Acho justo o que diz Engelmann: é pouco possível a base dêste vocábulo em الشَّوكات (*aš-šūkāt*), pl. de شوكة (*šūka*), dardo, espinho, como quiseram Sousa e Dozy e, antes dêstes, Cañes. Nascentes apenas citou Lokotsch; podia e devia acrescentar pelo menos os dois primeiros que consultou. Parece que não reparou também na evolução pouco possível de ش para *c* (=*ç*).

Esta doutrina é seguida, segundo afirma João Ribeiro[1], por Bachir José Chaul.

---

[1] *A Influência do Árabe na Língua Portuguesa*, p. 159.

Acitara.—Q. v. o que disse em *açafate*. السّتارة (*aç-çitāra*) significa *cortina, parapeito* (Engelmann), mas Cañes também já tinha proposto esta palavra. Cf. Dozy, *Histoire*, II, p. XXXVI do «Appendice».

Açôfar.—Q. v. *açafate*. De الصّفرة (*aç-çofra*), amarelo, mas na Península parece que designava o *latão*.

Açofeifa.—É na realidade de الزّفزفة (*az-zofaizfa*). O gr. ζίζυφος tem como correspondente lat. o *ziziphum* (Lokotsch, 2228). Em ár. há também زفزاف (*zefazāf*). Para a transformação do *j* em *ç* cf., além de *açafrão, acepípe*.

Açoite.—Q. v. *açoute*.

Açoteia.—Q. v. o que disse em *açafate*. De السّطيحة (*aç-çofaiha*), deminutivo de سطح (*çatāha*), terraço.

Açougagem.—Nascentes colheu em Eguílaz y Yanguas a afirmação de que esta palavra deriva «do ár. *assok-al-laham*». Ainda mais estranho como deixou passar sem um comentário êste êrro. Bastava olhar para aquela expressão para que, quási sem raciocinar, a impossibilidade de servir de origem aparecesse. Um segundo de atenção bastava para se observar a formação portuguesa do vocábulo.

Se «não contém o suf. *agem*» como poderia êle aparecer daquela expressão arábica? É na verdade um derivado de *açougue* (q. v.).

Acêrca de palavras derivadas no português de outras de origem árabe cf., por exemplo, *alvenaria*.

Açougue.—Ninguém pode pôr em dúvida o étimo dêste vocábulo: é do árabe السّوق (*aç-çūq*). Esta palavra não é a tal ponto *indeterminada* que para se determinar se empregue a expressão *assok-al-laham*, como Nascentes parece acreditar, baseado no que se escreveu no *Glossário* de Eguílaz y Yanguas. السّوق significa *o mercado* e para ter esta significação não precisa entrar em expressões. Em esp. a palavra *zoco* testemunha-o perfeitamente.

Note-se até a feliz circunstância de Castanheda, para representar a forma arábica, escrever: «E na mesma noyte surgio com toda a frota diante do *çoco*...», *História*, II, p. 128. Além disso a frase *assok-al-laham* não está certa; tem um êrro de construção. سوق اللّحم (*çūqu l-laham*) é que está bem.

Açoute.—Q. v. *açafate*, visto que Nascentes diz «do ár. *assaut*». A forma donde esta palavra deriva é السّوط (*aç-çōt*). Esta é a do árabe falado, a que interessa para aqui. O único filólogo, de entre os que se têm ocupado da palavra, que ligou importância a êste facto foi, que eu saiba, Cortesão, que apresentou *açot* (*Subsídios*). Dozy, Engelmann e Zauner (*Altspan.*, § 37) dão a mesma forma que Nascentes. Esta, além dos *ss* por *çç*, tem ainda o seguinte defeito: apresenta o ditongo *au*. Êste só aparece na forma do árabe clássico: السّوط (*aç-çaut*).

Açúcar.—Nascentes baseia esta palavra no «sânscr. *çarkara*, grãos de areia, prácrito *sakkar*, através do ár. *as-sukar*». A forma árabe é السّكّر (*aç-çukkar*). Por aqui se verifica que a sua transcrição é deficiente em dois pontos: 1.º Transcreveu por *s*, quando em árabe não há um fonema correspondente

a êste; 2.º não transcreveu como devia o ك, visto que êste tem taxedide. Para explicar esta palavra houve já quem apresentasse o lat. *saccharon* e o grego σάκκαρον. G. Viana (*Ort. Nac.*, p. 122) diz que «o vocábulo é de origem imediata arábica», o que para mim também não oferece dúvidas, e são as origens imediatas que interessam principalmente em casos como o presente.

Açucena.—Tem o êrro habitual: *ss* por *ç*. Neste artigo há a agravante de pôr ao lado a forma esp. *azucena*. Além disso as quantidades não estão bem: *é aç-çūçāna* e não *aç-çuçāna* (usando a melhor transcrição).

Açude.—De السَّدّ (*aç-çudd*). Q. v. o que disse em *açafate*.

Adarve.—O étimo que Nascentes apresenta é *addarb* (الدَّرْب). Está certo. A hipótese é de Engelmann; em 1936 Isidro de las Cagigas (*Rev. de Fil. Esp.*, XXIII, p. 63) confirmou essa hipótese abonando-a num passo do *Tarij Iftitah Al-Andaluz*, de Ibn Alcutya. Engelmann não conhecia exemplos da palavra.

Adela.—Nascentes não inclue esta palavra; apresento-a por causa de *adelo*. Vem de الدَّلالة (*ad-dalāla*), feminino de دلال (*dalāl*), corretor. Houve haplologia.

Adelfa.—A doutrina é de Dozy (de الدِّفلى, *ad-defla*, aloendro). Cañes tirou de الدِّلف (*ad-delf*). Eu só conheço a primeira forma.

Adelo.—Masculino de *adela* (q. v.).

Adiá.—Q. v. *odiá*.

Adiafa.—الضِّيافة (*ad-diāfa*) significa na realidade *banquete*, mas primeiramente era *hospitalidade*; passou depois a designar aquilo por que esta se manifesta. Segundo Estanco Louro (*Mon. de Alportel*) é o banquete que se oferece aos operários depois de certos trabalhos, como a *ceifa*. No séc. XVI aparece a forma *diefa* nos *Anais de Arzila*, de Bernardo Rodrigues (p. 205).

Adibe.—Bem em Nascentes. A forma ár. é الذِّئب (*adh-dhīb*), lôbo, chacal. A palavra foi explicada por Dozy. A palavra não era desconhecida na Península antes da viagem à Índia e é muito usual na Índia Portuguesa. Os *adibes* andam em bandos, uivam em côro durante a noite nos montes e infestam as capoeiras e os canaviais. Diz-se que seguem a pista do tigre que fez presa, para apanhar os restos desta.

Cf.: «... outras sortes de bichos & animaes de natureza mais fraca, como saõ veados, porcos, bogios, *adibes*, monos, raposas, & lobos, o que todos estivemos vendo como muito gosto...», F. M. Pinto, *Peregrinação*, cap. LXXIII; «... entrou naquela cerca em que averia ate mil & quinhẽtas cabeças de alimarias. s. veados, gazelas, carneyros, bodes brauos, vssos, *adiaes*, lobos, & porcos...», Castanheda, *História*, III, cap. 146[1].

Adixar.—Falta no *Dicionário*. De الدَّشر (*ad-dixar*), «Aldeia, povoação feita com materiais de construção», David Lopes, *Anais*, I, p. 113, nota. Opõe-se-lhe o *aduar* (q. v.).

Adoba ou Adova.—Nascentes deriva do «ár. *addaba*, instrumento de ferro, ferrolho». A fonética não facilita esta explicação porque *a* árabe só passa ge-

[1] Dalgado ao citar êste passo dá-o erradamente como no cap. 147.

ralmente a *o* quando precedido de *r* e seja longo: *Marrocos* de مرّاكش (*marrākax*); *xarope* شراب (*xarāb*), etc. A palavra apontada passou para português: deu *aldraba*. Nascentes não fez pois mais do que seguir a doutrina do *Dicionário da Academia Espanhola*. Portanto na minha opinião a etimologia deve estar noutro ponto. ¿Será em توبة (*tōba*), *conversão, contrição, penitência?* A ser esta a etimologia (a que a fonética não se opõe) a palavra passou ao sentido de grilheta por se lhe atribuir o condão de *converter* ou *penitenciar* os criminosos[1]. Um passo abonatório: «... e estando nós em a dita çidade ho mandaramos trazer a prissom da nossa corte (e) jazendo em ella abrira hũu ello *dadoua* que tinha e sse saira pella porta que achara aberta sem quebrar outra cadea nem prisom...», *Doc. rel. a Marrocos*, I, p. 241.

Os presos podiam estar ou sòmente agrilhoados ou encarcerados nas enxovias. No primeiro caso estavam na chamada *casa da adova*, porque aí estavam ligados a essas cadeias; eram os que tinham cometido delitos mais leves. Os «que tinham grandes crimes... eram postos nas enxovias, e ligados a cepas, ou cadeas de ferro». (*Elucidário*, s. v. *Andar em Paço*).

Adobe.—Note-se que também existe a forma *adovo*. A explicação de Nunes (*Gram. Hist.*, p. 173, nota) parece-me bem: esta palavra não deve derivar de الطوب (*at-tōb*), tejolo, mas sim da forma sem artigo, a que se juntaria depois um *a-* prostético. A presença do artigo duplicava a consoante inicial porque é uma solar e isso trazia a impossibilidade do abrandamento.

Adora.—Falta no *Dicionário*. Cf.: «... e os levou diante si, ficando, porem, muitas covas de trigo, cevada, *adora*, e asi muito gado e lãs...», *Anais de Arzila*, I, 106. De الذرة (*adh-dhora*), milho.

Adova.—Cf. *Adoba*.

Adua.—O étimo é الدولة (*ad-dāla*), *rebanho, gado*, que, como Nascentes disse, foi proposto por G. Viana (*Apostilas*, s. v.). Esta explicação foi depois reforçada por M. L. Wagner (*Alguns Arabismos*, p. 433).

Aduar.—De الدوّار (*ad-duwār*), *aldeia, agrupamento de tendas, acampamento, povoação temporária*. Opõe-se-lhe o *adixar* (q. v.). Cf. D. Lopes, nota na p. 113 do vol. I dos *Anais de Arzila*.

Adufe.—De الدفّ (*ad-duff*), pandeiro, tambor. No Magrebe é الدفّ (*ad-daff*).

Agomia.—Dozy, conforme diz Nascentes, apresentou o étimo كمّية (*kummāia*), de كم (*kum*), *manga*, e comenta: «dans ce cas cette espèce de poignard aurait reçu ce nom, parce qu'on le portait dans la manche de son habit». ¿Não seria preferível aproximar كمّية da raiz كمى (*kamā*), que, além de *esconder*, significava também *cobrir-se com uma couraça e um capacete* e daí *armar-se?* Como prova desta última significação existem estes derivados: تكمّى

[1] É curiosa a relação que FRANCISCO JOSÉ FREIRE (*Reflexões*, III, 10) fez entre *adove* e *adova*. Como as julgou ligadas, escreveu o seguinte s. v. *adoba*: «especie de grilhão ou prisão de ferro feito á maneira de um *ladrilho*. Acha-se esta palavra na Chronica d'El-Rei D. João 1.º pag. 78, e ainda a usou Fr. Luiz de Sousa na sua Historia, dizendo *adobe* e não *adoba*». O itálico é de Freire.

(*takammā*), *estar completamente armado*; كمي (*kamīi*), *armado, bravo, corajoso*; متكم (*matakame*), *armado*. كمية poderá ser um derivado daquela raiz e nesse caso significaria *arma*. O *a* é prostético.

Alabão, Alavão.—A hipótese de Sousa (do árabe اللبان *al-labān*), depois aceita por Engelmann e G. Viana (*Apost.*), não frutificou. A de Meyer-Lübke, tirada de Schuchardt (*ZrPh.*, XXXII, p. 87), que a derivou do lat. *allevamen*, é mais racional e tenho-a por exacta. Cf. também o que diz M. L. Wagner (*Alg. arab.*, p. 432).

Alabarda.—É uma das explicações mais surpreendentes do *Dicionário*.

Frei João de Sousa escreveu isto: «*Alabarda* (voz teutónica). A arma que os Archeiros, e guardas do Palacio trazem. Puz este nome, e sua Origem, que parece Arabico, para dar a conhecer, que o não he».

Na 2.ª edição dos *Vestigios* Fr. José de S.to António Moura, em nota, é que se saiu com esta explicação: «Eu creio que este nome procede do nome Arabico الحربة (*Al-harba* segundo Gigeo, e Golio, o qual se expressa assim: Pugio, cuspisque hastilis Latior. hinc. Hisp. *Alabarda*».

É uma explicação que não merece um comentário. Aquela palavra árabe daria em port. *alfarba*.

Pois é esta que Nascentes aceitou, embora com dúvida, mas com a agravante de dizer: «parece que, por etimologia popular, deu o médio alto al. *helmbarte*, mod. *hellebarte*, cuja origem é it.».

Embora não o diga (cita-o só incidentalmente), devo afirmar que essa doutrina é de Lokotsch.

Meyer-Lübke (*REW*, 4101 *a*) deriva essa palavra do médio alto al. *helmbart*, pelo it. (*a*)*labarda*. Para êle o árabe não pode explicar a palavra formal e històricamente. É esta também a minha opinião.

Dauzat (*Dict. Étym.*) considera o fr. *hallebarde* «empr. à l'it. *alabarda* ou au moyen haut all. *helmbarte*, mots de même rac. et de formation obscure».

O ár. não pode de maneira nenhuma explicar esta palavra. A *alabarda* não é arma de origem ár., mas germ., como se deduz claramente dos textos compilados *apud* Ducange, *Gloss.*, Niort, I, 156 e cf. Carpentier, I, 136, Zaccaria 5.—Formas dignas de menção: sic. *laparda*, romanhol *lambérda*, niç. *lambardo*, lad. *halambart*, sab. (Thônes, Annecy, Ruuilly) *albârda*, lieg. ant. *haberare*, Rouchi *albate*», Eduardo de Lisboa, *O Dicionário do Sr. Nascentes e o REW*, p. 25.

Alaçor.—De العصفر (*al-ʿaṣfor*), *pardal, pássaro* (Dozy). Q. v. *açafate*.

Alaela.—O ár. الحلة (*al-hilla*) significa *morada*. Cf.: «... mandou ho Almocadem cõ tres mouros de pazes pera saber onde staua ha *Alahela*, ou raial do Leide çaide...», Góis, *Crón. D. Man.*, IV, p. 99.

Alamar.—Não sei onde Nascentes encontrou *al-hamēra*. Dozy dá العمارة (*al-ʿamāra*), *linha de pesca, cordão, guarnição dum vestido*, mas o grande orientalista holandês não explicou o desaparecimento do *-a* final. Deverá, portanto, supor-se um العمار (*al-ʿamār*).

Alambique.—É preferível a forma gr. ἀμβικος. Cf. Rebêlo Gonç., *Elem. gr. do voc. port.*, p. 21. A forma ár. é الانبيق (*al-anbīq*).

Alambor.—Não. Julgo pouco viáveis as hipóteses de Engelmann (de القبو, *al-qabū*, abóbada, ou de الحبو, *al-habū*) e a que Nascentes apresenta. A expli-

plicação deve ser, na minha opinião, outra, que presentemente não sei qual seja.

Alambre. — Cf. *âmbar*.

Alamia. — A hipótese que Nascentes apresenta (*allama*), tirada de outro autor, não é provável; Dozy deriva de الامين (*al-amīn*), mas nos dicionários que consultei esta palavra não aparece com um significado que satisfaça de perto ou de longe. Além disso também acho a forma proposta pouco viável, porque daria naturalmente *alamim*; a forma الامينة (*al-amīna*), com queda do *n* intervocálico, seria mais provável. Se a primeira forma se empregasse com um sentido próximo da nossa, esta minha sugestão poderia perfeitamente ser defendida como um nome de unidade.

Alaqueca. — Q. v. *Laqueca*.

Alarave. — Q. v. *Alarve*.

Alarde, Alardo. — Vem mal transcrito. A forma é العرض (*al-ʿarḍ*), com ع, mas êste fonema não aparece na transcrição de Nascentes, que é *alard*.

Alarido. — Nenhuma das explicações me satisfaz. A alternar com *alarido* aparece nos *Scriptores* a forma *algarido* neste passo: «Dando grandes *algaridos* e poendo sas spadas de toda sa força...», p. 187[1]. Ora é esta alternativa de *a-* e *ga-* que me faz pensar na existência dum ع no vocábulo que lhe deu origem. O mesmo sucedeu em *algaravia* e *aravia* (q. v.). Penso que a fonte do português seja العريض (*al-ʿarīḍ*); do mesmo radical formou-se *alarde*. العريض (*al-ʿarīḍ*) significa *largo, amplo, abundante*, mas como العرض significa *revista militar*, poderia muito bem significar a multidão das tropas e por uma evolução semântica que julgo fácil passaria a designar o barulho que delas saía principalmente no momento do ataque ou depois de alcançada a vitória. É interessante frisar que a palavra antigamente usava-se quási sempre para designar o tumulto das tropas: «... e dando grãdes *alaridos* como mouros cuydando espantar...», *Crón. Comd.*, p. 71. C. C. Rice apresentou recentemente na *Language* (x, p. 27) o basco *alarao*. É uma explicação que ninguém pode tomar a sério.

Alarife. — É outra palavra mal transcrita. Em arábe é العريف (*al-ʿarīf*), com ع que Nascentes não representou.

Alaroça. — Falta no *Dicionário*. É natural. Trata-se duma palavra que tem poucas abonações. Eu só conheço uma: no *Cancioneiro Galego-Castelhano* de Lang, numa cantiga (a n.º 53) de Pedro Veles de Guevara que vem reproduzida na *Crestomatia Arcaica*, de J. J. Nunes (pp. 448–449). Eis o passo onde ela ocorre: «E, se vós d'esto queredes dultar, / que vos oge dessen toda ultramar, / nunca *alaroça* seredes chamada». A palavra significa *noiva*. É o ár. العروسة (*al-ʿarūça*). Perto de Córdova havia um monte que, segundo Edrici, chamava-se جبل العروسة (*jebal al-ʿarūça*), *o monte da noiva*.

Alarve. — De العرب (*al-ʿarab*). Cf. o que o Prof. David Lopes escreveu no seu trabalho *Alguns voc. aráb.-port.*, p. 8.

Também aparecia a forma *alarave*: «... E os X mil caualeiros d'*alaraues* da hũa aaz...», Nunes, *Crest.*, p. 50. Cf. pp. 53, 59.

---

[1] Modernamente a palavra foi utilizada pelo Dr. JÚLIO DANTAS: «Longínquo o *algarido* dos mouros vinha até ao arraial», *Pátria Portuguesa*, p. 78, 3.ª ed.

Alaúde.—A transcrição é incompleta (*al-ud*). Em árabe é العُود; por isso deve ser *al-ʿaud*.

Alavão.—Q. v. *alabão*.

Alazão.—A hipótese que tira esta palavra de الحصان (*al-ḥiṣān*) é boa. Oxalá ela aparecesse bem transcrita. Cf. *açafate*.

Albacar.—Não sei como viu Nascentes em Dozy a afirmação de que esta palavra provinha de *bab albákar (sic)*: o que Dozy diz é o vocábulo originário em البقر (*al-baqar*) sem باب (*bāb*); esta palavra apenas se subentende. Embora nem Engelmann nem Dozy o digam, devo eu agora dizer o seguinte: a explicação já tinha aparecido em Fr. João de Sousa. As condições que o arabista português fez a propósito são muito interessantes e julgo-as seguras.

Albacara.—«Curral grande para vacas», *Dic. Contemporâneo*. Dozy deriva esta palavra de البكارة (*al-balāra*). A Fonética não se opõe, mas o sentido... Quási todos os dicionaristas dão a essa palavra o sentido de... *virgindade*. Como البقرة (*al-baqara*) é *vaca*, ¿não será antes de qualquer palavra dêsse radical que esta deriva? Julgo-o possível.

Albacora.—Esta palavra pode ter duas significações:

a) Fruta.—Engelmann propõe الباكور (*al-bākōr*), fruta temporã. Dozy parece aceitar esta explicação. Nascentes dá um *albakora* que não diz onde encontrou, mas que me parece bem. Será talvez الباكورة (*al-bākōra*), nome de unidade da forma apontada mais acima[1]. Esta explicação, além de dar mais perfeitamente a idéia do indivíduo (como sucede com *azeitona*), dá-nos ainda a desinência *-a*, que na outra não aparece. Como se sabe a desinência -ور (*-ōr*) dá geralmente em port. *-or* (*al-bafor*). O valenciano *albacor* pode talvez ter base nessa forma, mas o catalão *bacora* já postula também a minha. Segundo Moll (368) *bacora* é uma «figuera que ta dos esplets en l'any», «diga d'aquesta figuera».

b) Peixe.—É um problema complicado a origem desta palavra. Dozy diz que não encontrou a palavra *al-bacor* (proposta depois também por C. de Figueiredo) em nenhum dicionário árabe. O mesmo aconteceu comigo. Há quem derive de *alva côr*. Crooke, como diz Nascentes, apresenta *al-bukr*, camelo novo, vitela. Ainda pior. Moll (369) dá um *Bakora* que diz ocorrer em Lerchundi (*Vocabulário*, 43). Não consegui ainda consultar esta obra. Como há um peixe chamado *albafora*, ¿não estaremos na presença de vocábulos divergentes com base numa forma البحورة (*al-baḥōra*)? O mesmo pensamento teve Adolfo Coelho, mas não encontrei essa palavra nos dicionários que consultei com um sentido que pudesse servir ao presente caso. No entanto a palavra românica existe. Está também em catalão: *albacora*, «bacoreta, toninha» (Moll). *Arbecona*, segundo o mesmo Moll baseado no *Voc. peixos* de Griera, é próprio de Tarragona e produziu-se por etimologia popular com o nome da povoação *Arbeca;* também aí se chamam *arbequines* às azeitonas. Não sei a antiguidade de *albacora* em port., mas na relação dos «mantimẽtos que o g.or dom João de Crast.ro leixou ẽ deposyto na fortaleza de Dio o ano de 1547», publicado por A. Baião na *Hist. Quin. do Seg. Cêrco de Diu*, citam-se «de *alboquoras* sete centos peixes» (p. 246).

[1] Cf. W. MARÇAIS, *Textes Arabes de Tanger*, p. 234, s. v. بكر.

Albafor.—O étimo de Lokotsch (البخور, *al-baḫūr*) é o mesmo que dá Engelmann.

Albafora.—Cf. *Albacora* (*b*).

Albarrã.—O étimo البراني (*al-barrānī, sic*) é de Engelmann, mas Dozy dá com mais propriedade البرانة (*al-barāna*); é preferível البرّانة (*al-barrāna*). Esta explicação serve, segundo eu penso, para a dupla acepção de *tôrre* e *cebola*.

Albarrada.—Não há dúvida que esta palavra deriva do ár. البرّادة (*al-barrāda*), vaso, chaleira. Simonet baseia esta palavra no lat. *paries, tis* e não no árabe برد (*bard*), como é de razão. É uma doutrina que só se admite na fantasia dêsse autor. No Norte de África é vulgaríssima a forma برّاد (*barrād*). Cf. Marçais, *Textes Arabes de Tanger*, p. 228, e Brunot, *Noms de récipients à Rabat*, ambos s. v. برد (*bard*), que significa *frio*. Segundo Pedro de Alcalá برّادة (*barrāda*) era a forma peninsular.

Não sei explicar a segunda acepção do vocábulo.

Albarraz.—A forma ár. é حبّ الرّاس (*ḥabb ar-rāṣ*). Esta expressão significa realmente *semente de cabeça*. Cf. também *Rev. Lusit.*, XIII, p. 222.

Albende.—A hipótese de Casiri, Marina, Alix e Engelmann é a melhor (de البند, *al-bend*, a bandeira). Nascentes dá *albenda*. Nunca encontrei esta forma. Havia a variante *alvende*[1].

Albetoça.—Nascentes deriva esta palavra de البطسة (*al-baṭsa*), *navis oneraria bellica*. Esta explicação não me satisfaz por causa da acentuação. Eu preferia uma forma البطسة (*al-boṭsa*) com deslocação de acento.

Alboque.—Só conheço *albogue*. A forma ár. é البوق (*al-būq*). Nascentes não indicou portanto a quantidade da vogal.

Albornoz.—De البرنس (*al-burnuṣ*), o mesmo. Cf. *açafate*.

Albricoque.—A palavra árabe (البرقوق, *al-burqūq*) tem origem no grego πραικόκκιον. O grego moderno é βερύκοκκον. Esta palavra foi estudada pelo Dr. Rebêlo Gonç. (*Elem.*, p. 19). A idéia da fonte latina do vocábulo árabe devia ter sido colhida por Nascentes em Dozy, Diez, Mahn ou Devic.

Albudeca.—A forma árabe é البطيخة (*al-biṭṭiḫa*) e não *albittaikha*, como diz Nascentes. A hipótese é de Dozy.

Alcaçar.—Cf. *Alcacer*.

Alcaçaria.—A forma que Nascentes dá é a apresentada por Engelmann (القيسارية, *al-qaiṣārīa*, bazar).

Alcacel.—De القصيل (*al-qaṣīl*), e não *alkasil*, significa «orge ou blé coupés en vert», Belot.

Alcacema.—Nascentes indica o vocábulo e como explicação diz apenas «do ár.». Não encontrou, portanto, explicação. Cañes e Freytag trazem um vocábulo que me parece bom: القسمة (*al-qaçema*), divisão, do verbo قسم (*qaçama*), dividir, partir em várias porções, sub-dividir.

Alcacer.—Nascentes faz uma confusão nesta palavra. Di-la «de *alcacel* por dissimilação»; disto se depreende que é uma divergente daquela. No entanto é a

[1] «... que preserunt nostros priores cum cornu et cum *aluende* de rege...», *Diplomata*, doc. VI, de 870.

forma usual hoje para designar o que o A. parece querer dizer s. v. *alcaçar* que é um arcaísmo (o esp. tem *alcazar*). *Alcacer* (ou *alcaçar*) deriva de القصر (*al-qaṣr*), que Nascentes transcreve *alkasr*. *Alcacel* e *alcacer* nada têm de comum entre si.

Alcachofra.—Freytag traz الحرشف (*al-ḥorxuf*); Dozy, baseado em Alcalá, apresenta الخرشوف (*al-ḫorxūf*). É êste o étimo que Nascentes apresenta; em minha opinião é muito mais aceitável a hipótese de Cañes الخرشوفة (*al-ḫorxūfa*), que significa o mesmo que a palavra portuguesa[1].

Alcáçova.—Como sempre, Nascentes transcreve o ص por *s* (*alkasaba*), mas aqui há um êrro: a forma arábica é القَصْبَة (*al-qaṣba*), isto é, o ص não tem vogal; ¿porque a pôs Nascentes? القَصَبَة (*al-qaṣaba*) é outro vocábulo; tem a significação de *cana*. Passou para a Toponímia: está no nome *Alcáçovas*. Cf. D. Lopes, «Toponímia», *Rev. Lusit.*, XXIV, p. 258.

Alcaçuz.—«Do ár. *irksus*», diz Nascentes. Quási todos os estudiosos dão como étimo desta palavra عرق سوس que transcrevem por *irk sus*. Foi nêles que se baseou o douto filólogo brasileiro. Todos usam essa expressão sem reparar em que ela pode ser tudo menos árabe; a verdadeira é عرق السّوس (*ʿarq aç-çūç*); na realidade a presença do artigo ligado à segunda palavra não só auxilia a evolução fonética, como ainda dá à frase uma construção certa à luz da gramática árabe.

Alcadafe.—O étimo القدافا (*al-qadāfā*) e a significação latina são de Dozy.

Alcaiote.—القوّاد (*al-qauuad*), significa «leno». A explicação é de Dozy.

Alcaiz.—É na verdade uma palavra de difícil explicação.

Alcalde.—Falta no *Dicionário*. De القاضى (*al-qāḍī*), o juiz. Muitos confundem esta palavra com *alcaide*.

Alcamonia.—A explicação é de Engelmann (de الكمّونية, *al-kammūnīa*). A tradução não foi feita com exactidão; essa palavra não significa *o cominho*, mas sim *relativo ao cominho*.

Alcanfor.—Q. v. *cânfora*.

Alcaparra.—A explicação desta palavra pelo árabe الكبار (*al-kabār*) ou القبار (*al-qabār*) é de Engelmann. É a que Nascentes dá. Dozy aventou com muito mais propriedade القبارة (*al-qabāra*), isto é, o nome de unidade daquela. Não há dúvida que esta forma é muito mais viável. Pena é que não se cite no *Dicionário*. Conforme já o reconheceu também Engelmann, a palavra árabe tem base no grego κάπαρις. O Prof. Rebêlo Gonçalves, baseado neste, estudou a palavra nos seus *Elementos Gregos do Vocabulário Português*, p. 21.

Alcar.—É de Dozy a explicação dada no *Dicionário* (de القارة, *al-qāra*); mas não serve; ela exigiria em português uma forma *alcara*, que não conheço. Deve ser de القار (*al-qār*), donde se formou aquela como nome de unidade.

Alcaravão, Algorabão.—Nascentes dá como étimo da primeira palavra الكروان (*al-karuān*). Está bem. *Alcaravão* tem variantes em português. Que eu conheça há pelo menos as seguintes: *algorabão, algreivão, algravão* (em Mou-

[1] No quadro de medicamentos que acompanha o interessante artigo *Un problème de Bibliographie Arabe—Le «Toqwīm Al-Adwiya» d'Al-Ġāfiqī* de H. P. J. RENAUD (*Hespéris*, XVI, p. 85) é a forma الحرشف (*al-ḥorxuf*) a apresentada.

rão), *algorouvão*. No *Dicionário* aparece-nos *algorabão* (e *algorovão*) com origem diferente: de الغراب (*al-gorāb*), *corvo* + o suf. *—ão*. A hipótese, conforme o confessa, é de Eguílaz. Seria, portanto, um aumentativo formado em português, mas cujo positivo não persistiu. A existência de *alcaravão* e de algumas suas variantes próximas de *algorabão* levaram-me a preferir esta palavra a *alcaravão*.

Alcaraviz.—A palavra القرابيس (*al-qarābīç*) é o pl. de قربوس (*qarabūç*), que significa *arção*.

Alcaria.—Cf. *Alqueria*.

Alcarraza.—Foi Devic quem deu a forma الكرّاز (*al-karrāz*). Dozy apresentou الكراز (*al-karāz*). O primeiro diz infundadamente que a palavra é turca. A palavra portuguesa não pode derivar directamente de nenhuma das apresentadas, mas sim do nome de unidade da primeira.

Alcateia.—A forma ár. é القطيعة (*al-qaṭīʿa*). Nascentes não transcreveu o ع. É o nome de unidade de القطيع (*al-qaṭīʿ*). Existe também القطعة (*al-qaṭʿa*), *esquadrão*.

Alcatifa.—A palavra árabe tem o *i* longo (القطيفة, *al-qaṭīfa*). (Engelmann).

Alcatrão.—A forma árabe é القطران (*al-qaṭrān*); significa o mesmo. Nas *Leges* (p. 193) aparece a divergente *algadrom*.

Alcatraz.—A engenhosa doutrina de Devic é bem vista no *Hobson-Jobson*. O dicionarista francês pretende derivar esta palavra (s. v. *albatroz*) do mesmo vocábulo árabe que deu *alcatruz* porque em certas regiões chama-se ao pássaro سقا (*çaqā*), *carregador de água*, e daí o dar-se-lhe em árabe o mesmo nome que aos baldes dos poços. Esqueceu-se de dar uma explicação fonética que pudesse atenuar as dificuldades que oferece a semântica.

Alcavala.—Não compreendo porque é que Nascentes manda ver *Alcabela*, se esta palavra é tratada como o mesmo que *alcabila, cabilda, cabila*. *Alcavala* vem do ár. القبالة (*al-qabāla*), caução, garantia. Hipoteca. Imposto, taxa.

Alcool.—Para a prosódia (de الكحول, *al-kohūl*, forma de الكحل, *al-kohul*) cf. *Álgebra*.

Alcorão.—Falta em Nascentes o sentido de tôrre, tam vulgar nos nossos escritores quinhentistas. Julgo a origem desta palavra na que designa o livro santo muçulmano. Cf. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, VI, p. 3.

Alcorça.—De القرصة (*al-qorṣa*), cf., portanto, *açafate*.

Alcouce.—Engelmann, e, baseado nêle, também Nascentes, pretende que esta palavra é uma redução de *alcoceifa*. Não é admissível. O Sr. Joaquim da Silveira tratou dêste vocábulo (*Rev. Lusit.*, XXIV, p. 202). Julgou-o acertadamente como a base dos topónimos *Belcouce, Alcouce, Coucc* e *Cousso*. Aceita (e em minha opinião bem) o árabe القوس (*al-qūç*), *o arco*. Ora pela simples circunstância de qualquer lupanar tristemente célebre ficar perto de um arco, talvez êste passasse a designá-lo. O sentido alargou-se até significar qualquer dessas casas. É possível que a manutenção da idéia do latim *fornix*, que, como o nota o Sr. J. da Silveira, significava *arco* e *lupanar* ao mesmo tempo, também concorresse para ajudar o alargamento do sentido do vocábulo.

Aldeia.—De الضيعة (*aḍ-ḍaiʿa*). Nascentes transcreve *addaya*. ¿Onde está a representação do ع? O *i* nestas circunstâncias aparece em muitas palavras de origem árabe não «por analogia com a forma intacta do artigo», mas

arrastado por certos fonemas de carácter enfático; por vezes é um *r*; há muitos exemplos: *arrabalde, aldraba, alcalde, Arzila, alicerce, alferce*, etc.

Aldraba.—Acêrca do *l* e do *r* q. v. o que disse em *aldeia*.

Alfa.—Ver *alfofa, alfalfa*.

Alfábar, Alfâmar, Alfambar.—¿Como quere Nascentes que *alkhumra* dê *alfâmbar?* Gayangos (*Mem. Hist. Esp.*, IX, 92) apresentou الخمل (*al-ḫamal*), plumagem, franjas de um tapête ou de um fato. Dozy aceitou esta explicação, mas antes Engelmann sugerira outra que me parece mais aceitável: الحنبل (*al-ḥanbal*), *tapête*, que não vem citada no *Dicionário*.

Alface.—De الخس (*al-ḫaç*), que Nascentes transcreve *alkhass*.

Alfadia.—A palavra árabe الهدية (*al-ḥadia*) significa pròpriamente *prenda*. Cf. *Odiá*.

Alfafa, Alfalfa.—Nascentes acredita no étimo *alfasfasa*. Não diz porém onde viu aquela explicação. Não explica como de uma forma se chegou à outra. A doutrina é de Dozy; foi bem recebida por Cortesão, que a soube transcrever, ao contrário do que fazia esperar a forma dada no *Glossaire*. Cortesão no entanto dava como étimo imediato o espanhol.

Na língua arcaica havia *alfalfa:* «De carrega de sparto, e de baraços *dalfalfa* . . .», Foral de Beja, *Inéditos*, V, p. 534; alternava com *alfarfa:* «et melior solta de *alfarfa* ualeat tres denarios . . .», *Leges*, 195.

Estas formas bastam para demonstrar que a etimologia verdadeira é الحلفة (*al-ḥalfa*), *esparto*, erva própria de Espanha (Engelmann). Desta forma sem artigo veio também, mas por intermédio do francês, *alfa*.

Alfaiate.—A forma árabe é الخيّاط (*al-ḫaiāṭ*), *o que cose*, do verbo خيط (*ḫaiṭa*), *coser*. Em Hita (est. 66) aparece num provérbio: «Remendar bien non sabe todo *alfayate* nuevo».

Alfajeme.—A palavra árabe é الحجّام (*al-ḥajjām*). Está bem em Nascentes; o que não me parece é bem traduzida: *cirurgião*. O radical حجم (*ḥajama*) significa *aplicar ventosas, lancetar*. O encarregado dessas operações é الحجّام (*al-ḥajjām*), mas esta palavra também designa o *barbeiro* e foi com êste sentido que entrou no português. A evolução de sentido para espadeiro deve-se ao facto de os barbeiros também se entregarem a êste mester (cf. Viterbo, *Elucidário*, s. v.).

Alfama.—Parece-me impossível que Nascentes ainda dê como étimo desta palavra o fantástico «*aljamaʿa*, reünião (de homens)». Ainda é mais imperdoável o facto de ter citado só esta hipótese, principalmente numa obra que, como a sua, é destinada a inserir tudo, ou pelo menos quási tudo, que se tem escrito acêrca de cada vocábulo. Nascentes não podia conhecer tôdas as obras. É uma verdade. Mas o outro étimo de *Alfama* tem sido largamente discutido (apesar de, em minha opinião, não precisar disso) e bastava uma pequena referência de um autor para o pôr de sobreaviso e obrigá-lo a fazer a citação. Outro assunto: ¿porque não pôs ao menos um (?) depois daquela *inexplicável explicação?* Um ج (*j*) dar *f* com certeza que não é possível em nenhuma Fonética, pelo menos nas poucas que eu conheço. Note-se que o A. apresenta êsse mesmo vocábulo mais adiante para *Aljama*. Isto também lhe devia chamar a atenção.

Nascentes, que desfolhou e consultou tantas obras, viu estas, que cita várias vezes: *Os Vestígios da Língua Árabe*, de Fr. João de Sousa, na 2.ª edição de Moura (em nota, *s. v.*); *Os Arabes nas Obras de A. Herculano* (pp. 36, 59) e *Toponímia Árabe de Portugal* (p. 17), ambas do Prof. David Lopes, e finalmente as *Palestras Filológicas* de Gonçalves Viana (p. 98). Em tôdas estas obras se apresenta uma hipótese para mim indiscutível: o árabe الحمّة (*al-hamma*), *caldas, fonte quente*. Na descrição de Lisboa, Edrici diz-nos que «no meio da cidade existem caldas (الحمّات, pl. de الحمّة) quentes (*sic*, porque حمّات vem reforçada com o adj. حارّة, quente) tanto no inverno como no verão» (p. 184). Nada mais claro.

Nada portanto faz garantir o étimo الجماعة (*al-jamāʿa*), *reünião*, que eu julgava ter sido apresentado pela última vez por A. Cortesão nos seus *Subsídios*. Afinal Nascentes volta a êle e há autores que, *pelo menos*, parecem ainda contemporizar com tal explicação. Note-se ainda que não conheço nenhum caso de a acentuação recuar na passagem do árabe para o português. Cf. *Algema*.

É um dos piores erros doutrinários do *Dicionário*.

Alfamar.—Cf. *Alfábar*.

Alfambar.—Cf. *Alfábar*.

Alfândega.—A forma port. e as esp. (*alhondiga* e *fonda*) implicam o nome de unidade: الفندقة (*al-fundeqa*). G. Viana (*Apost.*, 1, p. 41) dá como étimo da palavra ár. o gr. πανδοκεῖον, mas julgo que foi buscar essa doutrina a Henrique Yule em *The Book of Sir Marco Polo, the Venetian*.

Alfaque.—¿Em que obra de Engelmann viu Nascentes a doutrina que atribue àquele autor a propósito desta palavra? Engelmann não sabe explicar esta palavra; põe um (?); Dozy na segunda edição deixou ficar tudo o que o autor do *Glossaire* escrevera. É um caso grave êste.

A Academia Espanhola dá com dúvida الهكوك (*al-ḥakūk*). Não serve.

Na *Peregrinação* (cap. 48) vem *alfaíque*: «... o rio era todo muyto largo & limpo, & sem baixo nem *alfaíque*...».

Alfaqueque.—A palavra الفكّاك (*al-fakkāk*), donde esta deriva, significa *o que resgata*.

Alfaqui.—Na explicação desta palavra aparece uma aborrecida gralha: vem *alkih* quando deve ser *alfakih*, se quisermos manter a transcrição adoptada. A forma árabe é الفقيه (*al-faqīh*), *inteligente, jurisconsulto, doutor, letrado* (Marrocos).

Alfaraz.—De الفرس (*al-farç*), cavalo. *Alferes* é do mesmo radical (q. v.).

Alfarda.—Nascentes apresenta só a *alfarda*, pano, vestuário. Mesmo nesta acepção a sua doutrina não está bem. *Alfard* (الفرد) não explica a forma românica. É necessário recorrer-se ao nome de unidade respectivo: الفردة, *alfarda*.

Será também desta mesma forma que deriva outra *alfarda*: estrêla de segunda grandeza.

É necessário ainda estudar a forma que significa *tributo*; que não é bem de الفرض (*al-farḍ*) como quere Dozy, visto que, como se fez em cima, é necessário o nome de unidade: الفرضة, *alfarḍa*. Segundo Moll (s. v. *farda*) *alfarda* era o «tribut que pagaven els moros vassalls del rey d'Aragó» e

ainda o «dret que té l'arrendador de l'aygua de les séquies, de cobrar un tant per faneca de regadiu».

Alfareme. — O e de *alharem* deve ser longo; houve imala (de الحرام, *al-harām*, forma vulgar de الاحرام, *al-aharāme*). O significado é *proïbido, ilícito*, porque era primitivamente o véu que cobre o rosto das mulheres. O cat. tem *alfirem, alfilem* (Moll, 1729).

Alfarje, Alfarja. — São uma e a mesma palavra. Não sei o que tem de ver a primeira com الفرش (*al-farx*, esta é a melhor transcrição), *assoalhado*. A explicação, como veremos, é de Engelmann.

Segundo Cândido de Figueiredo a primeira significa: *a.* — «moinho de vento»; *b.* — «Diz-se de um estilo peninsular de artes decorativas, caracterizado por lavores multiformes». *Alfarja*, diz o mesmo dicionarista, em Trás-os-Montes é um «grande vaso de pedra, em que gira a roda que mói a azeitona». Estas significações estão próximas das espanholas apontadas por Engelmann e Dozy.

Quanto à explicação, o primeiro dá como etimologia o árabe (*al-farxe*), que embora só significasse, segundo Cobarrubias, «stratum, sagulum», na Península designava também «une sorte de pavé sur lequel était placée la pierre inférieure du moulin».

Além da alteração semântica, um pouco forçada, sou obrigado a pôr esta explicação de parte, porque julgo rara a transformação do ش em *j*[1]. Dozy por sua vez explicava o nome do aparelho por الحجر (*al-hajar*), *a pedra;* evidentemente que tanto o sentido como a fonética mostram essa evolução difícil; para o estilo artístico apresenta a forma que Engelmann apresentara para o aparelho.

Modernamente o Dr. Wilhelm Giese (*ZrPh.*, LIV, 119) em crítica ao trabalho de Wilhelm Bierhenze, *Ländliche Gewerbe der Sierra de Gata*, diz que o port. *alfarja* não vem do «arb. Faras..., mas do árabe الصجر pedra». Evidentemente que esta forma الصجر (*aṣ-ṣujū*) não pode ser tomada como base da portuguesa. Basta olhar para ela para a pôr imediatamente de lado.

Ora em Beaussier e outros dicionaristas encontra-se uma forma que, em minha opinião, explica perfeitamente os dois vocábulos: الحرج (*al-harje*), *aparelho, engrenagem, equipagem* e ainda *enfeites, bordadura, guarnição de passamanaria*. Trata-se de um vocábulo que é atestado no Ocidente e ao qual a Fonética e a Semântica não se opõem à sua entrada no português. Tem ainda a vantagem de explicar o nome do aparelho e o do estilo decorativo[2].

Alfarroba. — É necessário um nome de unidade porque الخروب (*al-ḫarūb*) não dá a palavra portuguesa; derive-se portanto de الخروبة (*al-harrūba*).

---

[1] Digo rara mesmo na presença do exemplo do *Alfanje* de Santarém, que se deriva de الحنش (*al-hanxe*); aí o ش passou a *j*, mas por influência do *alfanje* (espada), de الخنجر (*al-ḫanjar*).

[2] Esta explicação vem também no *Boletim de Filologia*, VI, p. 7.

Há a variante *garroba*[1], que mostra a evolução do خ para *g*. Cf. o fr. *caroube*.

Alfavaca. — É preferível الحباقة (*al-habāqa*), forma magrebina (*Rev. Lusit.*, XIII, 230). Emende-se portanto o *Dicionário* e as *Apostilas* de Gonçalves Viana (s. v.).

Alfazema. — Em árabe é الخزامى (*al-ḫuzāmā*). A transcrição de Nascentes (*alkhuzama*) não é portanto boa sob vários aspectos. Cf. esp. *alhucema*.

Alfeça. — De الفاسة (*al-fāça*), enxada.

Alfeire. — A explicação que apresenta como étimo الحير (*al-ḥair*), cercado onde se guarda o gado, é de Dozy. Wagner (*Alguns Arabismos*, p. 429) corrobora esta opinião.

Alféloa. — O ár. الحلاوة (*al-ḥalāwa*) significa realmente *doce açucarado*, mas esqueceu dizer que a explicação é de Engelmann. Esta palavra tem uma divergente em português: *aluá* (q. v.), que entrou no séc. XVI.

Alfenide, Alfenim. — Não compreendo o que quere dizer Nascentes com as palavras «ár. persa *pānīd*». Se é árabe não é persa, se é persa não é árabe. Além disso aquela palavra não me parece arábica, por causa da presença do *p* e não sei também como ela poderia explicar as formas portuguesas.

Ora existe em ár. o vocábulo que convém. O próprio Nascentes o cita. É الفانيد (*al-fānīd*), que por sua vez deriva do *persa* پانيد (*pānīd*). Lokotsch é bem claro neste ponto: «Ar. *fānīḏ* ... aus pers. *pānīd* ...», 583.

Alferes. — Cf. *açafate*. (De الفارس, *al-fārç*, cavaleiro).

Alfim. — De الفيل (*al-fīl*) na realidade. A significação é *o elefante*.

Alfinete. — A etimologia que se costuma apresentar para esta palavra é na verdade الخلال (*al-ḫilāl*). Foi apresentada pela primeira vez por Engelmann. No N. de África essa palavra designa os «agrafes que les femmes arabes mettent sur leurs épaules pour arrêter leurs habits», Jaubert, *Gram. et Dict. abreg. de la lang. berb.*, p. 22. O esp. tem *alfilel* e *alfiler*.

Alfitra. — ¿Como pode *alfarda* dar *alfitra*? ¿Onde viu Nascentes essa tam fantasiosa explicação?

¿Porque não pôs uma observação judiciosa a êsse étimo, indicando como bom o de Eguilaz?

Esta palavra deve na realidade derivar-se de الفطرة (*al-fiṭra*), que significa pròpriamente «nouvelle création. Nature, naturel. Sentiment religieuse» (Belot) e ainda «ea res appellatur, quae die, quo jejunium Ramadhâni solvitur, eleemosyna datur. Quae primum libera erat consuetudo, fortasse in his regionibus a regibus tamquam justum tributum exigibatur», Torneberg, p. 441.

Alfobre. — É Dozy que apresenta o étimo الحفرة (*al-ḥafra*). O *-a* desapareceu.

Alfola. — Foi Engelmann quem explicou esta palavra pelo ár. الحلة (*al-ḥolla*).

Alfombra. — A explicação é de Engelmann. (Do ár. الخمرة, *al-ḫumra*, tapête para orar).

Alforba. — De الحلبة (*al-ḥolba*), *foenum graecum*. Engelmann foi o primeiro a explicar assim esta palavra. Também havia a variante *alforva* (q. v.).

Alforje. — O ár. الخرج (*al-ḫorj*) significa *a sacola*.

---

[1] No *Vocabulário* de GONÇALVES VIANA.

Alforreca. — Em minha opinião esta palavra não tem sido explicada satisfatòriamente.

Como é natural, Nascentes cita as mais usuais.

De tôdas a melhor é a de Engelmann (e não Dozy, como se diz no *Dicionário*): de الحراق (*al-hurāq*), «valde salsa (aqua)». O erudito arabista andou próximo, mas não atingiu o alvo, a ser exacta a minha explicação. Parece-me melhor derivar esta palavra de الحرّايقة (*al-hurrāiqa*), nome de unidade de حرّايق (*hurrāiq*), *urtiga*. Beaussier dá a forma حاريق (*hārīq*). A primeira julgo-a magrebina. Vem em Ben-Cedira. Será desnecessário lembrar aqui que êste animal é provido de órgãos *urticantes*. (Cf. *Bol. de Fil.*, VI, p. 8).

Alforria. — Em minha opinião Eguílaz, Lokotsch e A. Coelho devem ter razão: a palavra deriva do ár. الحرّية (*al-horrīa*), *liberdade*. Portanto a sua formação fez-se no árabe e não no português.

Alforva. — O mesmo que *alforba*. Cf. *Rev. Lusit.*, XIII, p. 233. Cf.: «... e a outro dia dalhe as *alforvas* na prumada...», «Livros de Falcoaria», no *Bol. de Fil.*, I, p. 209; «... hanse de purgar com a purga da bolha e tanbem com as *alforvas* e alquetira...», idem, *ibidem*, p. 211.

Alfoz. — O étimo é الحوز (*al-hōz*) e não *alhaud*, que Nascentes foi buscar não sei onde. Nunes (*Gram.*, pp. 176 e 191), Cornu (*Port. Spr.*, § 39) e Zauner (*Altspanisches*, § 44) apresentam o mesmo étimo. Isto ainda aumenta mais a minha estranheza. A palavra árabe significa *arredores, arrabalde; costa, praia*.

Alfrezes. — Tal como a doutrina de Eguílaz (de الخرش, *al-ḫarax*) a explicação de Dozy também não satisfaz para a forma com *z*: الفراش (*al-farāx*), «tapis à longues laines qui sert de lit». Nascentes não cita êste último caso. Conforme G. Viana (*Apost.*, I, 44) diz, deve ser com *s* (=*ss*): *alfresses*.

Alganame. — Do ár. الغنّام (*al-gannāme*), pastor. Nascentes transcreve pois mal: *al-gananām*.

Algar. — الغار (*al-gār*) significa *caverna*. O pl. é الغيرون (*al-geirūn*), que está no topónimo *Algueirão*, tal como a forma do sing. em *Trafalgar* (cf. David Lopes, «Top. Árabe», *Rev. Lusit.*, XXIV, p. 260). Cf.: «E na sexta ilha, que é de Tanarife, ou do Inferno, porque tem em cima um *algar* por que sae sempre fogo», Azurara, *Guiné*, II, p. 178.

Algara. — O ár. *algāra* (الغارة) não significa bem *depredação*, mas *incursão de tropas a cavalo* (de غار (*gāra*), *penetrar*. Cf. *Almogávar*). *Algara* pode ser ainda a *película fina do ôvo*, que, segundo Dozy, deriva de الغلالة (*algalāla*), *película*. Esta última acepção falta no *Dicionário*.

Algaravia. — Esta palavra nada tem que ver com *algarb*, oeste, nem mesmo na pretensa influência dêsse nome para a passagem de ع a *g*, como diz Nascentes, baseado em Lokotsch. É uma divergente de عربية (*ʿarabīa*), que por outro lado deu *aravia* (q. v.). Para *algaravia* passou com o artigo. O ع dá por vezes *g*: *Gomar* é uma forma romance do nome *Omar* (em ár. vulg. عمار *ʿomār*) que aparece nos *Dipl.* (p. 67), como nome duma testemunha. No *Arc. de Hita* (1229) vem: «El rrabé gritador con la su alta nota: *Calbi garabi*

ba teniendo la su nota»; a expressão em itálico equivale a قلبى عربى (*qalbī arabī*), *o meu coração é árabe*. Cf. Salinas, *De Musica libri septem*, p. 339 (ind. de França). Esta palavra também existe em provençal.

Algarismo. — A obra de الخوارزمى (*al-ḫuarizmī*) foi traduzida, ou pelo menos imitada, para latim no séc. XII. *Musa* não é boa ortografia; deve ser *Muça*.

Algarrada. — Falta no *Dicionário*. De العرّادة (*al-ʿarrāda*), balista (Engelmann). Para o *g* cf. *algaravia*.

Algarve. — Falta no *Dicionário*. É uma palavra que se empregava (e emprega) como nome comum, embora não passe de um alargamento semântico do próprio. De الغرب (*al-garb*), *oeste, poente, ocidente*. «Não é exacto que á Peninsula se chamasse *Al-Gharb* em opposição a *Al-Moḫreb*, dado á Mauritania. Os dois termos são synonimos na significação; e *Al-Gharb* («occidente») designava não a Peninsula toda mas só a parte occidental d'ella», D. Lopes, *Arab. em Herc.*, p. 188. Na realidade o Pôrto ainda estava no *Al-garb*. Era com esta palavra que os árabes designavam Portugal.

Algarvio. — Falta no *Dicionário*. De الغربى (*al-garbī*), *que é do Oeste, ocidental*. É um vestígio do sufixo arábico formativo de nomes de origem. Não é portanto o sufixo *-io*, como julgou Leite de Vasconcelos (*Liç.*, p. 411). Nos «Nomes Étnicos» (*Rev. Univ. de Coimbra*, XI, p. 150) já traz aquela doutrina; julga raros os vestígios daquele sufixo arábico em nomes étnicos; sob êste ponto de vista tem razão; mas existe em funções primitivamente adjectivantes em muitas palavras onde sofreu tratamentos diversos: *baldaquino, ceitil, javali, morabitino, maravedi*, etc.

Algazarra. — A doutrina é de Engelmann; êste baseou-se em P. de Alcalá (de الغزار, *algāzār*). Preferível o nome de unidade.

Álgebra. — Como *álcool*, esta palavra é um dos poucos exemplos de uma palavra de origem árabe ter a acentuação no artigo. A forma árabe é الجبر (*al-jabr*), *redução*, que entrou no latim medieval sob a forma de *algebra* (Cf. Dauzat, *Dict. Etym.*, s. v. *algèbre*). Daí é que teria entrado nas línguas modernas. Cf. *almucabala*.

Algema. — É estranho que Nascentes aceite a explicação de Nunes (*Gram. Hist.*, 173), que não está certa. O étimo não é *aljāmiʿa*, como êste diz; deve ser الجامعة (*al-jāmaʿa*), *pulseira*, que o A. aceitou noutro lugar como étimo de *Alfama*.

Nunes não era autoridade em assuntos arábicos; por isso não deve ser seguido.

Algeroz. — É Dozy quem deriva esta palavra de الزروب (*az-zarūb*), pl. de الزرب *canal de água*.

Algibe. — Cf. *Aljube*.

Algibebe. — A forma ár. é الجبّاب (*al-jabbāb*) e não *aljabbeb*, como escreve Nascentes. Houve imala que por aquela transcrição não se pode observar.

Algibeira. — É preferível الجبيرة (*al-jibaira*), saquinho de coiro e com vários bolsos usado pelos cavaleiros árabes. Na *Rev. Lusit.* (XIII, 239) D. Car. M. de Vasc. dá الجعبة (*al-jaʿaba*) (étimo de *aljava*) + *-eira*. Não me parece provável. Cf. a propósito a crítica que Eduardo de Lisboa fez num número do *Diário Português* cuja data não consegui averiguar.

Algoz. — A forma árabe do nome da tribu é غزّ (*gozz*).

Alguazil. — Cf. *aguazil*.

Alguergue. — A doutrina é de Engelmann (de القرق, *al-qerq*), *espécie de jôgo*.

Alguidar. — Nascentes fez bem em não seguir Dozy neste ponto. No *Dicionário* dá-se como origem desta palavra (e bem) o «ár. *algidar*..., escudela de barro». O anotador do *Glossaire* dá القصارة (*al-qaḍāra*), que daria uma forma semelhante a *alguidara*. Além disso essa palavra tem o inconveniente de semânticamente não servir: segundo Belot significa *argila esverdeada*. القضار (*al-qiḍār*) é pois preferível.

Alhaima. — Falta no *Dicionário*. Exemplos: «Taõbem andei nos aduares com meus companheiros, e neles comprei, de um senhor de ũa *alhaima* ou tenda...», B. Rodrigues, *Anais de Arzila*, I, p. 329; «... o conde, que dos dianteiros era, parou em ũas *alhaimas*...», idem, *ibidem*, p. 341. O étimo é الخيمة (*al-ḫaima*), *tenda*.

Alhela. — Falta no *Dicionário*. Exemplo: «... recolhendo asi todas as mais cabildas e alarves de toda aquela terra de maneira que trazia ũa *alhela* que toma tres ou quatro leguas de muitos aduares...», Rodrigues, *Anais*, I, p. 112. O Dr. David Lopes explicou aí em nota: de الخلا (*al-ḫelā*). Significa «arraial, acampamento de gente de guerra; por extensão exército».

Alheta. — A forma ár. é الخياطة (*al-ḫiāṭa*), bainha. A palavra significa ainda *costura, a arte de coser*. A raiz de *alfaiate* é a mesma.

Alicate. — O étimo é de Dozy: de اللقاط, (*al-liqāṭ*). Nascentes transcreveu mal portanto (*allakkāt*). Tem como divergente *aluquete* (q. v.).

Alicerce. — De الاساس (*al-içāç*), *base, fundamento, fundação, princípio*. Nascentes não dá a tradução. Cf. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, V, p. 175, nota.

Alidade. — De العضادة no dizer de Nascentes, mas a transcrição não é boa: *alidāda*, quando deve ser *al-ʿiḍāda*. O *i* está num ع que não aparece no *Dicionário*. Acrescente-se que aquela forma não é muito conveniente: é preferível العضاد (*al-ʿiḍād*).

Alifafe. — O étimo desta palavra na acepção de *tumor dos cavalos* (que é de D. Carolina M. de Vasconcelos, *Rev. Lusit.*, XIII, p. 257) não me parece bom: النفى (*an-nafaḥ*) dificilmente explicará o têrmo português. Deve ser de اللحاف (*al-liḥāf*), peça de vestuário que cobre todo o corpo.

Alime. — A transcrição de Nascentes é má (*ālim*); deve ser *ʿālim*, pois em árabe é عالم, *sábio; o que conhece a lei; teólogo, jurisconsulto*. Cf. *ulema*.

Alizar. — O *a* é longo. A forma ár. é الازار (*al-izār*).

Aljama. — الجماعة (*al-jāmaʿa*) é pois a mesma palavra que explica *algema* e que Nascentes (seguindo outros) apresentou como étimo de *Alfama*.

Aljamia. — É uma palavra acêrca da qual Nascentes poderia fazer umas considerações interessantes. Os elementos não lhe faltavam. Na realidade deriva de العجمية (*al-ʿajamīa*). Vem portanto mal transcrita no *Dicionário*, que lhe dá a forma *alajamia*. Falta-lhe a representação do ع. Esta palavra deriva do radical عجم (*ʿajam*), *ser estrangeiro, não árabe*. Primitivamente esta palavra parece que se aplicava aos persas, isto é, aos primeiros indo-europeus que

estiveram em contacto com os árabes. A Pérsia para os árabes era بر العجم (*barr al-ʿajam*), *terra estrangeira*; عَجَم (*ʿajamu*) ou عُجُم (*ʿujmu*) eram os colectivos que designavam os *Persas*; عجمي (*ʿajamī*) era *um estrangeiro*, mas mais geralmente um *Persa*. Ibn-Caldune (III, 10, 296) emprega عجم nesse sentido. Os caracteres do alfabeto arábico são, segundo êles, de origem estranha; por isso lhe chamam حروف المعجم (*harūf al muʿajam*), *letras estrangeiras*.

Julgo que a palavra العجميّة (*al-ʿajamīa*) era sòmente empregada para estrangeiros civilizados: os persas, os cristãos da Europa, etc. Para os povos que os árabes reconheciam como mais atrasados em relação a êles usavam uma forma onde me parece ver uma irónica onomatopeia: طمطم (*timṭim*), *que pronuncia mal o árabe*. Empregavam esta palavra os árabes do Iémene para os abissínios (cf. Renan, *Hist. Génér. des Lang. Sémit.*, p. 309).

Na Península a palavra *aljamia* designava os textos romances escritos em caracteres árabes; da Idade Média Portugal nada possue dêsses documentos, mas em compensação existem na Tôrre do Tombo documentos dos princípios do séc. XVI redigidos em *aljamia*; foram publicados pelo Prof. David Lopes em 1897 sob o título *Textos em Aljamia Portuguesa*. Mereceram em 1931 um cuidadoso estudo ao Prof. Wilhelm Giese, que o publicou na *Bíblos* (VII, p. 482) sob o título «Como os mouros de Asfi grafavam o português».

Se se quiser ter noções sôbre *Aljamia* leia-se Palencia, *Literatura Arábigo-Española* (pp. 27, 279); Simonet, *Glossário* (p. VIII e sgs.) e principalmente o prefácio da obra já apontada do Prof. David Lopes.

Os escritores dos séculos XV e XVI das cousas de Marrocos usavam a palavra designar a língua portuguesa em bôca de mouros: «... E alguns que sabião fallar *Aljamia* começaram logo d'ameaçar os nossos...», Azurara, *Cr. de Duarte de Men.*, p. 106).

Aljava.—A transcrição desta palavra não é boa no *Dicionário*. Em árabe é الجعبة (*al-jaʿaba*); Nascentes pôs *aljaba*.

Aljorces.—Melhor no sing. A palavra emprega-se na Beira. Significa *campainha* ou *chocalho do gado*. No Alentejo há *arjoz, cascavel, guiso* (Pombinho Júnior, *Rev. Lusit.*, XXV, 70). No port. arc. houve *aljarge*. Nascentes dá *aljaras*. É o étimo de Sousa (الجراس, *al-jarāç*). Não o aceito por causa da prosódia. M. L. Wagner, numa nota da crítica à obra de Steiger na revista *Volkstum und Kultur der Romanen* (VI, 292), apresenta الجراص (*al-jarāṣ*). Também não o aceito, não só pela mesma razão da anterior, mas também porque não encontrei a palavra nos Dicionários de Belot e Ben-Cedira. Em compensação ambos me forneceram uma que me serve sem inconvenientes: الجرس (*al-jarç*), *sino, badalo, guiso*. O *a* passou a *o*, como em *almocovar*, mas deixou vestígios no port. arc. *aljarge* e no esp. *aljaraz* com mudança de acento. A forma alentejana (*arjoz*) representa a evolução do *l* do artigo para *r*, como em *arcabuz* e *armazém*. Cf. *Bol. de Fil.*, VI, p. 9.

Aljube.—Foi Engelmann quem derivou esta palavra de الجُبّ (*al-jubb*), *cisterna*. Do mesmo radical formou-se *algibe*.

Aljuz.—¿Não será preferível الجوز (*al-jūz*), *noz*?

Almácega.—Nascentes aceita muitas explicações sem um comentário que ponha de sobreaviso o estudioso. *Almostanca* (forma dada por Devic e Eguílaz) não pode evidentemente originar *almácega*. Para evitar mais comentários: *almácega* vem do ár. المصطكا (*al-maçṭakā*) ou da sua variante المصطكى [1] (*al-maçṭakū*). Ambas estas formas se baseiam no grego μαστίχη.

Almádena.—O étimo é de Sousa (المادنة, *al-mādna*). Cf. D. Lopes, *Árabes em Herc.*, p. 194.

Almadia.—Mal transcrito; não é *almadija*, mas *al-maʿadia* (de العدية, à letra, *aquilo que passa*).

Almadrava.—Como a forma arábica é المضربة a transcrição deve ser *al-madraba*.

Almáfega.—Boa doutrina a de Nascentes neste ponto: do ár. المرفقة (*al-marfeqa*). Note-se apenas o seguinte: nas *Leges et Consuetudines* (I, 193) num doc. de 1253 ainda aparece uma forma com o *r*: «... cobitus de *armarfega*, ualeat duos solidos».

Almajesto.—É na verdade do grego μεγίστη pelo ár. المجسطى (*al-majiṭī*) que a palavra entrou no português. Faltou dizer que a doutrina é de Engelmann. O Prof. Rebêlo Gonçalves seguiu-a no seu trabalho *Os elementos gregos do Vocabulário Português*, p. 20. Cf. também *Bol. de Fil.*, II, p. 284.

Almarada.—A doutrina é de Dozy, mas não deve estar certa (de المخراز, *al-maḫarāz*).

Almea.—De المِعة. A transcrição é portanto *al-maiʿa* e não *almaia*.

Almece.—Wagner (*Alguns Arabismos*, p. 430) deriva de الميس (*al-meiç*), *sôro de leite;* baseia-se em P. de Alcalá, Eguílaz e Steiger; Dozy dá الميص (*al-meiṣ*), vocábulo que está registado por Beaussier e Lerchundi. Deve tratar-se talvez duma variante local.

Almegue.—Falta no *Dicionário*. Cândido de Figueiredo (*Dic.*, 4.ª ed., s. v.) dá-lhe, com dúvida, a significação de *lodeiro, lodaçal*. A palavra foi estudada pelo Dr. D. Lopes («Top. Árabe de Portugal», *Rev. Lusit.*, XXIV) onde dá alguns passos abonatórios. Deve ser de المقطع (*al-meqṭaʿa*), no vulgar المقطع (*al-meǧṭaʿa*), *vau*.

Almeida.—¿Então Cândido de Figueiredo era um etimologista que podia ser citado sem comentários? Nem mesmo com um *?* como fez Nascentes. O étimo *almadin, mina*, é desastroso. Muito antes de Nascentes pensar em compor o seu *Dicionário* já ela estava explicada. Em 1902 o Prof. Dr. D. Lopes explicou-a na *Top. Árabe* (p. 19): de المائدة (*al-māida*), *mesa, outeiro*.

É, como se sabe, um elemento da toponímia portuguesa. A razão de ser do nome da cidade pode ver-se no *Ajbar-Majmua*, p. ١٥, ou 27 da tradução.

Almeirão.—Simonet não é de confiança; no entanto neste ponto a sua doutrina não é má: do ár. أميرون (*amīrūne*). O que Nascentes escreveu não é portanto exacto.

Engelmann derivou a palavra portuguesa de الميرون (*al-mīrūne*), que encontrou em Alcalá, mas Dozy considerou-a (e bem) como uma corrupção

[1] Cf. *Hespéris*, XVI, p. 91.

de أميرون (*amīrūne*), que é nome da *chicória selvagem*. A *chicória* chama-se هندبا (*handebā*).

Conforme observou Dozy, a palavra arábica deriva-se do grego ἄμορον. Cf. também Rebêlo Gonçalves, *Elem. Gr. do Voc. Port.*, p. 21.

Almeizar.—O étimo المِزر (*al-miẓar*) é de Engelmann. Nascentes não transcreveu bem.

Almena.—Note-se que foi Engelmann quem apresentou o étimo المنع (*al-meneᶜa*), *ameia*, que vem mal transcrito no *Dicionário*; note-se ainda que Dozy não aceitou a explicação, preferindo a de Diez: *mina*. Eu prefiro a primeira.

Almenara.—Cf. *Minarete*.

Almez.—É de Engelmann a explicação (de المِيس, *al-miç*); Dozy põe-lhe algumas reservas. Cf. *almece*.

Almiar, Almiara.—Nascentes não viu tudo o que havia acêrca dêste assunto. Engelmann e Dozy também se ocuparam dêle. O primeiro deriva esta palavra de المِيار (*al-miār*), pl. de المِيرة (*al-mīra*), que significa *aprovisionamento, monte de cereal* (Ben-Cedira dá como pl. مِير). Dozy, tal como Monlau, prefere البيدر (*al-beidar*), *monte de feno*. A prosódia opõe-se à sua evolução até *almiar*; a fonética ainda mais. As engenhosas explicações não me convencem. A primeira parece-me melhor: é conhecido o uso dos campónios de, à medida que a ceifa caminha, ir amontoando o cereal; se qualquer dêles, cansado pela dura tarefa realizada sob a torreira de sol, fizer recuar o largo chapéu para o alto da cabeça e limpar a testa orvalhada ao lenço enorme e olhar a parte da vasta planície já percorrida, a sua atenção, pelo menos momentâneamente, demorar-se-á nos montes de cereal que se foram levantando à medida que êle e os seus companheiros os foram deixando pelo solo. *Montes de feno* é المِيار, mas por individualização (como sucedeu em *folia* > *fôlha*) passou a designar o *monte de feno*. A palavra المِيار devia-se empregar como colectivo. Sôbre isso não tenho dúvidas. Prova-o *almiara*, onde julgo ver um nome de unidade dessa palavra: المِيارة > المِيار (*al-miāra*).

Almirante.—Nascentes coligiu as principais opiniões que têm sido apresentadas, mas fá-lo de tal maneira resumidamente que corta algumas considerações que julgo indispensáveis para a boa compreensão das doutrinas. Por isso faço uma revisão e digo depois o que me parece.

Engelmann apresentou أمير البحر (*amīr al-baḥr*), *comandante do mar*, e afirmou que «évidemment c'est là l'origine du mot en question», mas logo parece hesitar ao verificar que «de français *amiral* se rapproche le plus de l'original; en italien et en espagnol le mot a été altéré», e fica-se por aqui. Dozy julgava ver na sílaba *-al* de *amiral*[1] a terminação latina *alis* ou *ālius* e *ajius* em *almiragius* (citado por Du Cange) e ant. esp. *almiraje* ou *almiraje; -ans, -antis* para o esp. e port. *almirante*, etc. Eguílaz, como Lokotsch, pretende *amir al-rahl, comandante de transporte*, onde o *al-* é causado pela analogia com outras palavras árabes e o sufixo por etimologia popular com

[1] Albert Dauzat no seu recente *Dictionnaire Etymologique* (s. v. *amiral*) diz a palavra «empr. à l'arabe *amîr*, chef, avec une finale obscure».

o particípio presente latino. Littré e Diez dizem o mesmo que Dozy. A. Coelho pretende um *almirar* que significaria *comandar*, mas Gebhardt já prefere a expressão *amir-amiron, o emir dos emires.*

Na minha opinião a hipótese de Dozy é a única que deve ser tomada em conta: *amir* tomaria na Península Ibérica e na Itálica a terminação latina *-ans, -antis*. A ser assim estamos na presença duma forma híbrida. Esta forma devia ter tido uma grande vitalidade. No fr. arc. aparece-nos *aumirant* (*REW*, 423), no prov. *amiran* (*idem*); julgo estas palavras de origem peninsular, assim como me parece ser a vulgar no Norte de África na época de Iben-Caldune; êste escritor diz o seguinte: «Le commandement de la flotte forme une des dignités de l'empire musulman. Dans le royaume de Maghreb et (dans celui) de l'Ifrikiya, l'officier qui remplit cette charge est inférieur en rang au chef de l'armée, et, dans beaucoup de cas, il est tenu de lui obéir. *Son titre, en langage des marins, est almilend, emprunté à la langue des Francs, qui s'en servent avec la même signification*», *Prolegom.*, vol. II, p. 37. O testemunho do grande escritor é insuspeito e é melhor do que tôdas as teorias que possam ser arquitectadas. O *l* de *al* não é portanto o artigo arábico, mas um fonema estranho para os árabes e que se encontrava na palavra romance; aqui era produto duma analogia com o artigo. Há mais casos dêste fenómeno e nesta palavra: «... fuit enim Scripturam amator, eloquentia mirificus, in praeliis expeditus, qui et apud *Almiralmuminîn* prudentior inter ceteros inventus...», Isidoro Pacense, citado por Lafuente e Alcântara nos *Apêndices* (p. 149) do *Ajbar Maimua*. Na *Crón. de Afonso Henriques*, de Duarte Galvão: «... e estando assi o Infante D. Sancho em Santarém *Almiramolim* Emperador autre os Mouros Rei de Marrocos...», p. 160. Cf. as seguintes.

A influência das línguas hispânicas sôbre o árabe setentrional é grande; no campo náutico sobretudo. Um exemplo: uma das palavras que designam uma *armada* é رِمَادَة (*remāda*); deriva do peninsular *armada*. Esta palavra ocorre em quási todos os dicionários dos dialectos magrebinos e substitue a forma oriental أَسْطُول (*aṣṭūl*), do gr. στόλος. Verifica-se portanto que as palavras que designam *armada* em árabe têm uma ascendência imediata não semítica.

Almirante é uma palavra antiga no português, mas é possível que o seu uso se desenvolvesse com a criação do cargo; como se sabe, êle foi privativo durante bastantes anos da família *Peçanha*, de origem italiana. No Livro III da *Chancelaria de D. Deniz*, fol. 137, está um documento datado de 14 de Abril de 1321 e que tem por epígrafe «Carta per que os Arrayzes e Alcaides e petintaaes nom Respondam senom perante o Almirante». Nas «Provas» da *Hist. Gen.* (I, p. 95) vem uma «Carta do Almirante a Micer Pessanha» de 1 de Fevereiro de 1322. Em Fernão Lopes são vulgares alusões ao cargo nessa família (*Crón. D. Pedro*, pp. 32, 76, 77, etc.). Segundo Viterbo (s. v. *Cabdel*) os *Almirantes* em certa época também eram chamados *cabedeis* e cita em abonação um trecho que não indica donde extraiu e em que era foi escrito.

¿Não será a palavra portuguesa de origem italiana?

Notem-se a propósito estas palavras de Viterbo: «*Almirante*. Hoje em Portugal he a segunda pessoa depois do general da Armada. Dos *Amiraes*,

ou Admiraes dos Mouros passou este nome (que entre os Turcos, e Sarracenos se dava a senhores de terras, e governadores de praças) aos Sicilianos, e Genovezes, que com elle intitularam os generaes das suas galeras. D'aqui passando ao resto da Europa foi dado o titulo de *Almirante mór* ao general da armada de alto bordo; ficando o de *simples Almirante* ao general das galés» (s. v.).

É pena que o passo de Iben-Caldune acima citado não seja um pouco mais preciso a propósito dos *Francos*.

No *Livro de Montaria* de D. João I (publicado por Esteves Pereira) aparece *armiral*: «... ca assi aconteceo ao *armiral* que o bõo duque Gudufel prendeo no cerco de Antiochia...», p. 19. Como nessa época já existia *almirante* julgo que estamos na presença dum galicismo.

Além da forma acima citada de provável origem peninsular, existiam em fr. arc. outras, mas não com o significado de *capitão de mar*, mas no de *chefe* (geralmente pagão). São as seguintes: *amiraflc* («Les *amiraflc* et les filz as cunturs», *Canç. de Rol.*, v. 850); *amurafles* («Uns *amurafles* i ad de Balaguez», *idem*, v. 894); *amiral* («Si la tramist li *amiralz* de Primes», *idem*, v. 907; cf. v. 166); *amirail* («Co est l'*amirail* le viel d'antiquitet», *idem*, v. 2615; cf. 2747). Para *Amiral* «le sens moderne s'est développé à la cour des Normands de Sicile, où *amiraglis* était le titre du chef de la flotte», no dizer de Melander, p. 91. Bloch é da mesma opinião. Na época de Joinville (séc. XIII) a palavra já significava *capitão de mar*: «Li grans *amiraus* des Galies», 326, segundo a citação de Darmesteter (*Dict. Etym.*); êste A. apresenta *admiral* como do séc. XVI. O *ad-* vem por confusão com a mesma preposição latina. Ainda nos aparece em 1718 no *Dict. de l'Acad.* É a ela que se ligam as formas inglesa e alemã: *admiral*.

Em italiano além de *almirante* existe também *ammiraglio*, de um antigo *almiraglio* citado no *REW*; no *Purgatorio* (XXX, v. 58) aparece já com o sentido moderno: «Quasi *ammiraglio* che in popa et in prora / viene a veder a gente che ministra / per li altri lequi...». A palavra italiana era conhecida no Cairo no séc. XVI; mas julgo-a que aí tinha o sentido de *chefe, nobre, grande senhor*. O testemunho é do nosso Teneiro: «... vi na dita cidade (Cairo) outros dez, ou doze aposentos, como estes, que sahião a ser de outros grandes senhores dos mesmos Mamalucos, que se chamavão *almiralhos*, que em aquele tempo já não havia memória, pela maior parte morrerem nas batalhas...», *Itinerário*, p. 82.

Meyer-Lübke (*REW*, 423) cita ainda *amiratus* (forma latina em Einhard), *amiré* em fr. arc.; no prov. da mais acima apresentada há *almiral* e *amiral*; no grego moderno temos *amirás, -oûdon*.

أمير البحر (*Amīr al-bahr*), que Engelmann apresentou, aparece-nos no Oriente no séc. XVI: «E o *mirabar* seraã do divão e dos portugueses...», Júlio Biker, *Col. de Trat.*, I, p. 87 (*in* Dalgado, *Glossário*, s. v.).

Almiscar.—A doutrina é a de Dalgado (*Glossário*).

Almóadas.—Falta no *Dicionário*. De الموحّدون (*al-muhhadūn*), *unitários*, porque o seu fundador afirmou a unidade de Deus absoluta e por isso êles revoltaram-se contra os *Almorávidas* (q. v.), considerados politeístas pela forma material e grosseira que davam aos atributos de Deus (D. Lopes). Acêrca da terminação *-as*, mais portuguesa, q. v. D. Lopes, *Árabes em Herc.*, p. 190.

Almocábar. — Q. v. *Almocávar*.

Almocadém. — É na realidade de المقدم (*almoqaddeme*). Esta palavra foi explicada por Dozy, como já o fôra por Cañes. A forma arábica significa *chefe, capitão. Superior duma confraria.* Nascentes diz «capitão de navio». Essa acepção deram-lhe os portugueses tarde. Primitivamente era um capitão de infantaria: «*almocadenus*, it est, Princeps Peditum», segundo Rodrigo Cerratense (*Esp. Sag.*, IV, 396); «... e com esta vontade mandou o adail com seus *Almocadens*, e escuitas a saber parte da terra», Azurara, *Duarte Men.*, p. 40. É até bem elucidativo êste passo: «Do boom peam se fazia o boom *Almocadem*, e do boom *Almocadem* o bom almoguavare de cavallo, e daquelle o boom Adayl», *Cod. Alf.*, liv. I, tit., 66 (cit. de Viterbo, s. v. *Coudel*).

Note-se ainda que hoje a palavra é largamente empregada em Marrocos: designa um oficial inferior (Cf. Sicard, *Voc. Franco-Arabe*, p. 219).

No séc. XVI é que nos aparece a palavra com a significação de patrão dum navio, pilôto. Os outros povos que foram ao Oriente receberam a palavra. Veja-se o *Hobson-Jobson* s. v. *Mocadam*. A obra de André Bellessort, *Voyages de S. François Xavier*, traz a seguir à p. 32 uma interessante gravura onde mostra «comment voyageaient les portugais sur la cote des Indes». A gravura é holandesa e antiga; junto ao pilôto traz a palavra *Mocadaon*[1]. A prosódia árabe exigiria *almocádem*, mas por uma deslocação fácil do acento surgiu a forma aguda, como em *armazém* (q. v.).

Almocafre. — A doutrina é a de Dozy (de المحافر, *al-muḥāfir*). Julgo difícil a passagem de ح a *k*. Engelmann apresentara a forma المخطاف (*al-muḫaṭṭāf*), que não satisfaz.

Almocávar. — Nascentes dá a etimologia s. v. *almocábar*. Esta não é a forma mais usada. المقبرة (*al-moqabara*), como querem Engelmann e Steiger, daria *almocávara*, que não está documentado. Dozy dá المقابر (*al-moqābar*), que já explica a palavra portuguesa satisfatòriamente. É a forma marroquina. Wagner aceita-a (*Z. K. R.*, VI, p. 292). Esta palavra no singular significa «*túmulo, sepulcro. Cemitério*» (Beaussier). O plural equivale portanto a um colectivo: *túmulos*. O conjunto de túmulos constitue o cemitério. É curioso e bem esclarecedor êste passo: «Huma legoa destes pardieiros, esta (= está) huma serca em que emteram os Mouros, a que chamam *Almocovar*», *Une Description du Maroc*, p. 14.

Almocela. — De المصلا (*al-muçalā*), *tapête para rezar;* à letra: *lugar onde se reza.* Bem em Nascentes, mas mal transcrito. Cf. *açafate*.

Almocreve. — Quási todos os estudiosos desde Engelmann são unânimes a afirmar como etimologia desta palavra o ár. المكاري (*al-mukārī*) que, segundo Beaussier, significa «journalier, surtout pour moissoner. Ouvrier, manoeuvre, homme à gages, mercenaire. Locataire. Muletier, moucre, Poneur de montures». Pelo que se acaba de verificar o sentido é mais ou menos o

---

[1] Essa gravura vem também reproduzida na *História da Expansão Portuguesa* em fôlha sôlta (junto à p. 89 do 2.º vol.) com a designação de «Barco Indo-Português». Infelizmente (talvez por vir invertida) cortaram aí a palavra. Segundo se afirma nessa obra, a gravura vem na *Navigatio ac Itinerarium* de J. Huygen van Linschotten. Haia, 1599.

mesmo; por êsse lado portanto nada se opõe. Sob o ponto de vista fonético é que as dificuldades aparecem: poder-se-á aventar que não será aquela a explicação, mas no *Livro Negro de Coimbra* aparece-nos êste passo: «Ut *almokeri* non faciant sine suo grato plusquam unum sernicium in anno», fl. 222 r. A leitura não pode oferecer dúvidas. Em *almokeri* julgo ver um representante regular daquela forma árabe, assim como no arc. *almoqueire*. *Almocreve* derivará daí? O *e* constitue uma grande dificuldade que não sei como resolver.

Almoeda. — É Engelmann que pretende derivar esta palavra de المنادية (*al-manādia*). Esta palavra daria *almonadia*, *almoadia* ou *almoedia*; nunca *almoeda*. Cañes aventou المناد (*al-munād*), *gritador público, pregoeiro de leilões*. A Semântica e a Fonética opõem-se a essa explicação. Dozy apresentou المنادى (*al-monāda*). Daria *almonadi*, *almoedi*. Mais próxima semântica e fonèticamente da forma portuguesa é a palavra المناداة (*almonādā*), *proclamação, anúncio, leilão*. Aben-Cuzmane (Canç. XXIV, v. 15) dá-nos a forma المنادة (*al-munāda*), que satisfaz perfeitamente.

Almofate. — Como diz Nascentes, Eguílaz e Lokotsch aventaram المخيط (*al-miḫiaṭ*), *agulha*. Embora não sirva, acrescente-se a hipótese de Dozy: de المخراز (*al-miḫarāz*).

Almofia. — Nascentes dá المخية (*al-moḫia*), que não sei aonde foi buscar. Sousa dá a forma المونية (*al-mūfia*), que Dozy desconhece. Eu também não a encontrei nos dicionários que consultei. Segundo Gayangos (*Mem. Hist. Esp.*, III, 95), a forma africana é المعفية (*al-miʿafia*), que em Tetuão é o prato de cobre onde se serve a açorda. É esta a forma que a Academia Espanhola dá. Em Rabat existe a palavra المحفية (*al-miḥfia*). É um nome de vaso. Designa um prato grande de barro envernizado ou esmaltado, profundo e muito largo. Serve para apresentar os cuscus. É o maior prato da casa e tem sempre um certo valor. Já não se fabrica. (Brunot, p. 119). Cf. Marçais, p. 282. O étimo de *almofia* julgo que deve estar numa destas palavras: المفية ou المحفية, que não devem estar longe da forma que se usou na Península.

Almofreixe. — Muito mais razoável é a explicação de Dozy, baseado em Cobarrubias: de المفراس (*al-mofrās*), «la funda en que se lleva la cama de camino».

Almogama. — É Dozy quem deriva esta palavra de المجامع (*al-mojāmaʿa*), plural de مجمع (*mujamaʿa*). Vem, portanto, mal transcrita em Nascentes. Acrescente-se que esta doutrina foi apresentada pelo Dr. David Lopes (*Cousas*, p. 9, e *Top. Árabe*, p. 11).

Almogávar. — A forma árabe é المغاور. A transcrição é *al-mugāuār*. A palavra não significa *guerreiro*, mas *o que faz incursões*. Deriva do verbo غاور (*gāuar*), *fazer uma incursão*, que por sua vez deriva de غار (*gāra*), *penetrar*.

Almojávena. — Foi Engelmann quem derivou esta palavra de المجبنة (*al-mojabana*). O ب não é portanto geminado, como vem no *Dicionário*.

Almôndega. — Para melhor explicação dêste vocábulo é necessário o nome de unidade: البندقة (*al-bundeqa*); em caso contrário o *-a* final ficava por explicar.

Almorávidas. — Tal como *Almóadas* falta no *Dicionário*. De المرابطون (*al-murābiṭun*), *os ermitas*. «Receberam o nome de um *rebate* que Ibn Iacine, o

primeiro que lhes prègou a religião do islamismo e foi o seu primeiro imame, construíu numa ilhota junto da costa do Oceano, aonde acorriam os que desejavam ouvir a sua doutrinação santa; e tam numerosos se tornaram que em breve subjugaram os berberes do Sáhara, e por fim Marrocos e a Península», D. Lopes, *Árabes em Herc.*, p. 191. Acêrca da transcrição *-as* da palavra portuguesa q. v. a obra citada, p. 190.

Almotacé. — A explicação é de Engelmann (المحتسب, *al-muhtaçib*). Com esta palavra designam-se os indivíduos encarregados de verificar os pesos e medidas nos mercados. Engelmann dá a forma *almutaceb* como existente no *Fuero* de Madrid; pois em port. arc. também ocorrem formas muito curiosas: «Minea iohannis *almohtaceph* et da septentrionem uia», *Dipl.*, p. 478 (doc. de 1094); «Omne piscatum quod uenerit de mare, uendatur in sua barca per manu de *almutazeb*... nullo modo uendatur nisi per manus *almutazeb*. Et piscatum aut mariscum quod ad casam de bonis hominibus uenerit non uendatur ibi nisi per manum de *almutazeb*», *Leges*, I, p. 743. A propósito de *almotacés* q. v. Herculano, *História*, VII, pp. 315-325; Gama Barros, *Adm.*, I, p. 602. De *almotacé* formou-se *almotaçar*: «... e homees bõões do decto Couto metiam almotaçees no decto couto que *almotaçassam* o pam e o ujnho...», *Uma Certidão de F. Lopes*, XLVII, p. 96.

Almotolia. — Quem primeiramente estudou esta palavra foi também Engelmann: de المطلّى (*almoṭli*), mas eu prefiro o nome de unidade: المطلّية (*almoṭlīa*).

Almoxarife. — Nascentes faz mal em citar o Prof. Nunes para questões arábicas. O sábio professor não era um especialista. Note-se no entanto que na 2.ª ed. da *Gramática Histórica* esta palavra vem bem explicada (p. 191): de *al-moxrif*, que é uma boa transcrição do ár. المشرف, *honrado, ennobrecido, ilustrado, ilustre, nobre* (Beaussier); *inspector, intendente*, segundo também Engelmann, que Nascentes devia consultar. A transcrição do *Dicionário* não é, pois, boa (*almushrif*). Note-se que Lokotsch (1519) também transcreveu bem.

Almuadem, Almuadam. — A forma vulgar é المؤذّن (*al-muadhdhen*), «pregoeiro que do alto da torre da mesquita chama os fieis à oração. As mesquitas não teem sinos...», D. Lopes, *Árabes em Herc.*, p. 194. Modernamente tem aparecido o escusado *muezzin*. É um galicismo. Cf. Gonç. Viana: *Apost.*, I, 53; *Palest.*, 10; *Ort. Nac.*, 220, 223.

O Prof. David Lopes no seu recente trabalho *Alguns vocábulos arábico-portugueses*, etc. (p. 7), prefere como melhor forma portuguesa *almuedam*, vinda talvez pelo esp. *almuedan*. *Almuadem* não será mais do que a transcrição da palavra árabe. A palavra *almuedam* ocorre em Azurara sob a forma *almoedam*. Vem na *Crónica da Conquista de Ceuta*. O Dr. D. Lopes fez a citação no seu estudo. Mas agora uma curiosidade: o cap. XIII da *Crónica de D. Pedro de Menezes* coincide em muitos passos com o da de *Ceuta* onde ocorre o vocábulo (o LXXXIX). Pois lá também êle nos aparece num passo semelhante, mas com outra forma: «... o qual me deu a ensinar a hum *Almoadaõ* da Mesquita maior...».

Almucábala. — Foi Engelmann quem derivou esta palavra de المقابلة (*al-muqābala*), que significa realmente *comparação*. *Álgebra* dizia-se علم الجبر والمقابلة (*'alim al-jabar walmuqābala*), *ciência da redução e comparação*.

Almude.—De المدّ (*al-mudd*), medida de grãos com a capacidade de cêrca de 75 centilitros (Ben-Cedira), mas, tal como sucede hoje na Península, também no Norte de África o *almude* varia de capacidade conforme as regiões (cf. Sicard, *Vocabulaire*, p. 24). Como a Gramática Comparativa das Línguas Semíticas ainda não tem bases seguras neste ponto, tal como a Gramática Histórica de cada uma das suas línguas, julgo que é ainda cedo para se poder aventar qualquer hipótese acêrca da influência mútua delas; quando um dia fôr possível calcular mais ou menos aproximadamente a antiguidade de cada vocábulo dentro do árabe é que talvez, de acôrdo com os outros meios de que a Filologia dispõe, se possa determinar até onde essas influências chegaram. Portanto julgo que dizer o árabe المدّ derivado «do hebraico *mad*, medida, através do grego *módios* e do lat. *modius*», é uma afirmação ainda arriscada. Nada o testemunha. ¿Quem nos diz também que Eguílaz não tem razão ao «admitir a hipótese de a palavra ser comum às línguas arianas e às semíticas»? ¿Quem sabe se não se trata duma mera convergência mórfica apenas acidental? Veja-se o que sucede com o árabe أرض (*ard*) em relação com o inglês *Earth* e o alemão *Erde*. Cf. *Vestígios*, de Sousa, p. IV, para outros casos.

Almunia.—O ár. المنية (*al-manīa*) significa *casal, herdade*. Cf. D. Lopes, *Top. Árabe*, p. 20.

Alpe.—Julgo pouco possível a etimologia desta palavra no «ár. *alabá*, cobertor».

Alpercata.—Note-se que em árabe há بلغة (*balga*), «espèce de pantoufles, de souliers ordinairement en cuir jaune, couvrant tout le pied» (Beaussier). A forma portuguesa poderia portanto vir do plural, que neste caso não seria بلاغى, mas o regular البلغاب (*al-balgāt*).

Alqueive.—Engelmann deu القوا (*al-qaua*). É uma explicação que não satisfaz; espera-se ainda hoje por uma razoável.

Alquequenje.—Foi Engelmann quem derivou esta palavra de الكاكنج (*al-kākanj*), *resina*.

Alqueria.—القرية (*al-qarīa*) significa *aldeia*. Devia ser preferível fazer o verbete cheio em *alcaria*. É forma mais vulgar.

Alquermes.—A doutrina é de Engelmann: de القرمز (*al-qarmz*), *grã de escarlata*. Da mesma raiz que *carmesim* (q. v.).

Alquiece, Alquiez.—A forma ár. é القياس; portanto *al-qiāç*, que significa realmente *medida*. A explicação foi dada por Dozy.

Alquifa.—Dificilmente se pode admitir a etimologia de Eguílaz.

Alquifol.—É uma forma que representa a evolução normal de الكحول (*al-kohūl*), forma vulg. de الكحل (*al-kihal*). É realmente um divergente de *alcool* (q. v.).

Alquilé, Alquiler.—A explicação é também de Engelmann: الكرا (*al-kirā*). É a «pension que se paga por alquiler», P. Alcalá.

Alquimia.—Foi Dévic quem apresentou a etimologia grega (χυμία ou χημεία) do árabe الكيميا (*al-kīmīā*). No lat. med. havia *alchemia*. O Prof. A. Magne diz a forma grega de origem egípcia (*Rev. de Fil. Hist.*, I, p. 385).

Alquiná, Alquinal.—Falta no *Dicionário*. De القناع (*al-qināa*) (Engelmann).

Alquitara. — Engelmann foi quem derivou esta palavra de القطارة (*al-qaṭāra*), *alambique*.

Altaforma. — Engelmann diz que a palavra التافرمة (*at-tāforma*) de P. Alcalá lhe é desconhecida. Não sabe se é palavra árabe, se é transcrição da forma espanhola, ou se será ainda uma forma berbere, como lhe pareceu indicar o prefixo تا (*tā*).

Aluá. — É uma palavra que falta no *Dicionário*. Vem registada no *Glossário* de Dalgado. Entrou no Oriente. De حلدوة (*ḥalāwa*), que, como se viu, deu regularmente *alféloa* (q. v.) no continente.

Aludel. — A forma ár. é الأثال (*al-uthāl*). A explicação é de Dozy. Diz o grande orientalista que essa palavra na língua clássica é *glória, nobreza*. Devia ter sido considerada como sinónimo de أثلة (*athala*), *utensílios*.

Aluquete. — É uma palavra que falta no *Dicionário*. Significava *cadeado, fechadura*. Segundo eu penso deve ter origem no ár. اللقاط (*al-luqāṭ*), *tenazes, pinças*. É portanto uma forma divergente de *alicate* (q. v.). Cf. *Bol. de Fil.*, VI, p. 11.

Alvaiade. — No *Dicionário* a transcrição vem sem o *l* do artigo. É uma gralha. (De البياض, *al-baiāḍ, brancura, giz, terra branca*).

Alvanega. — A segunda sílaba é longa em árabe: *al-banīqa* (البنيقة), peça triangular que se coloca sob as mangas da camisa para a alargar; espécie de carapuça de mulher, usada especialmente para a saída do banho.

Alvará. — O verdadeiro étimo desta palavra é البرا (*al-barā*), *carta, cédula*. Nascentes traz *albar'at*. Havia também a forma regular *alvaral*: «... vay sandeu / a Eluora por *aluaral* / delrey...», G. Vic., *Auto Past. Port.*, fl. 26 *v.*

Alvaraz. — Está bem. É de البرص (*al-baraṣ*), *lepra branca*. Acrescente-se: *Rev. Lusit.*, XIV, 243, onde Nascentes devia ter visto essa explicação.

Alvarral. — Não sei como é possível الغربال (*al-garbāl*) dar *alvarral*. Na realidade o sentido é o mesmo. ¿Onde viu Nascentes esta explicação?

Uma hipótese apresentada *sob tôdas as reservas*: não será de البرى (*al-barā*), que significa *terra, poeira*. Do sentido de *o que passava pela peneira* se teria chegado ao da própria *peneira*.

Alveci. — É interessante esta palavra. A ser exacto o étimo proposto (de الوشي, *al-uašī*) temos um ش a dar *c*, o que é raro. Viterbo (s. v. *alveici*) dá um *alvejci*. Mais de acôrdo com o étimo acima apresentado está *alquexi*, que ocorre em Du Cange.

Alvenaria. — Como *açougagem* esta palavra é de formação românica. A sua base está em بنى (*banā*), *construir*, como *alvanel*.

Alvissaras. — Costuma-se derivar esta palavra de البشارة (*al-bišāra*), *a recompensa* que se dá a quem traz uma boa nova; julgo a passagem de uma forma grave a esdrúxula difícil; o inverso já é freqüente. Por isso outra explicação se impõe. A forma que proponho tem a vantagem de não oferecer dúvidas de carácter prosódico ou semântico: البشرى (*al-bušrā*), *boa nova* (Beaussier). Freitag e Gólio fazem esta palavra sinónima da outra: *Lætus nuntius*. Embora البشارة seja a forma mais usual *hoje*, isso não quere dizer que a outra não o fôsse na Península; note-se que sendo elas sinónimas num ponto (*boa nova*), e que a palavra grave também significa, como disse, *recompensa* e ainda para mais tendo elas a mesma raiz, tudo isso me leva a acreditar numa

confusão, a que as formas port. e esp. (*albricias*) ainda mais fôrça dão. Num ou noutro caso porém o que não se deve pôr em dúvida é a grafia com *ss*. Essa grafia é antiga no português: «pediolhe a *aleissera* do que mandara fazer...», F. Lopes, *Cr. D. Pedro*, p. 30. Mais passos abonatórios há, mas a falta de espaço impede-me de os apresentar aqui. Cf. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, VI, p. 12.

Alvitana.—Não é impossível que esta palavra derive do ár. البطانة (*al-bitāna*), *fôrro, pele de carneiro*. ¿Significaria *rède* na Península? Hoje emprega-se largamente em Marrocos na tecnologia marítima (cf. L. Brunot, *Notes Lex. sur le Vor.*, etc., s. v.).

Alvorôço.—A forma ár. é البروز (*al-borūz*). Diez explicara por um الفرط (*al-fort*). A explicação é de Engelmann.

Ambar.—A forma ár. é عنبر, por isso a transcrição deve ser *'anbar* e não *anbar*, como faz Nascentes. É necessário respeitar a inicial aspirada. Também há a forma com o artigo: *alambre*, assim como a variante *ambre*.

Anaco.—Falta no *Dicionário*. É o árabe عناق (*'anāq*) «de caprae pullo fem. nondum anni spatio peracto ad hibetur» (Freytag, III, 234), «chèvre à moins d'un an» (Gasselin, I, 237), e quanto à Península cf. *Vocabulista in Arabico*, 281, s. v. «capra»: عناقة e igualmente na parte árabe-latina, p. 146», M. L. Wagner, *Alguns Arabismos*, p. 440.

Não se justifica portanto a hipótese castelhana. O Dr. Agostinho Fortes, *Nótulas acêrca dum falar da margem esquerda do Guadiana acompanhadas de algumas notícias folclóricas*[1], apresentou êsse étimo com dúvida.

Anadel.—A ser exacto o étimo proposto (الناظر, *an-nāẓẓar, inspector, intendente*), esta palavra dá-nos um exemplo da articulação oclusiva ápico-dental do ظ, de que mais tarde nos aparecem testemunhos na Aljamia Portuguesa. É a articulação do Norte de África. O *l* não é *irregular*. Cf. *anafil, enxovals aguazil*, etc.

Anáfega.—De *annabika*? Como? Dozy derivou de النفقة (*an-nafqa*), explicação que me parece aceitável.

Andaime.—Decerto por descuido de revisão a forma ár. que dá o *Dicionário* parece composta por duas palavras, o que não é verdade. O étimo (conforme disse Dozy) está na verdade num plural: الدعائم que se transcreve *ad-da'āime*. O singular é الدعمة (*ad-da'ama*), mas também aparece الدعامة (*ad-da'āma*). Em Du Cange aparece um *adaamium*, mas trata-se já de uma forma românica.

Anexim.—Como a forma ár. é النشيد, a transcrição deve ser *an-naxīd*. O ant. esp. tinha *anexir* e *annaxir*. Freytag traduziu a forma ár. por «recitatum carmen».

Anfião.—A forma ár. correspondente ao gr. ἄμπυξ é عفيون, que se transcreve *'afīm*. Nascentes não representou pois o ع.

Anta (1).—É Dozy quem deriva de لطة (*lamt*), *animal do género dos antílopes*. A estar aqui o étimo, seria preferível o nome de unidade: لطة (*lamta*). Ver L. Vasc., *Liç.*, 252, n., conforme indica Nascentes.

[1] *Língua Portuguesa*, III.

Anúduva.—Falta no *Dicionário*. De النَّدْبَة (*an-nudba*), *convite, chamamento, apêlo*. A *anúduva* era o imposto braçal nas fortalezas e edifícios reais. Portanto quando elas eram necessárias *chamavam-se* os indivíduos sujeitos a êsse imposto.

Aqueme.—Não sei como الحكم (*al-hakem*), *juiz, árbitro*, daria *aqueme*. E o *l* do artigo? Deve ser pois de حكم (*hakem*) que a palavra deriva.

Árabe.—Do lat. *arabe*; não de عربي (*'arabî*), que daria regularmente *arabí* ou *aravi*. A explicação é do Dr. D. Lopes (*Alg. Voc.*, p. 7-8), que acrescenta: «Os escritores... falam de Árabes na forma *Alarabes* (*Alaraves* e *Alarves*); e na verdade na língua árabe *alarab* designa o povo árabe e é um colectivo; por isso não podia dar o vocábulo estudado acima (*árabe*). Do colectivo a nossa gente fez um plural; e, de facto, é sempre no plural que os nossos escritores o empregam. Êste vocábulo deve ser relativamente moderno na nossa língua; o texto mais antigo que conheço é do século XIV e vem no *III Livro de Linhagens* nos passos indicados pelo Sr. Dr. J. J. Nunes na *Crestomatia Arcaica*[1] nas formas *alarabes* e *alaraves*. Chamaram os nossos assim à população nómada de Marrocos de origem arábica, que vivia nas planícies daquele país. Devia ser muito conhecida dos Portugueses que iam ou viviam nas praças de África. Os cronistas e documentos estão cheios de exemplos. Sejam estes entre muitos. Nos meus *Textos em Aljamia Portuguesa*: «... assi alarves como barbaros»[2]; em Janer «Moros alarbes»[3]; e em Mármol «los arabes»[4]. Góis já lhes chama *Arabes*»[5] (Idem, *ibidem*, p. 8).

Esta palavra perdeu terreno ante a invasão de *mouro*, que, embora primitivamente designasse só os habitantes do Magrebe, mais tarde viu alargar o seu sentido até passar a designar na linguagem corrente um sectário de Mafoma.

Há um autor português cujo testemunho é particularmente curioso: António Tenreiro. No seu *Itinerário* emprega quási sempre *Mouro* por

---

[1] «P. 50, 53 e 59: batalha do Salado».

[2] «P. 132. Cf. p. 102, 103, 120, 121, 125, etc. Também ocorre na forma *alaraves*: p. 92, 93, 147 etc.».

[3] «*Condición social de los moriscos*, p. 173».

[4] «*Descripción de África*, P. II, fls. 114-5».

[5] «*Crónica de D. Manuel*, III, cap. 47». Por me parecer interessante transcrevo êste passo, onde o A. põe em contraste as qualidades do árabe pròpriamente dito e do berbere: «hos habitadores dos lugares çercados, sam mouros de naçam, naturaes da terra, a que chamão Barbaros, ho qual nome tomão da provinçia de Africa, chamada Barbaria, que he esta em que estes tambem vivem, cõ outras muitas. Hos outros que sempre andão no campo se chamam Arabes, & dizem que este vierão de Arabia, & se fezeram senhores terra, hos quaes sam mais guerreiros, & poderosos que hos que vivem nos lugares cercados».

O mesmo DAMIÃO DE GÓIS também empregou a palavra na *Crón. do Princ. D. João*: «... na qual dignidade continuou atte ho tẽpo em que hos *Arabes*, & seguidores da seita de Mafamede ganhara, & aquerina pera sim (*sic*) toda ha Mauritania», p. 41.

Árabe; um exemplo: «Desta cidade (Sabá) vay num deserto para a banda do ponente, que vay ter junto do rio Eufrates e Babylonia, ou Bagedar, chamado assim pelos *mouros*», p. 25; no entanto existiam dentro do enorme colectivo que é *mouro* algumas raças e muitos povos que era necessário distinguir; eis alguns exemplos também tirados do mesmo Tenreiro: «... os habitadores são *mouros*, gente branca, todos *turquimais*, e *persianos*», p. 25; «Será (Cefete) de mil vizinhos *mouros Arábios*, e judeus hespanhoes...», p. 69; «... chegámos a hũa aldêa povoada de *mouros* Arabios...», p. 70; «He habitada de *mouros arabios*...», p. 72; «... os mais dos dias vinham muitos *mouros e mouras e Persianos* em magotes...», p. 38.

Nascentes explica esta palavra assim: «Do ár. *arab*», e mais nada. Nessa frase há dois erros: 1.º *Árabe* tem origem latina e não arábica. Em lat. havia a palavra *Arabs, -abis*, que, segundo o *Magnum Lexicon*, foi empregada por Vergílio. 2.º A ter uma origem arábica não seria aquela porque a palavra que julgo estar ali é عرب (*ʿarab*) e essa é um colectivo; designa *árabes* e não *árabe* (que é, como disse acima, عربي). 3.º A transcrição não é boa: conforme o costume, Nascentes não usou um sinal que testemunhasse a existência do ع na forma originária.

Araca.—A etimologia é essa. Dalgado e Yule também a aceitaram. A transcrição é que não é boa: visto que a forma árabe é عرق, deve ser *ʿaraq*. *Araca* é uma palavra medieval.

Embora não a perdêssemos, tornamos a recebê-la no séc. XVI no Oriente sob a forma *Orraca* (q. v.).

Aranzel.—Êste artigo encerra algumas afirmações que não são verdadeiras:

1.ª Não foi Lokotsch que explicou primeiramente esta palavra do ár. مراسم (*marāçime*), mas sim, como se vai verificar, Dozy.

2.ª *Dozy-Engelmann, Eguílaz* não se *apegam a «alusar»* ou *«alaser»*, *pl. de «assir»*. Dos três autores citados só quem defendeu essa hipótese foi Eguílaz. Dozy e Engelmann apresentaram outras explicações: Engelmann citou dubitativamente الرسالة (*ar-raçāla*), «qui signifie *une missive officielle*» (?). Dozy por sua parte deu مراسم (*marāçime*), que no *Dicionário* aparece atribuído a Lokotsch.

O étimo da Academia Espanhola por sua vez não vem bem transcrito: como é علم الاسعار deve ser *ʿalam al-açaʿār*.

Nenhuma das explicações me parece muito sedutora, mas principalmente a de Dozy.

Aravia.—De عربيّة (*ʿarabīa*), *a língua árabe*. É uma forma divergente de *algaravia* (q. v.). Não é portanto verdadeira a doutrina de Meyer-Lübke (*Gram. des lang. rom.*, I, § 405) que diz esta palavra derivada de *árabe* com o sufixo *-ia*. Leite de Vasconcelos seguiu esta doutrina (*Liç.*, p. 196). Os passos abonatórios desta palavra são muitos; contam-se às dezenas em cada autor das nossas *coisas* de Marrocos e Oriente.

Argola.—Dozy deu um الغل (*al-gol*) que não conheço. A forma exacta é a que traz Nascentes: غلّ (*gol*). Significa «golilha, ferros, cadeias, algemas». Note-se que é preferível o nome de unidade: الغلّة (*al-golla*). Esta forma explica perfeitamente a forma portuguesa.

Armazém. — A palavra com esta forma deve datar do séc. XVII; nos princípios dêste ainda se dizia *almazém*: «Também sou informado que os *almazéns* das fortalezas estão mal providos das armas e munições necessárias», segundo diz uma carta régia datada de 6 de Março de 1605 e inserta nos *Doc. Remet.*, I, 32. O étimo está realmente em المخزن (*al-maḫazan*), *botica, celeiro, sótão, entreposto*. A palavra significou até ao séc. XVIII *arsenal* (q. v.). O fr. tem *magasin*, o it. *magazzino* e o sic. *magasenu*.

Que eu saiba, o primeiro que aventurou a analogia com *arma* para explicar a forma moderna foi D. Rafael Bluteau, nas *Prosas Portuguesas*, p. 18.

Arrabalde. — Tem-se proposto a forma الرّبض (*ar-rabḍ*), *subúrbio*. Essa explicação tem a contrariá-la a prosódia. Salvo melhor explicação penso que o étimo está no plural أرباض (*arabāḍ*). O *l* apareceu atraído pelo جن. A forma do sing. ainda é seguida sem discussão por M. L. Wagner (*Zu einigen*, etc., p. 661, n. 1).

Arrabil. — O étimo foi proposto por Engelmann; G. Viana (*Apost.*, II, 326 e sgs.) aceitou-o. De الرّباب (*ar-rabāb*), espécie de violino de três cordas (Engelmann, s. v. *Rabel*). Tem a forma de um segmento de esfera (Iben-Caldune, *Prolegom.*, II, p. 412). O *-l* foi atraído pela sílaba *bā* tornada final, que passou a *bi* por imala, como diz Nascentes. Como exemplo de redução do mesmo tipo q. v. *piassá*, de *piassaba*. Cf. ainda a forma latina *arra*, de *arrabo*, (s. v. *arras*).

Arraia-miúda. — Também julgo que o étimo de *arraia* está no ár. رعاية (*raʿāia*) que, à letra, significa realmente *rebanho*, mas emprega-se com os seguintes sentidos: *os governados, os súbditos, o povo* e ainda *paróquia, ovelhas* (sentido eclesiástico).

Arrais. — Melhor seria *arraiz*. De الرّائس (*ar-rāiç*), *cabeça, chefe, capitão de um navio*. É um adj. De راس (*rāç*), *cabeça* (q. v. *rês*). Segundo Iben-Caldune era o *arraiz* quem «faisait marcher le vaisseau à l'aide des voiles ou des rames et ordonnait la manœuvre du mouillage[1]» (*Prolegom.*, II, p. 40). No Oriente aparecem muitos indivíduos com o título de *Raix*. Eram personagens com algum grau elevado político ou social. Cf.: «... de que ho Soldam deu ha capitania ha *Raix* soleimão turco de naçam...», D. Góis, *Cr. de D. Manuel*, IV, 30. Mais exemplos nas pp. 33, 34, 126, 148 e sgs., 189 e sgs. do mesmo vol. Em *Mestre Afonso* vem *réx*: «... e o capitão drogusto *réx* que o turco mais semtio que tudo...», p. 258.

A doutrina etimológica de Viterbo para esta palavra é certa em parte: «Vem do verbo arábigo *rasa*, ser eleito para cabeça, chefe, superintendente, ou governador de um povo, casa ou família». O verbo رأس (*rāça* e não *rasa*) significa realmente *comandar, pôr-se à frente de*.

---

[1] Cf. LAOUST, *Pêcheurs Berbères du Sous*, p. 330, onde diz que aí é o «maître d'équipage, marin qui dirige la manœuvre de la pirogue en se tenant au gouvernail, assis sur la tille d'arrière... Le mot figure aussi dans le langage terrien dans le sens de «chef d'orchestre, chef d'un groupe de chanteurs et de musiciens», à côté du mot berbère *amûrir*». Cf. também L. BRUNOT, *Notes Lexic.*, p. 51.

É interessante a forma latina que aparece num documento de Ricardo II de Inglaterra datado de 1386 e que vem citado por Viterbo (s. v.): «Mittet Domino Regi Angliae decem galeas, ipsius Domini nostri Domini Regis Portugaliae sumptibus, et expensis, bene armatis: Videlicet; de uno Patrono, tribus Alcaldibus, sue *Arraizio*, duobus Carpentariis, octo, vel decem marinariis...».

Arras.—Nem Engelmann nem Dozy mencionam a palavra. Nascentes, julgo que baseado em Boisacq, deriva-a «do semítico», o que é muito nebuloso, embora acrescente que «em hebraico *arrabón*, palavra de trato comercial, comunicada aos gregos pelos mercadores fenícios, através do grego *arrahbon* e do lat. *arrhabo, arrhal*. O hebraico significa penhor». Em árabe há uma forma ربون (*rabūn*) que, com o artigo (الربون, *ar-rabūn*), está próxima da hebraica. Significa também *penhor*.

Para mim o étimo imediato da palavra *arras* está no lat. *arrho, ae*, que, segundo o *Magnum Lexicon*, aparece em Plínio. Ernout e Meillet (*Diet. Etym.*) trazem *arra, ae*, como «forme populaire syncopée de *arrabo, -onis*, empruntée au gr. ἀρραβών», conforme disse Nascentes; o étimo exacto desta é que me parece mais difícil de determinar, embora Ernout e Meillet o afirmem semítico.

A propósito de *arras* cf. o interessante estudo do Prof. Paulo Merêa: «Arras, achegas para a solução dum problema filológico-jurídico», publicado no *Boletim de Filologia* (IV, p. 285) e depois inserto nos seus *Novos Estudos de História do Direito* (p. 139 e sgs.).

Arrátel.—الرطل (*ar-ratl*) significa *libra* (pêso).

Arrebique.—Eu não tenho dúvida em derivar esta palavra do ár. الربيك (*ar-rabīk*), como disse Dozy. O Sr. Dr. Joaquim da Silveira (*Rev. Lusit.*, XXIV, 190) pretendeu harmonizar esta explicação com a de Eguílaz (do lat. *rubricu*), fazendo desta a origem daquela. Não tenho dados para apoiar ou condenar esta doutrina.

Arrecada.—Não concordo com a explicação de Dozy.

Arriaz.—A etimologia foi primeiramente apresentada por Dozy: de الرئاس (*ar-riāʒ*), «capulus ensis».

Arrifana.—É na realidade um nome próprio (topónimo). Êste deriva do árabe الريحانة (*ar-rihāna*), *murta*. Cf. David Lopes, *Ár. em Herc.*, p. 37, e *Top. Ár.*, p. 52.

Arrôba.—De الربع, *quatro, um quarto*. Nascentes não transcreveu o ع. O *a* final não teria assim explicação. Devia ser pois: *ar-robaʿa*.

Arrôbe.—Julgo boa a explicação de Nascentes: do ár. الرب (*ar-rub*), *suco, sumo de fruto; xarope*. Cf.: «Buçetas de conservas e jarras de mell e manteiga e *arrobe* e azeite eram alli tamtas estroidas...», Azurara, *Cr. Conq. Ceuta*, p. 235.

Arroz.—A língua portuguesa recebeu esta palavra do árabe الرز (*ar-rūz*).

Arsenal.—Está bem em Nascentes. Faltou só dizer que esta palavra é documentada desde o séc. XVIII (de دار الصنعة, *dār aṣ-ṣināʿa*, casa da indústria).

Arzarnefe, Azarnefe.—A explicação é de Dozy: de الزرنيخ (*ar-zarnīḫ*), do grego ἀρσενικόν (em latim *arsenicum*) (cf. também D. Car. M. de Vasc., in *Rev. Lusit.*, XIII, p. 261). Note-se que Cañes já tinha dado aquela origem arábica.

Arzola.—¿Como pode *allauza* explicar aquela palavra? Melhor doutrina é a de Dozy: de ارزلة (*arzula*).

Ascari.—Cf. *Lascarim*.

Assassino.—O têrmo árabe é حشاشي (*ḥaxāxī*); a explicação foi dada por Dozy. Esta palavra não entrou em português directamente; a maioria dos estudiosos tem apresentado o francês. Na minha opinião foi o italiano: não só nessa língua a palavra divulgou-se cedo (com as Cruzadas e mais tarde com o *Livro de Marco Polo*), mas também porque o sufixo *-ino* tem tôda a aparência italiana. Note-se ainda que a palavra francesa (*assassin*) é explicada como de origem italiana (Brunot, *Hist. da lang. franç.*, II, p. 208). A doutrina de Nascentes não é, portanto, boa neste ponto.

Quem quiser conhecer de perto a história do velho da montanha leia, entre outras, as seguintes obras: Yule, *Travels*, vol. I, pp. 65–66, em comentário ao cap. VI do *Livro de Marco Polo*; *Livro de Marco Polo*, cap. XXVIII da trad. port. de Valentim Fernandes, e ainda o *Cathay*, do já citado Yule (vol. IV, p. 329), no cap. XLVII e também na p. 365.

Segundo Ibn-Caldune (*Prolegom.*, I, p. 142) na sua época os Ismaelitas Assassinos eram conhecidos pelo nome de فدوي (*fadawī*), dedicado, confidente.

Em cat. ant. havia *axixé*, mas no mod. é *assessí* (Moll, 1737).

Atá.—Falta no *Dicionário*. Do ár. حتّى (*ḥattā*), *até*. É um arcaísmo. Por dissimilação do ت duplo foi desta palavra que nasceu a preposição esp. *hasta*.

Atabal.—Esta palavra não pode derivar-se evidentemente de *aṭṭabl* (الطّبل) como quere Nascentes. Seria impossível. Deve ser de الطّبّال (*aṭ-ṭabbāl*), que significa *aquele que toca tambor*. Houve uma confusão entre as duas palavras. A prosódia justifica-a.

Atabaque.—Nascentes esquece freqüentemente a boa doutrina de Dozy. Se nesta palavra, em vez de se guiar por Eguílaz, fôsse consultar o *Glossaire* teria uma melhor explicação: de الطّبق (*aṭ-ṭabaq*), *prato*. É estranho que Dalgado, embora dubitativamente, aceitasse a hipótese do persa.

Atafera.—Foi Dozy quem derivou esta palavra de الصّفيرة (*aṣ-ṣafīra*).

Atafona.—A forma ár. é الطّاحونة, a transcrição deve ser *aṭ-ṭāḥūna*.

Atalaia.—Mal transcrito em Nascentes: como é الطّلائع, deve ser *aṭ-ṭalā'i'a*. É o pl. de طليعة (*ṭalī'a*), lugar alto donde se vigia; sentinela.

Atambor.—Cf. *Tambor*.

Atauxia.—Falta no *Dicionário*. De التّوشية (*at-tauxīa*), infinito da 2.ª forma do verbo وشى (*uxā*), *embelezar*. Na Península esta palavra devia ter tido um sentido mais limitado (Dozy).

Atriaga.—Q. v. *Triaga*.

Atum.—Em árabe há duas formas: التّن (*at-tun*) e الطّنّ (*aṭ-ṭunn*).

Avania.—Tenho a impressão de que o étimo imediato desta palavra está no grego ἀξανία, calúnia.

Avaria.—A explicação é de Dozy (de عوار (*awār*) e suf. *-ia* para o italiano e daí é que passou para o português). Devic aceitou esta explicação.

Avelório.—Deve-se a Engelmann a explicação de البلّور (*al-ballūr*), *cristal*. A explicação de Eguílaz parece-me melhor (de بلّورى, *ballūri, cristalino*).

Axorca.—O ár. السّركة (*ax-xorka*) pode-se traduzir muito simplesmente por *pulseira*. Também aparece a forma *xorca*: «... vestiduras compridas de citim branco, & *xorcas* douro nos peis...», F. M. Pinto, *Peregr.*, cap. CLXVII.

Azáfama.—A palavra الزّحمة (*az-zahma*) significa *pressa, multidão, barafunda, balbúrdia*.

Azambujo.—Na realidade a palavra não é árabe, mas berbere; mas isso não quere dizer que a portuguesa se derive desta, que é ثرنّوجث (*tharbūjath*). Dozy deu esta palavra, que Nascentes traz mal transcrita, porque se baseou em Lokotsch. Em árabe é الزّنبوج (*az-zunbūj*) e significa *oliveira brava*. Engelmann diz que não encontrou esta palavra nos léxicos, mas que ela representa a transcrição duma achada num glossário latino-árabe. Ben-Cedira trá-la. Deve tratar-se duma palavra ocidental. O esp. tem *acebache*.

Azaqui.—Nascentes dá como étimo desta palavra o «ár. *azzakīt*». Não indica o autor em que se baseou, nem a tradução do vocábulo.

Êsse étimo não está certo. A palavra donde deriva a nossa é vulgar ainda hoje na língua arábica: é الزّكاة (*az-zakā*) e significa *dízimo de esmola; esmola legal; imposto sôbre o gado*. Êste dízimo é a contribuïção que todo o muçulmano deve pagar. Vem preceituado no *Alcorão* (II, 211, 255 e 269 a 275). Consiste em contribuir com $^1/_{10}$ dos frutos, gados, mercadorias, metais preciosos, bens móveis para a comunidade. Passou para a nossa legislação medieval e aí designava o tributo do décimo dos frutos da terra que o mouro sob a alçada de el-rei de Portugal pagava à fazenda pública. Os mouros forros pagavam a décima do gado: era a *alfitra*. Cf. «E que dedes a mim Altítre, e *azaquí*, e a dizima de todo vosso trabalho», *Leges*, p. 396.

Azaria.—Antes de Eguílaz já Dozy tinha proposto السّرية (*aç-çarīa*).

Azarnefe.—Q. v. *Arzarnefe*.

Azarola.—É preferível o nome de unidade: الزّعرورة (*az-za'arūra*).

Azebibe.—Cf. *Acepipe*.

Azêbre.—Nascentes explicou bem: de الصّبر (*aç-çabir*), *aloés*. A transcrição é que não me parece boa: *assibar*. Excluindo o já conhecido caso dos *ss* por *çç*, parece-me que a distribuïção vocálica está ao contrário. Pelo menos todos os dicionaristas que consultei assim o dizem. Transcrevamos alguns:

Kazimirski: «صَبِر. 1. Sue de toute plante amère. 2. Myrrhe. *On écrit quelquefois* صُبّر. *Les poètes se servent souvent d'un jeu de mots tiré de la double signification de* صبر patience *et* amertume».

Belot: «صَبِر. Sue de toute plante amère. Myrrhe. Amertume».

Ben-Cedira: «صَبِر, صَبَّارة, aloés, myrrhe».

Freytag: «صَبِر ... Succus plantae amarae».

Engelmann dera الصّبار (*aç-çabār*), que não explica a palavra portuguesa. A prosódia opõe-se e as variantes da sílaba final nas variantes portuguesas ainda mais: *azevar, azever, azevre, azêbre*, etc.

Diz Nascentes que «o *z* é irregular». Note estes casos: *azenha* (q. v.), *azeviche* (q. v.), *azimute* (de السّموت, *aç-çimūt*, pl. de سمت, *çamt*), etc., no que diz respeito a palavras de origem arábica; e *azêdo, azinheiro, azeo* (< *acinu*), de origem latina.

Azemel.—1.—الزّمّال (*az-zammāl*). É do mesmo radical que *azêmola*.

2.—Na acepção de *comitiva dum chefe* de الزّملة, *az-zemala*; o fr. usa *smala*.

3.—Acrescente-se esta acepção, que falta no *Dicionário*: «pessoa débil, peléma» (Trás-os-Montes), segundo M. L. Wagner (*Alguns Arabismos*, 451).

De الزّمل (*az-zamal*), «faible, impuisant», segundo o mesmo estudioso.

Azenha.—السّانية (*aç-çānia*) significa *nora, roda de irrigação* e ainda, segundo Belot, o *animal que a faz mover*, mas nunca *balde de tirar água*. A raiz é سنا (*çanā*), *regar*. No português arcaico a forma ordinária era *acenha* e nos documentos em latim bárbaro *acenia*.

Azeviche.—Foi Engelmann quem derivou esta palavra de السّبج (*aç-çabaj*).

Segundo um passo do *Mostaʿini* (ms. de Nápoles) citado por Dozy, na Península pronunciava-se الزّبج (*az-zebij*).

Aziago.—Fokker (*ZrPh*, 560) pregunta se esta palavra não é tirada «de l'arab *açqiyā*, le pluriel de *çaqī*, malheureux, fatal, avec métathèse (*açyiāq* pour *açqiyā*)». Não conheço em árabe uma palavra semelhante a *çaqi* com aquele sentido. *Desgraçado* é شقّى (*xaqī*). A doutrina é péssima. Está bem em Nascentes: de *aegyptiāeu* (*dies*), dia de infelicidade.

Azimute.—Bem explicado (de السّموت, *aç-çimūt*, pl. de سمت). Para o *z* irregular q. v. *azêbre*.

Azinhaga.—A forma que dá Nascentes (*azzanaqa*) é oriental (الزّنقة). A ocidental é الزّنيقة (*az-zunaiqa*). O *a* do artigo vem acentuado indevidamente, mas isso deve ser devido a uma *gralha*.

Azinhavre.—Foi Dozy quem derivou esta palavra de الزّنجار (*az-zanjār*). Não aceito essa explicação por dificuldades fonéticas fàcilmente compreensíveis.

Azofra.—Falta no *Dicionário*. No port. arc. ocorria *çofra*: «... se o cavallo trabalha na gram quentura quebra lhy a *çofra* e desseca ataa que morre», Mest. Giraldo, *Alveitaria*, cap. XVII. Significa a «capacidade de trabalhar; ardor no trabalho». Do ár. السّخرة (*aç-çohra*), trabalho; obrigação, faxina, tarefa. Explicação de Dozy.

Azougue.—*Azzauca* daria *azouga*; deve ser de الزّاواق (*az-zāuāq*), que é a verdadeira forma árabe. Nascentes seguiu integralmente (embora não o diga) a doutrina de Lokotsch, art. 2298.

Azul.—Não sei como Nascentes admitiu que esta palavra pudesse derivar do persa; ela já existia no port. arc., como se mostra no *Dicionário;* nesse período da nossa língua julgo que as relações de Portugal com os persas eram nulas. A palavra é antiga na Europa; o latim medieval conhecia já o *azzurum*. A forma portuguesa, na minha opinião, entrou pelo provençal (*azur*)[1]; êste recebeu-a ou do árabe-persa لازورد (*lāzūrd*), *lápis-lazúli,* ou do italiano, que a receberia daquela. Cf. Melander, 91. Engelmann quis derivar o português directamente daquela forma árabe-persa.

Azulejo.—Simonet (*Gloss.*) traz uma forma زلّيج (*zallaiju*) com o mesmo sentido; no Dicionário de Ben-Cedira vem زليج (*zulaiju*), que significa «carreame de faïence»; qualquer destas palavra com o artigo (الزليج, *az-zulaiju*) explica perfeitamente, segundo eu penso, a palavra portuguesa.

Azurracha.—Partindo do princípio de que a etimologia desta palavra estivesse na realidade numa raiz زلج (*zalaj*), não seria الزلاج (*az-zulāj*) que a explicaria, mas o seu nome de unidade: الزلاجة (*az-zulāja*). Deve-se a Dozy a explicação que o *Dicionário* traz.

B

Babucha.—Esta palavra não se pode evidentemente derivar do persa; nesta língua é پاپوش (*pāpūx*). A doutrina, embora não o diga, é de Dalgado (*Gloss.*, s. v. *papuses*). Se tivéssemos recebido esta palavra do persa só poderia ter sido, pelo menos, na época do primeiro contacto com êsse povo: no século XVI, e, nesse caso, os *pás* mantinham-se sob a forma de *p*. Além disso o ش daria *x* e não *ch*, que só pode vir de ج. Por isso a melhor explicação é que o étimo port. e esp. (onde é *babucha* também) está no árabe بابوجة (*bābūja*), nome de unidade de بابوج (*bābūj*). Cf. o it. *babbuccia.*

Lokotsch (1625) viu bem o problema.

Babuino.—A explicação de Lokotsch não me parece aceitável.

Badana.—Antes de Lokotsch já Engelmann explicara esta palavra por بطانة (*biṭāna*), *boldres*. Houve portanto assimilação de *i—a* > *a—a* e abrandamento do ط.

Bafari.—Foi Engelmann quem derivou esta palavra de بحرىّ (*baḥrī*), *marítimo*, porque «suivant Tamarid ce faucon aurait reçu ce nom, parce qu'il est un *halcon que passa la mar*». Dozy apoia esta doutrina e cita em abonação êste passo de Cobarrubias: «El padre Guadix dizer, valer tanto, como ultra marino; porque los primeros que vinieron á España se trouxeron de las islas Setentrionales, navegando con ellos por mares tan remotos».

---

[1] Na língua arcaica havia *azur:* «todo o campo era cuberto por çima de hũu muy rico pano de sirgo de hũua collor de muy fino *azur* com estrellas d'ouro...», *Crestomatia,* p. 136.

Evangelista (q. v. bibliografia final) faz estas curiosas considerações: «... estos (tagarotes) son unos falcones ochavados como huevo y quieren paresçer alos *baharies*...», p. 229, e sobretudo: «*Baharies* es nonbre viscayano y Segund Turan poco con el onbre presumese que vienen aprender la lengua como los muchachos...», p. 230.

A palavra ainda se usa hoje na Argélia com êste sentido. Cf., a propósito do *bafari*, Diogo Fernandes Ferreira, *Arte da Caça de Altanaria*, cap. II.

Bagaxa.—O étimo de Lokotsch não serve.

Balache.—É necessário saber-se a antiguidade desta palavra em português. Se entrou no século XVI, não vejo dificuldade em se admitir como étimo a forma árabe-persa بلخش (*balaḫx*), *rubi*, segundo a explicação de Dozy (s. v. *balare*) e depois aproveitada por Devic. Se entrou antes, surge-nos a dificuldade da transformação do ش em *ch*, a não ser que se ligasse à raiz بلج (*balaja*), *brilhar*.

O nome da região persa é بلخشان (*balaḫxān*). O it. tem *balascio*, o fr. e prov. *balais* e o esp. *balaj* e *balax*.

Balanquim, Baldaquim, Baldaquino, Baldoquim.—A primeira forma é citada por Nascentes no seu devido lugar, mas tenho dúvidas sôbre a sua legitimidade portuguesa. A terceira falta no *Dicionário*. O nome árabe de *Bagdad* é بغداد (*Bagdād*). Na Idade Média escrevia-se *Baldac*[1] e *Baudas* (Dozy e Yule, *Travels*, I, 65). Qualquer daquelas palavras deriva-se do relativo de *Baldac* (*Baldaqui*) e não de um possessivo, como se diz no *Dicionário*, s. v. *Balanquimm* (*sic*). A palavra devia ter entrado na realidade através do italiano (Cf. Yule, op. e loc. citt.). O fr. tem *baldachin* (cf. Brunot, *Hist.*, II, p. 209).

Baldoquim é a forma do *Livro de Montaria*: «... ca trazer homem quando fosse ao monte por tempo de agua hũa gona muy longa de *baldoquim*...», p. 17.

Balde, Baldio, Baldo.—A doutrina é de Dozy. M. L. Wagner aceitou-a (*Alguns Arabismos*, p. 440, nota), (de بطيل, *baṭīl*). Vem bem, portanto, em Nascentes.

Baldio.—É na realidade de *baldo* e do sufixo românico *-io*. M. L. Wagner também aceitou essa doutrina (*Alguns Arabismos*, p. 440, nota); apenas acrescenta: «parece que já em árabe *bâtil* se aplica ao terreno estéril e sem cultura».

Bambu.—Note-se que, segundo Devic, em malaio há بمبو (*bambū*). Esta observação não quere dizer desprêzo pela forma marata dada por Nascentes baseado em Dalgado.

Bandar.—Cf. *Bandel*.

Bandel.—Falta no *Dicionário*. Trata-se duma palavra freqüente nos nossos escritores quinhentistas que trataram das cousas orientais. Teneiro deu-nos o seu significado: «... desembarcámos em hum lugar de casas palhoças, que se chama o *Bandel*, que em nossa língua quer dizer porto...», *Itin.*, p. 8. De بندر (*bandar*), *cidade marítima, cidade de comércio, pôrto*. Esta palavra é árabe-persa.

---

[1] *Baldach* é a forma usada na trad. feita por Valentim Fernandes do *Livro de Marco Polo*, cap. XVI do Liv. 1.º

Não se deve confundir com uma palavra industânica idêntica que significa *macaco*.

Dalgado deriva do persa. Em indo-inglês há a forma *bander*, que pode corresponder ao port. quinhentista *bandar*, mais próximo do étimo. Cf. Barros, IV, pp. 2 e 48.

Cf. ainda o importante trabalho de Gabriel Ferrand, «L'Élément Persan dans les Textes Nautiques Arabes», no *Journal Asiatique*, 1924, p. 239.

Bangue. — Inclino-me mais para o persa-indust. بنگ (*bang*), étimo do árabe بنج (*banj*). Esta, portanto, não podia ser a origem, como pretendeu Lokotsch.

Baque. — O étimo de Sousa não pode ser levado em conta (de وقع, *uaqa'a*, *queda*). Se aceitássemos êste, muitos outros devíamos aceitar que estão nas mesmas circunstâncias fonéticas de *baque*. (Cf. por exemplo *banco* de ونک, *uanku*). Não sei explicar êste vocábulo.

Bar. — Falta no *Dicionário*. É uma palavra vulgarissima nos nossos quinhentistas. Dalgado estudou-a com profundidade no seu *Glossário Luso-Asiático*. Designava um pêso usado na costa oriental de África e na Ásia. Dalgado (obra citada) dá muita exemplificação.

Aparece com as grafias *bahar* e *bar*: «... que o Achem desse logo ao Bata cinco *bares* de ouro, que fazem na nossa moeda duzentos mil cruzados...», M. Pinto, *Peregrinação*, I, cap. XIII; «... acabãdo de embarcar hũs cem *bares* de estanho...», idem, *ibidem*, I, cap. XVIII. «... não poderia auer mais que trezẽtos *bahares*...», Castanheda, *História*, I, cap. LX; «... nunca os nossos poderão auer mais de mil & duzẽtos quintais de pimenta dos quatro mil *bahares* q̃ os mercadores tinhão prometido», idem, *ibidem*, I, cap. LXI. O *bar* tinha a função de pesar outras cousas (por muito estranho que pareça) além de metais e especiarias. Prova-o êste passo: «A 30 de abril de 547, a Afonso de Rojas, para poder carregar na náo d'El-Rei que vae a Malaca pela via de Paleacate, vinte *bares* de roupas e fazendas», no «Livro das mercês que fez (D. João de Castro) aos homens que serviram el-rei N. S. no cerco de Dio», publicado por A. Baião na *História Quinhentista* (inédita) *do Segundo Cêrco de Dio*, pp. 296–383. O passo vem na p. 319.

Para se ter uma idéia da equivalência do *bar* e ao mesmo tempo para mostrar que a palavra foi conhecida de escritores estrangeiros cito estes passos: «... y la (canfora) de la China se vende por *Bares* (que tiene el *Bar* a cerca de seyscientas libras)», Cristóvão da Costa, *Tratado*, p. 250; «I quali *Bar*, si grandi, come piccoli sono frassole 20, & ogni frassola è man (*mão*) dicce, che sariano mani 200 il *Bar*... Ui sono *Buri* di molti pesi e con molta differença», G. Balbi, *Viaggio*, fl. 51. Para conhecer essas diferenças ver os *Documentos remetidos da Índia* pelo índice sistemático e o *Hobson-Jobson*, s. v.

Do ár. بهار (*bahār*), um pêso. Esta palavra também pode significar *pimenta*, *especiaria*.

Baraço. — A forma ár. é مرس (*maraç*). Nascentes não transcreveu bem portanto. O *m* passou a *b* como no top. *Muçàmedes* (de *Abu Zámates*). Cf. *Rev. Lusit.*, XXIV, p. 207, n. 1 (*Top. Port.*, do Dr. Joaquim da Silveira).

Barbacã. — A palavra já existia em português antes das relações directas com a Pérsia; por isso necessário se torna outra explicação. Não sei qual seja. Embora também não a aceite, cito ainda a de Devic: de بربخ (*barbaḫ*).

Bardacha.—Falta no *Dicionário*. De بردجة (*bardaja*), nome de unidade de برديج (*bardaj*), *sodomia*. A origem da palavra árabe deve estar no persa بردة (*bardaḫ*). Cf. o it. *bardascia*, fr. *bardache*, esp. *bardaja* e *bardaje*.

Baril.—Falta no *Dicionário*. De بارع (*bāraʿ*), *excelente, distinto* (Dozy).

Barraca.—Segundo Pentti Aalto («Contribution à l'étymologie de «baraque» em *Neuphilologische Mitteilungen*, vol. 39) *barraca* é uma palavra de origem oriental, mas não árabe, que entrou muito cedo nas línguas peninsulares. De origem talvez babilónica, trazida não se sabe por quem (Cartagineses? Fenícios?). O A. cita na p. 385 dois passos interessantes; um de Dan, *Histoire de Barbarie* (1637) e outro de uma *Voyage dans les États barbaresques* (1785), onde se mostra que os árabes conheciam a palavra. Designava cada uma das tendas do aduar.

Ben-Cedira (*Dict. Franç.-Ar.*, s. v. *baraque*) dá uma forma براكة (*barrāka*). É possível que seja a forma europeia, mas também não é impossível que ela sirva para fazer alguma luz neste problema tam intrincado. O pl. da palavra arábica é fracto (براريك, *barārik*), o que a faz supor antiga.

Barrão.—Em Santarém chama-se assim ao homem dos arredores. É o ár. برّاني (*barrānī*), de fora de terra, estrangeiro. Cf. *albarrã*.

Barregã.—Foi Engelmann quem derivou esta palavra de بركان (*barakān*). Se estiver aqui a explicação seria preferível بركانة (*barakāna*).

Barroca.—As hipóteses arábicas apresentadas no *Dicionário* para explicar esta palavra não me parecem dignas de crédito.

Barroco.—As hipóteses arábicas apresentadas no *Dicionário* para explicar esta palavra não me parecem dignas de crédito.

Baxá.—Em persa não existe nenhuma palavra semelhante a *paxá*. O que há é پادشاه (*padxāḫ*), *senhor rei*, da expressão پادشاه (*pād xāḫ*); (q. v. *Paxá*). Em árabe é باشا (*bāxā*), forma que também é turca. A doutrina é de Dalgado (*Gloss.*, s. v.).

Baxá aparece com as grafias *baxaa, baixa* e *baxá*. Passos esclarecedores de sentido: «He senhoreado polo grão turco, onde tem hum *Baxaa* por governador della...», Teureiro, *Itinerário*, p. 57; «... e por algũs foy dito ao *Baixa* governador da cidade...», idem, *ibidem*, p. 57; «... nem mercador sair pera fora sem hum sinal, ou sello do Governador e *Baxaa* della...», idem, *ibidem*, p. 59; *Baxá* é vulgar nos nomes de certas entidades orientais: «... de que era Capitão mor Soleymão *Baxà* Visorrey do Cayro...», M. Pinto, *Peregrinação*, I, cap. VII. Em Barros há ainda *baxiá* (IV, 2, pp. 602, 718, 719, etc.).

A forma pérsica entrou por outro lado directamente no português. Cf. *paxá*.

Bazar (1).—Não há dúvida que esta palavra era conhecida em Portugal no séc. XVI:

«... abastada de todas fruitas mantimentos e cousas necessarias, com dous *baazares* grandes homde se vemde cru, e cozinhado...», Mestre Afonso, *Itinerário*, pp. 162–163. Cf. ainda pp. 166, 188, 232 e 251 e para outros autores os citados por Dalgado no *Boletim de Segunda Classe*, IX, p. 778 e sgs.

Lokotsch (287) não tem portanto razão ao dizer que a palavra foi trazida pelos viajantes do séc. XVII; em Portugal já ela era conhecida antes.

Na minha opinião a palavra também nos veio directamente do persa بازار (*bāzār*). Esta palavra estava muito espalhada pelo Oriente: existia na Índia e ainda hoje em turco.

Bazar (2).—Falta no *Dicionário*. Concreção calcárea que serve de antídoto a certas doenças. Cf.: «Junto desta cidade, em hũa serra pequena, se criaõ huns animaes, que saõ tamanhos como corços grandes, que criaõ hũa pedra no bucho, a que chamaõ *bazar*, que val entre elles muito, e he muito estimada, por ter virtude contra a peçonha: cria-se esta pedra naquelles animaes por virtude de hũa herva que cómem, que se não acha nas outras partes. A pedra he de côr verde escura, e taõ grossa, e comprida, como o dedo minimo de hum homem, e eu vi a sua experiencia», Teureiro, *Itinerário*, p. 11.

O nome do animal era *bugoldaf*: «... hũa pedra tamanha como hũa auellaã, muyto proueitosa côtra a peçonha que acha na cabeça de hũa alimaria a que na India chamão *bugoldaf*», Castanheda, *Hist.*, I, cap. 46.

«The word is a corruption of the P. (persian) name of the thing, *padzahr*, «pellens venenum», or *pazahr*... No doubt the term came to us, with so many others, from Arab medical writers, so much studied in the Middle Ages, and this accounts for the *b*, as Arabic has no *p*, and writers *bazahr*», *Hobson-Jobson*, s. v. *Bezoar*. Alguns dicionaristas mencionam esta palavra como portuguesa, entre êles o próprio Nascentes.

Bedém.—Bem em Nascentes. (Do ár. بدن, *beden*).

Beduíno.—بدوىّ (*baduīī*) não é um adjectivo possessivo. É um êrro de gramática árabe em que Nascentes já caíu s. v. *Balanquim*. Os adj. poss. formam-se com o sufixo ى; os nomes de relação, como é êste caso, com ىّ, o que é diferente. Se fôsse um adj. poss. era بدوى (*badū*), e significava *o meu deserto*, e بدوّى (*badūī*) é *o que habita o deserto* (بدو, *badua*).

Beliz.—A forma árabe إبليس (*iblīç*), *demónio*, tem como correspondente vulgar بليس (*belīç*) (Dozy). A palavra portuguesa aparece neste passo da *Eufrosina*: «... dame tantas cousas para comer; discreta como *beliz*, e lee e escreve quanto quer», p. 78.

Benjoim.—A explicação é de Dozy, baseado na obra *Beschrijving van Groot Java* (p. 67), de Valentijn (de لبان جاوىّ, *lubān jāuī, resina javanesa*), mas, segundo Devic, «par *javanais*; il faut entendre *de Sumatra*, car les Arabes appelaient cette grande île Java. C'est de Sumatra que nous vient le benjoim le plus estimé».

Bezoar.—Q. v. *Bazar*[2].

Bisnaga.—Na realidade a origem está no latim *pastinaca*; entrou pelo árabe vulgar بشناقة (*bixnāqa*), mas note-se que a forma clássica não é *bastinaj*, mas بشتناقة (*bixtināqa*) (Dozy; Simonet, *Gloss.*, p. 430).

A evolução fonética do vocábulo latino para o árabe parece-me que se fez de maneira muito mais simples: o *a* da sílaba inicial passou a *i* na palavra arábica porque era pretónica. É um fenómeno vulgarissimo da fonética do ár. vulgar. Cf. por exemplo: كبير (*kabīr*), *grande*, no vulgar é *khir* e no port. é *Quebír, Quibir* (Alcacer Quibir). Esta ausência vocálica é reproduzida por *i* ou *e* na forma romance.

A palavra é hispânica. O *c* latino manteve-se em árabe, como se viu. O ق, seu representante, é que se abrandou ao entrar no port., como em *açougue*, de السّوق (*aç-çūq*).

Bolota.—Explicação de Engelmann (de بلوطة, *bolūṭa*).

Bórax.—Doutrina de Engelmann (de بورق, *būraq*, do persa).

Bugia, Bugio.—Deverá ser de بجايّة (*bajāīa*), nome relativo da cidade donde se expertavam as velas, tal como possivelmente os macacos (Dozy). A segunda palavra é masculina em português, julgo que por causa do género do nome do animal.

C

Cabaia.—De كبايّة (*kabāīa*), por قبايّة (*qabāīa*), decerto com base no árabe-persa قبا (*cabā*), *fato de homem com mangas* (Dozy). Foram os portugueses que introduziram esta palavra no Oriente. É vulgaríssima em holandês por causa do seu largo uso em Java. Cf. *Hobson-Jobson*, s. v. *Cabaya*.

Cabide.—Gonçalves Viana previu bem: segundo explicação verbal do Dr. David Lopes a base dêste vocábulo deve estar realmente no radical قبض (*qabaḍa*), *agarrar*, mas na forma قباض (*qibāḍ*), plural do masdar قبضة (*qabḍa*), *pega*.

Cabila, Cabilda.—قبيلة (*qabīla*) significa *tribu* (dos povos nómadas), melhor: *geração*. Há uma variante: *cabilda*. Cf.: «Mandou Nuno Fernandes a Lobo Barriga, que fosse as Azemel de Abia, onde os Capitães das *Cabildas*, e Aduares tinhão as suas tendas», Góis, *Cr. D. Manuel*, III, cap. XXXII. «Amtre estes homens, ha gerassõeys a que eles chamão *cabildas*, e antre elas humas mais antigas e nobres que outras», Castries, p. 20. Em provençal havia *alcavi*, cf.: «Totz los *Alcavis* a mandatz / Mas mutz, Maurz Gotz e Barbaris», Raynouard, *Choix*, IV, 85, citado por Dozy, s. v. *Algoz*. Cf. Gonç. Viana, *Palestras*, pp. 84–85. Na *Crónica de D. Pedro de Meneses*, de Azurara, vem a palavra com artigo: «Eu, disse o Mouro, saõ da *Alcabila* de Beneçaide, o qual contende com a *Alcabila* de Beneigem por causa de huma moça...», p. 335[1].

Caçarete.—Não me parece viável o étimo arábico apresentado para esta palavra.

Cachopo.—O professor Wagner (*Alguns Arabismos*, p. 444) dá حشف (*haxef*), pl. de حشفة (*haxafa*), *escolho*. Não posso aceitar esta explicação. O A. diz que o ح «dá regularmente *k* (*c*) em hispano-românico». Não conheço nenhum outro exemplo. O A. também não os dá. Julgo que confundiu com o خ; mesmo com êste fonema essa passagem começou a observar-se tarde. Cf. *Califa*. A passagem de ش a *ch* (grupo ordinàriamente oriundo de ج) é outra dificuldade.

Cacim, Camcim.—De خمسين (*ḫamsīn*), *cinqüenta*, porque êste vento (no Egipto) sopra durante aquele número de dias.

Caciz.—Cf. *Açafate*. De قسيس (*qaçīç*), *sacerdote cristão*, mas, apesar desta significação, no séc. XVI designava qualquer sacerdote oriental; cf.: «... & assi

[1] No vol. II dos *Inéditos*.

o jurara no livro das flores, que em quanto vivesse seria inimicissimo da nação Portuguesa, & de todo o mais genero de homem que professasse a ley Christam, o que el Rey & o *cacis* Moulana lhe louvaraõ muyto...», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, I, pp. 94-95; «... e o sobrepujárão, vindo alguns *cacizes* de sua seta a falar-lhe», B. Rodrigues, *Anais*, I, 380; «E o rey de Palimbão, que sempre foi amigo d'aquella fortaleza (Malaca) tinha tambem mandando (*sic*) sua embaixada; e hum grande de seu reino aparentado com muitos reys d'aquelle archipelago (Sunda) que he como bispo entre os seus *cacizes*...», *Documentos remettidos da India*, I, 415 (datado de 24 de Dezembro de 1610)[1].

Cadi.—Deriva na verdade de قاضي (*qāḍī*), mas não directamente; esta palavra entrou pelo francês: a forma vernácula é *alcalde* (q. v.).

Cadimo.—A forma ár. é قديم (*qadīm*).

Cafarro.—Palavra rara. Passos abonatórios: «... por nos dizerem os almocreves, q̃ haviamos de passar por hum lugar, aonde se pagava *cafarro*, q̃ he hũ direyto como portagem em Portugal, & alcavalla em Castella...», P. Aveiro, *Itinerário*, cap. LXXX; «... sahiraõ quatro, ou cinco homẽs com armas, & cõ elles hũ turco muy apessoado, & nos pedirraõ *cafarro*, o qual naquelle lugar he o mayor q̃ se paga na Terra Santa, em especial os que vaõ em romaria a Jerusalem, q̃ os de volta pagaõ menos... & muyto encommendades ao sobrinho do Baxà de Damasco, por tanto não devíamos *cafarro*», idem, *ibidem*, cap. LXXX; «passado aquelle tão aspero encõtro, ficando os *caferreiros* feridos, & sem *cafarro*, q̃ cuydo ser a cousa que mais os magoou...», idem, *ibidem*, cap. LXXX. Cf. Dalgado, *Gloss.*, s. v. *Gafar*.

Do ár. خفار (*ḫafār*), protecção[2].

Café.—Não conheço a significação de *vinho* para قهوة (*qahwa*). Não é impossível que a palavra tenha entrado no português pelo italiano, e neste pelo turco; na realidade ela tem o aspecto de oriental. O Prof. David Lopes (*Alguns Vocábulos*, p. 6) julga-a entrada pelo francês, mas, segundo Melander, a palavra aí data do séc. XVII e eu julgo-a (embora não possua ainda dados concretos) anterior a essa época em português.

Cáfila.—قافلة (*qāfila*) é *caravana*.

Cafiz.—A forma ár. é قفيز (*qafīz*). Designa uma medida para cousas sêcas. O *cafiz* era inferior à *fanga* (q. v.): «... deixardes a cassa cõ sementeyra feyta assy cõmẽ a saber de tres *caffizes* e V. ffanegas de çenteo e dous *caffizes* hũa ffanega de tres *caffizes* e V. ffanegas de çenteo e dous *caffizes*

---

[1] HERCULANO na *Perda de Arzila* empregou o vocábulo no sentido de sacerdote muçulmano: «... contra o qual na mesquita de Fês / A gazúa prégava o *caciz*», p. 141.

A palavra parece que também foi usada em Portugal como apelido, ou, pelo menos, como alcunha: «*Cacis* era hũ alfayate / que moraua ali aa see», GIL VICENTE, *Romagem*, fl. 184 v. A edição das *Obras* de 1852 traz *Assis*.

[2] Cf. ainda: «Os árabes maquílios impuseram êste tributo nos territórios abandonados pelos Zogba; consistia no pagamento de cem jovens fêmeas de camelos escolhidas por êles próprios», IBEN-CALDUNE, *História dos Berberes* (trad. de Slane), I, p. 87.

hũa ffanega de trigo...», «Docum., de S.ta Maria de Aguiar», *Rev. Lusit.*, XIII, p. 14.

Cafre.—A explicação é de Engelmann (de كافر, *kāfir*).

Çaga.—V. *Saga.*

Caimacão.—A explicação é de Dozy (de قائم مقام, *qāim maqām, que está num lugar, tenente*).

Calaim.—A forma ár. dada por Lokotsch não vem bem transcrita no *Dicionário*. O que aquele traz é *kal'a* (= قلع). Esta forma porém não explica a portuguesa. É boa neste ponto a doutrina de Dalgado: a palavra malaia deriva do ár. قلعي (*qala'ī*), estanho do Oriente.

Calibre.—A etimologia julgo-a em قالب (*qālib*), mas a evolução não se fez directamente, mas pelo italiano *calibro* (Cf. Melander, 92). A palavra árabe foi proposta por Engelmann, mas Dozy não a aceitou por causa do acento e significado, que afinal não se opõe; significa «la moule dans lequel on verse l'airain fondu, une forme, un corps moulé d'après une certaine forme».

Califa.—Em árabe é خليفة (*hālīfa*), *sucessor* (do profeta). O خ no período arcaico da língua dava *f*, mas esta palavra é documentada tardiamente; o خ em palavras modernas dá *c* (= *k*), mas como na *Canção de Roldão* nos aparece a forma *algalife*[1] e na *Naiss. du cheval au cygne* (séc. XII) vem *calife*, penso numa intervenção francesa. A passagem de خ a *c* (= *k*) só se generalizou no século XVI.

Camsim.—Q. v. *Cacim.*

Cão.—Além das significações de *branco* e do tam conhecido animal esta palavra tem ainda outra: o de *chefe, principe, general oriental*. De خان (*hān*), com origem no persa, que por sua vez a recebeu dos mongóis. Cf.: «Ho gram eã tãbẽ mãdou...», G. Resende, *Miscelânea*, est. 10 da ed. Mendes dos Remédios; «... e porque *ham*, ácerca dos Mogores ou Tartaros, quer dizer rey, tambem chamão aos que querem *ham*, e nós cornutamente lhe chamamos *cam*, e por ventura milhor», Orta, *Colóquios*, I, p. 123. Acêrca da equivalência nobiliárquica cf.: «Hũa moura vimos filha de hum *can*, que é duque...», na *Relação das Cousas da Cristandade*, p. XVII; «Chegando ao campo do Xá achamos Alexẽ *Cãn*, duque de Gorgi...», p. XXX.

Por influência geralmente francesa há quem escreva *khan*. Nos escritores do Oriente aparecem muitos orientais cujos nomes terminam com esta forma: *Rumecão* (Cast. VIII, p. 226), *Jusarcão* (*Dio*, 27), *Idalcão*, etc.

Caramelo.—A etimologia de Sousa nem merece esta linha de comentários.

Carava.—O ár. قرابة (*qarāba*) pode-se traduzir por *parentesco, consangüinidade.*

Caravana.—É sem a mínima sombra de dúvida de origem árabe: de قيروان (*qairuān*). Talvez melhor قيروانة (*qairuāna*). Segundo *Hobson-Jobson* a palavra é antiga na Europa.

Caravançará.—Melhor do que *caravansará*. A forma persa é قيروان سرايا (*qairuān çarāī*), *casa da caravana*. «A estas casas chamão em a língua Per-

[1] «Dist l'*algalifes:* Mal nos avez baillit», v. 453; «Dunc li enviei mun uncle l'*algalifes*», v. 493; «Et l'*algalifes* sum uncle et sis fedeik», v. 505; «De l'*algalifes* nel devez pas blasmer», v. 681.

siana *Carvançaras*, que quer dizer, pouzada de cafilas, e estrangeiros. Estas casas costumão fazer mouros honrados por suas almas, como antre nós hospitaes, pera se recolherem nellas os caminhantes, e gentes, que vão em cafilas», Tenr., *Itin.*, p. 8.

Carmesim. — De قرمزى (*qarmezī*), *vermelho*. Cf. *Alquermes*. O it. tem *cremisino*, o fr. *cramoisi* (que já aparece em Rabelais, *Gargantua*, I, cap. VIII) e o esp. *carmesí*.

Carpuz. — Falta no *Dicionário*. Do turco قاربوز (*qārpūz*), melão de água.

Carraca. — Foi Dozy quem apresentou dubitativamente قراقر (*qurāqir*), plural de قرقور (*quraūr*). É uma explicação que julgo difícil. Cf. *Coracora*.

Um passo abonatório: «... Esperarão pela rica Malaca, / Que vem carregada como huma *carraca*...», Barros, *Clarimundo*, III, cap. IV, p. 392 da ed. de 1742.

A propósito de *carraca* cf. o interessante estudo de C. R. Boxer, «On a portuguese Carrack's Bill of Lading in 1625», publicado na *Biblos*, vol. XVI, p. 193.

Carrafo. — Cf. *Sarrafo*.

Catar. — Falta no *Dicionário* como substantivo. Cf.: «Ha nesta terra muitos recoveiros: tem cada hum sete, ou quatorze, ou vinte e hũa mullas; e a cada sete se chama hum *catar*, que quer dizer recova; e dizem, he recoveiro de hum *catar*, ou dous», Tenr., *Itin.*, p. 10. De قطار (*qaṭār*), *fila de camelos*.

Catua. — Cf. *Saga*.

Catual. — O persa é كتوال (*katuāl*) e significa realmente *comandante de fortaleza*.

Ceca-e-Meca. — *Ceca* representa o ár. سكة (*çeka*). Esta palavra designa não só o *troquel*, mas também a própria moeda. Cf. *Cequim*.

Ceiba. — Wagner (*Alguns Arabismos*, 436 e sgs.) deriva do ár. سايبة (*çāiba*), *pôsto em liberdade* (gado) de maneira a poder pastar à vontade. P. H. Ureña (*Rev. Fil. Esp.*, XXII, p. 175) di-la oriunda do taino.

Ceifa. — A forma ár. é صيفة (*çeifa*), que na verdade significa *verão*.

Ceitil. — De سبتى (*çebtī*) na realidade. É o nome relativo de *Ceuta*. O *l* não é devido às causas que Nascentes aponta, mas sim ao facto de o sufixo تى- poder atrair, entre outros fonemas, um *-l*, como em *candil*, *cordonil*, *maravedil*, *saferil*, etc. Na forma feminina usava-se *ceitil*: «... oytocentas e dez e sete dobras maladias. E tres dobras *çeitiis*...», *Doc. rel. a Marrocos*, I, 249 (cf. ainda pp. 452, 475, 476).

Também aparecia a grafia *ceptil*: «... pagaram por cada hum hum *ceptijl*», «Foral Novo da Guarda», no *Arq. Hist. de Port.*, I, p. 99; «E de carga mayor de pescado ou mariseo hum real e cinquo *çeptijs*», idem, *ibidem*, p. 101; «Clerigos solteiros pagarão onze *ceptiis*...», *Elucidário*, s. v. *Clerigos Solteiros*.

Cejana. — Antes de Lokotsch e G. Viana já Dozy tinha apresentado سجن (*çajan*), *prisão*. É preferível o nome de unidade: سجنة (*çajana*).

Cenoura. — É uma palavra de difícil explicação.

Cequim. — O nome da moeda é سكة (*çika*), o derivado سكى (*çikī*). A explicação, que julgo exacta, é a de Dozy. O it. tem *zecchino* e o fr. *sequin*.

Cerome. — A explicação de Engelmann é: de زلحم (*zalham*), baseado no *Dict. des noms des vêtements*, de Dozy.

Chafariz.—A forma árabe é صهريج (*ṣahrīj*), *cisterna* (explicação de Engelmann, corroborada por Dozy). Resta demonstrar como o ص poderia dar origem a *ch*. Não me parece que a palavra seja moderna na língua. Viterbo (s. v. *Custagem*) cita num documento de 1447 onde ela ocorre. O esp. tem *zafareche* e *zafariche*.

Chale.—*Q. v. Xaile.*

Chalupa.—O étimo de Eguílaz é uma fantasia.

Chanca.—Em ár. hispânico havia جنكة (*janka*), que explica perfeitamente esta palavra. Vem em Simonet, *Glossário*, s. v.

Charco.—O *Dicionário da Academia Espanhola* necessita dum severo comentário aos seus arabismos. Quere isto dizer que não merece confiança. A origem arábica desta palavra é uma fantasia.

Cherivia.—O étimo é de Dozy: de كراويا (*karauīa*). Nascentes não transcreveu bem. Eu tenho dúvidas nesta explicação. ¿Como pode um ك dar *ch*?

Cherva.—Como a forma ár. é خروع a transcrição deve ser *ḫerūʿa*.

Chifra.—Não há nenhum fonema arábico que em transcrição corresponda a *ch* em port.; por isso estranho a forma que Nascentes dá como étimo desta palavra: *chafra*. A forma árabe é شفرة, cuja transcrição é *xafra*. Julgo difícil esta etimologia. Na minha opinião a palavra é derivada de *chifre*; o ش não dá *ch*-; êste só pode derivar-se de um ج.

Chita.—M. Dalgado (*Ceilão*, p. 144, s. v.) dá como étimo a forma industânica چهينٹ (*chiḥīnta*). Belot dá um ár. شيت (*xīt*).

Choca.—A forma persa é جوكان (*jūkān*) e não *chogan* portanto. O ج dá regularmente *ch*. *Choca* deve ser um derivado regressivo.

Chué.—No ár. do Andaluz era شوى (*xuī*). Julgo que nesta forma pode estar uma explicação mais aceitável.

Chul.—Falta no *Dicionário*. Segundo Max L. Wagner (*Biblos*, x, p. 447) de سوءات (*ṣuwāt*), pl. de سوءة, «*anus*, evidentemente o plural equivalia ao de *nádegas*. A significação de *anus* só é atestada na Península Ibérica». Por minha parte vejo grandes dificuldades de ordem fonética na evolução daquela palavra árabe para a portuguesa; por isso não aceito esta explicação.

Cide.—Em árabe vulgar é سيد (*ṣīd*). *Seid* (transcrição má) corresponde ao árabe clássico سَيِّد, *ṣaiidu*. Daquele, pois, é que se deve derivar. No Oriente os nossos viajantes ouviam pronunciar a palavra duma maneira semelhante à clássica. Cf.: «He senhoreada (a vila de Racalaem) pelo Sufi, em que estão huns mouros que comem os tributos daquella terra, que se chamaõ *Ceides*, que dizem que saõ parentes de Ale, e de Mafamede», Tenr., *Itin.*, p. 103; «... em que estão gentes, que chamaõ *Ceides*, que entre elles tem por fidalgos, e senhores...», *idem*, p. 104; «Será de dous mil vizinhos mouros mercadores... que já atrás disse que se chamaõ *Ceides*», *idem*, p. 105, mas na *Peregrinação* (I, cap. VIII): «... & que o Capitão della que se chamava *Cide* Ale».

Cifra.—«Do árabe صِفْر» (*ṣifr*); é preferível صفرة (*ṣifra*). A transcrição é com *ç* e não com *s*. Cf. *zero*.

Citara.—Apenas a transcrição me merece reparos: deve ser *ṣitāra* (de ستارة). Significa *cortina*.

Colcotar.—O ár. é قلقطار (*qolqoṭār*), «vitriolum flavum, chalcitis». A forma grega a que esta palavra corresponde é χαλκάνθη ou χαλκανθος (Engelmann).

Coracora.—Não há dúvida que esta palavra representa قرقورة (*qoraqūra*), barco mercante, por vezes enorme (Dozy).

Cúbeba.—Foi Engelmann quem derivou esta palavra de كبابة (*kubāba*), «espèce de poivre». A deslocação do acento é estranha, o que me faz pensar antes em كبسة (*kubaba*).

Curcuma.—É necessário um nome de unidade para melhor explicação desta palavra: كركمة (*kurkuma*).

D

Damasco.—A forma árabe do nome da cidade é دمشق (*damaxq*).

Damasquim.—Deriva do nome relativo do antecedente: دمشقي (*damaxqī*). Cf.: «elle queria comprar em Florença hum dama-quim de brocado branco...», Lopo de Almeida, *Cartas de Itália*, p. 4.

Daroez, Daruez.—Esta palavra é a forma vernácula correspondente ao galicismo *derviche* (q. v.). Cf.: «... o Profeta Noby abastou de deleites aos *daroezes* da casa de Meca...», Fernão M. Pinto, *Peregrinação*, cap. LIX.

Dei.—Na transcrição dada pelo *Dicionário* da forma arábica originária desta palavra está um dos poucuíssimos exemplos da representação de um ع: *dāʿī* (de داعي).

Derviche.—O árabe درويش (*derwīx*) significa *fanático*, membro duma ordem religiosa muçulmana. Esta palavra existe em turco, onde tem a mesma significação. A forma port. entrou pelo francês; a vernácula é *daroez* (q. v.). Na Índia a palavra cedeu o lugar a *faquir* (q. v.).

Diafa, Diefa.—Cf. *Adiafa*.

Djin.—Fartei-me de dar voltas a Lokotsch e não encontrei a mais pequena referência a esta palavra e muito menos no art. 726, indicado por Nascentes.

E

Elche.—O árabe علج (*ʿelj*) significa pròpriamente *escravo branco, cristão. Estrangeiro*. A palavra era conhecida dos escritores que trataram das epopeias de Marrocos e do Oriente.

Elixir.—Boa a doutrina do *Dicionário*. O gr. ξήριον (ou ξηρόν) gerou o ár. الاكسير (*al-akṣīr*) (Engelmann). Apenas uma observação: julgo que esta palavra entrou no português pelo francês, onde é documentável desde o séc. XIII (Dauzat, *Dict. Etym.*, s. v.).

Enxadrista.—É pena que Nascentes não tenha feito um artigo especial para *enxadrez*. *Enxadrez* não existia por *xadrez*, como Nascentes parece acreditar. *Enxadrez* é um divergente da mesma forma que deu *xadrez* (q. v.), mas acompanhada pelo artigo arábigo que evolucionou para *en-*, tal como sucedeu com *enxara, enxecos, enxêrga, enxoval*, etc.

Enxaqueca.—O ár. الشقيقة (*aš-šaqīqa*) tem a mesma significação que a palavra portuguesa.

Enxara.—Foi Dozy quem derivou esta palavra de الشعراء (*ax-xaᶜarā*), *sarça*. Cf. Leite de Vasconcelos, *De Terra em Terra*, II, 182.

Enxecos.—A explicação é de Engelmann: de الشق (*ax-xaq*), *labor, moléstia*.

Enxêrga.—Pode ainda significar a *carne que se vende fora do açougue e a ôlho*. Nesta acepção falta no *Dicionário*, embora fôsse explicada por Dozy: de شرق (*xarq*), *in partes longiones diffissam* (*carnem*), *ut siccaretur, soli exposuit*. Em conseqüência da existência da sílaba *en* na forma portuguesa, é necessário supor-se a forma com artigo e no nome de unidade: الشرقة (*ax-xarqa*).

Enxoval.—Foi Engelmann quem explicou esta palavra de الشوار (*ax-xauār*), que achou em P. Alcalá com a significação de *dote de casamento*.

Enxovia.—A estar esta palavra ligada, como pensou Dozy, com *algibe* (de الجب, *al-jubb*) a grafia devia ser em português *enchovia* (de لجبية, *al-jubbīia*).

Estragão.—O ár. طرخون (*ṭarḫūn*) não pode dar directamente em port. *estragão*. Julgo que esta é devida ao fr. *estragon*. Não sei explicar o grupo inicial *es-*, mas note-se que em prov. havia *estargon*, em al. *esdragon* e em russo, búlgaro, checo e polaco *estragon* (Lokotsch, 2034).

Dauzat (*Dict. Etym.*), s. v. *estragon*, diz esta palavra uma alteração de *targon*, que aparece em Rabelais.

F

Falifa.—Falta no *Dicionário*. De حنيفة (*ḥanīfa*), *manto mouro* (Engelmann). *Falifa* não é, como diz Santa Rosa, uma alteração de *pelica; falifa* era nem mais nem menos do que *a pele de cordeiro:* «piel de corderos que ha nombre *falifa*», *Cortes de León y de Castilla* de Afonso X, I, p. 70. Cf. ainda: «tam gordo que nom pode teer em aquella lide senom huuma *falifa* delgada e huuma vara na mão», *Scriptores*, p. 267.

Faluca.—Note-se que فلوكة (*falūka*) é uma forma vulgar; o clássico é فلك (*fulk*).

Fanga.—Antes de Lokotsch já Dozy tinha proposto فنيقة (*fanīqa*) ou فنقة (*fanqa*). Na realidade as duas palavras alternam em árabe. Embora os dicionaristas Belot e Ben-Cedira tragam as formas فنيق e فنق isso não deve causar desconfiança à explicação de Dozy: como se sabe, uma das características do árabe do Andaluz era a formação de nomes de unidade. Dozy reforça a sua explicação dizendo que encontrou «... chez un auteur du XIᵉ siècle, Becri (p. 113, l. 1), qui dit que la *fanca* de Cordoue contenait de son temps vingt *moudd* (en esp. *almud*)». Trata-se pois de uma medida de capacidade peninsular. Em port. *fanga* era «um mercado ou açougue especial de cereais, que em algumas partes servia igualmente para os frutos de casa, para os legumes, etc.», Herculano, *Hist.*, VIII, p. 228. Gama Barros (*Hist. da Admnt.*, II, p. 156) dá-lhe a mesma significação. A evolução do sentido de medida para o de mercado é um alargamento semântico vulgar; o todo passa a ser designado por uma das partes mais ou menos características: o mercado dos cereais passou a ser designado pela mesma palavra

que designava a medida (possivelmente a mais vulgar) por que os mesmos cereais eram aí vendidos. A palavra pode ser atestada em documentos antigos; eis dois passos abonatórios: «Ecclesie de penamacor accipiant primicias singular *faangas* de omni pane», *Leges*, 539; «Meis açougues, et *fanegas* et balnea de sancta Maria de faarom...», *idem*, 737. *Fanegas* era uma forma vulgar; talvez julgassem tratar-se dum lat. X *faneca*, *fanega* ou *fanica*.

Faquir.—O que Nascentes diz está certo. A etimologia é que tem um pequeno nada: como é فاقير, a transcrição deve ser *fāqīr* (ou *fākir*, para seguir as equivalências que usou) e não *fakīr*. Cf. *Hobson-Jobson* s. v. *Fukeer*.

Farda.—É preferível o nome de unidade: فردة (*farda*).

Farota.—Falta no *Dicionário*. Steiger (*Contrib.*, 120) dá خروطة (*ḫarūṭa*). M. L. Wagner (*Biblos*, 431, 443) aceita.

Farroupo.—Wagner (*Alguns Arabismos*, 442) aceita خروف (*ḫarrūf*), *cordeiro*, como étimo desta palavra. Deve ser essa na realidade a explicação.

Viterbo (*Elucidário*) dá a forma *Farropo*.

Fasquia.—O étimo está no ár. فصقية (*faṣqīa*). A transcrição de Nascentes (tirada de Diez) é estranha. Cf. *Rev. de Fil. Esp.*, VIII, p. 229. Em port. arc. havia *fazquia*: «Polas *fazquias* e buraquos da porta braadauam...», *Scriptores*, p. 78. O *z* justifica o ص.

Fasta.—Falta no *Dicionário*. A moderna preposição espanhola *hasta* tinha, como se sabe, êste equivalente arcaico. Em português também existia (cf. Viterbo, *Elucidário*, s. v.). Hoje é dialectal. Camilo empregou-a: «Comeram *fasta* fóra os trez, sem darem tento do fastio de Pedro», *Mistérios de Fafe*, cap. IX, p. 104 da 4.ª edição.

O étimo está no ár. حتّى (*ḥatta*), até (Engelmann). Dozy aceitou esta explicação e até a abonou com formas romances que a justificam (*atte*, *ata*, *fata*, *hata*), etc.

Cf. também: Zauner, *Altspan. Element.*, §§ 44 e 82; a crítica de M. L. Wagner à «Contribucción» de Arnaldo Steiger (*Volkstum und Kultur der Romanen*, VI, p. 292).

Fateixa.—Julgo a explicação de Dozy (de خطّاف, *ḫaṭṭāf*) impossível de aceitar.

Fatia.—A forma dada por Dozy é فتاتة (*fatāta*), que significa *migalha*. A de Cornu (*Port. Spr.*, § 131) é *fatila*, que em árabe é فتيلة (*fatīla*). A significação (que não foi dada) é... *torcida*. Estamos, portanto, diante de duas explicações que não seduzem.

Fato.—As etimologias até agora propostas (pelo menos as que eu conheço) não satisfazem: quási tôdas dão como base do vocábulo português o espanhol *hato*. Eu penso que apenas há de comum entre ambos a origem. Como diz Nascentes, Cortesão tira o esp. do árabe *actao* e Eguílaz de *Hadd*, porção ou pitada, parte. Confesso a minha repugnância perante estas explicações. Julgo que a explicação é outra.

Segundo Beaussier existe em árabe um vocábulo que significa *poissons*; é um colectivo, segundo diz o mesmo dicionarista; não é portanto difícil ver a significação de *cardume*. Essa palavra é حات (*ḥātu*). A fonética não se opõe, antes pelo contrário auxilia extraordinàriamente a minha explicação. Vejamos agora sob o ponto de vista semântico: deve ser, se eu penso bem, um caso perfeitamente análogo a *alabão*, *alavão*, de *allevamen* (cf. M. L.

Wagner, *Alguns Arabismos*, p. 431). Como o erudito filólogo mostra, a palavra latina significa *cardume* precisamente e dêsse sentido passou a designar *rebanho*. Comparando com êste caso não me parece difícil acreditar que o étimo de *fato* poderá ser o árabe *hātu*, peixes, cardume.

Conforme escrevi no *Boletim de Filologia* (VI, p. 20) foi por desenvolvimento semântico de *fato* rebanho que apareceram em português as acepções de *haveres* e *vestimenta*.

Favarraz. — Falta no *Dicionário*. Do ár. حبّ الرّاس (*habb ar-rāç*), *grão de cabeça* (*Rev. Lusit.*, XIII, p. 223).

Febra. — A forma árabe é هبرة (*hebra*). Steiger aceitou a explicação (*Contribucción*, 270).

Filele. — Foi Dozy quem derivou esta palavra de فيلالى (*filālī*), adj. do nome *tafilete*. Baseou-se em Defrémery.

Cf. L. Brunot, *Tannerie*, s. v.

Firmão. — Não é esta forma de empréstimo muito aconselhável em português. Veio-nos pelo francês *firman*. São preferíveis *formão* (que Nascentes regista com remissão para aqui) ou *alforma* (que não foi registado). Para melhor exposição do que digo q. v. David Lopes, *Toponímia Árabe*, p. 39.

Fôrro (2). — Como Nascentes costuma seguir o sistema francês de transcrever o خ por *kh*, fiquei muito surpreendido ao verificar no seu *Dicionário* que esta palavra deriva «do ár. *Khurr*, livre». خرّ (*ḫurr*, ou, como quere Nascentes, *Khurr*) designa a *tremonha do moinho*. *Fôrro* deriva de حرّ (*ḥurr*), palavra que significa *livre, contrário de escravo*.

O feminino designa em Póvoa de Midões uma ovelha ou cabra que, tendo sido coberta, não ficou grávida.

De *fôrro* formou-se o verbo *forrar*: «Como varreo aa vassoura / que vintem nam me ficasse / veo me dizer que a moura / pedia que a *forrasse*», G. Vic., *Juiz*, fl. 223 v.; «Se vos pagaes tanto della / *forrarey* la ora maa dia», idem, *ibidem*, fl. 224; «adargaivos sempre do sereno, fugi de lugares apaulados, *forraivos* de barretinha de retros, e prezaivos de mal regido...», J. F. de Vasconcelos, *Eufrosina*, p. 11.

Fota. — É realmente do ár. فوطة (*fōṭa*) que esta palavra deriva. A palavra arábica não significa realmente *lenço*, mas não sei se *avental de banho*, mas com certeza *avental* só.

A palavra portuguesa empregava-se na verdade com a acepção de *turbante*: «... & nas cabeças *fotas* cõ viuos de seda laurados de fio douro...», Castanheda, *História*, I, cap. VI, p. 18; «... & na cabeça hũa *fota* de seda de veludo de muytas cores & douro...», idem, *ibidem*, I, cap. VI, p. 20.

Julgo que o verdadeiro sentido da palavra era a designação de qualquer género de tecido rico: «Quando entra hum convidado em casa do convidador, lhe manda estender hũa *fota* de seda, ou outro pano rico...», Tenreiro, *Itinerário*, p. 18; «... passa por sima do dito panno, ou *fota* com muita ceremonia...», idem, *ibidem*, «Aqui se técem muitas sedas, setins, *fotas*, brocadilhos...», idem, *ibidem*, p. 23; «... estavaõ muitas alcatifas, e sobre ellas *fotas* de seda estendidas...», idem, *ibidem*, p. 35.

De *fota* derivou-se *foteado*: «... & na cabeça hũa touca muyto *foteada*...», Castanheda, *Hist.*, I, cap. 24, p. 88. Êste passo parece justificar ainda mais o que eu disse antes.

Friso.—Dozy deriva de افريز (*ifrīz* e não *ifris*, como traz Nascentes). Segundo Freytag significa «corona et supercilium parietis ad pluviam arcendam». A forma grega a que esta palavra árabe talvez corresponda é ζωοφόρος.

Fulano.—Como a forma arc. era *foam* (*Leges*, 602, etc.) julgo que esta veio pelo espanhol. (Do ár. فلان, *fulān*, um certo).

Fusta (1).—A explicação de Figueiredo é ridícula. O étimo deve estar em فسطة (*fuṣṭa*), nome de unidade de فسط (*fuṣṭ*), *tenda de algodão*, e daí só o nome do tecido.

Fustão.—Nascentes diz o ár. *Fostāt* de origem latina, mas esqueceu-lhe dizer de que palavra. Ora فسطاط (*fuṣṭāṭ*) e também فسطط (*fuṣṭaṭ*) designa *tenda, acampamento* (Beaussier); *campo; lugar de reünião duma povoação* (Belot); era ainda, segundo êste dicionarista, *o nome do velho Cairo*. A palavra árabe é na verdade de origem estrangeira. Parece que no Cairo a indústria da tecelagem estava muito desenvolvida; por isso parece também possível a relação entre فسطاط (*fuṣṭāṭ*), Cairo, e فسطان (*fuṣṭān*), vestido. Também existe em árabe a palavra فستان (*fuṣtān*), com mudança de ط em ت. Esta última parece ser a mais vulgar, visto que Belot, embora indique ambas, dá a significação na segunda e a primeira remete-a para ela. Pelo que se verifica, Júlio Moreira (*Estudos*, II, 284) tinha razão.

A palavra *fustão* é antiga em português; já aparece numa poesia de João Airas de Santiago (séc. XIII) onde se diz:

> Ai mia filha, por Deus guisade vós
> que vos veja esse *fustan* trager
>
> (NUNES, *C. de Amigo*, n.º 286).

Cf. ainda: «... dezesete varas e meia descorçia e quatro peças e meia de *ffustan*...», *Doc. rel. a Marrocos*, I, p. 557.

G

Gabela.—Na minha opinião esta palavra vem do francês *gabelle*, que, segundo Darmesteter (*Dict. Etym.*, s. v.), tem origem no prov. *gabela*; o mesmo dicionarista julga esta de origem incerta, mas afinal é o árabe قبالة (*qabāla*) que está no port. *alcavala* (q. v.).

Gaita.—Deve derivar do árabe غيطة (*ġaiṭa*), *oboé*.

Galanga.—Não está bem o que diz Nascentes. O étimo é خلنجان (*ḫalanjān*), que Nascentes transcreve *khalangan*. Um ج corresponde a *j* e nunca a *g* (= *gu*). Há casos dessa letra dar *g*: *almoganna, moganga*, etc. (cf. D. Lopes, *Cousas Arábico-Port.*, p. 9), mas não normalmente. A explicação é de Dozy.

Ganhão.—Julgo muito boa a doutrina de Nascentes neste artigo. (Do árabe غنام, *ġannām*, pastor, com influência de ganhar. Cf. *alganame*).

Garrafa.—Deriva na realidade de غرّافة (*ġarrāfa*), *colher de vasilha*. É um nome de unidade necessário para explicar satisfatòriamente não só a forma portuguesa, mas também as do it. *caraffa*, esp. *garrafa*, ant. cat. *cherraba*

e até talvez a do fr. *caraffe*. Beaussier dá غرّاف (*garrāf*) com a significação de «cuiller à pot»; a propósito desta palavra Brunot (*Noms de récip.*, s. v.) diz que é «roue de noria munie d'une chaîne à godets (le nom du godet est passé à la roue). Le classique a غراف (*garāf*) avec le sens de gobelet à boire». A forma dada por Beaussier é a vulgar para designar *garrafa*, ao lado de رضومة (*raḍūma*).

Garrama.—Falta no *Dicionário*. Do ár. غرامة (*garāma*) (Engelmann).

Garroba.—Q. v. *Alfarroba*.

Gazela.—*Gazāl* (<غزال) daria *gazel*. É necessário o nome de unidade: غزالة (*gazāla*). Em fr. há *gazelle* e *algazel* (Darmesteter). Esta é que talvez se possa filiar na primeira forma.

Gaziva.—Cf. *Razia*.

Gazua.—O ár. غزوة (*gazwa*) significa *incursão, invasão, expedição militar, campanha, surtida*. O resto da doutrina parece-me bem.

Gelba, Gelva.—A. Coelho baseara-se em Dozy (de جلبة, *jelba*, barquito do Mar Vermelho). Cf.: «... vimos tres vellas surtas & parecendonos q serião *gelvas*, ou tarradas da outra costa...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, I, cap. V.

Gengibre.—Não há dúvida que esta palavra deve derivar-se de زنجبيل (*zenjebīl*), o mesmo. O facto de o vocábulo português não se apresentar com o artigo não é suficiente para se eliminar a hipótese arábica. Não se pode admitir para o espanhol (onde a palavra é em tudo idêntica à nossa) um étimo distinto só pelo facto de o nosso não trazer artigo. Foi o que disse Dalgado. Muitas palavras houve no árabe que passaram para o port. sem artigo. Lembro-me dum caso interessante: *Alcaria* é vulgar na Toponímia, onde também há *Caria*. Em árabe há a variante سنجبير (*çanjebīr*).

O lat. *zingĭber* (ou *zingĭbĕri, zinzĭbĕr*) daria *gengebre*.

Orta ocupa-se do *gengibre* no colóquio XXVI (vol. II).

Gergelim.—Como em *galanga* Nascentes transcreveu mal o ج (por *g*). جاجلان é *jaljulān* e não *jurgulān*. Na Península parece que se pronunciava الجنجليل (*al-jonjolīn*) (Dozy).

Formas românicas: it. *giuggiolino* e *zerzelino*; fr. *jugeoline*. Em port. também há *zirzelim*. (*Hobson-Jobson*, s. v. *gingeli*).

Gineta.—A explicação é de Dozy: de جرنيط (*jarnīṭ*); melhor seria de جرنيطة (*jarnīṭa*). Mas não compreendo a frase «a inicial árabe é um *xin*, por conseguinte a transcrição melhor é *jineta*». Nem a inicial é um *xine*, nem um *xine* se deve transcrever por *j*, nem *jineta* é uma boa transcrição.

Ginete.—Foi Dozy quem pretendeu derivar esta palavra de زناتة (*zanāta*), nome duma tríbu berbere que era a fornecedora de cavalos de Granada. Na minha opinião o étimo deve estar num derivado daquela palavra, mas não nela. Será talvez preferível زناتي (*zanātī*), o que é dos Zanatas; zanatense. É portanto um nome relativo. Com a palavra *zanati* designar-se-ia o cavaleiro e o cavalo oriundos daquela tríbu. O sentido de cavaleiro alargou-se até designar os cavaleiros árabes (cf. *Canc. do Vat.*, n.º 74). Cf. *Zenata*. Q. v. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, VI, p. 24.

Giz.—Julgo boa a doutrina de Dozy: do ár. جبس (*jibç*), que por sua vez deriva do gr. γύψος (=lat. *gypsum*).

Guadameci.—Bem em Nascentes; de غدامسى (*gadāmecī*), relativa a Gadamés. Nota-se que *gua-* é uma má pronúncia. ¿Seria uma palavra recebida pelo espanhol, ou uma analogia com Guadiana?

Apareciam formas sem o *u* semi-vogal: «Osas bonas *gudemiciz*, pro I° morabitino», *Leges*, 1, p. 743; «... e 7 coxis de raz, e 3 de *godemecil*...», «Cartas de Quitação de D. Manuel», *Arq. Hist. Port.*, vol. 1, doc. 5; «... e 11 panos de armar de *godamecis*...», idem, *ibidem*; «... mandou desmanchar todos os seus *guadamjeis* dourados...», *História Quinhentista do Segundo Cêrco de Dio*, p. 51.

No *Cid* aparece a forma *guadalmeçí*: «... bastir quiero dos arcas; / inchámoslas d'arena, ca bien serán pesadas, / cubiertas de *guadalmeçí* e bien enclaveadas», vv. 85-87.

Gueixo.—Falta no *Dicionário*. Significa *novilho, bezerro*. É um vocábulo dos Açôres. Wagner (*Alguns Arabismos*, 443) não julga difícil aproximar esta palavra de كبش (*kebx*), *carneiro*.

Guilha.—A forma ár. é غلّة (*ġila*) e significa realmente *colheita*.

Gunileme.—Evidentemente que لامى (*lāmī*) não pode explicar a palavra portuguesa. Desconheço uma explicação melhor.

H

Hájibe.—Falta no *Dicionário*. De حاجب (*ḥājib*), *camarista*. Dozy, *Glossaire*, p. 129 (s. v. *Alquacil*). Cf. D. Lopes, *Árabes*, pp. 195-196; Herc., *História*, 1, 102, 104.

Harmala.—Foi Engelmann quem derivou esta palavra de الحرمل (*al-harmal*), «ruta silvestris». O étimo não satisfaz completamente; é necessário o nome de unidade sem artigo: حرملة (*harmala*).

Haxixe.—Nascentes, além de não dar uma boa transcrição dos xines, não indicou a quantidade do *iá*. A forma árabe é حشيش, portanto a transcrição será *haxīxe*.

Héjira.—Está bem no *Dicionário*. De هجرة (*ḥijra*), *emigração, fuga*. A palavra é empregada em árabe com os dois sentidos. Nascentes traduz por *emigração*. Para o caso especial que a palavra *héjira* designa, na minha opinião essa tradução é a menos própria. Recentemente os Srs. Eremildo Viana e Guy de Hollanda (no 1.° número do *Boletim do Centro de Estudos Históricos* do Rio de Janeiro) dão também preferência a *emigração*; no número seguinte J. C. Raja Gabaglia prefere *fuga*, mas Eremildo Viana no mesmo número responde tirando esta conclusão: «Os autores preferem, pois, *migração* a qualquer outra significação para *héjira*. Abandono voluntário de amigos ou parentes mais se aproxima de *migração* ou de *emigração* que de *fuga*. *Retirada* também não é têrmo feliz, conquanto não seja perfeito». Ora a verdade deve dizer-se: estes autores parecem não ser arabistas; basearam-se no que disseram dicionários que indicam essas acepções. Portanto para podermos traduzir com precisão o vocábulo temos que analisar as condições em que Mafoma saíu de Meca. Mafoma tinha amigos em Iatrebe. Os coreixistas (guardas da Caaba), a quem não convinha uma nova religião que possivel-

mente viria lesar os seus interêsses, ao saberem da conversão dos de Iatrebe, temeram o futuro e decidiram liquidar o intruso e com essa intenção foram procurá-lo a casa; é então que protegido pela escuridão da noite, depois de se furtar a tôdas as perseguições, conseguiu escapar se-lhes e atingir a cidade (a futura *Medina*), donde partiu para a Guerra Santa. É uma autêntica *fuga*, feita na realidade voluntàriamente, mas para... não ser morto.

Note-se que o Prof. David Lopes (*Árabes*, p. 99) traduz a palavra por *fuga*.

A palavra *héjira* devia ter entrado tarde no português; uma das provas mais evidentes está na falta do artigo de que os árabes fazem sempre acompanhar a palavra quando esta se refere à *fuga* de Maoma.

I

Iatagã.—Em turco, além de ياطغان (*iaṭagāne*), existe também a forma يطغان (*iṭagāne*). A primeira é mais vulgar.

Imame.—É uma boa grafia. *Imam* pode obrigar a uma má leitura, além disso é um galicismo (cf. Gonç. Viana, *Palestras*, p. 64). A forma árabe é إمام (*imāme*), *o que está à frente*. «É o celebrante ou o sacerdote que preside à oração da assembleia dos fiéis na mesquita. Os muçulmanos não teem hierarchia como os catholicos» (D. Lopes, *Árabes*, p. 96); em geral pode ser qualquer indivíduo, mas é necessário que conheça a liturgia; mas também o podem ser pessoas muito cultas ou muito respeitadas. O soberano também era por vezes investido (ou investia-se) nessas funções. «Nome que também tomam os soberanos como chefes supremos religiosos; e em especial os primeiros califas com Ali e os seus sucessores legítimos» (D. Lopes, *op. cit.*, p. 196). Eis porque em certas regiões *Imame* designava o soberano; cf. êste passo tirado do *Hobson-Jobson* (s. v. *Imaum*): «The Prince of this country is called *Imaum* who is guardia at Mahomet's Tomb...», Fryer, 220. Acêrca de *Imame* cf. ainda Ibem-Cabdane, *Prolegom.*, I, pp. 384 e 463.

Islame.—Deriva na realidade de إسلام (*içlāme*), *resignação à vontade de Deus* (D. Lopes, *Árabes*, p. 186), mas não se trata de um infinitivo. Êste modo não existe em árabe. É substituído pelo chamado *masdar* ou *nome de acção*, que também não é aplicável a *içlāme*. Esta palavra é um substantivo derivado do verbo سلم (*çalama*).

J

Jaez.—Bem explicado em Nascentes: de جهاز (*jahāz*), *arreio de camelo*. Daqui passou a designar: 1.º Arreio de cavalgadura; 2.º *Qualidade, género, índole* (C. de Fig.). Teureiro, em dois passos, mostra os dois sentidos: «... por diante da dita tenda hum alpendre do mesmo *jaez*...», *Itin.*, p. 35; «... e apparato de *jaezes* ricos, e andas, e vestidos...», *idem*, p. 84.

Jarra.—Bem no *Dicionário*. (De جرّة, *jarra*). É uma palavra que passou a muitas línguas românicas: cast. *jarra*; *gerra*; cat. arc. *algerra, jarra*; prov.

jarra; sic. *giarra*, etc. (cf. W. Giese, *Volkskundliches aus Ost. Granada*, 37, e Moll, 1702).

No Oriente era uma medida. Cf. *História Inédita do Segundo Cêrco de Dio*, pp. 243, 247. 336, etc.

Javali.—Boa doutrina (de جبلي, *jabalī*, montês).

Julepo.—Note-se que o *a* é longo. Portanto a forma árabe é جُلّاب (*julāb*), *poção calmante*. Cf. it. *giulebbe*, esp. *julepe*, fr. *julep*.

L

Laca.—Precisa-se do nome de unidade: لكّة (*lakka*). Em persa é لاک (*lāk*). Antes de Dozy já Gólio e Freytag se tinham ocupado dêste vocábulo.

Lacrau.—Bem em Nascentes: do ár. العقرب (*al-ʿaqrab*). Esqueceu dizer que houve a aférese do *a* do artigo.

Laqueca.—Também há *alaqueca*. De العقيقة (*al-ʿaqīqa*). Esta palavra está bem em Nascentes, mas não diz onde colheu a informação. Já tinha sido explicada por Sousa. Dozy aceitou a sua doutrina. Designa a cornalina, pedra preciosa que pára o fluxo do sangue: «... esta pedra tem a vertude mais crara que todallas outras, porque estanca o sangue mui de supito», Orta, *Colóquios*, II, p. 225.

Laranja.—Bem em Nascentes: do ár. نارنج (*nāranj*), que é de origem pérsica (نارنگ, *nārang*). Note-se porém que há em ár. vulg. a forma لارنج que, na forma de nome de unidade, explica perfeitamente a palavra portuguesa. Cf. os comentários de Américo de Castro ao *Diccionario de la Lengua Castellana* da Real Academia Espanhola (14.ª ed., de 1914) na *Revista de Filología Española*, II, p. 54.

Lascarim.—De العسكرى (*al-ʿaskarī*), *soldado*. *Ascarim* é um italianismo que se vulgarizou com a campanha etiópica.

Era também usual a palavra *lascar*: «... pelo que se deve ordenar que lá se remedeie isto, assoldadando aos *lascares* arabios...», *Documentos remettidos da Índia*, I, p. 96. Por êste passo parece compreender-se que a palavra era sinónima de *lascaria*, mas na *Crón. de D. Manuel*, de Damião de Góis, aparece com um sentido diferente: «... hũ que sabêdo ho gouernador della, a que chamã *Lascar*, lhe mandou...», IV, cap. 27, p. 62.

Êste sentido não foi registado no *Hobson-Jobson* (s. v. *Lascar*).

Deve tratar-se de um derivado regressivo de *lascaria*. Essa derivação penso que foi realizada pelos portugueses e da língua dêstes é que entrou no uso vulgar do Oriente. Os holandeses e os ingleses colheram aí o vocábulo.

Hobson-Jobson pregunta se não teriam sido estes que realizaram essa derivação. .

Leilão.—Na minha opinião esta palavra ainda não foi explicada satisfatòriamente. Julgo-a do árabe الاعلام (*al-iʿlām*) forma vulgar, *estandarte, bandeira; aviso, notificação; tabuleta, anúncio*. Já depois de ter escrito isto li em *Hobson-Jobson* (s. v. *neelam*) que C. P. Brown nas suas notas mss. pensara

em العلام (*al-ʿalāme*), em que eu antes também pensara; mas a que eu apresento mais acima parece-me preferível por causa do ditongo.

Georges Colin, *Notes de Dialectologie Arabe*[1], diz a palavra علام (*ʿalāme*) hispânica e a única usada ainda hoje em Marrocos. Segundo afirma em nota, Amador de los Rios (*Trofeos militares de la reconquista*, Madrid, 1893, pp. 116 e 127) cita essa palavra como existente nas inscrições dos estandartes dos Banũ Marin.

Segundo o mesmo autor علام (*ʿalāme*) é a forma ocidental correspondente ao clássico علم (*ʿalame*). O alongamento é pois local.

Nos *Anais de Arzila* aparece a forma ainda com o *a-* do artigo: «... que, como toda a vila estava ocupada no *ateilão*, asi dos mouros como dos cavalos e selas...», I, p. 313.

Cf. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, VI, p. 26.

Leziria. — Nascentes esqueceu um trabalho muito importante: o do Prof. David Lopes no *Boletim de Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa (vol. V, p. 449). Por aí se verá que a explicação de Eguilaz e Gonç. Viana não é boa (de الجزائر, *al-jazāir*, pl. de الجزيرة, *ilha*), porque «não deve ser a significação primitiva de *ilha* que explica a da nossa *leziria*. As lezírias são formadas das terras que arrastam as águas dos rios e se depositam nas margens dêles, quando se espraiam. Ora em árabe essas terras chamam-se *terras de ilhas*, como diz Alauane no seu tratado de agricultura ارض الجزائى, *arḍ-aljazāir*, ou التراب الجزيرية *Atturābb aljazīria*...».

«De الجزيرة, *aljazira*, os árabes fizeram o adjectivo الجزيرية, *aljazīria, de forma ou natureza de ilha, insular*, citado acima, que é exactamente a forma portuguesa *leziria*, mas acentuada diferentemente, isto é, aguda, e não pode por isso explicá-la», pelo que «deve explicar-se por *alzezira* em vez de *algezira* e dissimilação de *z*, e queda do *a* inicial por confusão com o artigo português *a*». É esta a doutrina do Mestre, com a qual estou em absoluto acôrdo.

Lima (fruto). — Não é na verdade um regressivo de *limão*. É o nome de unidade (ليمة, *līma*) de ليم (*līm*) (Dozy). ليم é uma divergente de ليمون (*limūne*). Cf. *limão* (Dozy).

Limão. — De ليمون (*limūne*), limão na verdade (Engelmann).

M

Maçal. — Wagner (*Alguns Arabismos*, p. 430) aceita a explicação de Sousa (de مصّل, *maṣṣl*). O *a* deve ser epentético.

Maçaroca. — A explicação de Nascentes não é bem a que escreveu Dozy: êste derivou o vocábulo de مأصورة ركة (*māṣūra roka*). A segunda palavra é o

[1] *Hespéris*, t. X, p. 106.

representante do germ. *roca*, de que havia vestígios na língua dos Moçárabes. Cf. Simonet, *Glosario*, s. v. *rácca*. A forma moç. era ركّة (*rukka*).

Macio. — A explicação que dá como base desta palavra o ár. مسيح (*maçîhu*) é, na minha opinião, a mais razoável.

Madraço. — Não sei como se pode ligar esta palavra a مطرح (*maṭraḥ*).

Manchil. — Não foi Sousa, mas sim Moura quem explicou pela primeira vez esta palavra pelo ár. منجل (*manjil*), foice. Dozy aceitou essa explicação.

Mandil. — A forma ár. é منديل. A transcrição deve ser portanto *mandîl*. A restante doutrina parece-me bem.

Marabu, Marabuto. — A primeira palavra é um galicismo; a segunda devemo-la ao espanhol ou ao italiano. A forma vernácula é *morábito* (q. v.).

Maravedi. — É na realidade do ár. granadino مرابطي (*morabiṭî*), o que é dos Almorávidas. É uma divergente de *morabitino* (q. v.).

Marfim. — Esta palavra ainda não teve uma explicação satisfatória. Engelmann já reconhecera nela a existência de فيل (*fîl*), *elefante*, mas a expressão que apresenta está errada. Um árabe nunca diria ناب فيل (*nab fîl*), mas sim ناب الفيل (*nab alfîl*), *dente de elefante*. Dozy, depois de várias considerações, confessa que não sabe explicar a palavra.

Se me fôr lícito também pretendo dizer o que me parece acêrca da origem desta palavra. Não há dúvida que ela constitue na origem uma expressão. O seu segundo elemento é الفيل (*alfil*), *o elefante*. A dificuldade está tôda no *m* inicial. Ora *dente* em árabe, melhor do que ناب, é سنّ (*çinn*), cuja forma vulgar é سنّة (*çinna*). Esta palavra é feminina. Portanto para designar *o que é do elefante* devia usar-se a expressão bem árabe امّ الفيل (*umm alfîl*); o *u* caiu por aférese e temos م الفيل (*m alfîl*), o que daria um *malfil* e por dissimilação *marfil*, que era a forma arcaica.

As frases compostas por امّ (*umm*) são vulgares em árabe. Cf. امّ قرقر (*umm qarqar*), *a do coaxar: o sapo*. O mesmo se observa com o masculino ابو (*abû*) (cf. *pataca*). Cf. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, VI, p. 15.

Marlota. — A explicação foi dada por Engelmann: o gr. μαλωτή (de que os coptas fizeram ⲙⲁⲗⲱⲧⲏ) deu em ár. ملوطة (*malûṭa*), donde, por dissimilação dos *ll*, o port. *marlota*. Cf. também Dozy, *Dict. des noms des vêtements*.

Maromba. — Julgo pouco provável o étimo desta palavra no ár. *mabrûm*, apresentado por Dozy.

Masmorra. — De مطمورة (*maṭmûra*), que significa *fossa* e não *celeiro*. O *u* não deu *ô* irregularmente. Cf. *agouque*, *açoute*, etc.

Másrio. — O nome dêste mineral está na realidade ligado ao ár. مصر (*miṣr*), nome do Egipto. A palavra deve ter como base o nome relativo: مصري (*miṣrî*). A sua forma deve-se à nacionalização de uma forma alatinada daquele relativo: *masrium*, que C. de Figueiredo cita.

Diga-se a propósito que dêsse relativo formou-se no português quinhentista a forma *mecerim*: «He habitada (Fua) de mouros Arabios, e *Mecerins*», A. Tenreiro, *Itinerário*, p. 92.

Matraca. — Foi Engelmann quem derivou esta palavra da مطرقة (*mitraqa*). Nascentes não o indica.

Mesquinho. — Deriva-se do ár. مسكين (*miçkīne*), *pobre, desgraçado*. A raiz é سكن (*çakana*), *acalmar-se, estar tranqüilo*. Não é preciso pois ir buscar o assírio e o aramaico. Essas etimologias, além de desnecessárias para êste caso, são perigosas.

Como curiosidade: no *Glossário de Reichenau* (séc. IX) diz-se que «Saraceni *miskinum* mendicum vocant». Citação de Savj-Lopez, *Origenes Neo-Latinos*, p. 311, nota.

Mesquita. — *Mesquid* também é forma berbere. Cf. *timezguida* em Laoust, «Pêcheurs Berbères du Sous» (*Hespéris*, III, p. 245). *Almaycde*, forma regular e equivalente ao esp. arc. *almagid*, é um nome de sítio em Portugal.

Mimbar. — O منبر (*minbar*) é o *púlpito das mesquitas*.

Minarete. — Não há dúvida que é um galicismo. Gonçalves Viana (*Palestras*, pp. 14-15 na 1.ª edição, 9-10 na 2.ª) diz que é a palavra árabe منارة (*manāra*) pronunciada à turca. Nascentes, indicando a fonte, diz isto mesmo. Diga-se porém que essa doutrina não é do grande glotólogo português mas do Prof. David Lopes, que afirmou isso num artigo publicado no jornal *O Século* a 23 de Abril de 1906. Êste Prof. voltou a ocupar-se do assunto no seu trabalho *Alguns vocábulos arábico-portugueses*, etc., p. 6. Põe aí de parte a sua doutrina anterior «porque dentro da própria língua árabe tenho razão suficiente dessa forma». A palavra deve ter ido parar ao francês pelo árabe oriental (Egipto, Síria, etc.); «o *a* terminal... que no ocidente é *a* fechado, no oriente é *e* fechado: *minaré*, pois, à francesa, que se veio a escrever *minaret*, o qual na nossa Península deu *minarete*, com a pronúncia do *t*, como *sorbet* deu *sorvete*».

Miralmuminim. — *Miramolim* é forma mais portuguesa (q. v.).

Miramolim. — Nascentes dá *Miramolin*, que nunca vi. A forma que aponta (*amir almuminim*) não é exacta. Em árabe é أمير المؤمنين (*amīr al-mūminīne*), *o príncipe dos crentes*. Nunes, na sua *Gramática* (2.ª ed.), não dá a forma com *m*, nem *miralmuminin* ou *miramolin*, mas *miramolim*. Acrescente-se ainda que Nunes não era evidentemente autoridade em assuntos relacionados com o árabe. Nascentes deve saber isto. A propósito desta palavra devia consultar de preferência *Os Árabes nas obras de A. Herculano*, do Prof. David Lopes. Ocupa-se dela na p. 196.

Mitical. — De acôrdo com o meu sistema de transcrição (mais de acôrdo com a fonética hispano-árabe) prefiro a *mitscal* a forma *mitqāl*[1]. Em árabe é مثقال. Esta palavra designa um *pêso de matérias preciosas de 24 quilates* (4 gr. e 679) (Ben-Cedira), e ainda uma *moeda de ouro*. A palavra ocorre em Santos (p. 160). Num documento de 1114 publicado pelo Dr. Rui de Azevedo (*O mosteiro de Lorvão*, p. 230-1) ocorre a forma *methcales*. Viterbo estuda a palavra s. v. *Metheaes*, ou *Metkaes*. Tem boa informação. No séc. XVI a palavra *mitical* era vulgar nos escritores do Oriente (Castanheda, por exemplo).

---

[1] O valor fonético do ث é *ts* hoje no Norte de África. Evidentemente que essa transcrição não interessa à Filologia Ibero-Arábica.

Moçafo.—Falta no *Dicionário*. É uma palavra vulgar no séc. XVI (Cf. Castanheda, II, p. 182; VIII, 263; Mendes Pinto, cap. 175; Góis, *Cr. D. Man.*, II, cap. 34). Foi estudada por Dalgado, *Glossário*, s. v., e David Lopes, *Alguns vocábulos*, p. 2. De مصحف (*muçḥaf*), *livro, volume*. É uma palavra moderna: designa *Alcorão*, mas os muçulmanos neste sentido empregam o artigo (المصحف, *almuçḥaf*).

Moçárabe.—A forma ár. é مستعرب cuja transcrição deve ser portanto *muçtaarab*. Para as várias explicações que têm sido apresentadas q. v. a trad. de *Almocarí de D. Pascoal Gayangos*, I, p. 420.

Moçuaquim.—A ter base em مسواك (*miçuak*) (Dozy), esta palavra devia derivar do nome relativo: مسواكي (*miçuakī*).

Mofatra.—Como em ár. é مخطرة, a transcrição deve ser *muḫtara*.

Mogangas.—Dozy não dá *gonlj*, mas مغنج (*muganj*).

Monção.—Em árabe موسم (*mūçame*), além de *determinado festa religiosa muçulmana* (Ben-Ceslira), designa ainda *estação da peregrinação a Meca e das feiras solenes; o tempo da ceifa* (Freytag e Belot) e finalmente *uma doença que não ataca senão uma só vez*.

Também aparecia a forma *monção*: «... dizendo que o tempo *e monção* era gastado...», Mestre João, *Itin.*, p. 135; «É por ser a *monção* pera a India...», Castanheda, *Hist.*, II, p. 3; «... q̃ podesse partir pera Portugal na *monção*», idem, *ibidem*, I, p. 116.

Morabitino.—Falta no *Dicionário*. É uma divergente da *maravedí* (q. v.). «Os almorávidas cunharam uma moeda, a princípio de ouro e depois também em prata, que d'elles tomou o nome, e existiu entre nós até o fim do séc. XV. *maravídil* (*maravidí* é formado sôbre o plural), que nos documentos em latim é *morabitino* e *maravitino*, e é apenas o adjectivo árabe مرابطي (دينار)[1], ou seja *morabiti (dinar)* (Viterbo, *Elucidário*, II, p. 77)», David Lopes, *Árabes em Herculano*, p. 191. É pois uma palavra de formação erudita.

Morábito.—É estranho que Nascentes não estude esta palavra no local próprio e o faça na palavra que não é a vernácula (*morabato*). Mesmo aqui não cita os *Árabes em Herculano*, do Dr. David Lopes, onde se trata da palavra nas pp. 191–192.

Moxama.—Em árabe é مشمع (*maxmūca* e não *moshamat*), *peixe sêco e salgado*. Antes de Eguílaz já Dozy explicara esta palavra.

Muezim.—É um galicismo. A palavra não sofreu nenhuma influência turca, como diz Nascentes, baseado em Eguílaz, Dozy e outros, mas sim francesa, onde é *muezzin*. Esta palavra tem a sua origem no árabe مؤذن (*muaḏḏin*), que deu normalmente em português *almocadão* (q. v.).

Mufti.—O ár. مفتي (*muftī*) significa *o que dá consultas jurídicas e interpreta a lei*.

Múmia.—Foi Engelmann quem primeiro derivou esta palavra do árabe مومية (*mūmia*), o que é ou está em cera.

---

[1] Os caracteres arábicos não vêm na obra.

Musselina. — *Mucelina* é que devia ser a boa grafia da palavra. Em árabe é موصلي (*mūçelī*); deriva de الموصل (*al-mūçul*), nome de Moçul, no rio Tigre. A palavra entrou na Península talvez pelo francês *musseline*; o esp. *muselina* parece justificar as minhas palavras. É esta talvez a razão da generalização da grafia com *ss*.

N

Nababo. — A palavra نواب (*nauāb*) é que é plural de نايبا (*nāibā*).

Nadir. — ¿Onde encontrou Nascentes a forma *nazir*? ¿Como pode ela explicar a palavra portuguesa? O étimo está no árabe نظير (*naẓīr*), *ponto diametralmente oposto a outro*.

Nafé. — A transcrição de Nascentes não é rigorosa. A نفحة deve corresponder *nafaha* e não *nafaa*.

Nafta. — Deve ser o árabe نفطة (*nafṭa*), que designa o mesmo.

Naipe. — Julgo também esta palavra com base no árabe نايب (*nāib*).

Nenúfar. — Foi o árabe نينوفر (*nīnūfar*) que gerou a forma portuguesa (Engelmann).

Nesga. — A forma نسج (*neçj*), *entretido*, vem em Cobarrubias; Engelmann não aceitou essa explicação, mas Dozy já a aceitou. É preferível o nome de unidade (نسجة, *neçja*); note-se a influência do mesmo fenómeno que se observou em *almogama, galanga, moganga*, etc.

Nochatro. — Não foi Dozy, mas Engelmann quem explicou esta palavra pelo árabe نشادر (*noxādr*), *sal amoníaco*.

Eduardo de Lisboa, num artigo denominado «O dicionário do Sr. Nascentes», no *Diário Português*, propõe uma forma do ár. vulgar *nuchatar* (aliás *nuxātar*, como escreve mais abaixo), que colheu em Pedro Alcalá[1]. Será uma variante da que Engelmann apresentou.

Não me repugna aceitar esta nova explicação.

Nora (2). — A forma ár. é ناعورة. A transcrição deve ser portanto *nāʿūra*. A explicação foi dada por Engelmann, que Nascentes não cita.

O

Odiá. — O mesmo que *adiá*. Esta palavra é moderna e veio do Oriente: indica-o a acentuação; vem de هدية (*ḥadia*), *presente*. A forma antiga é *alfudia*.

Ogiva. — Esta palavra deriva na realidade do fr., onde é de origem árabe, como o demonstrou recentemente o Sr. Georges S. Colin na *Romania*, LXIV, p. 377. A doutrina do artigo é, na minha opinião, de tal maneira segura que nem merece discussão. Deriva de الجبّ (*al-jibb*), que deu em português *aljube* (q. v.). *Aljibe* é a forma castelhana, que entrou no francês, onde as

---

1 *Petri Hispani de lingua arabica libri duo*, edição de Logarde, p. 391.

expressões *croix d'angive, croix angivère, croisée d'angive* «ont un équivalent formel et sémantique dans l'expression espagnole *bovedà de Aljibe*».

Osmanli.—Em árabe é realmente عثمان (*ʿuthmāne*), mas em turco é عصمانلی (*ʿoçmānli*). Julgo que é esta a etimologia da palavra portuguesa. A primeira daria *otmane, otmão*. A palavra significa *um turco;* a sua base é aquela forma árabe que é o nome do fundador do Império *otomano* (em turco عصمان (*ʿoçmāne*). Êste nome conserva-se na Argélia em famílias de origem turca.

Otomano.—Será talvez preferível derivar esta palavra de عثماني (*uthmāni*), relativo a Otomão.

P

Padixá.—Cf. *Paxá*.

Papagaio.—Foi Dozy quem apresentou ببغا (*babagā*), baseado em Defrémery. Dozy, embora acredite na origem árabe dos vocábulos europeus, crê na origem africana da palavra. Quando pensou na origem indiana o orientalista Kern desiludiu-o. Isto diz êle próprio no *Glossaire;* eis porque não consigo compreender o «talvez de origem índica» de Nascentes. Embora a palavra árabe não esteja muito encoberta há algumas características na portuguesa de difícil explicação: a passagem dos ب ب a *pp* e a sílaba *ga* dar *gaio*. Duas hipóteses: ¿não estaremos na presença de etimologias populares com *papa* e *gaio?*

¿Não teria vindo do provençal (*papagai*), visto que a palavra é documentada nos trovadores?

Paparraz.—Cf. *Albarraz*.

Pataca.—O étimo deve estar realmente em ابو طاقة (*abū ṭāqa*); no árabe vulgar باطاقة (*bāṭāqa*). A tradução de Nascentes é que não me parece muito feliz. Conforme já lhe fiz sentir numas observações ao *Dicionário*, na *Bibliografia Filológica* (verbete n.º 284), o vocábulo ابو (*abū*) «na realidade significa *pai*, mas serve também para indicar uma característica de qualquer cousa ou pessoa» (Cf. *Rev. Lusit.*, XXIV, p. 203). Quere dizer: deve traduzir-se por *o da janela*. Há em árabe muitas expressões dêste género: ابو فارس (*abū fāras, o do cavaleiro*) é o *leão;* a *esfinge* é ابو الهول (*abū al-ḥaul*), *o do terror*. Meyer-Lübke (*REW*, s. v. *abu Kirdan*) traduz ابو كردان por... *pai dos piolhos* (*Vater der Läuse*). Evidentemente que é um êrro estranho; deve ser *piolhoso*. ابو tem função no género masculino idêntica à de ام (*umm*) para o feminino (q. v. *marfim*). A propósito cf. os *Supplém. aux Dict. Arabes* de Dozy s. v. onde a doutrina é vasta e segura.

Pataco.—Embora o *ch* de certo modo se possa opor, julgo esta palavra filiada no árabe بطاش (*baṭāx*).

Patchuli.—Note-se que em ár. há باتشولي (*bātšulī*).

Pateca.—Falta no *Dicionário*. Designa uma espécie de melancia. Dalgado (*Ceilão*, p. 169) diz que a palavra já existia em port. arc. Eu só a conheço a partir do séc. XVI; a evolução do خ para *c* (= *k*) é estranha no período mais antigo da língua. De بطيخ (*baṭīḫ*).

Paxá.—A palavra tem o seu étimo no persa پاذ شاه (*pād xāh*), *senhor rei*. Em port. é abonável a forma *padixá*. A forma *Padxá* aparece-nos no *Itinerário* de Tenreiro (p. 194). Em árabe é باشا (*bāxā*), que nos aparece freqüentemente no séc. XVI sob a forma *baxá*: «... que fosse cegura pera hir meu caminho do que foy dado aviso ao dito *Baxaa*», Tenreiro, p. 59. A forma portuguesa *paxá* (escrita erradamente *pachá*) deve ter a sua origem no turco پاشا (*pāxā*). A forma persa também se usa na Turquia. Ligue-se com *Baxá*, que é a mesma palavra introduzida pelo árabe.

Q

Quediva.—O persa vulgar é خديوى (*ḫedīvī*) e não *khudiw*, como escreveu Nascentes baseado em Lokotsch. Aquela é que deve explicar a nossa forma. Significa *príncipe, rei*. Êste título era usado pelo vice-rei do Egipto.

Quilate.—O árabe قراط (*qirāṭ*) tem origem no grego κεράτιον (Engelmann). Esta palavra foi estudada modernamente pelo Prof. Rebêlo Gonçalves (*Elem. Ar. do Voc. Port.*, p. 21).

Quintal (pêso).—Foi Engelmann quem explicou esta palavra pelo árabe قنطار (*qinṭār*).

R

Rabadão.—Falta no *Dicionário*. De ربّ الضّان (*rabb aḍḍān*), *dono de carneiros*. Êste vocábulo foi estudado por Dozy, Conde de Ficalho, Wagner (*Alguns Arabismos*, 428) e Steiger (p. 111).

Rajá.—Não é preciso o sânscrito para explicar esta palavra. Basta o industânico راجا (*rājā*). Em árabe foi راجه (*rajahu*) que originou a portuguesa *rajao*: «Também vi o que me dizeis sobre o Ada *Rajao*», doc. de 16 de Janeiro de 1607, em *Doc. Remet.*, I, p. 74.

Ramadão.—A forma ár. é رمضان (*ramaḍān*).

Rás.—Não sei como é o título na língua vulgar da Abissínia. Não há dúvida que deve existir um semelhante na forma e no sentido ao arábico; o recente conflito ítalo-abexim o provou. Não é impossível que esteja ligado por apertado parentesco à palavra árabe رائس (*rāiç*) (cf. *arrais*), adjectivo de راس (*rāç*), *cabeça* (cf. *rês*). Aquele vocábulo significa *capitão*. Na Índia representava geralmente um nobre nativo de posição respeitável. É muito vulgar a forma *raix* em os nossos escritos de 500 e posteriores para designar um indivíduo de elevado cargo social: «... assi me escreve Ayres de Saldanha e o arcebispo primaz, que por morte de *Raix* Xarafo, guazil de Ormuz, foi eleito em seu logar um filho mais velho *Raix* Nordim...», *Doc. Remet.*, I, 15 (de 26 de Fevereiro de 1605).

Razia.—Falta no *Dicionário*. De غزيّة (*gazīa*), *incursão militar*. O mesmo sentido que غزوة (*gazua*, q. v.). É um galicismo; a forma vernácula é *gaziva*. Para o fr. *o* غ é *r*: غرب (*garb*) é Rarb.

Rebate.—Cuervo e Menéndez Pidal quiseram aparentar êste vocábulo com o verbo *rebatir*. Em Portugal Adolfo Coelho (*Dic. Etim.*) quis seguir essa doutrina. Foi em vão. J. Oliver Asín (*Origen árabe de rebato*, etc.) demonstrou com bastante propriedade a sua origem árabe, embora Dozy já a tivesse visto. A origem está em رِبَاط (*ribāṭ*), *convento fortificado que guardava as fronteiras*; aí recebiam instrução espiritual e militar os povos das vizinhanças. Nas suas tôrres acendiam-se fogueiras em caso de perigo. O fumo de dia, as chamas de noite, preveniam os habitantes da aproximação do inimigo, isto é, davam o *alarme*, significado do vocábulo. Cf. a propósito a crítica feita pelo Prof. Dr. David Lopes ao trabalho citado de Asín na *Rev. da Fac. de Letras* de Lisboa, t. I, p. 314 e sgs. Emende-se portanto tudo o que Nascentes diz a propósito.

Reçaga.—Falta no *Dicionário*. Forma reforçativa de *Saga* (q. v.).

Recamar.—Mais uma vez se tenta derivar directamente um verbo português doutro árabe. É em vão. Para o presente caso devia-se ter bem presente o que escreveu Engelmann s. v. *recamo*, donde se formou o verbo; o subst. derivou-o de رَقْم (*reqm*), *bordado; número, caligrafia*, cuja raiz é رقم (*raqama*), *bordar*. Cf. o it. *ricamo*.

Recife.—Wagner (*Alguns Arabismos*, p. 444), assim como Leite de Vasconcelos[1], pretende ligar esta palavra ao ár. رِيف (*rīf*), que no Ocidente significa *collines d'un littoral, d'une rive* (Beaussier). Leite de Vasconcelos chega mesmo a propor um intermediário **acerrife*, **ae'rrife* colhido não sei onde e formado não sei como. A evolução fonética é difícil. Julgo mais viável êste étimo, que já foi proposto por Engelmann e aceitado por Dozy: de رَصِيف (*raṣīf*), que em Freytag significa: «Lapides serie ropaereute in loco ubi aqua fluit transeundi causa disposita». Ben-Cedira acrescenta ainda: *cais, passeio*.

Também havia *arrecife*: «Não tem hũ porto por ser quasi costa braua, & estar de dentro dũ *arrecife*...», Castanheda, *História*, I, cap. X.

Récua.—Engelmann propôs infundadamente رَكِيبَة (*rkūba*), *bêsta de carga*. O acento e a significação opõem-se, mas Dozy apresentou رَكْب (*rakb*), *grupo de viajantes montados em bêstas*. Para melhor explicar as formas portuguesas e espanholas é necessário um nome de unidade: رَكْبَة (*rakba*), com passagem de *b* a *v* (*récova*), aparecimento de um *o* epentético, como em *alvéoa*, e a redução do *e* trouxe *récua*. O *v* ainda se mantém em *recoveiro* e *recovagem*, derivados de *recova*, largamente atestado. Não sei onde Nascentes encontrou um «ár. *alkashbe*» que explique *alvéoa*. Em árabe é القَصْبَة (*al-qaṣba*), com ص, que nunca corresponde a *sh* ou *x*.

Redoma.—Foi Dozy quem primeiro derivou êste vocábulo de رَدُومَة (*radūma*), *lagena, garrafa*. Baseou-se em Dombay.

Refém.—Boa doutrina (de رِهْن, *rihn*, pl. de رَهِين, *raḥīn*, penhor).

Regueifa.—Foi Engelmann quem derivou esta palavra de رَغِيفَة (*raghīfa*), *torta, pão*.

---

[1] *Estudos de Philologia Mirandesa*, II, pp. 16-17.

Rês.—De رأس (*rāç*), *cabeça*. Bem em Nascentes.

Resma.—رزمة (*rizma*) tem também o mesmo significado que a forma portuguesa. Com o significado de *pacote, embrulho,* deu em português *rima.* (Cf. o *Dicionário*, s. v.).

Retama.—Engelmann derivou (e bem) do nome de unidade: رتمة (*retama*).

Ribete.—A forma arábica é رباط, portanto a transcrição deve ser *ribāṭ*.

Roca (3).—A رخ (*roḫḫ*) (melhor رخّة (*roḫḫa*) designa uma águia fabulosa de certos contos árabes de que alguns autores, igualmente árabes, falam como cousa verídica. No jôgo do xadrez, a tôrre chamava-se outrora *roca* ou *roque*, que se deriva dêste mesmo vocábulo.

Roque.—Cf. *Roca*.

Rosalgar.—Foi Dozy quem derivou esta palavra de رهج الغار (*roḫj al-ġār*), *pó da caverna*.

Rume.—A doutrina de Nascentes não esta bem. ¿O que é *Rum?* O A. pretende aclarar assim: «isto é, Turquia, incluindo a Grécia e a Ásia Menor». Evidentemente que Dalgado não foi muito feliz nesta explicação, tal como em dizer a palavra derivada do hindustâni-persa-árabe. ¿Mas qual destas línguas foi o seu berço? Muito antes de os portugueses chegarem ao Oriente já a palavra existia. A sua forma era روم (*rūm*) ou رومى (*rūmī*), derivada de رومة (*rūma*), *Roma*. Os gregos eram *rumes* porque estavam no império romano (do Oriente). É assim que são designados no *Ajbar Majmua* (p. ٦). Os egípcios e os turcos que fizeram parte do império bizantino foram também considerados *rumes*. Eis a razão por que os nossos escritores chamavam assim aos turcos, nossos inimigos no Oriente.

Em berbere إرومى (*irūmī*) designa um *cristão* (Jaubert, s. v. *chrétien*).

S

Saboga.—Em ár. é صبوغة (*ṣabūġa*) e não qualquer forma com ج como traz Nascentes na sua transcrição (*sabūja*). A explicação é de Dozy.

Sacre.—O étimo deve estar realmente no ár. صقر (*ṣaqr*), *falcão de caça*. Não sei se o lat. med. *sacer* terá alguma relação com a forma arábica.

Lokotsch (N.º 1799) pretende ligar ao mesmo radical o port. *çafaro*, falcão. Não conheço essa palavra com essa significação, nem tampouco ela se podia ligar fonèticamente a esta raiz. O prov. tem *sacre*.

Sáfaro.—De صحراء (*ṣaḥrā*), *do campo, do deserto; inculto, reles*. Para doutrina moderna q. v. Wagner (*Rev. de Fil. Esp.*, XXXI, pp. 239-240) e Steiger, *Cont.*, p. 264. Do mesmo radical o trasmontano *saforil*, port. *saforino;* esp. ant. *çáfara*.

Saga.—A propósito desta palavra q. v. o que eu escrevi no *Boletim de Filologia*, V, p. 170 (de ساقة, *ṣūqa*).

Saguão.—سطوان (*ṣaṭwāne*) significa *pátio;* Pidal (*Origenes*, 150) documenta esta palavra num vocabulista arábico do séc. XIII, publicado por Schiaparelli com a significação de *porticus*. Pidal considera-a uma voz obscura,

mas afinal é vulgar no Magrebe[1]. Esta é a etimologia geralmente seguida; note-se porém que não vejo perfeitamente a sua evolução fonética.

Salá (1).—De صلاة (*çalā*), *oração*. Nascentes diz: «Do ár. *salat*, *oração*»; o *t* não tem razão de ser, visto que o ة raramente se transcreve. No séc. XVI a palavra parece que significava *agradecimento, reverência*. Cf.: «Nosso amigo recebeo o presente com fulia, & grandes *çalas*», J. F. de Vasc., *Ulys.*, p. 247. Cf. ainda o esp. *Hacer la zalá a uno*.

Salá (2).—Sacerdote mouro. O vocábulo é pouco empregado nesta acepção. Não há dúvida que está relacionado com o verbo صلّى (*çallā*), *orar*. A forma árabe devia ser مصلّى (*muçlā*), *aquele que ora*. Fenómeno idêntico sucedeu com *essacana* (q. v.). Cf.: «... o fez saber a Lazeraque o qual lhe enviou os *çalas*...», Álvares, *Cr. Inf. Santo*, p. 44.

Sálema.—O étimo apresentado (de Sousa) não pode ser tomado a sério.

Salcio.—Nascentes acha «um pouco artificiosa a explicação de David Lopes», mas tenho pena de que não diga porquê. Para mim nada se opõe à etimologia de صحراوي (*çahrāwī*), *camponês*.

O Prof. M. Wagner parece não concordar com esta explicação e apresenta صحرا (*çahra*) (*Biblos*, IX, p. 445, e *Z. R. Rom.*, XL, p. 380). A sua doutrina não me parece segura neste ponto. Note-se que aquela palavra deu *sáfaro*.

Sanefa.—Falta só indicar a quantidade do *i* (de صنيفة, *çanīfa*). A explicação é de Engelmann.

Sapato.—Confesso que não vejo grandes dificuldades em derivar esta palavra do ár. سبّاط (*çabbāṭ*), *sapatos*.

Sarabatana.—De زربطانة (*zarabaṭāna*), forma dialectal da Península e Oriente. Do clássico سبطانة (*çabuṭana*). Também aparece *Zarabatana*.

Sarraceno.—O grego σαρακῆνος deve ter base em شرقيين (*xarqiīn*), pl. de شرقي (*xarqī*), *oriental, muçulmano oriental*.

Sarrafo.—Esta palavra podia ter ainda o sentido de *cambista*; nesta acepção falta no *Dicionário*. É de origem árabe: de صرّاف (*çarrāf*), do verbo صرّف (*çarrafa*), *trocar dinheiro*. Na edição do *Itinerário* de Tenreiro, de A. Baião, vem *carafos*. A propósito desta palavra q. v.: *Hobson-Jobson* (s. v. *shroff*), Dalgado, *Glossário* (s. v. e *Suplemento*), *Ramusio* (I, fl. 188*r*) e o que eu escrevi no *Boletim de Filologia*, t. VI, p. 29.

Saüdade.—A hipótese arábica apresentada por João Ribeiro (*Curiosidades Verbaes*, p. 197) não tem a mínima aceitação: de سودا (*çaudā*), *melancolia*. Raciocinemos um pouco: سودا (*çaudā*) tem como correspondente vulgar سُودا (*çūdā*), que evolucionando com normalidade daria *çoda*, forma que é

---

[1] A palavra سطوان (*çaṭuān*) tem como variante اسطوان (*açṭuān*). Esta é documentável em Aben-Cuzmane: «Xammar akmānu ḥaraj al-*aṣṭuan*», Nikl traduziu êste verso que ocorre na canção XX: «I se arremangue, salga al zaguán».

atestada no Arcipreste de Hita, *Libro de Buen Amor*, est. 1510. Cf. a propósito o que escrevi no *Boletim de Filologia*, t. VI, p. 18. Além de não se poder pois explicar o ditongo *ai*, também não se explica o aparecimento da última sílaba e ainda menos a acentuação do vocábulo português.

Seira.—Do ár. سَيرة (*xaira*), que tem como étimo o gót. **sahria*, cesta, canastra, açafate (W. Giese na *ZrPh.*, LIV, p. 515). Meyer-Lübke (*REW*, 7515) cita o gót., mas não a forma arábica dada como intermediária.

Esta diz-nos que a boa grafia é *seira*.

Serralho.—Apesar de não se tratar duma palavra arábica, não resisto à tentação de a comentar. Embora não o diga, Nascentes seguiu a transcrição de Lokotsch (1842), que é boa para... alemães. A forma pérsica é سرايا (*sarāi*). Significa *castelo, palácio*. É a casa habitada pelas mulheres e corresponde ao *harém* arábico. A propósito da palavra pérsica cf. *caravançará*. A palavra devia ter entrado realmente pelo italiano *serraglio*.

Siroco.—De شلوق (*xalūq*), nome com que no Oriente designam o *vento sueste quente e desagradável do Mediterrâneo*. Aquela palavra deve ser uma deformação de شروق (*xarūq*), *aurora, nascer do sol* (Ben-Cedira). A palavra entrou pelo francês ou pelo italiano. A forma vernácula é *Xaroco*. A hipótese de Dozy é fonèticamente inaceitável (de سرقي, *sarqī*, oriental).

Sofá.—A palavra realmente tem origem no árabe صُفّة (*ṣoffa*), mas é necessário dizer-se: 1.º Que é do árabe oriental, como o mostra a sua acentuação; 2.º Que entrou pelo francês.

Soldão, Sultão.—São duas palavras muito conhecidas de quem consulta com freqüência as obras dos séculos XV e XVI, principalmente as relativas ao Oriente. O étimo está em سلطان (*çulṭān*). Julgo a segunda mais moderna do que a primeira. *Soldão* devia talvez ter entrado pelo italiano. Dante já a empregou: «... tenne la terra che'l *Soldan* correge», *Inferno*, V, v. 60; «... né mercantante in terra di *Soldano*», *idem*, XXVII, v. 101. Em todos os passos designa os reis do Egipto. Em port. já nos aparece na *Cr. dos Frad. Men.* (I, 251, etc., II, 189). Apesar de no *Glossário* dessa obra o Prof. Nunes afirmar que a palavra designava «qualquer potentado oriental ou seguidor do mahometismo», julgo não ter dúvidas à vista dos passos citados, que, tal como nos de Dante, se referem ao rei do Egipto. Num passo da versão latina de que Nunes nos fornece o correspondente a outro romance onde a palavra *Soldão* aparece, vem: «ad Soldani Aegipttii Castra» (I, p. 38, n. 1). Na tradução dispensaram-se de escrever a frase determinativa *do Egipto* que a palavra *Aegipttii* (em genitivo) exigia, porque *Soldão* já era do Egipto.

Era portanto uma forma estrangeira, possivelmente italiana como disse; o abrandamento de ط em *d* ainda mais o justifica, por não ser intervocálico. O inglês ainda hoje tem a forma *soldan* para significar sultão, que é a forma entrada directamente do árabe no português.

Soquear.—Falta no *Dicionário*. Significa *feirar*. Foi empregado por Damião de Góis na *Cr. de D. Man.*: «... deixou ho negoçio pera hum dos dias que elles acostumauam vir à çidade fazer feira, a que chamão *çoquear*...», vol. IV, pp. 106-107. De *soco, çoco* (< سوق, *çūq*, mercado). Cf. *açougue*.

Sorvete.—Esta palavra está mal explicada no *Dicionário*. O étimo está no ár. شربات (*xarbāt*), *bebidas*, pl. de شربة, mas foi o italiano que deu origem às formas francesa e portuguesa. Do mesmo radical é a palavra que deu *xarope* (q. v.). شربات tem hoje uso muito corrente na Argélia; designa aí uma limonada.

Sucune.—Falta no *Dicionário*. De سكون (*çukūne*), *repouso, imobilidade*. É o nome do sinal indicativo de que a consoante não tem vogal.

Sultão.—Cf. *Soldão*.

Sumaque.—Falta no *Dicionário*. É o nome de um arbusto dos países quentes. De سمّاق (*çummāq*).

Suna.—Bem no *Dicionário* (do ár. سنّة, *çunna, palavra, acto e aprovação do Profeta; ortodoxia muçulmana*).

Sura.—Falta no *Dicionário*. Do ár. سورة (*çūra*), *oração da abertura*.

T

Tabaxir.—Em Belot طباشير (*tabāxīr*) significa também *giz*. Deve ser esta a forma que explica o *tabaxir dos alfaiates*.

Na Argélia corre a forma دباشير (*dābāxīr*), que é uma alteração desta. Designa o gêsso.

Tabefe.—Foi Engelmann, que Nascentes não cita, quem derivou esta palavra de طبيخ (*ṭabīḫ*), o que está cozido.

Tabi.—O nome árabe do bairro é عتابي (*ʿatābī*), mal transcrito portanto em Nascentes. Devia ter portanto uma forma hipotética *utabi*, que explica aquela por aférese.

Tabica.—Bem em Nascentes (de تطبيقة, *taṭbīqa*, placa de ferro ou cobre, guarnecida com um prego, que se emprega nos arreios dos cavalos ou a ferrá-los, Dozy).

Tabique.—Acho bem o que escreveu Lokotsch: Engelmann não foi feliz em pretender derivar esta palavra de تشبيك (*taxbīk*); é preferível na realidade a forma طبيق (*ṭabīq*).

Taforea.—A explicação é de Engelmann. É muito interessante, mas Nascentes reduziu-a ao mínimo: طيفورية (*ṭaifūrīa*) significa pròpriamente *prato, escudela*; a significação de navio deve ser hispânica. Cf. جفن que é *escudela*, mas na Península era uma *fusta, género de nave* (P. de Alcalá).

Tagarela.—Nascentes não inseriu esta palavra no *Dicionário*, mas sim *tagarelar*, que derivou de *garrulare*, baseado em Silva Bastos. Evidentemente que não é aceitável. *Tagarela* deve ser o representante de تكلام (*takalāme*), *o que fala muito*. Esta palavra formou-se da 5.ª forma do verbo كلم (*kalama*), *ferir*, mas que na 2.ª forma (donde se deriva a 5.ª) significa *falar*. Houve assimilação do tipo $l—m > l—l$ e depois dissimilação de $l—l$ em $r—l$ com abrandamento do ك e imala como é de regra (Explicação dada verbalmente pelo Prof. Dr. David Lopes).

Taibo.—Embora muito antes da redacção da obra de Nascentes esta palavra já estivesse explicada, falta no *Dicionário*. De طيب (*ṭaib*) *bom, agradável*. Êste vocábulo foi largamente estudado por Júlio Moreira (*Estudos*, I, 216; II, 315) e D. Carolina M. de Vasconcelos (*Rev. Lusit.*, XI, p. 14, e XII, p. 133, onde se pode encontrar abundante exemplificação).

Taifa.—A forma proposta por Cortesão não explica *taifa*. Êste vocábulo deriva de طائفة (*ṭāifa*), que significa *bando, companhia; parte, porção; nação*. É uma etimologia que não deixa as menores dúvidas.

Talco.—A palavra arábica é طلق (*ṭalq*).

Tamarindo.—Bem explicada em Nascentes (de تمر الهندى, *tamar al-ḥindī*, *tâmara indiana*). Como acrescento: por etimologia popular corria (e corre) a forma *tamarinho*: «... canella, pimenta, *tamarinho*...», F. M. Pinto, *Peregr.*, cap. CVII; «... comvem a saber mamgas, e jacas, e *tamarinhos*...», *Cr. dos reis de Bisn.*, p. 81.

Tambor.—Não há dúvida que recebemos esta palavra do árabe, onde é طنبور (*ṭanbūr*). A palavra é antiga no português; em textos arcaicos também aparece por vezes a forma *atambor*, onde se pode talvez ver vestígios do artigo arábico, ao contrário do que disse Nunes (*Gram. Hist.*, p. 162), que julgava o *a-* prostético.

Tanuine.—Do ár. تنوين (*tanwīn*).

Tara.—Nascentes não explica perfeitamente a significação do vocábulo árabe. Ora طرحة (*ṭaraḥa*) tem na verdade base no verbo طرح (*ṭaraḥa*), que significa *rejeitar, deduzir, desfalcar;* طرحة quere dizer *aquilo* das mercadorias *que se rejeita*: os recipientes.

Taracena.—Cf. *tercena*.

Tarbuche.—A palavra existe em árabe: طربوش (*ṭarbūx*), *calote vermelho* e *capacho*.

Tarefa.—Falta no *Dicionário*. De طريحة (*ṭarīḥa*) ou طراحة (*ṭarāḥa*), segundo Dozy, *soca de pau*. Cf. *tareia*.

Tareia.—Julgo esta palavra um espanholismo. A forma vernácula correspondente é *Tarefa*.

Tarifa.—A forma ár. é تعريف (*taʿarīf*), mas é necessário o nome de unidade, que é testemunhável na forma argelina: طاريفة (*ṭārīfa*), correspondente ao ár. dialectal تعريفة (*taʿarīfa*). O ت deu ط na Argélia.

Tarima, Tarimba.—Do ár. طريمة (*ṭarīma*), que, segundo P. Alcalá, significa *cama de madeira*. A explicação é de Engelmann.

Tarrafa.—De طراحة (*ṭarāḥa*), do verbo طرح (*ṭaraḥa*), *lançar*.

Tercena.—O siciliano dá-nos também uma forma onde o د inicial se endureceu: *tirzana*. A explicação de Meyer-Lübke não serve, a não ser para o esp. *atarazana*. Em árabe é دار الصنعة (*dār aṣ-ṣināʿa*).

Toranja.—É necessário o nome de unidade: ترنجة (*turanja*).

Tremôço.—É na realidade uma palavra grega (δέρμις) entrada pelo árabe (ترمس, *turmuç*). Quem primeiro, que eu saiba, deu esta explicação foi Engelmann. Em 1930 o Prof. Rebêlo Gonçalves tratou dêste vocábulo nos seus *Elem. Gr. do Voc. Port.* (p. 21). Devido decerto a uma distracção aparece

neste trabalho a forma árabe acompanhada de artigo. É evidentemente demais.

Tríaga.—Foi Engelmann quem explicou esta palavra do grego, por intermédio arábico. Modernamente o Dr. Robêlo Gonçalves (*Elem. Gr. do Voc. Port.*, p. 21) deu a mesma explicação. A forma grega é θηριακή (ἀντίδοτος) e a arábica ترياق (*tiryāq*).

Esta doutrina merece um pequeno reparo: é necessário o nome de unidade desta última, para que a explicação seja absolutamente satisfatória.

Tripa.—Esta palavra entrou no port. possivelmente através do fr. ou do it., onde há *tripe* e *trippa*, respectivamente. Não sei ao certo qual o étimo destas formas, mas o ár. ثرب (*tharb*) não é difícil de aceitar.

Túrbito.—A forma árabe-pérsica é تربد (*turbid*). É o nome de uma planta purgativa.

Turgimão.—Derive lá donde derivar a palavra arábica ترجمان (*turjumān*), do que eu não tenho dúvida é em basear nesta a portuguesa. Aquela palavra significa à letra *o que explica um discurso*, e daí *intérprete*.

A palavra é antiga em português. Já ocorre no códice 200 de Alcobaça (séc. XV): «O quarto caso he que se hy ha *torgimã*, que ẽtenda assy ael Como o confessor Este pode cõfessar os seus pecados...» (fl. 204 v., 15). Frei João Álvares também a empregou: «... e hũu cristão, que la viuia com ele, a que chamauão alcaide Migoel, que foy aly *torgimaa* das entregas do Ifante», *Cr. Inf. Santo*, cap. XII, p. 29; «... mãdou o Ifante por aquele *torgimaa* cometer a Çala-ben-çala estes partidos...», cap. XV, p. 38.

Frei Pantaleão de Aveiro empregou no seu *Itinerário da Terra Santa* a forma *turcimão*: «... mas o nosso *turcimão*, como homem esperto com consentimento do Padre Guardião tomou cinco, ou mais cruzados...», p. 87 da ed. de 1721. ¿Não haverá nesta forma influência do italiano *turcimanno*?

U

Ulemá.—علما (*ʿulamā*) é na realidade um plural; o seu singular é عالم (*ʿālim*), *sábio*, que está no português *álime* (q. v.).

Os *ulemás* são os magistrados e os doutores da lei muçulmana, isto é, os alcaldes e os imames. Cf. a propósito: D. Lopes, *Árabes em Herculano*, pp. 202–203; *História de Portugal* dirigida por Damião Peres, I, p. 410.

V

Valadio.—Gonçalves Viana tinha razão: deve ser o árabe بلدي (*baladī*), *do campo, camponês*. Tomou o sufixo *-o*, como *saloio*.

X

Xá.—Na realidade esta palavra deriva do persa شاه (*xāh*). Nascentes transcreveu *shah*. Porquê?

Leu com certeza o que diz Gonçalves Viana na *Ortografia Nacional*, na p. 145, a êste propósito e sobretudo a primeira frase da página seguinte. Volton ao assunto nas pp. 222-290.

Xabandar.—A origem está no persa شاه بندر (*xāh bandar*), *senhor do pôrto*. Aparece muitas vezes escrito شاهبندر (*xāhbandar*) e em malaio شهبندر (*xahbandar*). O *xabandar* era um funcionário público encarregado da vigilância do pôrto, da receita dos direitos alfandegários e até, em certas regiões, das transacções comerciais realizadas por conta de el-rei. Segundo Braz de Albuquerque dá a entender[1], havia em Malaca quatro indivíduos a que se dava o nome de *xabandares*, que eram como que os cônsules modernos.

Cf.: «... *xabandar* he officio antre os gentios & mouros, como antre nos patrão da ribeira...», Cast., *Hist.*, l. III, cap. XVII, p. 47.

De *xabandar* derivou-se *xabandaria*: «... ainda ficarão aos mouros duas daquela parte, & outras duas da parte do mar, & hũa delas estaua a *xabandaria* que tiraua ao longo da praya...», Cast., *Hist.*, l. V, cap. LXXXV, p. 307. *Xabandaria* era como a ribeira das naus entre nós.

Xabepa.—Falta no *Dicionário*. Trata-se do representante português de *axabeba* que ocorre em Hita (*Buen Amor*, 1233). *Xabepa* é documentável no *Itinerário* de Mestre Afonso: «... tamjem até a noite com huns atabales como os das nossas canas, e com hũas *xabepas*, que são como charamelas...», p. 168, e «... hũa gramde praça homde lem huns, prégão outros, deitão sortes, e tamjem seus atabales e *xabepas* como em caixão...», p. 189.

É o ár. سبابة (*xabāba*), que designa uma espécie de flauta.

Xácara.—João Ribeiro (*Rev. Ling. Port.*, I, n.º 4, 1920, p. 48, nota) diz o «esp. *jácara*, romance em verso, cantiga, de origem incerta».

Está bem em Nascentes. A transcrição é que não me parece muito portuguesa: se a palavra arábica é شعر, deve ser *xa'ar*.

Xadrez.—Está bem. É de شطرنج (*xatranj*) que derivou esta palavra portuguesa. Não podia ser ela a origem de *acedrenche*, como o A. quere s. v. Era fonèticamente impossível. De شطرنج (*xatranj*), acompanhado do artigo, vem *enxadrez*: «E pois jogaes o *enxadrez* dirvosey huma cousa...», Orta, *Colóquios*, X, p. 124; «E elles jogam bem o *enxadrez*?», idem, *ibidem*, p. 125.

Xaguão.—Cf. *Saguão*.

Xaile.—Vem no *Dicionário* s. v. *chale*, que é má ortografia. De شال (*xāl*), o mesmo.

Xairel.—A acreditar na etimologia dada por Dozy, baseado em Müller, a grafia mais perfeita seria *chairel*: de جلال (*jalāl*), pl. de جل (*jall*), *cobertura de cavalo*. Nascentes transcreve mal (*jilel*).

---

[1] «... a quinta (dignidade) he *Xabandar*, e destes havia quatro, cada hum de sua nação: Hum da China, outro da Jaoa, outro de Cambaya, e outro de Bengala. E eram todas as terras repartidas por quatro homens destes, e cada hum tinha sua parte, e o Tamungo era juiz da Alfandega sobre todos estes», ALBUQUERQUE, *Comentários*, parte III, cap. XVIII. *Tamungo* é o malaio تمڠڬوڠ (*tamuṅguṅ*).

Xaputa.—É uma forma derivada de شبوطة (*xabūṭa*), não de *shabut*, como escreve Nascentes. O ش não equivale a *sh*; a segunda sílaba é longa e é necessário ainda o nome de unidade.

Xaquima.—Falta no *Dicionário*. Significa *cabeçada, aquima, freio*. De شكيمة (*xakīma*), *freio* (Engelmann e depois confirmado por Dozy).

Xara.—Nascentes transcreveu mal (*sha'ra*). A forma ár. é شعراء (*xa'ara*), *mata* ou *brenha*. A explicação é de Engelmann.

Xareta.—O árabe شريطة (*xarīṭa*) significa «cuerda de nave» em P. de Alcalá.

Xarope.—De شراب (*xarāb*), *bebida*. Cf. fr. e prov. *sirop*, ingl. *syrup*. O *p*, que Gonçalves Viana (*Apostilas*, II, p. 557) estranhou, nada tem de extraordinário. Cf. por exemplo *alporche, jatuca*, etc.

Da forma com artigo veio *enxaropez* «... lançou em terra o *enxarope*, que na mãao tiynha...», Álvares, *Cr. Inf. D. Fern.*, p. 7.

Do mesmo radical de *xarope*, mas por outra via, veio para o português *sorvete* (q. v.).

Xaveco.—A palavra arábica شباك (*xabbāk*) parece-me que na realidade explica bem a portuguesa.

Xenabe.—É o grego κάνναβις entrado pelo árabe حشاب (*ḥaššāb*) (Dozy). Cf. Rebêlo Gonçalves, *Elem. Gr. do Voc. Port.*, p. 21. É estranha a passagem de ص a *x*.

Xeque.—Gonçalves Viana era um mestre indiscutível, mas isso não lhe dava foros de infalibilidade.

A palavra *xeque*, na opinião de G. Viana, foi «estabelecida pelos nossos antigos escritores... e não transmitida tradicionalmente por audição, visto que a última letra da palavra (o خ)... a sétima do respectivo alfabeto, e cujo valor é o do *j* castelhano actual, a ser tradicional a transmissão, estaria representada por *f*, como em *alfaiate, alface*...». (*Apostilas*, II, pp. 558-559).

G. Viana esqueceu-se de que essa doutrina só é verdadeira quando se trata das palavras vindas do árabe para o português no período arcaico dêste.

Nas palavras entradas mais tarde o خ evolucionou para *k*: *cadija, cão* (dignidade), etc.

Outro tanto aconteceu com *xeque*, que pode ser abonada, entre outros, nos seguintes passos: «Vijmos tambem leuãrar *j* sem ninguẽ, se non por sj, *j* ho *xeque* ismael sophi...», G. de Res., *Miscellânia*, est. 12; «... captiuaram hum dos princípaes *Xeques*, do Leizoleta, dos que stauam alo reder Dazamor...», D. de Góis, *Cr. D. Man.*, IV, cap. XL, p. 99; «... per conselho, & auiso que tinha de hum *Xeque* de Chaul per nome Mahamede...», idem, *ibidem*, cap. LXXIIII, p. 179; «... forão ter a hũ lugar grande chamado Mete senhoreado por hũ *Xeque*...», Cast., *História*, I, cap. LXIV, pp. 183-184, etc.

Emende-se portanto Nascentes neste ponto.

Nascentes também não transcreveu bem a palavra arábica.

Peço-lhe que leia o que escreveu G. Viana na *Ortografia Nacional* (pp. 145 e 146) a propósito das transcrições do tipo da que usou no *Dicionário*.

A forma arábica é شيخ; a transcrição deve ser muito simplesmente *xih*.

2.—A palavra *xeque* em determinado lance do jôgo do xadrez deve ser a palavra *xá* substituída por *xeque*. As duas confundem-se muitas vezes, não só hoje, mas já no séc. XVI. Q. v. a propósito Orta, *Colóquios*, I, p. 124.

Xerafim. — Falta no *Dicionário*. De أشرفي (*axarafi*), com aférese, *moeda de ouro; dinar* (Dozy e depois Dalgado, *Glossário*, s. v.). سرفي (*çarîfi*), como alguns querem, não pode explicar o nosso vocábulo.

Xerife. — شريف (*xerîf*) significa pròpriamente *nobre*. Esta palavra apareceu-me com duas variantes gráficas: «... chegou a Feez hũu mouro *Chariffe* com recado del Rey de Granada ..», Álvares, *Cr. Inf. Santo*, p. 76; «... fazia guerra aos Reis de Féz, Marrocos, & abo Senhor da serra, & assy abo *Serife*, fazendosse pagar das pareas.. », Góis, *Cr. D. Manuel*[1], III, pp. 122-123.

Xiita. — De شيعة (*xîîta*), que evolucionou com a articulação do ʃ.

Xorca. — Cf. *Axorca*.

Z

Zagal. — O ár. زغل (*zagal*) significa realmente *pessoa animosa, forte, corajosa*. A evolução não estava explicada; essa dificuldade hoje pode dizer-se que desapareceu, visto que o verso de Aben Cuzmane زغل كليتني وصرت كبرت (*creceu-me a barba e fiz-me mancebo*), traduzido por Eguílaz, vem mostrar já a palavra com o sentido de mancebo, «de modo que pode ser que êste fôsse o sentido originário no árabe peninsular e que o significado de *pastorinho, pastor* seja posterior», Wagner, *Alguns Arabismos*, 429.

Zambuco. — Falta no *Dicionário*. De صنبوق (*çanbūq*) (Dalgado).

Zarabatana. — Cf. *Sarabatana*.

Zaragatoa. — Foi Engelmann quem explicou esta palavra. Nascentes não o cita. Derivou-a de بزر قطونا (*buzr qutōna*). O primeiro elemento não é arábico, mas pérsico. Dozy aceitou esta explicação.

Zedoária. — Bem em Nascentes (de زدوار. *zeduār, planta indiana*. Também existe a forma جدوار, *jaduār*).

Zejel. — De زجل (*zejel*), *canção popular*. Cf. a propósito Ribera y Tarragó, *Disertaciones y Opúsculos*, I, p. 40, e Iben-Caldune, *Prolegom.*, III, pp. 422, n., 436 e 441.

Zeneta. — Esta palavra derivou na realidade do árabe. É do mesmo radical de *ginete*. Esta, como eu o disse na devida altura, parece-me ser زناتي (*zanātī*); *zeneta* deve ser de زناتة (*zanāta*), nome da tribu dos zanatenses. Cf. Iben-Caldune, *Hist. dos Berb.*, III, p. 179, n.

Zero. — Bem em Nascentes. *Zero* é portanto uma divergente de *cifra* (q. v.).

Zirbo. — Bem em Nascentes (de ثرب, *thirb*, membrana que reveste o interior do baixo-ventre).

Zoina. — A transcrição não está perfeita: se o ár. é زانية (Dozy), deve ser *zānia*.

Zorzal. — Dozy foi buscar a Alcalá زرزال (*zorzāl*), com a significação de *tordo*. Aquela palavra alterna com زرزور (*zorzōr*).

---

[1] Nesta obra aparece mais vezes esta forma: pelo menos no seguinte passo: «... dizem hos Scriptores Arabios muitas vezes com ha sua gente, & algũa nossa desbaratou ha do *Serife* Prinçipe de Sus...», II, p. 56.

Algumas obras consultadas

AJBAR MAJMUA. — Cf. Lafuente y Alcántara.

ALMEIDA (Lopo de). — *Cartas da Itália* editadas por M. Rodrigues Lapa. É o volume III dos *Textos da Literatura Portuguesa* editados pelo Centro de Estudos Filológicos. Lisboa, 1935.

ASÍN (Miguel). — Cf. Ribera (Julián).

AVEIRO (Frey Pantaleam d'). — *Itinerário da Terra Santa*, e suas particularidades, composto por... offerecido a Jesu Crucificado. Lisboa, 1721.

AZEVEDO (Pedro de). — *Documentos das Chancelarias Reais* anteriores a 1531 *Relativos a Marrocos* publicados... sob a direcção de Pedro de Azevedo. Lisboa (1915).

AZURARA (Gomes Eanes de). — *Chronica do Conde D. Duarte de Menezes* nos *Inéditos da História Portuguesa*, vol. III.

BAIÃO (António). — *Itinerários da Índia a Portugal por terra*, revistos e prefaciados por... I. Itinerário de António Tenreiro. II. Itinerário de Mestre Afonso. Coimbra, 1923.

—— *História Quinhentista* (Inédita) *do Segundo Cêrco de Dio*, ilustrada com a correspondência original, também inédita, de D. João de Castro, D. João de Mascarenhas e outros, publicada e largamente prefaciada por... Coimbra, 1927.

BEAUSSIER (Marcelin). — *Dictionnaire Pratique Arabe-Français*. Nouvelle Edition, revue, corrigée et augmentée par M. Mohamed Ben Cheneb. Alger, 1931.

BELOT (J. B.). — *Vocabulaire Arabe-Français* à l'usage des Étudiants. 3.ª edição. Beirute, 1893.

BEN-SEDIRA (Belkassem). — *Dictionnaire Arabe-Français*... Nouvelle Édition. Alger, s. d.

—— *Dictionnaire Français-Arabe*... Nouvelle Édition. Alger, s. d.

BLUTEAU (D. Rafael). — *Vocabulario Portuguez e Latino*... pelo Padre... Coimbra, 1712.

BRUNOT (Louis). — «Noms de Récipients à Rabat», na *Hespéris*, I, pp. 111-140.

BURNELL. — Q. v. *Hobson-Jobson*.

CAÑES (F. Francisco). — *Diccionario Español-Latino-Arábigo*. Madrid, 1787.

CASTANHEDA (Fernão Lopes de). — *Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos Portuguezes*. Nova edição. Lisboa, 1833.

CHAPMAM (Major F. R. H.). — *How to Learn Hindustani*. Third edition. London, 1918.

Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira. Com revisão, prefácio e notas por Mendes dos Remédios. Coimbra, 1911.

CORREIA (Gaspar). — *Lendas da India*. Publicadas por ordem da... Academia Real das Sciencias e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, 1922.

CORTESÃO (António Augusto). — «Onomástico Medieval Português» (Separata do *Archeologo Português*, vol. III e sgs.). Lisboa, 1912.

—— *Subsídios para um Dicciomário Completo (Historico-Etymologico) da Língua Portuguêsa*. Coimbra, 1900-1901.

DALGADO (Sebastião Rodolfo). — *Glossário Luso-Asiático* por... Coimbra, 1919-1921.

Diplomata et Chartae. — Lisboa, 1867.

DOZY et ENGELMANN. — *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*. Leida, 1869.

DU CANGE. — *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis*... cum supplementis integris D. P. Carpenterii. Editio nova. Niort, 1883-1887.

ENGELMANN. — Q. v. Dozy.

ESTEVES PEREIRA (Francisco Maria). — *Vida do Abba Samuel do Mosteiro do Kalamon*. Versão Ethiopica. Memoria destinada á X sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas. 1894.

EVANGELISTA. — «*Libro de Cetrería de Ecangelista Y una Profecia del mismo*, con Prólogo, variantes, notas y glosario», in *ZrPh*, I, p. 222.

FIGUEIREDO (Cândido de). — *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova edição. Lisboa, 1913.

FREIRE (Francisco José). — *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*. Lisboa, 1842.

FREYTAG (G. W.). — *Lexicon Arabico-Latinum* ex opere suo maiore in usum tironum exceptum edidit... Halis Saxonum apud C. A. Schwetschke et filium. MDCCCXXXVII.

GALVÃO (Duarte). — *Chronica de El-Rei D. Affonso Henriques* por... (Bibliotheca de Classicos Portuguezes). Lisboa, 1906.

GOLIO (Jacob). — *Lexicon Arabico-Latinum*. Lugduni Batavorm, 1653.

GONÇALVES VIANA (Aniceto dos Reis). — *Apostilas aos Dicionários Portugueses*. Lisboa, 1908.

—— *Ortografia Nacional. Simplificação e Uniformização Sistemática das Ortografias Portuguesas*. Lisboa, 1904.

—— *Palestras Filológicas*. 2.ª edição acrescentada pelo autor. Lisboa, 1931.

—— *Vocabulário Ortográfico e remissivo da Língua Portuguesa*. 1.ª edição, 1912. *Idem*, 2.ª edição, 1913.

HERCULANO (Alexandre). — *História de Portugal*. Oitava edição. Lisboa, s. d.

História Quinhentista (Inédita) *do Segundo Cêrco de Dio*. — Q. v. Baião.

HITA (Arcipreste de). — *Libro de buen Amor*, edição dos *Clasicos Castellanos*. Edição e notas de Julio Cejador y Frauca. Madrid.

Hobson-Jobson. — A Glossary of Colloquial Anglo-Indian words and phrases, and of kindred terms, etymological, historical, geographical and discursive by Col. Henry Yule... and A. C. Burnell. New Edition edited by William Crooke... London, 1903.

JAUBERT (P. Amédée). — *Grammaire et Dictionnaire abrégés de la langue berbère* composés par... et publiés par la Société de Géographie. Paris. Imprimerie Royale. 1844.

KAZIMIRSKI (A. de Biberstein). — *Dictionnaire Arabe-Français* contenant toutes les racines de la langue arabe. Paris, 1860.

LAFUENTE Y ALCÁNTARA (Don Emilio). — Colección de Obras Arábigas de Historia y Geografía que publica La Real Academia de la Historia. Tomo Primero — *Ajbar Machmuà* (Colección de Tradiciones). Crónica anónima del siglo XI, dada á luz por primera vez, trad. y anot. por... Madrid, 1867.

LEÃO (Duarte Nunes de). — *Origem e Orthographia da Lingua Portugueza*. Nova edição correcta e emendada, conforme a de 1784. Lisboa, 1864.

LEITE DE VASCONCELOS (J.). — *Estudos de Philologia Mirandesa*. Lisboa, 1900-1901.

LOPES (David). — «Alguns Vocábulos Arábico-Portugueses de Natureza Religiosa, Étnica e Lexicológica» (separata do vol. XI da *Revista da Universidade de Coimbra*). Coimbra, 1930.

LOPES (David). — *Anais de Arzila.* — Q. v. Rodrigues (Bernardo).

—— «Os Árabes nas Obras de Alexandre Herculano». Notas marginais de língua e história portuguesa. Separata do *Boletim de Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa, vol. III e IV. Lisboa, 1911.

—— *Chronica dos Reis de Bisnaga.* Manuscripto Inédito do Século XVII. Lisboa, 1897.

—— «Cousas Arábico-Portuguesas. Algumas etimologias». Separata do *Boletim de Segunda Classe*, vol. X.

—— *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos Séculos XVI, XVII e XVIII.* Barcelos, 1936.

—— *História de Arzila* durante o domínio português. Coimbra, 1925.

—— *Textos em Aljamia Portuguesa.* Documentos para a História do Domínio português em Safim extrahidos dos originaes da Torre do Tombo. Lisboa, 1897.

——1.ª «Toponymia Arabe de Portugal», extrait de la *Revue Hispanique*, tome IX. Paris, 1902.

——2.ª «Toponimia Árabe de Portugal», *Rev. Lusit.*, vol. 24, p. 257.

LOPES (Fernão). — *Crónica de D. Pedro I.* Com uma introdução por Damião Peres. Barcelos, 1932.

MARÇAIS (W.). — *Textes Arabes de Tanger.* Paris, Imprimerie Nacional, 1911.

MENDES PINTO (Fernão). — *Peregrinação.* Nova edição, conforme a de 1614, precedida de uma notícia bio-bibliográfica por Jordão de Freitas. Vila Nova de Gaia, 1930-1931.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS (D. Carolina). — *Cancioneiro da Ajuda*, edição crítica e commentada. Halle, 1904.

MOLL (Francesch de B.). — «Suplement Català al Diccionari Romànich Etimològich». Separata do *Annari de l'Oficina Romanica de Lingüistica i Literatura*, vol. I.

MOURA (Frei José de Santo António). — Q. v. Sousa, *Vestigios.*

NASCENTES (Antenor). — *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, 1932.

Novo Diccionario da Lingua Portugueza, composto sobre os que até o presente se tem dado ao prelo. Lisboa, 1806.

NUNES (José Joaquim). — *Crestomatia Arcaica.* Excerptos da Literatura Portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI. 2.ª edição. Lisboa. (1921).

—— *Gramática Histórica Portuguesa* (Fonética e Morfologia). 2.ª edição. Lisboa, 1930.

NUNES DE LEÃO (Duarte). — Q. v. Leão (Duarte Nunes de).

ORTA (Garcia da). — *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia.* Edição Publicada por... Academia Real das Sciencias de Lisboa, dirigida e annotada pelo Conde de Ficalho. Lisboa, 1891.

PIDAL (Ramon Menéndez). — *Cantar de Mio Cid.* Texto, Gramática y Vocabulario. Madrid, 1908-1911.

POMBINHO JÚNIOR (Tenente). — «Vocabulário Alentejano» (Subsídios para o léxico português), no vol. XXV da *Rev. Lusit.*, p. 58.

RAMUSIO. — Primo volume, & terza editione delle *Navigationi et Viaggi* raccolto gia da M. Gio. Battista Ramusio, & com molta & vaghi discorsi, da lui in molti luoghi dichiarato & illustrato... Veneza, 1563.

«Relação das Cousas da Cristandade que vimos na Pérsia e na Arménia». Inédito dos princípios do Século XVII publicado por António Baião nos seus *Itinerários da Índia a Portugal por terra*, nas pp. XVII e XXXII.

RIBEIRO (João). — *Curiosidades Verbaes*. Estudos applicaveis à lingua nacional. São Paulo, 1927.

—— «A Influência do Árabe na Língua Portuguesa», na *Revista de Língua Portuguesa*, fasc. 49 (1927), pp. 149 a 184.

RIBERA (Julián) e M. ASÍN. — *Manuscritos Árabes y Aljamiados de la Biblioteca de la Junta* (para Ampliación de Estudios é Investigaciones científicas). Noticia y extractos por los alumnos de la sección árabe bajo la dirección de... Madrid, 1912.

RICE (C. C.). — «Hispanic Etymologies», na *Language*, X, n.º 1, p. 27.

RODRIGUES (Bernardo). — *Anais de Arzila*. Crónica Inédita do Século XVI... publicada por ordem da Academia das Sciências de Lisboa e sob a direcção de David Lopes. Lisboa. (1915–1919).

S. BERNARDINO (Frei Gaspar de). — *Itinerario da India* por terra até a Ilha de Chypre... composto por... Lisboa, 1842.

SAVI-LOPEZ (Paolo). — *Origenes Neolatinos*. Trad. de Pilar Sánchez Sarto. Editorial Labor. Barcelona, 1935.

Scriptores. — Lisboa, 1856.

SICARD (Jules). — *Vocabulaire Franco-Arabe. Dialecte Marocain*. 4.ª ed. Paris. Larose, 1934.

SILVEIRA (Joaquim da). — «Toponímia Portuguesa». *Rev. Lusit.*, XVI, pp. 143–158; XVII, pp. 114–134; XXIV, pp. 189–226; XXXIII, pp. 233–268.

SOUSA (Frei João de). — *Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal*... por... e augmentado e annotado por Fr. Jorge de Santo Antonio Moura. Lisboa, 1830.

SOUSA VITERBO (Francisco Marques de). — «O Orientalismo em Portugal no Século XVII». Separata do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 12.ª série, n.os 7 e 8. 1893.

Stanford Dictionary (The) of Anglicised words and Phrases by C. A. M. Fennell. Cambridge, 1892.

STEIGER (Arnold). — «Soda», in *Vox Romanica*, II, p. 53.

TAVARES TEIXEIRA. — «Vocabulario Transmontano» (colhido no Concelho de Moncorvo), in *Rev. Lusit.*, vol. XIII, pp. 110–126.

TENREIRO (António). — *Q. v.* Baião, *Itinerários*.

USQUE (Samuel). — *Consolaçam ás tribulaçoens de Israel*. Com revisão e prefácio de Mendes dos Remédios. Coimbra, 1906.

VASCONCELOS (D. Carolina Michaëlis de). — Q. v. Michaëlis de Vasconcelos (D. Carolina).

VIANA (A. R. Gonçalves). — Q. v. Gonçalves Viana.

VICENTE (Gil). — *Obras completas de*... Reimpressão «fac-similada» da edição de 1562. Lisboa, 1928.

VIEIRA (Fr. Domingos). — *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza* pelo Dr. ... Porto, 1871–1874.

VOSSLER (Karl). — *Poesie der Einsamkeit in Spanien*. Erster Teil. Munique, 1935.

WAGNER (Max Leopold) — «Sôbre Alguns Arabismos do Português». *Biblos*, vol. X, pp. 427–453. Servi-me da revista.

YULE (Cor. Henry) — Q. v. *Hobson-Jobson*.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

Por lapso houve repetição dos números dos artigos dos *Nomes germânicos na toponímia portuguesa*, que começam na letra *R*. Devem começar aí em 1058 e terminar em 1283 (final da letra *S*).

Os nomes germânicos na toponímia portuguesa

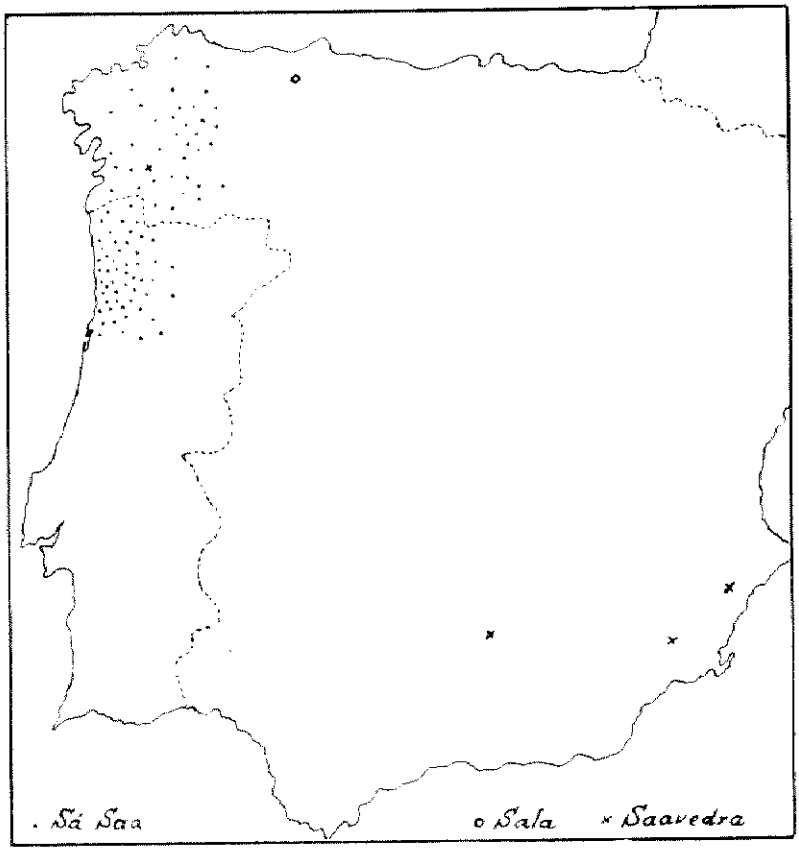
(Continuado do Tômo VI, p. 86)

S

1132. ***Sá** (1–3. Vila Verde, B; 4–7. Guimarães, P; 8–10. Barcelos, P; 11. Santo Tirso, P; 12–14. Gaia, P; 15–16. Lousada, P; 17–18. S. Pedro do Sul, Vis; 19. Baião, P; 20–22. Terras de Bouro, B; 23. Valpaços, VR; 24. Arouca, Av; 25–26. Fafe, B; 27. Famalicão, B; 28–29. Maia, P; 30. Valongo, P; 31. Penafiel, P; 32. Oliveira de Azeméis, Av; 33–35. Amarante, P; 36. Melgaço, Via; 37–40. Braga; 41–43. Felgueiras, P; 44. Feira, Av; 45. Anadia, Av; 46. Castelo de Paiva, Av; 47. Régua, VR; 48. Sinfães, Vis; 49. Paredes, P; 50–52. Monção, Via; 53. Arcos de Valdevez, Via; 54. Ponte de Lima, Via).

Êste nome geográfico merece uma atenção especial por se tratar de um dos raros nomes comuns visigodos que se conservaram na toponímia portuguesa. SÁ, que na Galiza se escreve de preferência SAÁ, encontra-se numa área nitidamente delimitada, que no Norte começa na costa cantábrica, não passando para Sul a linha do Vouga, e no Oeste a fronteira lingüística galego-portuguesa. A forma espanhola correspondente, SALA, só figura duas vezes no *Nomenclator* de 1920: 1. Pastrillon, Oviedo; 2. Valle de Lierp, Huesca. Que se trata dum apelativo, mostra-o claramente o nome geográfico galego (tornado também nome de pessoa em Portugal) SAAVEDRA (Irijo, Orense), que contém na segunda parte o antigo adjectivo VEDRO < *VETERU. Êste sinónimo de «velho» (cf. VEDRO TESTAMENTO, DE TEMPO DE VEDRO, etc.) aparece freqüentes vezes na toponímia peninsular: PONTEVEDRA, TÓRRES VEDRAS, PAÇO VEDRO (1. Póvoa de Lanhoso, B; 2. Ponte da Barca, Via), e, como se vê, juntamente com um substantivo que designa uma construção arquitectónica. Em face disto não há nada mais natural do que admitir que também o substantivo

SAA, SA pertence a esta categoria de vocábulos. A forma medieval de SÁ é SALA, cf. *OM* VILA SALA 1059, SALA DE BARROSAS (vila) 1059, que só pode provir dum gótico ou suevo *SALA, quere dizer da mesma palavra que vamos encontrar como elemento onomástico



Mapa 5

em SAMIL < SALAMIRI, SAMONDE < SALAMUNDI, etc., e que corresponde ao port. SALA. A questão que se põe é só de saber por que razão o nome comum português não aparece também na forma SÁ, com supressão do L intervocálico. A resposta é esta: O português SALA, na acepção de compartimento principal duma casa, vem (como as respectivas palavras espanhola e italiana) do francês SALLE, de origem francónica, que, provàvelmente por influência do sinónimo HALLE, tem dois L, cf. *REW* 7522, ao passo que todos os outros dialectos germânicos apresentam uma forma com L simples, cf. Holt-

hausen, art. *SALS, e Leite de Vasconcellos, *Lições* 26–27. Não posso naturalmente precisar mais o significado de SÁ, querendo só lembrar que o italiano SALA — refiro-me à palavra tradicional, e não ao SALA importado de França — significa simplesmente «casa», «habitação» (na idade média a parte do castelo habitada por servos). Talvez seja esta também a significação de SÁ.

1133. ***Sabagido** (Felgueiras, P).

O primeiro componente SAB-, SAV- é um elemento especificamente gótico, cf. F 1286, ML 44, cuja origem é obscura. Sachs 92 parece admitir como étimo o tema SWAB-, quere dizer o do nome do povo dos suevos, derivação que me parece pouco provável em virtude de a vogal não corresponder bem à forma tradicional SUEVI, SUEBI, cf. Schönfeld 212–15. Holthausen relaciona SAB- com o nome da tribu dos SAVALINGII (Σαξαλίγγιοι) que vivia na península cimbrica, hipótese que também não deixa de ser frágil. O número de nomes formados com êste elemento é bastante importante, cf. *OM* CASAL SAVEGODI 977 (cf. hoje SABEGODE no mun. do Sobrado, Corunha), SAUILDI 938, AGRO DE SAVILI 1258, SAVAREI geogr. 1258, *Inquis.* 685², que representa um genet. *SABA-REDI (cf. SABAREY no mun. de Corgo, prov. de Lugo), e finalmente os dois topónimos que se seguem. Na lista de Sachs 92 podem ainda incluir-se SABOY (1. Tordoya, Cor; 2. Creciente, Pont) e JABALDE (Rodeiro, Pontevedra), devendo-se a meu ver excluir SABIN, que deve ser o genet. do nome latino SABINIUS.

1134. **Sabarigo** (1. Guimarães, B; 2. [Monte do] Viana, Ev).

É um nome amplamente documentado: *OM* SABARICUS 959, SABARICO, SABARIGO 1084, (SABARIGUIZI 1032), SAUARICO 1050, SAUARIGU 993, SAVARICUS (bispo) 911, SAVARIGUS 1220, SAVARIGO 1220, etc. SABARIGO encontra-se também no mun. de Bueu, prov. de Pontevedra. Veja-se também o art. SAVARIGO.

1135. **Sabariz** (1. Vila Verde, B; 2. Barcelos, B; 3. Bragança; 4. Vila do Conde, P; 5. Castelo de Paiva, Av; 6. Paredes de Coura, Via; 7. Felgueiras, P; 8. Viana do Castelo).

Trata-se do genetivo de SABARICUS, que se encontra ainda umas 5 vezes na Galiza, sem contar JABARIZ (2), JAVARÍS e JAVARIZ (2), com J, que representam uma variante especificamente galega de SABARIZ. No *Onomástico* aparecem uma VILLA SAUARICI 1059 e um VALE SAUARICI séc. XI. Veja-se também SAVARIZ.

1136. [*Sades (Penafiel, P)].

É duvidosa a origem germânica dêste nome. Talvez seja formado do tema SAD- que aparece no nome geográfico SAD-OY, *Inquis.* 434.

1137. [Sago (Monção, Via)].

Talvez se deva explicar êste topónimo como sendo a forma hipocorística *SAGGO, dum dos nomes formados com o tema SAG- que examinamos no artigo que se segue. Cf. também o art. SEGÕES.

1138. Sagufe (Feira, B).

É o genet. do nome medieval SAGULFO 986 (patron. SAGULFIZ 1052, SACULFIZ 1041). O tema inicial, SAG-, que forma palavras na maior parte dos antigos dialectos germânicos, e que encontramos no lat. SOCIUS, SECUNDUS, SEQUOR. gr. ἕπομαι, significava primitivamente «o que acompanha», «companheiro», e daí «homem de armas». O substantivo gótico *SAGJA entrou no vocabulário jurídico latino da idade média na forma SAIO, -ONIS, «funcionário régio», vocábulo que deu o esp. SAYON, ant. port. SAIÃO «verdugo, algoz», cf. Holthausen 83. Êste antigo SAIÃO deixou também alguns vestígios na toponímia portuguesa, cf. SAIÃO (Moncorvo, Bça), QUINTA DO SAIÃO (1. Vila Nova de Fozcoa, Guar; 2. Seia, Guar), CASAL DO SAIÃO (Góis, Coim). Veja-se também o art. SEGADE.

1139. Saide (Anadia, Av).

Nos *Diplom.* 49 encontra-se um nome SAÍLDUS, cf. ML 44, que deve estar por *SAG-ILDUS, cujo genetivo explica SAIDE. A vocalização do G diante dum I é normal. O componente inicial é o mesmo que no topónimo precedente. A forma que reflecte o nominativo está em SAIDO (1. Celanova, Orense; 2. Puentedeva, Orense), o patronímico em SAIDES (Tuy, Pontevedra), cf. Sachs 85.

1140. *Sail (Arganil, Coim).

Como -IL e -IDE têm a mesma procedência, cf. os arts. FAÍL e FAÍLDE, trata-se de uma forma divergente de SAIDE.

1141. [*Saim (Terras de Bouro, B)].

É possìvelmente o genetivo dum nome *SAG-INUS. Sôbre SAG- cf. o art. SAGUFE.

1142. **Salamonde** (1. Ponte de Lima, Via; 2. Vieira, B).

O elemento inicial dêste nome *Sala-mundus filia-se sem dúvida em *sals «sala» que examinámos no art. Sá. Sachs 86 acha êste étimo pouco satisfatório por causa da conservação do L intervocálico. Com efeito vamos encontrar a forma «correcta» de *Salamundi mais adiante em Samonde. Apesar desta dificuldade não me parece necessário admitirmos dois temas diferentes para Salamonde e Samonde. A forma com L pode ser devida ao facto de existir a forma hipocorística *Sallo, cf. *OM* Casal de Salo 1258, com geminação regular do L, que por sua vez teria servido à formação de novos nomes bitemáticos. Sallia, Salla é nome dum ostrogodo a que se refere Idácio, cf. Schönfeld 197. O elemento sala- encontra-se também em nomes borgúndios, cf. Gamillscheg, *Rom. Germ.* III, 145.

1143. ***Salão** (Arganil, Leir).

Identifico êste topónimo com o acus. *Sallonem > *OM* Salom ap. h. 1258, de *Sallo, a que acabo de referir-me. Há mais localidades chamadas Salão, p. ex. oito na Ilha da Madeira, em que porém havemos de ver o nome comum respectivo. O mesmo sucede com Montes do Salão Frio (Vila do Bispo, F). O topónimo Salón no mun. de Boborás (Orense) deve também vir de *Sallonem.

1144. ***Sales** (1. Feira, Av; 2. [Fazenda do], Montemor-o-Novo, Ev; 3. [Quinta do], Oeiras, Lisb; 4. [Quinta do], Cartaxo, Sant).

Eis o patronímico de *Sallo a que me refiro nos dois artigos precedentes. A forma Salliz > *Sall-ici vem documentada no séc. XI no *Livro de D. Mumadona, Diplom.* 564.

1145. [***Salhariz** (Chaves, VR)].

A terminação indica um nome em -ricus. O primeiro componente não pode ser sala-. Talvez se filie no gót. saljan «sacrificar».

1146. ***Salreu** (Estarreja, Av).

Trata-se dum nome *Sala-redus). Sôbre o primeiro componente veja-se o art. Salamonde, sôbre -reu < -redu = *reþs «conselho», o art. Lubreu. A conservação do L deve-se ao facto de a «fugenvokal» post-tónica ter sido suprimida.

1147. [***Samel** (Anadia, Av)].

Ignoro se Samel está por Samil ou por Samuel, que encontramos três vezes na toponímia portuguesa.

1148. *Samil (1. Penafiel, P; 2.–3. Barcelos, B; 4. Celorico de Basto, B; 5. Paredes, P; 6. Bragança; 7. Oliveira de Azeméis, Av).

Do genet. do nome medieval SALA-MIRUS, cf. *OM* SALAMIRO 984 (SALAMIRIZ 1055, SALAMIRIC 1091), SALMIRO 773(?), ML 45 SALEMIRO. Sôbre SALA- cf. o art. SALAMONDE. SAMIL é representado mais três vezes na toponímia galega (2 Corunha, 1 Pontevedra). Na provincia de Zamora existe a variante SAMIR (SAMIR DE LOS CAÑOS). A forma pròpriamente espanhola é SALAMIR (Cudillero, Oviedo).

1149. **Samodães** (Lamego, Vis).

Veja-se o artigo SEMODÃES.

1150. **Samonde** (1. Viana do Castelo; 2. Vila Nova da Cerveira, Via).

Representa o genet. dum nome *SALA-MUNDUS que examinámos no art. SALAMONDE. Sôbre -MONDE vejam-se os arts. ALIMONDE, AMONDE, etc.

1151. **Sandamil** (Chaves, VR).

Principia agora uma longa série de nomes formados com o elemento SAND-, do gót. *SAN]S «verdadeiro», cf. F 1296, S 86. Holthausen prefere explicar os nomes formados com êste tema pela raíz que está no gót. SANDJAN «enviar», sendo o seu significado neste caso o de «mensageiro». SANDAMIL, que é também o nome duma localidade da prov. de Lugo, vem do genet. de *OM* SANDEMIRU 983, (cf. SANDAMIRO na prov. de Orense). Vem documentada nas *Inquis.* 343[1] uma localidade SANDAMIR 1258 («in judicato de Sancto Stephano»), que tem a mesma origem que SANDAMIL. Vejam-se também os arts. SANDOMIL e SANTOMIL.

1152. **Sande** (1. Vila Verde, B; 2. S. Tirso, P; 3. Amarante, P; 4. Famalicão, B; 5. Ovar, Av; 6. S. Tirso, P; 7. Lamego, Vis; 8. Vila Verde, B; 9. Monção, Via; 10. [Horta do], Évora; 11. Guimarães, B; 12. Vila Verde, B; 13. Guimarães, B; 14. Marco de Canaveses, P; 15. [Montinho do], Borba, Ev; 16. Marco de Canaveses, P; 17. Vila Verde, B; 18. Marco de Canaveses, P; 19. Vila Verde, B; 20. [Vila Nova de], Guimarães, B).

A avaliar pelos numerosos reflexos que deixou na toponímia, o nome SANDO, formado ùnicamente do tema SAND-, que entra na

composição de Sandamil, deve ter tido certa popularidade na idade média. Aos 20 Sande em Portugal vêm juntar-se mais 13 na Galiza (Corunha 8, Orense 2, Lugo 3), cf. Sachs. A forma Sandi aparece várias vezes no *Onomástico* como nome geográfico. Uma variante de Sande é constituída por Sante, de que adiante nos ocuparemos. O facto de alternar d com t indica que o étimo possuía um þ, o que vem confirmar a primeira hipótese formulada no art. Sandamil a respeito da origem de sand- > *sanþs «verdadeiro».

1153. [**Sandeiro** (Marco de Canaveses, P)].

Vejam-se os artigos Santar e Santeiro.

1154. **Sandes** (1. Baião, P; 2. Sinfães, Vis).

Não é preciso dizer que Sandes é o patronímico Sand-ici de Sando, cf. *OM* Sandizi 960, Sandiz 1068.

1155. **Sandiães** (1. Penalva do Castelo, Vis; 2. Barcelos, B; 3. Macieira de Cambra, Av; 4. Ponte do Lima, Via).

Vem do genet. *Sandilanis dum nome *Sand-ila, com o sufixo -ila, tam freqüente e característico em nomes visigodos.

1156. **Sandião** (Guimarães, B).

Do caso oblíquo Sandilanem, de Sandila. Vejam-se os artigos precedentes. Na Galiza há dois Sandián (Corunha e Lugo).

1157. **Sandim** (1. Barcelos, B; 2. S. Tirso, P; 3. Vinhais, Bça; 4. Ponte do Lima, Via; 5. Póvoa de Varzim, P; 6. Vila Nova de Gaia, P; 7. Góis, Coim).

Trata-se do genet. de *OM* Sandinus 915 (patron. Sandiniz 981). Em Espanha encontramos 4 Sandin (Orense 2, Zamora, Oviedo), cf. Sachs 86.

1158. **Sandomil** (Seia, Guar).

É a mesma coisa que Sandamil. Os dois nomes diferem apenas na vogal de ligação. Veja-se também Santomil.

1159. **Sandrigo** (Amarante, P).

Filia-se num nome *Sandaricu(s), cf. *OM* Sandariz, ap. h. 1057, que é o genetivo que deu origem a Sandriz do artigo seguinte. *Sanda-reiks significa «o cheio de verdade», «o sincero».

1160. **Sandriz** (Amarante, P).

Veja-se o artigo precedente.

1161. **Sangemil** (1. Guimarães, B; 2. Tondela, Vis; 3. Penalva do Castelo, Vis; 4. Guimarães, B).

O elemento SANJ- filia-se, como Sachs viu muito bem, no gót. SUNJA «verdade», tendo por conseguinte mais ou menos o mesmo valor que SAND- dos topónimos precedentes. SANGEMIL e, com outra vogal de ligação, SANJOMIL representam de facto o genet. dum nome que nos documentos medievais aparece nas formas SUNIEMIRUS 1013, SONNIEMIRUS, SONGEMIRUS 850–866. A forma com A, SANGEMIRO, aparece ainda no séc. X (982) e prevalece nos nomes geográficos derivados dêste nome de homem: *OM* Villa SANGIMIRUS 1258, SANGEMIR 1258, SANGIMIR 1258, etc. No que diz respeito à evolução pouco «regular» do U (O) para A, Sachs lembra judiciosamente que se tivesse confundido a primeira sílaba com SÃO «santo», como parece mostrar a grafia SÃO JOMIL = SANJOMIL, exemplo que se pode comparar com SÃO JOZENDA, art. 858, que representa sem dúvida um nome feminino *SUNGI-SINDA. Contudo admira que esta confusão se tenha dado em todos os nomes geográficos derivados do tema de SUNJA, de modo que não se pode excluir a possibilidade de se tratar dum fenómeno fonológico que seria necessário precisar.

1162. ***Sangidos** (Sátão, Vis).

Talvez se trate do plural dum nome *SANGIDO, composto de SUNJA mais *HILDIS, composição que de facto existiu, como mostra SUNCHILDIS, apontado por Förstemann 1371, e os topónimos medievais SONGILDE, *Inquis.* 366[2] («in collatione Sancti Juliani da Silva», julgado de Froião), e SANGILDE, *Inquis.* 332[2] («in collatione Sancti Michaelis de Perri», no julgado de Ponte do Lima). Não é contudo impossível que o segundo componente seja GILD-, e o primeiro SON-, cf. o art. SOGILDE.

1163. **Sanjamonde** (Ponte de Lima, Via).

Do genetivo dum nome *SUNJA-MUNDUS, que à letra significa «protector da verdade».

1164. **Sanjomil** (1. Vinhais, Bça; 2. Maia, P; 3. Gondomar, P).

Veja-se o artigo SANGEMIL.

1165. ***Santães** (Esposende, B).

O elemento SANT- tem a mesma origem que SAND-, cf. o art. SANDAMIL. Já verificámos várias vezes no decorrer dêste trabalho que o þ do gótico, quando precedido de um N (ou um L), é repre-

sentado hoje ora por D, ora por T, cf. Gondão e Gontão, Nandufe e Nantes, Balde e Balte. Santães pode ser o genet. *Sant-anis dum nome *Santa, formado ùnicamente do tema sanþ-, ao passo que Sande seria o genetivo da forma latinizada *Sandus, *Santus.

1166. ***Santão** (1. Amarante, P; 2. Felgueiras, P).

Temos aqui o caso obliquo em -anem ou -onem do nome que está no topónimo precedente, cf. *OM* Santom, nome de homem 875, e Villa Santon 1059, *Diplom.* 261.

1167. **Santar** (1. Nelas, Vis; 2. Vila Verde, B; 3. Arcos da Valdevez, Via).

Existe também um Santar na prov. de Lugo (mun. de Muras). É o genetivo da forma latinizada *Sandarius, *Santarius < gót. *Sanþ-harjis, cf. F 1297 Sandhieri, e cujo caso obliquo vive hoje em Sandeiro, Santeiro. O *OM* aponta Santar como apelido 1258.

1168. **Sante** (1. Gondomar, P; 2. Melgaço, Via).

Êste nome não passa de uma variante de Sande, veja-se êste artigo e Santães. No *OM* aponta-se um nome geogr. Santi 1258, *Inquis.* 395[4]. Há mais sete Sante na Galiza, cf. S 86.

1169. ***Santeiro** (1. Bouças, P; 2. [Quinta do], Vila Franca de Xira, Lisb).

Vejam-se os artigos Santar e Sandeiro.

1170. [***Santijães** (Vila Verde, B)].

Êste topónimo tem todo o aspecto de uma forma divergente de Sandiães.

1171. **Santomil** (Barcelos, B).

Vejam-se os artigos Sandamil e Sandomil. Há também um Santomil na prov. da Corunha (mun. de Conjo).

1172. ***Saril** (Arouca, Av).

Sar- é certamente o mesmo elemento que encontrámos no nome histórico Belisario, cf. o art. Beloi, e que se deve relacionar com o gót. sarwa «armas», cf. Schönfeld 198 Sarmanna, e Sarus, nomo dum príncipe godo, e Sachs 87 Zaramil (prov. da Corunha). Creio que Saril corresponde a Saruili 988, Sarili 1021 do *Onomástico*. O mesmo tema está em *OM* Sar-oi 1034 e Saron 1035 (Saroniz 1035), cf. também Gamillscheg, *RG* I, 327, III, 146 e o art. Saramil.

1173. [*Sarões, Serrões? (Penalva do Castelo, Vis)].

1174. [*Sarrão (Feira, Av)].

1175. [*Sarrião (Figueira da Foz, Coim)].

1176. [*Sarrões (Famalicão, B)].

É possível que estes quatro topónimos se devam explicar por um nome *SARRO, que corresponderia a SARON do art. SARIL. Os dois R do tema inspiram porém dúvidas. Teria havido influência de SERRA? O que é certo é que se trata dum nome de homem, cf. *OM* SARRANUS 1220, SARRIANUS, SARRIANO 1258, SARRÃO 1220.

1177. **Savarigo**, Casal de (Póvoa de Lanhoso, B).

1178. **Savariz** (Castro Daire, Vis).

Vejam-se os artigos SABARIGO e SABARIZ.

1179. [*Saveiro (Marco de Canaveses, P)].

Nome composto de SWAB-, art. SABAGIDO, mais *HARJIS? A forma medieval deveria ser neste caso *SABARIUS, nome que infelizmente não encontramos documentado.

1180. **Sedão**, Casal de (Amarante, P).

Creio que êste nome contém o mesmo elemento que SIDE e SIDOI, quere dizer SIDUS «costume». Vejam-se os artigos 1226 e 1227.

1181 *Segadães (1. S. Pedro do Sul, Vis; 2. Valença, Via; 3. Águeda, Av).

É formado do nome SAGADO, SEGADO, que se examina no artigo que se segue, mais o sufixo -ÃES < -ANES, cf. VILLA SAGATANES 1050, *Diplom.* 231, VILLA SAGADANES, *Diplom.* 276, 334. Não se trata por conseguinte dum genetivo em -ANIS, mas do sufixo étnico.

1182. *Segade (1. Penafiel, P; 2. S. Tirso, P; 3–4. Guimarães, B; 5. Miranda do Corvo, Coim).

O tema inicial dêste nome tinha primitivamente um A, que mais tarde se dissimilou do A do segundo elemento, fenómeno que se deu entre o século XII e XIII, cf. *OM* SAGADO 937, SAGATUS 1008 (SAGATIZ 1045), VILLA SAGADI 1059, VILLA SEGADI 1258, *Inquis.* 728[1], etc. O elemento SAG-, SEG- é o mesmo que encontrámos em SAGUFE

e que significa «companheiro, homem». Quanto a -ade, já encontrámos esta terminação p. ex. em Guilhade. Representa o genetivo dos nomes formados com o gót. *haþus «luta», latinizado em -atus.

1183. **Segirei** (Chaves, VR).

Contràriamente à aparência, o primeiro componente dêste topónimo não é idêntico ao elemento seg- (< sag-) do nome precedente, como aliás já indica o diferente valor fonético do g. Segirei vem do genetivo de *OM* Segiredus 985, Segeredu 983 (Segeredizi 1046, Segerediz 1070), Segereo 1077 (Segereiz 1258), formado do gót. sigis «vitória», cf. o alem. mod. sieg, substantivo que encontramos em quási todos os antigos dialectos germânicos e que desempenha um papel importante no onomástico, como sucede também com o grego νίκη. Sôbre -rei < -redi, que entra em tantos nomes já estudados, cf. o art. Darei. Os topónimos *OM* Segoi 1009, e Segufe, na prov. da Corunha, que Sachs 87 inclui nos nomes derivados de sigis, pertencem ao tema sag-, cf. os arts. Sagufe e Segade, e *OM* Seioi 993, Sijoi 976.

1184. ***Segirém** (Vila Nova da Cerveira, Via).

Não passa duma variante do nome precedente, com a nasalação de -rei em -rem, que já conhecemos de Gondarém, Lebrém, etc.

1185. [***Segodim** (Leiria)].

Pode vir duma ampliação com -inus de *Segudo, cf. o art. Segude.

1186. [***Segões** (Moimenta da Beira, Vis)].

Talvez do genetivo em -oxis de *Saggo, apontado no art. Sago.

1187. [***Segude** (Monção, Via)].

Esta freguesia é documentada em 1258, *Inquis.* 353[1], na forma Segudi, que parece ser o genet. dum nome *Segudus < *Sag-wulþs, sendo o segundo componente o gót. wulþus «esplendor», elemento que temos também em Sesulde. -ude seria uma variante de -ulde que se poderia comparar com -ufe, de -ulfe. Há outra explicação possível. Segude poderia derivar dum nome latino-cristão *Secūtus, de sequor «seguir», que teria um certo paralelo em Ambulatus, cf. ML II, 40.

1188. [***Seguinhos** (Vis)].

Será o plural dum nome *Seguinho < *Sagg-inus? Cf. os arts. Sago e Segões, e o topónimo galego Seguin (1. Celanova, Or; **2.** Pantón, Lu).

1189. ***Seide** (1–2. Guimarães, B; 3. Famalicão, B; 4. Póvoa de Lanhoso, B).

1190. ***Seides** (Póvoa de Lanhoso, B).

1191. ***Seidões** (Fafe, B).

Os acentos de SEÍDE e SEÍDES são da minha responsabilidade. Não creio que os três topónimos derivem dum nome *SIG-ILDUS, cujo genetivo deveria dar *SEGIDE, *SEGIDES, mas considero SEÍDE como sendo uma variante de SAIDE; veja-se êste artigo. SEÍDES seria o patronímico correspondente a SAIDES na Galiza, SEIDÕES um plural em -ONES.

1192. [***Seirrãos** (Boticas, VR)].

Veja-se o artigo SARRÕES.

1193. ***Seixomil** (1. Celorico de Basto, B; 2. Barcelos, B).

A segunda destas localidades pertence à freguesia de S. Salvador do Campo. Vem documentada nas *Inquis.* 104[2] na forma SEXIMIR, variante C SEGIMIR («De Sancto Salvatore de Campo», julgado de Neiva), o que mostra claramente que temos em SEIXOMIL o genetivo dum nome *SEGI-MIRUS, cf. Sch 204 SIGIMERUS, formado de SIGIS «vitória», cf. art. SEGIREI, mais *MEREIS «célebre». Diante de M a «fugenvokal» transita fàcilmente para O, cf. BALDOMAR, GONDOMIL, SANDOMIL, etc., o que provocou a confusão com SEIXO < SAXU (etimologia popular). A SEIXOMIL corresponde na Galiza SEIJOMIL (1. La Bola, Or; 2. Meaño, Pont; 3. Sangenjo, Pont) e SEJOMIL (Cortegada, Or).

1194. **Semodães** (1. Baião, P; 2. Lamego, Vis).

A *Chorographia* escreve SAMODÃES, que corresponde melhor às formas antigas ZAMUNDAES («herdade de Stephano Menendi de Z.») e SAMUNDAES («quintana de S.»), *Inquis.* 437[1,2], que mostram que estamos em presença dum plural de SAMONDE, cf. êste artigo, ou de *SENDAMONDE, como parece indicar a forma antiga SENDAMONDANES, *Inquis.* 1059, *Diplom.* 258.

1195. ***Senande** (Paredes, P).

Um nome de homem SENANDUS vem documentado nos *Diplom.* 263, ano de 1059. O segundo elemento -NANDUS, genet. -NANDE, de *NAN**þ**S «audaz», já o encontrámos em ENVIANDE, FRIANDE, RANDE, etc. Como se vê nestes exemplos, o N do tema NAN**þ**- cai quando

precedido por uma vogal, de modo que é lícito admitir que em Senandus, Senande, o tema inicial terminasse primitivamente por uma consoante, suprimida depois. Assim podemos chegar à conclusão que Senandus está por Sesnandus 906, e que Senande é uma forma divergente de Sernande; veja-se êste artigo. Senande encontra-se mais 7 vezes na Galiza (1. Auta de Ulla, Lu; 2. Begonte, Lu; 3. Boqueijón, Cor; 4. La Cañiza, Pont; 5. Mugía, Cor; 6. Palas de Rey, Lu; 7. Trasparga, Lu), existindo só dois Sernande e nenhum Sesnande, o que vem mostrar que o s do grupo sn se assimilou ao n nos casos em que não se dissimilou do s inicial para r.

1196. ***Sendal** (1. Maia, P; 2. Felgueiras, P).

O tema send-, sind- é o mesmo que encontrámos tantas vezes como segundo elemento de composição na forma -sendo, -sindo, genet. sende, -sinde, cf. os arts. Aldosinde, Antuzende, Bruzende (que seria melhor escrever-se com s), Ermesinde, Gosendo, Résende, etc. O étimo sinþ- significa «caminho», «ida», «expedição militar». Em Sendal reconhece-se o genetivo dum nome Sendarius < gót. *Sindiharjis, usado também entre os borgundos e francos, cf. Gamillscheg, *Rom. Germ.* III, 149. Nos *Diplom.* 52 aparece de facto um apelido Sendari 961, que evolucionou normalmente para Sendar e, com troca do r para l, Sendal. O nominativo do *Sindarius encontra-se como nome geográfico em Sendeiro, sec. XI, *Diplom.* 563, a não ser que se trate dum nome comum derivado de senda, cf. *RE* W 7813 sēmīta, francês sentier, espanhol sendero. Além de Sendarius há mais nomes bitemáticos compostos na primeira parte com sinþs, cf. *OM* Sendamiro 986 (-mirizi 1047, -miriz 1053), Sendulfus 992, Sindileuba 971 (Sendileuuva 1093, Sindileuua 965), Senduara 1085, Senderiquiz 1044, Sindofaliz 972.

1197. ***Sendão** (1. Guarda; 2. Lousada, P; 3. Marco de Canaveses, P).

É o caso oblíquo dum nome monotemático Sinda, Senda, que figura como topónimo nas *Inquis.* 722, e de que deve ter existido também uma forma latinizante em -us, cf. *OM* Sindo 1071, genet. Sendi 1058, que deu modernamente Sende.

1198. ***Sendas** (1. Bragança; 2. S. Pedro do Sul, Vis).

É melhor explicar êste topónimo como sendo o patronímico de Senda, do art. precedente, do que o relacionar com o nome comum respectivo.

1199. **Sende**, Quinta de (Monção, Via).

Do genet. SENDI a que nos referimos no art. SENDÃO, e que figura como nome geográfico nas *Inquis.* 397 com a grafia SINDY 1258. SENDE é também o nome de uma localidade na prov. da Corunha. Veja-se igualmente o art. SINDE.

1200. **Sendelo** (Guimarães, B).

Trata-se de uma ampliação com -ELLUS, tam vulgar nos nomes visigodos, do nome SINDO, SENDO, que mencionámos no art. SENDÃO.

1201. **Sendiães** (Barcelos, B).

Filia-se êste topónimo no genet. *SINDILANIS do nome hipocorístico SINDILA 1024 (?), *Diplom.* 158, que aparece também na forma aportuguesada SINDILO 1055. Existem igualmente formas que já apresentam a supressão do L: SINDIA 1088, SINDEA 1070 (SINDIIZ 1258, SENDIIZ 1258). SENDIÃES aparece documentado como nome geográfico nas formas SINDIANES 1258, *Inquis.* 399[1], e SINDIAES 1220, *Inquis.* 24 e 101.

1202. **Sendim** (1–2. Viana do Castelo; 3–4. Guimarães, B; 5. Cabeceiras de Basto, B; 6. Bouças, P; 7. Monção, Via; 8. Montalegre, VR; 9. Taboaça, Vis; 10. Miranda do Douro, Bça; 11. Barcelos, B; 12. Felgueiras, P; 13–14. Alfândega da Fé, Bça).

A origem de SENDIM está no genet. SENDINI de SENDINUS, SINDINUS, nome muito freqüente na idade média, o que explica a sua abundância na toponímia. Sôbre o tema SEND- veja-se o art. SENDAL. O *Onomástico* oferece muitas formas dêste nome, como SENDINO 882 (SENDINICI, SENDINIC 1075, SENDINIZ 961, SENDINIZI 1088, SINDINUS 946, SINDINIZ 1021), VILA SINDINI 1006, SINDIM geogr. 1258, etc.

1203. ***Sendinha** (Sever do Vouga, Av).

Trata-se da forma feminina de SENDINUS, cf. *OM* SENDINA, nome de mulher 982.

1204. [***Sendos** (Valença, Via)].

Representa possìvelmente um plural de SENDO = SINDO, que apontámos no art. SENDÃO.

1205. **Senharei** (Arcos de Valdevez, Via).

É um topónimo que reflecte o genetivo dum nome em -REDUS. O primeiro componente deve ser, como supõem Meyer-Lübke I, 48, e Sachs 91, o gót. SUNJA «verdade», que já encontrámos em SAN-

GEMIL. Sachs admite para justificar a forma actual uma influência de SENIOR. Abundam de facto nomes medievais tirados dêste nome comum, cf. *OM* SENIOR 936, SENIORINO 978 (o genet. *SENIORINI vive no actual SENHORIM, conc. de Nelas), SENIORINA 1057 (cf. hoje SENHORINHA, conc. de Sever do Vouga), etc.

1206. **Senhariz** (Braga).

Deve ser também um nome composto com SUNJA «verdade», como mostra a grafia SONIARIGO 929, com o. Em 1091 êste nome já se escreve com E: SENIARIGUS. O apelido SENIORIZ 1053 pode tanto representar o genet. de SENIARICUS < gót. *SUNJA-REIKS, sendo neste caso a forma que deu SENHARIZ, como pode também ser o patronímico de SENIOR que citámos no artigo precedente: *SENIOR-ICI.

1207. [***Sentes** (Sinfães, Vis)].

Creio que esta forma está por *SENDES, que seria o patronímico de SINDO que se aponta no artigo SENDÃO.

1208. **Seramil** (Amares, B).

Creio que se trata duma forma divergente de SESMIL (sôbre a identidade de SER- e SES- veja-se o artigo SERGUDE), a não ser que se deva identificar Seramil com Zaramil (mun. de Mellid, Corunha), a que me refiro no art. SARIL.

1209. ***Seravigões** (Arouca, Av).

Parece estar por *SAVARIGÕES, plural de SABARIGO, SAVARIGO, que se estuda mais acima.

1210. **Sergide** (Lousada, P).

Êste topónimo vem do genetivo do nome que se segue. SERGIDO reflecte a meu ver um nome SISI-GILDUS, embora tal formação não se encontre no onomástico medieval. Justifica-se esta explicação no artigo SERGUDE.

1211. ***Sergido** (Arouca, Av).

Veja-se o artigo precedente e SERGUDE.

1212. **Sergude** (1. Peso da Régua; 2. Barcelos, B; 3. Felgueiras, P).

Encontra-se êste topónimo também três vezes na Galiza (1. Carballedo, Lugo; 2. Puente-Ceso, Corunha; 3. San Amaro, Orense). Sachs 93 estuda uma série de nomes geográficos que principiam por SER-, elemento em que pretende reconhecer o gót. SWERS «hon-

rado». Um exame atento das formas citadas trouxe-nos contudo a convicção de que o tema SER- não passa de uma variante de SES- < *SISI-, em que se produziu o bem conhecido fenómeno do rotacismo que temos p. ex. em CHURMA < CHUSMA < gr. χέλυσμα. Com efeito quási todos os nomes citados por Sachs têm formas correspondentes com SES-, cf. também *OM* SESGUDI *Inquis.* 301[a] e SERGUDI *Inquis.* 713[a]. Em 1071 vem documentado o nome de homem SESGUTO, e antes SESGUDUS 933. Ao nome de mulher SESGUNDIA 1059 corresponde nas *Inquis.* o nome geográfico SERGUNDA 1258, ao actual SERMONDE o antigo apelido SESMONDI 915, a CERMIL e SERAMIL opõe-se hoje SESMIL e, para concluir, encontramos num documento dos *Diplom.*, de 1059, SERNANDUS e SESNANDUS para designar um e o mesmo indivíduo. Havemos por conseguinte de pôr de lado o étimo SWERS «honrado» para os nomes que apresentam na primeira sílaba SER-, embora formalmente nem semânticamente haja objecção alguma a fazer contra tal étimo. A identidade de SERGUDE com *SESGUDE (cf. hoje SERGUDOS no munic. de Bularros, prov. de Avila) é tanto mais manifesta, quanto é certo que o elemento GUD-, que se filia provàvelmente no gót. GÔþs «bom», «bonito», é raríssimo como segundo componente.

1213. **Serigo** (Boticas, VR).

Creio que SERIGO vem de *OM* SIGERICUS 957, nome composto com SIGIS «vitória», elemento que já encontrámos em SEGIREI. Teòricamente a sílaba inicial de SERIGO pode representar outro tema, mas é sempre preferível basear uma etimologia sôbre um nome documentado do que construído. A mesma evolução de SIGI- para SE- parece ter-se produzido em SEZENDA (veja-se êste artigo), que mais fàcilmente se explica pelo antigo SEGISINDA 1098.

1214. **Sermonde** (Vila Nova de Gaia, P).

Filia-se êste topónimo no genet. *OM* SESMONDI 915, de SESMONDO 1083 (patron. SEZEMONDISI 1037, SESMONDIZ 984, SESMUNDIZ 1220). Sôbre a evolução de SER- para SES- veja-se o artigo SERGUDE, sôbre o significado dêste tema o art. SESMIL. O nome de lugar SESMONDE encontra-se duas vezes na Galiza (1. Laje, Paradela, Lugo; 2. Armental, Vila Santar, Corunha).

1215. **Sernande** (1. Arouca, Av; 2. Guimarães, B; 3. Baião, P; 4. Vinhais, Bça; 5. Felgueiras, P).

A estas cinco localidades chamadas SERNANDE devem acrescentar-se mais três na prov. de Lugo (1. Hervedeiro, Chantada;

2. Cangas, Pantón; 2. Seroiro, Ibias). SERNANDE deriva do genet. de SESNANDUS 1059, nome que, como já tive ensejo de frisar no art. SERGUDE, se escreve no mesmo documento (*Diplom.* 263) também SERNANDUS. Trata-se de um nome freqüente na idade média que nos é familiar principalmente através do conde SISNANDO, primeiro governador de Coimbra, e dum rei visigodo do século VII. Escreve-se das maneiras seguintes: SISNANDUS 883 e SESENANDUS 906 (bispo), SISENANDO 1083, SISINANDUS 929. É curiosa a forma SESNAM, do séc. XV, que é a usada em próclise e que corresponde perfeitamente a FERNAM (FERNÃO) de FERNANDO, que também é formado na segunda parte com *NAN]ÞS «audaz». Sôbre o tema inicial SER- vejam-se os arts. SERGUDE e SESMIL.

1216. ***Serufe** (Famalicão, B).

Trata-se de uma forma divergente de SEZULFE, cf. êste artigo, em que se deu o rotacismo que observamos por exemplo também em *OM* SARUILI 988, que corresponde a SAZUILI 960.

1217. **Sesmil** (Chaves, VR).

Existe também um SESMIL na prov. de Lugo (Encinheira, Quiroga). Já nos referimos a êste topónimo no artigo SERAMIL. Ambas as formas derivam do genetivo de *OM* SESMIRO 976 (patron. SESMIRICI 1091, SESMIRIZ 1006). Os nomes portugueses que principiam por SES-, SEZ e SER- são todos compostos com o tema *SISI-, elemento freqüente no onomástico germânico, cf. F 1345, ML I, 46, S 89, que possivelmente se deve aproximar do ant. alto alem. *SISUS «canto fúnebre» e que primitivamente talvez significasse «encantamento». É verdade que, como observou judiciosamente Gamillscheg III, 145, a vogal de ligação, que é sempre I ou E, não concorda bem com tal etimologia. O número dos nomes visigodo-peninsulares formados com *SISI- é muito grande. Além dos que perduram como nomes geográficos e que apontamos no seu lugar, podem citar-se ainda os seguintes: SISERIGO séc. XII, SISILA 1039, SISUALDO 1004, SISOALDO 971, SISUADO 965, SISILDI 867–912, SISILLI 960, SEZIL 1258, SISUERTO 991, SESITA fem. 1044, SESUITO 976, SEZOI 988, SESINO 1258, SESGUNDIA 1059. Talvez não seja inútil frisar que os nomes de lugar mencionados a seguir se podem, ou, melhor, se deveriam escrever com s: portanto SESELHE, SESENDA, etc.

1218. ***Sezelhe** (Montalegre, VR).

Êste topónimo parece reflectir o genetivo dum nome *SIS-ELLUS, com o sufixo latino -ELLUS a substituir o gót. -ILA, cf. no art. pre-

cedente SISILA 1039, e no *OM* SESILLI 982. O mesmo nome, grafado SESELLE, encontra-se três vezes na Galiza.

1219. ***Sezenda** (Vila Verde, B).

Visto a terminação -SENDO, -SENDA, -SENDE (do gót. SINÞS «caminho») ser muito freqüente em nomes portugueses de origem visigoda, não podemos incluir SEZENDA nos nomes formados com *SISI-. O nome deve decompor-se SE-ZENDA, sendo a sua origem certamente o nome de mulher *OM* SIGISINDA 1098, onde o tema SIGI- «vitória» evolucionou para SE-, como em SERIGO, de SIGERICUS.

1220. **Sezerei** (Chaves, VR).

Temos aqui o genetivo dum nome não documentado *SISIREDUS, *SESIREDUS, composto na segunda parte com *REÞS «conselho».

1221. ***Sezerigo** (Boticas, VR).

Vem do nome medieval *OM* SESERIGO 1050 (patron. SESERIQUIZ 1075, SESERIGUIT 1053).

1222. ***Sezite** (Guimarães, B).

Eis o genetivo dum outro nome composto inicialmente com *SISI-: *OM* SESUITO 976, de que existe também uma forma feminina, SESITA 1044, em que já se observa a supressão do U semivocálico. É difícil pronunciar-se sôbre o segundo elemento, -UIT. Talvez se trate do gót. *WEITI «castigo», que está no verbo FRA-WEITAN «vingar», quere dizer do mesmo elemento que como primeiro componente aparece na forma GUID- (cf. o art. GUIDÃO) e GUIT- (nos topónimos galegos GUITAR, GUITIANDE e outros). Os nomes históricos ALVITH, ANDUIT e SINDVIT, apontados por Schönfeld, têm o mesmo tema final.

1223. **Sezulde** (Barcelos, B).

Também na prov. de Lugo (Burgás, Germade) há um SESULDE. Sôbre o primeiro componente veja-se o art. SESMIL. O segundo elemento, que aparece também na forma -UDE, vem de WULÞUS «explendor». Como se conhece o nome dum ostrogodo SIGISVULTUS, SIGISVULDUS, cf. Schönfeld 206, não é impossível que em SEZULDE a primeira sílaba represente a contracção de SIGIS «vitória», o que aliás também é possível para outros nomes formados com SIS-, SES-.

1224. **Sezulfe** (Macedo de Cavaleiros, Bça).

Trata-se do genetivo dum nome *OM* SESULFU(S) 1069 (patron. SISUULFIZ 998), do gót. *SISI-WULFS. SEZULFE corresponde, ao que

parece, à antiga Vila de Sezulfe, documentada em 1287, e que pertenceu ao mosteiro de Castro de Avelãs, cf. *O Instituto*, 56, 269. Nas Inquirições de 1258 (397²) aparece uma forma sem L: Sisufi, que porém diz respeito a outra localidade («in collatione Sancte Marine de Sindy», julgado de Penela). Sesulfe encontra-se também duas vezes na Galiza (1. Capela, Corunha; 2. Trasparga, Lugo). Veja-se também a forma divergente Serufe.

1225. ***Sião** (1–2. Viana do Castelo).

Explico êste topónimo como sendo o acusativo *Silonem, ou o genetivo *OM* Siloni 943 dum nome de homem Silo, documentado em 1042 como nome geográfico (*Inquis.* 707), e de que se conhece também o patronímico Siloniz 959. O tema sil- aparece em bastantes nomes medievais, cf. o artigo Sil.

1226. **Side** (1. Braga; 2. Vila Verde, B; 3. Seia, Guar).

Êste nome representa o antigo genetivo Siti 1048, Sidi 1041, dum nome suevo-godo Sida, Sido, atestado por Tácito para um rei suevo, e por uma inscrição ostrogoda, cf. Schönfeld 203. Prefiro não identificar Side com Cide, art. 259, e ver no primeiro um nome formado com o gót. sidus «costume» e com a geminação do D, que não pode surpreender num nome monotemático.

1227. **Sidoi** (1–2. Santo Tirso, P).

Outro nome formado do tema sid-, e que contém o mesmo elemento -oi que Beloi, Cendoi, etc.

1228. **Sil** (Arcos de Valdevez, Via).

Vejo em Sil o genetivo *Sili do nome Silo, a que me refiro no art. Sião. A conservação do L não pode admirar, visto ser a regra em palavras que terminavam em E (é escusado lembrar que o ī final evoluciona para E) e que perdem esta vogal: male > mal, vile > vil. A terminação portuguesa -lhe só está nos casos em que o ī era precedido de dois L. O tema sil- encontra-se em nomes de vários dialectos germânicos, entre outros em nomes borgúndios, cf. Gamillscheg III, 148, que pretendo explicá-lo pelo ant. nord. sili «fita», lembrando o verbo gótico insailjan «ligar». Meyer-Lübke 42 lembrou-se para étimo do gót. sêls «bondoso». Förstemann aponta o nome Silo como sendo o dum príncipe das Astúrias, 783, e dum bispo de Osma, 983. O tema sil- está nos antigos nomes portugueses Silvaldo 938, Silvadi, era de 1303, Silimiro 959, Selmirus 870, Fonte de Selamir 1258 e Siladi séc. XIII.

1229. **Silhães** (Valença, Via).

Além de SILO existia também a forma SILIO, como mostra o antigo nome geográfico CAMPO SILIO 1220, *Inquis.* 83[1] e 703. Em SILHÃES temos o genetivo *SILIANIS, dum tema em -JA.

1230. **Silhão** (Santa Marta de Penaguião, VR).

Eis o acusativo *SILIONEM de SILIO do artigo precedente.

1231. **Silvelta** (Vila Real).

Se não estou em êrro, SILVELTA está por SILVERTA, forma feminina do nome que se segue. Cf. também *GM* SILUERTA 1089.

1232. **Silverto** (Paredes de Coura, Via).

São extremamente raros os nomes visigodos formados com BAÍRHTS «claro», e que são tam numerosos nos outros dialectos germânicos. Meyer-Lübke 57 apresenta quatro exemplos: RANIVERTA, SISIBERTA, TUDIBERTUS e SILBERTUS. É êste último que deu SILVERTO.

1233. **Sinde** (1. Tábua, Coim; 2. Tôrres Vedras, Lisb).

É o mesmo que SENDE. O I é devido à metafonia provocada pelo I longo de genetivo SENDI. Há mais quatro SINDE na Galiza.

1234. ***Singeverga** (Santo Tirso, P).

A única forma antiga que encontrámos é SENGIVERGA, *Inquis.* 541[1]. O segundo elemento, -BERGA, do verbo BAIRGAN «proteger», cf. alem. mod. BERGEN, forma só nomes femininos e é raríssimo no onomástico godo, ao passo que o encontramos freqüentes vezes em nomes borgúndios, cf. Gamillscheg, III, 161. Lembro contudo a princesa ostrogoda AMALABERGA. Quanto ao primeiro componente, SINGE-, creio que se deve aproximar de SANJ- em SANGEMIL, SANGIDOS, SANJAMONDE, etc., que contém, como vimos, o gót. SUNJA «verdade». O nome de mulher que deu SINGEVERGA significaria por conseqüência «protectora da verdade». Veja-se porém Förstemann 1338 SINGEVERT, SINGIFRED, SINGULF, etc.

1235. [***Sinja** (Arouca, Av)].

Será um nome tirado do tema SIN-, do gót. SINISTA «o mais velho»? Cf. o nome de lugar galego SINLLAN (Los Nogales, Lugo).

1236. **Sinzenda** (Vila Verde, B).

Representa um nome de mulher *SINISINDA. Sôbre o primeiro componente veja-se Förstemann 1337 e o artigo precedente.

1237. **Sirval** (Ponte do Lima, Via).

Parece-me que SIRVAL está por SILVAL, com dissimilação do primeiro L, que contudo nada tem que ver com os nomes comuns SILVA, SILVAL, mas provém do nome SILVALDO a que me refiro no artigo SIL. A terminação -AL está freqüentemente por -ALDE, forma do genetivo dos nomes em -ALDUS, do gót. WALDAN «governar», cf. os arts. BERTAL e MANGUAL. Veja-se F 1336 SILIPALD.

1238. **Sizalda** (Resende, Vis).

Trata-se da forma feminina correspondente a SISUALDO, que se examina no artigo que se segue.

1239. **Sizalde** (Guimarães, B).

É o genetivo do antigo nome SISUALDO 1004, SISOALDO 971, composto com o tema *SISI-, que se estuda no artigo SESMIL. Sôbre -ALDE vejam-se os artigos BARALDE, MANGUALDE, MOALDE, etc.

1240. **Soalhães** (1. Guimarães, B; 2. Marco de Canaveses, P).

Filia-se êste topónimo no genetivo em -ANIS de *OM* SUNILA 995, SUNILLA 1013, (SUNILAZI 1037), SOELA 1258, que possui também uma forma feminina SUNILO 1015, SUNILLO 1080. SUMILA 998, SUMLA 957 (VILLA SUMLANI 957), SUNLA 995 parecem estar igualmente por SUNILA. O nome geográfico SOALHÃES é abundantemente documentado na idade média, cf. *OM* VILLA SUNILANES 1013, VILLA SUNILLANES 1014, SUYLANES 1059, SOILAES 1258, SOILHÃES séc. XV, etc., formas já registadas por Sachs 91. O nome SUNILA é tirado ou de SUNJA «verdade», ou *SÔNA «expiação». O acusativo SUNILANEM vive no topónimo galego SOILAN (Chantada, Lugo).

1241. **Sogilde** (Barcelos, B).

Vem do genetivo de *OM* SONIGILDU 1072, cf. o apelido SONEGELDI 949 e as antigas formas de SOGILDE: SONGILDE 1258, *Inquis.* 366², e SOEGILDI, *Inquis.* 367². O primeiro componente é o mesmo que no topónimo precedente. Veja-se também o artigo SANGIDOS.

1242. [*Sona, Horta do (Reguengos de Monsaraz, Ev).

Schönfeld 209 aponta o nome dum ostrogodo SONA, que relaciona com o ant. alto alem. SUONA «expiação». Pode ser que em SONA se trate do mesmo nome, com geminação hipocorística do N.

1243. [*Sonhim (Póvoa de Varzim, P)].

Pode ser que SONHIM represente o genetivo dum nomo em -INUS derivado de SUNJA «verdade».

1244. [***Sonim** (Valpaços, VR)].

Possivelmente êste nome representa um genetivo *SONNINI, de *SONNINUS, tirado do nome que se segue.

1245. ***Suide** (Paredes, P).

Do genetivo *OM* SONILDI, cf. o nome de mulher SUNILDA, apontado por Schönfeld 218, e formado de *SÓNA «expiação» e *HILDIS «combate».

1246. ***Sumil**, Fonte (Paredes de Coura, Via).

Do genetivo *OM* SUNIMIR 1100, de SUNIMIRUS 956, SUNIMIRU, SONIMIRO 976, SUIMIRUS 959, SOIMIRO 1086, tirado de *SONA a que me refiro no artigo precedente. SONIMIRUS distingue-se nitidamente de SONJEMIRUS 850–66, formado de SUNJA «verdade», e que vive hoje em SANGEMIL, cf. êste artigo.

(Continua).

JOSEPH M. PIEL.

Glossário das poesias de Sá de Miranda

Prefácio

Propõe-se o Centro de Estudos Filológicos contribuir para a feitura do *Dicionário da Língua Portuguesa Arcaica*, publicando glossários parciais de textos de diferentes autores. Coube-me o glossário das obras de Sá de Miranda, incluídas na edição de D. Carolina Michaëlis.

Se, pelo conhecimento mais ou menos superficial do autor e da apreciação dos críticos, a opinião corrente sôbre Sá de Miranda é que se trata de um dos escritores mais difíceis de interpretar, não há como embrenharmo-nos nos seus versos nebulosos, para se ver bem como é tarefa árdua e arriscada desbravar êsse denso emmaranhado de pensamentos traduzidos numa linguagem obscura, de sintaxe arrevesada, de expressões arcaicas, de alusões bastante lacónicas a factos contemporâneos, hoje mal conhecidos.

Num texto intrincado, como o mirandino, que custou a D. Carolina Michaëlis muitos anos de aturado labor e que levou D. Francisco Manuel de Melo a dizer que «foi costume de famosos homens escrever certos conceitos misteriosos, como os egípcios, em verso tôsco», ¡quantas dificuldades, quantas hesitações, quantas tentativas inúteis e até quantas realizações desprezadas por só caberem no âmbito de trabalho mais vasto!

O presente glossário, que obedece às bases em que assenta a preparação do *Dicionário da Língua Portuguesa Arcaica*, e, nas suas linhas gerais, à contextura do *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, de D. Carolina Michaëlis, teve, no decorrer da sua elaboração, de ser adaptado a sucessivas alterações do primitivo plano, que se iam julgando necessárias para a sua melhor utilização e para a uniformidade de todos os glossários. Assim, foi primeiro determinado que me cingisse exclusivamente ao texto que D. Carolina Michaëlis havia preferido entre as inúmeras variantes e, por minha

sugestão, acordou-se mais tarde, depois de preenchidos os verbetes, que abrangesse também aquelas, para que possa servir a outras edições. Segundo instruções que recebi, depois de concluído o trabalho, cheguei a coleccionar tôdas as formas verbais, com o intuito de poder fornecer elementos a futuros estudos filológicos; mas tornou-se de tal modo pesada e árida essa enumeração, que me limitei simplesmente a indicar as formas arcaicas e irregulares.

Contém êste estudo o registo de todos os vocábulos nas diferentes modalidades de sentido, acompanhados da respectiva classificação gramatical e da abonação de um passo do texto, com a indicação de outros, além de muitos confrontos com exemplos extraídos de outras obras; muitas expressões; uma relação de provérbios; um índice de nomes próprios, com notas explicativas naqueles que me pareceram menos conhecidos; um outro índice das poesias que correspondem à numeração que adoptei, ou seja a da edição mencionada; várias observações sôbre interpretação e principalmente de carácter filológico.

Quanto às etimologias, escolhi prudentemente as que me pareceram estar dentro da lógica dos princípios mais ou menos estabelecidos.

Tratar de etimologias é ainda caminhar num campo cheio de algares, para quem não se limite a copiar mecânicamente o que outros disseram e queira trabalhar conscienciosa e conscientemente, preferindo nada pôr a registar explicações que não aceite ou não atinja.

Na tarefa ingrata de precisar o significado de cada vocábulo em versos abstrusos, como os de Miranda, procurando arrancá-lo do sentido do texto, numa pesquisa de palavra a palavra, é que compreendi bem a falta que faz o *Dicionário Arcaico* e quam escassos são os elementos de que dispõe quem se dedica a trabalhos desta natureza.

Segundo as normas prescritas para a preparação dêsse dicionário, «todos os casos omissos e tôdas as dúvidas na aplicação das regras serão resolvidas de acôrdo com o director do trabalho». Porém são tam adversas as condições em que trabalha a pessoa para isso indigitada que, só raras vezes, e no campo filológico, se pôde pôr em prática tal prescrição. No entanto, não quero deixar de manifestar pùblicamente o meu reconhecimento ao Ex.^mo^ Sr. Dr. Marques Braga, que tam proficientemente tem servido a literatura pátria, pelo auxílio que me prestou com as suas sugestões e fornecendo-me preciosos elementos da sua biblioteca.

Ousada, talvez, de mais em apresentar certas hipóteses na decifração de versos «de que só o autor poderia fazer acertada inter-

pretação»[1], pois, como êle próprio dizia, «quantos ledores, tantas as sentenças», tenho a consciência de muitas imperfeições: trabalho feito de atacado, fôsse qual fôsse a disposição mental, sem poder cumprir o preceito de Horácio «nonumque prematur in annum», nem tampouco os prudentes conselhos do prezado mestre Ex.mo Sr. Dr. David Lopes de o pôr de parte por alguns meses para fazer a revisão «como leitora e não como autora». A minha situação de equiparada a bolseira do Instituto para a Alta Cultura impunha-me o dever moral de aproveitar escrupulosamente o tempo, e o trabalho de revisão foi feito imediatamente a seguir, acompanhado do preenchimento de milhares de verbetes para o glossário da *Crónica da Conquista de Ceuta*, de Zurara.

É possível, pois, que mais tarde se me irão deparando os lapsos e os erros, fáceis de notar numa leitura lenta e calma, mas mais fáceis ainda de cometer no decorrer de um trabalho quási medido a palmo, a contarem-se as fôlhas que se têm de fazer dia a dia. Para êsses, que a precipitação e as preocupações do momento não deixaram evitar, já estou projectando, logo que as minhas ocupações profissionais o permitam, um suplemento de correcções ao *Glossário;* os outros, provenientes da minha pouca experiência, que a crítica justa e bem intencionada mos ensine a ver melhor. E ela será bemvinda.

Fevereiro de 1939.

CARLOTA ALMEIDA DE CARVALHO.

[1] J. DE SOUSA MACHADO, *O Poeta do Neiva.*

Abreviaturas

adj.: adjectivo.
adv.: advérbio ou adverbial.
anal.: analogia.
Ant. Nasc.: Antenor Nascentes.
ant.: antigo.
Ant. Ferr.: António Ferreira.
Apost.: Apostilas.
ar.: árabe.
Arc.: Arcaico.
Arch. ou *Arq. Nac.*: Arquivo Nacional.
Arcipr.: Arcipreste.
art.: artigo.
assimil.: assimilação.
Auleg.: Aulegrafia.
Bern.: Bernardes.
Bern. Rib.: Bernardim Ribeiro.
Cam.: Camões.
Canc. da Aj.: Cancioneiro da Ajuda.
C. M. ou *C. Michaëlis*: D. Carolina Michaëlis.
Cast.: Castelhano.
cf.: confronte.
Chr. ou *Cron.*: Crónica.
Cod.: Códice.
compar.: comparativo.
conj.: conjunção ou conjuncional.
cons.: consoante.
Consuet Municip.:
contr.: contracção.
cop.: copulativa.
def.: definido.
dem.: demonstrativo.
demin.: deminutivo.
Dic. Etim. ou *Etimol.*: Dicionário Etimológico.
dissimil.: dissimilação.
Écl.: Écloga.
ed.: edição.
Égl.: Égloga.
Eleg.: Elegia.
Elem. Fon. Port.: Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa.
Enciel. Port. e Bras.: Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.
Enfat.: Enfatriões.
esp.: espanhol.
Estrang.: Estrangeiros, comédia de Sá de Miranda.
etimol.: etimologia.
Exhort.: Exhortação.
expres.: expressão.
fem.: feminino.
Filol.: Filologia.
Fl. Sanct.: Flos Sanctorum.
fr.: francês.
G. Viana: Gonçalves Viana.
G. Vic.: Gil Vicente.
Georg.: Geórgicas.
germ.: germânico.
Glos.: Glossário.
got.: gótico.
gr.: grego.
Gram. Hist.: Gramática Histórica.
Hist.: História ou histórico.
imp.: impessoal.
ind.: indicativo.
indef.: indefinido.
inf.: infinito.
ingl.: inglês.
interj.: interjeição.
intr.: intransitivo.
invar.: invariável.
irreg.: irregular.
Is.: Isaías.
it.: italiano.
J. L. Vasc.: Dr. José Leite de Vasconcelos.
J. J. Nunes: Dr. José Joaquim Nunes.
J. F. de Vasc.: Jorge Ferreira de Vasconcelos.
lat.: latim ou latino.
Liç.: Lições.
Ling. Port.: Revista da Língua Portuguesa.
loc. adv.: locução adverbial.
Lus.: Lusíadas.
m.: masculino.
Men. e moç: Menina e moça.
Miscel.: Miscelânea.

Naufr. de Sep.: Naufrágio de Sepúlveda.
observ.: observação.
ortogr.: ortografia.
p.: pessoa.
part.: particípio.
pas.: passivo.
Past. Port.: Auto Pastoril Português.
pes.: pessoal.
pl.: plural.
Poes.: Poesias.
Port. M. Hist.: Portugaliæ Monumenta Historica.
port.: português.
pr.: pronome.
prep.: preposição.
pres.: presente.
prov.: provérbio ou provençal.
rad.: radical.
refl.: reflexo.
R. L. ou *R. Lapa*: Dr. Rodrigues Lapa.
Rev. Lus.: Revista Lusitana.
s.: singular ou substantivo.
S. M. ou *S. de M.*: Sá de Miranda.
S. Nog.: Dr. Rodrigo Sá Nogueira.
Script.: Scriptores.
Seleuco: Auto de Elrei Seleuco.
subst.: substantivo.
superl.: superlativo.
Text. Arc.: Textos Arcaicos.
tr.: transitivo.
v.: veja.
v.: verbo.
Vasc. ou *Vasconc.*: Vasconcelos.
Verg.: Vergílio.
Vilhalp.: Vilhalpandos, comédia de Sá de Miranda.
voc.: vocálico.
vulg.: vulgar.

Glossário

A

a (<la<lat. *illa*—): 1) *art. def. f. s.*:

A vida está mal segura
37, 11; cf. 50, 1; 41, 14.

2) *pr. pes. 3 p. f. s.*:

O tempo a tornou em força
74, 29.

3) *pr. dem. f. s.* aquela:

Só sois a que o sabeis
23, 4.

a (< lat. *ab*): *prep.* V. **ao**.

a (< lat. *ad*): *prep.*:

Não vejo rosto a ninguem
38, 1.

EXPRES.: *a departe*, àparte, em particular:

... chamou
Um leal conde a departe
104, 208.

Cf. *Vilhalp.* «I'or a departe».

a desora, em tempo pouco oportuno:

Faz, desfaz a desora as agonias
150, 101; cf. v. 497.

a fora, afora. V. **afora**.

a la fe, ala fe, na verdade; forma de juramento popular e muito usada:

A la fe, que hei mui bom medo
103, 372; cf. 76, 6.

Cf. B. RIB., *Égl.* II, 440: «A la fe, gram mestre nisto deves ser»; *Égl.* III, 191; *Canc. da Aj.* 3245.

OBSERV.: «Uma das numerosas locuções populares e antigas, em que a forma arcaica do artigo definido (fem.) *la* se conservou intacta», C. MICHAËLIS, *Glos. das Poes. de S. M.*

a miude, freqüentemente, muitas vezes:

I'a e tornava a miude
55, 14.

a ousadas, certamente, decerto:

... posto que ás vezes tarde em lhe dar o pago, a ousadas que não vão sem lho dares como sua bestialidade mereco.
127, 228.

Cf. *Vilhalp.* II, 1: «A osadas, que bem me curaram das minhas cataratas». B. RIB., *Égl.* III, 272: «Se tu soubesses o meu [mal] a osadas... que tu calasses o teu». G. VIC., *Auto Past. Port.*: «I'pois sicaes to quero a osadas grande bem; *Inês Pereira*: «Este escudeiro, aosadas/ onde se derem pancadas,/ele as ha de levar».

a pares, dois a dois, em grande número:

De todos me esqueci, muitos a pares!
150, 97.

a pesar de. V. **pesar**.

a poder de. V. **poder**.

a rodo. V. **rodo**.

a tempo, em ocasião oportuna:

A tempo o bom rei perdoa,
A tempo o ferro é meizinha
104, 41 e 42.

a tento, de vagar, tenteando:

... faz me atrevimento
De ir avante ora por ora,
Em que assi cego e a tento
105, 149.

a tino. V. **tino**.

a torto ou a dereito. V. **dereito**.

a traves, ao contrário:

... da vontade
Flei tudo, que tudo a traves guia
82, 10.

a <> *conj. cop.* e:

Ũa vontade sempre tam sem magoa,
Tantas vezes provada a fogo a fragoa
83, a.

OBSERV.: v. D. C. MICHAËLIS, *Glos. Poes. de S. M.*: «forma antiga e popular (minhota?), conservada, p. ex., na *Prat. de tres Past.*, 29, 57, 113, 140, 151, 162, 175; no *Lima* de D. B., p. 115 (*Entre Douro a Minho*), nas *Obras Métricas* de MELO, p. 75:

A, sendo por cousa sua
a dor nem dava mazella;
A, pois lá leixo a esperança,
dou-ch'ó demo os desenganos;
Graviel, Amor hé avo
a pousa-se ahi u elle quer;

e em algumas rimas populares, como:

Quem de mim mal diz
Aqueime a lingua a mai-lo nariz.

Sôbre *a mais* v. *Romania*, x, 79».

à (contr. da prep. *a* e do art. def. fem. s. *a*):

Traz ó mar e morte certa
Leandro, e Hero á janela
39, 8.

á (contr. da prep. *a* e do art. def. fem. s. *a*):

Vou me assi de dia em dia
Olhos de longe á verdade
25, 10.

EXPRES.: *á antiga*. V. **antigo**.
ás cegas. V. **cego**.
ás direitas. V. **dereito**.
á parte, de lado:

Estê se á parte a demanda
103, 67a.

á porfia: 1) a valer, sem rival, excessivamente:

Me foi de vossa parte apresentada
Vossa composição boa á porfia
144, 4.

2) incessantemente:

Milagres ums sobre outros á porfia
148, 98.

á ventura, ao acaso, à sorte:

E o que agora não digo,
Deixai fazer á ventura!
63, 12.

Cf. B. RIB., *Égl.* I, 95: «NEMI na grau desaventura / não ha mais que aventurar / que deixar tudo á ventura».

ás vezes, de quando em quando, de tempos a tempos:

Ás vezes cuido que não
55, 10.

ás voltas. V. **volta**.
á vontade. V. **andar**.
ao. V. **ao**.

abafar (< *bufo*): *v. intr.* sufocar:

Porque pudera abafar
Ouvindo o que nace mudo
Com desejos de falar
4, 4.

abaixo (< *baixo*): *adv.* em lugar inferior:

Não assi ao contrario, abaixo o Douro
147, 76; cf. 144, 10.

abalado: *part. pas.* de *abalar*, perturbado.
EXPRES.: *siso abalado*, fraco juizo:

Torno ás cousas sagradas? que um profano
Leigo como eu toca-las tam sòmente
Não é siso são, mas de abalado
140, 15.

abalar-se (< lat. *evallare* < **advallare* < *ad vallem*): *v. refl.* ir-se embora, fugir, partir:

Tras os olhos não te abales
28, 2.

Cf. «quando as cadeyas dos presos se abalaram de hum lugar para outro» (in MORAIS).
OBSERV.: Esta etimologia tem sido muito discutida e foram apresentadas outras como *evallare, ballare*, etc. V. *Dic. Etimol.*, ANT. NASC., e J. L. VASCONC., *Rev. Lus.*, II, 267.

abalisar (< *balisa*): *v. trans.* marcar com balisas, indicar:

Da gloria que la tem de herdade e juro
Ca nos deixou o caminho abalisado
143, 8.

Cf. BERN. LIMA, «Carta 23»: «Deixou-nos o caminho abalisado» (in MORAIS).

abalo (< *abalar*): *s. m.* mudança.
EXPRES.: *fazer abalo.* 1) mudar:

Porque o tempo fez abalo
103, 406.

2) perturbar, comover:

... que olho mao lhe fez algum abalo?
150, 54.

V. **quebranto.**

abanar (< lat. *vannare*): *v. trans.* abalar:

Quando altamente alma se escora
Que está queda a fortuna, e não a abana?
169, 159.

abarcar-se (< lat. **abbrachiare*): *v. refl.* abranger-se, cingir-se, abraçar-se:

Assi que de amor e d'ela
Mais se abarca que se aperta
39, 10.

Cf. CAM., Son. 9: «O mundo todo abarco, e nada aperto»; os Adágios: «Quem muito abarca, nada aperta»; «Quien mucho abarca, poco aprieta».

abastança (< *abastar*): *s. f.* abundância, riqueza:

Gigues na grande abastança
Que de toda a parte ajunta
106, 61; cf. 107, 298;
106, 185 var.

Cf. CAM., *Lus.*, VII, 62, 5; X, 93: «Porque creçam as rendas e abastanças».
EXPRES.: *em abastança,* abundantemente, copiosamente:

Fazem-se comprimentos
Em abastança...
150, 408; cf. 12; 79, 6.

abastar, bastar (< *basto*): *v. intr.* ser suficiente:

E não me abasta o mal que me acontece
114, 124.

Cf. CAM., *Seleuco,* 325: «Hum coxim abastará».
OBSERV.: O *a* de abastar é prostético.

abater (< lat. *abattuere*): *v. tr.* 1) vencer, ultrapassar:

Mercê não merecida
Que o entendimento abate!
149, 8.

OBSERV.: É demasiado transcendente para que o entendimento o atinja.
2) derribar:

Ameaçando a enchente, vem soando,
Vem de brava escumando, abate, estronca
150, 248.

abeberado: *part. pas.* de *abeberar* (< lat. *abbiberare*): saciado, assedentado, *scilicet* de *vinho,* isto é, *bebado* (v. *Glos. Poes. de S. M.*):

Estes bem abeberados,
Os vestidos lhes furtou
E fugiu aos seus criados
75, 18.

abelha (< lat. *apicula-*): *s. f.*, insecto himenóptero que produz mel e cera.

Seu rei seguem as abelhas!
104, 70; cf. 154, 75.

OBSERV.: $p > b$; $cl > lh$. V. J. J. NUNES, *Gram. Hist.*, p. 101 e 124.

aberta (< lat. *aperta-*): *s. f.* entrada.
EXPRES.: *fazer aberta,* dar aceitação, acolhimento, entrada:

... Ja que fiz
Aberta aos bons cantares peregrinos
Fiz o que pude ...
150, 36 Ded.

aberto: *part. pas.* de abrir. V. **abrir.**

abertura (< lat. *apertura-*): *s. f.* buraco:

Rozõis contadas,
Escolhem ora segura,
Entrão por ũa abertura
107, 254.

aboiz, abuiz. V. **boiz.**

aborrecer (< lat. *abhorrescere*). 1) *v. tr.* ter aborrecimento a, enfadar-se:

E agora este sol vosso aborreceu
A terra e fugiu d'ela e ja não luz
148, 68.

Cf. aborreço a mentira (MORAIS).

2) causar aborrecimento:

O que hontem muito aprouve, hoje aborrece
109, 130; cf. 127, 76.

Cf. CAM., *Écl.*, 4: «a enveja aborrece-me» (in MORAIS).

3) *v. refl.* desgostar-se:

Ante quem de mim fujo e me aborreço
100, 19; cf. 70, 10.

abraçar (< *abraço*): *v. tr.* 1) cingir com os braços:

...quero a ir recebor e abraçar...
127, 232.

2) *v. refl.* seguir, entregar-se inteiramente a:

Ali se abraça só com a sua fe
109, 175; cf. 127, 220.

Abrandar (< *brando*): 1) *v. tr.* minorar:

Agora que o costume
... mos [os males] tinha abrandado
42, 12.

2) enternecer:

Os cantares que ouvia,
Erão pera abrandar as pedras duras
150, 383.

3) deminuir:

Abrandou lhe aquela sanha
103, 548.

4) *v. intr.* deminuir:

Passa o mal cedo ou abranda
103, 255.

abranger: *v. tr.* compreender, encerrar, abarcar, atingir:

Podeis me a isto dizer
Que assi é em todo lugar,
A todos deve abranger
116, 459.

abrasar (< *brasa*): *v. tr.* queimar:

Arça sempre e nunca abrande,
Que deus é fogo que abrasa
105, 294.

abreviar (< *breve*): *v. tr.* encurtar:

... antes que mas [as razões] perguntes
tas quero dizer por se posso abreviar o tempo.
127, 130.

abrigada (< *abrigar*): *s. f.* abrigo, refúgio:

... nesta abrigada
Em renga porei colmeas
164, 695.

abrigado (< *abrigar*): *s. m.* 1) abrigo, refúgio, asilo:

Repousa neste abrigado
116, 521; cf. 106, 27 e 81; 150, 248.

Cf. fugir para o abrigado (MORAIS).

2) escondedouro:

O mar de longe ronca, alça se inchado,
Logo a algum abrigado pola terra
O pescador aferra...
150, 248.

abrigar-se (< lat. *aprícare*). 1) *v. refl.* procurar abrigo, refugiar-se:

Na vila o villão se abriga
Onde tem nome e herança
108, 263.

2) socorrer-se, acolher-se.

EXPRES.: *abrigar-se a uma vida*, socorrer-se de uma profissão:

Tu sabes que eu me abrigara
A esta vida de pastor
103, 291.

Cf.: «acolher-se a ser pastor», 103, 70.

abrigo (< lat. *aprícu-*): *s. m.* 1) lugar abrigado, refúgio:

Perto vejo seu perigo,
De mui cedo se perder
Seu curral e seu abrigo
117, 180; cf. 103, 631; 105, 90; 107, 81.

2) protecção, amparo, refúgio:

Virgem, seguro porto e amparo e abrigo
106, 27.

3) afastamento do mundo, vida contemplativa:

Sobre tudo os bons doutores
Santos louvão este abrigo
105, 151.

abril (< lat. *aprile-*): *s. m.* O quarto mês do ano:

Que é isto Gil, que assi triste
Te nos fez este ano Abril?
103, 92; cf. 116, 154.

abrir (< lat. *aperire*). 1) descerrar:

Nunca mais olhos abri,
Nunca mais olhos çarrei.
190, 6.

EXPRES.: *Cerrando e abrindo a mão.* V. **cerrar.**

2) rasgar:

Entrada por nossos peitos,
Fez neles estragos tais
Que ermos jazem, desfeitos,
Abertos de mil portais,
A todo vento sujeitos.
106, 104.

3) patentear:

O ceo que Eva perdera,
Quem no-lo abriu ficou fora de briga
149, 50.

EXPRES.: *de boca aberta,* ávido:

Cobiça de boca aberta
106, 91.

à boca aberta. V. **boca.**

abrir caminho, abrir passagem, remover as dificuldades, os obstáculos:

Antes os dous avós d'ambas as partes,
Lhe irão caminho abrindo em quanto crece
148, 111.

EXPRES.: *campo aberto.* V. **campo.**

homem de peito aberto, sincero:

... se a crareza
D'um peito aberto, fe pura e lavada
Muito merece
92, 10.

perigo aberto, patente:

E porem haja por certo
O que muito o seguir,
Que está o perigo aberto,
Tarde ou cedo ha de cair
164, 11.

abrolho (< *abre-olho*): *s. m.*, planta herbácea, de fruto espinhoso:

Dou volta á cama, abrolhos me semelhão
150, 23.

Cf. CAM., *Filodemo*, 1755: «porque nam seeais abrolhos»; o adágio: «Quem abrolhos semeia, espinhos colhe».

OBSERV.: Sôbre a etimologia v. *Dic. Etimol.* de ANT. NASCENTES.

absolto, asolto: *part. pas. irreg.* do verbo absolver. V. **asolto.**

aborrão, borrão, burrão. V. **borrão.**

acabar (< *a-cabo-ar*): 1) *v. tr.* levar a cabo, terminar:

Quem acabasse os cuidados
Quando se acabasse a vida!
52, 17 e 18; cf. 150, 148 e 235; 109, 169.

2) com a *prep.* de, idem:

Acabarei de morrer
Acabarei de saber
21, 13 e 14.

Os meus [versos], se nunca acabo de os lamber
140, 5.

3) *v. refl.* ter fim, concluir.

OBSERV.: v. ex. ant.

4) *v. intr.* morrer:

Deixa me acabar ja assi
28, 13.

acatadura (< *catadura*): *s. f.* aspecto:

Que da sô acatadura
Fazem suar e tremer
164, 379.

acatamento (< *acatar*): *s. m.* reverência, veneração, respeito:

O embaixador divino
Com tal acatamento
Propos, como o menor ante o maior
149, 54.

Cf. PINHEIRO, I, 249: «Acatamento que El-rei tem ao Santo Concílio» (in MORAIS).

accidente, acidente (< lat. *accidente-*): *s. m.* 1) má disposição:

> Ora comendo, ora rindo
> Passou se o meu accidente
> Como o mao lobo fugindo
>
> 164, 81.

2) acontecimento imprevisto ou sentimento:

> Entretanto que cuida a leve gente
> Que não sabem para onde vêm nem vão,
> Regidos só do caso e accidente?
>
> 114, 108.

Cf. CAM., *Filodemo*, 1900: «Quando por accidente / Da fortuna desastrado / Fosse apartado da gente».

EXPRES.: *os seguros de acidentes*, os despreocupados:

> Os seguros de acidentes
> Nas maiores esperanças
> Se achão menos contentes
>
> 117, 98.

aceitar (< lat. *acceptare*): *v. trans.* aceder (a entrar):

> Ando alimpando a pousada,
> Lembra me quem diz que está
> Ante a porta, bate e brada;
> Se a vir limpa e despejada
> Certo que aceitará
>
> 107, 110.

acenar (< lat. *ad-*cinnare*): *v. intr.* 1) fazer aceno, afirmar:

> Esta canção que eu fiz,
> Cantando, minha em parte,
> Ja algũa acena, e diz...
>
> 150, 506.

2) chamar:

> Se querem reconciliar [os padres]
> Uns cos outros têm seu trato,
> Abasta lhes acenar
>
> 104, 308.

acender (< lat. *accendere*): *v. trans.* 1) pôr fogo a:

> Acende a fragoa o ferreiro
> O' tempo que o galo canta
>
> 108, 266.

2) produzir fogo:

> Minino e cego...
> ... co as [fachas] de fogo
> Acenda e tiros traz de toda a sorte
>
> 109, 30.

3) *v. refl.* entusiasmar-se:

> Estouro a si não se entende,
> Quanto anda, tanto desanda,
> Não se obedece nem manda,
> Ora se apaga, ora acende
>
> 106, 280.

4) animar-se:

> Em quanto o riso se acende
> Cada um fez sua vertude!
>
> 164, 87.

V. **aceso.**

acertado (< *acertar*): *adj.* avisado, atilado, que seguiu o bom caminho:

> Mas não tenhamos nos guerra
> Sobre quem foi acertado
>
> 152, 10.

acertar (< *certo*): *v. intr.* 1) atinar, dar com o bom caminho:

> Mal parece que acertei
> Nos passos que dei cos pes
>
> 117, 224; cf. 103, 130; 116, 78; 164, 115.

2) encontrar:

> Triste quem acertou tempo tam forte!
>
> 122, 2.

3) suceder, acontecer:

> Para uns tais olhos, que ninguem espera
> De face a face, gram remedio fora
> Acertar o pintor ver vos dormindo
>
> 142, 11.

Cf. G. VIC., *Barca do Purgatório*: «i acertase tambem / que aas vezes vem alguem / que as leva por setenta».

OBSERV.: Este verbo aparece às vezes construido com a prep. *de:*

> ... se acertão de ser todos vistos [os enganos], todos são desfeitos.
>
> 127, 79.

EXPRES.: *ser o vao mao de acertar.* V. **vao.**

acerto (< *acertar*): *s. m.* acaso, oportunidade:

Ocasiões esperando, algum acerto,
Quanto mal que passei! quam encuberto!
114, 7.

Cf. «que me tinha Deus guardado êste acerto». FERREIRA, «Bristo» (in *Enciel. Port. e Bras.*).

EXPRES.: *por acerto*, por acaso:

Finalmente por acerto
Vi alguns nossos de ca
103, 506.

Cf. CAM., *Lus.*, II, 67, 8: «... mal se perderão do pensamento / Os casos grandes d'onde em tanto aperto / A vida em salvo escapa por acerto».

aceso (< lat. *accensu-*): *adj.* 1) ateado, inflamado:

Faz claro a fogueira acesa
107, 213; cf. 163, 56; 150, 469.

Em fogo aceso, o fogo acendo
150, 20.

OBSERV.: O fogo acendo, fazendo fogo com a pederneira.

2) iluminado:

Em noite escura ao longe aceso um faro
142, 7.

3) inflamado, vivo, intenso:

Ja d'antes de isto, áquela acesa fama
Da fermosa princeza,
A grande Venus toda receosa,
Os seus archeiros chama
Em secreta defesa
150, 364; cf. 105, 176; 104, 352; 106, 135.

achacadiço (< *achacado*): *adj.* mórbido:

Não os [amores] queria assi tam amarelos,
Nem tam achacadiços...
150, 282.

achacado (< *achaque*): mal humorado:

Ũa vez lama, outra poo,
Sempre homem anda achacado!
103, 77.

achaque: *s. m.* mal, doença, empecilho, contrariedade:

Para cousas que acontecem,
Quando o buscas, ora o sono,
Ora achaques mil te empecem.
103, 313.

OBSERV.: Etimologia duvidosa. Já G. VIANA, *Apostilas*, I, 13, discorda do étimo árabe, que alguns lhe atribuem: «Com efeito o *ch* com que sempre se escreveu esta palavra em português, como em castelhano, é incompatível com o étimo arábico a que o subordinam e que tem por primeira consoante *x*».

achar (< *afflare*): *v. tr.* 1) encontrar:

Onde irás fugindo d'eles
Que não aches muitos mais?
116, 336.

Por achar onde me esconda
Vearia inda d'aqui
105, 161; cf. 30, 5; 108, 64; 153, 40; 117, 137.

2) ficar sabendo, ter o conhecimento, reconhecer:

Mas com todos seus vagares,
Deus que inda sê onde sia,
Acharás que não dormia
Quando te não percatares
116, 271.

3) *v. refl.* encontrar-se:

Cada ora me acho enganado
103, 364; cf. 6, 8.

EXPRES.: *mal achada*, infeliz, encontrada em más condições:

Tornamos te a chorar por mal achada
150, 453.

achar sal. V. **sal.**

OBSERV.: Sôbre a etimologia desta palavra v. G. VIANA, *Apost.*, I, 13 e 14, o qual não a aceita, nem sob o ponto de vista fonético, nem semântico.

acidente. V. **accidente.**

acinte (< lat. *accinte* < *adcincte*): *adv.* de propósito, intencionalmente:

Que cousa é esta que não posso dar passada? E se a dou, é tam certo o empeçar como se o fizesse acinte.
127, 22; cf. 103, 83.

Cf. ANT. FER., *Cioso*: «Mulher que acinte quer informar seu marido» — Acto I, c. 2.ª, p. 88 da ed. de 1771, III; «quanto me mais guardo, então acinte vejo mais», I, c. 3.ª, p. 91; *Bristo*: «cousa feita acinte», II, c. 4.ª

acodir, acudir (< lat. **accutere*): *v. intr.* 1) acorrer:

E acodiu gente do paço
154, 215.

2) sobrevir, acometer:

E porem que será? por mal que acuda
Mais inda que ameaça,
Só vossa graça que prometa ajuda!
165, 50; cf. 150, 11.

3) socorrer, ajudar:

Esperando por ela que me acuda
(E não me acode, e está cuidando em al!)
141, 12 e 13; cf. 103, 524; 104, 192; 116, 400.

Cf. CAM., *Lus.*, III, 105: «Rompe toda a tardança, acude cedo».

EXPRES.: *como o tempo acode*, conforme as variações do tempo:

Ves tu a minha cabana?
Como o tempo acode, assi
A mudo.
164, 386.

acudir a tudo, prover a tudo:

Natureza a grande madre,
. . . . . .
A tudo acudir se atreve
103, 629.

acudir mais vento às velas, ser cada vez mais favorecido (para dizer mais):

Ah senhor, que vos direi
Que acode mais vento ás velas
104, 282.

acudir ó coração, escutar o coração, ser levado pelo sentimento:

Que sejão palavras tudo
Mas ó coração acudo
108, 365.

acoimar (< *coima*): *v. tr.* (fig.) censurar, condenar, repreender:

Isto quereis mo acoimar?
18, 6.

Cf. *Aulegrafia*, 76: «Acoimar as palavras»; FERNÃO MENDES PINTO: «acoimar o delito» (in MORAIS).

acolher (< *colher*): *v. trans.* 1) *acolher alguém*, apanhar alguém:

Que tarde me acolhem lá!
103, 510.

2) *v. refl.* fugir.

Quem me dará novas penas,
Inda que tudo me tolha,
Com que voe, e que me acolha
Do meo de tantas penas?
46, 7; cf. 76, 19.

3) refugiar-se, recolher-se, abrigar-se:

O pobre do zagulejo
Não tem onde se acolher
117, 152; 107, 182 e 188.

Cf. *Estrang.* IV, 3: «não tem onde se me acolher».

4) socorrer-se de, recorrer a:

A ser pastor se acolhera
103, 70.

V. **abrigar-se**.

5) acolher-se a, fugir a. V. OBSERV. da palavra **ao**.

6) seguir o bom caminho:

Não vos tome a noite escura,
Antes que vos acolhais!
106, 200.

EXPRES.: *acolher-se ao coberto*, abrigar-se em lugar coberto, resguardado:

Foi-se acolhendo ao coberto
103, 220.

acometer (< *cometer*): *v. tr.* atacar, investir:

... a sorte esquerda
Tudo acomete.
150, 400.

acompanhar (< *companha*): *v. intr.* ir em companhia de:

Foi se ao despovoado
Das letras acompanhado
Que vos consagrou a cruz.
107, 144; cf. 164, 6.

EXPRES.: *ver-se mal acompanhado*, encontrar-se em má companhia:

Por milhor houve andar soo
Que assi mal acompanhado
103, 80; cf. 116, 143.

Cf. o prov.: mais vale só que mal acompanhado.

aconhecer, conhecer. V. **conhecer.**

aconselhar (< *conselho*): *v. trans.* 1) dirigir:

Sei, fui mal aconselhado
152, 8.

2) *v. refl.* ajuïzar, deliberar:

Os fracos dos sentidos ajoelhão
Trabalhão por soltar se, aperta o laço
Em poder da má dor, mal se aconselhão
150, 27.

Cf. o prov.: a dor é má conselheira.

acontecer (< lat. *contigescere* por *contingescere*): *v. intr.* suceder:

E não me basta o mal que me aconteco
114, 124; cf. 103, 31; 116, 290; 150, 85.

OBSERV.: Segundo J. J. NUNES, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., p. 160, nota, «a dissimilação deve ter-se dado já no lat. pop., que diria **contigescere* por *contingescere*, vindo assim sem disso ter consciência a pôr de parte o infixo *-n-*, que se introduzira no simples *tango*».

acontecimento (< *acontecer*): *s. m.* 1) facto imprevisto, desgraça:

... o mundo é todo de acontecimentos
114, 8.

2) exemplo:

A antigua busca, busca a nova historia
Toda ela'é chea d'acontecimentos
148, 147.

acordado (< *acordar*): *adj.* desperto:

Ali acordada ve vivas pinturas
150, 380.

acordar (< lat. *accordare* < *cor, cordis*): *v. tr.* 1) despertar, fazer voltar a si:

Esta agua que cai de alto acordar me hia
De sono não, mas de cuidados graves
96, 3.

2) *v. intr.* despertar:

Não bajas medo que acorde
103, 179.

3) precaver-se:

De tantos inconvenientes
Quem será livre, em que acorde?
106, 202.

acordo (< *acordar*): *s. m.* entendimento.

EXPRES.: *tantos acordos, tantas desavenças!*:

Tantos projectos, tantas desilusões!
150, 155.

acosar, acossar (< *cosso*): escorraçar, correr:

Onde a rezão é corrida,
É acosada a verdade
116, 382.

Cf. G. VIC., *Clérigo da Beira*: «A mi mesmo hão de furtar / Se m'eu daqui não acosso» (não fujo a tôda a pressa).

acossado (< *acossar*): *adj.* atormentado:

Ja ves em nossos amos
Como andão acossados
Porque o tambem andamos
117, 294.

Cf. JUAN DEL ENCINA: «Como está el hombre acosado!».

acostumado, acustumado: *adj.* habituado:

... acostumado ora entre pastores
150, 31.
Os males acustumados
O mesmo custume os cura
34, 4; cf. 42, 15.

V. acustumar-se.

acoutar (< *couto*): *v. tr.* 1) dar asilo:

... Que vos acouton
Da peste com que i chegastes
106, 14.

2) *v. refl.* refugiar-se:

Tu sabes qu'eu m'acoutara
A esta vida de pastor
Pelo mal que fora achara
164, 245.

Cf. VILHALP., f. 240 «acoutar-se aos amigos» (in MORAIS).

3) recolher-se:

Então no cantar das aves,
Como já disse, m'acouto
164, 712.

acovardar-se (< *covarde*): *v. refl.* intimidar-se:

Não sei quem não se acovarde
101, 258.

acrecentar (< *crecer*): *v. tr.* aumentar:

Donde, senhor, vos vem que os mores principes do mundo, com os quais tinheis tam estreitas obrigações de sangue, todos as quiserão acrecentar comvosco de novo por casamentos tais...
154, 62.

Cf. CAM., *Lus.*, VI, 84: «Os ventos... mais a mais a tormenta acrecentavão».

OBSERV.: Notar a construção *acrecentar em*:

Ah tempo! sem ter mudança
Acrecentai mais nos danos
118, 35; cf. 79, 11.

acudir. V. **acodir.**

acustumar-se, custumar (< *costume*): *v. refl.* habituar-se:

Acustumei me a meus males:
E eu assi acustumado a eles,
Andão por mo apartar d'eles.
42, 2.

V. **custumar.**

adevinhar, adivinhar (< lat. *ad* + *divinare*): *v. tr.* descobrir, conjecturar:

... Se tam possante
Foste a enganar aves, adovinha
Se quem te engana assi, passa adiante!
114, 85.

EXPRES.: *Não adevinhar de outrem*, não adivinhar os gostos alheios, não saber da vida alheia:

Que eu de outrem não adevinho
107, 237.

adivinhar pela unha, adivinhar pelo dedo mindinho:

... eu pela unha adivinho
164, 722.

adiante, diante (< lat. *de* + *ante*): *adv.* 1) à frente:

Corra, vá, pase adiante
103, 228.

Deixa ir diante os mais velhos
103, 382; cf. 645.

2) depois:

No começo um erro leve
Adiante sai pesado
116, 178.

3) na presença, perante:

... nem falar são ousados
Diante os mores poderes
104, 280.

EXPRES.: *passar adiante*. V. **passar.**

adoecer (< lat. *dolescere*): *v. intr.* 1) cair doente:

Nem me empecem se engafecem
Por outros fatos as cabras;
Curo as quando adoecem
103, 575.

2) haver inconvenientes, sensaborias:

Ora atras, que não me esquece,
Tambem por ca adoece,
Vão porem ares mais sãos
108, 219.

3) *v. refl.*. idem, 108, 219 var.

adorar (<lat. *adorare*): *v. tr.* venerar, amar:

Querem que os adoremos
103, 310.

adormecer (<lat. *adormiscere*): *v. intr.* 1) começar a dormir, pegar no sono:

Sobre pedra adormecem
108, 309.

2) *v. tr.* fazer dormir:

Cantão ò passar sereas
Que fazem adormecer
106, 227.

adormentado (*part.* de *adormentar*): adormecido:

Como os viu adormentados
75, 18.

adormentar-se (<*dormir*): *v. refl.* adormecer:

Alí se abraça sò com a sua fe;
Não quer de tudo mais, i se adormenta
109, 176.

Cf. J. de VASCONC., *Ulisipo*, 1: «tangendo-lhe huma frauta o adormentou» (in MORAIS).

adouto (*part.* de *adoptar* <lat. *adoptare*): adoptado:

... Hei tal saudade aos cantares
Que se aperta a alma no peito,
E ós tangeres que adouto
Havia, como bem sabes
164, 709.

adubado (<*adubar*): *part.* adornado:

Tereis la conversaçõis,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço adubadas
108, 343 var.

adubar. V. ajudar (<fr. *adouber*: *v. tr.*, temperar, estimular, condimentar, dar vontade para tudo:

... a fome
Aduba quanto homem come
164, 79.

Cf. H. PINTO, II, 4, 14: «Sal com que se havião de salgar, e adubar os homens» (in MORAIS).

adufe (<ar. *ad-duffe*): *s. m.* pandeiro:

Esforça, que ha moça o adufe em soma
Começa de tanger com tanta graça
150, 329.

adulação (<lat. *adulatione-*): *s. f.* acto de adular, de lisonjear:

... fugi aduladores
Em fugir adulaçõis
117, 227.

adulador (<lat. *adulatore-*): *s. m.* lisonjeador. V. **adulação.**

afagar (<*afago*): *v. tr.* fazer afagos, acariciar:

Estes cãis que ora afago,
Sabem que verdade digo
164, 13.

afastar: 1) *v. tr.* desviar, arredar:

Que mais uma mai fizera?
Afastava nos o dano
Os filhos que á vida dera,
Acesa de amor humano.
106, 133.

2) *v. refl.* desviar-se:

... eu tambem me afasto
Do povo, que me não reja
Ou tras si me leve a rasto
103, 8.

aferrar (<*ferro*): 1) *v. tr.* alcançar, agarrar:

Sigo ñas sombras que ja nunca aferro
114, 139.

2) lançar ferro, ancorar:

Logo a algum abrigado pola terra
O pescador aferra, com gram pressa
150, 249.

3) discutir com tenacidade, insistir numa opinião:

Eis que logo um outro aferra
Sobre quais razõis milhores
São, quem acerta, e quem erra
103, 703.

afilhado (< *afilhar*): *s. m.* o individuo em relação aos padrinhos:

Afilhado e sobrinho, juras faço
150, 28; cf. 323.

afirmar (< lat. *affirmare*): *v. tr.* 1) asseverar:

Assi afirmão o que é como o que não
114, 109.

2) *v. refl.* certificar-se, assegurar-se:

E me quero afirmar se foi assi
141, 6; cf. 164, 157.

afligido (< *afligir* < *affligere*): *s. m.* desgraçado, atormentado:

Remedeão nossos danos,
Socorrem os afligidos
104, 39 var.

afocinhar (< *focinho*): *v. tr.* arremeter com o focinho, fossar:

Um bacorote honradiço
Foi ver o seu gado ovelhum;
Pô-lo todo a seu serviço,
Afocinhava cada um
101, 514 var.

afogado (< *afogar*): *part.* sufocado, abafado:

Foi assi pola ventura
Que, andando ora aquele dia
Afogado da quentura
. . . . . .
Fui me tresponde e perdendo
116, 3.

afogar-se (< lat. *effaucare*): *v. refl.* morrer asfixiado por immersão (fig.):

Se firo, se queimo, se me afogo
. . . . . .
Levemente se pode desprezar taf dano
1, 5.

EXPRES.: *passa pola augua, ferro e fogo*. V. **augua**.

OBSERV.: Sôbre a etimologia v. G. VIANA, *Apostilas*.

afora, a fora: *prep.* à excepção de, sem contar com, além de:

Pola alma de quem mais não pode, afora
Outros respeitos, cumpre haver paciencia
Tó que seja da vida ou da dor fora.
150, 4.

afouto (< lat. *fautu-* = favorecido): *adj.* que tem afouteza, ousado, destemido:

Só vai afouto e seguro
De noite polo escuro
103, 8.

africano (< lat. *africanu-*): *adj.* de África:

A sepultura que os olhos engana
É levissima perda; assi tambem
É todo, é terra, é pó, terra africana
147, 99.

afronta (< *afrontar*): *s. f.* 1) ofensa, injúria:

Agora me reprendo e me castigo,
Fazia á nossa Lusitania afronta
150, 22 Ded.

2) trabalho, fadiga:

Ouvi ja milhor e vi,
Suar e passar afrontas
103, 235.

3) perigo:

Pôr se fia e outra vez á mesma afronta!
81, 14.

Cf. CAM., *Lus.*, IV, 36, 1: «Sentio Joanne a afronta que passava Nuno...».

4) situação, conjuntura:

Senhora, que podeis, em taf afronta
Restituí-me a mim...
100, 63.

5) intento, emprêsa:

Mas entraste noutra afronta
105, 19.

6) inveja, despeito:

Não sofrem ver mais ja,
Não podem com afronta
150, 438.

afrontar (< *fronte*): *v. intr.* 1) affligir-se:

Falo porem em geral
Que a alma, dizendo isto, afronta
103, 567.

2) confranger-se, ansiar, angustiar-se:

Esperando por ela que me acuda,
Afronta o coração, a lingua é muda
141, 14.

3) sufocar-se:

... E logo brada
Outra vez ós da nao: na terra afronta
81, 14 var.

afundar (< *fundo*): *v. intr.* ir ao fundo:

Perdido tudo no mar,
Saindo o gram Azeno a nado,
Vendo a fazenda afundar,
... disse ...
105, 120.

agasalhar (< *agasalho*): *v. tr.* 1) receber, acolher, hospedar:

Fostes mal agasalhados?
116, 18.

Cf. G. VIC., *Auto da Alma*, 362: «... porque a hospeda he sem par em agasalhar».

2) *v. refl.* resguardar-se, pôr-se em abrigo e bom recato:

Pelo monte atravessa o mao faminto
Do lobo, por destinto o gado entende,
Ajuda se, defende e agasalha,
Ordena se em batalha
150, 252.

Cf. B. RIB., *Eg.* II, 30: «Com tudo se agasalhou / Em ũa bicada de um mato».

agno (< lat. *agnu-*): *s. m.* cordeiro:

De fora são mansos agnos
104, 138 var.

V. **anho**.

agonia (< gr. *agōnia* = luta): *s. f.* 1) angústia, tormento:

Faz e desfaz a desora as agonias
150, 101.

2) aflição:

Antão trata treiçõis nesta agonia
80, 13.

agora (< lat. *hac hora*): *adv.* nesta hora, neste momento:

Agora ja fugiria
De mim se de mim pudesse
11, 7; cf. 9, 3; 42, 7.

EXPRES.: *ja agora*, 77, 8.
por agora, 103, 163.
agora que:

Agora que o custume
... mos tinha abrandado
42, 11; cf. 127, 34.

agosto (< lat. *augustu-*): *s. m.* o oitavo mês do ano:

No dezembro que baillasse,
Pois cantara em Agosto!
105, 117.

V. **agouro**. OBSERV.

agouro (< lat. **aguriu-* < *auguriu*): *s. m.* preságio:

Fugindo Crates ao ouro,
(Como um covardo ao ferro
E ás cousas de mao agouro)
106, 168.

OBSERV.: Sôbre a evolução fonética desta palavra v. Dr. SÁ NOGUEIRA, *Elem. Fon. Port.*

agravado (< *agravar* < lat. *aggravare*): *adj.* ofendido, anuado sem razão:

Não sabem estremar o mal do bem,
Sempre agravados, sempre sospeitosos
150, 75.

Cf. CAM., *Enfatriões*, 1268; «... hũa leue zombaria vos possa agrauar de mim»; *Filodemo*, 2077: «nunca ouvistes de hũ irmão do señor dom Lusiardo, que agravado del Rey se foy».

agravo (< *agravar*): *s. m.* injúria, ofensa.

EXPRES.: *fazer agravo*, injuriar:

Foi me grande agravo feito!
32, 1; cf. 166, 8.

OBSERV.: Sôbre a formação de substantivos verbais v. J. L. VASC., *Respigos Camoneanos*, I, 41 sgs.; *Opúsculos*, I, 411 sgs.

agro (< lat. **acru-* < *acre-*): *adj.* árduo, áspero, rude:

Tu vas pelo caminho agro
147, 40.

água, augua (<lat. *aqua-*): *s. f.* 1) substância líquida, transparente, composta de hidrogénio e oxigénio:

> Que me não ouça ninguem,
> Sômente as aves...
> Ou o som da augua que cai
> Rompendo pelos penedos
>
> 103, 586.

Cf. «Corte Imperial», in *Text. Arc.*, 61, 32, J. L. VASC.: «... a outra parte era de hũa parte muy alua e muy esprandecẽte, asy como a augua quando ferem em ella os rrayos de sol».

2) lágrimas:

> Aquela presunção que achou maneira
> De encher de fogo o peito, e os olhos de augua
>
> 83, 6; cf. 103, 244; 107, 192.

Cf. CAM, *Enfatriões*, 1748: «encheseme os olhos dagoa»; *Lus.*, X, 33, 4: «... o paterno amor lhe está movendo / Fogo no coração, agoa nos olhos»; BERNARDES, LIMA, *Ég.* 1: «Dos olhos agua»; B. RIB., *Men. e Moça*, cap. XXI, (Romance): «encheu-se-me os olhos d'agua, / nella vos estou lavando».

3) chuva:

> Dia de Maio choveu:
> A quantos a agua alcançou,
> A tantos endoudeceu
>
> 103, 262.

EXPRES.: *Águas vivas* (fig.), grandes virtudes:

> Virgem, nossa esperança, num alto poço
> De vivas aguas, donde a graça corre
>
> 100, 80.

auguas encharcadas, charcos, pântanos (*fig.*), assuntos obscuros, transcendentes:

> ... nas auguas encharcadas
> V se ajuntão [os sofistas] como rãs
>
> 105, 177.

passar pola augua, ferro e fogo, abalançar-se a tudo, sujeitar-se a todos os perigos (para ser agradável ao Príncipe):

> Que posso i al fazer se não passar
> Pola augua, polo ferro e polo fogo?
>
> 1, 4.

OBSERV.: V. ed. do DR. R. LAPA, 1, p. 301: «A água, o ferro e o fogo estão em sentido figurado. O poeta a rôgo do Príncipe tem de reler as suas poesias e por isso mergulhar de novo naquele mar de lágrimas, sofrer de novo os golpes e as ardências da adversidade e do Amor».

ir a agua polas fendas, desfazerem-se os planos:

> Vai se a agua polas fendas, feita é a conta
>
> 150, 236.

não ir ás aguas tengidas do seu sangue. V. ir.

Quanto mais agua mais sede:

> Quanto mais se tem mais se quer
>
> 106, 90.

OBSERV.: *agua* > *auga* (metátese) > *augua* (por contaminação de *água*).

aguardar (< *guardar*): *v. tr.* esperar:

> Não tem Amor lugar certo onde aguarde
>
> 80, 12; cf. 127, 224; 153, 34.

Cf. B. RIB., *Ég.* III, 503: «Não posso mais aguardar».

agudeza (< *agudo*): *s. f.* subtileza:

> Mandão rir do cousas frias
> D'alguns que agudezas vendem
>
> 105, 85 var.

agudo (< lat. *acutu-*): *adj.* engenhoso:

> E ver a ser todavia
> Este homem racional
> Tam agudo no seu mal
> Como foi na artelharia
>
> 106, 259.

EXPRES.: *de agudo*. 1) penetrantemente, violentamente:

> Uns nadas que porem ferem de agudo
>
> 108, 118.

2) com perspicácia:

Quem presume mais d'agudo
Não quer ter nenhum sogeito
117, 239.

aguia (< lat. *aquila-*): *s. f.* 1) ave de rapina:

Faz como a aguia aos filhos que os engeita
116, 170.

2) insígnia que consiste numa figura de águia:

Nosso Senhor...
... nos tinha dado como arrefem as vossas armas reais... que, certo, não são aguias.
154, 4.

ah! (lat. *ah*): *interj.*:

Ah gram mingua de rezão!
74, 21; cf. 48, 7; 114, 134.

ahi (< *a* + *adv. antigo hi* < *hic*): *adv.* neste lugar:

Mas se ahi ha poso e modida
36, 11.

ai: *interj.*:

Mas ai! ...
81, 12.

Ai dos meus
103, 519.

ainda (< lat. *ad* + *inde*): *adv.* até agora, até então:

Que faz ainda aqui
Minha esperança
59, 5; cf. 36, 8.

OBSERV.: *Ainda* tem a vog. final *a* por analogia com *fora, contra*, etc. (v. *Glos. Canc. Ajuda*).

ajoelhar (< *joelho*): *v. intr.* ser vencido, fraquejar:

Os fracos dos sentidos ajoelhão
150, 25.

Cf. *Lusit. Transf.*: «ajoelhar com a carga o sofrimento» (in MORAIS).

ajuda (< *ajudar*): *s. f.* 1) auxílio:

Socorro e ajuda pedimos
103, 400; cf. 141, 10.

2) cooperação:

E como, esta era a ajuda? esta a mercê?
147, 22.

ajudar (< lat. *adjutare*): *v. tr.* 1) auxiliar:

... a estes lobos ruins
Que decem dos montesins
Te ajudem sentar a mão
103, 470.

Tu disseste que trazias contigo muitos enganos e que eles te ajudavão a andar.
127, 86.

2) favorecer, valorizar:

Tereis la conversaçõis,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço ajudadas
108, 343.

V. **adubado**.

3) *v. refl.* socorrer-se, auxiliar-se:

... por destinto o gado entende,
Ajuda-se, defende e agasalha
150, 252.

OBSERV.: Notar as duas construções do verbo ajudar: o infinito que serve de complemento com e sem preposição.

ajuizado (< *ajuizar*): *adj.* sensato, prudente, judicioso:

Como? ha ave ja vezada
A toda delicadeza
É milhor ajuizada?
108, 298.

ajuntamento (< *ajuntar*): *s. m.* reunião, festa:

Este os seus contentamentos
Diga em cantares nas vodas,
Este nos ajuntamentos
Dê mil voltas, no ar todas
164, 275.

ajuntar (< *junto*): *v. tr.* 1) acumular:

Em chegando ajuntaste tal tesouro
Que para sempre dura!
143, 12.

2) conciliar:

As letras que i não achastes,
Vos as metestes na terra;
Á nobreza as ajuntastes
Com que d'antes tinham guerra
105, 26.

OBSERV.: O sentido dêstes versos será: Contribuiste para que a nobreza cultivasse as letras.

3) *v. refl.* refinir-se:

Olha que todo animal,
Forte ou fraco, nos seus se ajunta
103, 154.

al (< lat. pop. *ale* < *alid* < *aliud*): *pr. ind.* 1) outra cousa:

Eu que posso i al fazer?
82, 11; cf. 103, 33; 1, 5.

Cf. B. RIB., *Eg.* I, 37: «pera al vinha busca-lo»; G. VIC., *Serra da Estrela:* «Que he manteiga, e não al»; *Auto da India:* «Arreceio al de menos»; *Auto da Alma:* «Não me detenhais aqui, / Deixai-me ir, que em al me fundo»; *Farsa Inês Pereira:* «Não pode al ser»; *Canc. da Ajuda,* 149, 301, 355.

2) em frases negativas:

São mimos, que não são al
103, 623; cf. 42, 12.

EXPRES.: *o al,* tudo o mais:

Ja o al podera passar.
Isto meu irmão, não posso!
116, 245.

OBSERV.: A forma *ale,* donde resultou *al,* proveio de *alid* (forma documentada em *Lucrécio,* I, 263) por analogia com *tale* e *quale;* por sua vez, *alid* deve ser analógica com *id, quid, aliquid* (v. J. J. NUNES, *Gram. Hist.,* 2.ª ed., p. 271).

ala fe. V. **a.**

alcançar (< lat. **acalceare*): *v. tr.* 1) apanhar, atingir:

A quantos a agua alcançou
103, 362; cf. 127, 61; 107, 4.

2) conseguir, obter:

Por forças ele que alcança?
103, 478; cf. 104, 101; 114, 98; 118, 9 e 25.

3) atingir, entender, compreender:

Senhor, hoi de vos falar
.....
Claro o que posso alcançar
104, 138; cf. 118, 83.

4) escutar, ouvir:

... inda alcancei
O derradeiro som que ó ar soltastes!
109, 146; cf. 103, 189.

5) abranger, enxergar:

Ja quanto a vista alcança, a não alcança
79, 4.

6) seguido da prep. *a,* abranger:

... alcança a perda a toda a redondeza
148, 6.

EXPRES.: *alcançar d'olhos,* atingir com a vista, avistar, enxergar:

Nem lobo d'olhos alcanço
164, 36.

... o teu saber alcança
Ou é que alcança menos
164, 448.

OBSERV.: Tu vês o bom caminho, mas segues o pior.

Cf. OVÍDIO: «Video meliora proboque, deteriora sequor»; CAMÕES: «qu'eu conheci mil vezes na ventura, / O melhor, e o pior segui forçado» (in *Poesias Castellanas y Autos,* DR. MARQUES BRAGA, p. 17).

alcanço (< *alcançar*): *s. m.* alcance.

EXPRES.: *ir no alcanço,* ir no encalço:

Transpunhão indo a portela,
Vou me la no seu alcanço
164, 34.

alçar, alzar (< lat. *altiare*): *v. tr.* 1) levantar, erguer:

Alço os olhos a vos, vos me valei!
163, 10; cf. 103, 544; 116, 37.

Vos não podeis estes olhos
Alzar um ponco à rezão
74, 17 var.

2) *v. refl.* elevar-se:

Alça se o espirito e vai de fora em fora
109, 160.

3) modificar-se, apurar-se, tornar-se mais luxuoso, estar tam puxado, envaidecer-se:

Os hons convites antigos,
Antes de se tudo alçar,
Erão pera conversar
108, 102.

4) erguer-se, levantar-se, encapelar-se:

O mar de longe ronca, alça se inchado
150, 247.

EXPRES.: *alçar forcas erguidas*, mintar, 103, 544.

aldea (< ar. *ad-daia*): 1) pequena povoação rústica:

Polo qual eo meu fardel
Fugi das vossas aldeas
103, 332; cf. 107, 260.

2) população da aldeia:

Essa vez que saem á rua,
Estremece toda a aldea
103, 322.

OBSERV.: Em **105**, 103: *Em Atenas (em que aldea!)* está no sentido irónico, i. é, em que tudo se sabia e todos se conheciam, como se fôsse uma aldeia.

aldeão (< *aldea*): *adj.* 1) próprio da aldeia:

As vozeiras montarias
.....
Que aí é se não remir dias
Do enfadamento aldeão
108, 55.

2) ingénuo, rude pela sua sinceridade:

Como este vem aldeão!
Que cortesão tornará
104, 119.

alegar (< lat. *allegare*): *v. tr.* citar (uma autoridade para comprovar alguma cousa):

Diz o pai de Salomão
(Que é homem pera alegar)...
75, 7.

alegrar (< *alegre*): *v. tr.* causar alegria:

Que tem, ou que me alegre, ou que me anoje?
79, 7.

alegre (< lat. *alacre-*): *adj.* que tem alegria, prazenteiro:

Ergueu a vista a mim alegre e pronta
147, 45; cf. 154, 80.

OBSERV.: *a* > *e* v. DR. S. NOGUEIRA, *Elem. Fm. Port.*, em que êste exemplo é apresentado como uma excepção à geral manutenção do *a* tónico, juntamente com outros como *arbuta-* > *êrvodo*; *Pace (-Julia)* > *Beja*; *Tagu* > *Tejo*. Todavia nestas duas últimas palavras temos a considerar a influência da fonética árabe.

alegremente (< *alegre*): *adv.* com alegria, de modo alegre:

Vos passai-lo [o mal] alegremente
36, 4.

alegria (< *alegre*): *s. f.* júbilo, prazer:

Que já agora outra alegria
De mór perigo seria
34, 2; cf. 154, 81.

aleijado (< *aleijar* < *aleijão* < **laesione-*): *s. m.* 1) que tem alguma deformidade física ou moral:

Torna o aleijado são, torna o doente
148, 97.

2) *part. pas.* deformado:

Ja vejo que es aleijada
127, 68; cf. 117, 314.

aleive (< gót. *leujan* = atraiçoar): *s. m.* aleivosia, calúnia.

EXPRES.: *assacar aleive*. V. **assacar**.

OBSERV.: Sôbre a etimol. v. D. C. MICHAËLIS, *Glos. Canc. da Ajuda*.

além (< arc. *alende* < lat. *ad* + *illic* + + *inde*): *adv.* 1) da parte de lá.

EXPRES.: *passar além*. V. **passar**. *passar da banda de além*. V. **passar**. *além de*, afora:

Alem de quanto perdi,
Acabarei de morrer
20, 12.

OBSERV.: *Alende* > *alem* por próclise. V. *Gram. Hist.*, 2.ª ed., J. J. NUNES, p. 75.

alembrar-se, lembrar-se. V. **lembrar.**

alerta (< ital. *all'erta*): *adv.* atentamente, com vigilância.

EXPRES.: *andar alerta*. V. **andar.**

OBSERV.: V. NASC., *Dic. Etim.*, «interjeição militar que avisa que se suba aos lugares elevados para se observar o que se passa».

alevantar, levantar. V. **levantar.**

algũa (< **alicuna-* : **aliqu'una-* < lat. *aliquis* + *una-*): 1) *pr. ind. f.* de algum:

Do tantas que possa ir chorando algũa
100, 97

2) *adj. ind.*:

... não tem
Algũa rozão por que
33, 4.

EXPRES.: *algũa ora*, em algum momento, em algum tempo, em algum dia:

Se algũa ora aconteceu
104, 166; cf. 10, 5; 73, 21.

Cf. *Chr. breve do Arch. Nac.-Port. M. Hist.-Script.*, 22-23: «muytas vezes mostram perante El-rei nosso senhor e perante os seus juizes *algũas* doações».

OBSERV.: «algũa» é a única forma usada pelos quinhentistas (C. M., *Glos. Poes. de S. M.*).

alguém (< lat. *aliquem*): *pr. ind.* 1) alguma pessoa:

... eu vi ja alguem ...
81, 12; cf. 103, 607.

2) um outro:

Uns doentes, outros mortos,
Alguem polas ruas sonha
108, 3.ª var.

algum (< lat. *alicunu-*): 1) *adj. ind.*:

Esperava algum reposso
73, 22.

2) *pr. ind.* alguém:

E que algum embique ou caia!
108, 16.

V. **algũa.**

alheado. V. **enlheado.**

alheo (< lat. *alienu-*): *adj.* 1) que é de outrem:

Vivi á vontade alheya
62, 8; cf. 104, 250; 150, 443.

2) estrangeiro, estranho:

Todos estes campos cheos
Não de dôr e de pesar
Que vem pera me matar
Debaixo de cous alheos
Em terra estranha e mar
13, 8.

3) *s. m.* o estranho, o de outrem:

E por seus maos corações
Estão julgando os alheos
116, 208.

EXPRES.: *fazer alheo*, alienar, alhear:

Fiz minha alma e vida alheas
132, 9.

Cf. B. RIB., *Ep.* 1, 70: «Então pos-te em tal estremo, / Que te fez de ti alheo».

alho (< lat. *allin-*): *s. m.* planta hortense da família das liláceas.

EXPRES.: *cheirar a alho*, cheirar a campónio, ser plebeu:

E podem cheirar ao alho
Ricoshomens e Infançõis
153, 4.

Cf. G. VIC., *Clérigo da Beira*, a expressão: «cheirar a nabos», «ainda me cheyrais a nabos».

ali (< lat. *illic.*): *adv.* 1) naquele lugar:

Ali no campo ás singelas
Em fim morrer ou vencer!
104, 176.

2) então, naquele tempo.
EXPRES.: *des ali*, desde então:

Des ali pude eu cuidar
49, 5.

Cf. *Canc. Ajuda*, 3032.
OBSERV.: V. J. J. NUNES, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., pp. 60, 356.

alifante (< *elefante* < lat. *elephante-*): *s. m.* elefante:

Conta se do alifante
103, 472; cf. 164, 501.

Cf. CAM., *Lus.*, x, 110, 8: «Forças de homens, de engenhos, de aliphantes»; G. VIC., *Exhort. da Guerra:* «He vivo aquele alifante / Que foi a Roma tão galante?»; *Farça dos Almocr.:* «Tendes essa voz tão gorda, / Que pareceis alifante; CASTANHEDA, III, 173 (in MORAIS).
OBSERV.: *elefante* > *alifante* por dissimilação.

alimpar (< *limpar* < lat. *limpidare*): *v. tr.* tirar a sujidade, tornar asseado:

Ando alimpando a pousada
107, 106.

alivar (por *aliviar* < lat. *alleviare*): *v. tr.* 1) consolar:

O que estes tristes corações aliva
144, 12.

2) *v. intr.* abrandar:

Em dor tamanha, dor que nunca aliva
78, 2.

3) *v. refl.* libertar-se:

Dos sentidos convem todos se alive
109, 161 var.

alma (< lat. *anima-*): *s. f.* 1) espírito, parte imaterial do homem:

A minha alma não repousa
Nem de noite nem de dia!
15, 4; cf. 103, 567; 117, 105.

Á alma que pode subir
A esta as azas quebramos
107, 39 e 40.

OBSERV.: Temos muitas ambições e não deixamos aperfeiçoar-se a alma, desenvolver-se livremente (cf. 106, 148).

2) vida moral:

Haja a alma que mais devia
106, 148; cf. 107, 39.

EXPRES.: *sua alma sua palma*, cada um receberá o prémio ou castigo que as suas acções merecem:

Peleja com a vontade,
E em fim esta é a verdade
Que tua alma tua palma
116, 200.

dizer da alma, falar com tôda a sinceridade, com o coração na boca:

Digo te assi de minha alma
116, 197.

vestir a alma, adornar, enriquecer o espírito, instruir-se:

Ricamente a alma vestiste
105, 8.

OBSERV.: *anima-* > *alma*, por dissimilação ($n - n > l - n$).

almalho (< lat. **animaliu-*): *s. m.* bezerro, novilho:

Não é ja o que era almalho
103, 198.

OBSERV.: V. **alma.**

almenara (< ar. *al-menara*): *s. f.* 1) facho que se acendia nas tôrres para sinais, sinal luminoso:

Amor...
Não tem contrasinais, nem almenaras
109, 163.

2) luz da inteligência:

Que longes tam fermosos, que almenaras mostravas!
148, 10.

almocreve (ar. *al-mukerí*): *s. m.* recoveiro:

Com dous peixinhos passarás
Do rio, não d'almocreves
103, 677.

almoeda (< ar. *al-moneda*): *s. f.* leilão, venda em hasta pública:

Em ricas praças ricas almoedas
109, 39.

alongar (< *longo*): *v. tr.* tornar longo, distanciar.

EXPRES.: *alongar as passadas*, abrir mais o passo, andar mais apressadamente:

Alongou mais as passadas
103, 264.

alquimista (< *alquimia*): *s. m.* o que se dedica à alquimia, à química da Idade Média, que buscava a panaceia universal e a pedra filosofal, com a qual os alquimistas esperavam obter saúde, longa vida e transformar os metais:

Dos alquimistas se diz
Que é doce a despesa vã
107, 16.

altamente (< *alto*): *adv.* 1) grandemente, firmemente:

Quem cuidado terá por obra humana
Quando tam altamente alma se escora
109, 158.

2) sublimemente:

Eu digo os provençais, que inda se sente
O som das brandas rimas que entrárão
De novo assi d'amor tam altamente
109, 66.

alteza (< *alto*): *s. f.* 1) título que se dava aos reis (só depois se trataram por majestade, tratamento introduzido na Península por Carlos V):

Tudo sabe vossa alteza
104, 265.

Cf. CAM., *El-Rey Seleuco*, 242: «Mande, senhor, vossa Alteza».

2) o tratamento de *alteza* também se aplicou mais tarde aos príncipes e infantes:

Inda que em vossa alteza a menos parte
Seja esta
101, 1; cf. 1, 14.

altíssimo (*superl.* de *alto*): *adj.* 1) muito elevado, transcendente:

Altíssimos sentidos
De a quem tal hortelão sempre é presente!
97, 7.

V. **sentido**.

2) sublime:

Cos reais cinco escudos gloriosos,
De que o seu lhe esmaltou o rei primeiro
Que a altíssima visão viu
148, 119.

altivez (< *altivo*): *s. f.* orgulho, soberba:

A cabeça da enveja
Do novo estado humano,
Que d'altivez sobeja...
149, 18.

altivo (< *alto*): *adj.* 1) brioso:

Sabia a sua condição altiva
(Nesta só parte, no mais branda, humana)
147, 94.

V. **condição**.

2) soberbo, orgulhoso:

Do enganoso bem que tam ufano,
Tam ledo e altivo me fazia
.....
Agora por meu mal me desengano
188, 2; cf. 150, 350.

alto (< lat. *altu-*): *adj.* 1) elevado:

D'antre tam altas, tam grossas paredes
100, 85; cf. 111.

2) grande:

Me fora alto quinhão!
20, 10.

3) de grande alcance:

Oh minhas visões altas!
78, 12.

4) profundo:

Estas são as guarnições,
E as covas altas sem minas
104, 350; cf. 100, 79; 114, 99.

5) que sobe a grande altura:

Voão as pombas em bandas,
Altos vão os grous em haz,
Não querem de nos viandas
Altas andurinhas brandas,
Querem companhia e paz.

103, 439.

6) profundo, transcendente:

... dos seus misterios altos
Assi lubrigando vejo
Que não são pera tais saltos

105, 204.

Cf. CAM., *Enfatriões*, 1205: «Ho molher triste e suspêsa da mais alta confusam»; *Filodemo*, III: «que me faça minha estrela tam alta pena sofrer».

7) penetrante, agudo, sublime:

Cuidando em vos senhora, no alto engenho

114, 1.

8) excelso, sublime:

Virgem e madre do um tam alto rei!

149, 71.

Cf. CAM., *Lus.*: «Rei alto e sublimado».

9) *s. m.* cimo, parte superior:

Dece ao fundo e ó alto sai [a água]

103, 588.

10) *adv.* em lugar elevado, por outras esferas:

Jaz alto seu fundamento!

35, 9; cf. 109, 166.

EXPRES.: *alta pena*. V. **pena**.
altos sentidos. V. **sentido**.
alta vea. V. **vea**.
polo alto, ràpidamente, superficialmente:

Liamos polo alto Lasso

108, 143 var.

altura (< *alto*): *s. f.* situação proeminente:

... despois que fostes posto nesta altura

154, 49.

alugado (*part.* de *alugar* < *locare*): comprado.
EXPRES.: *corações alugados*, venais:

Dos corações alugados,
Poucos são os verdadeiros

106, 191.

alumear, alumiar (< lat. *illuminare*): *v. tr.* 1) iluminar:

Vemos que alumeia o mundo
Um sol...

104, 62; cf. 163, 17.

2) ilustrar:

Um conde que inda alumea,
Assi morto o reino e lingua

107, 61.

alumiado (*part.* de *alumiar*): iluminado, inspirado:

São Jerónimo, alumiado
D'aquela divina luz

107, 141.

alvorada, arvorada (< *alvor* < lat. *albore-*): *s. f.* crepúsculo da manhã.
EXPRES.: *estrela d'alvorada*, estrela de alva, o planeta Vénus:

Uma estrela d'alvorada
Que esta manhã reluzia,
Mensaje nos traz do dia

116, 445.

alvoroço: *s. m.* 1) perturbação, alarme:

E aquele grande alvoroço
De atambor que a guerra chama,
Leva o velho, leva o moço

108, 186.

2) inquietação, agitação de ânimo:

Vem um, vem outro alvoroço

103, 68.

alzar. V. **alçar**.

amanhecer (< *manhã*): *v. intr.* começar a manhã, nascer o dia:

Ora é noite, ora amanhece

103, 182; cf. 59, 16; 150, 335.

amansar (< *manso*): *v. tr.* moderar, refrear:

O grande Archilis o bravo
Regeu o centauro sesudo
Que lhe amanse aquela sanha
Sua natural, que é muita.

105, 28.

amado (*part.* de *amar*): 1) estimado, querido, prezado:

Com duas canas diante
Is amado e is temido
104, 365; cf. 105, 66.

2) objecto de grande amor:

Não ha mister, senhora, ser temida
Quem ha de ser por força tam amada
124, 14.

amar (< lat. *amare*): *v. tr.* 1) ter amor a:

Donde, senhor, vos vem dar vos deus tal molher, que assim vos ama e a quem vos assim amais e que assim merece ser amada.
151, 67 e 68.

2) querer bem, sentir afeição por:

Quem cuidas que te mais ama.
Esse mór mal te procura
116, 422.

amarelo: *adj.* 1) pálido, enfiado:

Mas, afilhado, tornas-te amarelo
150, 329.

EXPRES.: *amores amarelos*, contrafeitos:

Quisera nos amores mais simpreza,
Ou digo que os quisera mais singelos
E mais dissimulada esta tristeza.
Não os queria assi tam amarelos,
Nem tam achacadiços
150, 281.

2) *s. m.* a côr amarela, a côr do ouro:

... é bom sinal
Tanto amarelo, azul, tanto lavrado!
150, 307.

ambos (< *ambo*): *adj. ind.* um e outro, os dois:

Antes os dous avôs d'ambas as partes,
Lhe irão caminho abrindo em quanto crece
148, 116.

ameaçar (< *ameaça* < lat. *minatia-*): *v. intr.* 1) fazer recear, meter medo a:

... mais cruel quando assi ofendes,
Menos mal se de longe ameaçaras
148, 42.

2) estar iminente:

Ameaçando a enchente, vem soando
150, 245.

3) pôr em risco, em perigo:

Alma que ante vos vem,
.....
De inigos grandes mal ameaçada
160, 50.

OBSERV.: Em *ameaça* houve a fusão do artigo com o nome.

amedrontado (*part.* de *amedrontar*): aterrado:

Ele solto, viu que o gado
De lá branca estava olhando
De longe, ainda amedrontado
163, 528.

OBSERV.: Sôbre a etimologia de *amedrontar* v. NASC., *Dic. Etimol.*

amenhã (< lat. *ad *maniama-*): *adv.* por *amanhã*, o dia imediato àquele em que se está:

Eu o farei amenhã
107, 20.

OBSERV.: *amenhã* é pronúncia popular.

amigo (< lat. *amicu-*): *s. m.* 1) aquele que estimamos e que nos estima:

Vir me hão ver os meus amigos
103, 633.

2) *adj.* que nos ama:

Natureza mai e amiga
106, 123.

amiudar (< *miudo*): *v. tr.* repetir amiúde:

Que gritos amiuda!
150, 491.

Cf. CASTANHEDA, *Hist. da India*, VI, 116: «amiudavão os ardis» (in MORAIS).

a miude. V. **a**.

amizade (< lat. **amicitate-*): *s. f.* afeição:

Onde i não ha amizade,
Como pode haver vida?
116, 382; cf. 127, 676.

OBSERV.: *amicitate-* > *amicidade* > *amizidade* > *amizade* > *amizade*.

amo (*m.* de *ama*): *s. m.* senhor, patrão:

> ... eis que achei ca tais amos
> Que se têm por deus da terra
>
> 116, 231.

amolecer (< lat. *mollescere*): *v. intr.* macerar-se (pelo chôro):

> E estes olhos coitados que amolecem
>
> 114, 105.

amor (< lat. *amore-*): *s. m.* 1) paixão, afeição profunda:

> Não sei quem me ora tal dia
> Disse que isso erão amores
>
> 116, 188; cf. 80, 1; 117, 31.

> Sobre tudo os bens doutores
> Santos louvam este abrigo
> Pera cuidar nos amores
> Que ja muitas vezes digo
>
> 105, 152.

OBSERV.: Neste passo refere-se ao amor das letras.

2) afecto, veneração:

> Não tem rei amor de povo
> Tanto em toda a cristandade
>
> 104, 339; cf. 345; 124, 1.

3) grande intimidade:

> Quem posesse os olhos nela [a virtude],
> Que verdadeiros amores
> Sempre traria com ela
>
> 105, 134.

4) personificação do amor, Cupido:

> ... o podoroso Amor de amores morre
>
> 150, 373; cf. 148, 54.

5) amor próprio, vaidade:

> Senhor, que hei grande medo ao desengano,
> D'este amor que a nos temos desigual
>
> 110, 4.

6) [*pl.*] divindades que, segundo a fábula, eram subordinadas a Vénus e a Cupido:

> Parecia que andava a colher flores
> Coas musas, coas graças, cos amores
>
> 150, 10.

7) trechos do *Orlando Furioso*, de carácter amoroso:

> Liamos pelos amores
> Do bravo e furioso Orlando
> E da Arcádia os bons pastores
>
> 108, 143.

EXPRES.: *pelo amor de alguém*, pela afeição ou consideração que se dedica a alguém, por sua causa:

> Mas di me, tia, pelo meu amor
>
> 150, 79.

amorcego, morcego (< lat. *murecaecu-*): *s. m.* género de mamífero nocturno:

> Ora tornando atras, certo mais são
> Os nossos olhos que os de amorcegos
> Que ha so causa vêm, as outras não
>
> 114, 95; cf. var.

amoroso (< *amor*): *adj.* suave:

> Quando pola amorosa
> E delicada praia rumor corre
>
> 150, 330.

amostrar, mostrar (lat. *monstrare*): *v. tr.* 1) mostrar, fazer ver:

> A moça amostra ca e amostra la
>
> 150, 434; cf. 108, 77.

2) *v. refl.* aparecer, apresentar-se:

> E se tal fosse, ele s'amostraria
>
> 150, 457.

OBSERV.: Em amostrar o *a* é prostético. V. sôbre êste assunto CORNU, *România*, XI, pp. 75 e 77.

V. **mostrar**.

amparo (< *amparar*): *s. m.* esteio, protecção:

> E mais em tal sazão, tal tempo, avaro
> De louvores alheos, em gram dano,
> Dos engenhos que se achão sem amparo
>
> 147, 12.

andabata (< lat. *andabata*): *s. m.* gladiador que combatia com uma faixa nos olhos:

> Ondas que aos ventos vão correndo os mares
> Andabatas que ferem ás escuras,
> E sem certeza dão por esses ares
>
> 114, 110 var.

OBSERV.: V. D. C. MICHAËLIS, *Glos. Poes. de S. M.*

andaço (< *andar*): *s. m.* epidemia:

Foi um andaço geral!
103, 142.

andante (< *andar*): *adj.* errante, erradio, vagabundo:

E veu um cavalo andante
103, 643.

Cf. MORAIS, *galo andante*, que se não recolhe em curral.

andar (< lat. *ambitare*): *v. intr.* 1) ir, caminhar:

Assi ca e la andando
Pela rara e gram floresta
116, 21; cf. 117, 231.

2) mover-se:

... unta o carro, andão as rodas
103, 45.

3) estar:

Menina formosa,
Que nos meus olhos andais
190, 2; cf. 103, 55 e 252.

4) estar em liberdade:

Deixa andar os encartados
76, 20.

5) *v. trans.* correr, percorrer:

Grande espaço o sol andara
103, 250; cf. v. 302; 116, 225.

6) fazer:

Quanto anda, tanto desanda
106, 278.

7) *v. auxiliar. a)* acompanhado de adj. ou formas equivalentes, no sentido de *estar, ser*:

acossados, 117, 294.
apartado, 117, 2.
bravoso, 103, 515.
encuberto, 116, 165.
forrado, 104, 274.
leve, 116, 483.
quentes, 104, 274.
seguros, 76, 11.
soo, 103, 79; 116, 144.
triste, 116, 155.
trosquiado, 116, 483.

b) acompanhado de outro verbo no inf. (conjugação perifrástica que indica continuïdade de acção):

a fugir, 116, 109.

c) acompanhado de outro verbo no part. pr. (conj. perifrástica):

cuidando, 114, 28.
fazendo, 106, 265.
perdendo, 106, 203.

EXPRES.: *andar a caça*. V. **caça**.

andar a candea, munido de candeia:

Diogenes, craro o dia,
Buscava andando á candea
105, 101.

andar á custa alhea. V. **custa**.

andar a vontade, estar sempre de acôrdo:

Não o tenhas por amigo
Quem te anda sempre a vontade
Dissimulando contigo
103, 207.

andar alerta, estar à espreita:

Cobiça da boca aberta,
Isto que te assi parece
E tras que andas tanto alerta
106, 93.

OBSERV.: V. **alerta**.

andar antre lobo e cão, ao lusco-fusco, à boca da noite, às escuras:

No meo do craro dia
Andais antre lobo e cão
38, 8.

andar ao som de, ao sabor de, à mercê de.

Não são pera mais que assi
Andar ao som da vontade
44, 9.

andar apos, andar atrás, procurar:

Anda apos o mais proveito
76, 20.

andar ás verdades, procurar as verdades:

Entre tantos conselheiros
Busco que andem ás verdades
D'estes livros meus parceiros
105, 105.

andar com a vida em dança, ter a vida embaralhada:

Dizem grandes e pequenos
Que andas com a vida em dança
164, 116.

andar de emenda em emenda, andar em experiências e tentativas constantes, esforçar-se o mais possivel:

Andão de emenda em emenda,
Da fornalha para a tenda
107, 28.

V.

andar de ũa esperança a outra, andar de esperança em esperança, alimentar várias esperanças:

Em quanto de ũa esperança
Em outra esperança andais
107, 2.

andar em braços, andar a par com, serem companheiros inseparáveis:

A fortaleza louvada
Anda em braços com a prudência
105, 65.

andar em busca, procurar:

Ando em busca de mim, não sei por onde
114, 128; cf. 127, 230.

andar em espreita, procurar:

Quem consigo traz rancor
E em espreita anda do mal,
Nunca lhe falece dor
103, 387.

andar em vida, durante a vida:

Estas serão as desaventuras
Que Heraclito chorava em vida andando
114, 113.

andar fora, andar por fora:

Andei fora ao vento muito
105, 125.

andar fora ao vento. V. **vento**.

andar mal, sentir-se mal:

Se primeiro andara mal,
Foi apalpando, foi vendo
Antre nos que era outro igual
103, 72.

andar o cutelo, trabalhar, servir-se do cutelo:

Vêm com grosa, outro interesse
Diz que ande o cutelo, ainda
Que em prisão certa os tivesse!
104, 329.

andar ós sonhos, entregar-se a utopias:

Almas que ós sonhos andais,
O muito não o troqueis
Por nadas, como o trocais
108, 186.

andar pelas ramas, tratar superficialmente os assuntos, *com razões frias*, com razões de pouco pêso:

Andão se ás razõis frias polas ramas
Um villancete brando, ou seja um chiste,
Letras ás invenções, motes ás damas
147, 10.

andar pera, ter tenção de:

Andão pera vos tomar
Por manhas que não por força
104, 134.

andar por. 1) procurar:

Se andas pela verdade,
Tudo acharás mentira
117, 130.

2) diligenciar-se, esforçar-se:

Andão por me apartar d'êles
42, 3

3) seguido de nome de lugar, indica o sítio por onde se anda, percorrer:

Irmão quero descansar,
Que andei por muitos lugares
116, 317; cf. v. 21; 117, 231.

andar por furtar o vento, trocar as voltas:

Andas por furtar me o vento
164, 428.

andar por vossas, como se fôssem vossas, se vos pertencessem:

Lembro-vos as vossas fruitas!
Que andão ja por vossas na agua
108, 378.

andar tras, seguir:

Detreminava de já
Andar tras estas ovelhas
103, 297; cf. 116, 230.

andorinha, **andurinha** (lat. **hirundinea* demin. de *hirundo*): *s. f.* ave de arribação:

Não querem de nos vindas
Altas andurinhas brandas
103, 459; cf. 105, 130.

EXPRES.: *pés d'andorinha*, nome de um cão de caça:

Ora mous pés d'andorinha!
164, 27.

OBSERV.: **hirundinea* > *harundinea* > *andorinha* por metátese do *r* — *nd* em *nd* — *r*. Explica-se o *a* por etimologia popular, por influência de *andar*. No entanto, DR. J. L. VASCONC., *Rev. Lus.*, III, 268, admitindo a referida metátese, explica o *a* por influência da nasal *n*.

Cf. G. VIANA, *Apostilas*; ADOLFO COELHO, *Rev. Lus.*, I, p. 135.

andurrial (< *raul.* de *andar*): *s. m.* lugar ermo e extraviado:

Parece que folgo mais
Por agora de pacer
Por estes andurriais
103, 161; cf. 114, 120.

V. D. C. MICHAËLIS, *Glos. Poes. de S. M.*

OBSERV.: Sôbre a etimologia v. NASC., *Dic. Etim.*

anho (< lat. *agnu-*): *s. m.* cordeiro:

Se não foi o inverno de anhos
Outros virão melhorados
103, 140.

V. **agno**.

animal (< lat. *animale-*): *s. m.* 1) ser organizado, dotado de sensibilidade e da faculdade de executar movimentos voluntários.:

Um tição que é animal
Fero, bravo e denodado
116, 405.

2) irracional:

A primeira, entre animais
Não se houverão por seguros
Os homens racionais
107, 181.

ano (< lat. *annu-*): *s. m.* espaço de tempo gasto pela terra a executar o seu movimento de translacção:

Chorei dias e noites, chorei anos
79, 9; cf. 12, 48; 118, 10.

EXPRES.: *ir de ano em ano*, guardar de ano para ano:

Eu risco e risco, vou me de ano em ano
110, 6; cf. 140, 15.

OBSERV.: la adiando sempre a publicação para ir fazendo novas revisões e alterações das suas poesias. *tristes anos*, 118, 33. V. **fortuna**.

anojado (< *anojar*): *part.* enfastiado, magoado:

Pareces como anojado!
116, 102; 143, 5.

Cf. B. RIB., *Ég.*, II, 380: «... dando um pouco á cabeça / Á maneira d'anojado».

anojar-se (< lat. *inodiare*): *v. refl.* desgostar-se, entristecer-se:

Queres que homem não se anoje?
103, 228; cf. 79,

Cf. «Castelo Perigoso», in *Text. Arc.*, DR. J. L. VASCONC., 49, 13: «rrependimento dos pecados com que anojou o seo senhor Deus»; *Chr. D. Pedro I*, fasc. 44 (in MORAIS); G. VIC., *Inês Pereira*: «não vos anojarei mais» (no sentido de *enfadar*).

OBSERV.: A propósito dos vocábulos *anojar*, *enojar* e *nojar* v. J. J. NUNES, *Rev. Ling. Port.*, 1, p. 165.

anoutecer (< *noite-*): *v. intr.* fazer-se noite:

Quando anoutecia
59, 15.

antão (< lat. *in* + *tunc*): *adv.* então:

Antão para que prestamos?
103, 439; cf. 80, 13.

OBSERV.: Forma popular.

ante (< lat. *ante*): *prep.* 1) adiante de, em presença de, perante:

Ao menos faça esta dor
Ante vos fé do tal fe
21, 4; cf. 100, 6; 107, 108.

2) antes, até agora:

Em outro ceo diferente
Que nos deus ante escondera
104, 8, var.

EXPRES.: *de ante menhã*, pouco antes de amanhecer, 106, 204.
Cf. *Canc. Ajuda*, 930.

antemenhã (*ante* + *menhã*): por *de antemenhã*.

Comecei antemenhã
166, 204 var.

Cf. FERNÃO MENDES PINTO, 74: «sahimos em terra huma antemanhãa».

antes (< lat. *ante*): *adv. de modo* 1) de preferência:

Antes dez quedas que emenda!
159, 88; cf. 116, 116.

2) *adv. de tempo* anteriormente:

Virgem fermosa que achaste a graça
Perdida antes por Eva
100, 2.

EXPRES.: *de antes*, *loc. adv.* em tempo anterior, antigamente:

Se eu viera ufano de antes,
Não tornei tal ás aldeas
103, 499.

antes que, *conj.* primeiro que:

A vos senhora, aprouvesse
De haver esta minha fe
Ca ora só antes que
Morresse!
17, 6; cf. 11, 6.

antes quebrar que volver. V. **homem**.

querer antes. V. **querer**.

OBSERV.: O *s* paragógico explica-se: «por analogia com o *s* final de muitos advérbios latinos, tais como *cras*, *magis*, *minus*. O povo ainda hoje obedece ao mesmo princípio, quando diz *sòmentes*, *malmentes*». J. L. VASCONC., *Lições de Filolog.*, 2.ª ed., p. 430.

antigo, antiguo (< lat. *antiqu-*): *adj.* 1) velho:

Tantos dos seus perdera ali comsigo
Um odio tam antigo
149, 20; cf. 103, 209; 154, 79.

2) remoto:

A antigua busca, busca a nova historia
148, 146; cf. 143, 10.

Cf. CAM., *Lus.*, 1, 26, 1: «Deixo, Deoses, atrás a fama antigua».

3) que existiu em tempos antigos:

Vedes como aquoles nossos
Antigos padres primeiros
Erão no começo inteiros
108, 202.

EXPRE.: *á antiga*, á moda antiga:

Inda hoje vemos que em França
Vivem nisto mais á antiga
108, 262.

gente antiga, que viveu em tempos antigos:

Quem o crerá? que nisto a gente antiga
Que tanto viu, viu pouco, do custume
Cega, e d'esta baixa humana liga
109, 58.

OBSERV.: A grafia *antigno* «é tradição do tempo em que, ainda antes de *a* e *o*, o som do *g* era representado por *gu*», EPIPHANIO DIAS, *Lus.*, Registo filológico.

antipoda (< gr. *anti* + *pous, pódos* = = *pé*): *s. m.* habitante de um lugar da terra diametralmente oposto ao do que se trata:

> ... nem porque tenhais descuberto os antipodas, cousa que aos mais dos antigos pareceu patranha onciosa...
>
> 154, 26.

antolho (< *ante* + *ôlho*): *s. m.* capricho, fantasia:

> Amor que por antolhos tudo ordena
>
> 156, 13.

Cf. CAM., *Lus.*, X, 38: «Eis vem o pai com animo estupendo, / Trazendo furia e magoa por antolhos»; *El Rey Seleuco*, 363: «Mana tirai os antolhos»; *Eleg.* «O poeta Simonides...»: «Eu, trazendo lembranças por antolhos...»; J. FER. DE VASC., *Aulegraf.*, *5*, 1: «meu amigo foi-se ao sabor dos antolhos» (in MORAIS).

OBSERV.: Esta palavra significa pròpriamente cousa que se leva diante dos olhos; daí o sentido figurado que se pode ver nos citados passos de CAM., de cousa que sempre se traz em vista, de que não se perde o sentido e depois ilusão, fascinação, capricho.

antre (< lat. *inter*): *prep.* entre, no meio de:

> Fica se porem julgando
> Antre a ũa e outra sorte
>
> 67, 12.

Cf. CAM., *Enfatriões*, «qual sofre mais crueldades / se vos antre os enemigos / se eu antre as saudades».

EXPRES.: *antre lobo e cão*. V. **andar**.

antre nos, 89, 10.

Cf. *Canc. Ajuda*, 8:820.

antre si, 15, 2.

d'antre. V. **de**.

Cf. J. J. NUNES, *Cádice* «... antre todolos outros milagres»; B. RIB., *Ég.*, II, 2: «Antre o Tejo e Guadiana».

OBSERV.: «forma popul. freqüentíssima em Portugal e Galiza» (D. C. MICHAËLIS, *Glos. Poes. de S. M.*).

antremes (< ital. *intermezzo*): *s. m.* por entremes, breve composição literária que serve de entre-acto da comédia ou da tragédia; farsa (fig.), meio para iludir, ardil:

> Vistes... antre os outros antremeses,
> Pescar com redes de ouro das Antilhas
>
> 109, 5.

Cf. G. VIC., *Auto Past. Port.*: «que entrasse ca na capella previcar hũ antremes».

antremeter-se (*antre* + *meter*): *v. refl.*, importar-se com:

> Dos outros não me antremeto
>
> 103, 483.

ao, ó (*prep.* a + *art. def. m. s.* o):

> Que remedio ao ja feito?
>
> 32, 9.
>
> Mas torno aquelo abrigado
> Em que me acolhi aos ventos
>
> 106, 52.

V. OBSERV.

EXPRES.: *ao derredor*, em volta, em redor:

> Amor tem postas armas vitoriosas
> Ao perto, ao longe; todo ao derredor
> Tem cheo de façanhas gloriosas
>
> 114, 56.

Cf. B. RIB., *Ég.*, III, 4: «Ao derredor do seu gado».

ao diante, em seguida, sucessivamente:

> No começo os erros tẽm
> Bom remedio, ao diante
> Tẽm o mao.
>
> 103, 302.

ao menos, pelo menos, quando mais não seja:

E ao menos salve se a fé
21, 12.

aos pares, em grande abundância:

... do peito sospiros saião
Aos pares...
150, 173.

ao presente, no tempo presente, actualmente:

Não sentis ainda ao presente
Quanto vos custa este vosso
36, 9.

OBSERV.: ¿A expressão *acolher-se aos ventos* corresponderá a *acolher-se dos ventos*? (Cf. *Dic. Contemp.*: «acolheu-se da chuva numa casa desconhecida»), nesse caso a preposição *a* contraída na palavra *aos* deve representar a preposição latina *-ab*, segundo a teoria já há muitos anos apresentada pelo Dr. Sá Nogueira e que o referido filólogo traduziu da seguinte forma na *Encic. Port. e Bras.*, a propósito da letra *a*: «A prep. *a* portuguesa representa em regra a latina *-ad*, mas em certos casos é de crer que represente *ab*. De uma maneira geral, pode-se dizer que representa *ad*, quando exprime a idea fundamental *de lugar para onde*; e representa *ab*, quando exprime a idea fundamental de *lugar donde*: «ir a Coimbra» (*ad*), «fugir à polícia» (*ab*)». V. **ó**.

apacentar (lat. **appascentare* < *adpuscens* < *adpascere*): *v. intr.* levar ao pasto, pastorear:

Só andas, só apacentas
164, 257.

Cf. G. VIC., *Auto de Mofina Mendes*: «campos floridos em que anda apacentado»; B. RIB., *Égl.*, 1, 3: «seus gados apacentava».

OBSERV.: Sôbre a etimologia v. NASC.

apagar-se (< *-pagar* < *pacare*): *v. refl.* esmorecer:

Ora se apaga, ora acende
106, 280.

apaixonado (< *apaixonar* < *paixão*): *part. pas.* decidido, resolvido, obcecado:

Apaixonado qual vinha
Achou um charco que farte
103, 281.

apalpar, palpar (< lat. *palpare*): *v. tr.* 1) tentear, sondar:

Foi apalpando, foi vendo
Antre nos que era outro igual
103, 73; cf. 100, 5; 116, 139.

2) experimentar:

Ca e la tudo apalpei
116, 513; 164, 171 e 553.

A qual causa conhecendo, determinei de palpar todas as vias que para os haver achasse.
127, 102.

apanhar: *v. tr.* 1) agarrar:

Morte que não conta os anos
Vem e apanha o que lhe apraz
107, 45; cf. 103, 518.

2) abranger, alcançar:

Ora vejamos quem mais terra apanha
150, 298.

OBSERV.: Etimol. obscura. V. NASC.

aparado (< *aparar* < lat. *apparare*): *part. pas.*

EXPRES.: *aparada a pena*, estilo apurado:

Quando ja tinha alta a pena,
Bem aparada inda não
105, 54.

OBSERV.: Neste último passo, S. de M. refere-se ao período literário de Juan de Mena, entre a *Coronacion* e *Las Trescientas*. V. C. M., *Poes. de S. de M.*, p. 790.

aparecer (< lat. *apparescere*): *v. intr.* 1) surgir:

Eis a barca aparece
150, 468; cf. 117, 182.

2) mostrar-se, tornar-se visível:

Não vedes quantas voltas o sol dá
Ora aparece, ora desaparece
109, 137; cf. 193, 807.

3) comparecer, apresentar-se:

Todos nas festas onde aparecias,
Um rosto, outro tenção logo mudava.
150, 34.

aparelhar (< *parelha*): *v. tr.* preparar:

... ums indo diante pera me aparelharem a pousada...
127, 98.

Cf. CAM., *Enfat.* v. 1:598: «aparelham de comer».

aparença (< lat. *apparentia-*): *s. f.* aparência:

Não posso eu aí, sigo o em aparenças
116, 11.

apartamento (< *apartar*): *s. m.* 1) afastamento:

Silvestre, tu saberás
Que este meu apartamento
Não se faz sem fundamento
117, 62; cf. 116, 330.

2) retiro, recanto, aposento:

Que se fez do tam rico apartamento?
150, 495.

apartado (< *apartar*): *part. pas.* 1) afastado, longe, tresmalhado:

Que não te deve ser novo
Que a res que anda apartada,
Gil amigo, da manada
De ventura escapa ao lobo!
116, 350; cf. 117, 2.

Cf. B. RIB., *Ég.*, v, 84: «Pois de ti vivo apartado».

2) isolado, solitário:

Eu folgo assi apartado
116, 344.

EXPRES.: *comigo apartado*, concentrado, solitário:

Comigo apartado,
Quando anoutecia,
Quando amanhecia?
59, 13.

apartar-se (< *parte*): *v. refl.* afastar-se, desviar-se:

Quem sabe do mal fugir,
Muito faz em se apartar
117, 82; cf. 116, 142.

aparte (< *parte*): *adv.* de lado.
EXPRES.: *por aparte*, pôr de lado:

Ponde aparte os longos panos
108, 328.

ter tudo a parte posto, não se ralar:

Grande sinal de sandeu
É têr tudo aparte posto
103, 22.

apegar-se (< *pegar*): *v. refl.* 1) comunicar-se, contagiar:

O bem não é como a tinha,
Não se apega tam azinha
103, 539; cf. 116, 502.

Cf. LUCAS FERNANDEZ, p. 4: «El nõ se me apega».

2) arraigar-se:

O cuidado se apega
Cũa ora mais que outra ora
116, 175.

apelido (< lat. *appellitu-*): *s. m.* convocação, rebate, alarme, apêlo do povo em ocasião de fogo, contra o inimigo, ladrões, feras, etc.:

... Um asno erguido,
Corre logo o apelido, o sai com cõr
Da cabana o pastor que todo treme
150, 251; cf. 164, 678.

Cf. *Nauf. de Sep.*, f. 91: «dando seus apupos, e appelidos de cafres» (in MORAIS).

Cf. ARCIPR. DO HITA, *Libro de Buen Amor*, est. 413: «silve em apelydo».

Cf. F. LOPES, *Cr. de D. João I*: «braadando com seu apelido *chegar, chegar*».

apenar (<*penar*): *v. tr.* dar pena, apoquentar:

E outras mãs colmas sem fim
Não m'apenão
164, 1067.

apercebido (<*aperceber*): *part. pass.* provido:

Mas vos tirana de centas vontades,
Não estéis de crueza apercebida
124, 10.

Cf. CAM., *Lus.*, III, 111, 4: «Só de pedras o esforço apercebido».

aperfiar, aporfiar, aprefiar (<*perfiar*<*perfia*<*perfídia*): *v. intr.* teimar, insistir:

A minha perfia
Que mais aperfia?
59, 9; cf. 107, 26;
164, 151.

Cf. VILHALP., II, c. 1: «tanto aperfiei até que a desnarigada houve finalmente de chegar a ũa janela»; CAM., *El Rey Seleuco*, v. 839: «Quan facilmente aporfia / Quien en tal nunca se vio».

EXPRES.: *aporfiar consigo*, lutar, discutir consigo próprio:

Parece que contigo aperfiavas
150, 46.

OBSERV.: Em *aporfiar* houve a dissimilação *e — i* > *o — i*.

apertar (<*perto*): *v. tr.* 1) atar fortemente.

EXPRES.: *trabalhão por soltar-se, aperta o laço*, quanto mais se esforçam por libertar-se, mais se agrava a situação:

Os fracos dos sentidos ajoelhão,
Trabalhão por soltar-se, aperta o laço
Em poder da má dor, mal se aconselhão
150, 26.

2) *v. refl.* estreitar, cingir:

Assi que de amor e d'ela
Mais se abarca que se aperta
39, 10; cf. 100, 70.

3) confranger-se:

... hei tal saudade aos cantares
Que se aperta a alma no peito
164, 708.

EXPRES.: *apertar as mãos*, confranger-se:

A alma apertando as mãos, toda encolheita
82, 6.

apertar passadas, apertar o passo, andar mais depressa:

Passadas dizes? ora olha esta tamanha
Que aqui te dou, logo outra e outra aperto
150, 297.

apetito, apetite (<lat. *appetitu-*): *s. m.*

1) desejo:

Onde quer se mata a fome,
Matão se apetitos mal
103, 625.

Cf. CAM., *Lus.*, X, 5, 4: «Despertando os alegres appetitos».

2) vontade:

E não te digo que faças
Quanto a apetito te vens
103, 402 var.

3) impulso instintivo:

Não falemos naquela enfermedade
Dos seus privados, que é como se acerta
Por apetitos sôs, por liviandade
109, 54.

4) prazer:

Não acha ali a enveja
Que possa desdenhar
Nem apetitos que mais desejar
150, 391.

5) ambição:

matão se apetitos mal, 103, 625, as ambições não param.

OBSERV.: A forma *apetito*, hoje antiquada, é muito freqüente nos clássicos.

apoderar-se (<*poder*): *v. refl.* ter poder em, dominar:

Ora outra vez a vos, senhor, que andais
Naquela viva chama d'essa idade
De que os amores se'poderão mais.
109, 154.

apo-la, apo-lo. V. **apos.**

apontar (< *ponto*): 1) *v. tr.* notar:

> ... e ora ao ponto
> D'este teu apartamento
> Em que ja muito t'aponto
>
> 164, 127.

2) *v. intr.* aparecer, nascer:

> Como no mundo apontamos
>
> 103, 486.

aporfiar. V. **aperfiar.**

apos (< lat. *ad* + *post*): *prep.* atrás de:

> Cuidando cego, apos ti
> Corri montes, corri vales
>
> 28, 10.

> Olhos apo-la vontade
> As leis apo-lo costume
>
> 74, 37 e 38.

Cf. CAST., 6 e 64: «Deitárão apos elles» (in MORAIS).

EXPRES.: *apos de*, atrás de:

> ... estes detêm que não vam apos de mim
>
> 127, 103.

aposta (< *a* + *posta* < *pôr*): *s. f.* acção de apostar:

> Eu vi já sobre isto apostas
>
> 103, 471.

apostolo (gr. *apostolos*): *s. m.* cada um dos discípulos, a quem Jesus Cristo encarregou de prègar o *Evangelho*:

> Do sepulcro os apostolos partidos
>
> 97, 3.

aprazer (< lat. *ad* + *placere*): *v. intr.* agradar:

> A vos, senhora aprouvesse
> De haver esta minha fe
>
> 17, 4; cf. 163, 22.

> O que hontem muito aprouve, hoje aborrece
>
> 109, 139.

Cf. com o sentido dêste verso B. RIB., *Ég.* 1, 159, 60: «...ás vezes, o dessejado / Alcançado dá pesar».

apraz — *ind. pres., 3.ª s.*, 107, 45; 109, 56; 150, 257.

aprazem — *ind. pres., 3.ª pl.*, 107, 267.

aprazia — *pret. imperf., 3.ª s.*, 150, 226.

aprazião — *pret. imperf., 3.ª pl.*, 163, 22.

aprouve — *pret. perf., 3.ª s.*, 109, 139.

aprouverão — *pret. perf., 3.ª pl.*, 100, 22.

aprouvesse — *conj. pret. imperf., 3.ª s.*, 108, 47; 127, 207; 154, 55.

aprouver — *fut., 3.ª s.*, 103, 165.

aprazerem — *inf. pes., 3.ª pl.*, 40, 10.

apreçar (< *preço*): *v. tr.* 1) ajustar, avaliar:

> ... são aqueles trinta dinheiros por que
> ele quiz ser apreçado e vendido
>
> 154, 7.

2) estimar, avaliar, prezar.

EXPRES.: *apreçar vilmente*, estimar em pouco:

> Os marinheiros vadios
> Que vilmente a vida apreção
>
> 108, 357.

aprefiar. V. **aperfiar.**

aprender (< lat. *apprehendere*): *v. tr.* ficar sabendo, tomar conhecimento de:

> Mas é o que ora aprendo
>
> 105, 199.

apresentar (< *presente*): *v. tr.* mostrar:

> Me foi da vossa parte apresentada
> Vossa composição boa a porfia
>
> 144, 3.

apressado (< *apressar*): *adj.* freqüente, aflito:

> Aqueles seus sospiros apressados
>
> 150, 102.

apressar-se (< *pressa*): *v. refl.* ter pressa:

> Não te apresses
>
> 127, 134.

aprouve. V. **aprazer.**

aprouvesse. V. **aprazer.**

aproveitar (< *proveito*): 1) *v. intr.* dar proveito, ser útil:

> Que aproveitão virtudes nem bondade?
>
> 22, 5 cf. 88, 9.

2) *v. refl.* tirar proveito, utilizar-se:

> ... pera me d'eles aproveitar quando
> d'eles tenhe necessidade
>
> 127, 205.

apupar (< lat. *upupare*?): *v. intr.* bradar e tocar a buzina ou búzio usado pelos monteiros:

> Todos apupando dozião
>
> 116, 28.

apurar (< *puro*): *v. tr.* purificar:

> Ũa vontade sempre ram sem mágoa,
> E como ouro apurada e sempre enteira
>
> 85, 4.

EXPRES.: *apurar os tiros*, fazer boa pontaria:

> Amor...
> Seu arco encorda, os tiros apurou
>
> 150, 352.

aquel, aquele (< lat. *eccu* + *ille*):
1) *pr. dem.*:

> Aquele a quem doi, se entende,
> Com sôs sospiros responde
>
> 104, 154.

2) *adj. dem.*:

> Com todo mal poderia
> Esperando aquele dia
>
> 17, 10.

EXPRES.: *aquel outro*, aqueloutro, *pr. dem.* (emprega-se quando há mais de um objecto remoto):

> Sempre vem d'um erro outro
> Só logo lhe não acodem,
> Depois quando mais não podem,
> Isto foi, mais aquel outro.
>
> 164, 248.

Cf. *Canc. Ajuda*, 658; 968. *Bosco delleytoso solitário*, in *Text. Arc.*, J. L. VASC., p. 66, 15: «mais que lhe prazia do apartamento sollitario daquel lugar».

OBSERV.: Sôbre a apócope do *e* v. J. J. NUNES, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., p. 70. Idem, p. 256: «Esta forma continua a viver no povo que, consoante a regra dos nomes em *el*, lhe dá para plural *aqueis*».

aquela (< lat. *eccu* + *illa-*): *pron.* e *adj. dem. fem.* de aquele, 48, 3; 12, 5; 25, 3.

aquele. V. **aquel.**

aqueles: *pl.* de *aquel* e *aqueles*, 97, 12 e 13.

aquem (< *aquende* < lat. *eccu* + *inde*): *adv.*

EXPRES.: *d'aquem*. V. **de.**

Cf. *Canc. Ajuda*, 380, 712; *Canc. Vat.*, 598.

OBSERV.: Sôbre o *a* inicial v. J. J. NUNES, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., p. 60. A apócope foi devida à próclise.

aqui (< lat. *eccu* + *hic*): *adv.* neste lugar:

> Aqui não vemos soldados,
> Aqui não toa atambor
>
> 104, 341 e 342.

EXPRES.: *d'aqui*. V. **de.**

aqui del rei, frase pela qual se pede socorro:

> Este chama: aqui del rei!
>
> 76, 43.

aquilo (< lat. *eccu* + *illud*): *pr. dem. invar.*:

> Aquilo é uso e costume
>
> 103, 604.

OBSERV.: a passagem do *e* tónico para *a* como diz J. J. NUNES, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., p. 257, ainda não está satisfatòriamente explicada. D. C. Michaëlis vê uma evolução metafónica. V. sôbre o mesmo assunto GARCIA DE DIEGO, *Gram. Hist. Gal.*, p. 60.

ar (< lat. *aere-*): *s. m.* 1) atmosfera:

> Olhai as aves do ar
>
> 107, 111; cf. 114, 111.

2) ambiente:

> Tereis graças delicadas,
> Do ar do paço ajudadas
>
> 108, 343.

3) atmosfera moral:

> Vão porem ares mais sãos
>
> 108, 220.

4) cousa vã:

Castelos de esperança e de sospeita
... é tudo um ar
82, 1.

EXPRESS.: *suidades armadas no ar*, sem fundamento:

São essas suidades
Armadas no ar
54, 31.

aranha (< lat. *aranea-*): *s. f.* V. **tea** e **traça**.

arça. V. **arder**.

archeiro (< fr. *archer*): *s. m.* guarda:

A grande Venus toda receosa,
Os seus archeiros chama
Em secreta defesa
150, 367.

OBSERV.: Dava-se esta designação ao soldado da guarda do paço e da universidade, que era armado de archa.

arco (< lat. *arcu-*): *s. m.* arma formada de uma haste flexivel, cujas extremidades estão ligadas por uma corda ou correia e serve para atirar setas:

Seu arco encorda, os tiros apuron
150, 352.

ardente (< lat. *ardente-*): *adj.* aceso, abrasado, candente:

Cada um se chama facha ardente e lume,
E fragua onde se prova sua fineza
150, 275; cf. 147, 75.

arder (< lat. *ardēre*): *v. intr.* 1) estar aceso:

Põi do teu fogo a esta casa!
Arça sempre e nunca abrande,
Que deus é fogo que abrasa
105, 223.

Cf. G. VIC., *Auto da Alma*, 526: «Arço em fogo de pesar». JORGE F. DE VASCONC., *Auleografia*, I, cena **11**, fl. 40-v.: «velando arço nestes pensamentos».

2) queimar-se, abrasar-se:

Ardem ricos perfumes
150, 381; cf. **114**, 40; 100, 56.

3) sentir grande calor:

Outro por julho e por agosto treme,
Arde em dezembro, foge a claridade
150, 285.

4) inflamar-se, exaltar-se, irritar-se:

... se co'ella [a demanda] o peito arde,
A cea fará mais branda
103, 674.

5) fervilhar, haver em grande quantidade:

Apos estas, senhor, arde
A cobiça da fazenda
104, 256.

6) complicar-se (pela revolta em que arde):

Triste, que farei eu quando tudo ardo?
80, 14.

7) passar, desaparecer:

Quam cedo tudo em fim arde!
107, 77.

EXPRESS.: *arder em chamas*. V. **chama**.

arde = *ind. pres. 3.ª s.*, 80, 14; 103, 674; 104, 256; **107**, 77; 150, 242 e 285.

ardem — *ind. pres., 3.ª pl.*, 150, 381.

ardia — *pret. imp., 3.ª s.*, **100**, 56.

arça — *conj. pr., 3.ª s.*, **105**, 223.

arder — *inf.*, **114**, 40.

ardendo — *gerúndio*, **147**, 14.

OBSERV.: A forma *arça* < *ardea-* explica-se fonèticamente, porque *de* (entre cons. e vog.) > *ç*. V. J. L. VASC., *Liç. de Filol.*

area (< lat. *arēna-*): *s. f.* substância mineral granulosa ou pulverulenta, proveniente da desagregação das rochas:

Ricas areas d'este Tejo e Douro!
143, 14; cf. 147, 78.

arenga (por *renga, renque* < germ. *hring*): *s. f.* fileira:

Em arenga vão os grous
164, 479.

OBSERV.: V. D. C. MICHAËLIS, *Glos. das Poes. de S. de M.*, e *Dic. Etimol.* de NASC.

arenga (< med. lat. *harenga*): *s. f.* discurso:

Não ó sabor das orelhas
Arenga cuidada abranda
104, 87.

argumento (< lat. *argumentu-*): *s. m.* arrazoamento, raciocínio:

Deixai vos d'esses vossos argumentos
148, 143.

arma (< lat. *arma-*): *s. f.* 1) instrumento de defesa e ataque:

Outros reis os seus estados
Guardão de armas rodeados
104, 344; cf. 105, 13; 106, 245.

2) meio:

E com tais armas sós
Tais imigos venceu só para nos
149, 38.

3) no *pl.* carreira militar, arte de guerra:

... o nome de emperador
A qualquer seu capitão
Que tinha em armas louvor
Dava Roma...
104, 58.

4) *pl.* brasão, sinais simbólicos representados nos escudos das famílias nobres:

Nosso Senhor... nos tinha dado como em arrefem as vossas armas reais.
154, 4.

armada (< lat. *armata-*): *s. f.* têrmo de caça: «mangas de gente com cães, que se punham nas batidas para espantar as feras e as fazer emboccar os portos, onde as esperavão os caçadores», *Dic. da Acad.*

EXPRES.: *quando armadas toão*, no tempo da caça:

Ás aves mudadas voão,
Criados mudão vestido,
E mais quando armadas toão
75, 5.

Cf. «vozeiras montarias», 108, 51; *Livro de Montaria* (in *Text. Arc.*, J. L. VASC., 73, 30): «conhecer o lugar em que ajam de poer as armadas».

armadilha (< *armar*): *s. f.* 1) cilada:

Vou fugindo ás armadilhas
103, 421.

2) cousas para encantar:

Vistes armadas tantas armadilhas
Aos olhos!
109, 4.

EXPRES.: *ser armado no ar*, ser vão, efémero. V. **ar.**

armar trevoadas, prepararem-se trovoadas:

Viu armar as trevoadas
103, 268.

armantio, armentio (< lat. *armentiu-*): *s. m.* armento, rebanho, gado:

Que muitas vezes me espanto
Do sol, que de nos não foge,
E dos vales e dos montes
Que dão herva aos armantios
116, 278.

OBSERV.: *armantio* < *armentio* < *armentiu-*. Explica-se a passagem do *e* a *a* por influência da nasal.

armar (< lat. *armare*): 1) *v. intr.* defender a retirada:

Bom matador, bom ladrão
Que fugindo arma entretanto
76, 18.

2) *v. tr.* dispor, preparar.

EXPRES.: *armar armadilhas*, preparar ciladas:

Vou fugindo ás armadilhas
Que via armar e tecer
103, 422; cf. 109, 4.

armar a buizes, fazer armadilhas, caçar pássaros:

Não vou armando a buizes
103, 158.

armar castelos, erguer castelos, imaginar cousas sem fundamento, esperanças vãs:

Armei castelos erguidos
41, 4.

armar em briga, de lutas constantes:

Este mundo é armado em briga
108, 63.

armar guerra contra alg., mover, suscitar a guerra:

Tam longa guerra contra nos armou
163, 75.

arminho (< lat. *armeniu-*): *s. m.* animal pequeno, espécie de mamífero, que tem a pele muito fina, branca e macia:

Se não as [peles] achão mais finas
Que as dos lobos cervais,
Que arminhos nem zebelinas
104, 279.

OBSERV.: *e* > *i*. Já no lat. popular havia a troca do ē em ĭ. Cf. *pergameniu-* > *pergaminho*. V. J. J. NUNES, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., p. 49.

arrabil (< ar. *ar-rabāb*): *s. m.* instrumento pastoril:

Faz falar o arrabil
103, 40.

Cf. G. Vic., *Côrtes de Júpiter*, 62: «Quem me dera um arrabil»; B. RIB., *Ég.*, 1, 61: «Qu'é do teu rabil prezado».

arrebentar (< *rebentar* < *re-vento-ar*): *v. intr.* 1) estoirar:

Os bons convites antigos,
.....
Erão pera conversar
Os parentes e os amigos,
Que não pera arrebentar
108, 105; cf. 107, 209.

Cf. **gargantoice.**

2) manifestar-se, surgir, irromper:

E o cuidado encuberto,
Algum ha de arrebentar!
164, 198.

arrecadar (< *recadar* < lat. **recapitare* < *re-***capitare* < **capitum* < < *capio*): *v. tr.* comprar, guardar comprando:

Quem mais leva na bolsa, esse arrecada
109, 51.

arrecear, recear (< lat. *re-zelare*): *v. tr.* temer:

Quando te arreceei, logo vieste
125, 7; cf. 116, 181; 118, 29.

Cf. B. RIB., *Ég.* 1, 4: «De nada se arreceava».

arredor (< *redor*): *adv.* à volta, em roda:

Cansa e anda d'arredor
106, 273; cf. 108, 274.

arrefem (ar. *rahān*): *s. m.* refém:

Nosso Senhor... nos tinha dado como em arrefem as vossas armas reais.
154, 3.

arrefentar (< *arrefecer*): tornar frio, matar chupando o sangue:

... chamão lhe Estrias
Que a tantas de crianças arrefentão,
150, 25 var.

OBSERV.: A forma *arrefentar* foi formada sôbre *arrefecer* por analogia com *aquentar* < *quente*. Sôbre o significado v. C. M., *Glos. das Poes. de S. de M.*

arremedar (< *remedar* < lat. **reimitare*): *v. tr.* imitar:

A nossa gente que quis
Arremedar nos louvores
108, 247.

arremeter (< *remeter* < lat. *remittere*): *v. intr.* atacar, acometer:

... em tamanha
Pressa ninguem arremete
103, 520.

EXPRES.: *arremeter á ocasião*, aproveitar a oportunidade:

De pressa á ocasião arremeteu
147, 20.

arrenegador (< *arrenegar*): *s. m.* o que renega.

EXPRES.: *missa d'arrenegadores*, «em linguagem cast., imprecações feitas contra nós» (V. DR. PIRES DE LIMA, *Carta a António Pereira*):

Conversação perigosa,
Missa d'arrenegadores
108, 172 var.

arrenegar (< *renegar*): 1) *v. tr.* abominar:

Arrenega o mal, que traz
Sempre consigo mao rosto
103, 169.

2) *com a prep. de*, renegar, deserer:

Outro deles [dos santos] arrenega
116, 108.

3) deixar-se de, abandonar:

Arrenega dos assanhos
103, 136.

4) protestar contra:

D'estas leis tais arrenego!
117, 282.

EXPRES.: *demo que arrenego, loc. interj.*, que indica zanga:

Ai! dano que arrenego
164, 44.

arrepender-se (< *a* + lat. *repoenitere*): *v. refl.* ter arrependimento, sentir mágoa do que se fez ou disse:

Quando prometes mais, mais te arrependes
148, 43; cf. 21, 1.

arriba, arriva (< *a-riba* < lat. *ripa*): *adv.* acima:

Cada ora estes olhos canso
Por estes montes arriba
33, 6; cf. 103, 612; 109, 1.

arriva. V. arriba:

Oh que enveja vos hei a esse correr
Pola praia do Lima abaixo e arriva
144, 10.

arrivar (por arribar < **adripare*): *v. intr.* alcançar, chegar.

EXPRES.: *arrivar por si*, alcançar à sua custa:

Cumpre a cada um que arrive
Por si se deseja a honra
103, 436.

arroido (< *ruído* < lat. *rugitu-*): conflito, gritaria, vozearia do povo em caso de motim:

Por aqui seguro estou
De ca chegar apelido
De fogo nem d'arroido
164, 670.

Cf. CAM., *Anfitriões*, 1:567: «aqui ousa de fazer tam reuoltoso arroido»; *Filodemo*, 1:998: «se de noite se achão com algum arroido».

arrufo (< *arrufar*): *s. m.* agastamento, dissensão:

Este tenha e perca arrufos
164, 285.

OBSERV.: O verbo *arrufar* é considerado uma palavra onomatopaica pelo DR. S. NOGUEIRA, *Elem. Trat. Fon.*, 277, 30.

arte (< lat. *arte-*): *s. f.* 1) conjunto de preceitos para aplicação dos conhecimentos humanos à execução de um pensamento:

Tanta força a arte tem
108, 356.

2) perícia:

Espirito que voaste desatado
Do corpo em que mais a natureza
Mostrou sua perfeição, arte, pureza
123, 3.

3) astúcia, dolo, artimanha:

Coa mão sobre um ouvido
Ouvia Alexandre as partes
Como quem tinha sabido
Por fazer certo o fingido,
Quantas que se buscão d'artes
164, 228.

4) habilidade:

Entendimentos diversos,
Com quais artes vos encantão!
105, 187.

EXPRES.: *boas artes*, belas artes, belas letras, humanidades:

Dar favor aos engenhos, e a toda arte
Das boas, faz os reis aqui imortais
Por fama...
101, 5.

artelharia, artelheria, artilharia (< *artelho-*): *s. f.* toda a sorte de peças, canhões e mais bôcas de fogo:

E veu a ter todavia
Este homem racional
Tam agudo no seu mal
Como foi na artelharia
106, 260.

artificio (< lat. *artificiu-*): *s. m.* EXPRES.: *de artificio nem de arte ajudada*, espontânea ou imperfeita:

O que brotou de si a natureza,
De artificio nem de arte ajudada,
Colhido sem sazão, senhor, ofreço
91, 10.

arvorada. V. **alvorada.**

OBSERV.: V. *Poes. de S. de M.*, p. 730 e 838.

arvore (< lat. *arbore-*): *s. f.* planta lenhosa, de tronco fixo ao solo pelas raízes, com ramos e fôlhas na parte superior:

As arvores nos dão lenha
116, 477; cf. 150, 207.

as: *pl.* de *a*.

ás (*prep. a* e *art. def. a(s)*):

Que posso doer ás dores
8, 9.

asacado, assacado (< *assacar*): v. **assacado.**

asaz, assaz (< lat. *ad-satie-*): 1) *adv.* bastante, suficientemente:

Tive da fadiga asaz!
157, 25; cf. 106, 235;
150, 397.

2) *adj.* bastante:

Polo qual a este abrigo,
Onde me acolhi cansado
E ja com assaz perigo
107, 88.

Cf. MORAIS, «e lhe fazia assaz favores».

aselado, asselado (< *asselar*): *part.* validado:

Assi que me mandaveis atrever
A versos ja das musas aselados
140, 2.

Cf. G. Vic., *Nao d'Amores:* «Sabeis, senhor, que eu asselo, / Que sam assi sem ventura»: CAM., *El Rey Seleuco*, v. 510: «Pois, senhor, isso assele»; *Ins.*, II, 71: «O capitão o asella por verdade»; III, 105: «Se esse gesto que mostras claro e ledo, / De pai o verdadeiro amor assela».

asességo, asossego, assossego (< *sessegar*): *s. m.* 1) ócio, descanso:

Com desejos de dar conta
Tambem do vosso asességo
105, 22.

2) tranqüilidade, quietação:

A quem certo se devia
Alto asossego, alta paz
104, 358; cf. 150, 198.

EXPRES.: *tam sem assossego*, tam desassossegado, inquieto:

Alma tam sem assossego
73, 1; cf. 147, 86.

asinalar (< *sinalar*): *v. tr.* tomar nota de:

Ora asinala este dia
Em que te digo que hei medo
116, 203.

asinha, azinha (< lat. *agĭna-*): *adv.* depressa, ligeiramente:

Far me hão mui asinha crer...
12, 10.

O bem não é como a tinha
Não se apega tam asinha
103, 139.

Cf. CAM., VILHALP., II, 1: «não ha cousa no mundo que tam asinha passe»; *Lus.*, VI, 3, 3: «. . . o fresco vento / O convida que parta e tome asinha / Os pilotos da terra e mantimentos»; *El Rey Seleuco*, v. 436: «Himos asinha»; B. RIB., *Ég.*, III, 196: «Foste la em forte ensejo / Tam asinha a te perder»; *Ég.*, IV, 342: «E veo o mal tam asinha»; G. VIC., *Clérigo da Beira*: «Vae, vae correndo asinha»; *Inês Pereira*: «Não virei ca tão asinha»; *Triunfo do Inverno*: «eu vrei por elle asinha»; *Livro de Alveitaria*, cap. VIII, 8: «per o caualo ser mais asinha manso» (in *Text. Arc.* de J. L. VASC.).

OBSERV.: Advérbio muito freqüente nos antigos escritores. No port. ant. houve a forma *aginha*. Cf. gal. *aixinha, eixinha, axiña*. V. C. MICHAËLIS, *Glos. das Poes. de N. de M.*

asoberbar (< *soberba*): *v. intr.* apresentar-se com soberba, com vaidade, pavonear-se:

> Não asoberbão soldados
>
> 104, 341 var.

asolto: absolvido. V. **absolto**:

> Quanto padre que passea
> Emfim ventre e bolsa chea
> E asoltos de seus pecados
>
> 104, 305.

OBSERV.: Notar a concordância de *asoltos* com padre, que está no sentido colectivo.

asombrado (< *asombrar*): *part.* cheio de assombro, atemorizado, estarrecido:

> Tristes dos fracos mesteres
> Oprimidos e asombrados
> Dos que têm vossos poderes
>
> 104, 289 var.

asossegar (< *sossegar* < *sessegar* < lat. **sessicare* < **sub-sessicare* < *sessum* < *sedere*): *v. tr.* tranqüilizar, aquietar, serenar:

> . . . mas á toda a christandade asossegasse
> os coraçõis desassossegados de tanto tempo
>
> 154, 65.

OBSERV.: O Dr. Rodrigues Lapa, na sua edição, admitindo como êrro a forma *asossegasse*, substituiu-a por *asossegam*, que me parece muito mais lógica. Sôbre a etimologia v. J. L. VASC., *Liç. de Filol.*, p. 362.

asossego. V. **asessego**.

asoviador (< *asoviar*): *adj.* murmurador:

> Rousinois asoviadores
> Pelas hortas d'Enxobregas
>
> 108, 339.

aspereza (< *aspero*): *s. f.* aridez:

> Dous dias que has de viver
> Aqui os queres passar?
> Na aspereza do deserto
>
> 107, 236 var.

aspero (< lat. *asperu-*): *adj.* 1) duro, rigoroso:

> Tirania cruel, aspera lei
> Que assi quer o que quer!
>
> 114, 46.

2) severo, ríspido, austero:

> A fia dama aspera e fermosa
>
> 124.

assacar: *v. tr.* atribuir.

EXPRES.: *assacar aleive a alg.*, levantar calúnias, falsos testemunhos:

> Foi grande aleive assacado
>
> 104, 185.

Cf. *Ord. Af.*, 2, fl. 37 (in MORAIS): «assacar a pessoas religiosas que acharom thesouro».

assanhado (< *assanhar*): *adj.* embravecido, inflamado em ira:

> As más irmãs, más furias infernais,
> Como assanhadas bichas lanção fora
>
> 150, 480.

Cf. G. VIC., *Romance à aclam. de D. João III:* «Herejes não consintais, / Porque está Deos assanhado».

assanhar-se (< *sanha* < lat. *insania*- por *insanies*): *v. refl.* encarniçar-se:

Porque contra nos tanto te assanhaste?
148, 48.

assanho (< *assanhar*): *s. m.* ira, raiva, paixão, ódio:

Arrenega dos assanhos
103, 146.

assaz. V. **asaz.**

assegurar (< *seguro*): 1) *v. tr.* firmar, dar segurança a:

Assegurou em Espanha a christandade
148, 130.

2) inspirar segurança, confiança:

Ora cuidar me assegura,
Ora me mata o cuidado
37, 4.

3) *v. refl.* certificar-se:

Depois que se assegurou
Como quem para com medo
Assi de novo tornou
116, 125.

EXPRES.: *assegurar os olhos,* fixar os olhos, firmar a vista:

Ve o ja arder no fogo, inda assegura
Nele os olhos...
114, 40.

asselados. V. **aselados.**

assentar, sentar (< lat. **sedentare* < *sedere*): *v. tr.* 1) estabelecer, determinar, resolver, decidir:

... e per cujo parecer se houvessem de fazer as guerras e assentar as condições das pazes...
154, 39; cf. 105, 213.

2) colocar:

Donde, senhor, vos veu que este vosso povo tirasse todo o amor de si mesmo... e o assentasse todo em vos.
154, 73.

EXPRES.: *sentar a mão a alg.,* deitar a mão, apanhar, agarrar:

Mas inda hão mister mastins,
Inda funda e cajado hão,
Que a estes lobos ruins
Que decem dos montesinos
Te ajudem sentar a mão
103, 470.

3) *v. refl.* fixar-se numa ideia, numa resolução:

Simão cada ora fia vona,
Nunca assenta, nunca acerta
116, 78.

assento (< *assentar*): *s. m.* norma:

Aquela [a filosofia] guia o assento
De viver assi ca fora
105, 145.

EXPRES.: *fazer assento em,* introduzir-se, não largar, não deixar:

O mal como me chegou,
Logo fez em mim assento
118, 38.

assi, assim (< lat. *ad* + *sic*): *adv.* 1) dêste modo:

Eu assi desenganado
Vejo vir males maiores.
8, 6; cf. 22, 3; 28, 1 e 13.

Cf. CAM., *Lus.,* 1, 76, 1: «Não será assi».

2) ainda assim, não obstante:

Á guerra leva o mór Cipião consigo
As musas brandas de seu natural
Que assi sem armas são de altas ajudas
101, 11.

3) de tal maneira:

Assim fraca e vã como era,
Cos olhos que n'ela tinha
Mil anos me sostivera
12, 6.

4) com conjuntivo exprime um desejo:

... assim me matem por eles!
42, 17.

EXPRES.: *assi que, loc. conj.*, de sorte que:

Assi que de amor e d'ela
Mais se abarca que se aperta
39, 9.

assi que assi, loc. adv., assim como assim, de um ou outro modo, seja como fôr:

Que faz mais assi que assi?
20, 2.

mal assi e mal assi. V. **mal.**

ora é assi, ora assi, ora é duma maneira ora é doutra, sujeito a muitas alterações, 15, 10.

assoada, assuada (lat. *assonata-*): *s. f.* arroído, conflito, borborinho:

Não cures das assoadas
76, 34.

Cf. «assoadas à minha porta» (in MORAIS).

EXPRES.: *de assuada-*, v. **de.**

assoalhar: *v. tr.* publicar, divulgar.

EXPRES.: *assoalhar seus ventos*, desabafar a sua vida:

Deseja ver sua gente
Para assoalhar seus ventos
150, 410.

OBSERV.: De formação obscura. V. *Dic. Etimol.* de NASC.

assomada (< *assomar*): *s. f.* apogeu:

Chegaste à alta assomada
Tudo vos pareceu nada
Quanto se de ali descobre!
107, 58.

Cf. B. RIB., *Ép.* III, 424: «Subo-me em ũa assomada» (no sentido de lugar alto).

assomar (< *a* + *soma* < lat. *summa* + *ar*): *v. intr.* aparecer:

Eis que traspõi, e eis que assoma!
103, 28; cf. 150, 331; 164, 406.

Cf. G. VIC., *Triunfo do Inverno*, 451: «Pastores aculla assoma una vieja sin sentido».

OBSERV.: Sôbre a etimologia v. *Dic. Etimol.* de NASC.

assoprar (< *soprar*): 1) *s. m.* hipóteses:

D'assoprar fazem ciencias!
107, 25.

assossego. V. **asessego.**

assuada. V. **assoada** e **de, 100**, 95.

atalhar (< *atalho*): *v. intr.* 1) embaraçar, estorvar, confundir:

O tamanho alvoroço a tudo atalha
150, 326.

2) tomar a dianteira, cortar o passo:

Cuidando de lhe atalhar,
Pelo alto atravessa
116, 53.

atambor (< ar. *at-tanbor*): *s. m.* tambor:

Aqui não toa atambor
104, 342; cf. 108, 487.

Cf. CAM., *Lus.*, C. IV, 127:

Respondem as trombetas mensageiras,
Pífaros sibilantes e atambores

atar (< lat. *aptare*): *v. tr.*

EXPRES.: *atar ou desatar*, resolver o assunto:

Eis na mão logo o debate
Qual d'estes era o conselho
Que milhor ate ou desate
164, 740.

de mãos e de pês atado, privado de tôda a acção, 35, 10.

trazer a lingua atada, calar-se pelo mêdo:

Traze sempre atada a lingua
76, 48.

OBSERV.: Sôbre êste verso ver observação à palavra *val.*

até, atê (lat. *ad* + *tenus*): *prep.*: indica a limitação.

Sem sombra nem d'aquela culpa errada
Por todos até o fim des o começo
100, 16; cf. 13, 12

EXPRES.: *até quando*, por quanto tempo:

Até quando me tereis
N'esta dor que por vos quis?
18, 1.

OBSERV.: A confirmar a etimologia há a forma «atenus», que aparece nos *Glos. lat.-esp. de la edad media* por AMÉRICO CASTRO, segundo a informação de LEO SPITZER in «*Modern Language Notes*». Notar *até* sem preposição. Só no sec. XVII é que se começou a usar a expressão *até a*.

atear (< *teia* < lat. *toeda- archote*): acender, suscitar:

Ora sois ja na corte onde se atea
Para vos outra fragua, outras contendas,
Outra prisão mais nobre, outra cadea
109, 88.

ateniese, atheniense (< lat. *atheniense*): *s. m.* natural de Atenas:

Em vos têm os portugueses
O bom rei de Atenieses
Codro, que outro alguem não teve
104, 374.

OBSERV.: *Atenieses* por necessidade de rima.

atentar (< lat. *attentare*): 1) *v. tr.* atender, olhar, observar com tento:

Grande trabalho é o teu se por tudo has de atentar.
127, 115.

2) *v. refl.* prestar atenção, observar com cuidado:

Por certo, tu atentas te bom e eu falei descuidadamente.
127, 94.

atento (< lat. *attentu-*): *adj.* esperançado ou comedido:

Graça, brandura, ser, preço da corte,
Grave e atenta da moçidado,
Tinha este tesouro a natureza
Guardado todo junto nũa menina
122, 8.

atinar (< *tino*): 1) *v. tr.* sentir pelo tino:

Des então pude atinar
Que não fora ele tormento
Se me dera este vagar
49, 5 var.

2) *v. intr.* acertar:

Quando cuida que atina, desatina
149, 8.

3) *v. refl.* encaminhar-se, acertar com o caminho:

Tanto corri, tanto andei
Que me não soube atinar
116, 16.

atoleiro (< *atolar*): *s. m.* lodaçal (fig.) aviltamento:

Vim beber de suas fontes,
Que ha lá por baixo atoleiros
Que não tem barcas nem pontes
153, 19.

atrapalhado (< *atrapalhar*): *part.* EXPRES.: *leite atrapalhado*, leite preso e coalhado:

Dar te hei leite atrapalhado
116, 523.

atras (< lat. *ad-trans*): *adv.* na parte posterior:

... vendo o ostrago
Que atras olhando deixa feito a morte
100, 45.

EXPRES.: *tornar atras*, retroceder, arripiar caminho:

Em vão corro e torna atras
104, 107.

atraves (< lat. *ad + transversum*): *prep.* por entre, pelo meio de:

Saem atraves mantedeiros
108, 318.

atreiçoadamente (< *atreiçoado*): *adv.* à falsa fé, maliciosamente:

Ao nosso alto, excelente
Dom Denis...
.....
Foi lhe atreiçoadamente
Grande aleivo asacado
104, 184 var.

atravessar, atrevessar (lat. *transversare*): *v. tr.* 1) transpor, passar através de:

Num momento tudo atravessou
150, 355; cf. 250; 116, 14.

2) trespassar:

Seu formoso e casto peito
Sem dó Arrie atrevessou
121, 6.

atrever-se (< lat. *attribuere*): *v. refl.* ousar, abalançar-se, afoitar-se:

Se vos ocupar me atrevo
104, 2.

A tudo acudir se atreve
103, 620; cf. 140, 7;
114, 75.

Cf. B. RIB., *Ég.* 1, 133: «Quem co'a vida não se atreve, / Deve ser dela privado».

EXPRES.: *a toda a festa se atreve*, procura salientar-se, ser o rei da festa, 103, 224.

Cf. «ter rosto ós do paço», 103, 139 e 140.

atrevido (< *atrevudo* < lat. *attribuitu-*): 1) *adj.* ousado:

Senhor, que [a cobiça] é coisa atrevida
104, 21.

2) *subst.* ousado, insolente:

Falamos nos reis ungidos,
Remedio dos nossos danos
Castigão os atrevidos,
Cortão polos maos enganos
104, 39.

OBSERV.: V. J. J. NUNES, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., p. 328.

atrevimento (< *atrever*): *s. m.* ousadia, arrôjo:

Aquela [a filosofia] guia o assento
De viver assi ca fora
Louva e faz o atrevimento
De ir avante ora por ora
105, 147.

atroar (< *troar* < *tronar*): *v. intr.* V. **toar**:

E mais se armadas atroão
75, 5 var.

aturar (< lat. *obturare*): 1) *v. tr.* suportar, sofrer:

Bens tão vãmente esperados,
Quem os sofre? quem atura?
34, 7.

2) suportar, poder fitar:

Porque sobe mais voando,
Lhes [as aves] derão a aguia por rei
Que atura ao sol olhando
104, 50.

Cf. G. VIC., *Auto da Hist. de Deus*: «Tu Aguia real que vences os rayos do sol natural».

3) continuar, durar, persistir:

Se me este cuidado atura...
63, 1.

EXPRES.: *aturar consijo*, suportar-se, a si próprio:

Não posso aturar comigo
Nem posso fugir de mim
11, 3.

audacia (< lat. *audaciu-*): *s. f.* ousadia:

... com a mesma audacia... a tenho vista muitas vezes no dia falar com os principais.
127, 6.

audiencia (< lat. *audientia-*): *s. f.*

EXPRES.: *dar audiencia a alg.*, recebê-lo para o ouvir, dar ouvidos a alguém, escutá-lo, 127, 16.

augua. V. **agua.**

augusto (< lat. *augustu-*): *adj.* venerando.

Finalmente João de boa memoria
Conhecerá o quinto neto augusto
Digno Sebastião de tanta gloria
148, 149.

ausente (< lat. *absente-*): *adj.* apartado:

Do passado estou ausente!
118, 15.

ausoluto (< lat. *absolutu-*): *adj.* imperioso, com pleno poder:

Amor... todo ao derredor
Tem cheo de façanhas gloriosas,
Poderoso, ausoluto e só senhor
114, 58.

Cf. PRESTES, 93, Res. 1, 245, «osoluto» (C. MICHAËLIS, *Glos. das Poes. de S. de M.*).

OBSERV.: vocalização do *b*. Cf. **ausente**.

autivo (< lat. *activu-*): *adj.*

EXPRES.: *vida autiva*, a que consiste no exercício de obras, em oposição à vida contemplativa:

Quem tantas forças houvesse
Como cumpre á vida autiva
105, 155.

OBSERV.: vocalização do *c*.

autor (< lat. *auctore-*): *s. m.* escritor:

Dou vos Enio por autor
106, 2 1.

autoridade (< lat. *auctoritate-*): *s. f.* prestígio, consideração:

Então um de mais idade
Pela sua autoridade
Falou
116, 50; cf. 164, 189.

avançar (< b. lat. *avantiare*): *v. intr.* aumentar, progredir:

Quem sabe quanto avança
Nossa certa esperança
100, 132.

avantagem, aventagem (< *avante*): *s. f.* 1) superioridade:

... estas aves, que tais
Duas aventagens têm
D'esses outros animais
164, 570; cf. 103, 583.

2) proveito:

Ah vida de lavradores,
Se eles aconhecessem bem
As avantagens que têm
Aqueles santos suores...
108, 193.

OBSERV.: V. *Poes. de S. de M.*, p. 803: «Cf. VERG., *Georg.*, II, 459: «Oh fortunatos nimium sua si bona norint agricolas», uma das reflexões vergilianas, que se encontra repetida ainda em Camões, *Eleg.* 1; FERREIRA, *Carta IV* do *Livro II*, e BERNARDES, *Carta XII*.

avante (< lat. *ab* + *ante*): *adv.* 1) adiante:

Mais avante o saberemos
104, 128; cf. 38, 4.

2) depois:

... se não vas bem,
Pior irás mais avante
103, 204.

EXPRES.: *ir avante*, continuar, avançar:

Se eu isto estimado agora
Vira como d'antes era
Por meu conto avante fora
108, 148.

por avante, considerar superior:

Poem-na avante a experiencia
105, 67.

avantejado (< *avantejar*): *adj.* que leva vantagem, que é superior, vencedor:

Venceste á luta e á choca, e avantejado
Correste
150, 89.

avarento (< *avaro*): *s. m.* que tem avareza, cobiçoso:

Não foge o rico avarento,
Por mais que fuja, á pobreza
106, 74.

avareza (< lat. *avaritia-*): *s. f.* cobiça, ambição, paixão de acumular riquezas:

Fez nos a ousada avareza
Vencer o vento e o mar
Vencer cage a natureza
108, 30.

OBSERV.: O sentido dêstes versos faz lembrar o episódio do velho do Restelo. *Lus.*, IV, e a ode III, do *Livro* I de HORÁCIO. Cf. VERG., *Eneida*, III, 57: «Quid non mortalia pectora cogis, / Auri sacra fames!».

avaro (< lat. *avaru-*): *adj.* avarento:

E mais em tal sazão, tal tempo, avaro
De louvores alheos...
147, 10.

ave (< lat. *ave-*): *s. f.* 1) vertebrado, com o corpo ordinàriamente coberto de penas, bico córneo e os membros anteriores em forma de asas:

Olhai as aves do ar
107, 119; cf. 108, 52;
114, 77.

2) *interj.* palavra latina de saüdação que significa Deus te salve. V. *Índice dos nomes próprios.*

EXPRES.: *derribar aves,* altanaria:

Derribar aves que vão
Cantando inverno e verão,
Que al é se não remir dias
Do enfandamento aldeão
108, 52.

avea (< lat. *avena-*): *s. f.* planta da família das gramíneas.

EXPRES.: *pão de avea.* **V. trigo**:

Comem trigo e nos d'avea
116, 249.

avençal (< *avença*): *s. m.* aquele que faz uma avença, oficial da fazenda do rei (V. ed. Dr. R. LAPA), servidor, jornaleiro (V. MORAIS):

Mas outra vez ás novas que me dais
Das senhoras, das casas e das sedas,
Pedraria que cega os avençais
109, 36.

aventagem. V. **avantagem.**

aventar (< *vento*): *v. tr.* farejar, perceber ao longe pelo cheiro, descobrir, suspeitar:

As que nos berços sangue novo aventão,
Vierão ter ao meu...
150, 24 e 25 var.

Cf. *Estrang.* v, 7: «Donde aventou este corvo carniçal a carniça?»; CAM., *Filodemo,* 690: «se meu Pay, ou meu yrmão / o vierem a aventar»; G. VIC., *Auto Past. Port.,* v, 171: «Bem sey eu que jella aventa / que ando eu com tego aa choca».

aventura (< lat. *adventura-*) *s. f.* risco, perigo:

A primeira aventura é a do siso
109, 41.

aventurado. V. **bemaventurado.**

aventurar-se (< *aventura*): *v. refl.* arriscar-se:

... Quem não se aventura,
Não ganha!
107, 251.

Cf. o provérbio: «quem nunca se aventurou, não perdeu nem ganhou»; B. RIB., *Ég.,* I, 94: «Nem na gram desaventura / Não ha mais que aventurar».

aventureiro (< *aventura*): *adj.* que vive de aventuras:

Amigos aventureiros
E das brandas louvaminhas
105, 167; cf. 108, 276.

avergonhar-se (< *vergonha*): *v. refl.* envergonhar-se, sentir vergonha:

M'espanto ás vezes, outras m'avergonho
141, 8.

Cf. *Canc. Ajuda,* 7:026.

avesso (< lat. *adversu-*): *s. m.*

EXPRES.: *dar d'avesso com alg.,* arruiná-lo, perdê-lo:

Guar-te d'elo, que te espreita
Por dar d'avesso contigo
103, 15.

ter seus avessos, ter inconvenientes, imperfeições:

Tudo seus avessos tem
103, 303 var.

avezado, vezado (< *avezar* < *vitiare*): *part. pas.*: acostumado.

Como? ha ave ja vezada
A toda delicadeza
E milhor ajuizada?
108, 296.

avindo (< **advenitu*): *adj.*

EXPRES.: *estar avindo com*, estar intimamente ligado, em boa paz e harmonia:

> Amor, que estás sempre avindo
> E junto á propria verdade
>
> 105, 207.

Cf. G. VIC., *Auto da Feyra*, 419: «E como formos avindos / nos preços disto que digo».

mal avindo, contraditório, oposto, discorde:

> Que mal avindos cuidados
> Me tornarão antre si!
>
> 15, 1.

OBSERV.: **advenitu-* por *adventu-* por analogia com os outros particípios da 4.ª conjugação. Cf. *vindo* < *viindo* < **venitu* por *ventu-*. V. J. J. NUNES, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., p. 329, e J. L. VASC., *Lic. de Filol.*, p. 281, 31.

avir-se (< lat. *advenire*): *v. refl.* entender-se, haver-se:

> Quando meus males sentia,
> Quando me queixava d'eles,
> Lá me aviesse com eles
>
> 42, 10 var.

aviso (< *avisar*): *s. m.* prevenção:

> Naturalmente dão do seu perigo
> Sinal, como a inimigo, porque seja
> Aviso a quem o veja que não tarde
>
> 150, 241.

avoo, avô (< lat. *aviolu-*): *s. m.* 1) o pai do pai ou da mãi:

> Exemplo o jugo de Mida
> Que el Rei, vosso avoo foz seu
>
> 104, 25; cf. 148, 109 e 110.

Cf. *Hist. Ger.* (in *Text. Arc.*, de J. L. VASC., 55, 6: «auya esse meesmo nome como o avoo».

2) antepassados:

> Que não ha sangue tam puro,
> Nem para avôs tantos godos
>
> 153, 9.

aza (< *as* < *aas* < lat. *alas*): *s. f.* membro guarnecido de penas que serve às aves para voar:

> Não soube Icaro reger
> As azas que lhe o pai deu
>
> 107, 32.

Quebrar as asas à alma — Não a deixar desenvolver, aperfeiçoar. V. **alma**.

107, 40

OBSERV.: Sôbre a etimologia v. o estudo do Dr. Sá Nogueira nas «Questões de Linguagem», vol. 2.º, pág. 173.

Azedo (< lat. *acetu-*): *adj.* verde.

> Direi dos vinhos azedos
> O que ja disse Cineas
>
> 108, 414.

Azinha, V. **asinha**.

Azinhago, *adj.* Nefando, de mau agoiro.

EXPRES.: *dia azinhago*, dia azíago.

> Dir vos hei do meu perigo
> Cum lobo um dia azinhago
>
> 164, 10.

OBSERV.: D. C. Michaëlis, no *Gloss. das Poes. de S. M.*, admite a hipótese de ser êrro de copista por *aziago*. No entanto, Morais regista o termo com o significado de *aziago*.

Azul (< ar. *persa, alāzūrd, por intermédio do fr.* ou *ital.*): *s. m.* a côr azul:

> ... é bom sinal
> Tanto amarelo, azul, tanto lavrado!
>
> 150, 307.

OBSERV.: Sôbre a etimologia desta palavra v. Dr. J. P. Machado, *Coment. a Alg. Arabismos do Dic. de Nasc.*

(*Continua*).

CARLOTA DE ALMEIDA MACHADO.

Curiosidades filológicas

Aiabeba (?)

No cap. XXV do *Monge de Cister* aparece-nos êste passo: «Outros, como o laúde, a guitarra, a harpa, a ayabeba, a rebeca, o anafil, as charamelas, orgam, compunham as orchestras, aproximando-se, mais ou menos, no feitio aos que ainda subsistem...»[1].

Foi o vocábulo *ayabeba* que motivou estas linhas.

Trata-se, evidentemente, do nome de um instrumento de música.

Qual?

Bluteau, Morais[2], Viterbo e Domingos Vieira, não o citam.

Cândido de Figueiredo, na edição de 1913, já o traz; a palavra foi admitida também na 5.ª ed. do seu *Dicionário*, agora em publicação.

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* também a admitiu.

Como significação dizem que é «o mesmo que *arrabil*[3]» ou «instrumento de cordas mourisco usado na Idade Média»[4].

Não conheço palavra semelhante em dicionários antigos; os modernos abonam-na só com o passo acima transcrito.

Na parte etimológica dão-lhe origem árabe, mas não dizem de que palavra.

Para mim não tem aspecto arábico.

Tudo isto constitui motivos sobejos para suspeitar dêste vocábulo.

Na realidade os árabes deixaram bastantes nomes de instrumentos músicais, como *gaita, alaúde, adufe, tambor, rabeca, anafil*, etc., etc.

Mas isso não quere dizer que o sejam todos.

Ora é precisamente de origem arábica o nome de um instrumento de música bastante conhecido na Península medieval: a *axabeba* ou *xabeba*.

---

[1] P. 259 da 15.ª ed.

[2] 2.ª edição.

[3] Cândido de Figueiredo.

[4] *Grande Enciclopédia.*

Posso documentá-lo no Arcipreste de Hita:

«Gayta é *axabeba*, el inchado albogón...»[1].

Menéndez Pidal refere-se a êle na sua admirável *Poesia juglaresca y juglares*[2].

O polígrafo árabe Iben-Caldune refere-se-lhe também nos seus *Prolegómenos*[3].

Não conheço abonações medievais em textos portugueses. Penso que não devia ser desconhecido no nosso país. Os trovadores e jograis andavam sempre de um lado para o outro e com êles decerto a terminologia musical.

No século XVI julgo que a palavra era já desconhecida. Como prova posso citar um viajante português que a encontrou no Oriente e cita-a de maneira que parece ignorar a medieval: «homde todas as tardes se jumta gramde camtidade de gemtes a ouuir, huns que pregão, outros que lem istorias dos seus profetas, outros que deitão sortes, outros que todas as tardes de cima de huũ terrado tamjem ate a noite com huns atabales como os das nossas canas, e com hũas *xabepas*, que são como charamelas». Trata-se de Mestre Afonso[4]. Mais adiante torna a falar no instrumento: «Tem hũa gramde praça homde lem huns, prégão outros, deitão sortes, e tamjem seus atabales e *xabepas*...»[5].

¿A forma que ocorre no passo de Herculano não será uma gralha tipográfica?

¿Não será *ayabeba* por *axabeba?*

Herculano desenhava o *x* de maneira algo confundível com o traçado do *y*. Para o provar veja-se a *Nota autógrafa de Alexandre Herculano* na *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*[6].

Sendo assim, é de estranhar que tenha passado de edição para edição êste êrro e ainda mais o acolhimento que lhe foi dado por parte dos lexicólogos.

Mas no *Dicionário* de Cândido de Figueiredo ainda há mais digno de censura:

a) Diz que é um vocábulo antigo. Como o soube? ¿Que texto antigo conheceu que o pudesse abonar?

---

[1] *Libro de Buen Amor*, est. 1233, da ed. dos *Clasicos Castellanos*.

[2] P. 69.

[3] Vol. II, p. 411 da ed. de Paris de 1865 (trad.).

[4] *Itinerário*, p. 168 da ed. de 1923.

[5] P. 189.

[6] Vol. I, p. 24.

O facto de Herculano o dar não me parece suficiente para o admitir.

b) Na significação afirmou que é «o mesmo que *arrabil*».

Como o soube?

Sendo o mesmo que *arrabil* era um instrumento de corda, mas a *axabeba* é de sôpro.

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (s. v.), além de incorrer no que se disse antes[1], diz também que a palavra deriva «do árabe».

Não sei onde viram tal informação, mas do que não há dúvida é que estas linhas devem servir (e bastante) para pôr os estudiosos na dúvida sôbre a maneira como certos dicionários são redigidos.

Como se tratava de uma palavra quási desconhecida, pensou-se que se podia dizer o que se quisesse porque ninguém o descobriria.

¿Quantos artigos nas mesmas condições que êste, não existirão nos dicionários mais consultados?

A origem de *axabeba*, *xabeba* ou *xabepa*, está no árabe شَبَّابَة (*xabbāba*), que significa *flauta*.

Almoeda

No meu trabalho *Alguns Vocábulos de Origem Árabe*, publicado no último número do *Boletim de Filologia*, pretendi estudar êste vocábulo.

Propus aí como étimo a palavra arábica اَلْمُنَادَاة (*al-munādā*), que por ser paroxítona não tardaria a aparecer com uma articulação semelhante a *al-munāda*.

Al-munāda seria então uma forma hipotética entre a arábica citada e a românica correspondente.

Pois durante uma leitura mais ou menos atenta que estou a fazer do *Cancioneiro* de Aben-Cuzmane, encontrei o seguinte passo na canção XXIV:

> Daḫala 'd-dallāl ilā 's-sūq awwal al-munāda ġudwa:
> 'Asā 'indakum ġifāra kāsi sabrey [wa hi] ḥulwa?

A tradução é como segue:

O pregoeiro entrou no mercado (por ocasião) da primeira almoeda da manhã: «tendes por acaso uma capa de dois panos (que seja) bonita?»

[1] Apenas substitui o *antigo* por *Idade-Média*.

No primeiro verso citado aparece *al-munāda,* que é a transcrição exacta da que eu dou mais acima como intermediária, embora em hipótese, entre المناداة e a *almoeda* do português, a *almoneda* do espanhol.

O seu aparecimento parece-me provar que a minha explicação não era absolutamente má, ao mesmo tempo que me evita a utilização de uma palavra hipotética.

Melhor pois que المناداة (*al-munādā*), temos المنادة (*al-munāda*) abonada num passo de Aben-Cuzmane.

O seu aparecimento numa poesia dêste autor faz-nos suspeitar que essa seria a forma do árabe hispânico.

Arraia (-miúda)

A palavra *arraia* já mereceu a atenção do filólogo brasileiro João Ribeiro. Escreveu êle:

> «*Arraial* (ou *arreal*), assim como *arraia*, são vozes arábicas; *arraial* é o povo junto, o acampamento, e *arraia* significa o mesmo que rebanho (*arraáya*)». *Frases Feitas,* II, p. 95 da ed. de 1908.

Ao ler o *Cancioneiro de Aben Quzmāne,* publicado em 1933 por A. R. Nykl[1], dei com estes dois interessantíssimos versos:

> Ṭaw'an li-maulākum, maia fi maia,
> Al-uaxkī 'ç-çulṭān ua antum ra'āiia.

A tradução é esta: «Obedecei ao vosso senhor, água na água[2], / Al-Uaxkī é o sultão e nós os súbditos»[3].

A última palavra do texto fez-me pensar na que motivou esta nota e na explicação de João Ribeiro; embora o vocábulo seja o mesmo que êste estudioso apresentou, reparei no sentido especial que a palavra podia ter em árabe, sentido especial êsse que auxilia (e em muito) a evolução duma língua para a outra.

---

[1] Escuelas de Estudios Árabes de Madrid y Granada. 1933.

[2] Expressão obscura. Nykl, cuja tradução me serviu de bastante, também não a interpretou. Limitou-se a traduzi-la à letra. Eu não podia deixar de fazer o mesmo.

[3] Uma idéia semelhante aparece na canção X:

> Ente min al-fānid ahlā
> U'anā mamlūk u'ente maulā.

«És mais doce que o alfenim. / Eu sou o teu escravo, tu és o meu senhor».

A palavra arábica em questão é رعايّة (*raᶜāiia*) que, na verdade, tem o sentido genérico de *rebanho*. Deriva-se do verbo رعى (*raᶜā*), *pastar*.

Metafòricamente, porém, tem o sentido de *os governados, os súbditos, o povo*, e ainda *ovelhas, paróquia*. É vulgar o seu uso para designar o *povo;* prova-o o texto acima transcrito, que justifica também o seu emprêgo na Hispânia muçulmana.

A Fonética não se opõe a esta evolução. O ع desapareceu como em *aldeia* (de الضيعة, *aḍ-ḍaiᶜa*), *alamar* (de العمار, *al-ᶜamār*), *alarde* (de العرض, *al-ᶜarḍ*), *arroba* (de الربع, *ar-rubᶜa*), etc., etc.

Para terminar: é curiosa esta forma antiga de designar a *arraia-miúda*, que eu encontrei na *Vida e Feitos de Julio César:* «... aviã trres honrrados homeẽs e chamavan lhe ditadores, por que o que estes deziam todo era feitto, como o dito daquelles que erã mandadores e mestres do *meẽudo poboo*...» [1].

Fernão Lopes também empregou uma expressão idêntica: *poboo meudo:* «... era huũ jogo que os *poboos meudos* em semelhante caso, muito costumavom emtom de fazer...» [2]; «... rreçeamdosse que os nom fossem rroubar o *poboo meudo* depois que sahissem» [3].

Campa, Quinta e Venta

O *Boletim de Filologia* tratou em tempos do intrincado problema da explicação dêstes vocábulos.

Foi o Prof. Rodrigues Lapa quem fez na *Miscelânea* [4] uns interessantes comentários ao artigo do Prof. da Universidade de Pensilvânia Edwin B. Williams, denominado *Nasal dissimilation and transposition in Portuguese* [5].

Talvez arrastado ainda por êste importante problema, o filólogo norte-americano fez depois na *Language* [6] umas considerações sôbre *The portuguese final -ão*, onde, embora não se ocupe dêste, trata de um assunto afim: a convergência em *-ão* no português moderno das desinências arcaicas *-om, -õe, -am*, a que o mesmo Prof. Rodrigues

---

1 *Bol. de Filol.*, vol. II, p. 214.

2 *Cronica de El Rei dom Joam*, I, c. XLIV, p. 77, da ed. de Braamcamp.

3 *Idem*, ibidem, c. XLIV, p. 78.

4 T. I, pp. 163-165.

5 *Language*, VII (1931), pp. 142-143.

6 Vol. IX (1933), pp. 202-206.

Lapa se referiu também no *Boletim*[1]; estas novas considerações mereceram ao autor *Uma carta a propósito do ditongo «ão»*, também publicada no órgão do Centro de Estudos Filológicos[2].

Ora o Prof. Williams acaba de publicar um interessante trabalho onde honra não só a Língua Portuguesa, mas também a Filologia Românica. Intitula-se FROM LATIN TO PORTUGUESE—*Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*[3].

O douto professor não esqueceu lá êste grande problema de Fonética Histórica portuguesa: nos §§ 110–3 e 122–3–B ocupa-se dêle, embora resumidamente.

Considera, não só nesta obra como no artigo citado mais acima, a evolução das formas agudas destas palavras para as graves (isto é, *campã, quintã, ventã* > *campa, quinta, venta*) como devida a uma dissimilação nasal; observou-se depois *provàvelmente* a influência de outras palavras terminadas em *a* átono[4].

Não cita, porém, outros exemplos que possam servir para melhor compreensão da sua hipótese.

O autor mantém pois a doutrina do artigo *Nasal dissimilation and transposition in Portuguese.*

Vejamos agora algumas outras explicações do estranho fenómeno que tenham vindo a lume:

Leite de Vasconcelos, nas suas *Lições de Filologia*[5], apresenta uma doutrina que julgo muito vaga: o recuo do acento em *quinta* observou-se «porque o português não tolera *â* tónico final» e confronta com *venta* e *campa*, que afinal são vocábulos que se encontram nas mesmas condições.

J. J. Nunes, na sua *Gramática Histórica*, começa por observar que a retracção «operou-se nestas palavras como em *soror*»[6], mas acaba por remeter o curioso para a citada explicação de Leite de Vasconcelos[7].

---

[1] T. III, pp. 331–332.

[2] T. V, pp. 196–197.

[3] Philadelphia. University of Pennsylvania Press. Oxford: Humphrey Milford: Oxford University Press. 1938.

[4] «In a few words the nasal resonance was lost by dissimilation and the accent shifted from the ending probably by analogy with other nouns ending in unaccented *a*: *campānam* > *campã* > *campa*; **ventānam* > *ventã* > *venta*; *quintānam* > *quintã* > *quinta*, § 122–3–B».

[5] 2.ª ed., p. 300

[6] 2.ª ed., p. 36.

[7] P. 37.

Antes Gonçalves Viana considerara *campa* como «um primitivo suposto, formado pelo que se consideron derivado *campã*»[1]. Esta explicação foi depois reproduzida por Júlio Moreira[2].

Adolfo Coelho, no *Dicionário Manual Etymologico* (s. v. *campa*) diz o mesmo que o anterior[3]. *Venta* liga-a a *ventar*.

Júlio Cornu[4] considera a queda do *n* intervocálico das formas latinas que explicam *campa, quinta* e *venta,* simultânea da retracção do acento[5].

Huber, no seu *Altportugiesisches Elementarbuch,* esqueceu a importância dêste fenómeno, talvez porque o entendesse como respeitante a fase mais moderna da língua. Cita apenas *campãa* como exemplo da manutenção de *m* antes de *p*[6].

Sousa da Silveira[7] mantém a doutrina de Leite de Vasconcelos ao tratar da causa do recuo da acentuação.

Meyer-Lübke no *REW*[8] limita-se a dizer: «sp. (> pg.) *ventana* «Fenster», apg. *ventã,* npg. *venta* «Nasenloch»...» e remete para um artigo de Nobiling publicado no *Archiv für das Studium des neueren Sprachen und Literaturen*[9].

Na *Miscelânea de Estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*[10] foi publicado um curioso artigo de Johan Vising.

---

[1] *Apostilas,* s. v. *campa* (I, p. 215).

[2] *Estudos da Língua Portuguesa,* II, p. 178.

[3] «2.—*Campa*... (vid. *Campainha,* de que a palavra foi tirada pelo processo de reconstrução hypothetica de primitivos...)».

[4] *Portugiesisches Grammatik,* § 123.

[5] «*N* bleibt als nasale Resonanz erhalten in *can,* apg. *cãa* zweisilbig, *gran, irman* gal. *irmã,* auch in *adem* apg. *ãade,* während sie in *campa* apg. *campaa, campãa, quinta* vrlt. *quintãa, venta* vrlt. *ventãa* sp. *ventana,* bei gleichzeitiger Zurückziehung des Akzentes ausgefallen ist...», *Grammatik der Portugiesischen Sprache,* § 123, p. 52 da separata e 966 da *Grundriss.*

[6] § 235-2.

[7] «*Campanudo* é derivado de *campana,* de que são cognatos *campa*... (sino, sineta de igreja ou de comunidade), *campainha, campanário* (tôrre com sinos)... *Campa* vem de *campana,* através de *campãa,* depois *campã,* dando-se nesta o recuo do acento tónico, por serem contrários ao gênio de nossa língua oxítonos terminados em *-ã;* isto é: *campana* > *campãa* > *campã* > *campa.* Semelhantemente: *quintana* > *quintãa* > *quintã* > *quinta; ventana* > *ventãa* > *ventã* > *venta.*

«Em escritores mais antigos é fácil encontrar-se *quintã,* que hoje dizemos *quinta.*

«Como exemplo, HEITOR PINTO, *Imagem,* II, 116: «assi eu vendo-me enjoado e perturbado e inquieto na populosa cidade, fujo pera ũa piquena *quintã*..., que tenho, muito solitária»...», *Trechos Selectos,* 2.ª ed., p. 421.

[8] N.º 9212.

[9] CXXVII, p. 375.

[10] Pp. 84–93.

Chama-se êle *Bemerkungen zur Geschichte des intervokalen N im Portugiesischen*. Pois por mais que eu procurasse não encontrei a mais pequena alusão a êste importante facto da «história do *n* intervocálico em português».

Não há pois uma explicação com base em razões verdadeiramente científicas, pelo menos nos depoïmentos que acabo de citar e que julgo serem os principais.

Os estudiosos que se ocuparam dêste assunto limitaram-se a observar os factos, dar-lhes nomes, e quanto à explicação do fenómeno limitaram-se a apresentar umas teorias mais ou menos frágeis, onde por aqui e por ali se tropeça em empirismo. Têm servido apenas para se dizer alguma cousa.

Confesso que não me satisfaço com qualquer das explicações apresentadas. Nada me aparece de concreto que me faça acreditar nelas e não posso acreditar senão no que compreendo.

Não pretendo evidentemente com êste trabalho ir muito longe, mas apenas procurar a causa que forçou a alteração prosódica das palavras que servem de título a êste estudo.

Vejamos agora como eu encaro o problema:

É sabido que a desinência latina *-ana* ao entrar em português deu normalmente *-ã: irmana* > *irmã; abellana* > *avelã; mattiana* > > *maçã; *maneana* > *manhã; Corneliana* > *Correlhã; Coviliana* > > *Covilhã; romana* > *romã*, etc., etc.

Todos estes vocábulos se mantiveram até hoje agudos.

Campa, quinta e *venta* têm a sua origem em formas latinas também terminadas em *-ana: campana, quintana* e **ventana*. Normalmente deram em português arcaico formas oxítonas (*campã, quintã* e *ventã*) que mais tarde passaram a paroxítonas.

¿A causa desta mudança foi uma dissimilação nasal como muitos dizem?

Não acredito!

Não acredito porque, se ela se verificasse, de forma alguma nos explicaria a alteração prosódica; uma dissimilação não implica necessàriamente deslocamento do acento tónico; *campã* daria por dissimilação nasal *campá* se, como já vamos ver, isso fôsse possível.

Trata-se pois de um fenómeno que ultrapassa (e em muito) a explicação excessivamente simplicista que o atribue a uma dissimilação.

Não podia ter sido uma dissimilação afirmei mais acima.

Vejamos porquê:

A sílaba tónica de um vocábulo nunca pode ser a afectada pelo fenómeno da dissimilação, mas sim a causadora dêle noutra qualquer.

O Dr. Rodrigo de Sá Nogueira tem no capítulo *Dissimilação* dos seus *Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa* umas *Regras Gerais das Dissimilações em Português*[1]. Vou transcrever os enunciados daquelas onde intervêm as tónicas:

«REGRA I. —Tratando-se de duas vogais, uma tónica e a outra átona (protónica ou postónica), a tónica é a mais forte, e, portanto, a átona é a que se dissimila...

a) átona + tónica:

farragine > *ferrã* (norm.).
fontanário > *fontenário* (vulg.).
madrar > *medrar* (norm.).
.....
tumulto > *temulto* (vulg.).
volume > *velume* (pop.).

b) tónica + átona:

bálsamo > *bálsemo* (pop.).
cágado > *cáguedo* (pop.).
Cávado > *Cávedo* (pop.).
.....
marítimo > *maritemo* (vulg.).
químico > *químeco* (vulg.)».

«REGRA VI. —Tratando-se de três vogais, uma protónica, outra tónica e a terceira postónica, a tónica é a mais forte, sendo tratados os vocábulos nestas condições como se pertencessem à Regra I. Por isso são ali incluídos todos os exemplos que a esta possam dizer respeito».

«REGRA VIII. —Tratando-se de três vogais, uma tónica e as outras duas protónicas, a mais fraca é a primeira, excepto se essas vogais são *ĕ ĕ*, caso em que a segunda é que se dissimila...:

calafetar > *quelafetar* (vulg.).
camarada > *quemarada* (vulg.).
.....
trasandar > *tresandar* (norm.).
trasladar > *tresladar* (arc.).
traspassar > *trespassar* (norm.).

[1] P. 146 e sgs.

mas

abaçanar > *abactnar* (norm.).
alparcata > *alpercata* (norm.).
dezesseis > *dezasseis* (norm.).
. . . . . .
doloroso > *deloroso* (vulg.).
monopólio > *manipol* (pop.).
sonoroso > *senoroso* (vulg.)».

«REGRA IX.—Tratando-se de três vogais, uma tónica e as outras duas postónicas, a mais fraca é a primeira, e, portanto, é ela que se dissimila...:

Ágata > *Agueda* (norm.).
al-hábaca > *alfávega* (norm.).
azáfama > *azáfema* (vulg.).
. . . . . .
cúmulo > *cúmalo* (pop.).
escrúpulo > *escrúpalo* (pop.).
túmulo > *túmalo* (pop.)».

«REGRA X. —Tratando-se de duas consoantes, uma das quais se encontra na sílaba tónica, e a outra numa átona (protónica ou postónica), a que está na sílaba tónica é a mais forte, e, portanto, a que está na sílaba átona é a que se dissimila, salvo se ela está em grupo, e salvo se ela é *l* final...:

abstinência > *abstilencia* (arc.).
animal > *alimal* (pop.).
animalia > *alimalia* (arc.).
animaliu > *almalho* (arc.).
. . . . . .
Bernardo > *Bernaldo* (pop.).
tártaro > *tátaro* (norm.).
pantomima > *pantomina* (vulg.).

mas

rubore > *arrebol* (norm.).
pantomimeiro > *pantomineiro* (norm.)».

Dêstes passos pode-se pois fàcilmente deduzir que *a sílaba tónica nunca é afectada pela dissimilação.*

Campã não podia pois dar *campa* por dissimilação.

A causa deve ser pois outra.

Como se sabe, as formas espanholas das palavras que estou a estudar, são idênticas ao latim. O que as impediu de sofrerem uma evolução um pouco semelhante à das portuguesas foi, sem dúvida, a manutenção do *n* intervocálico.

A queda dêsse fonema nessa posição em português é que deve, antes de mais nada, ser apontada como a principal culpada dêste curioso fenómeno que reputo de grande interêsse filológico.

Os documentos antigos redigidos em Latim Bárbaro apresentam por vezes as formas com o *n* intervocálico: «... et ipsas terras iuxta ipsa *quintana* pro pretio que...», *Dipl.*, p. 24; «Arras, sex *Quintanas*, et seixaginta casalia...», doc. de 1238[1]; «Villa Barriolos... et omnem meam rectitudinem de ipsa *quintana*», doc. de 1165[2]. Aparecia também como topónimo: «... et j. cubitum et medium de bracali. De *Quintanas* j. almude de vino pro censura...», *Inquisitiones*, p. 99 (col. 1); «... et Donus Tomas, vicinus ejus, laborat aliud Regalengum in loco qui dicitur Rupta, et jacet coram villa que vocatur *Quintana*...», *idem*, p. 488 (2.ª col.).

Não encontrei até agora nesses documentos exemplos de *campana*[3] e *ventana*.

O *n* intervocálico caiu pois, donde formas em *-ã*: «... que elle ha no reguengo de Collares que parte com a *quintãa* de Gomes Lourenço Monsanto...», doc. de 1362[4].

Segundo Leite de Vasconcelos[5], *quintã* na Beira ainda se emprega para significar *pátio* e conserva-se no onomástico.

Campã: «... e porende a filharom e soterrarom-na viva e poserom sobre ela ũa *campãa*...», de *Dois Episódios da Demanda do Santo Graal*[6].

Para *ventã* não encontrei abonações antigas; apenas sei que ainda se emprega no Douro na acepção de *venta de boi*.

Chegadas a esta altura da sua história foi então que se observou nestas palavras a tal alteração prosódica.

---

[1] Citado por VITERBO, *Elucidário*, s. v. *compra de corpo. II*.

[2] Idem, *ibidem*, s. v. *rectidão*.

[3] A não ser como topónimo: «... et unum est inde Ecclesie Sancte Marie de *Campanaa*», *Inquisitiones*, p. 517 (col. 2.ª).

[4] PEDRO DE AZEVEDO, *Os Reguengos da Estremadura na 1.ª Dinastia* na *Miscelânea de Estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos* (*Rev. da Univ. de Coimbra*, XI), p. 589.

[5] *Lições de Filologia*, 2.ª ed., p. 30.

[6] Do passo reproduzido pelo Dr. J. J. NUNES no seu *Florilégio*, na p. 82.

Até aí *campã, quintã* e *ventã* estavam nas mesmas circunstâncias que *irmã, avelã, maçã,* etc., etc.

Na minha opinião o deslocamento da tónica observou-se naquelas palavras e não nestas, porque houve um importante factor a implicá-lo: a nasalidade da primeira sílaba.

Na articulação de qualquer daqueles três vocábulos era necessário pronunciar com maior intensidade e mesmo em maior espaço de tempo a primeira sílaba, em consequência da sua qualidade de nasal. Daí um enfraquecimento progressivo da última.

Êste enfraquecimento progressivo acabou por acrescentar à intensidade e quantidade primitivas da primeira sílaba a tonicidade em prejuízo da última.

Por sua vez a nasalação desapareceu por se tratar de uma palavra grave, quere dizer, observou-se o mesmo fenómeno que em *Lavos* de *Lavãos; frango* de *frangão; Pedrogo* (pop.) de *Pedrógão; Cristovo* (pop.) de *Cristóvam; orfo* (pop.) de *orfão; orgo* (pop.) de *órgão; orego* (pop.) de *orégão; soto* (pop.) de *sótão; Faro* do ant. *Faarom,* do ár. حارون (*ḥārūne*)[1]; *Almada* do ant. *Almadãa* do ár. المعدن (*almaᶜadan*); *alinhavo* de *alinhavão; home* (pop.) de *homem; orde* (pop.) de *ordem; viage* (pop.) de *viagem; nuve* (pop.) de *nuvem; Muja*[2] de *Mujem.*

O mesmo fenómeno também se pode ainda observar em *pente* e em *bênção.* No primeiro vocábulo surge-nos nas mesmas condições que nas palavras que acabo de apresentar. No segundo caso nas que servem de título a êste trabalho.

No primeiro a acentuação está na primeira sílaba desde o latim *pectine*[3] que o originou; a forma antiga portuguesa era *pentem,* que ainda existia no séc. XVI: «Não j'essa arca, ta ta ta, / Que vai o meu *pentem* hi», G. Vicente, *Triunfo do Inverno,* II, p. 219[4]; «E ficou aqui o novelo, / E o *pentem* não se perdeo», idem, *Ines Pereira,* II, 326; «Dá-me o pentem, Ledecina», idem, *Auto da Lusitânia,* II, 382; «Que nunca brando *pentem* conheceram», *Lusíadas,* VI, 17.

---

[1] A exemplificação até esta palavra foi tirada do trabalho do Dr. DAVID LOPES, *Toponymia Arabe de Portugal,* separata da *Revue Hispanique,* t. IX. Vem na p. 35 da separata.

[2] «... e assi de uma quinta que está junto de porto de Muja...», *Cartas de Quitação de D. Manuel* no *Arq. Hist. Port.,* vol. I. Doc. n.º 7.

[3] Cf. *Revista Lusitana,* III, p. 280, nota 1. Aí, além da evolução fonética, indica-se ainda a forma *pêntem* como beirôa.

[4] Edição de Mendes dos Remédios.

Em *benção*[1] o fenómeno pode verificar-se completamente: de *benção*, pelo deslocamento da tónica em conseqüência da natureza da primeira sílaba, veio primeiro *bênção* e desta, por se tratar de um paroxítono cuja última sílaba era nasal, o popular *bença*[2].

O malogrado Prof. João da Silva Correia[3] quis ver nesta evolução «primeiro *bençoa*, — e posverbal de *bençoar*. como *minga*, primeiro *mingoa*, o é de *mingoar*...» isso, para êle, «é que deve ter provocado a prosódia grave *benção*».

Para mim, a série etimológica *benção* > *bênção* > *bença* é, portanto, idêntica às de *campã* > *campa*, *quintã* > *quinta* e *ventã* > > *venta*.

Em *minga* de *míngua* foi também a acentuação da sílaba inicial que trouxe o encurtamento da palavra.

Repitamos: para mim não foi pois uma dissimilação nasal que produziu o deslocamento da tónica. Como demonstrei, a dissimilação nunca daria êsse resultado porque a sílaba dissimilada nunca pode ser a tónica, mas sim a dissimilatória. Foi portanto a nasalidade da primeira sílaba dessas palavras que motivou a deslocação do acento e foi por sua vez êste fenómeno que motivou a tal hipotética *dissi-*

---

[1] Do lat. *benedictione*. JÚLIO MOREIRA (*Estudos*, II, p. 178) também se ocupou desta palavra.

[2] Cf. no entanto esta quadra popular, onde se pode verificar a natureza aguda do vocábulo:

Filho d'el-rei mal lo viu,
Morto ficou de paixão
E chegando a palacio
Pede a mão sua *benção*.

Em George Young, *Portugal Anthologia*, p. 16, citada por J. DA SILVA CORREIA em *A Rima e a sua acção lingüística, literária e ideológica* (*A Lingua Portuguesa*, I, p. 255).

No vol. XXIX da *Revista Lusitana* publicou o Dr. JOÃO DA SILVA CORREIA um interessante artigo sôbre *Ecos lingüísticos da soletração e da silabação*. Aí (p. 105) publica uma «oração aldeã que se reza ao acabar de amassa-lo» (o pão) que é assim:

S. Crescente
te acrescente;
S. Levede
te levede;
S. João
te faça pão,
E dê a sua *benção*.

É pois mais um exemplo da existência desta palavra na língua popular como aguda.

[3] *A Rima e a sua acção*, etc., *loc. cit.*

milação nasal, que afinal não passou da desnasalização de uma sílaba que deixou de ser tónica por influência da natureza da anterior.

Eis pois como, na minha opinião, *campa, quinta* e *venta* provêm de *campã, quintã* e *ventã* respectivamente.

No século XVI ainda ocorriam formas agudas: «... assi eu vendo-me enjoado e perturbado e inquieto na populosa cidade, fujo pera ũa piquena *quintã*...», Heitor Pinto, *Imagem,* II, 116; «Como chegamos a hũa *quintam* de hum homem fidalgo que estava muyto doente...», do título do capítulo LXXXIII da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto; nesta obra[1] diz-se ainda que na cidade chinesa de Pocasser havia «cercas de jardins com casas nobres que devião de ser quintãs de Mandarins & senhores do reyno».

Mas *campa* já ocorre em Frei Gaspar da Cruz: «... sam cingidos hũs com outros por cima de muy grandes e muy grossas *campas*...», *Tratado das cousas da China e de Ormuz,* p. 41[2].

Porém nos princípios dêsse século já é testemunhável a forma grave[3]: «... e assi de uma *quinta* que está junto de porto de Muja...», *Cartas de Quitação de D. Manuel*[4], doc. 7.

Nos documentos medievais é vulgaríssima a forma *quintaa.* Os dois *aa* finais tanto podem ser a representação de uma sílaba nasal (embora não tenham til), como de uma átona[5].

Cf.: «... e direitos que eu ey e de direito deuo dauer na *quintaa* que chamam do verdelho... e faço que lhe a dita *quintaa* exencta do dito quinto e foros... pera todo sempre que eu na dita *quintaa ey*...», doc. de 1364 publicado por Pedro de Azevedo em *Os Reguengos da Estremadura* na *Miscelânea de Estudos em Honra de D. Carolina M. de Vasconcellos*[6]; «... que he no reguengo do Toial termo de Santarem afora a *quintaa* que chamam do Verdelho...», doc. de 1366, inserto no mesmo trabalho[7]; «... dou a vos e aos vossos successores e ao dito moesteiro pela vosa *quintaa* de Muia

---

[1] Cap. LXXXIIII.

[2] Portucalense Editora, 1937.

[3] Em galego, nos princípios do séc. XVI, existia a forma *campã:* «... e por lamamento de *cãpã* tangida...», doc. de 1501, publicado nos *Textos Arcaicos,* de LEITE DE VASCONCELOS, pp. 112–113.

[4] No *Arquivo Histórico Português,* vol. I.

[5] Cf. êste passo já antes citado: «... et unum est inde Ecclesie Sancte Marie de *Campanaa*», *Inquisitiones,* p. 517 (col. 2.ª).

[6] P. 602.

[7] P. 602.

que de uos recebo...», doc. de 1301[1]; «... arredor do choussal sobre la carreira, saynte da quintáá ad suso...», doc. da Pendorada de 1298, citado por Viterbo no seu *Elucidário*, s. v. *Fymento*.

Para *campaa:* «... tremeu a terra e per tal guiza que as *campaas* se tangião nos campanarios...», na *Crestomatia Arcaica*[2], de J. J. Nunes.

Para *ventaa* não encontrei abonações.

*

Existe um fenómeno inverso dêste: aparecimento da sílaba final *-ão*, átona, num vocábulo grave (também dissilábico), terminado em *-o*. Pode ser observado nos vocábulos *fétão* e *golfão* por *feto* e *golfo* respectivamente.

O primeiro vem já registado em Morais. Cândido de Figueiredo, que também o recolheu, dedica-lhe estas palavras bem elucidativas: «FÊTAM, ou FÊTÃO, m. Pop. O mesmo que *fêto*. Os dicionaristas, que nunca ouviram a palavra ao povo, fazem-na aguda e escrevem *fetão*. É êrro: a sílaba tónica é a 1.ª. Também se diz *fentam*[3]».

Golfão está por *golfo*. O étimo está no gr. κόλπος, «seio», através de um latim **colfus* por *colpus*[4].

Passos abonatórios de *golfão:* «... sendo tanto avante como os picos de Daanuu, na traversa de meyo *golfaõ* lhe deu hum temporal taõ rijo, que lhe dividio a armada em muytas partes, de que se perderaõ algũas vellas, em que entrou a Galè bastarda na barra de Dabul, de que hia por Capitão dom Alvaro de Noronha filho do Visorey, & Capitão mor do mar, & no *golfão*, a Galè Espinheyro...», F. M. Pinto, *Peregrinação*, cap. XII; «... não percas tempo, assi por ser ja fim da monção, como pelas calmarias que podes achar no *golfão*...», idem, *ibidem*, cap. XVIII; «... fomos os primeyros cinco dias com vento bonança à vista da terra atè a boca da enseada das pescarias de Nanquim, aquy atravessamos hum *golfaõ* de quarenta legoas...», idem, *ibidem*, cap. LXXI; «... & atravessando daquy outro *golfaõ*, abocou a Leste franco...», idem, *ibidem*, LXXI; «... sempre em fim pera o Austro a aguda proa / No grandissimo *golfão* nos metemos...», *Lusíadas*, V, 12; «... fazendo

[1] P. 603.

[2] P. 157.

[3] *Novo Diccionário*, 2.ª ed., s. v.

[4] Cf. Dr. REBÊLO GONÇALVES, *Os Elementos Gregos do Vocabulário Português*, pp. 9 e 11.

ja rosto ho inuerno da India, pelo que faz naũle *golfão* grãdes tormẽtas...», Castanheda, *História*, I, cap. XIII.

No século XVIII Cruz e Silva também a empregou nas *Odes Pindáricas:*

> Inda que o *golfaõ* seja dilatado,
> Que naõ vence a ousadia!
>
> (P. 28 da ed. de 1801).

> Mas naõ he minha lyra Argos possante
> O profundo a sulcar golfaõ brilhante.
>
> (P. 35–36).

Na *Crónica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros, já aparece *golfo:* «Aqui nestas palavras trabalhou tanto Fanimor pera prosseguir no mais, que se lhe representava diante, que com fraqueza do espírito, receando o *golfo* por onde havia de passar, cahio esmorecido suando gotas de sangue»[1].

A palavra, além de significar *golfo*, também se empregava na acepção de *mar alto*, como fàcilmente se pode verificar nos passos acima citados.

Catua

No Tômo V do *Boletim de Filologia* publiquei um estudozinho denominado «*Saga*» *não* «*Zaga*».

Em nota da página 173 tive ocasião de escrever estas palavras: «... por indicação do *Diccionario* de Morais (s. v.) soube que na parte II, capítulo XXXII, da *Crónica de D. João I*, ocorria a palavra *saga* (*sic*). A edição dessa obra que mais confiança me merece é a de Braamcamp Freire, que infelizmente não conseguiu publicar a segunda parte onde o vocábulo ocorre. A chamada edição dos Clássicos nenhuma confiança me merece. Consultei então uma de 1644, que existe nas bibliotecas da Academia das Ciências e da Tôrre do Tombo. No capítulo indicado não me apareceu o vocábulo, porém há um passo onde, em minha opinião, em conseqüência do sentido, êle devia estar. O passo é êste: «... antiguamẽte em Portugal nom nomeauom nas batalhas a vanguarda, nem a reguarda, nem ala direita, nem esquerda, mas chamauão á vanguarda dianteira, & á reguarda catua, & ás alas costaneiras, & depois que os Ingreses vierom em tẽpo Del Rey Dõ Fernando: como ouuistes, entõ lhe chamarom estes nomes». *Catua* embaraçou-me. Cheguei a consultar

[1] Parte III, cap. IV, pp. 394–395 da ed. de 1742.

alguns dicionários à procura de indicações. Para descargo de consciência informei-me e soube da existência na Tôrre do Tombo de um manuscrito da citada *Crónica*. Corri a consultá-lo. O manuscrito tem no ante-rosto a indicação de que foi copiado por Álvaro do Couto (?) de Vasconcelos. A letra é do século XVI. Procurei o citado passo que aí tal é: «... antigamente em Portugall não nomeauaão nas batalhas. A vangoarda nem Regoarda. Nem alla Dereyta Nem esquerda mas chamauaão a vangoarda Dianteyra E a Regoarda çagua. E a las allas costaneyras. E Depois *que* os Ingrezes vyeraão em tempo DelRey Dom Fernando como ouujistes Entaão lhe chamaram estes nomes». Quer dizer: Na edição de 1644 da *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, no capítulo 32 da parte II, onde se lê *catua* leia-se *çagua*. O copista não soube ler. Não se julgue, porém, que considero a leitura dêsse ms. como fiel. Não. Além de ser um pouco posterior ao original, deve ter alguns *lapsus calami* ou alterações propositadas. Agora o que me parece é mais digno de confiança êsse ms. do que qualquer outro posterior e ainda mais do que as edições em letra redonda»[1].

É possível que estas minhas palavras tenham passado despercebidas, apesar de se referirem a um caso que eu reputo grave.

Tornei pública a minha observação e tencionava ficar por aí, mas acabo de observar um facto que me obriga a voltar à carga; desta vez, porém, não o faço em nota: consagro-lhe um artiguinho mais desenvolvido no tamanho, mas quanto a doutrina nada acrescentarei. Serve apenas de lembrança.

Anteriormente ao aparecimento do passo que acima transcrevi, já dois eruditos trabalhos de autores muito justamente tidos como autoridades, trouxeram o vocábulo, embora sem uma observação que muito elucidaria quem os consultasse. Os seus autores reputaram-no naturalmente como digno de tôda a confiança.

Êsses ilustres estudiosos são M. Said Ali e Augusto Magne.

O primeiro, nas suas *Difficuldades da Lingua Portugueza*[2], escreveu o seguinte:

«Curiosa é a admissão do termo *retaguarda*. Não vem logo do latim, segundo lexicographos assentam. Nem ha lei phonetica que transforme *retro-* em *reta-*. Contemos a historia como se passou.

---

[1] Nesta transcrição emendei as gralhas que, por descuido, deixei passar no original.

[2] Pp. 301-302 da 3.ª ed. (1930).

Até o anno de 1367 os Portuguezes ordenavam as suas batalhas, isto é, dispunham as suas forças de combate em dianteira, *catua* e costaneiras. Porem em tempo d'el-rei D. Fernando vieram os Inglezes para ajudal-o na guerra contra D. Henrique de Castella. Trouxeram elles os vocabulos *vanguard, rear-guard* e *ele*, que por sua vez haviam recebido do francez *avant-garde, rereguarde* (mais tarde *arrière-garde*) e *ele* ou *aile*»[1].

O segundo publicou nas *Consultas e Informações* da *Revista de Philologia e de Historia* um estudo sôbre *Alas de Exercito*[2]. Ai, orientado pelo passo acima transcrito de Said Ali, admite o vocábulo como bom mas escreve *cátua*. Augusto Magne transcreveu até uma parte do passo de Fernão Lopes que acima apresentei. Embora não o diga, a edição de que se serviu deve ser pois a de 1644.

O que eu estranho é que aceitassem o vocábulo sem uma sombra de dúvida e o apresentassem nos seus trabalhos sem procederem a investigações. Se tivessem consultado a *História da Administração Pública* (óptimo instrumento de trabalho para o conhecimento da nossa Idade-Média) de Gama Barros, lá encontrariam uma cousa que decerto os poria de sobreaviso: o grande historiador fala na palavra *catua*[3], mas, entre parêntesis, pregunta se não será o mesmo que *saga*.

Aqui fica pois mais uma prevenção aos estudiosos acêrca do assunto.

Tudo isto me leva a preconizar novas edições dos nossos antigos escritores, devida e conscienciosamente comentadas e anotadas, para se evitar o mais possível factos como êste.

Miona

O artigo que publiquei no *Boletim de Filologia*[4] com êste mesmo título, mereceu ao Sr. Dr. Alfredo Pimenta umas notas com acrescentos ao que eu aí apresentei. Como contêm informações que julgo valiosas, resolvi escrever com elas êste artiguinho, aproveitando também o ensejo para agradecer pùblicamente ao ilustre erudito a sua gentileza e completar as minhas palavras com frutos de investigações posteriores.

---

[1] É digna de registo a influência de Fernão Lopes nestes passos.

[2] P. 98 do t. II.

[3] Vol. I, p. 585.

[4] Vol. V, p. 368.

No meu estudozinho declarei que não consegui localizar nas *Inquisitiones* o passo citado por Viterbo s. v. no *Elucidário*, que, segundo afirmou o douto frade, vem «nas inquirições roaes de 1258».

Pois o Sr. Dr. Alfredo Pimenta indicou-me o passo: vem na p. 999, no § *De Portu Gees*. O que aí se lê é «Petrus Veegas juratus et interrogatus dixit, quod in Portu Gees habet Hospitale tria casalia, que fuerund de *Meono* Donno Egea...».

Mas nas proximidades dêste passo mais abonações encontrei de *meono:*

«... villa de Theomundi, que fuit de honore de *Meono* Donno Egea...», p. 997 (col. 1).

«... villa de Cardoso, que fuit de honore de *Meono* Donno Egea...», idem.

«... Paredinas, que fuit honor de *Meono* Donno Egea...», p. 997 (2).

«... et addit, quod ista villa fuit de honore de *Meono* Donno Egea...», p. 998 (1).

«... et fuit de honore de *Meono* Donno Egea Monionis...», p. 998 (2).

«Et addit, quod de uno casali, quod monasterium de Salzeda habet in Porcas, nullum forum faciunt Regi, quia fuit de honore de *Meono* Donno Egea...», p. 1000.

«... et habuit eam de testamento et de honore de *Meono* Donno Egea...», p. 1000.

Também ao Sr. Dr. Alfredo Pimenta devo a indicação da obra de José Anastácio de Figueiredo, *Nova Historia da Militar Ordem de Malta e dos Senhores Grão-Priores della, em Portugal*[1], onde[2] ocorre êste passo: «... aos quaes Monizes (Egas e seu irmão Mem) já tinha honrado, e coutado o Sr. Rei D. Affonso Henriques tudo quanto lhes deo, ou possuiam (achando-se muitas vezes nas Inquirições do anno de 1258 por exemplo: *Rex dõnus. A. ueterus cautauit eũ Meono dõno Egéé. & Miane dõne Tarasie*) em contemplação dos muitos Serviços, e merecimentos, que para com elle tiveram».

Depois de o artigo já estar composto encontrei mais as seguintes abonações:

Viterbo, no seu *Elucidário* (s. v. *Albergaria*, III), refere-se à «*Miana* D. Horracha».

---

[1] Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1800.

[2] No t. I, p. 474.

Num documento de 1192, publicado pelo Sr. Dr. A. de Amorim Girão no seu artigo *O «Alcaide Cerveira», governador de Coimbra no século XII*[1], diz-se o seguinte:

«... suo palumbare quæ est in atrio Sanctæ Mariæ quantum ibi nos habemus et fuerunt *Mianæ* Domnæ Tarasiæ...»[2].

Para *meono* pode-se ver ainda *Inquisitiones*, pp. 950 (2) e 951 (2), etc.

Miana por sua vez é mais vulgar nessa mesma obra. Cfr. pp. 947, 948 (2), 949, 950 (2), 951 (2), 954 (2), 957 (2), 958, 961 (2), etc.

Além da bibliografia apontada no meu primeiro estudozinho acrescente-se ainda as *Digressões Lexicológicas*, onde o Prof. José Joaquim Nunes alude à palavra na p. 130.

Segunda feira, etc.

O professor Wilhelm Giese publicou no último número do *Boletim de Filologia* (**VI**, pp. 197-203) um artigo subordinado a êste mesmo título.

O assunto aí tratado é a origem dos nomes dos dias da semana em português.

Precisamente quando êsse artigo apareceu tinha eu também acabado de estudar o assunto e a êle me referi algumas vezes nas conferências que realizei no Centro de Estudos Filológicos.

Devo dizer desde já que a conclusão a que chegou o professor Giese coïncide com a minha.

Nestas linhas pretendo apenas publicar a relativamente pouca documentação que consegui durante as minhas investigações. Não vejo entre elas e a doutrina do estudioso germânico qualquer divergência importante.

Que tudo o que se segue sirva ao menos para justificar ainda mais o que se escreveu nêsse artigo.

*

Antenor Nascentes cita (s. v. *Feira* do seu *Dicionário Etimológico*) um passo da *Peregrinatio ad Loca Sancta*, mas não o faz

[1] *Arquivo Histórico de Portugal*, I, pp. 118-124.

[2] P. 123.

[3] Sirvo-me nestas citações da edição realizada por W. Heraeus. É o primeiro volume da colecção *Sammlung Vulgärlateinischer texte* editada pela livraria Carl Winters de Heidelberga. O exemplar de que me utilizo é da 3.ª edição, saída em 1929.

completamente. Parece-me que a sua transcrição completa pode esclarecer melhor o estudioso.

Ei-lo:

> «Proceditur autem ipsa *die dominica* prima in ecclesia maiore, id est ad Martyrium, et *secunda feria* et *tertia feria*, ubi ita tamen, ut semper missa facta de Martyrio ad Anastase ueniatur cum ymnis. *Quarta feria* autem in Eleona proceditur, *quinta feria* ad Anastase, *sexta feria* in Syon, *sabbato* anti Cruce, *dominica* autem *die*, id est octauis, denuo in ecclesia maiore, idest ad Martyrium» (XXXIX, § 2).

Este é o passo que Nascentes cita. Mas não se pense que é o único da *Peregrinatio*[3] onde ocorrem estas designações.

Há mais.

Não quero citar todas, não só porque em muitos casos isso me parece escusado, mas também porque isso viria alargar o tamanho destas notas.

Vejamos, pois, só mais alguns:

> «Item *secunda feria* similiter de pullo primo ad Anastasem itur sicut...» (XXVII, § 4).

> «Similiter et *tertia feria* similiter omnia aguntur sicut et *secunda feria*. *Quarta feria* autem similiter itur de noctu ad Anastase et aguntur ea, quae semper, usque ad mane; similiter et ad tertiam et ad sexta: ad nonam autem, quia consuetudo est semper, id est toto ano, *quarta feria* et *sexta feria* ad nona in Syon proceli, quoniam in istis locis, excepto si martiriorum deis euenerit, semper *quarta* et *sexta feria* etiam et a cathecuminis ieiunatu: et ideo ad nonam in Syon proceditur. Nam si fortuito in quadragesimis martyrorum dies euenerit *quarta feria* aut *sexta feria*...» (XXVII, § 5).

> «*Quinta feria* autem similiter omnia aguntur, sicut *secunda feria* et *tertia feria*. *Sexta feria* autem similiter omnia aguntur, sicut *quarta feria* et similiter ad nonam in Syon itur et similiter inde cum ymnis usque ad Anastase adducetur episcopus. Sed *sexta feria* vigiliae in Anastase...» (XXVII, § 7).

> «...*Prima septimana* uigiliae in Anastase sunt de hora lucernarii *sexta feria*, qua de Syon uenitur cum psalmis, usque in mane *sabbato*, qua oblatio fit in Anastase. Item secunda septimana...» (XXIX, § 1).

Para exemplificação da *Peregrinatio*, o que aí fica já deve bastar.

[1] MÜLLER e TAYLOR, *A Chrestomathy of Vulgar Latin*, pp. 139-140.

Êstes vocábulos também são documentáveis na *Regra de S. Bento:*

> «A Pentecoste autem tota æstate (si labores agrorum non habent monachi, aut nimietas æstatis non perturbat) *quarta* et *sexta feria* jejunent usque ad nonam[1]».

Pena é que não apareçam textos de carácter não litúrgico, visto que, como também diz o professor W. Giese, é vulgarissimo o emprêgo da *secunda feria*, etc. na linguagem eclesiástica.

Na minha opinião devia ter sido a liturgia cristã quem generalizou a palavra latina *feriae* na forma do singular. *Feriae*, que os clássicos só conheciam no plural, devia ter começado por dizer respeito a essas festas eclesiásticas em geral; depois a forma do singular tornou-se indispensável para designar cada uma delas[1].

Realmente o singular, além de raro, tem maior emprêgo tarde[2].

Mas tudo isto devia ter acontecido à volta do século III, porque os passos acima transcritos da *Peregrinatio* (século IV) mostram um uso já algo vulgar dos vocábulos *secunda feria*, etc., embora não se deva perder de vista o facto de a sua autora ser uma freira, que por isso mesmo conhecia perfeitamente os usos eclesiásticos.

No *Chronicon Complutense sive Alcobacense vel Monasterii Sanctae Crucis Conimbricenses*[3] lê-se o seguinte:

> «Era MCXXXI. II. Kal. Maii cepit Rex Adefonsus Sanctaren anno regni sui XXVIII. Sexta die mensis in eodem sexto die *V.ª feria* II.ª nonas Maii cepit Ulixbonam, et post haec die 3., id est, *sabbato* VIII. idus Maii cepit Sintriam».

No *Chronicon Lamecense*:

> «Sarraceni occupauerunt castellum sancte eulalie nonis Julii *feria III.* hora nossa[4]».

Nas *Chronicas Breves e Memorias Avulsas de S. Cruz de Coimbra:*

> «Entrou noe na arca com as cousas que lhe deus mandou XVII dias dabril, e foy en *sesta feria*, e sayo dela XXVII dias de Junho[5]»

---

[1] ERNOUT e MEILLET, *Dict. Etym. Lat.*, s. v. *Feriae.*
[2] Idem, ibidem, loc. cit.
[3] *Scriptores*, p. 18.
[4] Idem, p. 20.
[5] Idem, p. 24.

Nos documentos tabeliónicos, tanto em latim bárbaro como em romance, a indicação dos dias da semana por êste sistema é raro. Eu não me lembro de ter encontrado exemplos.

Quando se pretendia determinar um dia empregava-se ou o dia do mês ou o nome do santo que nêle se festejava.

Permito-me agora fazer mais um acrescento curioso e que na minha opinião ainda mais justifica a doutrina do professor Giese. Os nomes dos dias da semana em português têm a sua base no sistema eclesiástico, mantido pelo facto de os mouros usarem um sistema igualmente enumerativo. «Da convivência de cristãos e mouros em Lisboa desde 1147, escreveu-se no artigo anterior, como também em outros lugares do sul de Portugal, resultou a supremacia do sistema enumerativo, propagado desde 1260 pela côrte e pelo govêrno português».

O professor Giese apresenta como prova o facto da distinção entre *s* e *ç* deixar de existir, ao lado da existência da duplicidade fonética de *ou* e *oi*. Tudo isto é devido também às populações muçulmanas romanceadas ou o inverso, mas sobretudo aos moçárabes.

Mas o que melhor ainda me parece, era chamar a atenção não para questões fonéticas, mas para casos idênticos ao do problema de que se está tratando; o facto de se manter o espírito muçulmano na significação de formas de aspecto morfológico romance.

Para isso já se conta com alguma coisa:

Na *Biblos*[1] publicou o professor Max Leopoldo Wagner um curioso estudo *Sôbre Alguns Arabismos do Português*.

O 10.º artigo dêsse trabalho trata do «Port. aberto *claro* (*de côr*)».

Por me parecer útil, passo a transcrevê-lo integralmente:

«Segundo O. de Pratt *RLus.* XVII, 340 *aberto* usa-se na linguagem familiar de Lisboa, além de outras aplicações, no sentido de «desmaiado, claro, pouco pronunciado ou intenso» (referido a côr); a mesma significação é apontada por Gomes Pereira, *RLus.* XI, 287 para Vila Real (Trás-os-Montes); *aberto* «claro» na frase: *côr aberta*.

«Com meu conhecimento, uma significação semelhante não existe nas outras línguas, românicas ocidentais; existe, porém, na língua romena, em que *deschis*, pròpriamente «aberto» também se aplica à côr no sentido de «claro», como *închis*, pròpriamente «fechado» no sentido de «escuro»; provàvelmente trata-se duma imitação do

[1] Vol. X, p. 427.

uso turco, dum verdadeiro «decalque lingüístico», tão freqüente nas línguas balcânicas que desde há séculos vivem uma ao lado da outra e, por conseqüência, se influenciaram reciprocamente. Com efeito, em turco diz-se: *renk ačyk*[1], literalmente «côr aberta» no sentido de «côr clara». A mesma coisa acontece em árabe, onde لَوْن فَاتِح *lôn fâtiḥ* ou *miftuḥ* (côr aberta) e لون مغلوق *lôn maqlûq* (côr fechada) tem a mesma significação metafórica (cf. Dozy II, 236; Garselin I, 355 «couleur claire» e pág. 825 «foncé», e para Marrocos, por exemplo, Budgett Meakin, *An introduction to the Arabic of Morocco*, London-Tangier, 1891, pág. 159). É possível que, em português, o uso seja um «decalque lingüístico», segundo o modêlo árabe».

Julgo portanto êste interessante caso como ainda mais justificador da doutrina do professor Wilhelm Giese, a propósito da origem latina dos nomes dos dias da semana em português.

Mas os árabes dominaram a Península quási tôda e influiram largamente em tôdas as modalidades do romanço que nela se falava.

Por isso se põe ainda êste problema: mas porque se observa o «decalque lingüístico» só em português?

Porque não se observa também no castelhano, no leonês, no catalão, etc.?

Julgo esta pregunta de difícil resposta, no entanto não quero deixar de chamar a atenção do estudioso para as perseguições e deportações em massa que os moçárabes sofreram em conseqüência das várias revoltas nacionalistas que moveram.

Mas, que me conste, nada disso se observou no Ocidente do Andaluz.

Quero dizer que a população moçárabe nestes territórios era mais estável, estava mais pregada ao solo e por isso o contacto com os povos que viviam ao seu lado era mais efectivo do que em qualquer outra região.

As principais línguas românicas do resto da Península libertaram-se cêdo do domínio arábico, ao passo que Lisboa só se libertou em 1147.

Como a cidade tinha muitos moçárabes, êstes não tardaram a passar para o romanço as suas designações dos dias da semana (e sabe Deus o que mais). Como o romanço *alfacinha* tomou irradiação imperialista, o sistema enumerativo em breve se generalizou

[1] Esta frase representa também por sua vez um «decalque linguístico» da expressão arábica. Nota de J. P. M.

na língua vulgar com plena aquiescência da eclesiástica, que em pleno século XII ainda viu vingar qualquer coisa de seu, mas com a ajuda do paganismo[1].

O desaparecimento do sistema enumerativo em castelhano deve-se antes de mais nada ao facto de se ter libertado cêdo do domínio muçulmano, da existência mínima de moçárabes no seu território e até (quem sabe?) do seu proselitismo religioso que o levaria a não aceitar o sistema muçulmano por não ser cristão. Bem se sabe que o seu sistema assenta no romano, mas êste vulgarizou-se, nacionalizou-se e ficou na língua vulgar, embora a Igreja continuasse até hoje a empregar a *secunda feria*, etc.

Por sua vez o imperialismo castelhano obrigou sucessivamente as populações por êle influenciadas a aceitar o seu sistema.

Temos, pois, na Península, dois imperialismos lingüísticos (o português e o castelhano), cada um dos quais «a puxar a brasa à respectiva sardinha» no que diz respeito a êste assunto.

Não sei se o português gosaria desta curiosa particularidade, se Afonso I demorasse a conquista de Lisboa uma meia dúzia de anos mais.

A conquista fêz-se em 1147, como já se disse e como se sabe. Pois no ano anterior desembarcara a onda formidável dos almóadas que, com a conquista de Sevilha em Janeiro do ano da tomada de Lisboa, acabou com o domínio cristão na Andaluzia[2].

Não faço idéia precisa do que viria a ser a reconquista de Lisboa por êsses ferozes filhos do Magrebe, mas julgo que a escassês de dados sôbre o estado dos moçárabes dessa época em diante deve se ao fanatismo religioso dessa gente.

> «El sultán almohade Abdelmumen dicretó la expulsión da todos los cristianos y judíos que no quisiesen islamizar-se, y su segundo sucesor yácub, el vencedor de Alarcos (1195), se jactaba de que los almohades no habian dejado em todo el Occidente musulmán niguna sinagoga ni iglesia. Asi pasaron Andalucía, Murcia y Valencia el último siglo anterior a sua reconquista, en el cual los mozárabes chegaron a punto casi de extinción[3]».

[1] Como se sabe na alta Idade Média a Igreja cristianizou muitos usos e costumes das religiões pagãs. Cf. a propósito ALBERTO SAMPAIO, *Vilas* e o meu artigo «Fão» no *Boletim de Filologia*.

[2] O metropolitano de Sevilha e os bispos de Medina-Sidónia, Niebla e outras dioceses fogem e vão acabar os seus dias em Castela, Talavera ou Toledo. Cf. MENÉNDEZ PIDAL, *Origenes*, p. 446-47.

[3] MENÉNDEZ PIDAL, *Origenes del Español*, p. 447.

Soar(e)

O Dr. João Martins da Silva Marques publicou um erudito trabalho de investigação histórica denominado *Sintra — Estudos Históricos*. No primeiro volume[1] vem um passo de um documento da Tôrre do Tombo[2] (datado de 13 de Outubro de 1368) que é como segue:

«... fossem mantidos pobres tam bem merceeiros do Conçelho e que lhes desem de vistir e mantimento aguisadamente e fosem vistos e visitados em sas doores e doenças como lhes comprir e lhes serem dadas as cousas que mester ouvessem tam bem pera seus *soares* se acontecese que hi morresem...».

A palavra *soar* ou *soare* não a encontrei registada nos dicionários[3] e no entanto o seu significado parece-me claro: *mortalha, sudário*.

O étimo é o lat. *sudarium*.

Meyer-Lübke (*REW*, s. v.) apenas cita como seu representante românico o fr. arc. *suyere*, «Schweisstuch der Pferde». Existe ainda em fr. mod. a palavra *suaire*.

Do mesmo radical deve ser a palavra *soadeiro*, que Viterbo (*Elucidário*, 2.ª ed.), dubitativamente, supõe significar *lenço de assoar*.

A profissão de fé muçulmana em F. Mendes Pinto

Desde cedo que são documentáveis em textos portugueses citações de outras línguas. Nos mais antigos trata-se em geral de passos de obras piedosas, por isso não admira que o latim tenha a maioria dos exemplos. Com carácter também piedoso há, embora muito menos freqüentemente, casos de citações em hebraico:

> «... a ley de deus he hũa e nom tres. Assy uollo mostra em huum lugar en que diz que disse deus. hũa sera a ley de deus a nos e ao pellegrino. e diz assy na sua ley. *Tora ahiad hihẽ laquẽ laguer blezar adiez*. Esto quer dizer. da ley. hũa sera anos e ao pellegrino e ao arreigado da terra». Gabriel Pereira, *Trechos portugueses dos séculos XIV e XV*[4], p. 326.

---

[1] P. 87.

[2] Misericórdia de Sintra. Pergaminhos Avulsos, N. 1.

[3] Evidentemente esta palavra nada tem com *soadeiro* e *suaceder* que Viterbo registou (2.ª ed.).

[4] No *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa, vol. v (1911).

«E ahijnda pera afirmar mais que a ley he hũa e nom mais. assy o diz dauid em o telim dos judeus a que os christaãos chamam ssalteiro. e diz assy. *Assere hais asser lohalach. Resahim uf dech. hataim lo haçad uf. molaf. leçim lo vasaf.* E em latim. Beatus uir qui non abiit in consilio impiorum et in uia pecatorum non stetit et in cathedra pestilentie non ssedit. Esto quer dizer beento he o barom que nom andou em consselho dos maaos nem na carreira dos pecadores nem esteue em na cadeira da pestilencia. E diz em outro uerso. *Qui inhetora layla hasem efco. uf. torato. y hegueh. yomim ua.* E em latim diz. Set in lege domini fuit uoluntas ejus et in lege ejus meditabitur die ac nocte. que quer diser. Mais na ley de deus foy a ssua uoontade delle e em a lley delle peussa o dia e a noite. E assy digo que a ley de deus he hũa. por que diz que de deus foy a ssua uoontade que aquella era. Em outro lugar nos mostra David no telim que diz assy. *Assere tome nell darieh ha hallu im becova al donay. assere nocere hedotaf banall lebi drasu.* Em latim diz. Beati immaculllati in uia qui anbullant domini. Beati qui serutantur testimonia ejus. in toto corde exquirant eum. Esto quer dizer. bem auenturado he aquelle que escodrinha de todo sseu coraçom e escolhe a elle», idem, *ibidem*, p. 327.

«Primeiramente prouemollo com a ley de deus que assy. In principio creauit deus celum et terram, que quer dizer. E no começo criou deus o ceeo e a terra. E disse deus e nom deo. E porque disse *eloim* e nom disse *adonay*. Ca *eloym* falla por muytos, e *adonay* falla por hũu. E esto disse euo dia primeiro. E no ssegundo disse, *baio mer eloim jehor batior*, que quer dizer. Feita sseja a luz, e foy logo luz. E ao terceiro dia disse, *baiomir eloim*. Em no quarto dia e em no outro esso meesmo. E aos sseis dias afirmou o que antes disera, e disse. *baiomer eloim hunaroçe adom delcall bionor que brem matonoph*. Em latim diz. facimus ihominem ad imaginem et ssimillitudinem nostram. Esto quer dizer, façamos homem aa nossa ymagem e ssemelhança. Depois que o homem foy fecto, da testimunho moyses com muytos prophetas e diz assy, *Bayomer adonay eloim adom huua que haharet mamoni dauio bera*, que quer dizer, Disse o senhor deus, fecto he homem como cada huum de uos pera saber bem e mal ssegundo a humanidade». Idem, *ibidem*, p. 328.

O poeta Luís Anriques deixou no *Cancioneiro Geral* umas curiosas *Trovas... a hũa moça com que andaua damores ante da sse os judeus...* onde ocorrem muitas palavras hebraicas. Esta poesia foi publicada e estudada por Francisco Maria Esteves Pereira no *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa (VII, pp. 208–221).

Nas *Historias de Abreviado Testamento Velho*, publicadas por Fr. Fortunato de S. Boaventura na sua *Collecção de Ineditos Portuguezes dos seculos XIV e XV*[1], vem êste passo com uma palavra que

[1] Vol. II.

o frade diz ser egípcia: «... e pose-lhe nome Faraó per linguagem do Egito *Phanethphane*, que quer dezer Salvador do mundo, e em Hebraico quer dezer, achador de cousas ascondudas»[1].

Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (I, pp. 202–3) o seu autor não hesitou pôr no texto umas frases em italiano:

> Muitas vezes frey Gill em na oraçam e fora della dizia taaes coussas comvem a saber: *Chi sei tu cui io addimando e chi sono io che l'addiamando? io sono sacco di lutame e vermicello e tu signore del cielo e della tierra*»[2].

Nos próprios *Lusíadas* aparece-nos como remate duma estância um belo verso de Petrarca na língua original:

> ... quero ver, se tu quiseres,
> Que sutil modo busca de escapar-te,
> E notarás no fim d'este sucesso,
> *Tra la spica e la man qual muro he messo*[3].
>
> (IX, 78).

A chegada dos portugueses ao Oriente trouxe aos escritores muitos ensejos para referências e citações de palavras e frases das línguas dessas partes longínquas.

De entre os viajantes vou distinguir dois que muitas citações apresentam em línguas dos povos com que estiveram em contacto. É um facto não muito abundante na nossa literatura de viagens do século XVI. Êsses dois viajantes são Mestre Afonso e Fernão Mendes Pinto.

O primeiro, no seu *Itinerário*, mostra-se bastante conhecedor de várias línguas ao dar a tradução de muitos topónimos e antropónimos persas, turcos, arménios, arábicos, etc. Exemplifiquemos:

> «Foi de hũu grande rei que se chamaua soltão mahamude casnevey, da casta do grã *tarmorlánque* que por ser manco tinha este nome porque *lampe* em língua parsia quer dizer manco». *Itin.*, p. 176[4].

---

[1] P. 65.

[2] O Prof. J. J. Nunes, editor e anotador dêste importante texto medieval, usou neste passo em italiano dum sistema que não me parece bem: corrigiu «os erros (?) que havia nesta transcrição italiana» (nota do autor ao passo).

[3] «É o verso 8.º do soneto *Se col cieco desir*.. de Petrarca. O sentido geral é o mesmo que o do provérbio português «Da mão à boca se perde muitas vezes a sopa». No que respeita à inserção de versos de outra língua, F(aria) S(ousa) cita vários exemplos de escritores italianos; bastará lembrar que Petrarca termina com um verso provençal a primeira estância da canção *Lasso me...*», nota de Epifânio ao verso petrarquiano na sua edição de *Os Lusíadas*, donde copiei a citação.

[4] Da edição revista e prefaciada dos *Itinerários da Índia a Portugal por terra*, por ANTÓNIO BAIÃO. Coimbra 1923.

«... sendo casi meo dia arribamos a hũu valle que em lingua turquesca se chama *gotúrderé*, que quer dizer valle de sarna, polla asperidade e gramdesa dos serras que o çercão...», *idem*, pp. 204–5.

«... tirou estas argolas que eo ella estauão enterradas, e da cova delRey hũa cruz douro que em lingua armenia se chamaua *serpnizán* que quer dizer sancto sinal por ser de tanta vertude que quando a tinha comsigo na guerra lhe nom fazia nojo nenhũa arma...», *idem*, p. 227.

Fernão Mendes Pinto apresenta-nos maior diversidade de línguas e sobretudo de algumas pouco citadas pelos outros viajantes seus compatriotas e contemporâneos. Exemplifiquemos com o chinês:

«... Antonio de Faria, os segurou do medo que trazião, porque lhes parecia q̃ a todos os avião de matar, & começandoos a inquirir, nunca ja lhes puderaõ tirar outra palavra da boca, senão somente, *Suqui hamidau nivanquate lapapa daqatur*, que quer dizer, não nos mates sem razão, que te demandarà Deos nosso sangue, porque somos pobres...», *Peregrinação*, cap. LXIII.

«Eu, vendome assi só, & o companheiro levado por força, me fuy ao mato a buscar o meu feixe de lenha como me era mandado, & tornando ja sobola tarde com elle às costas, me sahio ao caminho hum homem velho vestido de hũas roupas de damasco preto, forradas de pelles de curdeyras brancas, o qual vinha só, & tanto que me vio se meteo para hũa azinhaga que aly fazia o mato, & à entrada della me esteve esperando, & vendo que eu ao prepassar não olhava para elle, escarrou alto paraque eu o ouvisse, & eu ouvindo o escarro levantey os olhos, & pondoos nelle, vy q̃ me acenava com a mão, como q̃ chamava por myn, eu avendo isto por cousa nova, lhe disse pela lingoa do Chim, *potau quinay?* que quer dizer, chamasme? a que elle sem responder palavra me deu a entender por acenos que sy», *idem*, cap. CXVI

A língua arábica (que tantos vocábulos exportou para a nossa) também não era esquecida, mesmo em textos medievais.

Na lenda do Rei Ramiro, êste, deitado junto duma fonte, viu uma mourinha e «pedio-lhe *per arauia* da agua per Deus, ca sse nõ podia dalli leuamtar»[1]. Mas não vem a frase arábica, ao contrário do que sucede no seguinte passo extraído da crónica latina *De Expugnatione Scalabis*[2]:

«Interim ascendit menendus, deinde ceteri, prout poterant melius. Sed cum tres tantum adhuc essent supra, excitantur subito male dormientes uigilie, Respicientesque uexillum iuxta mirantesque clamaue-

[1] J. J. NUNES, *Crestomatia*, p. 24.

[2] Cf. a propósito desta obra HERCULANO, *Hist. de Port.*, II, pp. 217 e 309 da 8.ª edição.

runt rauca uoce: *Manhu?* id est, qui estis? Cumque cognouissent frustra christianos fore, clamauerunt uoce sublimi, et confusa: *annachara*, id est, christianorum insidie», *Scriptores*, p. 95, col. II.

Manhu é o árabe منو (*man-hu*), quem êle?: quem é?

Annachara está por *annaçara* (النصارى, *an-naçārā*, pl. de نصرانى, *naçrānī*, nazareno, cristão). Foi bem entendida por A. Herculano na sua *História de Portugal*[1] e o Prof. Dr. David Lopes também a ela se referiu na sua obra *Os Arabes nas Obras de Alexandre Herculano*[2].

O que não encontrei ainda foi uma explicação para o aparecimento do *ch*.

¿Não se tratará de uma grafia fantasiosa?

O *ç* não tem cedilha porque na Idade-Média o seu emprêgo não era geral; o *h* aparece-nos pela mesma razão que em *achatar* por *acatar*[3]: mera fantasia[4].

Na *Chronica do Conde D. Duarte de Menezes*, de Gomes Eanes de Azurara[5], aparece o seguinte passo:

«Os Mouros quando viram assi trigar os nossos por se sair, começaraõ de lhes bradar, chamando per seu Aravigo *A hudes, a hudes*, que quer dizer, Judeus, Judeus, e porque nom esperais»[6].

Azurara transcreveu a palavra يهود (*iahūd*), que significa *judeus*. O *i* inicial não aparece porque é muito fraco na lingua vulgar e devia por isso ter passado despercebido ao ouvido do grande escritor quatrocentista.

---

[1] Embora siga muito de perto o texto da narrativa latina, é cheia do movimento e de interêsse a descrição que Herculano nos faz do assalto à fortaleza (II, p. 221). O passo onde vem a palavra é como segue: «Num relance o alferes subiu com o pendão real e hasteou-o. Quasi a um tempo Mem Ramires se achou ao pé delle. Tudo isto fora obra de um instante; mas o ruido despertara, de feito, as sentinellas. Olharam: o pavoroso estandarte do tyranno Ibn Errik estava lá como o espectro da morte. Estupefactos, perguntaram ambos com voz tomada: *Quem sois?* Fora impossivel enganá-los. Trez vezes chamaram em brados confusos: *Nazarenos!*».

[2] No *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa, vol. III, pp. 218–219.

[3] No *Elucidário* de VITERBO, s. v. *achatar*. Cf. J. L. de VASC., *Observações ao «Elucidário»*, na *Rev. Lusit.*, vol, XXVI, p. 113, s. v.

[4] O *annachara* do texto não é portanto *anacara*. Com esta última palavra designava-se uma «especie de tambor usado pela cavallaria no Oriente», DALGADO, *Glossário*, s. v. Nesta dá-se o étimo exacto da palavra: é o ár. النقارة (*annaqāra*), *tambor*, também usado em persa.

[5] *Collecção de Livros Ineditos da Historia Portugueza*, vol. III.

[6] P. 185.

Mas nessa transcrição observa-se um caso muito curioso: a palavra arábica é um colectivo, isto é, por si só já significa *judeus*. Azurara porém parece tê-la julgado como um substantivo comum na forma do singular e por isso ao transcrevê-la acrescentou-lhe um *s* para lhe dar aspecto de plural... em português. Quere dizer: a palavra *ahudes* na *Chronica de D. Duarte de Menezes*, de Azurara, é um colectivo arábico (que tem só um número) na forma do plural... do português!

No século XVI os autores que transcrevem árabe aumentam. O já citado Mestre Afonso está nesse número:

> «... chegamos sobela tarde a hũa villa, que se chama em lingua arabia *babà*, que quer dizer porta, por ser como porta de halepe...»[1], *Itiner.*, p. 248.

> «He muy grande rica e muy nomeada naquellas partes como cabeça de reino, situada para aparte do oriente cercada de muro fraco, sera de dez ou doze mil vezinhos, mouros e christãos, asaber, armenios, gregos, nastoris, jacobitas, que se dizem surianos, maronitas, que são os mais chegados ha nossa igreja, cofti, xémsi, que são huns que adorão o sol e por isso tem este nome, por que *xems* em lingua arabia quer dizer sol...», *idem*, ib. p.

O nome da vila corresponde ao árabe بَاب. A transcrição desta palavra deve ser *bābu*, mas o ar. vulgar pronuncia *bāb*[2]. A grafia de Mestre Afonso representa a pronúncia oriental da palavra.

Sol é شمس (*xamç*). O *s* final representa já um produto da confusão entre *s* e *ç* na época em que o autor escrevia.

*

Na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto encontrei um passo dêste género muito curioso e de tal maneira que decidi consagrar-lhe êste estudozinho.

O capítulo LIX denomina-se: *Como Antonio de Faria pelejou co corsayro Coja Acem, & do q̃ com elle lhe socedeo.*

É uma sucessão de quadros plenos de movimentos. O autor, não desprezando as mais pequenas particularidades, mostra-nos bem o que eram as abordagens nos combates navais dessas eras.

Um pouco à maneira da época, Mendes Pinto não se esqueceu de fazer preceder as arremetidas dos dois adversários por uns dis-

[1] Alepo.

[2] Cf. o nome de estreito de *Bab Almandebe*.

cursos dos capitães mais ou menos enfáticos e verosímeis. Não lhes falta o pedido de protecção divina para se verificar um desenlace feliz na luta que se ia travar.

Coja Acem, que pelos vistos era muçulmano, ao ver o enfraquecimento dos guerreiros «acudio com muyta pressa ao desmãcho que via dos seus, armado com hũa coura de laminas de citim cramesim franjado douro que fora de Portugueses, & bradando alto paraque todos o ouvissem disse por tres vezes, *lah hilah hilah lah Muhamed roçol halah*».

Esta última frase é nem mais nem menos do que a profissão de fé dos muçulmanos.

Julgo que tem passado despercebido aos nossos estudiosos êste precioso passo, onde se pode observar o processo de transcrição dos nossos antigos autores que era, sem dúvida, muito rudimentar.

Vejamos como Mendes Pinto representou gràficamente o que decerto muitas vezes devia ter ouvido lá nesse Oriente por onde arrastou a sua cruz de aventureiro, mas aventureiro èpicamente mártir.

Em árabe a frase é assim:

لا اله الا الله محمد رسول الله

«Não Deus senão Deus (o único e verdadeiro), Mafoma o profeta de Deus». Melhor: «Não Deus senão Alá e Mafoma o profeta de Alá»[1].

Se se fizer distinção entre as três aspiradas arábicas (*h*, *ḥ* e *ḫ*, por exemplo, a representarem ح, خ e ه respectivamente) para se obter uma transcrição científica, teremos

lā ilaḫ lā 'llah muḥammad reçūl allaḫ.

Antes de entrar no estudo das aspiradas, devo comentar duas particularidades da transcrição de Mendes Pinto: as representações *Muhamed* e *roçol*.

Muhamed. É o nome do profeta. Formou-se do verbo حمد (*hamada*), *louvar*. Na 2.ª forma significa *louvar Deus*, principalmente quando se diz الحمد لله (*al-ḥamd ilah*).

Do mesmo radical são os nomes *Mahamude* e *Mafamude* (de محمود, *mahamūd*) e *Amede* (de احمد, *ahmed*).

[1] Trad. muito feliz do Dr. David Lopes.

A forma arábica do nome do profeta é محمّد (*muhammad*). A penúltima sílaba tem pois uma consoante dupla, que na *Peregrinação* aparece simplificada, talvez porque o ouvido do autor não conseguiu captar essa pequena particularidade fonética.

Como veremos, o mesmo sucedeu com a palavra اللّه (*allaḥ*) que devia ter dois *ll* e na transcrição quinhentista uma vez é *lah* e outra *halah*.

Roçol é a palavra رسول, que significa *enviado, mensageiro, apóstolo*. A transcrição da forma clássica é *raçūl*, mas a língua vulgar ao encontrar na mesma palavra duas sílabas vizinhas, sendo uma breve e outra longa, faz desaparecer a vogal da primeira. É devido a esta particularidade que كبير (*kabīr*) e صغير (*çagīr*) deram respectivamente em português *Quebir*[1] (*Alcácer—*) e *Ceguer* (*Alcácer—*) em vez de *Cabir* e *Saguir* (=*çaguir*).

Usa-se muito em nomes próprios o adjectivo كريم, nobre. A transcrição do árabe clássico é *Karīme;* ninguém diz assim, mas *Krim;* como tal, veja-se o nome do célebre caudilho rifenho Abd-el-Krim[2].

Pela mesma razão رسول é pronunciado vulgarmente *rçūl*, mas *rçūl* não é *roçol*, como traz Mendes Pinto. Eu julgo que *o* da primeira sílaba é devido a um caso de assimilação.

*

Estudemos agora a transcrição das aspiradas feita por F. Mendes Pinto.

As aspiradas da frase são o s e o ح. Da primeira temos três exemplos (الـ e اللّه, esta duas vezes); da segunda um (محمّد).

O que logo nos salta à vista é a unificação sistemática de equivalências das aspiradas: tôdas nos aparecem representadas por *hh*, que por tal sinal são em excesso, embora eu tenha, como veremos, uma explicação para êsse facto.

A seguir essa unificação, a equivalência da frase arábica seria:

lā ilah illā 'llah muhammad reçūl allah.

Comparemo-la com a do viajante português que é:

lah hilah hilah lah Muhamed roçol halah.

Porquê tantos *hh?*

¿Haverá porventura alguma razão que os possa justificar?

---

[1] Ou *Quibir*, por assimilação.

[2] A forma portuguesa deve ser Abde Alerime.

Julgo que sim.

Mendes Pinto possìvelmente conheceria mal (se conhecesse) a língua arábica. Na frase que transcreveu não devia saber o significado de cada uma das palavras que a compõem. Por isso não admira que, dada a semelhança fonética de grande número delas, lhe parecessem iguais, ou, pelo menos, muito semelhantes.

Eis, para mim, a razão que explica o facto de a primeira e a quarta aparecerem representadas de igual forma, embora não sejam na verdade a mesma.

Caso idêntico se observa com a segunda e a terceira.

A quarta e a sétima, por sua vez, surgem-nos muito diferentes, quando afinal não passam de representantes de uma só (اللّٰه, *allah*, Deus).

Tudo isto, à primeira vista, parece complicar o problema.

Ora, na minha opinião, sucede precisamente o contrário. Êste aparente excesso de *hh* e a não menos aparente desigualdade na transcrição é, tudo devido à mesma razão: Fernão Mendes Pinto representou *a frase tal como a ouviu*, embora não compreendesse a significação de cada uma das suas partes. A frase, reproduzida tal como êle a ouviu, apresentava-lhe gràficamente alguns desequilíbrios que o levaram a uniformizá-la; por isso, embora nada exista entre elas, a segunda palavra é *hĭlah* porque, para êle, a terceira também o é; o mesmo sucedeu com a primeira (*lah*) em relação à quarta.

Além disso Mendes Pinto não distinguia na articulação da frase o fim duma palavra do princípio da seguinte. Deve procurar-se neste facto a explicação de a terceira palavra começar indevidamente por *h*. Êste sinal de aspiração não existe no princípio da palavra arábica que lhe corresponde (الٰ, *ilā*), mas sim no fim da anterior (*ilaḥ*). Da articulação rápida das duas (*ilaḥ ilā*) resultou um hipotético todo fonético (*ilahilā*) que o viajante português separou mal (*ila ḥilā*).

Ila, por sua vez, tomou o *h* inicial por analogia com a seguinte.

Esta palavra tinha a seguir اللّٰه (*allaḥ*) que começa pela mesma vogal com que aquela termina, daí uma fácil elisão: *hĭlā* + *allaḥ* > *hĭlāllah*, que foi entendido assim: *hĭlā llah*, mas que na transcrição do autor quinhentista é *hĭlah lah*. O *h* final da primeira destas deve-se à segunda reduzida a *lah*, mas que no fim da frase aparece completa sob a forma *halah*.

Nesta só o que há a considerar como estranho é o sinal de aspiração inicial. Mendes Pinto tê-lo-ia talvez empregado por julgar a primeira sílaba em circunstâncias idênticas às dos dois casos de *hĭlah*.

Foi a quarta palavra (*lah*, redução de *allah*) que determinou a grafia da primeira que, conforme disse, nada tem que ver com ela quanto à significação.

É interessante frisar que no passo mais acima apresentado da *Expugnatione Scalabis*, o *s* também vem transcrito por *h* na palavra *manhu*, tal como no de Azurara na palavra *ahudes*.

Para justificar ainda mais o aparecimento de muitos *hh* finais à primeira vista despropositadamente, considere-se ainda o facto de êles auxiliarem de certo modo a ortoepia dos vocábulos em questão.

Como disse, a quarta palavra e a última, embora não o pareçam, são a mesma (الله, *allah*). Nelas deve-se observar a mesma particularidade do nome do profeta também na transcrição de Mendes Pinto: as consoantes geminadas aparecem simplificadas.

*

Considero de grande importância os estudos das transcrições realizadas pelos nossos antigos escritores de palavras ou frases de línguas estrangeiras. À medida que êles forem aparecendo poder-se-á caminhar com maior segurança para um melhor conhecimento do estado fonético da língua portuguesa em determinada época e portanto da sua fonética histórica.

As línguas que serão postas em confronto também nada poderão perder, antes, pelo contrário, gozarão das mesmas vantagens que a nossa com tais estudos.

Para a questão arábica acresce ainda a forte circunstância de não haver ainda um sistema de transcrição racional baseado em boas investigações.

Julgo que para tudo isso de alguma cousa servirão as notas que acabo de apresentar.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

Uma tradução portuguesa desconhecida do tratado de cetraria do rei Dancus

Conserva-se no Museu Britânico de Londres um códice português do século XVI, ms. Sloane 821, que contém muito mais do que indica o catálogo, que menciona só três tratados: 1/ *Livro de Citraria* de João da Costa, fl. 5 *v*–45; 2/ *Livro de Citraria* de Francisco de Mendanha, fl. 46–72 *v*; 3/ *Livro de Citraria* do ano 1566, fl. 73–131. O catálogo não faz menção de que o *Livro de Citraria* de João da Costa se compõe de seis livros, coligidos a instâncias do bispo D. João da Costa, morto em 1473[1]:

1. O primeiro que fez Pero Menino, fl. 5 *v*–20.
2. O segundo fez Enrrique, Emperador d'Alemanha, fl. 21–28 *v*.
3. O terceiro de *citraria e falcoaria velha*, fl. 29–32 *v*.
4. O quarto, quinto e sexto fez o muito nobre Rei Dancos, que foi o maior cacador que ouue no mundo, fl. 33 *v*–45.

Observei pela primeira vez o códice há já muitos anos, quando estava preparando a minha edição dos *Livres du Roy Modus et de la Royne Ratio*. Esta edição e outras obras filológicas retardaram a realização do meu projecto de editar dentro de pouco tempo os tratados mais interessantes do códice.

Entretanto o Professor Rodrigues Lapa publicou o *Livro de Falcoaria* de Pero Menino, edição baseada em três manuscritos: 1/ o ms. 2294 da Biblioteca Nacional de Lisboa, publicado antes por Gabriel Pereira; 2/ o ms. Pomb. 518 da Biblioteca Nacional de Lisboa, descoberto por Lapa; 3/ a cópia muito abreviada que oferece o ms. Sloane 821. O Sr. Lapa dá uma descrição detalhada do ms. Sloane 821, indicando o grande interêsse do códice e dos seus vários tratados.

---

[1] Veja-se Rodrigues Lapa, *Livro de Falcoaria* de Pero Menino, Coimbra, 1931, p. XIX.

No artigo *Acerca del Livro de falcoaria de Pero Menino*, publicado na *Revista de filologia española*, XXIII, 255–274, estudo com pormenor alguns tratados do códice Sloane 821. Mostro que o *Livro de cetraria* feito por Francisco de Mendanha é pouco mais que uma redacção do século XVI do tratado de Pero Menino, pp. 258–260, que o tratado de Enrrique, Emperador d'Alemanha, deriva da mesma fonte que o poema provençal *Lo romans dels Auzels Cassadors* de Daude de Pradas, p. 264, e que a *Cetraria* atribuída no códice Sloane 821 ao enigmático rei Dancus tem pouco mais dêste tratado que o nome (pp. 260–261). A atribuïção dêste tratado ao rei Dancus é uma falsificação. O redactor do tratado queria dar mais autoridade à sua obra atribuindo-a ao célebre cetreiro da Idade Média, como fizeram os redactores de dois tratados italianos: *Scritture antiche toscane di falconeria*, publicadas por Al. Mortara, Prato, 1851; *Libro delle nature degli uccelli*, publicado por Fr. Zambrini na *Scelta di curiosità letterarie inedite o rare*, 140, Bologna, 1874–1875.

É, porém, curioso que outro tratado dos que estão conservados no ms. Sloane 821 contenha uma tradução portuguesa do antigo livro de cetraria do rei Dancus; é a *Citraria e Falcoaria Velha*, composta de dezassete capítulos, dos quais quinze (capítulos 1–7, 10–17) provêm de Dancus. Os capítulos 1, 6, 7, 10, 17 acham-se demais num tratado em parte inédito conservado no códice latino VII, XXIV, da Biblioteca di San Marco em Veneza, que data do século XIII[1]. Ignoro as fontes dos outros dois capítulos.

Do tratado latino de Dancus, o mais antigo livro de cetraria do Ocidente, existem manuscritos em Florença, Milão, Alresford e Paris. Neste estudo cito a miúdo o texto do ms. 7020 da Biblioteca Nacional de Paris, do qual tenho fotocópias. Uma velha tradução italiana de Dancus foi publicada por Antonio Ceruti, *Trattato di falconeria*, no *Propugnatore*, II, 2, 1869–1870, pp. 221–273, uma tradução francesa do século XIII por H. Martin-Dairvault, *Le livre du roi Dancus, texte français inédit du XIII^e siècle, suivi d'un Traité de fauconnerie également inédit d'après Albert le Grand, Cabinet de vénerie*, VI, Paris, 1883.

[1] Algumas das receitas dêste tratado foram publicadas na edição de Alberto Magno impressa ao fim do tratado do Emperador Federico II: *Reliqua librorum Friderici II. imperatoris, De arte venandi cum avibus*, Augustae Vindelicorum, 1596, pp. 392–396, onde se atribuem aos falcoeiros do imperador Federico II: De curis autem falconum aliter quidam, dicta falconariorum Frederici Imperatoris sequentes, determinaverunt sic: Si caput falconis purgandum est, tolle picem mundissimam, etc., p. 392.

Alberto Magno tirou da obra do rei Dancus vários capítulos do seu tratado de cetraria *De animalibus*, cuja tradução francesa publicou Martin-Dairvault no mesmo volume do *Cabinet de vénerie* que contém a tradução francesa de Dancus. Teòricamente Alberto Magno pode ser a fonte da *Citraria e Falcoaria Velha;* não é, porém, provável, pois muitas receitas de Dancus têm outra redacção na obra de Alberto Magno.

Eis aqui a correspondência entre a *Citraria e Falcoaria Velha,* Dancus it[aliano], Dancus fr[ancês], Alberto Magno e o tratado inédito de Veneza:

Capítulo 1 — Dancus it., XVI; Veneza, fl. 80b-c; Daude, 1611-1636 (veja-se Lapa, pp. XXIII-XXV).

Capítulo 2 — Dancus fr., p. 5_{13-21}, it. XXXVII; Alb. M., p. 68_{15-22}.

Capítulo 3 — Dancus fr., p. 5_{1-5}, it. XXXV; Alb. M., pp. 67_{23}–68_2.

Capítulo 4 — Dancus fr., p. 16_{9-18}, it. LI; Alb. M., pp. 73_{20}–74_4.

Capítulo 5 — Dancus fr., p. 5_{6-12}, it. XXXVI; Alb. M., p. 68_{9-15}.

Capítulo 6 — Veneza, fl. 80c; Daude, 2560–2594 (veja-se Lapa, pp. XXV–XXVII), Dancus latino, Milão, Bibl. Ambrosiana, fl. 70–70 c.

Capítulo 7 — Veneza, fl. 80d, Dancus latino, Milão, fl. 70 c.

Capítulo 8 — ?

Capítulo 9 — ?

Capítulo 10 — Dancus it. XX; Veneza, fl. 81a; Federico II (Alb. M., pp. 75–76).

Capítulo 11 — Dancus fr., pp. 5_{22}–6_4, it. XXXVIII; Alb. M., p. 69_{2-7}.

Capítulo 12 — Dancus fr., pp. 6_{21}–7_9, it. XLI; Alb. M., p. 69_{11-20}.

Capítulo 13 — Dancus fr., p. 8_{12-19}, it. XLVI; Alb. M., p. 71_{9-11}.

Capítulo 14 — Dancus fr., p. 12_{16-22}, it. XXVI; Alb. M., p. 72_{1-5}.

Capítulo 15 — Dancus fr., pp. 7_{17}–8_2, it. XLIV; Alb. M., p. 70_{4-12}; Veneza, fl. 81b.

Capítulo 16 — Dancus fr., pp. 11_{18}–12_4, it. IX.

Capítulo 17 — Dancus it. XXXIII; Veneza, fl. 81c; Federico II (Alb. M., p. 77).

A cópia do códice Sloane 821 oferece dos capítulos de Dancus só as partes terapêuticas, suprimindo, como na cópia de Pero Menino, a descrição das doenças.

Língua do documento

Fonética

Observa-se *i* por *e* átono: *piqueno* XV, 6 (ao lado de *pequeno* IX, 3), *cilidonia* I, 10, *olio* XIIII, 3 (ao lado de *oleo* V, 4, VII, 5), *miudo*

I, 6, VII, 11 (ao lado de *meudo* X, 15), *inchados* XIIII, 2 (ao lado de *enche* VII, 5, em posição tónica).

Há *u* por *o* átono em *culherada* X, 7, *descuberto* VIII, 7.

O *e* labializou-se sob a influência dum *m* em *somana* X, 14.

Ao lado da forma normal *pera* há um exemplo de *para* XV, 2.

Note-se *antre* I, 11, ao lado de *entre* em todos os outros casos.

Morfologia

Substantivos. — Ao lado de *lardo* VI, 4, X, 13, há a forma excepcional *alardo* III, 3. Referindo-se à ave usa-se o singular *peito* VI, 2, o plural *peitos* VI, 9.

Artigo. — O partitivo usa-se algumas vezes: *do sangue* IV, 5, *das galinhas* VI, 12, *do porco* VII, 11, *desse po* VIII, 5, *do ouro* X, 3, *de mirra* X, 7, *della* XII, 6. — Ao lado dos exemplos isolados *em o morteiro* II, 4, *em os dias* VII, 10, *em outro dia* III, 4, encontram-se sempre as formas *no padar* I, 4, 6, *no vinho* VI, 8, *na carne* VI, 4, *nos narizes* I, 7, etc.

Pronomes relativos. — Constroi-se *a dor que chamã* III, 2, IIII, 2, *a dor a que chamã* V, 2.

Pronomes indefinidos. — Usa-se a forma neutral *al* VI, 7. *Todo* se pospõe em *a agoa toda* II, 6. *Toda a dor* significa «cada doença» VII, 15. *Outro* usa-se pleonàsticamente VII, 7; veja-se a minha edição dos *Fueros de Aragón*, Lund, 1937, p. LVII, nota 1.

Verbo. — Na terceira pessoa do presente do verbo *ir* emprega-se *uai* IV, 4, *uà* IV, 5.

Pronomes pessoais. — Observa-se a intercalação da negação *não* e do advérbio *mais* entre o verbo e o régime pronominal, que se apoia enclíticamente na palavra precedente: *se o nam regeita*, XIII, 4, *se se mais derrama*, VII, 14; veja-se a minha edição dos *Fueros de Aragón*, Lund, 1937, p. LXXIII, nota 1.

Ortografia

O copista emprega *c* por *ç* diante de *a*, *o*, *u*: *cabeca* I, 2, VI, 10, *acor* I, 2, 4, II, 2, VII, 2, 6, *forca* IX, 4, *cumo* X, 6, *peca* VI, 4, *faca* I, 5, *lanca* II, 3, 5, etc. É excepcional a notação *açor* XV, 2.

O *s* sonoro escreve-se *piza* VIII, 3, ao lado de *pisa* I, 5, XVII, 3.

Algumas vezes usa-se *y* por *i*: *tynha* X, 4 (ao lado de *tinha* X, 2), *saya* (de *sair*) V, 4.

Observem-se as notações *tomà* XII, 4, *talhà* IV, 5 (ao lado de *aquentaa* IV, 6, V, 3). O copista escreve *alôe* III, 4, XIV, 4, *uà* (de *ir*) IV, 5, *uè* IX, 6, *esfregà* I, 4, *destemperà* X, 12, *pò* (veja-se o *Gloss.*), *às* XVI, 5, *estè* X, 8, etc.

[*Fl. 29*]

Citraria e falcoaria velha

CAPITOLO PRIMEIRO DA CITRARIA

Pera curar a dor da cabeca do acor

Toma o pez mui limpo, tamanho como faua, e aquentao com os dedos ao fogo e põe o no padar do acor. Esfregào tanto ate *que* se tenha e filha tres grãos de pimenta alua e pisa tudo ate *que* se faca bem miudo e põe o sobre o pez no padar, e aquillo *que* ay ficar, lancalho nos narizes, e não lho deites senão quando fezer bom sol quête. E leixao ay estar ate que todos os humores da cabeca e freima [*fl. 29, v.*] per scuma sejão purgados, e dalho pouca cea aquelle dia. E toma o mel e a manteiga uelha e a cilidonia, tanto de hũ como do outro, e faze pò e dalho antre a carne quando comer, e seja bõa carne. E se Deos quiser sarara.

CAPITOLO II

Do ajoujar do acor

Pera o curares desta dor, de *que* lanca agoa pellos narizes, toma tres grãos de pimenta e tres de fau[ar]as e pisaas mui bem ẽm o morteiro d'arame e destemperaos cõ uinagre forte e lãcalha pellas uentãs e põe o ao sol. E depois *que* lancar a agoa toda fora, dalhe de hũa frangam ou frangão a mesura. E sera são se Deos quiser.

CAPITOLO III

Pera curar a dor que chamã fortim

Toma o alardo do porco e a pimenta e mestura tudo e dalho a comer, e em outro dia dalhe o alôe è carne de galinha quente. E sarara se *Deos* quiser.

III — 2 fortim] *o ms.* foitim.

CAPITOLO IIII

Pera curar a dor que chamã fistola

Depenalhe a cabeca arredor e untalha cõ hũa enxũda de porco e cõ manteiga, e acharlheas hũa uea que lhe uaj contra os olhos, e talhà de maneira *que* se lhe uà do sangue [*fl. 30*]. E toma hũa agulha de latão e aquentaa e queimalha cõ ella, e toma a mãteiga e untalha cada dia. E sera logo são se *Deos* quiser. E tem o ẽ lugar bem quente.

CAPITOLO V

Pera curar a dor a que chamã agro

Toma agulha do aceiro e aquentaa ao fogo e furalhe os narizes com ella e saya do outro cabo. E untao depois cõ oleo de oliuas ou cõ manteiga onde estam as queixadas. E sera são se deos quiser.

CAPITOLO VI

Pera curar a dor do peito

Toma ouro pimenta cõ dous grãos de pimenta e faze pò e dalho a comer na carne quente, e toma tres pecas de lardo de bom porco e meteas em bom mel e toma a limadura do ferro bem moido e lancalha per cima, se o quiser comer, senão metelho na garganta. E faze isto per tres dias, e não lhe des al a comer. Ao quarto dia dalhe carne de porco fresca e tenrra, molhada no uinho branco, aquentalhe os peitos ao fogo, e des *que* for bem quẽte, metelhe [*fl. 30, v.*] a cabeca no leite. E a cabo de tres dias dalhe outro tal a comer, e tem o na mão *que* não rejeite o *que* comer, e depois dalhe as pombas quentes e das galinhas gordas. E sera logo são, *Deos* querendo.

CAPITOLO VII

Pera curar lombrigas ao acor, falcão ou gauião

Toma o frangão e lauao bem com agoa e dalho a comer, e fazelhe follezinhos e dalho[s] por medida tamanhos como a metade

VI — 10 dalhe *repetido*.

do teu dedo pollegar, e encheos d'olleo d'oliuas bem luzente; e liando de ambas as partes cõ fio bem rijo, meteo na boca ao acor assi como outra purga. E day ao outro dia toma o ouro, e rapao cõ um cuitello, e o esterco das passaras e faze pos mais sotis *que* puderes e dalhe a comer em carne de galinha quente. E fazeo logo são. Em os dias dalhe a limadura do ferro bem moido com carne quente, e dalhe do porco bem miudo cõ galinhato quente, e sarara. E toma ainda o ouo cõ leite quente das cabras e fazeo feruer em hũa sartã lĩpa, e seja sem fumo, e ferua ate *que* seja duro, e dalho duas ou tres uezes a comer se se mais derrama ou queixa. Isto ual muito pera toda a dor [*ff. 31*].

CAPITOLO VIII

Da dor da pedra

Toma o oleo patico e um grão de faparraz e piza tudo, e o oleo patico seja tres tanto *que* o faparraz, e toma a perna da galinha e lancalhe desse pò, e untaloas prim*eiro* no azeite das oliuas. E dao a comer a aue tres dias ate *que* uejas o esterco della, o negro por si so e branco por si, descuberto e não dessolto. E crese *que* esta pedra crèsce e mingoa segundo o curso da lũa.

CAPITOLO IX

Pera curar a aue que come sobre o rejeito

Toma a mãteiga e as pedras pequenas como fauas enuoltas cõ manteiga, se as quiser comer, senão metelhas pela boca por forca. E o dia *que* lhas deres, não lhe des de comer ate depois de uesperas; ẽtão dalhe bõa galinha cõ tres regeitos, e uè os regeitos se sam espurgados ou não quando fezer. E não lhe des de comer ate *que* lance as pedras.

CAPITOLO X

Pera curar a tinha da aue [*ff. 31, c*]

Toma o balsamo e do ouro e mete nos furados donde cairem as penas da aue, e tem por certo *que* morrera a tynha e nacerã as

VII—8 sotis] *o ms.* sotil—12 cabras] *o ms.* cabias.—VIII—4 tres] *o ms.* tros.—IX—3 *a* mãteiga *segue e* rua *borrado.*—X—3 ouro] *o ms.* ouuro, *compare-se nota* x, 3.

penas nouas e bõas. Item, para esta dor toma acafrão do oriẽte e o cumo do esterco das adẽs resẽte e coado por pano de linho, tres culheradas de uinagre, de mirra forte, e mestura todas estas cousas em hũ uaso de corno ou de uidro; e estè ay tanto ate *que* seja [espesso], day metelho nas feridas, donde sayrã as penas, per tres uezes cõ uinagre forte. Item, toma a[s] sammisugas e põe as sobre telhas quentes e queimarseã; e toma o pò dellas e uinagre bem forte, e seja espesso, e destemperà o pò cõ elle e metelho nos furados, e ũta a tinha e as penas cõ o lardo do porco. E aquella cõfeicão faze duas uezes na somana ate *que* nacam as penas nouas. E toma sedas de cauallo e fazeas bem meudas, e dalhas na carne a comer, e dalhe a limadura do ferro a comer na carne, e são lhe bõas. Item, po [de] piroto e o funcho e uinagre e destemperado tudo, ũtalhe a tinha, e faze isto per tres uezes. E sarara cedo, Deos querendo.

CAPITOLO XI

Pera curar a dor artetica

Depenalhe o collo e tiralhe o sangue da uea organil e dalhe a comer a rã. E se uiros *que* tolhe, [è são], [*fl. 32*].

CAPITOLO XII

Pera curar a gota

Toma a cobra negra, e cortalhe hũ palmo da cabeca e outro do rabo, e tomà e ferua ẽ panella noua e toma a grossura *que* lanca e dalha a comer na carne do cabrão *per* oito dias. Depois toma leitoa depenada ẽ agoa e dalhe della a comer.

CAPITOLO XIII

Pera curar a dor da pedra que nam è nos lombos

Toma [girofes] e faze pò e meteo de sũ e dalhe a comer do frangão, e se o nam regeita, è logo são. E se não poder a pedra

X — 9 *para* espesso, *que falta, veja-se nota* x, 9 — 17 *para a preposição* de, *que falta, veja-se nota* x, 17 — 18 *o ms.* farara. — XI — 3 organil] *o ms.* organil — 4 que tolhe è são] *o ms.* que seja tolhe, *veja-se nota* xi, 4. — XIII — 3 *para* girofes, *que falta, veja-se nota* xiii, 3.

tolher logo no fundamento, dalhe o coracão do porco e a pasarinha; e dàlho per tres dias, e logo sarara se Deos quiser.

CAPITOLO XIIII

Dos pes inchados

Pera curar esta dor toma a manteiga e o olio das oliuas e o alôe, tanto de hũ como do outro, e põe o falcão ao sol e untalhe os pes ate tres dias, e dalhe a comer carne de gato. E logo sera são se Deos quiser. E isto è esprementado.

CAPITOLO XV

Para curar os piolhos do açor [*fl.* 32, *c.*]

Toma o argem uiuo e o teu cuspinho e a pimẽta e a cinza e mete tudo de sum ate *que* moira o argẽ uiuo, e filha a enxunda uelha e meixe tudo isto. E depenalhe a cabeca ẽcima hũ pouco e ũtalha cõ estas cõfeicões, e day toma hũ fio de lam e hũ piqueno de pano e põe lho na gargãta. E morrerã todos os piolhos.

CAPITOLO XVI

Da conhecenca do falcão

Pera o conheceres de linagẽ, catalhe *que* tenha a cabeca bem cham e o rosto gordo e barbudo e as faces negras e o collo longo e as espadoas anchas e descarregadas e as às delgadas e sotis e as couxas longas e as canas das pernas curtas e a palma do pe ancha e delgada e os dedos longos e delgados, e serão os dedos arredados como ẽ cruz.

CAPITOLO XVII

Pera quando fugir o acor e attender ao homẽ

Toma aipo, mentha negra e o perrexil e pisa tudo de cõsum e dalho cõ a carne quẽte. E è mui bom.

XVII — 3 mentha] *o ms.* mãteiga, *êrro por* mentha, *veja-se nota* XVII, 3.

Notas

I — Compare-se o texto da versão latina do códice veneziano: Tolle picem mondissimam ad molum fabe, digitisque calefac ad ignem et sic inpone palato tam diu frigando quam diu ibi inhereat, deinde accipe III staphisagrie gra[na], albique piperis grana III et tere dum subtilissimum puluerem faciat et super pice palato inherente pone; quod inde remanserit in illius nares mittere. Post hec ubi sol bene caluerit illum pone et tam diu permanere dimitte quousque omnis malitia sui capitis fleumaque se per spumam expurget sicque per duas horas diei illum pasce carne; mel vetus, butirum, cilidoniam equali pondere factum pulverem in carne calida sibi tribue. Hec est ad pelatum (*sic*) restringendum, fol. 80b-c (impresso na edição de Alberto Magno de 1596, p. 392).

II, 4. Para a correcção *fauaras*, compare-se: tre granella di *strafisagria*, tradução italiana, XXXVII, prenez *staphisagriam*, tradução francesa, p. 5_{16}.

II, 4-5. *Pisaas... lãcalha*, os pronomes *as* e *a* ilógicos por *os* e *o*.

IV, 6-7. *Queimalha... untalha* (a nea).

V, 4. *Saya (a agulha) do outro cabo*, compare-se: mettela per le nare tanto che *passi da l'altra parte*, trad. it., XXXVI, et pran une aguille et la boute es narilles que ele *isse de l'autre part*, trad. fr., p. 16.

V, 5. *Onde estam os queixadas*, adição do texto português.

VI, 2. *Pera curar a dor do peito*. Do texto do códice veneziano pode-se inferir que se trata de dor do peito causada por golpes ou choques: Si se *pulsum* demostrat, auripimenti trieti uncia una, piperis grana IX, etc., códice veneziano, fol. 80c (impresso na edição de Alberto Magno de 1596, p. 393).

VII, 7. Toma o *ouro*, o ms. veneziano diz: tolle *eboris*que rasure, fol. 80 d sumatur rasura *eboris*, edição de Alberto Magno de 1596, p. 393.

X, 3. *Do ouro*, o ms. dá *do ouuro*, palavra que falta no texto latino do ms. veneziano, que oferece: Tinee quidem si pennas edunt, balsamum *purum* (o ms. *parum*) in foramina unde penne ceciderint mitte, fol. 81 a. É evidente que a palavra latina *purum* foi mal transcrita *aurum* por algum copista ou pelo tradutor. Compare-se: prende di *fino* basmem, trad. it., XX, met du basme *pur*, trad. fr. de Alberto Magno, p. 75.

X, 9. A palavra *espesso*, que falta, está na tradução italiana: tanto che divegna *spessa*, XX. Compare-se: et soit tout *espessie*, trad. fr. de Alberto Magno, p. 75, ad *pissitudinem* ducans, ms. veneziano, fol. 81 a.

X, 17. *Po de piroto*, compare-se a tradução italiana: Ancora prende di polvere di *piratro* bene meschiata con buono vino agro, XX. Item *piretri* pulverem cum rafani succo et forti aceto distempera, et tineas inde p[er]junge et sanabitur, edição de Alberto Magno de 1596, p. 394. *Piretri* pulverem, ms. veneziano, fol. 81 a.

XI, 4. O ms. oferece erròneamente *se uires que seja tolhe*. Para a correcção *se uires que tolhe, é são*, compare-se o texto latino de *Dancus: si vides quod digerat, sanus est*, ms. 7020 da Biblioteca Nacional de Paris, fl. 40 v. A tradução italiana oferece: *se la patisce, fie sano*, XXXVIII, a tradução francesa: *se tu voiz quod digerat, il est sains*, p. 6.

XIII, 3. A palavra *girofes*, que falta, está nas traduções francesas de *Dancus* e de Alberto Magno: pran la passe (o pardal) et *girofles*, Dancus, p. 8, fay poul-

dre de *garioñles*, soit espandue sur char de moisson, trad. fr. de Alberto Magno, p. 71.

XVI, 3. *A cabeça chaa.* Há uma lacuna no texto, comparese: respice si habent caput rotundum et summitatem eius planam, *Dancus*, ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris, fl. 42 c.; guarda se ae lo capo rotondo e la sommitate piana, trad. it., IX, resgarde se il a le chief raont et le sommet dou chief plain, trad. fr., p. 11.

XVI, 7. *E serão os dedos arrelados como è cruz* «os dedos devem estar dispostos em forma de cruz, devem ter a forma duma cruz».

XVII, 2. A rubrica *Pera quando fugir o aver e attender ao homẽ*, quer dizer «se o açor foge, o que se deve fazer para que espere ao homem». Na mesma situação o tratado de falcoaria do ms. 867 de Lyão diz: Se il ne vous veut *atendre*, fl. 222 b.

XVII, 3. *Mãtciga negra* é um êrro por *mentha negra*, que oferece o ms. veneziano: accipe apium, *mentastri nigrum*, petrossilum insimul, fl. 81 c. Comparese: prende delli appii, de' petresemoli, *della menta*, e tutta insieme..., trad. it., XXXIII, pile ensemble de l'aelae, *de la mente noire* et du pereil, trad. fr. de Alberto Magno, p. 77. *Mentha nigra* é outro nome medieval da *Mentha crispa*, que se chamava *swartz Mintzen* na lingua alemã da idade média; veja-se Hermann Fischer, *Mittelalterliche Pflanzenkunde*, München, 1929, p. 275.

Glossário

açafrão do oriente sb. X, 5, «açafrão».

agro sb. V, 2, «inflammação na cabeça da ave». Compare-se: Quando falco aperit rostrum et batit flancos, scias quod habet *agrum*. *Dancus*, ms. latino da Biblioteca Ambrosiana de Milão, fl. 65, *r*. Quando vedi che l'oceello apre lo becco e la gola e batte li fianchi e le ale, dei sapere ch'ae lo male che si chiama *agro*, trad. it., XXXVI. Quant vos veez que il oevre la bouche et li flanc li batent, sachiez que il a *agram*, trad. fr., p. 5. Item, quant il euvre le bec en baillant et se extendant, et frape son pié o le bec, ou le bec o le pié, *c'est signe qu'il a mauvaise humeur en la teste*, trad. fr. de Alberto Magno, p. 68. Compare-se *Romania*, LVIII, 424, nota 2.

ajoujar sb. II, 2, «resfriamento da ave». Compare-se: Quando vides quod sternutat et proicit per nares, scias quod *rigatus* fuit, *Dancus*, ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris, fl. 40, *c*. Quant vos veez que il estarnue et giete l'iaue par les narilles, sachiez que il fu *enfroidiz* (impresso *enroidiz*), trad. fr., p. 5. Quando tu vedi che l'uccello stranuta e gitta acqua per le nare, dei conoscere ch'elli ee *infreddato*, trad. it., XXXVII. Item, quant il esternue et gete eau par les naez, est signe qu'il *a le cervel trop moyte*, trad. fr. de Alberto Magno, p. 68. — Compare-se nos

dialectos *ajonjado* «adoentado», *Revista Lusitana*, XIX, 181, XX, 138.

al pronome indefinido VI, 7, «outra cousa».

alardo sb. III, 3, ao lado de *lardo* VI, 4, X, 13, «lardo».

alôe sb. masc. III, 4, XIII, 4, «aloe».

argem vivo sb. XV, 3, 4, «azougue, mercúrio».

arredor adv. IIII, 3, «ao redor».

artetico adj., *dor artetica* XI, 2, «gotta da ave». Compare-se: Quando vides collum inflatum, scias quod *artetica* est, *Dancus*, ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris, fl. 40, *r*. Quando lo falcone o l'uccello ae infiato lo collo, dei conoscere e sapere per verità che ae *gotta artetica*, trad. it., XXXVIII. Quant tu voiz le col anflé, saches que il est *artetiques* (impresso *arretiques*), trad. fr., p. 5. Item, quant il a le col infaict, c'est signe de goulte bien chaude qui se espant sur et par le col, trad. fr. de Alberto Magno, pp. 68–69.

às plur. sb. XVI, 5, «asas».

attender a XVII, 2, «esperar, aguardar». Veja-se nota XVII, 2.

ay adv. I, 6, 8, X, 8, «ai».

azeite das oliuas sb. VIII, 5, «azeite». compare-se *oleo de oliuas*.

barbudo adj. XVI, 4, referindo-se à ave de rapina que tem debaixo do bico algumas pequenas plumas que parecem pêlos e que os cetreiros chamavam barba; compare-se a minha edição dos *Livres du Roy Modus et de la Royne Ratio*, I, p. 346, nota 90,6.

cana sb. XVI, 6, «perna da ave». Tibiam curtam, *Dancus*, ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris, fl. 43.

carne de gato sb. XIIII, 5, empregada na medicina.

cea sb. I, 9, «a comida que se dá à ave à tarde».

certo adj., veja-se *ter*.

cilidonia sb. I, 10, «celidónia» (*Chelidonium majus*).

cima, per cima adv. VI, 6, «por cima».

cobra negra XII, 3, «vibora». Accipe *serpentem nigrum*, *Dancus*, ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris, fl. 41. Prende uno *serpente nero*, trad. it., XLI. Pran adonc le *serpent noir*, trad. fr., p. 7. Soit prins *ung serpent noir nommé tyrus*, trad. fr. de Alberto Magno, p. 69. «Avicenne décrit la vipère, et sa description est identique à celle du *tyrus*. La vipère est le même animal que le tyrus, d'après Andromaque et Halliobas», *Luminare majus*, citado por H. Martin-Dairvault na página 103 da sua edição da tradução francesa de *Dancus*.

cõsum, de cõsum adv. XVII, 3, «juntamente». *Insimul* tere, ms. veneziano, fl. 81 c.

couxa sb. XVI, 6, «coxa da ave». *Cossas longas. Dancus*, ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris, fl. 43.

culherada sb. X, 7 = *colherada*, veja-se p. 3.

cumo sb. X, 6 = **çumo** «sumo», veja-se p. 4.

day adv. VII, 7, X, 9, XV, 6, «depois».

dedo sb. XVI, 7, referindo-se à ave.

depenar tr. IIII, 3, XI, 3, XV, 5, «desplumar», XII, 6, «pelar». Em todos estes casos o ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris oferece *depilare*.

derramarse refl. VII, 14, «esforçarse para voar da aleândara ou da mão, bater as asas».

descarregado adj. XVI, 5, referindo-se aos ombros da ave que não são pesados; compare-se em francês *déchargé d'épaule*, E. Littré, *Dictionnaire de la langue française*, art. *déchargé*, com o mesmo sentido. Há outro exemplo de *descarregado* em Diogo Fernandes Ferreira, *Arte da caça de altaneria:* e o buscará (o gerifalte) pelas feições, que seja *descarregado das costas*, e que tenha bom rosto, e o sobre-bico grosso, e boas coxas, bons sancos, etc., edição de 1899, I, p. 112.

descuberto adj. VIII, 7, «descoberto».

dessolto particípio de *dessolver* VIII, 7, «dissolvido».

enxunda sb. XV, 4, *enxũda* IIII, 3, «enxúndia».

esfregar tr. I, 4, «esfregar».

espadoa sb. XVI, 5, «ombro da ave».

esprementar tr. XIIII, 6, «experimentar, provar».

espurgado adj. IX, 7, «limpo, sem mucosidades».

esterco das passaras VII, 8, **esterco das adẽs** X, 6, os excrementos dos pardais e das adens empregados na medicina.

faces plur. fem. XVI, 4, referindo-se à ave de rapina. As partes laterais da cabeça do falcão, atrás do bico e debaixo dos olhos, são negras; vejam-se os excelentes desenhos em Fr. H. Salvin, W. Brodrick, *Falconry in the British Isles*, London 1873, figuras 1, 2, 3, 4.

faparraz sb. VIII, 3, 4, **fauaras** II, 4, «estaphiságria» (*Delphinium staphisagria*). Para a origem da palavra, veja-se Carolina Michaëlis, *Revista Lusitana*, XIII, 222–224.

fauaras, veja-se *faparraz*.

fazer intr. IX, 7, «vomitar a ave as cousas indigeríveis que come» = *rejeitar*, *fazer prumada*. Mas deveslhe de meter pola boca hũ seixo ou dous, tamanhos como hervanços, e se os *fizer com o regeito* dalhe de comer pouco, e se por esto non quizer *fazer*, falhe ficar pera outro dia e aguarda se o *fará* en a noite segunda, e se o nõ *fizer*, metelhe o tartego sen outra detença, Pero Menino, *Livro de falcoaria*, edição R. Lapa, p. $17_{8\text{-}13}$. Todolos falcões se deuẽ guardar de lhes dar de comer ate que os busquẽ se *fezerã as prumadas* que lhes deram, e pera isto deue lo por em hõa alcandra e mãdar uarrer debaxo pera que este limpo o chão, que quãdo o falcão *fezer a prumada*, que ao outro dia lha aches, tradução portuguesa de Pero López de Ayala, *Libro de la caza de las aves*, ms. Sloane 821, fl. 110–110, *r*.

ficar intr. I, 6, «sobrar»; quod inde *remanserit*, ms. veneziano, fl. 80 c.

fistola sb. IIII, 2, «enfermidade da ave, fistula». Quando vides putredinem fluere per nares et non potest comedere et fetet, scias quod *fistellam* habet, *Dancus*, ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris, fl. 44, *c*. Quando tu vedi marcia, fastidio e putredine venire e correre per le nare, e che non può beccare e pute, dei sapere allotta che ae quello male della *fistola*, trad. it., LI. Item, quant des naes lui vient humeur corrumpu et puant, c'est signe qu'il a une *fistule*, trad. fr. de Alberto Magno, p. 73. Quant tu voiz marciam corrant par les narilles et ne puet mangier, saches que il a la *fertele*, *Dancus*, trad. fr., p. 16.

follezinho sb. VII, 4, «peça de tripa (geralmente duma galinha) atada pelas extremidades, pela qual se dava à ave de rapina os medicamentos que não queria tragar»; veja-se a minha edição dos *Livres du Roy Modus et de la Royne Ratio*, I, capítulo 97_{121} e p. 352, nota 97_{121}. Que se trata aqui de tripa ou intestino em que se dava uma medicina é o que denota a frase «liando de ambas as partes», VII, 6; se deduz também do texto do ms. veneziano: Si eum angulie[1] comedunt, teneri pulcini budellum tolle, aqua bene lotum, indeque fac tres nodos a policis medietatis mensuram, et firmiter ex utraque parte tenui ligans filo, oleo implens lucidissimo et in acipitris gorgiam ut aliam potionem mitte, fl. 80 d. Compare-se: E dalhas (as pirolas) por esta guiza: Filha a tripa da gualinha e lavaa e mete en hũ pedaço da tripa

[1] A edição de Alberto Magno de 1596 acrescenta: Si eum anguillae, hoc est lumbrici longi, comedunt, p. 393.

hũa pirola e assy as outras meterlhas ás por força, Pero Menino, *Livro de falcoaria*, edição R. Lapa, p. 10_{24}.

fortim sb. III, 2, «dor de cabeça da ave». Quando vedi che l'uccello serra e claude li occhi e move lo capo, dei sapere che ae dolore di capo, lo quale male se chiama ed ae nome dolore *sortino*, trad. it., XXXV. La premiere maladie des faulcons est douleur de teste, qui es hommes est appellé soda. Le signe et congnoissance de ce mal est quant le faulcon clot les yeulz et moult et tourne sa teste en diverses parties, trad. fr. de Alberto Magno, p. 67. Quant vos veez que il clost les iex et le chief, sachiez que il a *surcin*, *Dancus*, trad. fr., p. 5. Quando vides quod avis claudit oculos et movet caput, scias quod *furtinum* habet, *Dancus*, ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris, fl. 40, *c*. Na tábua do ms. 7020 se lê: De dolore capitis, qui dicitur *furtinus*, fl. 40. — *Furtinus* é sem dúvida êrro por *furtivus* «occultus, absconsus, secretus, celatus», dado no *Dancus* latino do ms. da Bibl. Ambrosiana de Milão, fl. 65, *v*; fr. *surcin*, it. *sortino*, port. *fortim* são más lições.

frangam sb. fem. II, 7, «galinha jovem».

frangão sb. masc. II, 7, VII, 3, XIII, 4, «galo jovem».

freima sb. I, 9, «fleugma, mucosidade, pituíta». O ms. veneziano oferece: tam diu permanere dimitte quousque omnis malitia sui capitis *fleuma*que se per spumam expurget, fl. 80 c. Lapa, p. XXIII, nota 2, vê inùtilmente em *freima* (< *phlegma*) êrro por *reima*.

fundamento sb. XIII, 5, «cloaca da ave».

furado sb. X, 3, 12, «abertura, buraco».

furar tr. V, 3, «furar».

galinhato sb. VII, 11, «frangão». Compare-se *gallinatus* «pullus gallinaceus» (du Cange) e antigo francês *galinat* «poulet» (Godefroy). *Galinhato* contém, como *lobato*, *chibato*, etc., o sufixo latino *-attus*; veja-se W. Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen*, II, § 506.

girofe sb. XIII, 3, «gyrofe, cravo da Índia».

gota sb. XII, 2, «icterícia duma ave de rapina», descrita assim: Quando tu vidi che le ungule delli piedi e la cera del becco diventano bianche, allotta dei conoscere che ae lo male che si chiama *gotta filava*, trad. it., XLI. Le faucon qui a la *goute silere* puez tu connoistre as ongles des piez et à la cire dou bec, car il fait iqui blanc, sachez que il a ce mal, trad. fr., pp. 6–7.

Item, quant le bout du bec et l'extremité des ungles lui blanchissent, est signe de *goulte* qui se espant parmy le corps en maniere de venin, trad. fr. de Alberto Magno, p. 69. Ad falconem qui habet *guttam silerum*, si vis, potes cognoscere ad ungulam pedum et ad aspectum rostri quod albescit; scias quod morbum illum habet, *Dancus*, ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris, fl. 41. — *Silera* no texto latino y *silere* na tradução francesa é êrro por *filera*, *filere*, que deriva de *fel*, vejam-se as minhas *Glanures lexicographiques*, Lund, 1932, artigos *filiere*, *silere*. O *Dancus* latino da Bibl. Ambrosiana de Milão dá *gutta phylera*, fl. 66.

lam sb. XV, 6, «lã».

limadura do ferro VI, 5, VII, 10, X, 16, empregado muito como medicina.

linagẽ sb., **de linagẽ** XVI, 3, «excelente, de boa raça». Quando vis cognoscere gentilitatem et nobilitatem avis falconis, *Dancus*, ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris, fl. 42, *c*. Quando vuoi conoscere la gentilitade del falcone, trad. it., IX. Quant tu viaus conoistre la gentillesce dou faucon, trad. fr., p. 11.

luzente adj. VII, 5, referindo-se ao azeite novo e de melhor qualidade. O ms. veneziano oferece: oleo implens *lucidissimo*, fl. 80 d.

meixer tr. XV, 5, «mexer».

mesturar tr. III, 3, X, 7, «misturar».

mesura sb., **a mesura** II, 7, «mesuradamente, com moderação».

meudo adj. X, 15 = **miudo** I, 6, VII, 11 (veja-se p. 3).

morrer intr. XV, 4, «perder o seu brilho metálico» (referindo-se ao argento vivo). Donec argentum *moriatur*, *Dancus*, ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris, fl. 41. Juque tant que li argens *se muire*, trad. fr., p. 7. Tant que le vif argent soit tout *amorty*, trad. fr. de Alberto Magno, p. 70. Em francês se diz *éteindre le mercure*.

narizes plur. masc. I, 7, II, 3, V, 3, referindo-se à ave.

oleo de oliuas V, 4, **olleo d'oliuas** VII, 5, **olio das oliuas** XIII, 3, «azeite». Acha-se *azeite das oliuas* VIII, 5.

oleo patico VIII, 3, 3, espécie de aloe, chamado em francês *aloès hépatique* (veja-se E. Littré, *Dictionnaire de la langue française*, artigo *aloès*). *Oleo patico* é formado provàvelmente por etimologia popular de *aloe patico*.

organil adj., **uea organil** XI, 3, «artéria». Depila collum avis et tolle sanguinem de *vena organali*, *Dancus*, ms. 7020 da Bibl. Nac. de Paris, fl. 40, *r*. Pelali lo collo e scemali sangue della *vena organale*, trad. it., XXXVIII. As traduções francesas de *Dancus* e de Alberto Magno não compreendem a palavra *organale:* Poile son col, et pran le sanc de la *vaine de la bouche*, trad. fr. de *Dancus*, p. 6. Soit plumé le col et saingnié de la *vaine de l'oraille*, trad. fr. de Alberto Magno, p. 69. Fr. Godefroy, *Dictionnaire de l'ancienne langue française*, oferece vários exemplos do adjectivo *orguenal* no mesmo emprêgo, traduzindo «vital, organique». Da mesma maneira se usava em antigo francês *original* (Godefroy) e se dizia também *vaine organical*, *vaine organique* (*Chirurgie de Mondeville*, edição A. Bos, Paris, 1898, *Glossário*).

ouro pimenta sb. VI, 3, «ouropimente, ouropimento».

outro pronome indefinido VII, 7, pleonasmo (in acipitris gorgiam ut *aliam* potionem mitte, ms. veneziano, fl. 80 d), veja-se p. 4; *outro tal* neutro VI, 10, «outro tanto»; *em (ao) outro dia* III, 4, VII, 7, «o dia seguinte».

padar sb. I, 4, «paladar».

palma sb. XVI, 6, «pé da ave».

para preposição XV, 2, veja-se p. 4.

pasarinha sb. XIII, 5, «baço do porco, passarinha do porco».

passara sb. VII, 8, «pardal». Stercor *passeris*, ms. veneziano, fl. 80 d.

pedra sb. IX, 3, 8, «pedra empregada para purgar a ave»; VIII, 2, 8, XIII, 2, 4, «enfermidade na cloaca da ave», compare-se: La *pierre* du fondement (anus) vient de l'ordure que l'oyseau fait a esmutir et se cree la dicte pierre au bout du fondement et devient tant grosse que l'oyseau devient tant maigre qu'il ne la peut geeter hors et pour tant lui convient morir, Francières, *Fauconnerie*, ms. 11137 da Biblioteca Real de Bruxelas, fl. 28.

peito sb. VI, 2, plur. **peitos** VI, 9, referindo-se ao peito da ave.

per prep. VI, 6, 7, IX, 4, X, 9, 18, XIII, 6 (compare-se *por* VII, 4, VIII, 6, X, 4, 6).

pes inchados XIII, 2, «gota nos pés da ave, chamada geralmente podagra». Quant tu voiz qu'i (*impresso* qui) ont *les piez anflez* et les iex, saches que il ont podagram, trad. fr., p. 12. Iteu, s'il a *les piés enfflez* aultrement que par violence, c'est signe de podagre, trad. fr. de Alberto Magno, pp. 71–72. *Quando li piedi li enfiano*, trad. it., XXV. Comparem-se os artigos *podraye*, *poullacre* das minhas *Glanures lexicographiques*, Lund, 1932.

pimenta sb. II, 4, III, 3, VI, 3, XV, 3, **pimenta alua** I, 5, empregado como medicina.

piqueno adj., *hũ piqueno de* XV, 6, «um pouco de»; compare-se p. 3.

piroto sb. X, 17, «pelitre, pyrethro» (*Pyrethrum*). Veja-se a nota X, 17.

po sb. masc. VII, 8, X, 17, **pò** I, 11, VI, 3, VIII, 5, X, 11, 12, XIII, 3, «pó».

purga sb. VII, 7, «purga que se dá à ave».

queixarse refl. VII, 14, referindo-se à ave de rapina que não está assossegada.

quente adj., *carne quente* III, 4, VI, 4, 12, VII, 9, 11, XVII, 4, «carne duma ave viva»; compare-se o *Glossário* da minha edição dos *Livres du Roy Modus et de la Roine Ratio*, art. *chaud*.

regeito sb. IX, 6, 6, *rejeito* IX, 2, «cousa indigerível (no capítulo IX, pedras) que se dá à ave de rapina para que vomite e purgue os seus intestinos»; compare-se o artigo *plume* 2 da minha edição dos *Livres du Roy Modus et de la Royne Ratio*. Quando o falcão esta são e le das prumadas, não à tã bõa prumada como de penas ou juntas ou pè de adem ou de lebre, tiradas as unhas e quebrantada[s] as penas, e molhado na agoa tibia, tradução portuguesa de Pero López de Ayala, *Libro de la caza de las aves*, ms. Sloane 821, fl. 111, *c*. — **comer sobre o rejeito** IX, 2, «comer antes de rejeitar», veja-se esta palavra e compare-se: Todolos falcões se devẽ guardar delhes dar de comer ate que os busquẽ se fezerã as prumadas que lhes deram, e pera isto develo por em bõa alcandra e mãdar varrer debaxo pera que este limpo o chão, que quãdo o falcão fezer a prumada, que ao outro dia lha aches e não se possa esconder em nenhũ lugar. E porem guardando isto, se a não fezer, não lhe des de comer nẽ seja lancado a prisão nẽ a rol, mas denlhe pela boca hũa pedra lisa ou duas, tam grandes como gravãco, e se as fezer cõ a prumada, dalhe de comer, e se por tanto não quiser fazer, fazeo ficar assi pera o outro dia sem comer cousa algũa, tradução portuguesa de Pero López de Ayala, ms. Sloane 821, fl. 110–110, *v*. = Pero López de Ayala, *Libro de la caza de las aves*, p. 243, edição J. Gutiérrez de la Vega (*Biblioteca venatoria*, III).

rejeitar tr. VI, 11, XIII, 4, «vomitar (a ave) as cousas indigeríveis». No capítulo VI, o ms. veneziano oferece: manu illum tenens ne ipsum cibum *vomitu reiciat*, fl. 80 d. No capítulo XIII há: et li

done à mangier; et, se il le tient, il est saius, trad. fr., p. 8; et, s'il retient ceste viande, il garira, trad. fr. de Alberto Magno, p. 71. — Por *rejeitar* se dizia também *fazer* ou *fazer prumada*, compare-se o artigo *fazer*.

rejeito, veja-se *regeito*.

rosto sb. XVI, 4, referindo-se à ave.

sammisuga sb. X, 10, outra forma de *sanguesuga*, veja-se J. P. Machado, *Boletim de Filologia*, IV, 189.

sarar intr. I, 12, III, 5, VII, 11, X, 18, XIII, 6, «sarar».

scuma sb. I, 9, «mucosidade, pituita». Et tam diu permanere dimitte quousque omnis malitia sui capitis flemmaque se per *spumam* expurget, ms. veneziano, fl. 80 c. E lássavila con tutta la pece tanto che tutta la lordura della tosta e lo male si purghi per *ischiuma* e per ispurgamento, trad. it., XVI. Em antigo francês encontra-se no mesmo sentido *espume*, vejam-se as minhas *Glanures lexicographiques*, Lund, 1932, artigo *espurine*.

sedas de cauallo X, 15, usadas como medicamento.

somana sb. X, 14, «semana», veja-se p. 4.

sũ, sum, de sũ XIII, 3, **de sum** XV, 4, adv. «juntamente».

tanto, tres tanto VIII, 4, «três vezes mais».

ter vb., **ter por certo** X, 4, «estar seguro, persuadido»; **terse** refl. I, 5, «estar pegado». Tolle picem mondissimam ad modum fabe, digitisque calefac ad ingnem et sic inpone palato tam diu frigando quam diu ibi *inhereat*, ms. veneziano, fl. 80 b. Prendi di bella pece che sia netta, tanto come una fava, e scaldala al fuoco; quando fie calda, fregala al palato tanto che *vi si tegna*, trad. it., XVI.

tinha sb. X, 2, 13, 18, **tynha** X, 4, «tinha que come as prumas da ave». O ms. veneziano usa a forma latina *tinea*, fl. 81 a. Compare-se a minha edição dos *Livres du Roy Modus et de la Royne Ratio*, II *Glossário*, artigo *taigne*, e o tomo I, p. 355, nota 103$_2$.

tolher intr. XI, 4, «evacuar os excrementos», tr. XIII, 5, «evacuar».

uentãs plur. sb. II, 6, «orifícios do nariz da ave».

uesperas plur. sb. IX, 5, «às seis da tarde». Et estas horas son et devemos entender las que faze la eglesia, ço es prima, tercia, mevodia, nona et *viespras* et completas. *Vidal Mayor*, ms. Perrins 112, fl. 14 (veja-se a minha edição dos *Fueros de Aragón*, p. XII sgs.).

GUNNAR TILANDER.

Miscelânea

A propósito de «Não se há não preguntar»

No *Boletim de Filologia*, t. VI, fasc. 1–2, p. 179, o Prof. Spitzer estranha que a frase «Não se há não preguntar», por êle citada em 1918 nos *Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik* («Estudos de sintaxe e estilística românicas»), p. 271, e de novo reproduzida nesta revista (V, 168), tenha sido posta em dúvida pela Redacção. Como a nota a que se faz referência traz as iniciais P. B., é natural que seja eu a justificá-la.

Atendendo a que se tratava dum filólogo a quem a sintaxe portuguesa deve tantas observações perspicazes[1], limitei-me a notar, por um elementar dever de cortesia, que «devia ter havido lapso no original».

Posso agora acrescentar que há na interpretação do Prof. Spitzer manifesto equívoco. Uma frase como a citada é inteiramente alheia ao génio da língua portuguesa, mesmo da popular. Quando muito, poder-se-ia admitir teòricamente uma frase: «não se *há-de* não preguntar», mas até essa é desconhecida da língua.

Aponta o Prof. Spitzer, para justificar a sua afirmação, um exemplo colhido em Júlio Diniz, *As Pupilas do Sr. Reitor*, p. 179 da sua edição. Mas aqui o distinto sintacticista foi induzido em êrro por um lapso tipográfico. O que se lê na minha edição (30.ª, da Livraria Rodrigues, de Lisboa, 1935), no cap. 33, a pág. 263, e em várias outras que consultei[2], não é:

— «Mas é boa essa! *Não se há não preguntar*», mas sim:

— «Mas é boa essa! *Não há senão preguntar*. Tu não deves entrar no segrêdo. A coisa é entre nós os três». (A expressão «Não

---

[1] Já nas *Orientações da Filologia Românica*, 1931, p. 28, tive ocasião de salientar a notável intuição do Prof. Spitzer para os estudos de sintaxe e de etimologia.

[2] Edições da Livraria Lelo, Pôrto; Emprêsa Literária Universal, Lisboa; Livraria Civilização, Pôrto, etc.; não me foi possível, infelizmente, consultar a primeira ou uma das primeiras edições, por não existirem nas bibliotecas de Coimbra.

há senão preguntar» — aliás de uso restrito e que deve ser talvez um regionalismo — seria equivalente a estoutra: «Com que então, isto é só fazer preguntas?»).

Longe de traduzir «une négation très forte», a frase citada não passa duma censura amiga, benévola, feita pelo reitor à curiosidade do João Semana. Êsse mesmo tom se observa nas frases seguintes:

— «E a teimar! dizia o padre, ganhando tempo. Sempre és um curioso!».

Julgo ficarem assim rectificadas as observações, aliás brilhantes e ricas de exemplos, publicadas nos *Aufsätze*, p. 279, e nos vols. V, p. 168, e VI, p. 179, dêste *Boletim*.

Coimbra, Setembro de 1939.

M. PAIVA BOLÉO.

Recensões críticas

VASCO BOTELHO DE AMARAL, **Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa**. Editora Educação Nacional, Pôrto, 2 vols. de 323 e 431 páginas.

É sempre uma alegria sincera para quem é novo vêr outro novo tentar o mesmo ofício. O famoso rifão poderia talvez aparecer em alguns cérebros malévolos, mas quando se trata de um *ofício* científico êsses pensamentos nenhuma razão têm de ser e ainda menos quando a camaradagem entre os *oficiais* é perfeita e sincera.

Embora eu e Vasco de Amaral não naveguemos exactamente nas mesmas águas, julgo que isso em nada me poderá impedir de dizer com sinceridade o que penso do autor e sobretudo desta sua obra.

Esforçar-me-ei por fazer observações imparciais e dizer exactamente tudo o que penso. Estas últimas palavras poderiam talvez parecer inexplicáveis aqui, se eu não estivesse ligado ao autor por laços de amizade.

Vasco de Amaral é um novo, mas não é um desconhecido. Os seus trabalhos impõem-se pela vastidão da leitura, principalmente clássica, pela sólida cultura e pela capacidade de investigação.

Vasco de Amaral, dentro da Filologia, dedica-se ao vernaculismo. Confesso que no caso especial dêste autor não hesitei em pôr essa actividade dentro da Filologia, mas da Filologia que é realmente Filologia, da Filologia com F maiúsculo. A razão é simples: não são raras as vezes (antes pelo contrário) em que um indivíduo se dedica a êste assunto para *aturar*, tendo a cabeça tão vasia que até mete dó.

O *vernaculismo*, sobretudo o combate ao vocábulo de importação, deve ser entendido e estudado em têrmos muitíssimo hábeis, para não condenarmos a língua a estar encerrada em si mesma, sem o mínimo contacto com as outras. Ora êsse contacto, quando feito como deve ser, só lhe traz vantagens, visto que a ajuda a evolucionar, a dar-lhe a tal *beleza plástica* por aí tão apregoada e cantada, a pô-la em estado de se poder considerar uma língua da época em que se vive.

A expressão *beleza plástica* é puramente artística e, como tal, subjectiva, mas em Ciência ela pode ser traduzida por *estado perfeito e normal de evolução*.

As línguas só chegam a êste estado quando influências externas, sejam elas clássicas ou estrangeiras, começam a aparecer. Os exemplos são às dezenas, mas basta-me lembrar três: o latim e a influência grega; o português quinhentista e o esfôrço do Renascimento; as línguas eslavas e o maior contacto entre elas e as que lhe são mais ou menos vizinhas geográfica e linguìsticamente.

Hoje é grande a influência estrangeira no português. Questão de moda e por outro lado ordem natural das coisas, visto que o nosso intercâmbio cultural e material com os outros povos é cada vez maior. Isso em nada nos deve aborrecer. É a prova cabal que somos povo civilizado. Daí nada nos pode vir de perigoso. Numa corôa artisticamente armada, meia dúzia de jóias alheias quási que não são notadas no meio de todas as outras que lhe são próprias, além de que a estrutura característica da corôa em nada foi alterada.

Agora o que me parece indispensável é pôr essas jóias adventícias em perfeito equilíbrio com as restantes, para não aparecer a *desarmonia estética*, a que eu prefiro chamar desacôrdo fonético ou morfológico motivado por falsa adaptação, melhor, por macaqueação.

Importemos, mas nacionalizemos.

Para formar o tipo-padrão duma língua, para justificar uma construção sintática, costuma-se aboná-la com passos de clássicos. Julgo o processo bom no que diz respeito à documentação da existência dela em determinada época ou, melhor ainda, em determinado autor. Quere dizer: atribuo a êsse processo um valor puramente histórico, nunca um processo justificador de qualquer coisa que seja actual.

Que poderei eu pensar de um indivíduo que se lembrasse de pôr ao serviço do seu exército de hoje os canhões usados no século XVI?

Estamos no século XX e, salvo êrro, entre os séculos XVI e XX medeiam quatro.

A língua é quási tam mudável como os aspectos das civilizações. Como posso eu encadrar a língua actual com qualquer coisa que se escreveu há quatrocentos anos?

Caía num retrocesso que a todos repugna.

Note-se ainda que, em geral, não se vão buscar essas abonações a autores dignos da confiança.

Os mais consultados para abonar a existência desta ou daquela expressão são os Barros, os Bernardes, os Vieiras, etc., que (coitados!) não sei para que maiores tropelias estarão ainda reservados.

Barros, Bernardes, Vieira e outros não podem por forma alguma servir para testemunhar o que seria o português das suas épocas. A razão é bem evidente: empregavam uma linguagem que não correspondia à vulgar, escreviam com um preciosismo literário, que, como preciosismo, era artificial e arrebicado.

Eu tenho por melhores abonadores do português das suas épocas repectivas um Fernão Mendes Pinto, um Gaspar Correia, Castanheda e tantos outros.

Fernão Lopes atingiu uma beleza literária menos pela ambição de a conseguir, do que pela despretensão com que escreveu. Por isso a sua prosa é viva, é plástica e capaz de exprimir tudo o que sentia e pensava com sinceridade o homem que a compunha.

O vernaculismo deve estar, pois, no emprêgo da língua do maior número, do vulgo da época em que se escreve, porque só assim se consegue a compreensão pelo maior número. Tenho por vernáculo todo aquele que saiba servir-se da língua que o povo da sua nação fala na época em que vive. O povo é que faz a língua e é precisamente nêle que devemos ir aprender a exprimir gràficamente as nossas idéias, sem recorrermos a fantasias estúpidas nem a imitações impróprias de sêres pensantes.

Julgo que é isto exactamente o que Vasco de Amaral pensa sôbre o assunto. Tenho pena que não o diga concretamente no texto do seu *Dicionário*, em-

bora isso se deduza dêle. Mas noutra obra (*Estudos Vernáculos*, 1) escreve o seguinte:

«É o povo o fautor principal das modificações sofridas pelos idiomas tempos em fora. Porém, dentro de cada idioma, está a acção modificadora popular sujeita a leis determinadas. Daqui advém que as alterações idiomáticas operadas por meio do agente popular não atraiçoam nunca, mas ao invés defendem sempre as feições características de qualquer língua.

«Não pôde o português, não pode, nem jàmais poderá fugir à sua transformação progressiva. Estulto seria, por conseguinte, pretender que a nossa linguagem estagnasse, quedando-se inóvel fonética, morfológica, sintáctica ou semânticamente. Não, a língua portuguesa, como organismo vivo que é, está sujeita à lei da vida, e a vida não é sonolência, apatia ou morte.

«O povo que se expressa em fala portuguesa, inconscientemente se encarregará de lhe comunicar vida, e, portanto, alteração. Alterar, porém, não é destruir. E mal pensam aqueles que vão confundindo alteração com destruïção. Destruem a língua os cultos e os semi-cultos que, de fito feito e caso pensado, se extasiam na vandalização do idioma.

«Esquecem que os excessos não são, nem nunca poderão ser norma de verdadeira vida. Ora, enquanto êsses tais voltam as costas ao povo, que vai mantendo a integridade do meio de expressão que lhes coube em sorte e friamente assassinam, apetece e consola estudar e, sendo possível, comentar as páginas dos bons autores que melhor espelham a vernaculidade no escrever[1]».

Julgo vêr nestas palavras afirmações que perfeitamente apoiam o que eu antes escrevi.

Não sou vernaculista porque tenho encontrado muitos desacôrdos entre o que eu penso e o que muitos *vernaculistas* para aí dizem. É esta a primeira vez que tento dizer alguma coisa encorajado por duas razões principais:

1.—Verificar que Vasco de Amaral, honra indiscutível dos nossos estudos vernáculos, tem pontos de contacto com o meu ponto de vista.

2.—Verificar que Vasco de Amaral possui dotes que eu considero *absolutamente indispensáveis a quem se dedica a estes trabalhos*: «honesto estudo», bom-senso, probidade científica, vontade de acertar e desejo de produzir obras com princípio, meio, fim e sobretudo miolo.

*

O *Dicionário de Dificuldades* é uma obra não muito vasta pelo tamanho, mas grande pelo alcance científico. Revela bastante tempo de trabalho material e ainda mais do tal «honesto estudo».

E é sobretudo honesto quando o autor confessa que determinado vocábulo estranho, quando não tem correspondente exacto em português, é necessário ao nosso idioma. Entre bastantes exemplos, cito *patim e platibanda*. Ainda mais honesto na maneira correcta com que responde aos críticos das suas obras. Cite-se, entre mais alguns casos, o da sua réplica, publicada nos *Estudos Vernáculos*, ao abalisado e erudito crítico Sr. Dr. Alfredo Pimenta.

Não sei se haverá algum capítulo dentro da Filologia portuguesa que possa dispensar a consulta dêste livro. Eu julgo que não.

---

[1] Pp. 7-8.

Além do capítulo do vernáculo propriamente dito, o autor apresenta por vezes questões etimológicas, semânticas, sintácticas, estilísticas, etc.

A minha impressão geral desta obra é óptima, mas, como é natural, não estou em absoluto acôrdo com tudo o que nela aparece. Mas isso são pequenas particularidades, algumas das quais eu passo a estudar encorajado pelas palavras onde o autor «declara que aceita de bom grado quaisquer elucidações doutas, uma vez que as caracterize completa objectividade».

Nas linhas que se vão seguir esforcei-me na realidade por ser objectivo. Douto é que não me esforcei por ser, visto que não o conseguiria.

*

Abexim, abissinio. — O que a *Revista da Língua Portuguesa* (4.º ano, N.º 20-65) escreveu a propósito destas palavras não está bem. Veja-se êste passo: «...fez seu testamento na linguoa portuguesa per mestre Francisco gonçalvez seu padre spiritual & assi na lingoa *abexi*: por hũ frade do dito mosteiro», Franc. Álvares, *Verd. Inform.*, cap. IX, p. 8 da ed. de 1883.

Abissínio também pode ser s. m., cfr. o *Dicionário* de Cândido de Figueiredo.

Aerólito. — É já esta a forma que ensina o Prof. Antônio Matoso na 4.ª edição do seu *Compêndio de Geografia Geral* (Ensino Técnico), p. 25.

Afazeres. — Também me parece que êste vocábulo não é tão galicismo como parece à primeira vista.

Afurada. — Realmente esta palavra deveria escrever-se com *o*, se não fôsse a falsa analogia com *furo*.

Agrafe. — Esta palavra está muito generalizada como termo cirúrgico. *Colchete* faz-nos pensar que o corpo do paciente é uma blusa; *gato*, que é um alguidar de barro. Para barro já basta a matéria de que somos feitos.

Albaneses. — A palavra *Albanos* também existe em português e com a mesma significação que o artigo indica. Mas parecem-me difíceis duas coisas: 1.º Demonstrar que em português *Albanos* é preferível a *Albaneses*. 2.º Que esta seja suplantada por aquela.

Alcaçar. — Que quere dizer com a frase «*Alcáçar* sempre se disse»? *Alcáçar* disse-se, mas hoje está antiquado, embora alguns autores modernos empreguem o vocábulo. Êsse emprêgo não prova o seu uso hoje, mas a leitura de livros antigos realizada por êsses autores. V. o que se diz no *Dic. de Dif.* s. v. *Alkacer*.

Alcalde. — Peço licença para dizer que a doutrina dêste artigo não está bem. O próprio autor tem nêle a prova cabal do que acabo de dizer. *Alcalde* nem é espanholismo, nem «se verte por *alcaide*».

Alcalde é palavra antiga em port., embora hoje não esteja em uso.

Alcalde não é o mesmo que *alcaide*. Esta última palavra designa um cargo militar, aquela um civil; Vasco de Amaral não ignora esta última circunstância visto que o afirma: «o *alcalde del Ayuntamiento* é o *Presidente da Câmara Municipal*». Sendo assim, como a pode verter por *alcaide*?

Não vejo inconveniente em a palavra subsistir em português. É atestada em textos antigos absolutamente insuspeitos, e hoje os que estudam a Idade-Média não podem prescindir dela.

Acrescente-se ainda que a sua formação é genuína. Representa o ár. القاضي (*al-qāḍī*), que os franceses representam por *cadi*.

Alcali. — *Alcali* é muito mais vulgar do que *álcali*. E ainda bem, porque essa prosódia é que é a exacta, ao contrário do que sucede também com *álgebra*.

Alcool. — Também estou convencido que «a pronúncia *alcool* já não vingará».

Allah hu acbar! — Esta exclamação árabe não significa «Deus é grande, omnipotente!», mas «Deus (é) muito grande!». O Dr. David Lopes (*Eurico*, p. 319 da 29.ª ed.) deu-lhe aquela equivalência, mas como tradução livre de «Deus é grande».

Almocadém. — É êrro de acentuação porquê?

Embora em árabe a palavra não seja aguda (*almoqaddeme*), sempre o foi em português. É até curioso que Rodrigo Cerratense a latinizou em *almocadenus* (*Esp. Sagr.*, IV, p. 396).

A alteração prosódica é, portanto, em tudo semelhante à de *armazém*.

Cf. a propósito o que eu digo nos *Comentários a Alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes*, s. v.

Alvissaras. — A grafia *alviçaras* é preferível porquê?

Veja o que se escreveu no *Boletim de Filologia*, VI, p. 12.

Amir e emir. — *Emir* é mais frequente, mas é galicismo. A primeira forma é que é bom português.

Azevan. — A etimologia que apresenta é de Eguilaz e parece-me fantasiosa.

Bagdad. — Não sei porque razão *Bagdá* ou *Bagdá* são grafias preferíveis.

Bibelots. — Nenhum dos equivalentes propostos substitue exactamente a forma francesa, que se pode nacionalizar em *bibelô*.

Boudoir. — Parece-me ainda preferível *câmara*. Cf. até êste passo de D. Fernando de Menezes: «Estando a condessa na sua *câmara* com um postigo aberto, entrou por êle uma bala e topando uma almofada do postigo, abateu nela e lhe rompeu a vasquinha», *Hist.*, III, 110, 225.

Byron. — Porque não aconselha uma pronúncia portuguesa? Assim parece aconselhar a pronúncia bárbara *bâitrane*, em lugar de *birom*.

Cago-Shima. — *Cangoximá* porquê? É melhor a forma grave.

Carcaça. — *Carcassa* é preferível, porque é de origem francesa (*carcasse*) ou italiana (*carcassa*).

Chalet. — Em *castelete* ninguém pegará e ainda menos em *chácara*. *Casa de campo* já é usual, assim como *vila*.

Charife, cherife. — *Xerife* é preferível a *xarife* por duas razões principais: 1.º Em árabe não é *sharif* (não falemos da transcrição, que deve ser com *x*), mas *xerife*; portanto, sem a vogal *a* no primeiro radical, como é de regra, visto tratar-se de uma palavra de árabe vulgar; 2.º *Xerife* é que é a forma mais vulgar em português. Damião de Góis até tem *serife* na sua *Crónica de D. Manuel* (vol. II, p. 56 e III, p. 123 da ed. D. Lopes-J. de Carvalho).

Cheik. — A boa forma portuguesa é, fora de qualquer dúvida, *xeque*. *Ancião* nada diria.

Chicago. — O autor diz que êste topónimo «tem duas pronúncias, que representaremos por *chicágou* e *tchicágou* com acento no *a* que é longo», mas esqueceu dizer como se deve pronunciar em português.

Coromandel. — Devia dizer-se realmente *choromandel*, mas como se trata de palavra bárbara, julgou-se que o grupo *ch* era equivalente a [k]. Com a reforma ortográfica de 1911 começou a pronunciar-se *Coromandel*.

Dantzig.—Tendo em vista a prosódia germânica e a pronúncia vulgar portuguesa dêste topónimo, não seria mais para aconselhar *Dànzigue?*

Derviche.—Excelente doutrina. Cf. a propósito as *Apostilas* de Gonçalves Viana (s. v.) e os meus *Comentários a Alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes*, s. v. *daroez e derviche*.

Divisas.—Aprovo a equivalência portuguesa proposta para esta palavra (*valor cambial*), mas concordo que não deve vingar, não só porque o estrangeirismo está já muito enraizado, mas também porque a equivalência tem a prejudicá-la o facto de ser uma expressão.

Dnieper.—Pregunta a minha curiosidade de ignorante: porque é *Dniepre* melhor que *Dnieper?*

Dragomano.—Tudo muito bem, excepto num ponto: a vocalização do vocábulo árabe não está bem. Deve ser *turjimãne*, que significa intérprete.

Ecran.—*Teia*, que o autor propõe, está a substituir com tôda a vantagem aquele estrangeirismo.

Embalagem.—Seja ou não galicismo, esta palavra é preferível a *élan* e a *sprint*.

Equipe.—*Turma*, assim como *combinado*, é vulgar no Brasil nesta acepção.

Estrangeiro.—Esta palavra não pode vir nem de *extraneariu* nem de *stranearius*. A forma daí resultante seria naturalmente *estranheiro*. Eu julgo não se poder ter dúvidas sôbre a origem francesa do vocábulo.

Fila Indiana.—Em nada surpreende que Bernardes não empregasse esta expressão. Julgo que os usos indianos ainda não eram suficientemente conhecidos na Europa na sua época.

Flandres.—Também se diz «na Flandres».

Fonofilme.—Julgo preferível êste vocábulo às expressões *película sonora*, *fita sonora*, *película falada*. Um vocábulo é sempre preferível a uma expressão, desde que esteja em boas condições de se generalizar. O facto de se tratar de um híbrido não constitue razão para não o aceitarmos. Note-se que o autor não prescreve muito declaradamente *burocracia*.

Fonofilme é até já vulgar em revistas da especialidade.

Foot-ball.—Está já generalizada a forma *futebol*.

Forward.—Muito bem. Com esta palavra observa-se até um fenómeno curioso de etimologia popular: a expressão inglêsa *forward-center* foi ouvida pelo nosso povo como *fora-do-centro*; é assim que muitas vezes se denomina o avançado-centro.

Goês, goense, goano.—Na minha opinião a terceira forma devia ser escorraçada. Tenho a certeza que um natural de Gôa evita dizer: «Eu sou um *goano*», para não haver confusão com *guano*.

Granada de mão.—Não julgo muito feliz a substituição desta expressão pelo vocábulo *alcanzia*, que se empregava em vários sentidos, mas nêles havia sempre a idéia de panela de barro. Como projéctil já tinha a arder a matéria inflamável que encerrava quando o lançavam. Não vejo, pois, nenhum ponto de contacto entre *alcanzia* e *granada de mão*, a não ser no facto de se tratar em ambos os casos de projécteis, mas *alcanzia* teve essa acepção antigamente. Hoje serve de alvo nas cavalhadas.

Hachiche.—Muito bem. Deve ser na realidade *haxixe* a boa grafia portuguesa.

Harém.—Na verdade quási todos os orientalistas derivam esta palavra de حريم (*harīme*) que, a evolucionar normalmente, daria em português *hárem* ou *hárão*. Sucede porém, que essa forma arábica não é a correspondente à portuguesa. Em árabe é حرم (*harame*), que explica perfeitamente não só a palavra portuguêsa, mas também o turco *harem*, o romeno *harem*, o espanhol *harén*, o francês e o inglês *harem*, o holandês e o alemão ***Harem***, o búlgaro e o sérvio *harem*, o checo *hárem*, e polaco *harem* e o russo ***garem***. Lokotsch (onde fui buscar as abonações anteriores) dá um «ár. *harām*, que é simplesmente o adjectivo *proïbido*». A palavra até aqui mais citada como étimo é um substantivo que significa *coisa proïbida* ou *sagrada* apenas. Cf. a êste propósito o Dicionário de Belot.

Hégira.—É preferível escrever esta palavra com *j*. Como demonstrei nos meus *Comentários a Alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes*, a melhor tradução do vocábulo árabe é *fuga*. O autor tinha já sido advertido sôbre êste vocábulo pelo Sr. Dr. Alfredo Pimenta (*Diário de Notícias* de 23-6-1938), a que respondeu nos seus *Estudos Vernáculos*, I, p. 129 e seg.

Kasba.—A palavra árabe *Alkasaba* (melhor seria *al-qaṣaba*) não significa *fortaleza, castelo antigo*, mas sim... *cana*. *Alcaçova* deriva de *alqaṣba*, sem vogal na segunda letra.

Kibir (Alcácer-).—O autor dá como grafias preferíveis em português *Quebir* ou *Quivir*. Peço licença para dizer que a primeira das citadas ainda é a melhor. Em árabe é كبير, que no árabe clássico se pronuncia *Kabīr*, mas como no conjunto de sílaba breve mais sílaba longa a primeira desaparece, daí resulta que no vulgar se diz *Kbīr*. Dêste é que nós recebemos a maioria do nosso vocabulário e por isso proponho *Quebír* como forma preferível. *Quivir* (também há *Quibír*) explica-se por assimilação.

Língua.—No sentido de *intérprete* também se empregava no género masculino: «que se passasse à terra firme e visse se podia tomar algum *língua*...», *Coment. de Albuq.*, II, cap. XXVII.

Mir almuminim.—O autor dá também esta expressão como arábica. Desconfio que foi beber ao *Dicionário* de Nascentes, onde se afirma o mesmo. A forma arábica é *amīr-almuminīne*. Aquela não existe.

Moçárabe.—No étimo tenho duas coisas a observar: 1.º Devido decerto a gralha saiu *motçarab*, por *moçtarab*. 2.º A forma arábica não é hipotética.

Off-side.—Já está muito enraïzada na língua popular a forma *obessaite*.

Pachá.—Excelente doutrina.

Pashah.—Neste artigo o autor faz algumas afirmações que não concordam em absoluto com o que se lê s. v. *pachá*. *Baxá* não é preferível a *paxá*. A primeira, como diz mais abaixo, é a forma árabe; a segunda a dos persas e turcos.

«Diz: *Paxá* é transformação de *padixah*», mas esqueceu dizer de que língua é oriundo êste último vocábulo, embora quem saiba se possa à primeira vista julgar satisfeito com a afirmação de que «*Baxá* é forma árabe da escrita persa».

Patchouli.—Tendo em vista a forma árabe originária (باتشولي, *bātxūlī*) deve ser mais de aconselhar em português a grafia *patexúli*.

Pater familias.—O gen. latino em *as* devia ter tido nas épocas mais recuadas da História da Língua Latina um uso algo freqüente, (Ernout *Morphologie*, p. 32). Essa desinência era característica do genitivo itálico (idem). Não sei ao certo em que se basearam Ernout e Meillet para o dizerem «talvez dialectal» (*Dict. Etymol.*, s. v. *famulus*).

Quebir.—Para mim esta forma ainda é a melhor de quantas têm aparecido por aí.

Em árabe é كبير, que no clássico se pronuncia *Kabīr* e no vulgar, como é de regra, *Kbīr*. Cf. *Kibir*.

Rajah.—Não pretendo bater-me com as opiniões autorizadíssimas de Gonçalves Viana e de M. Rodolfo Dalgado, mas tenho a observar duas coisas ao que êles escreveram:

1.º—Julgo fora de todo o propósito citar o sânscrito para explicar a forma portuguesa, visto que no século XVI a morte do sânscrito era um facto e havia já algumas centenas de anos. Portanto, o que interessa para a explicação desta palavra, são as línguas indianas da época.

2.º—A forma quinhentista *raja* nada nos diz sôbre a sua prosódia, visto que nessa época a acentuação gráfica era muito arbitrária.

Para mim a palavra em questão deriva do indostâni راجا (*rājā*), que parece ser semelhante à sanscrítica *rājā* (*Hobson-Jobson*, *Lokotsch*, etc.).

Em árabe havia e há duas formas: راجة, (*rāja*) e راجه, (*rājahu*).

A primeira parece fazer prevalecer o tal *raja*, se não nos lembrarmos de que se trata de uma palavra em uso no Oriente e, portanto, submetida às regras de acentuação local que a tornam aguda (Cf. بصرة, que deu *Baçorá* em vez de *Bâçora*).

A segunda justifica a nossa forma antiga *rajao*, que ajuda a justificar a prosódia grave da outra variante.

Reich.—Tenho-me farto de pensar e não percebo porque não se diz e escreve sempre *Alemanha*, em vez desta forma estranha. Aqui há tempos um jornal muito conhecido até escrevia: «O *Anschluss* realizado pelo *Führer*-chanceler do *Reich*». Que bom português!

Saloio.—Vasco Botelho de Amaral é um modêlo de erudição e nesta obra mostra grandes conhecimentos bibliográficos. Eis porque estranho bastante que nesta palavra admita a explicação de Júlio Castilho. Porque não viu as *Cousas Arábico-Portuguesas* do Prof. David Lopes?

Sultão. — *Soldão* é na verdade a forma mais antiga em português Não se julgue, porém, que se trata de palavra entrada directamente. *Soldão* não passa de um italianismo, visto que a evolução do árabe سلطان (*sulṭān*) para essa palavra não pode ser considerada como normal: é difícil o abrandamento do *t* não intervocálico. Nos meus *Comentários a Alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes* não só provo a intervenção italiana na história dêste vocábulo português, mas também julgo que consegui demonstrar, contra o que escreveu Gonçalves Viana, que êle se referia apenas ao rei do Egipto.

Taxi. — A forma *tachi* por *taxi* faz-me lembrar *tache*, que António Tenreiro empregou na acepção de *corôa real* do Sufi (do ár. تاج, *tāj*). Além disso hoje tôda a gente emprega essa palavra, pronunciando *táksi*.

Uale, uáli. — Parece-me que as formas propostas pelo Prof. Dr. David Lopes são preferíveis às de Gonçalves Viana,

*

Nada mais de importância encontrei no *Dicionário das Dificuldades* que me mereça observações.

As que lhe acabo de fazer não podem servir para menosprezar um livro que marca indiscutìvelmente na Filologia Portuguesa, não só pela paciência que um trabalho dêste género exige, mas também pela cultura que lhe é necessário juntar.

Vasco de Amaral mostra-se possuidor de ambas essas qualidades, por isso todos esperamos com interêsse novos trabalhos seus. Estes (estou certo disso) não desmentirão o que acabo de dizer.

JOSÉ PEDRO MACHADO

Egloga de Crisfal, texto fixado, anotado e explicado por ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA. Livraria Popular de Francisco Franco. Lisboa, s. d.

A edição de um texto antigo deve ser sempre um acontecimento digno de saüdação calorosa. Hoje, graças aos esforços realizados por vários mestres, há já um *método* que satisfaz e que todos os estudiosos podem seguir, porque êle é produto de investigações laboriosas e competentes e ainda porque tem por finalidade uma utilização verdadeiramente científica.

A. J. Saraiva começou a publicar uma colecção denominada *Os textos Explicados*, que« visam a (*sic*) dois fins:

«1.° — Apresentar uma série de *textos* clássicos ou de importância especial, criticamente fixados e ortografados;

«2.° — Apresentar uma série de *monografias* resumidas — mas objectivas e completas — onde os mesmos textos sejam explicados histórica, lingüìstica e literàriamente, segundo a informação mais actualizada. As monografias acompanharão os textos em forma de *notas explicativas*».

Como se verifica, as pretensões do autor são largas. Pretende dizer em poucas palavras tudo, ou quási tudo, a que se chegou no que diz respeito a cada um dos textos publicados.

No frontispício dêste volume afirma-se mesmo que se trata de um «texto fixado, anotado e explicado».

Doutrinàriamente, êste trabalho pode ser dividido em duas partes: uma de carácter literário, outra de carácter filológico.

Na parte literária o autor volta à questão da autoria da *Ecloga*[1] *de Crisfal*: prefere Bernardim Ribeiro a Cristóvão Falcão. Devo dizer que escrevi propositàdamente aquele *prefere*, porque êle nada nos diz de concreto que possa justificar de maneira mais ou menos sofrivelmente aceitável essa sua opinião. Trata-se, pois, dum assunto puramente pessoal, que não pode ser aceito por quem o analise com atenção.

Claro está, que antes de António José Saraiva já mais alguém lançara essa hipótese. Mas não pretendo historiar aqui doutrinas; por ora basta-me a dêste trabalho.

Não sei, portanto, o que o levou a tirar a Cristóvão Falcão esta obra e dá-la a Bernardim.

Não sei também como ousou desdizer sem provas cabais a frase de Samuel Usque, que, apesar de não ser categórica, tem a indiscutível vantagem de ter probabilidades de ser mais verdadeira do que tudo o que se possa arquitectar hoje, à boa distância de quatro séculos do autor das *Tribulações*.

Eu confesso que não a fazia, porque reputo uma tentativa dessas dum arrôjo tal... que me abstenho de o classificar.

Eu não o faria porque, no meu entender, uma sugestão destas não pode partir da fantasia de cada um, mas muito simplesmente do honesto estudo, que é sem dúvida nenhuma a base de tudo que se constroe com calma, com método e com um fim tam honesto, como humano e científico: atingir a verdade, mas atingi-la já não digo em cheio, mas ao menos num ponto muito próximo. Por isso, êsse esfôrço, deve ser caracterizadamente científico e nem por sombras deve tender para entusiasmar as platéias, porque estas, quanto mais fàcilmente se entusiasmam, melhor esfriam. Se descobrem que a causa do entusiasmo primitivo não era mesmo tam valiosa como se pensava no período do entusiasmo, com isso então... arde Tróia.

Eis as razões que me impediam de lançar uma idéia destas.

Como disse, as razões aduzidas por A. J. Saraiva, não são convincentes. Por isso, eu (apesar de não ser pessoalmente teimoso) continuo a dizer que a *Écloga Crisfal* é da autoria de Cristóvão Falcão.

Mas, há ainda uma coisa curiosa: o que pode ganhar a *Écloga* com isso? O facto do seu autor ser Bernardim aumenta-lhe beleza?

Julgo que não.

Se porventura aparecessem dúvidas reais sôbre o poeta que a escreveu, julgo que a história da nossa literatura não deixaria de a estudar.

Além disso, esta poesia tem ainda a particularidade de não pertencer à literatura mundial.

Limita-se a ser um objecto da nossa casa e não se trata duma *Divina Comédia*, duns *Lusíadas*, duma *Eneida*, etc.

Mas mudemos de assunto e vamos para outro que me é mais grato.

---

[1] Baseado não sei em quê, o autor prefere a forma *égloga*. Porquê?

Se verificasse a origem da palavra, atendesse ao seu carácter e às leis da evolução, observaria fàcilmente que isso não está bem.

Sob o ponto de vista filológico muito e muito há a dizer neste livro e estou certo que as minhas observações serão tidas em conta pelo seu autor, para uma edição posterior. Comecemos pelo texto:

Contra o que era de esperar, a *Advertência sôbre o texto desta edição* vem no fim do volume, quando devia preceder imediatamente o texto.

O método seguido não me parece bem e até por sinal não o reputo científico. E senão veja-se: em presença de divergências ortográficas entre as duas edições primitivas correspondentes a divergências fonéticas, seguiu a primeira; o mesmo fez com as divergências de construção gramatical, mas perante uma variante de sentido seguiu a segunda «por ser mais correcta e cuidada».

Não nos diz o autor o que o levou a considerar a segunda como preferível. Eu gostava de saber, e julgo mesmo que era seu dever apresentar essas causas numa obra de pretensões como esta.

O critério de preferir a primeira edição para uma coisa, e a segunda para outra, é lembrança pouco feliz.

Nem é isto o que se costuma fazer, nem mesmo êste critério é razoável.

Assim apresenta-nos uma edição deformada, que pouco ou nenhum crédito científico merece. Ninguém se pode utilizar dela e assim o esfôrço realizado, a boa-vontade que A. J. Saraiva pôs com toda a certeza na realização desta obra, tudo isso, com pouco préstimo fica.

É uma pena!

O critério é êste: publica-se integralmente o texto de uma das edições; em notas apresentam-se as variantes da outra; depois virão os comentários, se o autor entender que os deve fazer.

Continuemos a analisar essa *Advertência*, já que a fôrça das circunstâncias me obrigou a começar por ela.

Diz-se aí que na fixação ortográfica adoptou-se «um critério ortofónico, procurando representar em símbolos modernos a pronúncia da época e eliminando tudo o que manifeste a intenção de «fazer letera a seu vêr formosa» no dizer de João de Barros».

Quere dizer: nesta edição da famosa *Écloga*, aparece-nos outra circunstância que a tornam ainda menos digna de crédito. Nuns pontos segue-se a primeira edição, noutros a segunda, noutros forja-se uma grafia onde o anotador julga vêr um reflexo da fonética coeva.

Isto não é processo que se adopte; estou convencido que A. J. Saraiva a estas horas reconheceu já o êrro em que caiu. Uma edição destas não merece a confiança de ninguém, principalmente dos que não são néscios no assunto.

Essa resolução ainda me parece menos feliz pela simples razão de alguns casos, a que se alude nessa *Advertência*, mostrarem perfeitamente o que foi a pronúncia do português no século XVI: a língua tinha deixado a fase chamada arcaica e preparava-se para entrar noutra. Êsse período transitório não durou um dia, um mês, um ano, mas cêrca dum século, cujas datas extremas não são muito precisas. Azurara ainda tem sabor arcaico; Camões pode dizer-se que é um moderno. Temos assim um espaço que deve estar entre 1474 (morte de Azurara) e 1572 (1.ª ed. dos *Lusíadas*). O *Cancioneiro Geral*, Gil Vicente, Sá de Miranda e outros revelam uma fase híbrida.

A. J. Saraiva diz-nos que no *Cancioneiro Geral* a palavra *descreo* rima com *creio*; «na edição de Ferrara das obras de Bernardim Ribeiro pode ler-se *meo* a par de *meyo*». Quere melhor?

O facto de *ceo* (port.) rimar na colectânea poética realizada por Garcia de Rèzende com o *ceo* castelhano, também nada nos diz. O *ceo* castelhano podia ser confundido pelo poeta; a palavra portuguesa podia ser articulada sem o *i* da ligação; podia tratar-se de uma *gralha*, duma licença poética, etc.

Hoje ainda há quem hesite, quanto mais no século XVI!

Mais adiante, A. J. Saraiva, diz: «um pouco como sucede hoje na palavra *idéa*, que outros ortografam *ideia*».

Tôda a gente sabe que a forma usual e oficial hoje é *idéia*. *Idéa* é um disparate em que Gonçalves Viana[1] caiu, e *ideia* é a 3.ª pessoa do singular do presente indicativo do verbo *ideiar*.

A êste propósito pode-se consultar qualquer livro elementar. Aconselho, porém, o bem ordenado *Prontuário de Ortografia* de Costa Leão[2].

O passo de Fernão de Oliveira tem muita importância, mas não é suficiente para demonstrar o critério de pôr *y* em todas as palavras onde aparecem *ee* e *oo* na posição que se sabe. O nosso primeiro gramático escrevia também *chea* na mesma página (64)[3] em que escreveu *meyo*, *alheos* (p. 66), *alheis* (p. 67), etc.

Nisto não reparou o autor e, no entanto, esta particularidade parece-me fundamental.

Saraiva resolveu, portanto, pôr sempre o tal *y*, mas por conta dêle, porque nada há que possa apoiar essa resolução usada assim tam extensivamente.

Um caso estranho: depois de dizer que representou «convencionalmente essa semi-vogal por um *y*», acrescenta que «com o mesmo símbolo a ortografia da pronúncia actual seria *eryjo*, *vryjo*, etc.».

Sem comentários. O leitor julgará.

Deixemos a *Advertência*, deixemos o texto cujas características vêm naquela, deixemos também as *Notas Literárias*, e vamos às *Notas Gramaticais e Estilísticas* para dizer que a expressão *Genitivo Partitivo* só é exacta dentro do latim. No português não é necessária a primeira daquelas palavras; o mesmo sucede em francês e italiano, pelo menos. Nessas línguas nunca se empregou essa expressão, que só é verdadeira històricamente, assunto em que não se toca nas citadas *Notas Gramaticais* desta *Écrega*, por isso me parece escusado êsse vocábulo[4].

As *Notas Lexicais* também têm coisas que não me parecem bem. Não percebo, por exemplo, por que razão aparecem etimologias nuns vocábulos e noutros não, e ainda menos percebo a omissão da bibliografia utilizada. No entanto, alguns livros foram manuseados e convinha indicá-los. Assim hesito: ou determinados livros forneceram informações e não aparecem citados, no que não acredito porque isso seria um caso muito grave, ou o anotador perdeu as indicações, ou a doutrina é pessoal.

Se perdeu as indicações era preferível dar informações discretas; se a doutrina é pessoal veja-se então o que segue:

Al—A etimologia proposta para esta palavra é estranha. «Lat. arc. *alid*». Onde foi arranjar esta explicação?

---

[1] *Ortografia Nacional*, p. 144.

[2] Na p. 95 da 5.ª ed.

[3] 3.ª edição.

[4] Veja-se a propósito Nunes, *Gram. Hist.*, p. 278 (2.ª ed.); Júlio Moreira, *Estudos*, I, p. 74 (2.ª ed.) e II, p. 64.

Isto facilmente se verifica que não está bem. E se não, veja-se: como podia existir em lat. arc. uma palavra que foi desconhecida pelo literário e pelo vulgar e vai-nos aparecer milagrosamente muitos séculos depois numa língua românica?

Trata-se, portanto, duma doutrina que um raciocínio comesinho elimina.

A verdade é: no lat. existia a forma *alis, alid*, que era divergente de *alius*. É atestável em Lucrécio (I, 253), Catulo (66, 28, 29, 15), Salústio[1], etc. Ernout e Meillet (*Dict. Etym. de la Lang. Latine*, s. v. *alius*) dizem-na da época republicana. Da forma *alid*, por queda do *d*, veio *ale*. No aparecimento desta forma, Leite de Vasconcelos (*Lições*, p. 65) vê analogia com *tale* e *quale*. Veja-se a êste propósito o *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes.

Asinha — Não era vulgar só em Bernardim; era-o em todos os autores do século XVI, porque era da língua da época.

Bão — A frase «a forma actual resulta da apócope de *o*» dá a entender que na época em que a *Écloga* foi escrita essa letra tinha articulação própria, o que não é verdade. Escrevia-se assim por tradição. A pronúncia era já idêntica à actual.

Desigual — Como adjectivo significava *excessivo*, como advérbio *excessivamente*.

Dessejar, dessejo — Se o étimo proposto «(*dissidium*?)» foi inspirado pelo *Dicionário* de Adolfo Coelho, devo desde já dizer que esta obra não merece muita confiança, por circunstâncias que não vêm para aqui.

O étimo desta palavra é um tanto obscuro. Veja-se o *Dic. Etim.* de Antenor Nascentes, s. v., para onde se devia remeter o leitor curioso.

Os dois *ss* não nos devem iludir. Hoje já ninguém se atrapalha com êles. Sabemos que a articulação antiga do *s* intervocálico levava muitas vezes os escribas a empregar dois *ss*.

Vejam-se êstes exemplos: *deleytosso* («apartamentos *deleytossos* e ribeyras». *Bonsso deleytoso*, nos *T. Arc.* de Leite de Vasconcelos, p. 65). *guissa* («aprovamos a dicta doaçom em todo pella *guissa* que dicto he». *Bol. da Segunda Classe*, IV, p. 552). *valliossa* («ouuessemos por bõa firme e valliossa», idem, ibidem), etc.

Dino — O *n* não está por *gn*. O *n* representa muito simplesmente a evolução normal dêste grupo para português.

Fogir, fogissem — O étimo dêste verbo é das coisas mais curiosas destas *Notas Lexicais*. Diz-se aí: «(< *fugere* (sic): *ŭ*>*o*. V. *molher, sobir, sospeita*)».

1.º — Para que se indicou a quantidade do *u*?

2.º — *ŭ*>*o*, quando tónico[2] e ali tem de ser átono, visto que os infinitos, como é sabido, não derivam da forma clássica, mas da vulgar, que tinha prosódia diferente.

3.º — Os *oo* de *fogir, molher, sobir* e *sospeita* são unicamente gráficos.

Enfim. Estas observações saíram muito maiores do que eu pretendia a princípio, mas a culpa não é minha e devo dizer que não me referi a tudo.

O leitor, pelo que fica dito, pode fazer uma idéia do valor dêste trabalho. O seu autor deve preparar uma segunda edição, onde tudo o que se apontou e mais alguma coisa, venha modificado. Êste livro pode prejudicá-lo e era bom que êle evitasse dissabores no princípio da carreira.

[1] Citações do *Diction. Lat.-Franç.* de F. Gaffiot.

[2] Cf. *Lŭpu*>*lobo*.

Nestas palavras esforcei-me por ser objectivo. Julgo que o consegui. A. J. Saraiva, como eu, está no princípio da vida. Temos muito a aprender, mas a estrada está diante de nós cheia de pedregulhos e é preciso ter os olhos bem abertos e fôrças para a percorrer. O esfôrço a dispender deve ser enorme, mas a coragem calma e a confiança em si devem-nos auxiliar, e bastante. Esta confiança própria só deve ser alcançada depois de um exame próprio seguro e imparcial, por onde se possam analisar serenamente as qualidades com que se conta. Um mau exame, ou deixarmo-nos arrastar pelas palavras do primeiro que nos apareça, pode, pelo menos, dar em resultado uma queda logo na primeira pedra da tal estrada.

Às vezes é preferível não nos dizerem as tais palavras vindas ou da amizade enganadora ou da louvaminha servil.

Os melhores estímulos são ainda os maus ambientes, as dificuldades e até o desprêzo dos outros.

Não se julgue também que é muito fácil escrever sôbre Filologia. Custa muito e muito, sobretudo a quem a quere estudar com proveito e seriedade, porque de maneira diferente não merece a pena trabalhar. E não merece a pena no interêsse dos outros e do nosso, porque quem não trabalha como deve, terá sempre quem o descubra, custe o que custar e mascare-se melhor ou pior a falta de consistência doutrinária.

Somos novos. Devemo-nos entre-ajudar, porque àmanhã o mundo é nosso, mas para que êle seja melhor, é necessário entendermo-nos desde já. Foi essa uma das razões porque escrevi estas linhas.

Há um bom exemplo na nossa geração estudiosa para o qual nós todos devemos olhar como um símbolo de trabalho e principalmente do *honesto estudo*, aquele *honesto estudo* que deve ser a base de tudo o que se escreve: o de Vasco Botelho de Amaral.

Refiro-me neste *Boletim* a uma obra sua que é um monumento indiscutível e a sua principal qualidade está na seriedade e na ausência de pretensões.

Maio de 1940.

JOSÉ PEDRO MACHADO

ISMAEL DE LIMA COUTINHO. **Pontos de Gramática Histórica.** Companhia Editora Nacional. — S. Paulo. 1938.

De há muito que se faz sentir a falta de um trabalho em língua portuguesa onde, além dos assuntos relacionados com a gramática histórica, se trate também dos da linguística geral.

Essa falta ainda mais é para lastimar se pensarmos num *manual* onde os principiantes se possam familiarizar, embora levemente, com os grandes nomes, com os grandes problemas.

Julgo que foi de certo modo para suprimir essa lacuna que o prof. Coutinho publicou o presente trabalho, que também é o resultado das lições por êle professadas nos estabelecimentos de ensino onde exerceu a sua actividade.

«Nasceu êle de simples notas manuscritas, rubricadas ao sabor do programa oficial, sem ordem nem ligação».

Êste trabalho já granjeou alguma popularidade entre os estudantes portugueses. Ainda bem, porque o merece.

Essa popularidade mostra como há muito a esperar do género, que aparece já algo desenvolvido nesta obra.

Oxalá que alguém olhe com carinho para êle.

Oxalá também que os mestres saibam auxiliar os estudantes no seu caminho para a compreensão e concatenação de muitas idéias que andam no ar e que nem todos as apresentam, uns por as ignorarem, outros por partidarismo que muito cheira a século XVIII.

Oxalá!

Como é natural, a obra do prof. Coutinho tem passos com os quais não estou em acôrdo absoluto.

Vou passar a examinar alguns.

§ 10.— «Pánini, desde o século IV antes da Era Cristã, traça, com admirável precisão, as principais regras fonéticas e gramaticais dessa língua (o sânscrito), servindo o seu trabalho de ponto inicial para toda uma literatura de comentários aos velhos textos indianos».

O A. parece querer dizer nestas palavras que Pánini foi o iniciador duma escola de filólogos.

Não sei onde se baseou neste passo, mas parece-me que a sua doutrina não concorda com a de outros autores, como, por exemplo, L. Bloomfield, que, ao contrário do prof. Coutinho, afirma que «generations of such labor must have preceded the writing of the oldest treatise that has come down to us, the grammar of Pāṇini. This grammar, which dates from somewhere round 350 to 250 B. C., is one of the greatest monuments of human intelligence»[1].

A *Enciclopédia Espasa* diz muito prudentemente que Pánini (s. v.) era o autor da primeira obra gramatical *que se conhece* sôbre o idioma árico clássico dos antigos índios.

§ 14.— Parece-me que o A. não é suficientemente claro sôbre a língua sânscrítica: «Em 1606, o missionário Roberto de Nóbili aporta à Índia e, desde logo se entrega, anos seguidos, ao estudo das línguas locais, notadamente do sânscrito». Ora o sânscrito já era uma língua morta nessa época. «Por sânscrito entende-se: rigorosamente, a língua em que estão escritos os textos clássicos da literatura árica da Índia antiga bramânica; e latamente, a língua em que estão escritos estes textos e os arcaicos da mesma literatura árica», segundo a opinião autorizada de Vasconcelos-Abreu[2].

O que os missionários ouviam eram as tais «línguas locais», mais ou menos aparentadas com a dos Vedas.

Note-se até que no § 41 o A. considera (e bem) o sânscrito como pertencente ao ramo *velho* do grupo índio-asiático do indo-europeu.

Vem muito a propósito no final dêste parágrafo a citação do passo de William Jones sôbre a existência de uma hipotética língua que precedeu o sânscrito, o grego e o latim.

Parecia-me talvez conveniente dizer que os primeiros estudiosos chegaram a identificar o sânscrito com o próprio indo-europeu. A diferença ficava assim bem vincada, e isso parecia-me muito vantajoso porque há também tendência entre os principiantes para as confundir.

---

[1] *Language*, 1935, p. 11.

[2] *Sanscritologia e seu valor*, p. 8.

§ 48.—«Uma língua só conserva o seu aspecto uniforme enquanto é falada por um pequeno agrupamento humano. É que, neste caso, as influências são as mesmas; as comunicações entre as pessoas, mais íntimas e constantes; os interêsses idênticos, etc.».

Estas palavras devem ser entendidas em termos hábeis e se não veja-se o seguinte caso: em certas populações selvagens de há muito que se observa a existência de línguas especiais com uso corrente ao lado das vulgares. Convém observar que estas são faladas por «pequenos agrupamentos humanos» e ainda que «as influências são as mesmas; as comunicações entre as pessoas, mais íntimas e constantes; os interêsses idênticos».

Um dos aspectos dessa especialização vocabular é o religioso[1]. Outro é o que resulta da diferença de sexos ou de graus sociais. Assim «entre os caraíbas, por exemplo, os homens falam caraíba, mas as mulheres falam aravaque ... Entre os naturais de Java, o superior fala ao seu inferior em língua ngoko, mas o inferior responde em língua cromo»[2].

§ 52.—O «*fenício* teria desaparecido completamente se não fôra de novo introduzido por outro povo da mesma raça e língua—o *cartaginês*».

O *cartaginês* (melhor seria o *púnico*) não é exactamente o mesmo que o fenício; o seu fundo principal seria na realidade êsse, mas estava cheio de formas de outras origens, como, por exemplo, líbicas.

§ 53.—«A última notícia acêrca da existência das línguas indígenas da Península é-nos transmitida por Tácito, nos seus preciosos *Anais*. Narra êste historiador que, no século I depois de Cristo, certo camponês da Tarraconense, acusado da morte de um pretor, respondeu na língua própria, recusando-se confessar os seus cúmplices ...».

Êste passo (para melhor informação do estudioso) devia trazer uma remissa para êste outro: «O processo de arcaïzação dos termos é assim explicado por Darmesteter: «Uma geração de homens, num dado momento, começa a abandonar tal palavra, representando por outra a ideia que ela designa; a geração seguinte conhecê-la-á ainda menos, e virá um instante em que ela só será conhecida dos velhos, que dentro em pouco a levarão consigo para o túmulo ...», no § 141, (p. 95).

No § 161 (p. 109) ocorre ainda outro, que me parece afim: «A tenaz infiltração de elementos eslavos e venezianos na Dalmácia acarretou a morte do dalmático, que se falou até ao século passado. Com o velhoto Udina, falecido em 1898, desapareceu para sempre êsse rebento da latinidade».

Neste último nota-se que o A. seguiu muito de perto as palavras de Meyer-Lübke na *Einführung in das Studium der Romanischen Sprachwissenschaft*[3]:

«Nous connaissons d'autres langues auxquelles pareil sort est arrivé. Le sorabe ou wende, dialecte slave, est aujourd'hui parlé dans le Spreewald (Lusace); mais son frère, le polabe, que l'on parlait sur le cours inférieur de l'Elbe, est mort au XVIII^e siècle. Du prussien, dialecte baltique, qui vivait encore sur la côte entre Dantzig et Königsberg à la fin du XVI^e siècle, il n'y a plus aucune

---

[1] Vendryes, *Le Langage*, p. 301.

[2] Idem, ibidem, p. 302.

[3] § 12, p. 11 da 2.ª ed. (1909); § 11, pp. 34–35 da versão espanhola de Américo de Castro (2.ª ed., 1926).

trace aujourd'hui. En Angleterre, le cornique, dialecte celtique, qui devait au moyen âge occuper toute la péninsule du Cornwall, y compris le Devon actuel, et rejoindre au delà du canal de Bristol le domaine gallois, a aujourd'hui disparu. Celle qui passe pour avoir parlé cornique la dernière, une nommée Dolly Pentreath, s'est éteinte le 26 décembre 1777 à Saint-Paul, près Penzance, âgée de cent deux ans. On a toutefois recueilli en plein XIX^e^ siècle des lambeaux de prières, des jurons, des bouts de phrases en cornique sur les lèvres des paysans; en 1875, il y avait encore au Cornwall des vieillards qui comptaient en cornique jusqu'à 20» [1].

§ 55.—«... não se deu o congraçamento dos vencidos (cristãos) com os vencedores (árabes), porque os extremavam factores de ordem étnica, moral e social, como a raça, a religião, os costumes, etc.».

Isto só é certo parcialmente. Lembremo-nos dos *moçárabes* e dos *mudéjares*.

§ 82.—«Começando ... o sufixo por vogal, opera-se a queda da vogal final do radical, se é átona, ou permanece, se é tónica, aparecendo então entre o radical e o sufixo uma consoante intermediária, chamada *infixo*, para desfazer o hiato, a qual é geralmente representada por *z*: *livr-aria, bel-ezo, branc-ura, relv-oso, bare-aça; pé-z-inho, café-z-al*».

O A. esqueceu casos como *homenzarrão*.

§ 112.—«Muitas palavras estrangeiras aparentam em português forma simples, quando na língua originária são compostas».

Também há exemplos em palavras de origem latina: *miona* [2], *enteado*, *cadeia*.

§ 3.—A palavra portuguesa *julepo* deriva na realidade do persa *gulab*, mas não directamente. Foram os árabes que a trouxeram para o Ocidente. Como é de regra, o *g* brando do indo-europeu deu *j* na língua arábica; é só pela intervenção desta que pode explicar satisfatòriamente a evolução do *g* em *j* das formas europeias (port. *julepo*, esp. *julepe*, fr. *julep*, it. *giulebbe*).

Note-se que no § 127 o A. já diz que a palavra *julepo* é uma das que os árabes trouxeram importadas de outras línguas.

§ 127.—«A influência da língua árabe sôbre o latim da península...».

Na época da invasão árabe (século VIII) já não se falava latim, mas sim o romanço.

«A única particularidade que apresentam as palavras árabes em português é a transformação do *h* em *f*, como provam os exemplos: *atahona* (atafona), *almihaça* (almofaça), *rehen* (refém), *azahame* (azáfama), *Mahomede* (Mafamede). No mais, sofreram as mesmas modificações que os vocábulos latinos».

1.º Note-se que em árabe não há só um fonema aspirado; há três, e todos êles geraram no período arcaico da nossa língua *f*. São êles o ح, o خ e o ه. Cf. a propósito A. R. Gonçalves Viana, *Deux Faits de Phonologie Historique Portugaise* [3].

2.º Essa evolução não é a única na fonética luso-arábica. Há mais alguns fonemas que não «sofreram as mesmas modificações que os vocábulos latinos». Cf., por exemplo: o ع > *ç* (*açorda*); o ج > *g* (*almogama*), etc.

---

[1] Vendryes, *Langage*, p. 338.

[2] *Boletim de Filologia*, V, p. 368.

[3] Mémoire présentée à la 10^ème^ Session du Congrès International des Orientalistes. Lisboa, 1892.

Além disso, ocorre ainda a circunstância de a língua arábica possuir mais alguns fonemas que eram completamente desconhecidos da latina (خ, ذ, ط, ظ, etc.).

3.º Como o nome do profeta em árabe é محمّد, a transcrição tem dois *mm*; deve ser portanto *Muhammad*.

4.º A forma vernácula dessa palavra é *Mafoma*. *Mafamede* pode ser uma de duas:

a) Forma proparoxítona (*Mafâmede*) correspondente á arábica acima citado. É vulgar nos nossos antigos textos. É um antropónimo que, embora tivesse a mesma origem que *Mafoma*, não se confundiu com êste, porque designava um nome muito vulgar de indivíduo que se continuou a ouvir pronunciar na língua originária bastas vezes através dos tempos, ao contrário do outro, que dizia respeito só ao profeta.

Êste entrou, pois, cedo; o outro entrou não sei quando, mas teve sempre sôbre si a influência da aravia.

b) Forma paroxítona (*Mafamède*) trazida do Oriente e vulgar nos quinhentistas.

5.º Não conheço a preposição *fata* (até) que «no antigo português era corrente». Conheço *atá* e *fasta* (hoje dialectal; cf. o esp. *hasta*), que na realidade tem a sua origem no ár. حتّى (*hattā*).

§ 131.— «... vocábulos asiáticos que se incorporam no léxico português...»:

1.º *Sânscrito*. *Açúcar* foi trazido para o português pelo árabe; êste é que o recebeu da Índia.

5.º *Persa*. *Azul* também não entrou directamente dessa língua no português. Julgo que foi por intermédio do francês ou italiano.

Limão é árabe.

§ 139.— *Algoz*, *gaita*, *lacaio* e *paxá* ou *baxá* não são de origem turca. O primeiro e o segundo são de origem arábica; o terceiro veio-nos pelo francês. *Paxá* ou *baxá* são respectivamente formas correspondentes à pérsica (donde a turca) e à arábica.

§ 146.— *Ádur* significava em geral *dificilmente*. *Ende*, além de *daí*, também, tinha a idéia de *por isso*. *Toste* era igualmente *depressa*.

§ 161.— Na enumeração das línguas românicas falta o catalão.

§ 177.— Ao apresentar uma lista onde pretende demonstrar que «nem sempre empregamos (os brasileiros, claro está) as mesmas palavras que os portugueses» não faz mais do que reproduzir em cêrca de três quartos dos exemplos citados o que Renato de Mendonça apresentou em *O Português do Brasil*[1].

Reproduz por isso alguns casos onde a diferença existe apenas para... Renato de Mendonça. Exemplos: *necrotério* também se emprega cá na acepção de *morgue*; o mesmo para *vitrina* em relação a *montra*, *moça* a *rapariga*, *latrina* a *retrete*, *tabacaria* a *estanco*, *tigela* a *malga*, etc., etc.

Açougue é arcaico e dialectal em relação a *talho*.

§ 237.— Não me parece que em *ameaça* (< *minacia*) houvesse a aglutinação do artigo. Antenor Nascentes (*Dic. Etim.*, s. v.) tem a mesma doutrina e abona

[1] P. 235 da ed. de 1936.

até com outro exemplo: *abantesma*. Vejam-se mais estes casos: *alevantar*, *aqueixar*, *acabaia*[1]. Também se observa neles o mesmo fenómeno?

Julgo que se trata muito simplesmente de *aa* prostéticos.

§ 237. — O «-*p*- abranda-se em *b*», apenas quando intervocálico.

§ 270 *c* (p. 184). — A propósito da deslocação do acento em *campa*, *quinta* e *venta* s. v. *Boletim de Filologia*, VI.

§ 319. — *Cifra* e *zero* são na verdade divergentes. O A. devia ter apresentado a causa dessa divergência, que afinal é bem simples: a primeira veio-nos directamente do árabe; a segunda pelo francês, que por sua vez a recebeu do italiano.

§ 325. — O francês *chantre* não corresponde ao lat. *cantore*, mas sim ao respectivo nominativo (*cantor*). O acusativo deu em francês *chanteur*.

§ 359. — Podia ainda dizer que o dual existia em grego.

§ 522. — Não é necessário apresentar um hipotético *duo* para explicar o port. *dou*. O próprio lat. *dō* é suficiente.

§ 523. — O mesmo para **stao*; *stō* basta. Neste ponto o A. seguiu, sem indicar a fonte, muito de perto a doutrina de Grandgent (*Latino Volgare*, § 397), depois reproduzida por Savi-Lopez (*Origenes Neo-Latinos*, p. 137 da ed. *Labor*).

§ 565. — Há por aí quem defenda mais ou menos parcialmente que certa especialidade é que deve constituir a base do bom filólogo. Eu não sei ao certo o que é que entendem por um *bom filólogo*, mas para mim um *bom filólogo* é o que sabe lidar bem com a Filologia. Para saber manejar a Filologia (na minha fraca e ainda por cima desautorizada opinião) é conhecer o método filológico, saber manejá-lo e utilizar com o devido senso um sem número de conhecimentos vários que constituem os reagentes com que se provam os materiais em estudo.

Mas infelizmente cada qual «puxa a brasa à sua sardinha» e com ela faz uma das mais estúpidas políticas partidaristas.

Assim nada se conseguirá, é necessário que nos convençamos disso.

Aparecerão muitos trabalhos que serão óptimos dentro do capítulo especialidade, mas fora disso para nada servem.

Por isso ainda hoje se está à espera de trabalhos sistemáticos. Ainda não apareceram, nem há esperanças de aparecerem nestes tempos mais chegados.

Há uma obra que mesmo dentro da especialidade é necessário realizar e quanto antes: a revisão de *tudo* o que se tem escrito.

Muito há a rever, a emendar, a deitar fora.

Muito há também a aproveitar.

Êste longo arrazoado foi motivado por um facto que acabo de encontrar neste parágrafo dos *Pontos* do prof. Coutinho.

Eis o passo: «Às vezes também o til se acha deslocado para a outra vogal: *boã* = *bõa*».

A Paleografia é sem dúvida nenhuma uma das ciências auxiliares a que os filólogos portugueses têm votado o mais comprometedor dos desprezos.

Não há infelizmente em Portugal o ambiente necessário para se criar uma escola paleográfica, com que os estudos históricos, jurídicos e filológicos bastante lucravam.

---

[1] «Deu elrey a Xpovão de Figueyredo em se despedimdo delle hũa *acabaya* de broçado...», *Cron. dos Reis da Bisnaya*, p. 93.

Mas não. Uns não têm tendência para tais estudos; outros olham-nos altivamente, considerando os que a tal se dedicam mentalidades infracomuns.

A culpa do êrro, talvez comezinho, daquele passo não é evidentemente do prof. Coutinho; é, sem dúvida, dos que se abalançam a publicar textos arcaicos sem possuírem cabedais para tal e sobretudo dos que deixam passar os dislates nêles contidos.

Se já pertencesse ao número dos elementares conhecimentos dos paleógrafos e filólogos portugueses que na presença de um ditongo nasal decrescente na transcrição nunca se coloca o til sôbre a segunda vogal, mas sim sôbre a primeira, já o prof. Coutinho não teria afirmado o que afirmou.

Que isto sirva de exemplo a todos os estudiosos e que meditem durante cinco minutos no que eu escrevi mais acima. Se todos o fizerem estou convencido de que dentro de breve tempo teremos em Portugal uma Filologia séria, científica, digna do século em que vivemos, porque assentará em bases sólidas.

Será a mais espantosa das revoluções científicas do nosso País e com ela muito se lucrará.

Muitos ídolos irão abaixo, mas caiem porque os seus pés são de barro.

Em breve escreverei um pouco mais pormenorizadamente sôbre o assunto.

Por ora continuemos.

§ 566.—

b.—O aparecimento do *b* nos documentos medievais em palavras como *aber* = *haver* não se explica «por influência do latim ou por influência espanhola», mas sim do dialecto que o escriba falava.

É uma particularidade vulgarissima dos nossos textos jurídicos medievais.

x.—Êste fonema não «substituía com frequência (*sic*) os dois *ss*: *dixe* = = *disse*», a articulação dêstes é que era semelhante à daquele.

«*z*.—Podia empregar-se no início e no meio das palavras em lugar do ç: *zapateiro* = *çapateiro*, *zafar* = *çafar*...».

Isto acontecia geralmente só nos documentos redigidos em latim bárbaro.

A *bibliografia* é preciosa; abundante não só em obras portuguesas e brasileiras, mas principalmente em estrangeiras.

Uma pregunta: ¿porque não aparece lá nem ao menos a indicação de uma do prof. Dr. David Lopes?

O A. com certeza de alguma se utilizou na composição do seu trabalho.

Em resumo: os *Pontos da Gramática Histórica* do prof. Ismael de Lima Coutinho devem ser lidos por todos.

O seu A. é pessoa de elevada cultura e de grande capacidade de síntese, o que é raro nos estudiosos dêste género. Pena é que a sua largueza de vistas (com a qual, como disse, concordo em absoluto) não esteja ainda suficientemente espalhada no Brasil e em Portugal e que a sua actividade escolar não lhe permitisse o aperfeiçoamento de certas deficiências, como repetições, deslizes doutrinários, etc.

O prof. Coutinho parece-me que é daqueles estudiosos de quem muito esperamos. Não deve pertencer ao número daqueles a que me referi nas considerações ao § 565 da sua obra.

Se se contar com mais alguns nas suas condições (por poucos que sejam) em breve alguma cousa se fará de novo.

Uma última impressão sôbre os *Pontos:* parece-me que seria necessário olhar com um pouco mais de atenção para o português arcaico, não só sob os pontos de vista fonético, morfológico e sintático, mas em especial para o ortográfico.

Agosto de 1939.

JOSÉ PEDRO MACHADO

EDWIN B. WILLIAMS, **From Latin to Portuguese.** Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language. Philadelphia. University of Pennsylvania Press. Oxford: Humphey Milford: Oxford University Press. 1938.

O Livro do Prof. Williams é um trabalho honesto e erudito que decerto chamará ainda mais a atenção dos estudiosos dos Estados-Unidos e da Inglaterra para a Filologia Portuguesa.

Edwin Williams não é um desconhecido para os portugueses e ainda menos para os leitores do *Boletim de Filologia*, pois já honrou estas colunas com a sua sábia colaboração[1].

From Latin to Portuguese e o *Altportugiesisches Elementarbuch*[2] de Josef Huber são sem dúvida os melhores trabalhos que até hoje se têm escrito lá fora sôbre a nossa língua.

Sob o ponto de vista doutrinário a obra do Prof. Williams não tem erros graves que nos possam levar a condená-la, visto que ela muito pouco nos traz de novo.

Tem na verdade algumas pequenas cousas que merecem reparos, mas, como são poucas, não chegam para lhe tirar o seu real merecimento.

São apenas algumas dessas pequenas cousas que vou passar a comentar; não é de tôdas porque para umas falta-me *engenho e arte*, para outras julguei não merecer a pena fazer referências especiais e outras finalmente escaparam-me,

*

§ 1. Também são de bastante utilidade para o conhecimento do latim vulgar as observações dos gramáticos latinos («*rivus* non *rius*», no *Appendix* de Probo) e alguns *descuidos* dos canteiros que executaram certos monumentos epigráficos que ainda hoje existem[3].

§ 16, 3. Não compreendo nem concordo que o *Romanço Moçarábico* «was entirely free of Germanic influence». ¿Como se pode demonstrar tal afirmação?

«Após a chegada dos Árabes (século VIII), e durante a sua denominação no Sul até o século XIII, a língua que antes dêles aí se falava não desapareceu»

---

[1] *Uma carta a propósito do ditongo «-ão»*, t. V, p. 196, e as referências do Prof. RODRIGUES LAPA no t. I, p. 163, e III, p. 331.

[2] Heidelberga. Carl Winters, 193.

[3] Cf. esta curiosa inscrição: «HOC TETOLO FECET MUNTANA || CONIVS SVA MAVRICIO QVI VI || SIT CON ELO ANNVS DODECE || ET PORTAVIT ANNOS QVARRANTA || TRASIT . . .», Da *Hist. de la lang. Franç.*, de F. BRUNOT, I, p. 42, nota 1.

escreveu Leite de Vasconcelos num artigo que Williams também cita[1]. Essa língua era o romanço, cuja base era na verdade o latim, mas com elementos célticos e germânicos; a ocupação muçulmana forçou-a a receber elementos arábicos. A proporção (como quási tudo o que se relaciona com essa língua) é que não é conhecida, mas, como é natural, variava de região para região e de época para época.

A reconstituïção dessa língua românica é muito difícil: o imperialismo do português setentrional impôs-se de tal maneira que ela desapareceu. Apenas se podem utilizar como derradeiras tábuas de salvação os seguintes elementos: a toponímia; os dialectos actuais dessas regiões; algumas informações de autores árabes, porque de cristãos possivelmente nada aparecerá. E a razão é simples: a maioria dos documentos não literários (porque dos literários nem vale a pena falar) referem-se à reconquista e são forais ou doações concedidas pelos reis; isto quere dizer que ou eram redigidas na chancelaria real ou, se o fôssem nessas terras, era por oficiais nela empregados que se tinham deslocado para lá.

Na verdade muito pouco mais se conhece além do que o autor escreveu: a conservação do *l* e do *n* intervocálicos, que ordinàriamente caiem nos dialectos do norte.

§ 26, 6. O *x* de *rex* (= *reis*) e *ex* (= *eis*) equivalia na verdade a *is*. Trata-se de um latinismo ortográfico; um caso idêntico ao que levava os escribas medievais a escrever *regno* quando diziam já *reino*.

Mas o *x* não passava de uma grafia, que nada tinha com a articulação coeva do vocábulo.

7. «Confusion of *m*, *n*, and til: *ãno* and *ão* por *anno*, *camĩho* por *caminho*». Isto não está bem.

Em primeiro lugar porque acho muita confusão junta. Ela existia na realidade, mas apenas entre o *m* e o *n*. O til era um sinal que se usava na escrita, para indicar a falta de uma ou mais letras. Williams foi atrás dos processos que muitos estudiosos adoptam na edição de textos arcaicos: mantêm geralmente êsses sinais, quando êssas abreviaturas devem ser *sempre* desenvolvidas. Daqui se depreende pois que *ãno* ou *ão* deve ser muito simplesmente *anno*.

Em segundo lugar o autor parece esquecer o que escreveu no § 78–4, onde se diz que «if the first vowel was tonic *i* and the second vowel *a* or *o*, a palatalized nasal developed between them and the nasal resonance disappeared: *gallĩnam* > *gallĩa* > *galinha*...», etc. *Camĩho* é uma variante gráfica da forma arcaica (*camĩo*) que explica a transição do latim *camminu* para o português moderno *caminho*. O *h* tem o mesmo valor que na palavra «*tehudo* por *teudo*» do § 27.

Não se trata portanto de uma particularidade ortográfica, mas sim paleográfica.

§ 27, 4. A propósito do desaparecimento do *h* na grafia arcaica cf. *eire* (< *heri*) que o A. cita no § 34–2–B.

6. Das três teorias acêrca da origem das grafias *lh* e *nh* há uma que não me parece aceitável: a que as explica pela obra de reorganização dos escribas franceses da chancelaria de Afonso III ou D. Denís entre os anos de 1270 e 1280. Basta dizer que Pedro de Azevedo citou um documento de 1269 já com o *lh*, e penso que essa não seria a primeira vez que foi empregado entre nós.

---

[1] Vem publicado nos *Opúsculos*, IV, p. 797.

§ 29. Como particularidade gráfica o A. podia ainda dizer que era costume acentuar ambas as vogais geminadas: *céèo*, *pobóó*, etc. Em certos casos esta particularidade traz vantagens para o leitor moderno, principalmente quando se trata de um principiante e dos *ii*. Como é sabido o *i* só tarde começou a trazer o ponto. Dois *ii* sem os respectivos pontos fàcilmente se confundiriam com um *u*, daí a vantagem dos acentos (*íí*).

§ 30. 1. Os dois *rr*, ou melhor, o som apical múltiplo do *r*, nos séculos XV e XVI era quási sempre representado por um *R* maiúsculo em todas as posições possíveis dêsse fonema.

2. O duplo *f* também podia ser inicial.

§ 33. O *andamĭum* de Du Cange é uma forma romance latinizada. Por isso não serve para fins etimológicos. A palavra *andaime* (ou *andaimo*) tem a sua origem no árabe الدّعائم (*ad-daʿāime*), plural de الدّعمة (*ad-daʿama*), viga. Cf. Dozy.

«*Amāvī* > *amai* > *amei*». Note-se o que escreveu Niedermann na p. 154 na sua *Phonétique Historique du Latin*[1] a propósito do desaparecimento do *v* dos pretéritos latinos.

A doutrina sôbre a evolução de *fame* para *fome* por analogia com *come* deve-se a D. Carolina M. de Vasconcelos e a Sá Nogueira (*Subsídios para o estudo das conseqüências da analogia em português*, p. 14 e sgs.).

§ 38. *Tôrre* deve tirar-se de *tŭrre(m)* e não de *tŭrrim*. O A. repetiu a mesma explicação no § 46-2.

1-B. A propósito de *crŭcem* > *cruz* devia citar o interessante trabalho do Prof. J. J. Nunes «A reacção literária na língua» publicado em *A Lingua Portuguesa*, vol. I, onde (p. 9) se ocupa do assunto.

«*Ursum* > *usso* (old) and *urso*»; podia ainda citar o top. *Osso* (*Serra da-*).

5. «*Vŭltŭrem* > *abuitre* > *abutre*». Havia também no port. arc. a forma *acuitor*.

§ 40, 7. «*Quadraginta* > *quarenta* > *corenta*». No L. V. havia a forma *quarranta*. Cf. Brunot, *Histoire*, I, p. 42, nota 1 (a nota que eu citei a propósito do § 1 da obra de Williams).

§ 43, 3-A. *Cognōsco* não podia dar *conheço*. As formas regulares seriam *conhosco*, *conhoço*: «...yr-me para hu non *connosco* rrey...», *Crest.*, p. 115; «...quant en de nós *conhosco*...», *Canc. Vat.*, 282. *Conheço* deduziu-se do infinito.

§ 46, 1. *Sêde* deriva-se de *sĭte(m)* e não de *sĭtim*. Cf. o que se disse no § 38 a propósito de *tôrre*.

§ 55, 4. De *moogo* veio por dissimilação *meogo*, apelido de um poeta medieval (Pero Meogo).

§ 61, 4. Entre *vīnum* e *vinho* existiu *vĩo*.

§ 65, 1-A. Não me parece que a mudança do *s* inicial em *x* possa ser atribuída a influência arábica. Quando os árabes chegaram à Península encontraram nos povos da terra conquistada uma distinção entre *s* e *ç*. E como prova observe-se o seguinte: as palavras começadas por c (= ç) viram o fonema inicial representado por س ou ص pelos árabes (*Caesar Augusta* por سرقسطة, *çaragoça*; as iniciadas por *s* já o foram por ش: *Sancta Maria* foi شنت ماريّة (*xanta mārīa*); *Sacris* foi شقرش (*xaqrex*), donde *Sagres*.

[1] Ed. de 1931.

Note-se que o A. também encontrou essa distinção «in regions that were free of Arabic influence».

§ 65, 2-A. O exemplo que o A. cita para justificar a evolução do *z* do latim vulgar para *g* é duvidoso: *gengibre*. Esta palavra derivar-se-á do ár. زنجبيل (*zanjebīl*) ou do lat. *zingĭber*, como quis Dalgado?

Eu inclino-me mais para o árabe, visto que o latim *zingĭber* faz prever uma forma *gengêbre* que não conheço.

§ 67, 5. *Plaga*, além de *chaga*, deu também em português *praga*, assim como *plenu* deu no feminino *preia* (-mar).

§ 78, 3-B. «*castellanum* > sp. *castellano* > OPg. *castelhão* > MPg. *castelhano*».

Não conheço a forma *castelhão* em ant. port., a vulgar é *castelão* (de *Castela*); *castelhano* é o esp. *castellano* generalizado. Portanto o espanhol não deu o ant. port. *castelhão* e êste não podia originar o mod. *castelhano*.

§ 86, 2-A. Vestígios do grupo *pl* > *br* da palavra *diab'lu* em português encontram-se ainda em *diabrura*, *diabrete*, etc.

§ 92, 10. O ف arábico dá normalmente *f* no português arcaico quer esteja precedido do *l* do artigo, quer seja intervocálico. A exemplificação do autor serve para demonstrar o que digo.

§ 103. Os hipocorísticos em português são, por vezes, muito pouco regulares: *Mimi*, que o autor apresenta para *Hermínia* ou *Emília*, já o ouvi empregar com *Josefina*; *Lena*, no *From Latin* para *Madalena*, é mais vulgar para *Helena*, para o qual o autor dá *Lele* (= *Lélé*). Para *António*, além de *Toto*, há também *Tónio* (com certo cunho popular) e *Toni*, por influência inglesa.

§ 110, 3. A propósito de *campa*, *quinta* e *venta*, q. v. *Boletim de Filologia*.

§ 112. Generalizou-se em má hora a explicação de que o *r* de *estrêla* era devido a analogia com a palavra *astro*. Muitos aceitam isto sem a mais pequena sombra de dúvida. De certo nunca ouviram o povo dizer *listra*, *estralo* por *lista* e *estalo*. Não conhecem com certeza esta quantidade de exemplos que talvez os surpreenda: *Arzila*, *calistro* (*Fil. Mirand.*, II, 173), *delantre* (idem, II, 181), *mastro*, *rostro* (*Doc. relat. a Marr.*, I, p. 253, 490), *trosquiar* (Alvares, *Cr. Inf. Santo*, p. 96), *umbrigo* (G. da Orta, *Coloq.*, fl. 9 *v.*), *axarca* (*Rev. Lusit.*, XXIV, p. 270), *alicerce*, *alferce*, *Gibraltar*, *celestre*, *celestrial* (*T. Arc.*, p. 60), *listrado* (*Eluc.*, I, p. 64, cl. 2), *lastro*, *aldraba*, *boneero*, *açudre* ou *açurde* (por *açude*), *mofatra*, *rostro* (F. Lopes, *Cr. D. Pedro*, p. 98, e *Hist. de Vesp.*, p. 45), *Murça*, *eldstrico*, *chefre*, *astribordo* (F. M. Pinto, *Peregrinação*, II, p. 35), *Alcôfra* (*Rev. Lusit.*, XVI, 150), *rastro* (F. J. Freire, *Refl.*, II, p. 126), *Jacintro* (*Rev. Lusit.*, XXI, p. 336), etc., etc.

Astro influiu nestas palavras todas?

Não o creio.

A obra do Prof. Williams mais algumas observações me mereceria se eu não temesse alongar em demasia estas despretenciosas notas, por isso ponho ponto final nestas considerações, mas não sem que antes repita que êste trabalho merece ser seguido pela boa arrumação das matérias e consultado pela actualidade de grande parte da doutrina e sobretudo da bibliografia.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

HENRY HARE CARTER, **Paleographical Edition and Study of the Language of a Portion of Codex Alcobacensis 200.** Publication of the Series in Romanic Languages and Literatures, Nº 28. A Dissertation in Romanic Languages. Filadélfia. 1938.

A publicação de textos arcaicos constitui tarefa fundamental para a história da Língua Portuguesa.

Em muitas bibliotecas públicas portuguesas existem milhares de manuscritos ainda infelizmente inéditos. Urge que essas preciosidades apareçam para bem da Filologia Portuguesa.

A sua publicação é suficiente para merecer umas linhas, pelo menos, de referência ao editor na História da Filologia Portuguesa.

Infelizmente em Portugal pouco se tem feito últimamente neste sentido.

Poucos manuscritos têm sido publicados e mesmo de entre estes alguns casos há em que não merecia a pena incomodar os funcionários das bibliotecas para se fazer o que se fêz; não se trata só de publicar manuscritos, mas muito principalmente de *saber publicar manuscritos*.

É nisto que deve residir a causa principal que tem obstado (e em muito, estou certo disso) ao aparecimento de muita coisa.

O fundo mais rico em textos literários medievais é, sem dúvida, o de Alcobaça.

O estudioso pode hoje fazer uma idéia das preciosidades aí encerradas pelo *Inventário dos Códices Alcobacenses* que a Biblioteca Nacional de Lisboa publicou.

Antes já havia um interessante opusculozinho da autoria do malogrado António Joaquim Anselmo, denominado *Os Códices Alcobacenses da Biblioteca Nacional*, onde só se trata de códices portugueses.

Por aí já se pode fazer um cálculo, sem ir à Biblioteca, do que há lá.

A biblioteca monástica de Alcobaça tinha mais códices, que infelizmente desapareceram.

Não é êste o lugar próprio para me referir com minúcia a êsse facto; basta aludir a êle e chamar a atenção dos estudiosos para êsse manancial importantíssimo de obras de valor, desde que sejam empreendidas com entusiasmo e se tenham as qualidades indispensáveis para obras dessa natureza: probidade e competência paleográfica, filológica e histórica.

O trabalho de Henry Hare Carter está bem apresentado e representa a prova cabal de que o seu autor é pessoa capaz de tarefas muito mais largas e que muito honrará Portugal e os Estudos Portugueses se continuar a dedicar-se-lhes com a boa vontade que mostra nesta dissertação.

Oxalá não deserte e modifique algumas deficiências que encontrei no seu trabalho, às quais aludo mais abaixo.

A obra é dedicada ao Professor Edwin B. Williams, da Universidade de Filadélfia, autor de tantos trabalhos sôbre a nossa língua.

Edwin Williams, segundo declara o próprio Carter no *Foreword*, assistiu à edição do trabalho.

A obra compõe-se das seguintes partes: I. *Introduction;* II. *Bibliography;* III. *Bibliographical Abbreviations;* IV. *Paleography;* V. *Orthography;* VI. *Phonology;* VII. *Morphology;* VIII. *Syntax;* IX. *Text;* X. *Notes;* XI. *Glossary*

I. Na *Introduction* descreve o códice com os dados de Anselmo[1] e Burnam[2], mas não põe em evidência algumas inexactidões em que êste caíu, o que me parecia fundamental, tendo em vista principalmente a nacionalidade do autor. Julgo que Burnam é muito mais conhecido nos Estados Unidos que António Anselmo.

Assim, enquanto o autor dos *Códices* disse que o ms. estava escrito em «letra gótica do século XV», Burnam apresentou a hipótese, que Carter fêz bem em não aceitar, de ser do século XIV. O Prof. Martins Marques deu as provas suficientes para justificar Anselmo: «O traçado da letra, mais acentuadamente redondo... e com tendência para humanística, torna inaceitável a atribuïção do século XIV, que lhe dá Burnam; deve antes pertencer ao século seguinte e à sua segunda metade»[3].

Apresentando partes do que escreveram Anselmo e Burnam o A. não dá ao leitor uma descrição concreta do códice, assim como são êsses os únicos AA. citados na parte arquivística do trabalho. Esqueceu o *Inventário dos Códices Alcobacenses* publicado pela Biblioteca Nacional de Lisboa; a *Biblioteca Lusitana*[4], de Diogo Barbosa Machado; o *Index Codicum Bibliothecae Alcobatiae*[5]; os *Commentariorum de Alcobacensi Mstorum Bibliotheca Libri Tres*, de Fr. Fortunato de S. Boaventura[6]. O Prof. João Martins da Silva Marques publicou nos seus *Estudos de Paleografia Portuguesa* interessantes comentários à obra de Burnam que de muita utilidade seriam ao A., se êles tivessem saído em ocasião que lhe desse tempo suficiente de consulta.

II. A *Bibliography* é boa. No exame rápido a que a subordinei apenas me pareceu digno de observação o seguinte:

a) É pena que Carter não conheça a 2.ª edição da *Sintaxe*, de Epifânio;

b) É pena também que o seu trabalho não fôsse realizado numa época onde a consulta da obra de Edwin Williams, *From Latin to Portuguese*, fôsse possível;

c) O A. não cita (isto é que me parece menos desculpável) as *Dissertações*, de João Pedro Ribeiro.

IV. *Paleography*. Neste capítulo revelam-se as óptimas possibilidades tipográficas com que o A. contou.

Infelizmente é êste o capítulo da sua obra onde tenho mais observações a fazer:

§ 1-12. Não consigo perceber que razão levou o A. a omitir as notas marginais. Não sei quais são as do *Cod. 200*, mas do que não me restam dúvidas é da necessidade que há em aparecer *tudo* que constitui o códice no momento em que êle foi copiado. As notas marginais de um códice (além de por vezes nos darem informações históricas, filológicas, jurídicas, etc.) podem mostrar a consulta de que êle era alvo e daí a sua importância.

§ 1-13. Concordo em absoluto com o critério que o A. seguiu em indicar as linhas do códice. Só uma observação: podia talvez fazê-lo de outra maneira,

[1] *Códices Alcobacenses*, p. 58.
[2] *Paleographia Iberica*, III, est. LII.
[3] *Estudos de Paleografia Portuguesa*, I, p. 66.
[4] Principalmente II, p. 197.
[5] Olisipone. 1775.
[6] Coimbra. 1827.

qual era a de indicar a linha com um traço vertical e com um algarismo para indicar o número da linha na página, isto é, seguir o método de transcrição de Ramon Menéndez Pidal nos *Documentos Lingüísticos de España* e de Millares Carlo no 2.º volume da sua *Paleografía Española*.

O A. preferiu fazer coincidir a linha da sua edição com a do original; daí uma irregularidade que tem pouca estética e a aparência de poesia a quem abre despreocupadamente o trabalho.

§ 2. Neste parágrafo pretendeu o A. apresentar as abreviaturas que ocorrem no texto original e sua respectiva forma desenvolvida. É escusado fazer muitos comentários a êste processo: o seu prefácio quási que se transformaria num dicionário de abreviaturas e, como é natural, escapar-lhe-ia muita coisa.

Quero no entanto notar o seguinte à doutrina do A. nesta parte da sua obra:

a) Ao contrário do que julga o *a* sobreposto a várias consoantes não é um *u*, mas sim o próprio *a* que, por ter um carácter por vezes mais cursivo que o resto do texto, tem êsse aspecto. Êsse sinal é um *a* e não outra letra qualquer.

Pelo que o A. diz, conclui-se que se escrevia branco para ler preto, ou precisando com exemplos seus escrevia-se «saluur» para ler «saluar», «entruur» por «entrar», «grunde» por «grande», etc.

b) É inútil procurar dar as equivalências do til na antiga escrita. Êsse sinal servia ou para nasalar, ou para indicar a supressão de letras ou sílabas. Neste último caso é quási impossível indicar quais as letras ou sílabas sujeitas à substituïção pelo til. O próprio autor muitas esqueceu. Um exemplo bem frisante: se indicou a possibilidade de substituïção das letras *is* de *bispo* e *bispado*, ou de *sericordi* em *misericórdia*, ¿porque não indicou a de *apitul* da palavra *Capítulo*, que é *C.º* na fl. 197 *v.* do texto[1]?

c) Tem erros nas equivalências:

Não me parece que a abreviatura *feto* se desenvolva em *feita*. Ainda mais estranhei esta resolução depois de ver que o A. citava êste passo de Leite de Vasconcelos: *fecto* é «ortographia corrente neste e noutros textos antigos».

Fecto (tal como *regno*, que é documentável no *Codex 200* na fl. 196, l. 27) revela uma grafia erudita que é necessário manter tal como aparece no texto, mas isso não quere por forma alguma dizer que se pronunciasse assim o vocábulo. Escrevia-se *fecto* por influência erudita ou tradicional (talvez mesmo influência da abreviatura latina correspondente), mas dizia-se *feito*. O mesmo se observava com *regno*, que se dizia *reino* (*renho* na língua popular).

Mas o facto de se dizer *feito* em nada autorizava o Sr. Carter a desenvolver a abreviatura *feta* em *feita*. O texto original ficou assim deturpado.

Ao símbolo representativo da ausência de *er*, ou *e* chama o A. muito erradamente *s* sobreposto.

V. *Orthography*.

§ 10 (*Symbols of Nasalization*).

d) Não me parece que o til esteja em lugar de *an* em *stã*, e por *em* na abreviatura de «*tempo*». Estas particularidades não são ortográficas, mas sim paleográficas.

---

[1] Sei que ocorre aí: 1.º, porque o A. desenvolveu a abreviatura sublinhando as letras que não estavam no original, como é de regra; 2.º, porque essa fôlha vem fotografada.

O mesmo se pode dizer para os casos seguintes, onde o A. nos fala da substituïção de sílabas *en, om, em*, etc., pelo til.

§ 12. Neste § podia o A. chamar a atenção para o período de transição lin güística que se atravessava na época da redacção do códice.

VI. *Phonology*.

§ 31. *Epenthesis*. Julgo que, em *viltoperio*, o *l* não é devido àquele fenómeno, mas sim à analogia com *vil*.

§ 33. *Consonantal Dissimilation*. Diz o A., em nota, que o *l* passa a *r* em casos onde não houve dissimilação. Isso não é verdade, mas só quando em grupo. A própria exemplificação dada pelo A. justifica o que digo: *brafemia, brafamando, obraçô*. Cf. ainda *decrarar*, etc.

VII. *Morphology*.

Êste capítulo está bem feito.

VIII. *Syntax*.

Pequeno capítulo cuja doutrina me parece bem.

IX. *Text*.

Tenho bastantes observações a fazer ao processo usado pelo Autor na transcrição. Vejamos algumas:

a) Apesar do longo arrazoado que lhe mereceu no capítulo IV a questão do til raramente o desenvolve quando aparece com o valor de nasal: «A primeira castõ he se depois que ohomẽ he cõfesado...», 195, 4.

Esta deficiência traz por vezes uma falta de equilíbrio ao trabalho; assim na fl. 197, 14, vem *fezerom*, mas na 197 *v.*, 3, vem *fezerõ*.

Se o A. desenvolveu umas abreviaturas, ¿porque não as desenvolveu tôdas?

b) ¿Porque não separa o A. certas palavras (artigos e preposições principalmente) que na sua lição aparecem ligadas indevidamente? *bees daegreia*, 195, 18; *Oquinto he bençõ Osesto he ordẽ Osetemo he casamento*, 196, 6. Tal como no que acabei de citar, aparecem por vezes casos que mostram que o A. pretendeu copiar o texto e não fazer-lhe aquelas modificações que a verdadeira leitura científica impõe; por isso, ao passo que nuns casos não separa os vocábulos, noutros já tal não sucede, possìvelmente de acôrdo com o original. Veja-se êste passo: «Esse (= e se) esto asy he podẽ dedereito e fe rrazõ teer o que tẽe Ca odereito odiz».

Em compensação aparecem por vezes palavras desligadas indevidamente: «Ca se cõ leuj dade e pouco asentamento», 207, 24.

c) ¿Porque emprega o sinal tironiano *z*?

Trata-se de uma particularidade paleográfica como outra qualquer; deve por isso seguir a regra geral: desenvolvê-lo. Se o texto é latino, desenvolve-se em *et*; se é romance será *e*.

d) Como contava com uma tipografia de largas possibilidades, procurou utilizá-las de tal maneira que certas dificuldades ficassem resolvidas o mais airosamente possível. Tratemos do til sôbre sílaba nasal, cuja vogal era dupla.

Geralmente os documentos antigos, nas sílabas nestas condições, põem o til sôbre tôda a sílaba. O bom preceito paleográfico é na transcrição colocar o til sôbre a primeira vogal; por isso *algũu, algũus, nẽhũu, hũu*, etc., etc., que o A. geralmente emprega com um til sôbre a vogal dupla.

Em 206 *r.*, 16, usa *alguũs*.

Mas em compensação devia ler «teem» (206 *v.*, 24) e «uoontade», etc., palavras que na lição de Carter têm o mesmo tratamento que as anteriores.

Neste assunto mais alguma coisa diria se não receasse pecar pelo excesso.

X. *Notes.*

196, 9. *Faleçe* não significa em port. arc. *falha*, mas *falta*. O passo é bem claro: «... quatro som as cousas que conprem no bautismo Das quaes se hũa faleçe. non he o homem bautizado...».

199 *v.*, 16. O emprêgo freqüente do *c* com o mesmo valor que *ç* induziu o A. num pequeno êrro: é desnecessário indicar que *cijençia* se deve ler *çijençia*. Esta observação já me parece útil para casos como *rromanco* (196, 21), *cobijcaras* (197 *v.*, (7), *graca* (202 *v.*, 21), etc., etc.

XI. *Glossary.*

É exaustivo. O A. dá a cada vocábulo o seu equivalente em port. mod. Bom processo.

Observo porém que:

a) Notam-se aqui mais cabalmente os resultados da falta de unificação de leitura. Cfr. as variantes de *acreçentamento*, *aia*, *aiam*, *algũa*, *algũu*, etc., etc. Cada forma constitui um artigo.

b) Quando há variantes ortográficas no original, ao contrário do que era de esperar, o A. não faz remissões como, por exemplo, de «aiam», «ajam» para «ayam»; de «aujto» para «haujto», etc.

c) Pode-se dizer que nunca dá etimologias.

d) A ortografia moderna nem sempre é correcta: *accende* por *acende* (s. v. *açende*), *accusasem* (*acusasem*).

e) As significações (em português) por vezes não estão bem, visto que o sentido moderno da equivalente gráfica é outro: *asijnado* corresponde gràficamente a *assinado*, mas nada tem que ver com o *assinar*, pôr a assinatura. *Assinado* significava *indicado, designado; combinado.* Vejamos o passo: «E dando-lhas por sua ujda ou por tempo asijnado», fl. 206 *v.*, 18–19.

O mesmo para *asijnar:* «... mais deve o bispo ẽ Iuizo, ou ẽ confisom Asijnar-lhe hũu tempo çerto», 209 *v.*, 9–10.

Em resumo: a edição parcial do códice 200 de Alcobaça feita pelo Dr. Henry Hare Carter tem muito, mas mesmo muito, que deve ser corrigido.

Tem também qualidades irrefutáveis e, quando outras não tivesse, bastava a boa vontade do A. para o desculpar em alguma coisa.

Como os defeitos de leitura são de método e não da má compreensão, isso leva-me a aconselhar os filólogos a dar uma vista de olhos por êste texto. Tem algumas particularidades curiosas que escaparam ao editor. Não me referi a elas porque não pretendi estudar o códice, mas apenas criticar a sua edição.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

HENRY B. RICHARDSON, **Span., port. «Achaque, achacar»**, etc. Na *Hispania Review*, VII, pp. 337–344.

Mais um estudo para tentar resolver êste intrincado problema etimológico das línguas peninsulares.

Diante desta barreira têm vindo parar nomes ilustres para a ultrapassar, mas sempre em vão.

O prof. Richardson não foi mais feliz.

Escuso de me referir aos pormenores. Basta-me comentar a conclusão do A

Para êle a origem dos vocábulos em questão está no árabe ʃākā, *xakā(t)*. Esta etimologia é assim justificada: «The (*t*), of course, is the vestige of the feminine ending which reappears only in linking. The ā of the second syllabe is long and bears the accent because it represents a contraction of the vowel of the second radical and that of the feminine ending... However, the recension of accent in this form would be quite regular (cf. A. Steiger, *op. cit.*[1], pp. 73–77). The resulting form *šákā(t)* would easily assimilated to a common feminine type ending in *-ă(t)*, quite generally pronounced *e*. The ā might also have become ē while still bearing the accent (cf. Steiger, *op. cit.*, pp. 314 ff.). Most feminines of this type have come into Spanish with final *-a*, partly through the influence of the normal Spanish form and partly through the retention of the original Arabic vowel, but a number end in *-e*».

Fui consultar a obra de Arnaldo Steiger no passo citado e cheguei à conclusão que o prof. Richardson não leu bem o que aí se diz. Steiger fala-nos da evolução de ā para *e* (*é*), mas em sílabas tónicas, isto é, da *imala*. Embora êste assunto venha bem tratado na *Contribucción*, isso não me impede de dizer que êle é do conhecimento de todos os que se dedicam a estes estudos. O prof. Steiger não alude na sua obra a casos semelhantes ao que Richardson arranjou, porque êles são cientificamente injustificáveis.

O próprio autor do artigo a que consagro estas modestas linhas não apresentou outros elementos que pela semelhança pudessem ao menos mostrar que o fenómeno não se verifica numa palavra apenas.

O que o prof. Richardson escreveu mais alguns comentários mereceria, mas o que aí fica já me parece suficiente para demonstrar que ainda não foi desta vez que se encontrou a resolução dêste problema.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

[1] *Contribucción à la Fonética del Hispano Arab. y del Siciliano.*